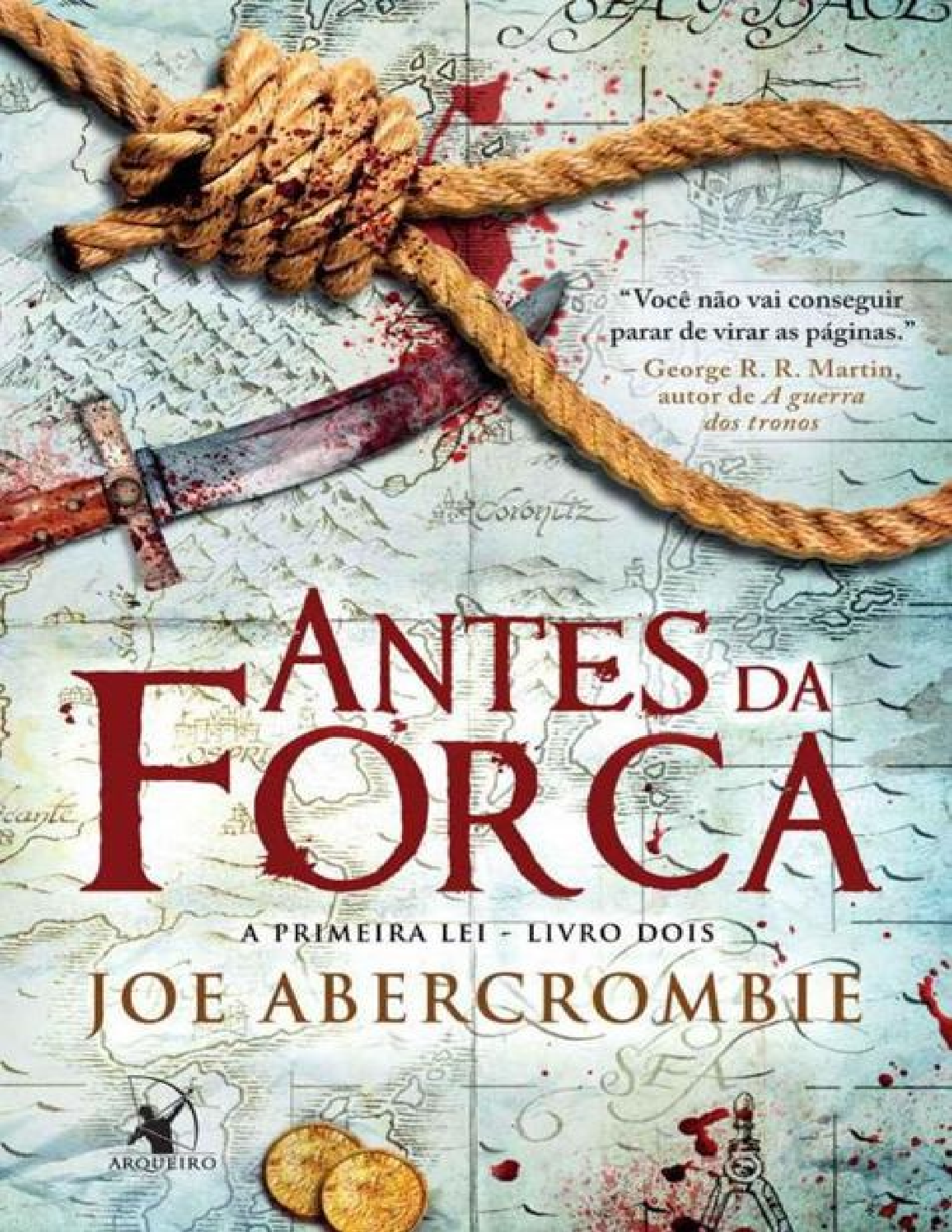

"Você não vai conseguir parar de virar as páginas."
– George R. R. Martin, autor de *A guerra dos tronos*
ANTES DA FORCA
A PRIMEIRA LEI - LIVRO DOIS
JOE ABERCROMBIE
ARQUEIRO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.us*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



O Arqueiro

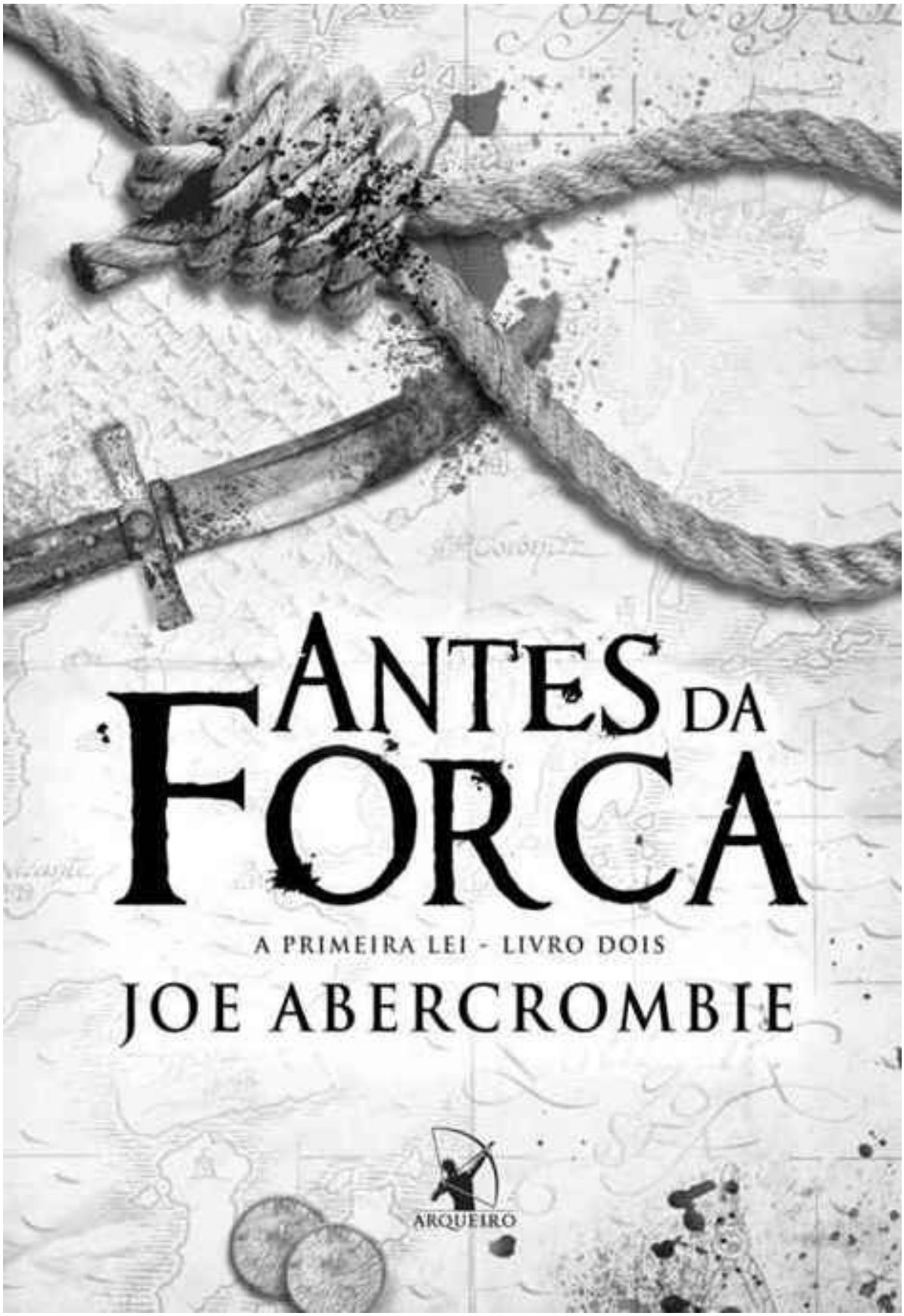
GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



ANTES DA FORCA

A PRIMEIRA LEI - LIVRO DOIS

JOE ABERCROMBIE

ARQUEIRO

Título original: *Before They are Hanged*

Copyright © 2007 por Joe Abercrombie
Copyright da tradução © 2014 por Editora Arqueiro Ltda.
Publicado originalmente em 2007, por Gollancz, Londres.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Alves Calado

preparo de originais: Sheila Til

revisão: Clarissa Peixoto e Cristhiane Ruiz

diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial

capa: Luis Morcela

imagens de capa: mapa: © Dave Senior; corda: © josefauer / Shutterstock

adaptação para ebook: SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A126a Abercrombie, Joe
Antes da forca [recurso eletrônico] / Joe Abercrombie [tradução de Alves Calado]; São Paulo: Arqueiro, 2014.
recurso digital

Tradução de: Before They are Hanged
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-288-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Calado, Alves. II. Título.

14-11764

CDD: 823
CDU: 821.111-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

A PRIMEIRA LEI

Livro Dois

PRIMEIRA PARTE

“Devemos perdoar nossos inimigos, mas não antes que estejam na forca.”

HEINRICH HEINE

A Grande Niveladora

NÉVOA MALDITA. ENTRA nos olhos e a gente não consegue enxergar mais do que alguns passos à frente. Entra nos ouvidos e a gente não consegue escutar nada e, quando consegue, não sabe de onde o som vem. Entra no nariz e a gente não consegue sentir o cheiro de nada, a não ser da umidade. Névoa maldita. É uma praga para um batedor.

Haviam atravessado o rio Torrente Branca alguns dias antes, saindo do Norte e entrando em Angland, e Cachorrão estivera nervoso o tempo todo. Estava fazendo reconhecimento de terreno num lugar estranho, em meio a uma guerra que na verdade não era deles. Todos estavam nervosos. Afora Três Árvores, nenhum deles jamais tinha saído do Norte. A não ser Sinistro, talvez. Ele não dizia onde já estivera.

Tinham passado por algumas fazendas incendiadas, uma aldeia completamente vazia. Prédios da União, grandes e quadrados. Tinham visto rastros de cavalos e de homens. Muitos rastros, só que nunca os homens em si. Mas Cachorrão sabia que Bethod não estava longe: espalhara seu exército pelo território, procurando cidades para queimar, comida para roubar, pessoas para matar. Todo tipo de maldade. Devia ter batedores em toda parte. Se pegasse Cachorrão ou algum dos outros, eles voltariam para a lama, e não seria de forma rápida. Cruz sangrenta, cabeças em espetos e todo o resto, Cachorrão nem queria imaginar.

Se a União os pegasse, provavelmente também seriam mortos. Era uma guerra, afinal, e na guerra as pessoas não pensam com muita clareza. Cachorrão não esperaria que perdessem tempo identificando qual nórdico era amigo e qual não era. A vida era cheia de perigos, claro. Isso bastava para deixar qualquer um apreensivo, e ele era um sujeito nervoso até nos momentos de mais calmaria.

Portanto era fácil ver que a névoa seria como sal na ferida, por assim dizer.

Ficar se esgueirando às cegas pelo terreno o havia deixado com sede, por isso ele foi andando pelos arbustos oleosos em direção ao som do rio. Ajoelhou-se à beira da água. Havia muito lodo ali, por causa das folhas apodrecidas, mas Cachorrão não achou que um pouco de sujeira fizesse diferença: já estava tão sujo quanto era possível. Pegou água com as mãos em concha e bebeu. Ali, além da linha das árvores, o vento trazia a névoa para perto num minuto e a arrastava para longe no outro. Foi então que Cachorrão o viu.

Estava de barriga para baixo, com as pernas no rio e o tronco na margem. Os dois se encararam um minuto, ambos impressionados e pasmos. Uma vara comprida saía das costas do homem. Uma lança quebrada. Só então Cachorrão percebeu que ele estava morto.

Cuspiu na água e se esgueirou até lá, verificando com cuidado ao redor, para garantir que ninguém estivesse esperando para cravar uma lâmina em suas costas. O cadáver era de um homem de cerca de duas dúzias de anos. Cabelo amarelo, sangue marrom nos lábios cinza. Tinha um casaco acolchoado, inchado pela água, do tipo que alguém usaria por baixo de uma cota de malha. Então era um guerreiro. Um desgarrado, talvez, que se perdera de seu grupo e fora morto. Um homem da União, sem dúvida, mas não parecia muito diferente de Cachorrão ou de qualquer outro, agora que estava morto. Um cadáver é bastante parecido com qualquer outro.

– A Grande Niveladora – sussurrou Cachorrão, já que estava pensativo.

Era como os homens das montanhas a chamavam, a morte. Nivela todas as diferenças. Homens Nomeados e ninguéns, no sul ou no norte. No fim ela pega todo mundo e trata todos de modo igual.

Esse parecia estar morto havia menos de dois dias. Isso significava que quem o matara ainda poderia estar por perto, o que preocupou Cachorrão. Agora a névoa parecia cheia de sons. Poderia ser uma centena de Carls, esperando escondidos. Poderia não ser nada além do rio batendo nas margens. Cachorrão deixou o corpo caído e se enfiou por entre as árvores, seguindo apressado de um tronco para outro à medida que surgiam no meio do cinza.

Quase tropeçou em outro corpo, semienterrado num monte de folhas, caído de costas com os braços abertos. Passou por um de joelhos, com duas flechas cravadas na lateral do tórax, o rosto no chão, a bunda no ar. Não há dignidade na morte, é fato. Cachorrão começava a se apressar, ansioso para voltar aos outros e

contar o que vira. Ansioso para se afastar dos corpos.

Já tinha visto muitos mortos, claro, mais do que seu quinhão, mas jamais ficava confortável perto deles. É fácil transformar um homem em carcaça. Ele conhecia mil formas de fazer isso. Contudo, tão logo você o faça, não há como voltar atrás. Num minuto existe um homem, todo cheio de esperanças, pensamentos e sonhos. Um homem com amigos, com família que veio de algum lugar. No minuto seguinte ele é lama. Isso fez Cachorrão pensar em todos os apertos por que passara, em todas as batalhas e lutas de que havia participado. Fez pensar que tinha sorte por ainda estar respirando. Sorte idiota. Fez pensar que a sorte poderia não durar.

Agora estava quase correndo. Descuidado. Fazendo bobagem na névoa como um garoto inexperiente. Sem calma nenhuma, sem farejar o ar, sem parar e ouvir. Um Homem Nomeado, como ele, um batedor que percorrera todo o Norte, deveria saber o que fazer, mas não é possível permanecer concentrado o tempo todo. Ele nem viu o que aconteceu.

Algo o acertou na lateral do corpo com força, derrubando-o de cara. Ele tentou se levantar rápido, mas alguém o chutou. Cachorrão lutou, mas, quem quer que fosse aquele desgraçado, era espantosamente forte. Antes que se desse conta, estava caído de costas na terra e a culpa era dele mesmo. Dele, dos cadáveres e da névoa. Uma mão o agarrou pelo pescoço, começou a apertar sua garganta.

– Gurr – grasnou ele, tentando agarrar aquela mão.

Pensou que seu último instante havia chegado. Que todas as suas esperanças tinham virado lama. A Grande Niveladora por fim viera para ele...

Então os dedos relaxaram um pouco.

– Cachorrão? – disse alguém em seu ouvido. – É você?

– Gurr.

A mão soltou sua garganta e ele puxou o ar. Foi erguido com um puxão no casaco.

– Que merda, Cachorrão! Eu podia ter matado você!

Agora ele reconhecia a voz, reconhecia muito bem. O desgraçado do Barca Negra. Cachorrão ficou chateado por ter sido esganado quase até a morte, mas, ao mesmo tempo, ficou extremamente feliz por ainda estar vivo. Podia ouvir Barca Negra rindo dele. Um riso alto, como um corvo grasnando.

– Você está bem?

– Já tive recepções mais calorosas – grasnou Cachorrão, ainda se esforçando para inalar o ar.

– Teve sorte, eu poderia ter lhe dado uma recepção ainda mais fria. Muito mais. Confundi você com um batedor do Bethod. Achei que você estaria mais longe, no vale.

– Como pode ver – sussurrou ele –, não. Onde estão os outros?

– Num morro, acima dessa porra de névoa. Dando uma olhada.

Cachorrão assentiu na direção de onde tinha vindo.

– Tem cadáveres ali adiante. Um monte.

– Um monte? – perguntou Barca Negra, como se não achasse que Cachorrão soubesse o que era um monte de cadáveres. – Rá!

– É, pelo menos alguns. Imagino que sejam da União. Parece que houve uma luta por lá.

Barca Negra riu de novo.

– Uma luta? Você imagina?

Cachorrão não entendeu o que ele queria dizer com isso.



– Merda.

Estavam no morro, os cinco. A névoa havia se dissipado, mas Cachorrão quase desejou que isso não tivesse acontecido. Agora entendia muito bem o que Barca Negra quisera dizer. O vale inteiro estava apinhado de cadáveres. Eles se espalhavam até o alto das encostas, estavam enfiados entre as pedras, esticados no meio dos arbustos de tojo. Espalhados no capim do fundo do vale como pregos derramados de um saco, retorcidos e despedaçados na estrada de terra. Embolados junto ao rio, amontoados na margem. Braços, pernas e equipamentos quebrados projetando-se dos últimos retalhos de névoa. Estavam por toda parte. Cravejados de flechas, furados por espadas, estraçalhados por machados. Corvos gritavam, saltando de uma refeição para outra. Era um bom dia para os corvos. Fazia tempo que Cachorrão não via um verdadeiro campo de batalha, e isso trouxe algumas lembranças amargas. Terrivelmente amargas.

– Merda – repetiu.

Não conseguia pensar em outra coisa para dizer.

– Calculo que a União tenha chegado marchando por essa estrada – falou Três Árvores, franzindo a testa com força. – Deviam estar com pressa, tentando pegar Bethod desprevenido.

– Acho que não estavam fazendo o reconhecimento com muito cuidado – trovejou Tul Duru. – Parece que foi Bethod quem os pegou.

– Talvez houvesse névoa – disse Cachorrão. – Como hoje.

Três Árvores deu de ombros.

– Talvez. É a época do ano para isso. De qualquer modo, eles estavam na estrada, em formação, cansados depois de um longo dia de marcha. Bethod chegou daqui e dali, na crista do morro. Flechas primeiro, para romper a formação, depois os Carls, vindo do terreno alto, gritando e prontos para o ataque. Acho que a União se dispersou depressa.

– Bem depressa – completou Barca Negra.

– E aí foi um massacre. Espalhados na estrada. Encurralados pela água. Não tinham muito para onde correr. Homens tentando tirar a armadura, homens se esforçando para nadar no rio com as armaduras. Embolando-se e subindo uns em cima dos outros, com flechas vindo de todos os lados. Alguns podem ter chegado até aquelas árvores lá embaixo, mas, conhecendo Bethod, ele devia ter alguns cavaleiros escondidos, prontos para lamber o prato.

– Merda – disse Cachorrão, sentindo-se meio nauseado.

Ele já estivera em uma debandada. Não era uma lembrança feliz.

– Como uma costura bem-feita – disse Três Árvores. – É preciso dar crédito a Bethod, aquele desgraçado. Ele conhece o serviço melhor do que ninguém.

– Então isso é o fim, chefe? – perguntou Cachorrão. – Bethod já venceu?

Três Árvores balançou a cabeça bem devagar.

– Tem um monte de sulistas por aí. Um monte mesmo. A maioria mora do outro lado do mar. Dizem que há mais deles do que a gente poderia contar. Mais homens do que as árvores do Norte. Podem demorar um tempo para chegar aqui, mas eles virão. Isso é só o começo.

Cachorrão olhou para o vale úmido, para todos os mortos, amontoados, esparramados e retorcidos no chão, nada além de comida para os corvos.

– Não foi um bom começo para eles.

Barca Negra enrolou a língua e cuspiu, o mais ruidosamente que pôde.

– Encurralados e trucidados como um bando de ovelhas! Quer morrer assim, Três Árvores? Hein? Quer ficar do lado desses aí? Porra de União! Eles não sabem nada sobre guerra!

Três Árvores assentiu.

– Então acho que teremos de ensinar.



Havia uma grande confusão em torno do portão. Mulheres magras parecendo famintas. Crianças esfarrapadas e sujas. Homens, velhos e novos, curvados sob cargas pesadas ou agarrando utensílios com força. Alguns tinham mulas ou empurravam carroças cheias de todo tipo de coisas aparentemente inúteis. Cadeiras, potes de estanho, ferramentas agrícolas. Muitos não traziam absolutamente nada além de sofrimento. Cachorrão avaliou que era isso o que havia de sobra.

Estavam obstruindo a estrada com seus corpos e trastes. Entupiam o ar com rogos e ameaças. Cachorrão sentia o cheiro do medo, denso como sopa em seu nariz. Estavam todos fugindo de Bethod.

Empurravam uns aos outros, alguns forçando para dentro, alguns para fora, outros caindo na lama aqui e ali, todos desesperados pelo portão como se ele fosse o seio da mãe. Mas a multidão não estava indo a lugar nenhum. Cachorrão podia ver pontas de lanças brilhando acima das cabeças, podia escutar vozes gritando com dureza. Havia soldados adiante, mantendo todos fora da cidade.

Cachorrão se inclinou para Três Árvores.

– Parece que não querem o próprio povo – sussurrou. – Será que vão querer a gente, chefe?

– Eles precisam de nós, isso é fato. Vamos falar com eles, depois veremos, ou você tem alguma ideia melhor?

– Ir para casa e ficar fora disso? – murmurou Cachorrão baixinho, mas mesmo assim acompanhou Três Árvores no meio da multidão.

Todos os sulistas ficaram boquiabertos enquanto eles passavam. Uma menininha espiou Cachorrão com olhos arregalados, apertando um trapo velho

junto ao corpo. Cachorrão tentou dar um sorriso, mas fazia muito tempo que não lidava com nada além de homens ríspidos e metal duro, e o sorriso não tinha como sair muito amistoso. A garota gritou e correu, e não foi a única a ficar apavorada. A multidão se abriu, cautelosa e em silêncio, ao ver Cachorrão e Três Árvores se aproximarem, ainda que eles tivessem deixado as armas com os outros.

Chegaram ao portão tendo precisado apenas dar uma ou outra cotovelada em alguém, só para fazer a pessoa se mexer. Agora Cachorrão via os soldados, uma dúzia deles, enfileirados diante do portão, cada um igualzinho ao outro. Raramente tinha visto armaduras tão pesadas, grandes placas da cabeça aos pés, polidas até ofuscar, elmos cobrindo os rostos, homens imóveis como colunas de metal. Perguntou-se como poderia lutar contra aquilo, se precisasse. Não conseguia imaginar uma flecha fazendo muita coisa, ou mesmo uma espada, a não ser que tivesse sorte e encontrasse uma junta.

– Seria preciso uma picareta, ou algo assim.

– O quê? – sussurrou Três Árvores?

– Nada.

Estava claro que, na União, havia ideias estranhas sobre como lutar. Se ser o mais reluzente garantisse a vitória numa guerra, eles acabariam com Bethod, calculou Cachorrão. Pena as coisas não serem assim.

O chefe deles estava sentado no meio, atrás de uma mesinha com alguns pedaços de papel em cima, e era o mais estranho de todos. Vestia um casaco vermelho-vivo. Uma escolha estranha para a roupa de um líder, pensou Cachorrão. Seria fácil acertá-lo com uma flecha. E era jovem demais para a função. Mal tinha barba, mas mesmo assim parecia muito orgulhoso.

Havia um homem grande, com capa suja, discutindo com ele. Cachorrão se esforçou para ouvir, tentando entender as palavras usadas na União.

– Tenho cinco filhos aqui – dizia o agricultor –, e nada para dar de comer a eles. O que o senhor sugere que eu faça?

Um velho se intrometeu antes que viesse a resposta:

– Sou amigo pessoal do lorde governador e exijo que me leve à...

O rapaz não deixou que nenhum dos dois terminasse.

– Não ligo a mínima para quem sejam seus amigos e não me importo que tenha cem filhos! A cidade de Ostenhorm está lotada. O lorde marechal Burr

decretou que somente duzentos refugiados seriam admitidos a cada dia, e já chegamos ao nosso limite de hoje. Sugiro que voltem amanhã. Cedo.

Os dois homens ficaram parados, olhando-o.

– Seu limite? – rosnou o agricultor.

– Mas o lorde governador...

– Danem-se! – gritou o rapaz, batendo na mesa num acesso de raiva. – Continuem me pressionando! Eu os deixo entrar! Farei com que sejam arrastados para dentro e enforcados como traidores!

Isso bastou para os dois, que recuaram depressa. Cachorrão estava começando a pensar que deveria fazer o mesmo, mas Três Árvores já se encaminhava para a mesa. O jovem fez uma careta, como se eles fedessem mais do que dois cagalhões frescos. Cachorrão não teria se incomodado com isso, só que havia se lavado especialmente para a ocasião. Fazia meses que não ficava tão limpo.

– Que diabos vocês querem? Não precisamos de espiões nem de mendigos!

– Que bom – disse Três Árvores, falando de forma clara e com paciência. – Não somos uma coisa nem outra. Meu nome é Rudd Três Árvores. Este aqui é Cachorrão. Viemos falar com quem está no comando. Viemos oferecer nossos préstimos ao seu rei.

– Oferecer seus préstimos? – O rapaz abriu um sorriso. E ele não era nem um pouco amigável. – Cachorrão, você disse? Que nome interessante! Não imagino como ele o conseguiu.

O rapaz riu da própria demonstração de espirituosidade e Cachorrão pôde ouvir risos dos outros. Um belo bando de babacas, pensou, todos enfiados em suas roupas chiques e armaduras reluzentes. Um bando de babacas, mas não havia nada a ganhar dizendo isso. Era bom terem deixado Barca Negra para trás. Ele provavelmente já teria estripado esse sujeito e matado todos os outros.

O garoto se inclinou para a frente e falou bem devagar, como se estivesse se dirigindo a crianças:

– Nenhum nórdico pode entrar na cidade, a menos que haja uma autorização especial.

Parecia que Bethod atravessar as fronteiras deles, trucidar seus exércitos, fazer guerra em suas terras não era suficientemente especial. Três Árvores insistiu, mas Cachorrão achou que ele estava plantando em terreno infértil.

– Não pedimos muito. Só comida e um lugar para dormir. Somos cinco, todos Homens Nomeados e veteranos.

– Sua Majestade está mais do que bem suprida de soldados. Mas temos poucas mulas. Talvez vocês queiram carregar alguns suprimentos para nós, não?

Três Árvores era conhecido por sua paciência, mas havia um limite para ela, e Cachorrão achou que estavam bem perto dele. Esse garoto metido a besta não fazia ideia de onde estava pisando. Rudd Três Árvores não era homem com quem se pudesse brincar. Era um nome famoso no lugar de onde eles tinham vindo. Um nome que punha medo nos homens, ou instigava coragem, dependendo de quem fossem.

Havia mesmo um limite para a sua paciência, mas ainda não haviam chegado lá. Para sorte de todos os envolvidos.

– Mulas, é? – rosnou Três Árvores. – Mulas dão coice. É melhor tomar cuidado para que uma delas não arranque sua cabeça com um coice, garoto.

Então se virou e foi pisando firme, na mesma direção de onde tinham vindo, com as pessoas apavoradas saindo do caminho e depois se amontoando de novo, todas gritando ao mesmo tempo, implorando, explicando aos soldados por que deveriam ter permissão de entrar enquanto outras eram deixadas ao relento.

– Não foi bem a recepção que esperávamos – murmurou Cachorrão.

Três Árvores não disse nada, apenas foi andando à frente, de cabeça baixa.

– E agora, chefe?

O velho lançou um olhar sério por cima do ombro.

– Você me conhece. Acha que vou aceitar a porra daquela resposta?

De algum modo, Cachorrão concluiu que não.

Os melhores planos

FAZIA FRIO NO castelo do lorde governador de Angland. As paredes altas eram de reboco simples e gelado, o piso amplo era de pedras frias, a enorme lareira não tinha nada além de cinzas sem calor. O único enfeite era uma grande tapeçaria pendurada numa extremidade, com o sol dourado da União e os machados cruzados de Angland no centro.

O lorde governador Meed estava encurvado numa cadeira dura, diante de uma mesa enorme e vazia, olhando para o nada, com a mão direita frouxa ao redor da haste de uma taça de vinho. Seu rosto estava pálido e encovado; as vestes do cargo, amarrotadas e manchadas; o cabelo branco e ralo, desgrenhado. Nascido e criado em Angland, o major West sempre ouvira falar de Meed como um líder forte, uma grande presença, defensor incansável da província e de seu povo. Agora parecia uma casca de homem, esmagado sob o peso do cordão indicativo de seu cargo, tão vazio e frio quando a lareira.

A temperatura podia estar baixa, mas não tanto quanto os ânimos. O lorde marechal Burr estava de pé no meio do salão, com os pés afastados, as mãos grandes cruzadas com força às costas, a ponto de os nós dos dedos ficarem brancos. O major West estava ao lado, rígido como um tronco, cabeça baixa, desejando não ter aberto mão de sua casaca. Fazia mais frio ali do que do lado de fora e o tempo estava ruim, até mesmo para o outono.

– Aceita vinho, lorde marechal? – murmurou Meed, sem ao menos levantar a cabeça.

Sua voz saiu fraca e esganiçada naquele espaço enorme. West achou quase ter visto o vapor da respiração do velho.

– Não, Excelência. Não.

Burr estava franzindo a testa. Pelo que West notara, ele vinha fazendo isso constantemente nos últimos dois meses. O sujeito não parecia ter outras

expressões. Tinha um franzido de testa para esperança, um para satisfação, um para surpresa. O de agora era o franzido da raiva mais intensa. West passou o peso nervosamente de um pé entorpecido para o outro, tentando fazer o sangue correr, desejando estar em qualquer lugar que não fosse ali.

– E o senhor, major West? – sussurrou o lorde governador. – Aceita vinho?

West abriu a boca para recusar, mas Burr falou primeiro:

– O que aconteceu? – rosnou ele, as palavras duras raspando nas paredes frias, ecoando nos caibros gélidos.

– O que aconteceu? – O lorde governador estremeceu, virou os olhos fundos lentamente para Burr, como se o visse pela primeira vez. – Perdi meus filhos.

Ele pegou a taça com um gesto trêmulo e bebeu até a última gota. West viu as mãos do marechal Burr se apertarem com mais força ainda às costas.

– Lamento sua perda, Excelência, mas eu estava me referindo à situação mais geral. Estou falando de Poço Preto.

Meed pareceu se encolher à simples menção do lugar.

– Houve uma batalha.

– Houve um massacre! – rosnou Burr. – Qual é a sua explicação? Não recebeu as ordens do rei? Convocar cada homem possível, reforçar as defesas e esperar reforços? Em nenhuma circunstância se arriscar a uma batalha com Bethod!

– As ordens do rei? – O lábio do lorde governador se repuxou. – Quer dizer, as ordens do Conselho Fechado? Eu as recebi. Li. Levei-as em consideração.

– E depois?

– Rasguei-as.

West notou o lorde marechal respirar fundo.

– O senhor... rasgou?

– Durante cem anos minha família e eu governamos Angland. Quando chegamos aqui, não existia nada. – Meed ergueu o queixo com orgulho, estufando o peito. – Nós vencemos a selva. Limpamos as florestas e fizemos as estradas, construímos as fazendas, as minas e as cidades que enriqueceram toda a União!

Os olhos do velho se iluminaram consideravelmente. Ele pareceu mais alto, mais valente, mais forte.

– Quando o povo desta terra precisa de proteção, ele me procura primeiro,

antes de olhar para o outro lado do mar! Eu deveria permitir que esses nórdicos, esses bárbaros, esses animais atacassem minhas terras impunemente? Que desfizessem a grande obra de meus ancestrais? Roubassem, queimassem, estuprassem e matassem à vontade? Deveria ficar sentado atrás de minhas muralhas enquanto eles trucidavam Angland a golpes de espada? Não, marechal Burr! Eu, não! Reuni cada homem e os armei, e os mandei enfrentar os selvagens em batalha, e meus três filhos estavam à frente. O que mais poderia ter feito?

– Seguido a porra das ordens! – gritou Burr a plenos pulmões.

West olhou estarrecido, os ecos trovejantes ainda ressoando em seus ouvidos.

Meed se remexeu, depois ficou boquiaberto, em seguida seus lábios começaram a tremer. Lágrimas brotaram nos olhos do velho e seu corpo se afrouxou de novo.

– Perdi meus filhos – sussurrou, olhando para o chão frio. – Perdi meus filhos.

– Tenho pena de seus filhos e de todos os outros cujas vidas foram desperdiçadas, mas não de você. Você é o único responsável.

Burr estremeceu, depois engoliu em seco e esfregou a barriga. Andou lentamente até a janela e olhou para a cidade fria e cinzenta.

– Você desperdiçou toda a sua força, e agora preciso diluir a minha para guarnecer suas cidades, suas fortalezas – falou. – Você transferirá para o meu comando os sobreviventes de Poço Preto e os homens que estiverem armados e puderem lutar. Vamos precisar de cada um deles.

– E eu? – murmurou Meed. – Será que aqueles cães do Conselho Fechado estão uivando pedindo meu sangue?

– Deixe que uivem. Preciso de você aqui. Os refugiados estão vindo para o sul, fugindo de Bethod. Tem olhado pela janela ultimamente? Ostenhorm está cheia. Eles se amontoam aos milhares em volta das muralhas, e isso é só o começo. Você vai cuidar do bem-estar deles e da evacuação para a Terra do Meio. Durante trinta anos seu povo o procurou em busca de proteção. Ele ainda precisa de você.

Burr se virou de novo para o salão.

– Dê ao major West uma lista das unidades ainda em condições de lutar. Quanto aos refugiados, precisam de comida, roupas e abrigo. Os preparativos

para a evacuação deles devem começar imediatamente.

– Imediatamente – sussurrou Meed. – Imediatamente, claro.

Burr lançou um rápido olhar para West por baixo das sobrancelhas grossas, respirou fundo e depois foi andando para a porta. West olhou para trás enquanto saía. O lorde governador de Angland continuava encurvado na cadeira em seu salão vazio, gelado, com a cabeça mergulhada nas mãos.



– Esta é Angland – disse West, fazendo um gesto na direção do grande mapa e em seguida virando-se para os homens reunidos.

Poucos oficiais demonstravam algum interesse pelo que ele tinha a dizer. Não era surpresa, mas mesmo assim o incomodava.

O general Kroy estava sentado no lado direito da mesa comprida, empertigado e imóvel na cadeira. Era alto, magro, de aspecto severo, com o cabelo grisalho cortado rente ao crânio anguloso, o uniforme preto simples e impecável. Seu enorme estado-maior era igualmente aparado, barbeado, polido, circunspecto como um bando de pessoas de luto. Do lado oposto, à esquerda, estava à vontade o general Poulder, de rosto redondo, pele vermelha, dono de um vistoso bigode. Seu colarinho largo, enrijecido por causa dos fios dourados, ia quase até as orelhas grandes e rosadas. Sua comitiva se sentava como se as cadeiras fossem selas, com os uniformes carmesins cheios de galões, os botões de cima descuidadamente abertos, as manchas de lama da estrada expostas como se fossem medalhas.

Do lado da sala ocupado por Kroy, a guerra tinha a ver com limpeza, abnegação e obediência rígida às regras. Do lado de Poulder, era uma questão de exibicionismo e pelos cuidadosamente organizados. Cada grupo olhava para o outro com ferocidade e um desprezo altivo, como se somente eles guardassem os segredos do que era ser um bom soldado e como se o outro grupo, por mais que tentasse, jamais fosse passar de um estorvo.

Ambos eram estorvo suficiente para a cabeça de West, mas nenhum deles representava sequer metade do problema que era o terceiro grupo, amontoado na extremidade oposta da mesa. O líder deles era nada menos do que o herdeiro do

trono, o próprio príncipe Ladisla. O que ele usava não era exatamente um uniforme, e sim uma espécie de camisolão púrpura com dragonas. Roupa de dormir com temática militar. Só as rendas dos punhos já dariam para fazer uma toalha de mesa de bom tamanho. Os acompanhantes do príncipe eram só um pouco menos notáveis pelas vestimentas. Alguns dos rapazes mais ricos, mais bonitos, mais elegantes e mais inúteis de toda a União estavam esparramados nas cadeiras ao redor do príncipe. Se a medida de um homem fosse o tamanho de seu chapéu, aqueles eram homens realmente grandiosos.

West se virou de novo para o mapa, com a garganta desconfortavelmente seca. Sabia o que precisava dizer, era só falar do modo mais claro possível e sentar-se. Não importava que alguns dos homens mais importantes do exército estivessem atrás dele. Para não mencionar o herdeiro do trono. Homens que West sabia que o desprezavam. Odiavam-no por ter um cargo elevado e uma origem humilde. Pelo fato de ele ter merecido o lugar que ocupava.

– Esta é Angland – repetiu West, no que esperava que fosse uma voz calma e de autoridade. – O rio Cumnur – a ponta de seu bastão traçou a linha azul sinuosa do rio – divide a província em duas partes. A parte sul é muito menor, mas contém a maioria da população e quase todas as cidades importantes, inclusive a capital, Ostenhorm. As estradas aqui são razoavelmente boas, o terreno é relativamente aberto. Pelo que sabemos, os nórdicos ainda não atravessaram o rio.

West ouviu um bocejo alto atrás, bastante perceptível mesmo da outra extremidade da mesa. Sentiu uma pontada súbita de fúria e girou. O príncipe Ladisla, pelo menos, parecia estar prestando atenção. O culpado era alguém do grupo dele, o jovem lorde Smund, um homem de linhagem impecável e fortuna imensa, com pouco mais de 20 anos e os talentos de um garoto de 10. Estava sentado de forma largada, olhando para o espaço, a boca abrindo-se com extravagância.

West precisou se esforçar para não dar um salto até lá e espancar o sujeito com seu bastão.

– Estou entediando você? – sibilou.

Smund pareceu surpreso por ser abordado. Olhou à esquerda e à direita, como se West pudesse estar falando com um de seus colegas.

– O quê? Eu? Não, não, major West, nem um pouco. Entediando? Não! O rio

Cumnur divide a província em duas e tal. Isso é empolgante! Empolgante demais! Peço desculpas, verdade. Dormi tarde, dormi tarde, sabe?

West não duvidava. Uma noite inteira bebendo e exibindo-se com o resto dos acompanhantes do príncipe, de forma que ele pudesse desperdiçar o tempo de todo mundo naquela manhã. Os homens de Kroy podiam ser pedantes e os de Poulder podiam ser arrogantes, mas pelo menos eram soldados. Os do príncipe não tinham outra habilidade, pelo que West podia ver, além de irritá-lo. Nisso eram todos especialistas. Ele estava quase trincando os dentes de frustração ao se virar de novo para o mapa.

– Já a parte norte da província é outra coisa – resmungou ele. – É uma vastidão desagradável de florestas densas, pântanos sem trilhas e morros escarpados, pouco povoada. Existem minas, acampamentos de lenhadores, aldeias, além de várias colônias penais operadas pela Inquisição, mas tudo muito espalhado. Só existem duas estradas levemente adequadas a grandes grupos de homens ou suprimentos, sobretudo levando-se em conta que o inverno vai chegar logo. – Seu bastão acompanhou duas linhas tracejadas, indo de norte a sul através de florestas. – A estrada do oeste passa perto das montanhas, ligando as comunidades mineradoras. A do leste segue mais ou menos o litoral. Elas se encontram na fortaleza de Dunbrec, no rio Torrente Branca, a fronteira norte de Angland. Essa fortaleza, como todos sabemos, já está nas mãos do inimigo.

West deu as costas para o mapa e se sentou, tentando respirar devagar e com firmeza, esmagar a raiva e se desligar da dor que já começava a pulsar atrás dos olhos.

– Obrigado, major West – disse Burr ao se levantar para se dirigir aos homens.

O salão farfalhou e se remexeu, só então despertando. O lorde marechal andou de um lado para outro diante do mapa, organizando os pensamentos. Depois bateu nele com seu bastão, num lugar bem ao norte do rio Cumnur.

– A aldeia de Poço Preto. Um povoado pouco notável, a cerca de 15 quilômetros da estrada litorânea. Pouco mais do que um amontoado de casas, agora totalmente deserto. Nem está indicado no mapa. Um lugar indigno da atenção de qualquer pessoa. Só que, como sabem, este é o lugar de um recente massacre de nossas tropas por parte dos nórdicos.

– Esses idiotas de Angland – murmurou alguém.

– Eles deveriam ter esperado por nós – disse Poulder, com um risinho presunçoso.

– Deveriam mesmo – reagiu Burr com rispidez. – Mas estavam confiantes, e por que não? Vários milhares de homens, bem equipados, com cavalaria. Muitos eram soldados profissionais. Talvez não fossem da mesma classe do Próprio do Rei, mas eram treinados e determinados. Seria de pensar que eram mais do que capazes de derrotar aqueles selvagens.

– Mas eles lutaram bem – interrompeu o príncipe Ladisla –, hein, marechal Burr?

Burr olhou irritado para os homens à mesa.

– Lutar bem é quando se vence, Vossa Alteza. Eles foram trucidados. Só escaparam os que tinham um bom cavalo e muita sorte. Além da lamentável perda de homens, houve a perda de armas e suprimentos. Quantidades consideráveis das duas coisas, com as quais nosso inimigo enriqueceu. E mais sério, talvez: a derrota provocou pânico na população. As estradas das quais nosso exército vai depender estão atulhadas de refugiados convencidos de que Bethod virá para suas fazendas, seus povoados, suas casas a qualquer momento. Uma catástrofe, claro. Talvez a pior sofrida pela União em sua história recente. Mas as catástrofes não deixam de trazer lições.

O lorde marechal plantou com firmeza as grandes mãos na mesa e se inclinou para a frente.

– Esse tal Bethod é cuidadoso, inteligente e implacável. Está bem provido de cavaleiros, soldados de infantaria e arqueiros e tem organização suficiente para usá-los juntos. Possui batedores excelentes e suas forças são ágeis, provavelmente mais do que as nossas, sobretudo em terreno difícil, como o que enfrentaremos na parte norte da província. Ele preparou uma armadilha para os homens de Angland, que caíram nela. Não devemos fazer o mesmo.

O general Kroy deu um riso de deboche.

– Então devemos temer esses bárbaros, lorde marechal? É esse o seu conselho?

– O que foi que Stolicus escreveu, general Kroy? “Jamais temer o inimigo, mas sempre respeitá-lo.” Acho que esse seria o meu conselho, se eu desse algum – respondeu Burr e franziu a testa para os presentes antes de emendar: – Mas não dou conselhos. Dou ordens.

Kroy se remexeu com desprazer diante da censura, mas pelo menos calou a boca. Por ora. West sabia que ele não ficaria quieto por muito tempo. Nunca ficava.

– Devemos ser cautelosos – continuou Burr, agora dirigindo-se a todos –, mas ainda temos vantagens. Temos doze regimentos do Próprio do Rei, no mínimo a mesma quantidade de homens cedidos pelos nobres e alguns vindos de Angland, que evitaram a carnificina em Poço Preto. A julgar pelos relatórios, estamos em maior número do que o inimigo numa relação de cinco para um, ou mais. Estamos em vantagem quanto a equipamento, tática, organização. Parece que os nórdicos não ignoram isso. Apesar dos sucessos, permaneceram ao norte do Comnur, contentes em conseguir surprimentos e fazer ataques localizados. Não parecem ansiosos para atravessar o rio e se arriscarem a um confronto direto.

– Ninguém pode culpá-los, covardes sujos – riu Poulder, recebendo murmúrios de apoio de seus homens. – Provavelmente já estão arrependidos de terem cruzado a fronteira!

– Talvez – murmurou Burr. – De qualquer modo, eles não virão até nós, por isso devemos atravessar o rio e caçá-los. O corpo principal do nosso exército será dividido em duas partes, a ala esquerda sob o comando do general Kroy e a direita sob o comando do general Poulder.

Os dois se encararam por cima da mesa com a hostilidade mais profunda.

– Partiremos de nossos acampamentos aqui em Ostenhorm – prosseguiu Burr – e subiremos pela estrada do leste. Vamos nos espalhar do outro lado do rio Cumnur, esperando localizar o exército de Bethod e atraí-lo para uma batalha decisiva.

– Com todo o respeito – interrompeu o general Kroy, num tom que implicava não ter respeito nenhum –, não seria melhor mandar metade do exército pela estrada do oeste?

– O oeste tem pouco a oferecer além de ferro, a única coisa que os nórdicos já têm em grande quantidade. A estrada litorânea oferece mais riquezas, e fica mais perto das linhas de suprimento e retirada deles. Além disso, não quero que nossas forças se espalhem demais. Ainda não sabemos exatamente qual é o tamanho da tropa de Bethod. Se pudermos atraí-lo para a batalha, quero poder concentrar nossas forças rapidamente e dominá-lo.

– Mas, lorde marechal! – Kroy tinha o ar de alguém que falava com um

parente senil que, infelizmente, ainda mantinha a administração dos negócios da família. – Certamente a estrada do oeste não deve ser deixada desguarnecida, não?

– Eu já ia chegar lá – resmungou Burr, virando-se de volta para o mapa. – Um terceiro destacamento, sob o comando do príncipe herdeiro Ladisla, vai ficar atrás do Cumnur e montar guarda na estrada do oeste. O objetivo dele será garantir que os nórdicos não passem ao largo de nossa tropa e nos ataquem pela retaguarda. Eles ficarão lá, ao sul do rio, enquanto nosso corpo principal se divide ao meio e atrai o inimigo.

– Claro, lorde marechal.

Kroy se recostou em sua cadeira com um suspiro trovejante, como se não pudesse esperar resposta melhor, mas fosse obrigado a tentar mesmo assim, pelo bem de todos. Os oficiais sob seu comando estalavam a língua, desaprovando o esquema.

– Bom, acho o plano excelente – anunciou Poulder de forma calorosa, e deu um risinho para Kroy do lado oposto na mesa. – Sou totalmente a favor, lorde marechal. Estou à sua disposição de qualquer modo que o senhor ache adequado. Terei meus homens prontos para marchar em dez dias.

Seus homens assentiram e murmuraram concordando.

– Cinco seria melhor – contrapôs Burr.

O rosto gorducho de Poulder se retorceu, deixando transparecer seu aborrecimento, mas ele se recompôs de imediato.

– Cinco, lorde marechal.

Mas então foi a vez de Kroy parecer satisfeito.

Enquanto isso o príncipe herdeiro Ladisla estava franzindo os olhos para o mapa, com uma expressão de perplexidade formando-se lentamente em seu rosto bem empoado.

– Lorde marechal Burr – começou ele devagar. – Meu destacamento deve seguir pela estrada do oeste até o rio, certo?

– De fato, Vossa Alteza.

– Então não vamos atravessar o rio?

– De fato não, Vossa Alteza.

– Portanto nosso papel será – e ele franziu os olhos para Burr, com expressão magoada – puramente defensivo?

– De fato. Puramente defensivo.

Ladisla franziu a testa.

– Parece uma tarefa irrelevante.

Seu séquito absurdo se remexeu nas cadeiras, resmungando descontente com uma atribuição tão abaixo de seus talentos.

– Uma tarefa irrelevante? Perdoe, Vossa Alteza, mas não! Angland é um país grande e complexo. Os nórdicos podem nos enganar, e se fizerem isso é no senhor que estarão todas as nossas esperanças. Será sua tarefa impedir que o inimigo atravesse o rio e ameace nossas linhas de suprimentos, ou, ainda pior, que marche para a própria Ostenhorm. – Burr se inclinou para a frente, encarando o príncipe, e balançou o punho com grande autoridade. – O senhor será a nossa rocha, Vossa Alteza, nosso pilar, nosso alicerce! Será a dobradiça que prende o portão, um portão que se fechará para esses invasores e os expulsará de Angland!

West ficou impressionado. A tarefa do príncipe era de fato irrelevante, mas o lorde marechal seria capaz de fazer com que a limpeza das latrinas parecesse um serviço nobre.

– Excelente! – exclamou Ladisla, com a pluma do chapéu sacudindo-se para a frente e para trás. – A dobradiça, claro! Fundamental!

– A não ser que haja mais perguntas, senhores, temos muito trabalho a fazer – declarou Burr e olhou o semicírculo de rostos carrancudos.

Ninguém falou nada.

– Dispensados.

Os homens de Kroy e os de Poulder trocaram olhares gélidos enquanto se apressavam para serem os primeiros a sair. Até os grandes generais se acotovelaram na passagem, que tinha largura mais do que suficiente para comportar ambos, nenhum deles querendo dar as costas para o outro ou ficar para trás. Eles se viraram, eriçados, assim que alcançaram o corredor do lado de fora.

– General Kroy – escarneceu Poulder, com um movimento altivo de cabeça.

– General Poulder – sibilou Kroy, alisando seu uniforme impecável.

Depois foram pisando firme em direções opostas.

Enquanto os últimos seguidores do príncipe Ladisla saíam, contando vantagem ruidosamente uns para os outros sobre quem tinha a armadura mais

cara, West se levantou para sair também. Tinha uma centena de coisas para fazer e não ganharia nada esperando. Mas, antes que chegasse à porta, o lorde marechal Burr começou a falar.

– Então aí está o nosso exército, hein, West? Juro: às vezes me sinto como um pai com um bando de filhos briguentos e sem uma esposa para me ajudar. Poulder, Kroy e Ladisla – recitou e balançou a cabeça. – Meus três comandantes! Cada um acha que o único objetivo de todo esse negócio é o próprio engrandecimento. Não existem três sujeitos mais cheios de si em toda a União. É um espanto conseguirmos fazer com que os três caibam na mesma sala.

O lorde marechal arrotou subitamente.

– Indigestão desgraçada!

West revirou o cérebro em busca de algo positivo a ressaltar.

– O general Poulder parece obediente, ao menos, senhor.

Burr deu um riso desanimado.

– É, parece, mas confio nele menos ainda do que em Kroy. O outro pelo menos é previsível. Posso contar que Poulder vá me frustrar e se opor a mim todas as vezes. Não posso confiar nele de jeito nenhum. Ele vai rir, bajular e obedecer até os mínimos detalhes, até enxergar alguma vantagem pessoal, então vai se virar contra mim com o dobro de ferocidade, você vai ver. É impossível deixar os dois felizes.

Ele franziu os olhos e engoliu em seco, esfregando a barriga.

– Mas, enquanto mantivermos os dois igualmente infelizes, temos uma chance. A única coisa a agradecer é o fato de que odeiam um ao outro ainda mais do que a mim.

Os sulcos na testa de Burr ficaram mais fundos.

– Os dois estavam à minha frente na fila para o cargo. O general Poulder é um velho amigo do arquileitor, sabe? Kroy é primo do juiz supremo Marovia. Quando o posto de lorde marechal ficou vago, o Conselho Fechado não conseguia decidir entre os dois. No fim, acabaram me escolhendo, um infeliz meio-termo. Um pateta das províncias, hein, West? É o que sou para eles. Um pateta eficaz, sem dúvida, mas, ainda assim, pateta. Ouso dizer que, se Poulder ou Kroy morresse amanhã, eu seria substituído no dia seguinte pelo que restasse. É difícil imaginar uma situação mais ridícula para um lorde marechal, isto é, até que se acrescente o príncipe herdeiro à história.

West quase estremeceu. Como transformar aquele pesadelo em vantagem?

– O príncipe Ladisla é... entusiasmado – sugeriu.

– Onde eu estaria sem o seu otimismo? – Burr deu um risinho sem ânimo. – Entusiasmado? Ele está vivendo um sonho! Foi paparicado, mimado e absolutamente estragado durante toda a vida! Aquele garoto e o mundo real são completos estranhos um para o outro.

– Ele precisa ter um comando separado, senhor?

O lorde marechal esfregou os olhos com seus dedos grossos.

– Infelizmente, sim. O Conselho Fechado foi bastante específico nesse sentido. Estão preocupados porque o rei está com a saúde ruim e seu herdeiro é visto pelo povo como idiota e perdulário. Eles esperam que alcancemos uma grande vitória aqui, de modo que possam dar o crédito ao príncipe. Vão mandá-lo de volta para Adua reluzindo com o glamour do campo de batalha, pronto para se tornar um rei que os camponeses amem.

Burr parou um momento e olhou para o chão.

– Fiz tudo o que pude para manter Ladisla fora de encrenca. Coloquei-o onde acho que os nórdicos não estão e com sorte nunca estarão. Mas a guerra não é nem um pouco previsível. Talvez Ladisla seja chamado a lutar. É por isso que preciso de alguém que olhe por ele. Alguém com experiência em campo. Alguém tão tenaz e trabalhador quanto seu risível estado-maior é mole e preguiçoso. Alguém que possa impedir que o príncipe se meta em encrenca.

Ele olhou por baixo das sobrancelhas pesadas. West teve uma sensação terrível das entranhas se comprimindo.

– Eu?

– Infelizmente, sim. Não há ninguém que eu gostaria mais de manter comigo, mas o príncipe fez um pedido especial por você.

– Por mim, senhor? Mas eu não sou cortesão! Nem sou nobre!

Burr deu risada.

– Além de mim, Ladisla é provavelmente o único homem neste exército que não se importa em saber de quem você é filho. Ele é o herdeiro do trono! Nobre ou mendigo, estamos todos igualmente muito abaixo dele.

– Mas por que eu?

– Porque você é um guerreiro. Foi o primeiro a cruzar a brecha em Ulrioch e coisa e tal. Você já viu ação, e muita. Você tem fama de lutador, West, e o

príncipe também quer ter essa reputação. Este é o motivo.

Burr pegou uma carta no casaco e a entregou a West.

– Talvez isso ajude – falou.

West rompeu o lacre, desdobrou o papel grosso, examinou as poucas linhas de texto bem escrito. Quando terminou, leu de novo, só para ter certeza. Levantou os olhos.

– É uma promoção.

– Eu sei o que é. Eu a arranjei. Talvez você seja levado um pouco mais sério se tiver mais uma estrela na casaca, talvez não. De qualquer modo, você merece.

– Obrigado, senhor – disse West em voz entorpecida.

– O quê, pelo pior serviço no exército? – Burr gargalhou e lhe deu um tapinha paternal no ombro. – Vou sentir sua falta, isso é fato. Estou indo inspecionar o primeiro regimento. Um comandante deve mostrar a cara, é o que sempre achei. Quer me acompanhar, coronel?

A neve caía quando eles saíram cavalgando pelos portões da cidade. Pontos brancos soprados ao vento derretiam assim que tocavam a estrada, as árvores, a manta do cavalo de West, a armadura dos guardas que os seguiam.

– Neve – resmungou Burr por cima do ombro. – Neve, agora. Não é um tanto cedo para isso?

– Muito cedo, senhor, mas tem feito bastante frio.

West tirou uma das mãos das rédeas para apertar a capa em volta do pescoço.

– Mais frio do que o usual, para o fim do outono.

– Vai estar muito mais frio ao norte do Cumnur, aposto – falou Burr.

– Sim, senhor, e não vai esquentar mais.

– Pode ser um inverno difícil, hein, coronel?

– Muito provavelmente, senhor.

Coronel? Coronel West? As palavras ainda pareciam estranhas juntas, mesmo em sua mente. Ninguém poderia sonhar que o filho de um plebeu chegaria tão longe. Muito menos ele próprio.

– Um inverno longo e difícil – estava dizendo Burr. – Precisamos pegar

Bethod logo. Pegá-lo e dar um fim rápido nele, antes que todos congelemos.

Ele franziu a testa para as árvores que iam ficando para trás, franziu a testa para os flocos de neve caindo ao redor, franziu a testa para West.

– Estradas ruins, terreno ruim, tempo ruim. Não é a melhor situação possível, hein, coronel?

– Não, senhor – disse West carrancudo, mas era a sua própria situação que o preocupava.

– Ora, poderia ser pior. Você vai estar entocado ao sul do rio, bem quentinho. Provavelmente não vai ver nem um fio de cabelo de nórdico durante todo o inverno. E ouvi dizer que o príncipe e seu estado-maior comem muito bem. É muitíssimo melhor do que ficar perambulando na neve na companhia de Poulder e Kroy.

– Certamente, senhor.

Mas West não tinha certeza.

Burr olhou, por cima do ombro, para os guardas que trotavam a uma distância respeitosa.

– Sabe, quando eu era jovem, antes de receber a honra questionável de comandar o exército do rei, eu adorava cavalgar. Cavalgava por quilômetros, a galope. Aquilo me fazia sentir... vivo. Parece que hoje em dia não há tempo para isso. Relatórios, documentos, ficar sentado atrás de mesas, é só isso o que eu faço. Às vezes tudo o que a gente quer é cavalgar um pouco, hein, West?

– Claro, senhor, mas agora seria...

– Iáá!

O lorde marechal bateu as esporas com vontade e seu cavalo disparou pela trilha, espirrando lama com os cascos. West ficou olhando-o boquiaberto por um instante.

– Desgraça – sussurrou.

O idiota teimoso provavelmente seria derrubado e quebraria aquele pescoço grosso. E então como eles ficariam? O príncipe Ladisla teria de assumir o comando. West tremeu diante dessa perspectiva e instigou o cavalo. Que opção tinha ele?

As árvores passavam rapidamente dos dois lados, a estrada corria embaixo dele. Seus ouvidos se encheram com as pancadas de cascos, o tilintar de arreios. O vento soprava em sua boca, ardia nos olhos. Os flocos de neve vinham direto

para ele. West lançou um olhar por cima do ombro. Os guardas estavam embolados, os cavalos dando encontrões, ficando muito atrás na estrada.

Precisava se esforçar ao máximo para manter o ritmo e se segurar na sela. A última vez em que havia cavalgado com tamanha intensidade fora anos antes, disparando por uma planície seca com um batalhão da cavalaria gurkense em seu encalço. Na época não ficara mais apavorado do que agora. Suas mãos doíam de tanto apertarem as rédeas, o coração martelava de medo e empolgação. Percebeu que sorria. Burr estava certo. Aquilo o fazia mesmo sentir-se vivo.

O lorde marechal havia diminuído a velocidade e West puxou as rédeas ao alcançá-lo. Agora ele gargalhava e ouvia Burr dando um risinho contido. Fazia meses que não ria assim. Anos, provavelmente. Não conseguia se lembrar da última vez. Então notou algo com o canto do olho.

Sentiu um golpe nauseante, uma dor esmagadora no peito. Sua cabeça foi lançada para a frente, as rédeas arrancadas das suas mãos, tudo virou de cabeça para baixo. Seu cavalo sumiu. Ele estava rolando no chão, rolando e rolando.

Tentou se levantar e o mundo girou. Árvores e céu branco, as patas de um cavalo escoiceando, terra voando. Tropeçou e despencou na estrada, ficou com a boca cheia de lama. Alguém o ajudou a se levantar, puxando abruptamente seu casaco, arrastando-o para a mata.

– Não – ofegou ele, quase incapaz de respirar devido à dor no peito.

Não havia motivo para ir naquela direção.

Uma linha negra entre as árvores. Cambaleou para a frente, dobrou-se ao meio, tropeçando na bainha da casaca, caindo na vegetação rasteira. Uma corda atravessada no caminho, esticada na hora em que eles passavam. Alguém o estava meio arrastando, meio carregando. Sua cabeça girava, ele perdera todo o senso de direção. Uma armadilha. West tentou sacar a espada. Demorou um instante até perceber que a bainha estava vazia.

Os nórdicos. Sentiu uma pontada de terror nas entranhas. Os nórdicos o haviam capturado, e a Burr também. Assassinos mandados por Bethod para matá-los. Houve um som de agitação em algum lugar para além das árvores. West se esforçou para entender. Eram os guardas, seguindo pela estrada. Se ao menos pudesse mandar um sinal para eles...

– Aqui... – grasnou, com a voz rouca de dar pena, antes que a mão suja apertasse sua boca, arrastando-o para baixo no chão molhado.

Lutou do melhor modo que conseguiu, mas não teve forças suficientes. Viu por entre as árvores os guardas passando a toda a velocidade, a não mais que doze passos de distância, mas nada pôde fazer.

Mordeu a mão com toda a força, mas ela só o apertou ainda mais, espremendo seu queixo, esmagando os lábios. Sentiu gosto de sangue. Seu próprio sangue, talvez, ou sangue da mão. O som dos guardas foi sumindo na floresta, até desaparecer, e o medo se instalou. A mão o soltou, deu-lhe um empurrão e ele caiu de costas.

Um rosto surgiu oscilando acima dele. Um rosto duro, magro, abrutalhado, cabelo preto cortado curto, dentes à mostra numa carranca animal, olhos frios, sem emoção, apenas fúria. O rosto se virou e cuspiu no chão. Não havia orelha do outro lado, só uma aba de cicatriz rosada e um buraco.

Nunca na vida West vira um homem de aparência tão maligna. Era a própria imagem da violência. Parecia forte o suficiente para rasgá-lo ao meio e mais do que disposto a isso. Havia sangue escorrendo de um ferimento na mão do sujeito. O ferimento causado pelos dentes de West. Pingava das pontas dos dedos no chão da floresta. Na outra mão ele segurava um pedaço de pau liso. O olhar de West seguiu aquela arma, horrorizado. Havia uma lâmina pesada e curva na ponta, polida até brilhar. Um machado.

Então esse era um nórdico. Não do tipo que rolava bêbado nas sarjetas de Adua. Não do tipo que ia à fazenda de seu pai implorar trabalho. Do outro tipo. Do tipo cujas histórias sua mãe usava para amedrontá-lo na infância. Um homem que tinha como trabalho, como passatempo e como propósito matar. West olhou daquela lâmina dura para aqueles olhos duros e de volta, entorpecido de horror. Estava acabado. Morreria ali, na floresta fria, na terra, como um cão.

Apoiou-se numa das mãos e se pôs de pé, tomado por um súbito impulso de sair correndo. Olhou por cima do ombro, mas por ali não havia como escapar. Um homem vinha pela floresta na direção deles. Um homem grande, de barba densa e com uma espada em cima do ombro, carregando uma criança no colo. West piscou, tentando entender as proporções. Era o maior homem que ele já vira, e a criança era o lorde marechal Burr. O gigante jogou seu fardo no chão como se fosse um feixe de gravetos. Burr olhou para ele e arrotou.

West trincou os dentes. Sair cavalgando daquele jeito, o velho idiota, o que estivera pensando? Tinha matado os dois com aquela porra de “Às vezes tudo o

que a gente quer é cavalgar um pouco”. Isso faz com que a gente se sinta vivo? Nenhum deles viveria mais de uma hora.

Precisava reagir. Agora poderia ser sua última chance. Mesmo que não tivesse nada com que lutar. Era melhor morrer assim do que de joelhos na lama. Tentou fazer a raiva aflorar. Ela não tinha fim, quando ele não a queria. Agora não vinha. Só uma impotência desesperada que pesava em cada membro.

Tremendo herói. Tremendo guerreiro. Mal conseguia não se mijar. Era capaz de bater numa mulher, sem dúvida. Podia esganar a irmã e quase matá-la. A lembrança daquilo ainda o fazia sufocar de vergonha e repulsa, mesmo tendo a própria morte a encará-lo. Havia pensado que consertaria a situação mais tarde. Só que agora não existia o mais tarde. Só existia isso. Sentiu lágrimas nos olhos.

– Sinto muito – murmurou consigo mesmo. – Sinto muito.

Então fechou os olhos e esperou o fim.

– Não precisa se desculpar, amigo, acho que ele já foi mordido com mais força.

Outro nórdico havia surgido do meio do mato e se agachara, acocorando-se ao lado de West. Um cabelo castanho, escorrido e embolado emoldurava o rosto magro. Olhos rápidos, escuros. Olhos inteligentes. Abriu um riso incômodo, nem um pouco tranquilizador. Duas fileiras de dentes duros, amarelos, pontudos.

– Sente-se – disse, com o sotaque tão forte que West mal conseguiu entender. – Sentar e ficar quieto é o melhor a fazer.

Um quarto homem estava parado junto dele e de Burr. Um homem grande, de peito largo, com pulsos tão grossos quanto os tornozelos de West. Havia fios grisalhos em sua barba e no cabelo emaranhado. Pelo modo como os outros abriam espaço para ele, parecia o líder. Olhou para West, de modo lento e pensativo, como alguém olharia uma formiga, decidindo se iria esmagá-la ou não sob a bota.

– Qual deles você acha que é Burr? – ribombou em nórdico.

– Sou eu – respondeu West.

Precisava proteger o lorde marechal. Precisava. Levantou-se sem pensar, mas ainda estava tonto devido à queda, e precisou segurar-se em um galho para não cair.

– Eu sou Burr – reafirmou.

O velho guerreiro o olhou de cima a baixo, devagar e com firmeza.

– Você? – contestou e explodiu numa gargalhada, profunda e ameaçadora como uma tempestade que se aproxima. – Gosto disso! Interessante! – falou e, depois, virando-se para o de aparência maligna: – Está vendo? Achei que você tivesse dito que esses sulistas não tinham bagos.

– Eu disse que eles não tinham é cérebro – respondeu o homem de uma orelha só, que olhou para West como um gato faminto encara um pássaro. – E ainda não fui convencido do contrário.

– Acho que é esse – sugeriu o líder, olhando para Burr. – Você é Burr? – perguntou na língua comum.

O lorde marechal olhou para West, depois para o nórdico enorme, depois se levantou devagar. Empertigou-se e espanou o uniforme, como alguém que se preparasse para morrer com dignidade.

– Sou Burr, e não vou divertir vocês. Se querem nos matar, devem fazer isso agora.

West ficou onde estava. Agora a dignidade não parecia valer o esforço. Quase podia sentir o machado cravando-se em sua cabeça.

Mas o nórdico de barba grisalha apenas sorriu.

– Entendo por que se enganaram e sentimos muito se abalamos seus nervos, mas não estamos aqui para matar vocês. Viemos ajudá-los.

West se esforçou para tentar entender o que escutara.

Burr estava fazendo a mesma coisa.

– Ajudar?

– Existem muitos no Norte que odeiam Bethod. Existem muitos que não se ajoelham diante dele de boa vontade e alguns que não se ajoelham de jeito nenhum: nós. Temos uma rixa com aquele desgraçado que vem ganhando corpo há muito tempo e queremos acabar com isso ou morrer tentando. Não podemos lutar contra ele sozinhos, mas ouvimos dizer que vocês estão lutando contra ele, por isso pensamos em nos juntar a vocês.

– Juntar-se a nós?

– Andamos uma longa distância para isso e, pelo que vimos no caminho, a ajuda seria boa para vocês. Mas quando chegamos aqui, seu pessoal não se mostrou disposto a nos receber.

– Eles foram um tanto grosseiros – emendou o magro, agachado perto de West.

– Foram mesmo, Cachorrão, foram mesmo. Mas a gente não recua por causa de um pouco de grosseria. Foi aí que eu pensei em falar com você, de chefe para chefe, pode-se dizer.

Burr olhou para West.

– Eles querem lutar ao nosso lado – disse.

West apenas piscou em resposta, ainda tentando aceitar a ideia de que poderia sobreviver àquele dia. O que chamam de Cachorrão estava estendendo uma espada para ele, com o punho à frente, e rindo. West demorou um tempo até perceber que era a sua espada.

– Obrigado – murmurou ao pegá-la sem destreza nenhuma.

– Não por isso.

– Somos cinco – estava dizendo o líder. – Todos Homens Nomeados e veteranos. Lutamos contra Bethod e lutamos ao lado dele, por todo o Norte. Conhecemos o estilo dele, poucos conhecem melhor. Podemos fazer reconhecimento, podemos lutar, podemos armar emboscadas, como vocês viram. Não vamos recusar nenhuma tarefa que valha a pena ser feita, e qualquer tarefa que machuque Bethod vale a pena para nós. O que diz?

– Bom... é – murmurou Burr, coçando o queixo com o polegar. – Vocês obviamente são homens muito... – e ele olhou de um rosto duro, sujo, cheio de cicatrizes, para o outro... – úteis. Como eu poderia resistir a uma oferta feita de modo tão gentil?

– Então é melhor eu fazer as apresentações. Este aqui é Cachorrão.

– Sou eu – rosnou o magro de dentes pontudos, mostrando de novo seu sorriso preocupante. – É bom conhecer vocês.

Cachorrão segurou a mão de West e a apertou até que os nós dos dedos dele estalaram.

Três Árvores apontou o polegar para o lado, para o maligno com machado e sem uma orelha.

– Esse sujeito amigável é Barca Negra. Eu gostaria de poder dizer que ele fica melhor com o passar do tempo, mas não fica.

Barca Negra se virou e cuspiu no chão de novo.

– O grandalhão é Tul Duru. Também conhecido como Cabeça de Trovão. E ali está Harding Sinistro. Está no meio das árvores, mantendo os cavalos de vocês fora da estrada. Mas não precisam se preocupar, ele não tem nada a dizer.

– E você?

– Rudd Três Árvores. Líder deste pequeno grupo, já que nosso líder anterior voltou para a lama.

– Voltou para a lama... Entendo – disse Burr e respirou fundo. – Bom, então. Os senhores podem prestar contas ao coronel West. Tenho certeza de que ele pode arranjar comida e alojamento para os senhores, para não falar de trabalho.

– Eu? – perguntou West, com a espada ainda pendendo da mão.

– Sem dúvida – confirmou o lorde marechal, com um sorriso minúsculo no canto da boca. – Nossos novos aliados devem se encaixar muito bem no séquito do príncipe Ladisla.

West não conseguia decidir se ria ou chorava. Justo quando pensava que sua situação não poderia ficar mais difícil, ganhara cinco primitivos para cuidar.

Três Árvores pareceu bastante satisfeito com o arranjo.

– Bom – disse, assentindo sem pressa. – Então está resolvido.

– Resolvido – concordou Cachorrão, com seu sorriso maligno ficando mais largo ainda.

O tal Barca Negra lançou um olhar longo e frio para West.

– Porra de União – rosnou.

Perguntas

Para Sand dan Glokta,
Superior de Dagoska, e somente para ele

Você embarcará imediatamente e assumirá o comando da Inquisição na cidade de Dagoska. Descubra o que aconteceu com seu antecessor, o superior Davoust. Investigue a suspeita dele de que há uma conspiração, talvez no próprio conselho governante da cidade. Avalie os membros desse conselho e arranque qualquer deslealdade pela raiz. Tenha pouca misericórdia ao castigar a traição, mas garanta que haja provas sólidas dela. Não podemos nos dar ao luxo de mais erros crassos.
Os soldados gurkenses já se agrupam na península, prontos para tirar proveito de qualquer fraqueza. Todos os regimentos do rei estão comprometidos em Angland, de modo que você deve esperar pouca ajuda caso os gurkenses ataquem. É sua responsabilidade, portanto, garantir que as defesas da cidade estejam fortes e que as provisões sejam suficientes para suportar qualquer cerco. Mantenha-me informado de seu progresso por meio de cartas regulares. Acima de tudo, garanta que Dagoska não caia nas mãos dos gurkenses, sob nenhuma hipótese.
Não me vá fracassar.

Sult
Arquileitor da Inquisição de Sua Majestade

GLOKTA DOBROU a carta com cuidado e a enfiou de volta no bolso, verificando

de novo que a ordem real estivesse em segurança ao lado dela. *Essa porcaria.* O documento grande estivera pesando em sua capa desde que o arquileitor o entregara. Tirou-o e o revirou nas mãos, com a folha dourada no grande selo vermelho reluzindo ao sol forte. *Um mero pedaço de papel, mas vale mais do que ouro. É inestimável. Com isso eu sou a voz do próprio rei. Sou o homem mais poderoso de Dagoska, mais até do que o lorde governador. Todos devem me ouvir e obedecer. Isto é, enquanto eu conseguir me manter vivo.*

A viagem não tinha sido agradável. O navio era pequeno e o mar do Círculo estivera agitado por todo o caminho. A cabine de Glokta era minúscula, quente e apertada feito um forno. *Um forno oscilando loucamente dia e noite.* Quando ele não estava tentando comer mingau com a tigela chacoalhando, estava vomitando a pouca quantidade que tinha conseguido engolir. Mas pelo menos abaixo do convés não havia chance de sua perna inútil ceder e jogá-lo no mar. *É, a viagem não tinha sido nem um pouco agradável.*

Mas agora ela havia terminado. O navio estava deslizando para o atracadouro no meio do porto apinhado. Os marinheiros já lutavam com a âncora, jogando cordas para terra. Agora a prancha deslizava do navio para a costa poeirenta.

– Ótimo – disse o prático Severard. – Vou arranjar alguma coisa para beber.

– Que seja alguma coisa forte, mas não deixe de me encontrar mais tarde. Temos trabalho para amanhã. Muito trabalho.

Severard assentiu, fazendo o cabelo escorrido balançar em volta do rosto magro.

– Ah, eu vivo para servir.

Não sei bem para que você vive, mas duvido que seja para isso.

Ele foi andando lépido, assobiando desafinado e fazendo barulho na prancha. Desceu ao cais e sumiu entre as construções marrons e empoeiradas.

Glokta olhou o pedaço de madeira estreita com preocupação, segurou com força o cabo da bengala, passou a língua nas gengivas vazias, preparando-se para pisar na prancha. *Um ato de heroísmo e abnegação.* Por um momento se perguntou se seria mais sábio arrastar-se de barriga. *Isso reduziria a chance de uma morte por afogamento, mas não seria adequado, seria? O intimidante superior da Inquisição na cidade, escorregando de barriga em direção ao seu novo domínio?*

– Precisa de ajuda?

A prática Vitari estava olhando de esguelha para ele, encostada na amurada, com o cabelo ruivo projetando-se da cabeça como espinhos de cardo. Parecia ter passado toda a viagem tomando sol como um lagarto, sem se abalar com os solavancos do navio, gostando do calor excruciante tanto quanto Glokta o abominava. Era difícil avaliar sua expressão por baixo da máscara preta de seu cargo. *Mas posso apostar que está sorrindo. Sem dúvida já está preparando o primeiro relatório para o arquileitor: "O aleijão passou a maior parte da viagem na cabine, vomitando. Quando chegamos a Dagoska, precisou ser levado para terra, junto com a carga. Já se tornou motivo de risos..."*

– Claro que não! – disse Glokta rispidamente, subindo com dificuldade na prancha como se pusesse a vida em risco todos os dias.

A madeira balançou de modo alarmante quando ele colocou o pé direito em cima e Glokta notou com dor a água verde-acinzentada batendo nas pedras escorregadias lá embaixo. *Corpo encontrado flutuando no cais...*

Mas no fim conseguiu descer sem incidentes, arrastando a perna mirrada. Sentiu uma pontada absurda de orgulho quando chegou às pedras empoeiradas do cais e finalmente pisou em terra seca de novo. *Ridículo. Qualquer um pensaria que eu já derrotei os gurkenses e salvei a cidade, em vez de ter cambaleado três passos.* Para tornar degradante a situação dolorosa, agora que havia se acostumado ao balanço constante do navio, a imobilidade da terra fazia sua cabeça girar e o estômago embrulhar, e o fedor podre de sal no cais ensolarado não ajudava nem um pouco. Obrigou-se a engolir um bocado de saliva amarga, fechou os olhos e virou o rosto para o céu sem nuvens.

Inferno, como está quente. Glokta havia esquecido como o Sul podia ser quente. O ano já ia para o final e o sol continuava chamejando. O suor escorria por baixo de sua capa preta e comprida. *As vestimentas da Inquisição podem ser excelentes para instilar o terror num suspeito, mas temo que não sejam adequadas a um clima quente.*

O prático Frost estava ainda pior. O enorme albino havia coberto cada centímetro de sua pele leitosa, usando até luvas pretas e um chapéu de aba larga. Ele espiou o sol brilhante, os olhos rosa estreitados com suspeita e sofrimento, o rosto largo e branco cheio de gotas de suor em volta da máscara preta.

Vitari olhou de esguelha para os dois.

– Vocês deveriam sair mais – murmurou ela.

Um homem usando roupas pretas de inquisidor estava esperando no fim do cais, mantendo-se à sombra de uma parede semidesmoronada, mas mesmo assim suando em bicas. Era alto e ossudo, de olhos salientes, o nariz adunco vermelho e descascando, queimado de sol.

É o comitê de boas-vindas? A julgar pelo tamanho, não sou nem um pouco bem-vindo.

– Sou Harker, inquisidor-chefe da cidade.

– Até a minha chegada – disse Glokta rispidamente. – Quantos outros você tem?

O inquisidor franziu a testa.

– Quatro inquisidores e cerca de vinte práticos.

– Uma equipe pequena, para manter uma cidade deste tamanho livre da traição.

O rosto de Harker ficou mais carrancudo ainda.

– Nós sempre conseguimos.

Ah, de fato. A não ser por perderem seu superior, claro.

– É a sua primeira visita a Dagoska? – perguntou Harker.

– Passei algum tempo no Sul. – *Os melhores dias da minha vida e os piores também.* – Estive em Gurkhul durante a guerra. Vi Ulrioch. – *Em ruínas depois de queimarmos a cidade.* – E fiquei em Shaffa por dois anos. – *Se contar o tempo nas prisões do imperador. Dois anos no calor fervente e na escuridão esmagadora. Dois anos no inferno.* – Mas nunca vim a Dagoska.

– Hã – bufou Harker, sem se impressionar. – Seus aposentos ficam na Cidadela – informou, assentindo na direção da grande rocha que assomava sobre a cidade.

Claro que sim. Na parte mais alta do prédio mais alto, sem dúvida.

– Vou mostrar o caminho. O lorde governador Vurms e seu conselho estão ansiosos para conhecer o novo superior – complementou o homem e se virou com uma expressão um tanto amarga.

Você achava que merecia o cargo, hein? Estou adorando desapontá-lo.

Harker partiu para a cidade a passo rápido, com o prático Frost seguindo ao lado, os ombros pesados encolhidos em volta do pescoço grosso, grudando-se a qualquer vestígio de sombra, como se o sol lançasse minúsculos dardos contra ele. Vitari ziguezagueava pela rua poeirenta como se fosse uma pista de dança,

espiando pelas janelas e pelos becos estreitos. Glokta arrastava os pés atrás dela, obstinadamente, com a perna esquerda já começando a queimar pelo esforço.

"O aleijado deu apenas três passos na cidade antes de cair de cara e teve de ser carregado de maca pelo resto do caminho, guinchando feito um porco indo para o abate e implorando por água, enquanto os próprios cidadãos que ele foi mandado para aterrorizar olhavam, pasmos..."

Repuxou os lábios e cravou os dentes que restavam nas gengivas vazias, obrigando-se a acompanhar o ritmo dos outros, com o cabo da bengala cortando a palma da mão, a coluna dando um estalo agonizando a cada passo.

– Esta é a Cidade Baixa – resmungou Harker por cima do ombro. – É onde a população nativa é abrigada.

Uma favela gigantesca, fervilhante, poeirenta, fétida. As construções eram ruins e sem manutenção: barracos precários, de um andar, pilhas tortas de frágeis tijolos de barro. Todo o povo tinha pele escura, era malvestido e de aparência faminta. Uma mulher ossuda os espiou da entrada de uma casa. Um velho com apenas uma perna passou cambaleando com muletas tortas. Num beco estreito, crianças maltrapilhas corriam entre montes de lixo. O ar pesava com o fedor de podridão e esgoto mal encaminhado. *Ou não encaminhado.* Moscas zumbiam em toda parte. Moscas gordas e raivosas. *As únicas criaturas que prosperam aqui.*

– Se eu soubesse que era um lugar tão encantador – observou Glokta –, teria vindo antes. Parece que o povo de Dagoska fez bem em se juntar à União, não é?

Harker não percebeu a ironia.

– Fez mesmo. Durante o pouco tempo em que os gurkenses controlaram a cidade, escravizaram muitos dos cidadãos mais importantes. Agora, com a União, eles são livres para trabalhar e viver como quiserem.

– Livres, é?

Então a liberdade é isso. Glokta olhou um grupo de nativos deprimentes em volta de uma barraca mal abastecida com frutas meio podres e pedaços de carne repletos de moscas.

– Bom, a maioria – emendou Harker e franziu a testa. – A Inquisição teve de eliminar alguns encrenqueiros quando chegamos. Então, há três anos, os porcos ingratos fizeram uma rebelião.

Depois de lhes darmos a liberdade de viver como animais em sua própria

cidade? Que chocante.

– Nós os derrotamos, claro, mas eles não pararam de causar problemas – prosseguiu Harker. – Depois disso foram proibidos de portar armas e de entrar na Cidade Alta, onde mora a maioria dos brancos. Desde então as coisas andam calmas. Isso serve apenas para demonstrar que, para lidar com esses primitivos, o mais eficaz é ter mão firme.

– Para um bando de primitivos, eles construíram algumas defesas impressionantes.

Uma muralha alta cortava a cidade diante deles, lançando uma sombra comprida sobre as construções esquálidas da favela. Havia um fosso largo na frente, recém-cavado e cercado por estacas afiadas. Uma ponte estreita levava a um portão imponente entre torres enormes. As pesadas folhas do portão estavam abertas, mas havia uma dúzia de homens diante delas: soldados da União suando em seus elmos de aço e casacos de couro repletos de tachas, com o sol impiedoso reluzindo nas espadas e lanças.

– Um portão bem vigiado – disse Vitari, pensativa. – Considerando que fica dentro da cidade.

Harker franziu a testa.

– Desde a rebelião, os nativos só podem entrar na Cidade Alta se tiverem permissão.

– E quem consegue permissão? – perguntou Glokta.

– Alguns artesãos hábeis e outros do tipo, ainda empregados pela Guilda dos Mercadores de Especiarias, mas principalmente serviçais que trabalham na Cidade Alta e na Cidadela. Muitos cidadãos da União que vivem aqui têm lacaios nativos, sendo que alguns têm vários deles.

– Sem dúvida os nativos também são cidadãos da União, não?

Harker franziu os lábios.

– Se o senhor diz, superior, mas eles não são de confiança, e isso é fato. Não pensam como nós.

– É mesmo? – *Se eles ao menos pensarem, estarão melhor do que este selvagem.*

– São todos lixo, esses marrons. Gurkenses, dagoskenses, todos são iguais. Assassinos e ladrões, todos eles. A melhor coisa a fazer é pisar neles e mantê-los sob a sola da bota – afirmou Harker e contorceu o rosto ao olhar na direção do

sol forte. – Quando uma coisa tem cor e cheiro de merda, é provável que seja merda.

Ele se virou e foi andando pela ponte.

– Que sujeito esclarecido e encantador! – murmurou Vitari.

Você leu minha mente.

Do outro lado do portão havia um mundo diferente. Cúpulas suntuosas, torres elegantes, mosaicos de vidro colorido e colunas de mármore branco brilhavam ao sol forte. As ruas eram largas e limpas e as residências, bem cuidadas. Havia até algumas palmeiras de aparência sedenta nas belas praças. O povo era elegante, bem-vestido e de pele clara. *Afora um bocado de queimaduras de sol*. Alguns rostos escuros se moviam entre eles, mantendo-se fora do caminho, os olhos no chão. *Os que tiveram sorte o bastante para virar servos? Devem estar felizes pelo fato de a União não tolerar escravidão.*

Glokta ouvia um burburinho agitado, como uma batalha a distância. O som foi ficando mais forte à medida que ele arrastava a perna dolorida pela Cidade Alta e chegou a um volume tempestuoso quando o grupo emergiu numa praça ampla, apinhada de ponta a ponta com uma multidão espantosa. Havia pessoas da Terra do Meio, de Gurkhul e da Estíria, nativos de olhos estreitos de Suljuk, cidadãos de cabelo amarelo do Antigo Império, até mesmo nórdicos barbudos, longe de casa.

– Mercadores – resmungou Harker.

Todos os mercadores do mundo, ao que parece. Apinhavam-se em volta de barracas cheias de produtos, grandes balanças, lousas com nomes e preços das mercadorias. Berravam, vendiam e trocavam numa infinitude de línguas diferentes, levantavam as mãos em gestos estranhos, empurravam, puxavam e apontavam uns para os outros. Cheiravam caixas de temperos e varetas de incenso, passavam os dedos em peças de tecido e tábuas de madeiras raras, apertavam frutas, mordiam moedas, espiavam pedras preciosas através de lentes. Aqui e ali um carregador nativo cambaleava em meio à multidão, dobrado ao meio sob uma carga enorme.

– A Guilda dos Mercadores de Especiarias fica com uma percentagem de tudo – murmurou Harker, abrindo caminho de forma impaciente pela multidão barulhenta.

– Deve ser uma quantia razoável – disse Vitari baixinho.

Muito razoável, imagino. O bastante para motivá-los a desafiar os gurkenses. O suficiente para manter toda uma cidade prisioneira. Algumas pessoas matariam por muito, muito menos.

Glokta fechou a cara e foi cruzando a praça, rangendo os dentes de dor ao levar trombadas, empurrões e se desequilibrar a cada passo vacilante. Só quando finalmente emergiram da multidão no lado oposto ele percebeu que estavam à sombra de um prédio amplo e gracioso, que se erguia arco após arco, cúpula após cúpula, bem acima da turba. Pináculos delicados em cada canto pairavam no ar, esguios e frágeis.

– Magnífico – murmurou Glokta, esticando as costas doloridas e franzindo os olhos para o alto; quase doía olhar para a pedra de um branco puro ao sol da tarde. – Vendo isso, quase seria possível acreditar em Deus. – *Se a pessoa não soubesse que não deveria.*

– Hã – zombou Harker. – Os nativos costumavam rezar aqui aos milhares, envenenando o ar com suas porcarias de cantos e superstições, até que a rebelião foi sufocada, claro.

– E agora?

– O superior Davoust determinou que o prédio é área proibida a eles. Assim como todo o restante na Cidade Alta. Agora a Guilda dos Mercadores de Especiarias o usa como extensão do mercado, um local para comprar, vender e tudo o mais.

– Rá. – *Que coisa adequada! Um templo dedicado a ganhar dinheiro. Nossa pequena religião.*

– Creio que um banco use parte do prédio como escritório, também.

– Um banco? Qual?

– O mercadores de especiarias controlam essas coisas – disse Harper, impaciente. – Valint e não sei quê, não é?

– Balk. Valint e Balk. – *Então uns velhos conhecidos chegaram aqui antes de mim, não é? Eu deveria saber. Esses desgraçados estão em toda parte. Em toda parte onde haja dinheiro.* Ele espiou a agitada praça do mercado. *E há muito dinheiro aqui.*

O caminho foi ficando mais íngreme à medida que começavam a subir pela grande rocha, as ruas construídas em degraus cortados no morro seco. Glokta se esforçava no calor, curvado sobre a bengala, mordendo o lábio por causa da dor

na perna, sedento e com suor brotando de cada poro. Harker não fez nenhum esforço para ir mais devagar enquanto Glokta bufava atrás dele. *E de jeito nenhum vou pedir isso.*

– Acima de nós está a Cidadela – informou Harker e balançou a mão indicando a massa de prédios com paredes altas, cúpulas e torres que abraçavam o topo da rocha marrom, muito acima da cidade. – Antigamente era a sede da monarquia deles, mas agora serve como centro administrativo de Dagoska e acomoda alguns dos cidadãos mais importantes. A sede da Guilda dos Mercadores de Especiarias fica lá dentro, assim como a Casa das Perguntas.

– Excelente vista – murmurou Vitari.

Glokta se virou e protegeu os olhos com a mão. Dagoska se espalhava diante deles, quase uma ilha. A Cidade Alta se erguia na encosta, uma bela trama de casas bonitas entremeadas por ruas longas e retas, salpicadas de palmeiras amarelas e praças amplas. Do lado mais distante da muralha longa e curva ficava o amontoado poeirento e marrom das favelas. Assomando a distância, tremeluzindo na névoa, Glokta podia ver a portentosa muralha que bloqueava o único e estreito istmo rochoso que ligava a cidade ao continente, com o azul do mar de um lado e o azul do porto do outro. *As defesas mais fortes do mundo, diziam. Imagino se colocaremos essa orgulhosa afirmação à prova daqui a pouco tempo.*

– Superior Glokta? – Harker pigarreou. – O lorde governador e seu conselho estão esperando.

– Então podem esperar mais um pouco. Estou curioso para saber que progressos você fez na investigação do desaparecimento do superior Davoust. – *Seria uma infelicidade se o novo superior sofresse o mesmo destino, afinal de contas.*

Harker franziu a testa.

– Bom... houve algum progresso. Não tenho dúvida de que os nativos são responsáveis. Eles jamais param de tramar. Apesar das medidas que Davoust tomou depois da rebelião, muitos ainda se recusam a aceitar qual é o lugar deles.

– Fico pasmo.

– É verdade, acredite. Três serviçais dagoskenses estavam nos aposentos do superior na noite em que ele desapareceu. Andei interrogando-os.

– E o que descobriu?

– Por enquanto nada, infelizmente. Eles se mostraram muito inflexíveis.

– Então vamos interrogá-los juntos.

– Juntos? – repetiu Harker e passou a língua pelos lábios. – Eu não sabia que o senhor desejaria interrogá-los pessoalmente, superior.

– Agora sabe.



Seria de pensar que estaria mais frio no interior da rocha. Mas era tão quente quanto do lado de fora, nas ruas ensolaradas, mas sem a misericórdia da leve brisa. O corredor era silencioso, morto e sufocante como uma tumba.

A tocha de Vitari lançava sombras tremeluzentes nos cantos, e a escuridão se fechava rápida atrás deles.

Harker parou ao lado de uma porta reforçada com ferro e enxugou enormes gotas de suor do rosto.

– Devo alertar, superior, que foi necessário ser um tanto... firme com eles. Ter pulso firme é a melhor coisa, sabe?

– Ah, eu também posso ser bastante firme quando a situação exige. Não me surpreendo facilmente.

– Que bom, que bom.

A chave girou na fechadura, a porta se abriu e um cheiro abominável ganhou o corredor. *Uma mistura de latrina entupida e lixo podre.* A cela era minúscula, sem janelas, o teto quase baixo demais para uma pessoa ficar de pé. O calor era esmagador; o fedor, espantoso. Fez Glokta lembrar-se de outra cela. Mais ao sul, em Shaffa. Sob o palácio do imperador. *Uma cela onde ofeguei durante dois anos, berrando no escuro, raspando as paredes, arrastando-me em minha própria imundície.* Seu olho tinha começado a tremer, e ele o enxugou cuidadosamente com o dedo.

Um prisioneiro estava deitado, o rosto virado para a parede, a pele preta de hematomas, as duas pernas quebradas. Outro pendia do teto pendurado pelos pulsos, os joelhos roçando o chão, a cabeça frouxa, as costas açoitadas em carne viva. Vitari se curvou e cutucou um deles com o dedo.

– Morto – disse simplesmente. E foi até o outro. – E este também. Morto há

um bom tempo.

A luz tremeluzente caiu sobre uma terceira prisioneira. Esta permanecia viva. *Por pouco*. Estava acorrentada pelas mãos e pelos pés, o rosto encovado de fome, os lábios rachados de sede, apertando trapos imundos e sangrentos contra o corpo. Os calcanhares rasparam no chão quando ela tentou se empurrar mais para o canto, balbuciando algo debilmente em kanticense, uma das mãos sobre o rosto para se proteger da luz. *Eu me lembro. A única coisa pior do que a escuridão é quando a luz chega. As perguntas sempre vêm junto.*

Glokta franziu a testa, com os olhos rápidos indo dos dois cadáveres dilacerados para a jovem encolhida e a cabeça girando por causa do esforço, do calor e do mau cheiro.

– Bom, isso é muito aconchegante. O que eles contaram?

Harker cobriu o nariz e a boca com a mão ao entrar, relutante, na cela, com Frost surgindo logo acima de seu ombro.

– Nada, ainda, mas eu...

– Agora você não vai conseguir nada desses dois, isso é certo. Espero que eles tenham assinado confissões.

– Bom... não exatamente. O superior Davoust nunca foi muito interessado em confissões dos marrons, nós só... o senhor sabe...

– Você nem foi capaz de mantê-los vivos por tempo suficiente para confessarem?

Harker pareceu zangado. *Como uma criança castigada injustamente pelo professor.*

– Ainda sobrou a garota – respondeu ele rispidamente.

Glokta olhou para ela, lambendo o espaço onde antes ficavam os dentes da frente. *Não há método aqui. Nem objetivo. É só brutalidade. Eu poderia quase vomitar, se tivesse comido alguma coisa hoje.*

– Quantos anos ela tem?

– Talvez 14, superior, mas não vejo a relevância disso.

– A relevância, inquisidor Harker, é que as conspirações raramente são comandadas por meninas de 14 anos.

– Achei melhor ser meticuloso.

– Meticuloso? Você ao menos fez alguma pergunta a eles?

– Bom, eu...

A bengala de Glokta acertou em cheio o rosto de Harker. O movimento súbito provocou uma pontada de agonia na lateral do corpo do superior, fazendo sua perna fraquejar e obrigando-o a se agarrar no braço de Frost para se escorar. O inquisidor Harker soltou um guincho de dor e surpresa, bateu na parede e escorregou para a imundície no piso da cela.

– Você não é um inquisidor! – sibilou Glokta. – É a porra de um carniceiro! Olhe o estado deste lugar! E matou duas testemunhas! Que utilidade elas têm agora, seu imbecil?

Então Glokta se inclinou para a frente, aproximando-se do outro para dizer:

– A não ser que essa fosse a sua intenção, não é? Talvez Davoust tenha sido morto por um subalterno invejoso. Um subalterno que queria silenciar as testemunhas, hein, Harker? Talvez eu devesse começar minhas investigações pela própria Inquisição!

O prático Frost assomou acima de Harker quanto ele tentou se levantar, e o homem se encolheu de volta contra a parede, com sangue começando a escorrer do nariz.

– Não! Não, por favor! Foi um acidente! Eu não pretendia matá-los! Só queria saber o que aconteceu!

– Acidente? Ou você é um traidor ou é de uma incompetência absoluta, e nenhuma das duas opções me servem!

Glokta se inclinou mais para baixo ainda, ignorando a dor nas costas, os lábios repuxados para mostrar o sorriso sem dentes.

– Sei que ter pulso firme é muito eficaz quando lidamos com primitivos, inquisidor. Você descobrirá que não existem pulsos mais firmes do que os meus. Em lugar nenhum. Tire esse verme da minha vista.

Frost agarrou Harker pelo casaco e o arrastou pela imundície, em direção à porta.

– Espere! – gemeu ele, agarrando o portal. – Por favor! O senhor não pode fazer isso!

Os gritos foram sumindo pelo corredor. Vitari tinha um leve sorriso nos olhos, como se tivesse gostado da cena.

– E essa sujeira aqui?

– Mande limpar.

Glokta se encostou na parede, com o lado do corpo ainda latejando de dor, e

enxugou o suor do rosto com a mão trêmula.

– Lave tudo – ordenou. – Enterre esses corpos.

Vitari meneou a cabeça em direção à sobrevivente.

– E ela?

– Dê-lhe um banho. Roupas. Comida. Deixe-a ir.

– Não vale a pena dar um banho se ela vai voltar para a Cidade Baixa.

Ela tem alguma razão.

– Certo! Ela era serviçal de Davoust, pode ser minha. Leve-a de volta ao trabalho! – gritou ele por cima do ombro, já mancando em direção à porta.

Precisava sair. Mal conseguia respirar ali dentro.



– Lamento desapontá-los, mas as muralhas estão longe de ser intransponíveis, na situação ruim em que se encontram atualmente...

O homem deixou o restante da frase no ar quando Glokta entrou arrastando os pés na sala de reuniões do conselho governante de Dagoska.

O lugar era o mais diferente possível da cela logo abaixo. *Na verdade é a sala mais linda que já vi.* Cada centímetro de parede e teto era minuciosamente esculpido: padrões geométricos de espantoso detalhismo se entrelaçavam ao redor de lendas kanticenses em tamanho real, tudo pintado em ouro e prata reluzentes, vermelhos e azuis vívidos. O piso era um mosaico de complexidade extraordinária, a mesa comprida era incrustada com redemoinhos de madeira escura e lascas de marfim claro, polida até brilhar. As janelas altas ofereciam uma visão espetacular da vastidão marrom da cidade e da baía reluzente mais além.

A mulher que se levantou para receber Glokta não parecia deslocada naquele ambiente magnífico. *Nem um pouco.*

– Sou Carlot dan Eider – apresentou-se, sorrindo com facilidade e estendendo as mãos como se ele fosse um velho amigo – mestra da Guilda dos Mercadores de Especiarias.

Glokta ficou impressionado, tinha de admitir. *Nem que seja pela coragem dela. Nem o menor sinal de horror. Ela me recebe como se eu não fosse um*

corpo em ruína, desfigurado, trêmulo, retorcido. Cumprimenta-me como se eu tivesse a aparência tão boa quanto a dela.

A mulher usava um vestido longo ao estilo do Sul: seda azul, acabamento em prata, que tremeluzia ao redor dela à brisa fresca que entrava pelas janelas altas. Joias de valor espantoso reluziam nos dedos, nos pulsos, no pescoço. Glokta detectou um cheiro diferente quando a mulher se aproximou. *Adocicado. Como a especiaria que a deixou tão rica, talvez.* Não chegou a ele sem causar efeitos. *Ainda sou homem, afinal de contas. Só menos do que antigamente.*

– Devo me desculpar por minhas vestimentas, mas as roupas kanticenses são muito mais confortáveis no calor. Acostumei-me bastante com elas ao longo dos anos passados aqui.

Pedir desculpas por essa aparência equivale a um gênio pedir desculpas por sua estupidez.

– Não se incomode – respondeu Glokta e fez a reverência mais profunda que pôde, dado o estado de sua perna e a dor aguda nas costas. – Superior Glokta, ao seu dispor.

– Estamos muito felizes com sua presença. Todos ficamos enormemente preocupados desde o desaparecimento de seu antecessor, o superior Davoust.

Alguns de vocês, imagino, ficaram muito menos preocupados do que outros.

– Espero lançar alguma luz sobre essa questão.

– Todos esperamos que sim – assegurou ela e então o pegou pelo cotovelo com uma confiança que não pareceu forçada. – Por favor, permita-me fazer as apresentações.

Glokta se recusou a ser levado.

– Obrigado, mestra Eider, mas acho que posso eu mesmo me apresentar – falou ele e arrastou os pés ao longo da mesa com o próprio esforço. – O senhor deve ser o general Vissbruck, encarregado da defesa da cidade.

O general tinha 40 e poucos anos, estava ficando ligeiramente careca e suava abundantemente em seu uniforme elaborado, abotoado até o pescoço apesar do calor. *Eu me lembro de você. Esteve em Gurkhul na guerra. Era major do Próprio do Rei, e bem conhecido por ser um asno. Parece que se saiu bem, pelo menos, como em geral acontece com os asnos.*

– É um prazer – disse Vissbruck, praticamente sem levantar os olhos de seus documentos.

– É sempre bom rever um velho conhecido.

– Nós nos conhecemos?

– Lutamos juntos em Gurkhul.

– Lutamos? – Um espasmo de espanto atravessou o rosto suado de Vissbruck. – O senhor é... *aquele* Glokta?

– De fato, como o senhor diz, sou *aquele* Glokta.

O general piscou.

– É... bem... como tem estado?

– Sentindo muita dor, obrigado por perguntar, mas vejo que o senhor prosperou, e isso é um grande consolo.

Vissbruck piscou, mas Glokta não lhe deu tempo de dizer nada.

– E este deve ser o lorde governador Vurms. É uma verdadeira honra, Excelência.

O velho era a imagem da decrepitude, encolhido em seus requintados mantos do cargo como uma ameixa seca dentro de uma casca sedosa. Suas mãos tremiam, mesmo no calor, a cabeça era careca e brilhante, a não ser por alguns fiapos brancos. Ele franziu os olhos fracos e reumosos na direção de Glokta.

– O que ele disse? – perguntou, olhando ao redor, confuso. – Quem é esse homem?

O general Vissbruck se inclinou e ficou tão perto que seus lábios quase roçaram a orelha do velho.

– O superior Glokta, Excelência! O substituto de Davoust!

– Glokta? Glokta? Ora, onde está Davoust, afinal?

Ninguém se deu o trabalho de responder.

– Sou Korsten dan Vurms – apresentou-se o filho do lorde governador, dizendo o próprio nome como se fosse uma fórmula mágica, e estendeu a mão para Glokta como se lhe oferecesse um presente inestimável.

Era louro e bonito, estava esparramado descuidadamente na cadeira, com um bronzeado saudável, tão esguio e atlético quanto o pai era velho e enrugado. *Já o desprezo.*

– Soube que o senhor foi um excelente espadachim – comentou Vurms e olhou Glokta de cima a baixo com um sorriso de zombaria. – Eu também esgrimo, e realmente não há ninguém aqui para me desafiar. Quem sabe poderíamos lutar um pouco?

Eu adoraria, seu babaca. Se ainda tivesse minha perna, eu faria você cagar nas calças antes do fim da luta.

– Eu lutava, mas, infelizmente, precisei parar. Questões de saúde. – Glokta deu seu riso desdentado. – Mas ouso dizer que ainda poderia lhe dar alguns conselhos, se quiser se aprimorar.

Vurms franziu a testa diante da resposta, mas Glokta já havia passado a outra pessoa.

– O senhor deve ser o haddish Kahdia.

O haddish era um homem alto e magro com pescoço comprido e olhos cansados. Usava um manto branco sem ornamentos e um turbante simples da mesma cor. *Não parece mais próspero do que qualquer outro nativo da Cidade Baixa, no entanto há certa dignidade nele.*

– Sou Kahdia e fui escolhido pelo povo de Dagoska para falar em nome dele. Mas já não me considero um haddish. Um sacerdote sem templo não é um sacerdote.

– Será que ainda precisamos ficar ouvindo falar do templo? – gemeu Vurms.

– Infelizmente sim, enquanto eu participar deste conselho. – Ele olhou de volta para Glokta. – Então há um novo inquisidor na cidade? Um novo demônio. Um novo portador da morte. Suas idas e vindas não são do meu interesse, torturador.

Glokta sorriu. *Confessando o ódio pela Inquisição sem nem ao menos conhecer meus instrumentos. Mas, afinal de contas, não podemos esperar que seu povo tenha muito apreço pela União, já que essas pessoas vivem pouco melhor que escravos em sua própria cidade. Será que ele pode ser nosso traidor?*

Ou ele? O general Vissbruck parecia um militar leal em cada centímetro do corpo, um homem que seria afastado de intrigas por excesso de sentimento de dever e uma enorme falta de criatividade. *Mas poucos homens se tornam generais sem procurar favorecimentos pessoais, sem lubrificar as engrenagens, sem guardar alguns segredos.*

Ou ele? Korsten dan Vurms estava dando um riso de desprezo como se Glokta fosse uma latrina suja que ele precisasse usar. *Já vi gente desse tipo mil vezes, moleque arrogante. Pode ser filho do lorde governador, mas está suficientemente claro que não é leal a ninguém além de si próprio.*

Ou ela? A mestra Eider era toda educação e sorrisos afáveis, mas seus olhos eram duros como diamantes. *Avaliando-me como um mercador avalia um freguês ignorante. Há mais nela do que bons modos e uma queda pelo figurino estrangeiro. Muito mais.*

Ou ele? Agora até o velho lorde governador parecia suspeito. *Será que seus olhos e seus ouvidos são tão ruins quanto ele diz? Ou haverá um pouco de representação em franzir os olhos, em pedir que lhe digam o que está acontecendo? Será que ele sabe mais do que todo mundo?*

Glokta se virou e foi mancando até a janela, encostou-se na coluna lindamente esculpida ao lado dela e olhou a paisagem impressionante, com o sol da tarde ainda quente em seu rosto. Já podia sentir os membros do conselho se remexendo inquietos, ansiosos para se livrarem dele. *Imagino quanto tempo será necessário até que ordenem que o aleijado saia de sua linda sala. Não confio em nenhum deles. Nenhum.* Glokta deu um risinho para si mesmo. *Exatamente como deveria ser.*

Foi Korsten dan Vurms quem perdeu a paciência primeiro.

– Superior Glokta – disse ele rispidamente. – Apreciamos sua meticulosidade ao se apresentar aqui, mas tenho certeza de que tem negócios urgentes a resolver. Nós certamente temos.

– Claro – concordou Glokta.

Ele foi mancando de volta na direção da mesa, bem devagar, como se fosse sair da sala. Depois puxou uma cadeira e se acomodou nela, encolhendo-se com a dor na perna.

– Tentarei manter meus comentários no nível mínimo, pelo menos a princípio – assegurou.

– O quê? – perguntou Vissbruck.

– Quem é esse sujeito? – perguntou o lorde governador, inclinando-se para a frente e franzindo os olhos fracos. – O que está acontecendo aqui?

Seu filho foi mais direto.

– O que você pensa que está fazendo? – perguntou. – Está louco?

O haddish Kahdia começou a rir baixinho. Era impossível saber se ria de Glokta ou da fúria dos outros.

– Por favor, senhores, por favor – contemporizou a mestra Eider, falando baixo, com paciência. – O superior acaba de chegar e talvez ignore a forma

como fazemos as coisas em Dagoska. O senhor deve saber que seu antecessor não comparecia a essas reuniões. Nós governamos esta cidade com sucesso há vários anos e...

– O Conselho Fechado discorda.

Glokta ergueu a ordem real com dois dedos. Deixou que todos encarassem o documento por um instante, certificando-se de que vissem o grande selo vermelho com a folha dourada, depois o jogou por cima da mesa.

Os outros ficaram olhando cheios de suspeita enquanto Carlot dan Eider pegava o papel, desdobrava-o e começava a ler seu conteúdo. Ela franziu a testa, depois levantou uma sobrancelha bem-feita.

– Parece que nós é que somos os ignorantes.

– Deixe-me ver isso! – Korsten dan Vurms arrancou o papel das mãos dela e começou a ler. – Não pode ser – murmurou. – Não pode ser!

– Pois temo que seja – garantiu Glokta e mostrou seu risinho desdentado para o grupo. – O arquileitor Sult está muito preocupado. Pediu que eu investigasse o desaparecimento do superior Davoust e também examinasse as defesas da cidade. Devo avaliá-las cuidadosamente e garantir que os gurkenses fiquem do outro lado delas. Ele me instruiu a usar quaisquer medidas que eu julgue necessárias. – Glokta fez uma pausa para aumentar o impacto das palavras. – Quaisquer... medidas.

– O que é isso? – resmungou o lorde governador. – Exijo saber o que está acontecendo!

Agora Vissbruck estava com o papel.

– Uma ordem real – ofegou ele, enxugando a testa suada com as costas da manga. – Assinada por todos os doze membros do Conselho Fechado. Concede plenos poderes! – Ele a pousou com delicadeza na mesa de tampo incrustado, como se tivesse medo de que o papel entrasse em combustão subitamente. – Isso é...

– Todos sabemos o que é – cortou-o a mestra Eider.

Ela estava olhando Glokta, pensativa, com a ponta de um dedo acariciando a bochecha lisa. *Como uma mercadora que percebe de súbito que o freguês supostamente ignorante a enganou, e não o contrário.*

– Parece que o superior Glokta está assumindo o comando – concluiu ela.

– Eu não diria que estou assumindo o comando, mas comparecerei a todas as

próximas reuniões deste conselho. Os senhores devem considerar que esta é a primeira de um grande número de mudanças.

Glokta deu um suspiro confortável enquanto se acomodava na linda cadeira, esticando a perna dolorida, repousando as costas doloridas. *Quase confortável*. Olhou para os rostos franzidos do conselho governante da cidade. *Exceto, claro, por uma dessas pessoas encantadoras provavelmente ser um traidor perigoso. Um traidor que já providenciou o desaparecimento de um superior e pode muito bem estar pensando na remoção de um segundo...*

Glokta pigarreou.

– Bom, então, general Vissbruck, o que o senhor estava dizendo quando cheguei? Algo sobre as muralhas?

As feridas do passado

– Os erros passados – entoou Bayaz com a maior pompa – só devem ser cometidos uma vez. Portanto qualquer educação que valha a pena deve se basear numa sólida compreensão da história.

Jezal deixou escapar um suspiro de irritação. Não conseguia entender por que é que aquele velho havia decidido lhe dar aulas. A culpa talvez fosse do imensurável egoísmo tão comum em pessoas meio senis. De qualquer modo, Jezal seguia inabalável em sua decisão de não aprender absolutamente nada.

–… sim, a história – estava dizendo o mago. – Há muita história em Calcis...

Jezal olhou em volta, nem um pouco impressionado. Se a história não passasse de mero tempo transcorrido, então Calcis, que fora uma cidade portuária do Antigo Império, era obviamente rica em história. Se a história fosse mais que isso – grandeza, glória, algo que fizesse o sangue correr mais rápido – então não havia nada dela ali.

Sem dúvida a cidade fora cuidadosamente planejada, com ruas largas e retas posicionadas de forma a oferecer vistas magníficas ao viajante. Mas o que um dia podiam ter sido orgulhosas paisagens cívicas os longos séculos haviam reduzido a imagens de decadência. Em toda parte havia casas abandonadas, janelas vazias e portas olhando tristes para as praças cheias esburacadas. Passaram por ruas secundárias tomadas por mato, entulho, madeira apodrecendo. Metade das pontes sobre o rio vagaroso havia desmoronado e jamais fora consertada; metade das árvores nas avenidas largas estava morta e seca, sufocada pela hera.

Não havia nem um pouco da vida intensa que fazia Adua fervilhar, desde o cais até os bairros pobres e o próprio Agriont. A cidade que era o lar de Jezal podia às vezes parecer cheia, barulhenta, explodindo de tanta gente, mas, enquanto olhava os poucos cidadãos de Calcis, maltrapilhos e pisoteando sua

cidade-relíquia decadente, ele não teve dúvida de qual atmosfera preferia.

–… você terá muitas oportunidades de se desenvolver nesta nossa jornada, jovem amigo, e sugiro que as aproveite. O mestre Nove Dedos, em particular, vale ser estudado. Sinto que você pode aprender muito com ele...

Jezal quase ofegou, incrédulo.

– Com aquele macaco?

– Aquele macaco, como você diz, é famoso em todo o Norte. O Nove Sangrento, ele é chamado por lá. Um nome capaz de encher homens fortes de medo ou coragem, dependendo do lado em que estejam. Um guerreiro e estrategista com inteligência profunda e experiência sem igual. Acima de tudo, ele aprendeu a usar a malícia de dizer muitíssimo menos do que sabe – falou Bayaz antes de olhar para Jezal e completar: – O oposto de algumas pessoas que eu poderia citar.

Jezal franziu a testa e encolheu os ombros. Não conseguia ver nada que se pudesse aprender com Nove Dedos a não ser, talvez, como comer com a mão e passar dias sem tomar banho.

– O grande fórum – murmurou Bayaz ao entrarem num amplo espaço aberto. – O coração pulsante da cidade.

Até ele parecia desapontado.

– Aqui os cidadãos de Calcis vinham comprar e vender, assistir a espetáculos e ouvir processos jurídicos, discutir filosofia e política. No Tempo Antigo, ficava apinhado de gente ombro a ombro, até tarde da noite.

Agora havia espaço livre de sobra. A vasta área pavimentada poderia acomodar facilmente cinquenta vezes o lamentável grupo de pessoas reunido ali. As estátuas grandiosas que circundavam o lugar estavam manchadas e quebradas, com os pedestais sujos inclinando-se em todos os ângulos. Algumas barracas desordenadas ficavam no centro, amontoadas como ovelhas num dia frio.

– Uma sombra da glória antiga. Mas – Bayaz apontou para as esculturas em mau estado – esses são os únicos ocupantes a quem precisamos dar atenção hoje.

– Verdade? E eles são...?

– Imperadores do passado distante, meu rapaz, cada um com uma história para contar.

Jezal gemeu por dentro. Não tinha mais do que um interesse passageiro pela

história do próprio país, quanto mais pela de algum lugar atrasado e decadente no distante oeste do mundo.

– Há um monte deles – resmungou.

– E estes não são todos, de modo nenhum. A história do Antigo Império remonta a muitos séculos.

– Deve ser por isso que o chamam de antigo.

– Não tente bancar o espertinho comigo, capitão Luthar, porque não teria condições para isso. Enquanto seus antepassados na União corriam de um lado para outro nus, comunicando-se por gestos e cultuando a lama, aqui meu mestre Juvens guiava o nascimento de uma nação poderosa, uma nação que, em tamanho e riqueza, em grandeza e conhecimento, jamais foi igualada. Adua, Talins, Shaffa são apenas sombras das cidades maravilhosas que um dia prosperaram no vale do grande rio Aos. Este é o berço da civilização, jovem amigo.

Jezal olhou as estátuas lamentáveis ao redor, as árvores mortas, as ruas sujas, abandonadas, sem cor.

– O que deu errado?

– O fracasso de algo grandioso nunca é uma questão simples, mas onde há o sucesso e a glória também deve haver o infortúnio e a vergonha. A inveja chega sorrateira onde há o triunfo. A cobiça e o orgulho levam pouco a pouco a disputas, depois a rixas, e em seguida a guerras. Duas grandes guerras que terminaram em desastres terríveis.

Bayaz foi andando rapidamente para a estátua mais próxima.

– Mas os desastres não deixam de dar lições, meu rapaz.

Jezal abriu um sorriso forçado. Precisava receber lições tanto quanto precisava ter cancro no pau, e não era rapaz de ninguém, mas o velho não se abalou nem um pouco por sua resistência.

– Um bom governante deve ser implacável – entoou Bayaz. – Quando percebe uma ameaça contra sua pessoa ou sua autoridade, deve agir rapidamente e sem deixar espaço para o arrependimento. Para buscar um exemplo, não precisamos ir além do imperador Shilla.

Ele olhou para o mármore acima, cujas feições estavam quase totalmente desgastadas pelo tempo.

– Quando suspeitou que seu camarista tinha pretensões ao trono, ele ordenou

que fosse morto imediatamente, que sua esposa e seus filhos fossem estrangulados, que sua grande mansão em Aulcus fosse totalmente arrasada – contou Bayaz e deu de ombros. – Tudo sem o menor fiapo de prova. Foi um ato excessivo e brutal, mas é melhor agir com força de mais que de menos. É melhor ser temido do que desprezado. Shilla sabia disso. Na política não há lugar para sentimentos, está vendo?

"Estou vendo que, aonde quer que eu vá na vida, tem sempre a porra de um jumento velho tentando me dar lições", foi o que Jezal pensou, mas não diria. A lembrança de um prático da Inquisição explodindo diante de seus olhos ainda estava horrivelmente fresca em sua mente. O som úmido do sangue. O calor dele ao bater em seu rosto. Engoliu em seco e olhou para os sapatos.

– Estou – murmurou.

A voz de Bayaz continuou, sem emoção:

– Não que um grande rei precise ser tirano, claro! Conquistar o amor dos homens comuns deve ser sempre o primeiro objetivo de um governante, porque isso pode ser obtido com pequenos gestos, no entanto pode durar uma vida inteira.

Jezal não deixaria isso passar, por mais perigoso que o velho pudesse ser. Estava claro que Bayaz não tinha experiência prática na arena política.

– De que adianta o amor dos plebeus? Os nobres têm o dinheiro, os soldados, o poder.

Bayaz revirou os olhos para as nuvens.

– Palavras de uma criança facilmente enganada por conversa mole e mãos rápidas. De onde vem o dinheiro dos nobres, senão de impostos cobrados dos camponeses? Quem são os soldados deles, senão os filhos e maridos das pessoas comuns? O que dá o poder dos lordes? Somente o apoio dos vassalos, nada mais. Quando os camponeses ficam realmente insatisfeitos, esse poder pode sumir com rapidez aterrorizante. Veja o caso do imperador Dantus.

Ele indicou uma das muitas estátuas. Tinha um braço quebrado na altura do ombro e o outro apoiando um punhado de sujeira em que uma bela brotação de musgo havia se assentado. A perda do nariz deixara uma cratera suja e fizera o imperador Dantus ganhar uma expressão de eterna perplexidade e vergonha, como alguém surpreendido na latrina.

– Nenhum governante foi mais amado por seu povo – disse Bayaz. – Ele

recebia cada homem como igual, sempre dava metade de seus impostos aos pobres. Mas os nobres conspiraram contra ele, escolheram um dos seus para substituí-lo e jogaram o imperador na prisão para tomar o trono.

– Foi mesmo? – resmungou Jezal, olhando a praça quase vazia.

– Porém o povo não quis abandonar seu amado monarca. As pessoas saíram de casa e criaram tumultos, e não admitiram ser dominadas. Alguns conspiradores foram arrancados de seus palácios e enforcados nas ruas, os outros se acovardaram e devolveram o trono a Dantus. Portanto, veja bem, meu rapaz, o amor do povo é o melhor escudo de um governante.

Jezal suspirou.

– Prefiro o apoio dos nobres.

– Rá. O amor deles é inconstante como o vento e caro. Você não esteve na rotunda dos Lordes, capitão Luthar, com o Conselho Aberto em sessão?

Jezal franziu a testa. Talvez houvesse um grão de verdade na conversa fiada do velho.

– Rá. Esse é o amor dos nobres – prosseguiu Baiaz. – O melhor que podemos fazer é dividi-los e tirar proveito de sua inveja, fazê-los competir por pequenos favores, reivindicar o crédito pelos próprios sucessos. Mas, acima de tudo, é importante garantir que nenhum deles fique poderoso demais e desafie sua majestade.

– Quem é esse? – perguntou Jezal.

Referia-se a uma estátua que ficava perceptivelmente mais alta do que as outras. Era um homem impressionante, no fim da meia-idade, com barba densa e cabelos encaracolados. Seu rosto era bonito, mas havia uma seriedade na boca e um franzido de ira e orgulho na testa. Um homem com quem não se devia mexer.

– Este é o meu mestre, Juvens. Não foi imperador, e sim o primeiro e último conselheiro de muitos deles. Ele construiu o Império, mas também foi o principal instrumento de sua destruição. Um homem grandioso em muitos sentidos, mas grandes homens têm grandes defeitos.

Bayaz girou pensativamente seu cajado gasto.

– Devemos aprender as lições da história – repetiu. – Os erros do passado só precisam ser cometidos uma vez – falou e então se deteve um momento antes de emendar: – A não ser que não haja alternativa.

Jezal esfregou os olhos e começou a atravessar o fórum. O príncipe herdeiro

Ladisla talvez pudesse se beneficiar dessa aula, mas Jezal duvidava. Seria para isso que fora arrancado dos amigos, de sua merecida chance de glória e promoção? Para ouvir a fala chata de um viajante estranho e careca?

Franziu a testa. Um grupo de três soldados vinha na direção deles pela praça. A princípio os observou desinteressado. Mas depois percebeu que olhavam para ele e Bayaz e que seguiam direto para os dois. Então viu outro grupo de três, e outro, vindos de direções diferentes.

Jezal sentiu a garganta apertar. As armaduras e armas dos soldados, ainda que de desenho antigo, pareciam preocupantemente eficazes e bem usadas. Esgrimir era uma coisa. Lutar de verdade, com as possibilidades de ferimentos sérios e de morte, era outra, muito diferente. Ficar temeroso não era covardia, principalmente quando nove homens armados se aproximavam deles e não havia rota possível de fuga.

Bayaz também havia notado.

– Parece que prepararam uma recepção.

Os nove se aproximaram, rostos duros, armas firmes nas mãos. Jezal ergueu os ombros e fez o máximo que pôde para parecer temível, ao mesmo tempo que não encarava ninguém e mantinha as mãos bem afastadas dos cabos de suas espadas. Não tinha nenhum desejo de deixar alguém nervoso a ponto de golpeá-lo.

– Você é Bayaz – disse o líder, um homem atarracado com uma pluma vermelha e suja no elmo.

– Isso é uma pergunta?

– Não. Nosso senhor, o legado imperial Salamo Narba, governador de Calcis, convida-o para uma audiência.

– É mesmo? – fez Bayaz e olhou o grupo de soldados ao redor, depois levantou uma sobrancelha para Jezal e resolveu: – Creio que seria grosseria recusarmos, quando o legado teve todo o trabalho de organizar uma escolta de honra. Mostrem o caminho.

Se uma única coisa pudesse ser dita sobre Logen Nove Dedos, era que ele

estava sentindo dor. Arrastava-se pelo calçamento, encolhendo-se a cada vez que seu peso se apoiava no tornozelo ruim – mancando, ofegando, balançando os braços para manter o equilíbrio.

O irmão Pé Comprido abriu um meio sorriso por cima do ombro diante daquela visão lamentável.

– Como estão seus ferimentos, amigo?

– Dolorosos – resmungou Logen com os dentes trincados.

– No entanto suspeito que já tenha suportado coisa pior.

– Hum.

Tivera muitos ferimentos na vida. Havia passado a maior parte dela com alguma quantidade de dor, curando-se devagar demais de uma surra para outra. Lembrou-se do primeiro ferimento de verdade que havia sofrido, um corte no rosto feito pelos shankas. Tinha 15 anos, era esguio e de pele lisa, e as garotas da aldeia ainda gostavam de olhá-lo. Levou a mão ao rosto e tocou a velha cicatriz. Lembrava-se do pai no salão enfumaçado, apertando a bandagem na bochecha, da ardência, de que tinha sentido vontade de gritar, mas mordera o lábio. Quem é homem fica quieto.

Quando pode. Logen se lembrava de ter ficado caído sobre o rosto numa tenda fétida com a chuva fria batucando na lona, mordendo um pedaço de couro para não gritar, cuspindo-o e gritando assim mesmo enquanto escavavam suas costas à procura de uma ponta de flecha que não havia saído junto com a haste. Tinham demorado um dia inteiro procurando, até encontrar a desgraçada. A lembrança fez Logen se encolher e mexer as omoplatas, que arderam. Não conseguira falar durante uma semana, depois de todos aqueles gritos.

Não conseguira falar durante mais de uma semana depois do duelo com Três Árvores. Nem andar, nem falar, e praticamente nem ver. Queixo quebrado, face quebrada, costelas quebradas sem conta. Ossos esmagados até ele não passar de uma gosma dolorida, chorando com pena de si mesmo, berrando feito um bebê a cada movimento da maca, alimentado com uma colher por uma velha e agradecido por isso.

Havia muitas lembranças mais, todas apinhando-se e cortando-o. O cotoco do dedo depois da batalha em Carleon, ardendo e ardendo e deixando-o louco. Acordar de repente depois de um dia de inconsciência, quando foi golpeado na cabeça nas colinas. O mijo vermelho depois que a lança de Harding Sinistro

furou suas entranhas. Logen sentia todas as cicatrizes agora, na pele machucada, e abraçou o corpo dolorido.

Os ferimentos do passado eram muitos, certo, mas isso não fazia com que os atuais doessem menos. O corte no ombro o incomodava, ardia feito brasa. Tinha visto um homem perder um braço por causa de um arranhão feito em batalha. Primeiro precisaram cortar a mão dele, depois o braço até o cotovelo, e em seguida até o ombro. Depois disso ele ficou cansado e então começou a falar bobagens, até que parou de respirar. Logen não queria voltar para a lama desse jeito.

Foi mancando até um pedaço de muralha desmoronada e se encostou. Tirou dolorosamente o casaco, abriu desajeitadamente os botões da camisa com uma das mãos, puxou o alfinete da bandagem e levantou o pano com cuidado.

– O que lhe parece? – perguntou.

– Parece a mãe de todas as cascas de ferida – murmurou Pé Comprido, espiando seu ombro.

– O cheiro está normal?

– Quer que eu cheire você?

– Só diga se está fedendo.

O navegador se inclinou para a frente e cheirou devagar o ombro de Logen.

– Um odor nítido de suor, mas pode ser do seu sovaco. Infelizmente meus talentos notáveis não incluem a medicina. Para mim o cheiro de um ferimento é igual ao de qualquer outro.

Pé Comprido enfiou o alfinete de volta na bandagem e Logen vestiu a camisa.

– Se estivesse podre, você saberia, acredite. Fede igual a sepultura velha e, depois que apodrece na gente, não há como se livrar disso, a não ser com uma lâmina. Não é nada bom.

Logen estremeceu, apertando a palma da mão gentilmente no ombro que latejava.

– É, bem – disse Pé Comprido, já andando pela rua quase deserta. – Sorte sua termos a tal Maljinn conosco. O talento dela para conversas é extremamente limitado, mas quando se trata de ferimentos, bom, eu vi a coisa toda e não vou mentir: ela é capaz de costurar pele com tanta calma e segurança quanto um mestre sapateiro costura couro. É mesmo! Ela puxa uma agulha com tanta

agilidade e precisão quanto a costureira de uma rainha. É um talento útil para se ter por aqui. Eu não ficaria nem um pouco surpreso se precisarmos dele de novo, antes de terminarmos.

– É uma jornada perigosa? – perguntou Logen, ainda lutando para vestir o casaco.

– Hã. O Norte sempre foi selvagem e sem lei, cheio de rixas sangrentas e bandoleiros implacáveis. Todo homem anda armado até os dentes e pronto para matar o tempo todo. Em Gurkhul a liberdade dos viajantes depende da boa vontade do governante local. Sempre há o risco de serem feitos escravos a qualquer momento. As cidades estirianas têm ladrões e batedores de carteira em todo canto, isso se você conseguir passar pelos portões sem ser roubado pelas autoridades. As águas das Mil Ilhas são cheias de piratas, às vezes parece que é um para cada mercador, e na distante Suljuk todos temem e desprezam forasteiros e podem pendurar você pelos pés e cortar sua garganta logo depois de lhe dar informações. O Círculo do Mundo é cheio de perigos, meu amigo de nove dedos, mas se tudo isso não bastar e você desejar mais, sugiro que visite o Antigo Império.

Logen teve a sensação de que o irmão Pé Comprido se divertia.

– É tão ruim assim?

– Pior, ah, é pior mesmo! Sobretudo se, em vez de simplesmente visitar, a pessoa decidir cruzar o país de uma ponta a outra.

Logen fez uma expressão de desagrado.

– E esse é o plano?

– Esse, como você disse, é o plano. Faz um tempo sem conta que o Antigo Império é dilacerado por conflitos civis. Um dia ele já foi uma nação única com um único imperador, leis asseguradas por um exército poderoso e uma administração leal, mas com o passar dos anos se dissolveu numa sopa fervilhante de principados mesquinhos, repúblicas malucas, cidades-estados e pequenos feudos, a ponto de hoje poucos reconhecerem qualquer líder que não empunhe uma espada. Os limites entre o que era imposto e o que era roubo, entre a pura guerra e assassinatos sangrentos, entre direitos legítimos e fantasia ficaram difusos e sumiram. Praticamente não se passa um ano sem que mais um bandido faminto de poder se declare rei do mundo. Sei que houve um tempo, talvez há cinquenta anos, em que não havia menos de dezesseis imperadores

num dado momento.

– Hum. Quinze a mais do que o necessário.

– Dezesseis a mais, pode-se dizer, e nenhum deles era amigo dos viajantes. Quando se trata de ser morto, o Antigo Império é uma opção deslumbrante para a vítima. Mas não é preciso ser morto por homens.

– Não?

– Ora, não! A natureza também colocou muitos obstáculos temíveis no nosso caminho, principalmente porque o inverno está chegando depressa. A oeste de Calcis fica uma planície grande e contínua, um terreno coberto de capim por muitas centenas de quilômetros. No Tempo Antigo, talvez, boa parte dela era ocupada, cultivada, atravessada por estradas retas feitas de pedra boa, em todas as direções. Agora a maioria das cidades não passa de ruínas silenciosas, a terra é um confim encharcado pelas tempestades, as estradas são trilhas de pedras quebradas que atraem os incautos para pântanos que sugam tudo.

– Pântanos – murmurou Logen, balançando a cabeça devagar.

– E coisa ainda pior. O rio Aos, o maior de todos os rios no Círculo do Mundo, abre um vale profundo e sinuoso pelo meio desse confim. Teremos de atravessá-lo, mas só restam duas pontes, uma em Darmium, que é a nossa melhor opção, e outra em Aostum, mais de 150 quilômetros a oeste. Existem vaus, mas o Aos é poderoso e rápido e o vale é fundo e perigoso – explicou Pé Comprido e estalou a língua. – Isso tudo antes de chegamos às montanhas Partidas.

– São altas, é?

– Ah, extremamente. Muito altas e muito perigosas. Têm esse nome por causa dos penhascos íngremes, das ravinas serrilhadas, dos precipícios súbitos. Dizem que existem passagens pelos desfiladeiros, mas os mapas, se de fato já houve algum, foram perdidos há muito tempo. Depois de vencer as montanhas, pegaremos o navio...

– Você pretende carregar um navio montanha acima?

– Nosso patrão me garantiu que ele conseguirá um do outro lado, mas não sei como, porque aquela terra é quase totalmente desconhecida. Vamos navegar para oeste até a ilha de Shabulyan, que, segundo dizem, sobe do oceano bem na borda do Mundo.

– Segundo dizem?

– Tudo o que se sabe a respeito são boatos. Mesmo na ilustre ordem dos Navegadores, nunca ouvi falar de ninguém que afirmasse ter posto os pés naquele lugar, e os irmãos da minha ordem são bem conhecidos por... afirmações exageradas, por assim dizer.

Logen coçou lentamente o rosto, desejando ter perguntado antes sobre os planos de Bayaz.

– Parece um longo caminho.

– Na verdade, dificilmente poderíamos conceber um destino mais remoto.

– O que existe lá?

Pé Comprido deu de ombros.

– Você terá de perguntar ao nosso patrão. Eu encontro rotas, não motivos. Siga-me, por favor, mestre Nove Dedos, e peço que não se retarde. Temos muito a fazer se quisermos nos passar por mercadores.

– Mercadores?

– É esse o plano de Bayaz. Os mercadores costumam se arriscar à jornada para o oeste de Calcis a Darmium e até mais além, a Aostum. Ainda são grandes cidades, e bastante isoladas do mundo exterior. É possível ter lucros astronômicos levando luxos estrangeiros para lá: especiarias de Gurkhul, sedas de Suljuk, chagga do Norte. Dá para triplicar o investimento em um mês, se você sobreviver! Essas caravanas são uma visão comum, bem armadas e bem defendidas, claro.

– E os tais saqueadores e ladrões que andam pela planície? Não é exatamente atrás de mercadores que eles ficam?

– Claro – confirmou Pé Comprido. – Esse disfarce deve ser para nos defendermos de alguma outra ameaça. Uma dirigida especificamente contra nós.

– Contra nós? Outra ameaça? Precisamos de mais?

Porém Pé Comprido já estava longe e não o ouviu.

Pelo menos numa parte de Caldis a opulência do passado não havia sumido completamente. O salão para o qual foram levados pelos guardas, ou pelos sequestradores, era de fato glorioso.

Duas fileiras de colunas, altas como árvores da floresta, margeavam os dois lados do espaço cheio de ecos, esculpido em pedra verde polida riscada por reluzentes veios prateados. Lá no alto o teto era pintado com um intenso negro azulado, marcado por uma galáxia de estrelas brilhantes, constelações destacadas por linhas douradas. Uma piscina profunda e escura ocupava o espaço diante da porta, a água absolutamente estática refletindo tudo. Outro corredor sombreado abaixo. Outro céu noturno e sombreado mais além.

O legado imperial estava esparramado num divã sobre um tablado alto na outra extremidade do salão, tendo à frente uma mesa cheia de iguarias. Era um homem enorme, de rosto redondo e carnudo. Dedos pesados de anéis de ouro pegavam as guloseimas escolhidas e as jogavam na boca que esperava, os olhos jamais se afastando dos dois convidados, ou prisioneiros.

– Sou Salamo Narba, legado imperial e governador da cidade de Calcis – apresentou-se e mastigou por um tempo, depois cuspiu um caroço de azeitona, que tilintou ao bater num prato. – Você é quem chamam de o Primeiro dos Magos?

O mago inclinou a cabeça careca. Narba levantou uma taça, segurando a haste entre o indicador e o polegar pesados, tomou um gole de vinho, bochechou-o devagar enquanto os observava, depois engoliu.

– Bayaz – disse Narba.

– O próprio.

– Hum. Não quero ofendê-lo – começou o legado, pegando um garfo minúsculo e arrancando uma ostra da concha. – Mas sua presença na cidade me preocupa. A situação política do Império é... volátil – disse e então pegou a taça. – Mais ainda do que o usual.

Toma um gole, bochecha, engole.

– A última coisa de que preciso é alguém... alterando o equilíbrio.

– Mais volátil do que o usual? – perguntou Bayaz. – Achei que Sabarbus finalmente houvesse acalmado a situação.

– Acalmou à força, por um tempo – contrapôs o legado e arrancou um punhado de uvas rosadas de um cacho, depois se recostou nas almofadas, jogando-as uma a uma na boca escancarada. – Mas Sabarbus... morreu. Veneno, dizem. Os filhos dele, Scario... e Goltus... brigaram por causa das riquezas... depois guerrearam um contra o outro. Uma guerra excepcionalmente sangrenta,

mesmo para esta terra exaurida.

Ele parou um instante, para cuspir os caroços no tampo da mesa.

– Goltus ficou com a cidade de Darmium, no meio da grande planície. Scario usou o melhor general de seu pai, Cabrian, para sitiá-la. Não faz muito tempo, depois de cinco meses de cerco, sem provisões nem esperança de alívio... a cidade se rendeu – complementou Narba e mordeu uma ameixa madura, fazendo o caldo escorrer pelo queixo.

– Scario está perto da vitória, então.

– Rá – fez o legado e enxugou o rosto com a ponta do dedo mínimo, jogando o restante da fruta com indiferença na mesa antes de dizer: – Nem bem Cabrian tomou a cidade, pilhou os tesouros e a entregou para um saque brutal por parte dos soldados, ele mesmo se instalou no antigo palácio e se proclamou imperador.

– Ah. Você parece não se abalar.

– Choro por dentro, mas já vi tudo isso antes. Scario, Goltus e agora Cabrian. Três que se autonomearam imperadores, presos numa luta mortal, com os soldados devastando a terra, enquanto as poucas cidades que mantiveram a independência observam, horrorizadas, e fazem o máximo para escaparem incólumes do pesadelo.

Bayaz franziu a testa.

– Pretendo viajar para oeste. Atravessarei o Aos, e a ponte mais próxima fica em Darmium.

O legado balançou a cabeça.

– Dizem que Cabrian, sempre excêntrico, perdeu totalmente a razão. Que assassinou a esposa e se casou com suas três filhas. Que se declarou um deus vivo. Os portões da cidade estão lacrados para que ele possa vasculhar as ruas em busca de feiticeiros, demônios e traidores. Todo dia há novos corpos pendurados nas forcas públicas que ele ergueu em cada esquina. Ninguém tem permissão de entrar nem de sair. Estas são as notícias de Darmium.

Jezal ficou bastante aliviado ao escutar Bayaz dizendo:

– Então terá de ser em Aostum.

– Ninguém mais atravessará o rio em Aostum. Para fugir dos exércitos vingativos do irmão, Scario mandou seus engenheiros derrubarem a ponte depois que passou por ela.

– Ele a destruiu?

– Destruiu. Uma maravilha do Tempo Antigo que se manteve de pé durante dois mil anos. Nada resta. Para aumentar as dificuldades, houve chuvas fortes e o grande rio corre rápido e cheio. Os vaus são impossíveis de atravessar. Você não cruzará o Aos este ano, infelizmente.

– Eu preciso.

– Mas não vai conseguir. Se quiser meu conselho, eu deixaria o Império com seus sofrimentos e retornaria de onde vocês vieram. Aqui em Calcis sempre tentamos encontrar um meio-termo, permanecer neutros e firmemente afastados dos desastres que se abateram sobre o restante desta terra, um após o outro. Aqui ainda nos agarramos aos costumes de nossos ancestrais – disse e apontou para si mesmo para completar: – A cidade ainda é governada por um legado imperial, como no Tempo Antigo, e não por algum bandoleiro, algum chefe tribal mesquinho, algum falso imperador.

Ele balançou a mão frouxa indicando o rico salão ao redor.

– Aqui, contra todas as probabilidades, conseguimos manter algum vestígio da glória de antigamente, e não arriscarei isso. Seu amigo Zacharus esteve aqui há menos de um mês.

– Aqui?

– Ele me disse que Goltus era o imperador de direito e exigiu que eu o apoiasse. Escorracei-o com a mesma resposta que vou dar a você. Nós, em Calcis, estamos felizes como estamos. Não queremos fazer parte de suas tramas que só servem a vocês mesmos. Leve sua intromissão para fora daqui, mago. Dou-lhe três dias para sair da cidade.

Houve uma pausa longa e silenciosa enquanto os últimos ecos do discurso de Narba se esvaíam. Um momento longo e sufocante, no qual a testa de Bayaz foi ficando cada vez mais franzida. Um silêncio longo e cheio de expectativa, mas não totalmente vazio. Era um silêncio repleto de um medo crescente.

– Você me confundiu com algum outro homem? – rosnou Bayaz, e Jezal sentiu uma necessidade urgente de se afastar dele e se esconder atrás de uma daquelas colunas magníficas. – Sou o Primeiro dos Magos! O primeiro aprendiz do grande Juvens!

Sua raiva era como uma grande pedra comprimindo o peito de Jezal, expulsando o ar dos pulmões, esmagando a força de seu corpo. Bayaz levantou o punho carnudo.

– Esta é a mão que derrubou Kanedias! A mão que coroou Harod! *Você* ousa me *ameaçar*? É isso o que chama de glória de antigamente? Uma cidade encolhida em suas muralhas arruinadas como um guerreiro velho e murcho dentro de uma armadura grande demais, do tempo da sua juventude?

Narba se encolheu por trás de sua prataria e Jezal estremeceu, aterrorizado com a hipótese de o legado explodir a qualquer momento e cobrir o salão de sangue.

– Você acha que eu ligo a mínima para sua cidade, que mais parece um penico quebrado? – trovejou Bayaz. – Você me dá três dias para partir? Eu vou em um!

Ele então deu meia-volta e foi pisando firme pelo piso polido em direção à entrada, com os ecos sonoros de sua voz ainda ressoando nas paredes brilhantes, no teto reluzente.

Jezal se demorou um momento, fraco e trêmulo, depois foi arrastando os pés cheio de culpa, seguindo o Primeiro dos Magos e passando pelos guardas horrorizados e perplexos para ganhar a luz do dia.

A condição das defesas

Para o arquileitor Sult,
Chefe da Inquisição de Sua Majestade

Vossa Eminência,

Coloquei os membros do conselho governante de Dagoska a par de minha missão. O senhor não se surpreenderá ao descobrir que eles ficaram pouco satisfeitos com a súbita redução de seus poderes. Minha investigação sobre o desaparecimento do superior Davoust já está em curso e confio que os resultados não demorarão a chegar. Avaliarei as defesas da cidade o mais cedo possível e tomarei toda e qualquer providência necessária para garantir que Dagoska permaneça inexpugnável.

O senhor terá notícias minhas em breve. Até lá, sirvo e obedeço.

Sand dan Glokta,
Superior de Dagoska

O SOL SE infiltrava pelas ameias decadentes como se fosse um peso enorme. Entrava à força pelo chapéu de Glokta e batia em sua cabeça encurvada. Forçava a passagem através da capa preta e golpeava seus ombros tortos. Ameaçava espremer sua vida, comprimi-lo até que toda a água saísse de seu corpo, oprimi-lo até que caísse de joelhos. *Uma manhã fresca de outono na encantadora Dagoska.*

Enquanto o sol o atacava de cima, o vento salgado vinha pela frente. Varria o

mar aberto e a península nua, quente e cheio de poeira sufocante, golpeando as muralhas da cidade e cobrindo tudo com areia e sal. Ardia na pele suada de Glokta, arrancava a umidade de sua boca, coçava nos olhos e os fazia verter lágrimas ardentes. *Parece que até o clima quer se livrar de mim*.

A prática Vitari se equilibrava no parapeito ao lado dele, os braços abertos como uma artista de circo na corda bamba. Glokta franziu a testa para ela, uma forma negra e desengonçada contra o céu brilhante. *Ela poderia andar aqui embaixo e parar de se exibir. Mas pelo menos desse modo sempre há a chance de ela cair.* A muralha que delimitava a cidade tinha vinte passos de altura, pelo menos. Glokta se permitiu um sorriso levíssimo ao pensar na prática favorita do arquileitor escorregando, deslizando, caindo da muralha, as mãos agarrando o nada. *Quem sabe um grito de desespero enquanto ela tombasse para a morte?*

Mas não caiu. *Vaca. Está pensando no próximo relatório que fará para o arquileitor, sem dúvida. "O aleijado continua se debatendo como um peixe fora d'água. Ainda não descobriu o menor rastro de Davoust, ou de qualquer traidor, apesar de interrogar metade da cidade. O único homem que ele prendeu é membro da própria Inquisição..."*

Glokta protegeu os olhos com a mão e tentou enxergar sob o sol ofuscante. O istmo rochoso que conectava Dagoska ao continente se estendia para longe dele, não mais do que umas poucas centenas de passos de largura no ponto mais estreito, com o mar reluzente nos dois lados. A estrada que partia dos portões da cidade era uma tira marrom que atravessava o mato baixo amarelo, cortando para o sul em direção aos morros secos do continente. Algumas aves marinhas de aparência lamentável guinchavam e descreviam círculos acima da pista elevada, mas não havia outros sinais de vida.

– Posso pegar sua luneta emprestada, general?

Vissbruck abriu a luneta e bateu-a, carrancudo, na mão estendida de Glokta. *Obviamente ele acha que tem coisas melhores a fazer do que me mostrar as defesas.* O general respirava pesadamente, mantendo-se rígido em posição de sentido, com seu uniforme impecável e o rosto rotundo brilhando de suor. *Está fazendo o máximo para manter a postura profissional. A postura é a única coisa profissional nesse imbecil, mas, como diz o arquileitor, devemos trabalhar com as ferramentas que temos.* Glokta levou o tubo de latão ao olho.

Os gurkenses haviam construído uma paliçada, uma cerca alta feita de estacas

de madeira que atravessava as colinas, separando Dagoska do continente. Havia barracas espalhadas do outro lado, fios de fumaça subindo de fogueiras montadas para cozinhar, aqui e ali. Glokta podia apenas vislumbrar figuras minúsculas movendo-se, sol brilhando em metal polido. *Armas e armaduras, ambos em grande quantidade.*

– Antigamente vinham caravanas do continente – murmurou Vissbruck. – No ano passado era uma centena delas todos os dias. Então os soldados do imperador começaram a chegar e os mercadores diminuíram. Eles terminaram a cerca faz uns dois meses. Desde então não chega nem um jumento aqui. Agora tudo precisa vir de navio.

Glokta examinou a cerca e os acampamentos atrás, desde o mar de um lado até o mar do outro. *Eles estão simplesmente flexionando os músculos, fazendo uma demonstração de força? Ou estão levando isso a sério? Os gurkenses adoram uma exibição, mas também não deixam de gostar de uma boa luta – foi assim que conquistaram quase todo o Sul, mais ou menos.* Ele baixou a luneta.

– Quantos gurkenses, o senhor acha?

Vissbruck deu de ombros.

– É impossível dizer. Pelo menos cinco mil, suponho, mas pode haver muitos mais por trás daquelas colinas. Não temos como saber.

Cinco mil. Pelo menos. Se é uma demonstração de força, é das boas.

– Quantos homens nós temos?

Vissbruck demorou a responder.

– Tenho por volta de seiscentos soldados da União sob meu comando.

Por volta de seiscentos? Por volta de? Seu jumento imbecil! Quando eu era soldado, sabia o nome de cada homem do meu regimento e quem era mais adequado a que tarefas.

– Seiscentos? Só isso?

– Também há mercenários na cidade, mas eles não são de confiança e frequentemente causam problemas. Na minha opinião, são uma opção pior do que ter nada.

Eu pedi números, não opiniões.

– Quantos mercenários?

– Talvez mil, agora, talvez mais.

– Quem os comanda?

– Um estiriano. É chamado de Cosca.

– Nicomo Cosca? – perguntou Vitari, que olhava de cima do parapeito, com uma sobrancelha erguida.

– Você o conhece?

– Pode-se dizer que sim. Achei que ele estivesse morto, mas parece que não há justiça no mundo.

Nisso ela está certa. Glokta se virou para Vissbruck.

– Esse tal Cosca presta contas ao senhor?

– Não exatamente. Os mercadores de especiarias o pagam, de modo que ele presta contas à mestra Eider. Na teoria, ele deveria seguir minhas ordens...

– Mas só segue as dele próprio?

Pela expressão no rosto do general, Glokta pôde ver que estava certo. *Mercenários. Uma espada de dois gumes, se é que isso existe. Dedicados, enquanto você puder pagar e desde que confiança não seja sua prioridade.*

– E os homens de Cosca são o dobro da quantidade dos nossos. – *Parece que, em termos das defesas da cidade, estou falando com o homem errado. Mas talvez haja uma coisa que ele possa me esclarecer.* – O senhor sabe o que foi feito do meu antecessor, o superior Davoust?

O general Vissbruck se remexeu, incomodado.

– Não faço ideia. Os movimentos dele não eram do meu interesse.

– Hum – murmurou Glokta, puxando o chapéu mais para baixo quando outro sopro poeirento bateu nas muralhas. – O desaparecimento do superior da Inquisição na cidade não é de seu interesse?

– Nenhum – disse rispidamente o general. – Nós raramente tínhamos motivos para falar um com o outro. Davoust era conhecido por sua personalidade ácida. A meu ver, a Inquisição tem suas responsabilidades e eu tenho as minhas.

Irritadinho, irritadinho. Mas todo mundo está assim desde que cheguei à cidade. Seria de pensar que não me querem aqui.

– O senhor tem suas responsabilidades, não é? – falou Glokta.

Arrastou os pés até o parapeito, levantou a bengala e cutucou um trecho de alvenaria frouxa, não longe do calcanhar de Vitari. Um pedaço de pedra se soltou e caiu no espaço. Alguns instantes depois ele o ouviu bater no fosso lá embaixo. Virou-se para Vissbruck.

– Sendo o comandante das defesas da cidade, o senhor consideraria que a

manutenção da muralha é de sua responsabilidade?

Vissbruck se enfureceu.

– Eu fiz todo o possível!

Glokta contou com os dedos da mão livre.

– A muralha que delimita a cidade está desmoronando e é mal vigiada. O fosso está tão cheio de terra que mal existe. Os portões não são substituídos há anos e estão caindo aos pedaços. Se os gurkenses atacassem amanhã, acredito que estaríamos numa situação lamentável.

– Não devido a algum descuido da minha parte, posso garantir! Com o calor, o vento e o sal do mar, a madeira e o metal apodrecem em pouco tempo, e a pedra não dura muito mais que eles! O senhor percebe o tamanho da tarefa?

O general indicou a vastidão da altíssima muralha, que se curvava até o mar dos dois lados. Mesmo ali, no topo, o parapeito tinha largura suficiente para que uma carroça passasse sobre ela, e ela era muito mais grossa na base.

– Tenho poucos pedreiros hábeis e pouquíssimo material! O que o Conselho Fechado me dá mal paga pela manutenção da Cidadela! E o dinheiro dos mercadores de especiarias não consegue manter a muralha da Cidade Alta em boas condições...

Idiota! Quase seria possível acreditar que ele não pretendia mesmo defender a cidade.

– A Cidadela não pode receber suprimentos por mar se o restante de Dagoska estiver nas mãos dos gurkenses, estou certo?

Vissbruck piscou.

– Bem, não pode, mas...

– Os muros da Cidade Alta podem manter os nativos onde estão, mas são extensos demais, baixos demais e finos demais para suportarem um ataque organizado por um período longo, não concorda?

– É, acho que sim, mas...

– Então qualquer plano que trate a Cidadela, ou a Cidade Alta, como nossa principal linha de defesa é um plano que só joga com o tempo. Tempo para a chegada de ajuda. Ajuda que, com nosso exército comprometido a centenas de léguas em Angland, pode demorar muito a aparecer. – *Que jamais aparecerá*. – Se a muralha externa for vencida, a cidade está condenada – disse Glokta e então bateu com a bengala nas pedras empoeiradas sob os pés. – É aqui que

precisamos lutar contra os gurkenses e é aqui que devemos mantê-los do lado de fora. Todo o resto é irrelevante.

– Irrelevante – entoou Vitari para si mesma ao saltar de uma parte do parapeito para outra.

O general estava franzindo a testa.

– Só posso fazer o que o lorde governador e o conselho me instruem a fazer. A Cidade Baixa sempre foi considerada dispensável. Não sou responsável pela política geral...

– Eu sou – afirmou Glokta e sustentou o olhar de Vissbruck por longo tempo. – De agora em diante, todos os nossos recursos serão direcionados para o conserto e o reforço das muralhas externas. Novos parapeitos, novo portão, cada pedra quebrada deve ser substituída. Não quero ver uma rachadura sequer por onde uma formiga possa passar, quanto mais um exército gurkense.

– Mas quem fará o serviço?

– Foram os nativos que construíram essa coisa, não foram? Eles devem ter homens hábeis. Procure-os e contrate-os. Quanto ao fosso, quero que fique bem abaixo do nível do mar. Se os gurkenses vierem, poderemos inundá-lo e transformar a cidade numa ilha.

– Mas isso pode demorar meses!

– O senhor tem duas semanas. Talvez nem tanto. Coloque no serviço todo homem que estiver ocioso. Mulheres e crianças também, se forem capazes de pegar numa pá.

Vissbruck franziu a testa para Vitari.

– E que tal o seu pessoal da Inquisição?

– Ah, eles estão ocupados demais fazendo perguntas, tentando descobrir o que aconteceu com o antigo superior. Ou estão me vigiando, e vigiando meus aposentos, e os portões da cidade dia e noite, tentando garantir que a mesma coisa não aconteça com o atual. Seria uma vergonha, hein, Vissbruck?, se eu desaparecesse antes que as defesas estivessem prontas.

– Claro, superior – murmurou o general.

Mas acho que sem grande entusiasmo.

– Todos os demais também devem trabalhar, inclusive seus soldados.

– Mas o senhor não pode esperar que meus homens...

– Espero que cada homem faça a sua parte. Qualquer um que não goste disso

pode voltar para Adua. Pode voltar e explicar sua relutância ao arquileitor – comandou Glokta e depois deu seu sorriso banguela para o general ao completar: – Ninguém é insubstituível, general, absolutamente ninguém.

Havia um bocado de suor no rosto rosado de Vissbruck, gotas enormes. O colarinho rígido do uniforme estava escuro de umidade.

– Claro, cada homem deve fazer sua parte! O trabalho no fosso vai começar imediatamente! – garantiu ele, com uma tentativa débil de sorrir. – Convocarei cada homem, mas vou precisar de dinheiro, superior. Quando as pessoas trabalham, precisam ser pagas, até os nativos. E vamos precisar de materiais, tudo precisa ser trazido pelo mar...

– Pegue emprestado o que for necessário para começar. Use crédito. Prometa tudo e não dê nada por enquanto. Sua Eminência fornecerá o que for preciso. – *É melhor que forneça.* – Quero relatórios sobre seu progresso todas as manhãs.

– Todas as manhãs, sim.

– Tem muito o que fazer, general. Eu começaria logo.

Vissbruck parou um momento, como se não soubesse se deveria prestar continência ou não. Por fim, simplesmente deu meia-volta e saiu. *Será apenas o ressentimento de um soldado recebendo ordens de um civil ou algo mais? Será que estou atrapalhando seus planos cuidadosamente elaborados? Planos de vender a cidade aos gurkenses, talvez?*

Vitari saltou do parapeito para o caminho sobre a muralha.

– Sua Eminência fornecerá o que for preciso? O senhor terá sorte se conseguir isso.

Glokta franziu a testa para as costas da mulher enquanto ela se afastava, depois olhou preocupado para as colinas do continente, e então para a Cidadela. *Perigo de todos os lados. Preso entre o arquileitor e os gurkenses e sem ninguém por companhia, a não ser um traidor desconhecido. Será um espanto se eu durar um dia.*

Um otimista convicto poderia chamar o local de espelunca. *Mas ele dificilmente mereceria esse título.* Era um barraco fedendo a mijo com algumas

peças de mobília, tudo manchado de suor antigo e sujeira recente. *Uma espécie de fossa da qual tiraram metade da bosta.* Fregueses e funcionários eram indistinguíveis: nativos bêbados, cheios de lêndeas, estirados no calor. Nicomo Cosca, famoso mercenário, esparramado no meio dessa cena de devassidão, dormindo a sono solto.

Sua cadeira precária se equilibrava nas pernas traseiras, com o encosto apoiado na parede suja. Cosca tinha um dos pés na mesa à frente. A bota provavelmente já havia sido boa e vistosa, de couro estiriano preto com espora e fivelas douradas. *Não era mais*. O cano estava frouxo e acinzentado, gasto pelo uso excessivo. A espora estava quebrada, o dourado das fivelas descascando e o ferro por baixo com marcas de ferrugem. Uma bolha rosada espiava Glokta através de um buraco na sola.

Dificilmente uma bota seria mais adequada ao dono. O bigode comprido de Cosca, que sem dúvida deveria ser encerado à moda de um dândi estiriano, caía frouxo e sem vida ao redor da boca entreaberta. Os pelos do pescoço e do queixo não eram raspados fazia ao menos uma semana: estavam a caminho de se tornarem uma barba de verdade. Um eczema escamoso surgia acima do colarinho. O cabelo seboso se projetava da cabeça em todos os ângulos, a não ser por um grande trecho careca no cocuruto, de um vermelho furioso, queimado de sol. O suor porejava na pele frouxa, enquanto uma mosca preguiçosa se arrastava no rosto gorducho. Havia uma garrafa vazia ao lado dele na mesa. Outra, pela metade, estava aninhada em seu colo.

Vitari olhou aquela imagem de negligência bêbada com uma expressão de desprezo claramente perceptível, apesar da máscara.

– Então é verdade, você ainda está vivo.

Nem tanto.

Cosca abriu um olho vermelho, piscou, estreitou os olhos e depois começou a sorrir lentamente.

– Shylo Vitari, eu juro. O mundo ainda pode me surpreender.

Ele remexeu a boca num riso desajeitado, olhou para baixo e viu a garrafa no colo, levantou-a e tomou um gole comprido, sedento. Goles profundos, como se fosse água. *Um bêbado experiente, como se restasse alguma dúvida. Nem de longe o homem a quem alguém escolheria para a defesa da cidade, à primeira vista.*

– Nunca esperei ver você de novo. Por que não tira a máscara? Ela me rouba sua beleza.

– Guarde o papo para as suas putas, Cosca. Não preciso pegar essa doença que você tem.

O mercenário soltou um som borbulhante, meio riso, meio tosse.

– Você ainda tem os modos de uma princesa – chiou ele.

– Então essa latrina deve ser um palácio.

Cosca deu de ombros.

– Tudo tem a mesma aparência quando você está suficientemente bêbado.

– Você acha que algum dia vai estar suficientemente bêbado?

– Não. Mas vale a pena tentar.

Como se quisesse provar seu argumento, ele mamou mais um bocado na garrafa.

Vitari se sentou na beira da mesa.

– E o que traz você aqui? Achei que estivesse ocupado espalhando o cancro pela Estíria.

– Minha popularidade em casa diminuiu um pouco.

– Abusou das vezes em que esteve nos dois lados da mesma disputa, não foi?

– Algo assim.

– Mas os dagoskenses o receberam de braços abertos?

– Eu preferiria que você me recebesse de pernas abertas, mas não se pode ter tudo. Quem é o seu amigo?

Com um pé dolorido, Glokta puxou uma cadeira bamba e se acomodou, torcendo para que ela aguentasse seu peso. *Despencar no chão no meio de um punhado de paus quebrados não transmitiria uma boa imagem, não?*

– Meu nome é Glokta – apresentou-se, esticando o pescoço suado para um dos lados, depois para o outro. – Superior Glokta.

Cosca o olhou por um longo tempo. Seus olhos estavam injetados, fundos, com pálpebras pesadas. *No entanto ele está avaliando o assunto. Talvez não esteja tão bêbado quanto quer dar a entender.*

– O mesmo que lutou em Gurkhul? O coronel da cavalaria?

Glokta sentiu sua pálpebra estremecer. *Não se pode dizer que sou o mesmo homem, mas mesmo assim fui surpreendentemente bem lembrado.*

– Deixei de ser soldado há alguns anos. Estou surpreso por ter ouvido falar de

mim.

– Um lutador deve conhecer seus inimigos, e um guerreiro contratado nunca sabe quem pode ser seu próximo inimigo. Vale saber quem é quem, nos círculos militares. Ouvi seu nome ser mencionado, há algum tempo, como um homem digno de nota. Ousado e inteligente, foi o que ouvi dizer, mas imprudente. Foi a última notícia que tive. E aqui está você, numa linha diferente de trabalho. Fazendo perguntas.

– A imprudência não funcionou para mim, no fim das contas – comentou Glokta e deu de ombros. – E a gente precisa fazer alguma coisa com o tempo que tem.

– Claro. Jamais duvide das escolhas dos outros, é o que eu digo. Não sabemos dos motivos deles. Veio aqui tomar uma bebida, superior? Eles não têm nada além desse mijo, infelizmente – disse, balançando a garrafa. – Ou você tem perguntas para mim?

Isso eu tenho, e muitas.

– Você tem alguma experiência com cercos?

– Experiência – quase gritou Cosca. – Experiência, você está perguntando? Rá! Experiência é uma coisa que não me falta...

– Não – resmungou Vitari por cima do ombro. – Mas disciplina e lealdade...

– É, bem... – fez Cosca, franzindo a testa para as costas dela. – Isso depende de a quem você pergunte. Mas estive em Etrina e em Muris. Foram dois cercos difíceis. E sitiei Visserine durante alguns meses e quase consegui a cidade, só que aquela diaba Mercatto me pegou desprevenido. Veio com a cavalaria antes do amanhecer, com o sol por trás e coisa e tal, um truque muito hostil, aquela vaca...

– Ouvi dizer que na ocasião você estava apagado de tão bêbado – contrapôs Vitari.

– É, bem... Depois sustentei Borletta contra o grão-duque Orso durante seis meses...

Vitari bufou.

– Até que ele o pagou para abrir os portões.

Cosca deu um riso sem graça.

– Era uma quantidade enorme de dinheiro. Mas ele jamais entrou lutando! Esse crédito você precisa me dar, não é, Shylo?

– Ninguém precisa lutar contra você, desde que traga a bolsa.

O mercenário riu.

– Eu sou o que sou e nunca disse que era outra coisa.

– Então você é conhecido por trair os empregadores? – perguntou Glokta.

O estiriano parou a garrafa a meio caminho da boca.

– Fico totalmente ofendido, superior. Nicomo Cosca pode ser mercenário, mas ainda existem regras. Eu só daria as costas a um empregador em uma situação.

– E qual seria?

Corsa riu.

– Alguém me oferecer mais.

Ah, o código dos mercenários. Alguns homens fazem qualquer coisa por dinheiro. A maioria faz qualquer coisa pela quantia certa. Talvez até provocar o sumiço de um superior da Inquisição.

– Sabe o que foi feito do meu antecessor, o superior Davoust?

– Ah, a charada do torturador invisível!

Cosca coçou pensativamente a barba suada, cutucou um pouco o eczema no pescoço e examinou o resultado, preso embaixo da unha.

– Quem sabe ou se importa? O sujeito era um porco. Eu o conheci pouco e não gostei. Ele tinha muitos inimigos e, caso não tenha notado, isso aqui é um verdadeiro ninho de cobras. Se está perguntando quem o picou, bem... esse não é o seu serviço? Eu estava ocupado aqui. Bebendo.

Não é muito difícil acreditar.

– Qual seria sua opinião sobre nosso amigo, o general Vissbruck?

Cosca encolheu os ombros e afundou mais um pouco na cadeira.

– O sujeito é uma criança. Brincando de soldado. Remendando seu castelinho e sua cerquinha, quando o que importa é a grande muralha. Se perder isso, o jogo está acabado.

– Andei pensando exatamente o mesmo. – *Talvez a defesa da cidade pudesse estar em mãos piores, afinal de contas.* – O trabalho na muralha externa já começou, e no fosso do lado de fora dela. Espero enchê-lo.

Cosca levantou uma sobrancelha.

– Bom. Enchê-lo. Os gurkenses não gostam muito de água. São maus marinheiros. Enchê-lo. Muito bem.

Ele inclinou a cabeça para trás e sugou as últimas gotas da garrafa, depois a jogou no chão imundo, enxugou a boca com a mão suja e a limpou na frente da camisa manchada de suor.

– Pelo menos alguém sabe o que está fazendo. Talvez quando os gurkenses atacarem possamos durar mais do que alguns dias, hein?

Desde que não sejamos traídos antes.

– Nunca se sabe. Talvez os gurkenses não ataquem.

– Ah, espero que ataquem.

Cosca enfiou a mão embaixo da cadeira e pegou outra garrafa. Havia um brilho em seus olhos quando ele tirou a rolha com os dentes e a cuspiu longe.

– Eu sou pago em dobro quando a luta começa.

Era fim de tarde e uma brisa misericordiosa atravessava a sala de audiências. Glokta se encostou na parede junto à janela, olhando as sombras se estenderem na cidade abaixo.

O lorde governador o fazia esperar. *Tentando me dar a entender que continua no comando, independentemente do que o Conselho Fechado diga*. Mas Glokta não se incomodava em ficar parado por um tempo. O dia fora cansativo. Andando pela cidade no calor de assar, examinando as muralhas, os portões, as tropas. Fazendo perguntas. *Perguntas para as quais ninguém tinha respostas satisfatórias.* Sua perna latejava, as costas doíam, a mão estava quase em carne viva, de tanto segurar a bengala. *Mas nada pior do que o usual. Ainda estou de pé. Foi um bom dia, no todo.*

O sol reluzente estava envolto em fileiras de nuvens laranja. Por baixo, um longo calço de mar brilhava prateado na última luz do dia. A muralha que delimitava a cidade já havia mergulhado metade dos barracos da Cidade Baixa na escuridão profunda e as sombras dos altos pináculos do grande templo se esticavam sobre os telhados da Cidade Alta, esgueirando-se pelas encostas em direção à Cidadela. Os morros no continente não passavam de uma insinuação distante, cheios de sombras. *E apinhados de soldados gurkenses. Vigiando-nos enquanto nós os vigiamos, sem dúvida. Vendo-nos cavar os fossos, remendar a*

muralha, reforçar os portões. Por quanto tempo ficarão satisfeitos em apenas olhar? Quanto tempo vai demorar até que o sol se ponha para nós?

A porta se abriu e Glokta virou a cabeça, estremecendo quando seu pescoço estalou. Era o filho do lorde governador, Korsten dan Vurms. Ele fechou a porta depois de passar e foi andando com segurança pelo salão, os saltos de metal estalando no piso de mosaicos. *Ah, a flor da nobreza da União. A sensação de honra é quase palpável. Ou será que alguém peidou?*

– Superior Glokta! Espero não tê-lo deixado esperando.

– Deixou – disse Glokta enquanto arrastava os pés até a mesa. – É o que acontece quando se chega atrasado para um compromisso.

Vurms franziu a testa ligeiramente.

– Então peço desculpas – disse no tom menos sentido possível. – O que está achando da nossa cidade?

– Quente e cheia de degraus – falou Glokta e se deixou cair numa das cadeiras luxuosas. – Onde está o lorde governador?

A testa se franziu ainda mais.

– Infelizmente meu pai não está bem e não pode recebê-lo. O senhor entende que ele está velho e precisa descansar. Mas posso falar por ele.

– Pode mesmo? E o que os dois têm a dizer?

– Meu pai está muito preocupado com o trabalho que o senhor está fazendo com as defesas. Disseram-me que os soldados do rei foram postos para cavar buracos na península, em vez de defender as muralhas da Cidade Alta. O senhor percebe que isso nos deixa à mercê dos nativos?

Glokta bufou.

– Os nativos são cidadãos da União, não importa quanto se mostrem relutantes. Acredite, eles são mais propensos à misericórdia do que os gurkenses. *– Da misericórdia destes tenho experiência em primeira mão.*

– Eles são primitivos! – zombou Vurms. – E muito perigosos! O senhor não está aqui há tempo suficiente para entender a ameaça que eles representam para nós! O senhor deveria conversar com Harker. Ele tem as ideias certas com relação aos nativos.

– Já falei com Harker e não gostei das ideias dele. Suspeito até que ele tenha sido obrigado a repensá-las, lá embaixo, no escuro. *– Suspeito que as esteja repensando agora mesmo, o mais depressa que seu cérebro de ervilha permite. –*

Quanto às inquietações do seu pai, ele não precisa se preocupar mais com a defesa da cidade. Visto que ele é um velho que precisa descansar, não tenho dúvida de que ficará feliz em me passar essa responsabilidade.

Um espasmo de raiva atravessou as belas feições de Vurms. Ele abriu a boca para soltar algum palavrão, mas evidentemente desistiu. *E é melhor assim.* Recostou-se na cadeira, esfregando um polegar com um indicador, pensativamente. Quando falou, foi com um sorriso amigável e uma suavidade encantadora. *Agora vem a lisonja.*

– Superior Glokta, sinto que começamos com o pé errado...

– Eu só tenho um pé que funciona.

O sorriso de Vurms vacilou um pouco, mas ele foi em frente.

– Está claro que o senhor dá as cartas por enquanto, mas meu pai tem muitos amigos na Terra do Meio. Eu posso ser um estorvo significativo para o senhor, se quiser. Um estorvo significativo ou uma grande ajuda...

– Fico feliz que tenha optado por cooperar. Pode começar me contando o que foi feito do superior Davoust.

O sorriso sumiu completamente.

– Como vou saber?

– Todo mundo sabe alguma coisa. – *E alguém sabe mais do que os outros. É você, Vurms?*

O filho do lorde governador pensou um momento. *É burro ou culpado? Está tentando encontrar formas de me ajudar ou de encobrir seus rastros?*

– Sei que os nativos o odiavam. Eles viviam tramando contra nós, e Davoust era incansável em perseguir os desleais. Não tenho dúvida de que caiu vítima de alguma trama deles. Se eu fosse o senhor, estaria fazendo perguntas na Cidade Baixa.

– Ah, eu tenho bastante confiança em que as respostas estão aqui, na Cidadela.

– Não comigo – disse Vurms rispidamente, olhando Glokta de cima a baixo. – Acredite: eu me sentiria muito mais feliz se Davoust ainda estivesse conosco.

Talvez sim ou talvez não, mas hoje não conseguiremos respostas.

– Muito bem. Fale sobre as provisões da cidade.

– As provisões?

– Comida, Korsten, comida. Sei que, desde que os gurkenses fecharam as

rotas terrestres, tudo deve ser trazido pelo mar. Alimentar o povo é certamente uma das preocupações mais prementes de um governador.

– Meu pai se importa com as necessidades de seu povo em qualquer eventualidade! – reagiu Vurms. – Temos provisões para seis meses!

– Seis meses? Para todos os habitantes?

– Claro.

Melhor do que eu esperava. Menos uma coisa com a qual me preocupar, pelo menos, no meio desse emaranhado de preocupações.

– A não ser que os nativos contem – acrescentou Vurms, como se isso não fosse importante.

Glokta ponderou por um segundo.

– E o que eles vão comer, caso os gurkenses sitiem a cidade?

Vurms deu de ombros.

– Eu realmente não havia pensado nisso.

– É mesmo? E o que acha que vai acontecer quando eles começarem a passar fome?

– Bom...

– Caos, é o que vai acontecer! Não podemos manter a cidade tendo quatro quintos da população contra nós! – alertou Glokta e sugou as gengivas vazias, indignado. – Você irá falar com os mercadores, vai garantir provisões para seis meses! Para todo mundo! Quero seis meses de suprimentos até para os ratos dos esgotos!

– Está pensando que eu sou o quê? – zombou Vurms. – Seu moleque de recados?

– Acho que você é o que eu mandar que seja.

Qualquer traço amigável havia desaparecido do rosto de Vurms.

– Eu sou filho do lorde governador! Recuso-me a ser tratado dessa forma!

As pernas de sua cadeira guincharam furiosamente quando ele se pôs de pé num salto e foi andando para a porta.

– Ótimo – murmurou Glokta. – Todo dia há um barco que parte para Adua. Um barco rápido, que leva a carga diretamente para a Casa das Perguntas. Lá irão tratá-lo de modo diferente, acredite. Posso facilmente arranjar uma passagem para você.

Vurms parou.

– Você não ousaria!

Glokta sorriu. Seu sorriso mais nauseante, superior, desdentado.

– Você precisaria ser muito corajoso para apostar sua vida no que eu ousaria ou não fazer. Até que ponto vai a sua coragem?

O rapaz passou a língua pelos lábios, mas não sustentou o olhar de Glokta por muito tempo. *Achei que não. Ele me lembra meu amigo, o capitão Luthar. Todo pose e arrogância, mas sem nenhum caráter para sustentar isso. Basta cutucá-lo com um alfinete e ele afrouxa feito um odre furado.*

– Comida para seis meses. Seis meses para todo mundo. E garanta que isso seja feito imediatamente. – *Moleque de recados.*

– Claro – resmungou Vurms, ainda olhando sério para o chão.

– Então poderemos começar a falar sobre a água. Os poços, as cisternas, as bombas. As pessoas vão precisar de alguma coisa para ajudar a engolir o resultado de todo o seu trabalho duro, não é? Você vai prestar contas a mim todas as manhãs.

Os punhos de Vurms se cerraram e se abriram nas laterais do corpo, os músculos do maxilar trabalharam com fúria.

– Claro – conseguiu murmurar.

– Claro. Pode ir.

Glokta o observou se afastar pisando firme. *E só falei com dois dos quatro. Dois de quatro, e fiz dois inimigos. Vou precisar de aliados para ter sucesso aqui. Sem aliados, não vou durar, independentemente dos documentos que tenha. Sem aliados, não manterei os gurkenses do lado de fora, se eles decidirem tentar entrar. Pior: ainda não sei nada sobre Davoust. Um superior da Inquisição desaparecido. Tenhamos esperança de que o arquileitor seja paciente.*

Esperança. Arquileitor. Paciência. Glokta franziu a testa. *Jamais houve três palavras que combinassem menos.*

A questão da confiança

A RODA DA carroça deu uma volta lentamente e guinchou. Deu outra volta e guinchou. Ferro olhou torto para ela. Roda desgraçada. Carroça desgraçada. Transferiu seu desdém da carroça para o cocheiro.

Aprendiz desgraçado. Ela não confiava nem um pouco no sujeito. Os olhos dele se viraram rapidamente para ela, demoraram-se por um momento insultuoso e em seguida se afastaram de novo. Como se ele soubesse algo sobre Ferro que ela própria desconhecesse. Isso a deixava com raiva. Olhou em seguida para o primeiro cavalo e seu cavaleiro.

Garoto desgraçado da União, com as costas eretas, montado na sela como um rei no trono, como se nascer com um rosto harmonioso fosse um feito do qual devesse sentir um orgulho sem fim. Ele era bonito, bem arrumado e refinado feito uma princesa. Ferro deu um sorriso amargo para si mesma. A princesa da União, era o que ele era. Odiava as pessoas de aparência refinada mais ainda do que as feias. A beleza jamais era digna de confiança.

Seria preciso procurar muito longe para achar alguém menos bonito do que o grande desgraçado de nove dedos. Ele montava na sela com o corpo frouxo, como um grande saco de arroz. Movendo-se lento, coçando-se, fungando, mastigando feito uma vaca enorme. Tentando parecer alguém que não carregasse nenhuma morte, nenhuma fúria insana, nenhum demônio. Ferro sabia que não era o caso. Ele assentiu e ela torceu a cara em resposta. Ele era um diabo usando pele de vaca, e ela não se deixava enganar.

Mas era melhor do que o maldito navegador. Sempre falando, sempre sorrindo, sempre gargalhando. Ferro odiava conversas, sorrisos e gargalhadas, cada uma dessas coisas mais do que a anterior. Homenzinho idiota com suas histórias idiotas. Por baixo de todas as suas mentiras, ele estava tramando, observando, dava para ver.

Com isso restava o Primeiro dos Magos, e ela confiava nele menos do que em todos os demais. Via o olhar dele se desviando para a carroça. Olhando o saco no qual havia posto a caixa. A caixa quadrada, cinza, opaca, pesada. Ele achava que ninguém tinha visto, mas ela vira. Cheio de segredos, era o que ele era. Careca desgraçado, com o pescoço grosso e o cajado de madeira, agindo como se não tivesse feito nada além do bem em toda a vida, como se não soubesse explodir um homem.

– Porra de rosados malditos – sussurrou consigo mesma.

Em seguida se inclinou e cuspiu na trilha, olhando irada para as cinco costas que iam à frente. Por que tinha deixado que Yulwei a convencesse a entrar nessa loucura? Uma viagem para o oeste frio, onde ela não tinha nada que fazer. Deveria estar no Sul, lutando contra os gurkenses.

Fazendo-os pagar pelo que lhe deviam.

Xingando silenciosamente o nome de Yulwei, seguiu os outros até a ponte. Parecia antiga – pedras esburacadas, com manchas de líquen, a superfície com sulcos fundos por onde haviam passado rodas de carroças. Milhares de anos de carroças rodando para lá e para cá. O rio gorgolejava embaixo do arco único, a água fria de rachar correndo rápido. Uma cabana baixa ficava encravada ao lado da ponte, entortada na paisagem ao longo dos anos. Alguns fios de fumaça eram arrancados da chaminé e espalhados pelo vento cortante.

Um soldado estava do lado de fora, sozinho. Devia ter perdido no palitinho. Ele se encolhia contra a parede, envolto numa capa grossa, com a crina que ornava o elmo sendo chicoteada para um lado e para outro pelo vento e a lança ignorada a seu lado. Bayaz puxou as rédeas do cavalo antes da ponte e assentiu na direção do outro lado.

– Vamos entrar na planície. Na direção de Darmium.

– Não aconselho. Lá é perigoso.

Bayaz sorriu.

– Perigos significam lucros.

– Os lucros não fazem parar uma flecha, amigo – assegurou o soldado e então os avaliou de cima a baixo, um por um, e fungou. – É um grupo variado, não é?

– Pego bons guerreiros onde os encontro.

– Claro.

O soldado olhou para Ferro e ela devolveu uma carranca.

– Muito durões, tenho certeza, mas o fato é que a planície é mortal, agora mais do que nunca. Alguns mercadores ainda vão para lá, mas não voltam. O louco Cabrian tem guerreiros por aí, ansiosos para saquear. Scario e Goltus também, eles são pouco melhores. Nós mantemos alguma lei deste lado do riacho, mas do lado de lá vocês estarão por conta própria. Não haverá nenhum tipo de ajuda se forem apanhados na planície. – Ele fungou de novo. – Nenhuma ajuda mesmo.

Bayaz assentiu, sério.

– Não estamos pedindo ajuda – falou e em seguida esporeou o cavalo, que começou a trotar pela ponte, até a estrada do outro lado.

Os outros foram atrás: Pé Comprido primeiro, depois Luthar, em seguida Nove Dedos. Quai sacudiu as rédeas e a carroça passou fazendo barulho. Ferro fechou a retaguarda.

– Nenhuma ajuda mesmo! – gritou o soldado atrás dela, antes de se encolher de novo contra a parede áspera de sua cabana.

A grande planície.

Deveria ser uma terra boa para cavalgar, uma terra tranquila. Ferro poderia ver um inimigo aproximar-se a quilômetros de distância, mas não viu ninguém. Só o enorme tapete de capim alto, ondulando e se sacudindo ao vento, estendendo-se em todas as direções até o horizonte distante, muito distante. Só a estrada quebrava a monotonia, uma linha de capim mais baixo e mais seco, marcada por retalhos de terra preta nua, cortando a planície reta como o voo de uma flecha.

Ferro não gostou daquela uniformidade na imensidão. Franzia a testa enquanto cavalgavam, espiando à esquerda e à direita. Nas Terras Ruins de Kanta o solo estéril era cheio de coisas que o distinguia – pedregulhos quebrados, vales ressequidos, árvores secas lançando as sombras como garras, fendas distantes no chão cheio de tons, cordilheiras claras salpicadas de luz. Nas Terras Ruins de Kanta o céu era vazio, imóvel, um arco luminoso que sustentava nada além do sol ofuscante de dia e as estrelas brilhantes à noite.

Aqui tudo era estranhamente invertido. O terreno não tinha nada que o distinguisse, mas o céu era cheio de movimento, cheio de caos. Nuvens altíssimas se erguiam sobre a planície, as escuras e as claras redemoinhando juntas em espirais colossais, viajando com o vento forte sobre o capim, mudando, girando, rasgando-se e fundindo-se rapidamente, lançando sombras monstruosas que fluíam na terra acovardada, ameaçando esmagar os seis cavaleiros minúsculos e sua carroça minúscula com um dilúvio capaz de afogar o mundo. Tudo isso sobre os ombros encolhidos de Ferro, a ira de Deus concretizando-se.

Era uma terra estranha, onde ela não tinha lugar. Precisava de motivos para estar ali, bons motivos.

– Você, Bayaz! – gritou, chegando ao lado dele. – Aonde nós vamos?

– Hã – grunhiu ele, franzindo a testa para olhar por cima do capim que acenava, desde o nada até o nada. – Vamos para o oeste, atravessando a planície, o grande rio Aos, até as montanhas Partidas.

– E depois?

Ela viu as rugas leves em volta dos olhos dele, por cima do nariz, ficarem mais fundas, viu seus lábios se juntarem com força. Incômodo. Não gostara das perguntas dela.

– Depois vamos mais em frente.

– Quanto tempo vai demorar?

– Todo o inverno, entrando na primavera – disse ele rispidamente. – E depois devemos voltar.

Bayaz bateu os calcanhares nos flancos do cavalo e trotou para longe dela, seguindo pela estrada para a frente do grupo.

Ferro não seria dispensada tão facilmente. Não por aquele velho rosado e ardiloso. Bateu também os calcanhares e o alcançou.

– O que é a Primeira Lei?

Bayaz a olhou rapidamente.

– O que você sabe sobre isso?

– Não o suficiente. Escutei você e Yulwei conversando.

– Andou xeretando, hein?

– Vocês têm vozes altas e eu tenho ouvidos bons – respondeu Ferro, dando de ombros. – Não vou enfiar um balde na cabeça só para proteger seus segredos. O

que é a Primeira Lei?

As rugas na testa de Bayaz ficaram mais fundas, os cantos da boca se viraram para baixo. Raiva.

– Uma restrição que Euz fez aos seus filhos, a primeira regra feita depois do caos dos dias antigos. É proibido tocar diretamente o Outro Lado. É proibido se comunicar com o mundo de baixo, é proibido invocar demônios, é proibido abrir os portões do inferno. Essa é a Primeira Lei, o princípio orientador de toda a magia.

– Hum – bufou Ferro. Para ela isso não significava nada. – Quem é Khalul?

As sobrancelhas grossas de Bayaz se juntaram, a carranca se aprofundou.

– Não há fim para as suas perguntas, mulher?

Suas perguntas o irritavam. Isso era bom. Significava que eram as perguntas certas.

– Você vai perceber quando eu parar de perguntar. Quem é Khalul?

– Khalul pertencia à ordem dos Magos – resmungou Bayaz. – Era da minha ordem. O segundo dos doze aprendizes de Juvens. Sempre teve inveja da minha posição, sempre teve sede de poder. Ele violou a Segunda Lei para obtê-lo. Comeu carne humana e convenceu outros a fazerem o mesmo. Tornou-se um falso profeta, enganou os gurkenses para que o seguissem. Esse é Khalul. Seu inimigo e meu inimigo.

– O que é a Semente?

O rosto do mago se repuxou subitamente. Fúria, e talvez um levíssimo traço de medo. Então se suavizou.

– O que é?

Ele sorriu para ela e seu sorriso a preocupou mais do que toda a raiva. Bayaz se inclinou na sua direção, ficou perto o suficiente para que ninguém mais ouvisse.

– É o instrumento da sua vingança. Da nossa vingança. Mas é perigosa. Até falar dela é perigoso. Há aqueles que sempre estão ouvindo. Seria sábio da sua parte afastar suas perguntas antes que as respostas queimem todos nós.

Ele esporeou o cavalo de novo, trotando sozinho à frente do grupo.

Ferro ficou para trás. Por ora descobrira o suficiente. O suficiente para confiar menos do que nunca no Primeiro dos Magos.

Uma reentrância no chão, não mais de quatro passos de largura. Um afundamento no solo cercado por um barranco baixo de terra úmida, escura, cheio de raízes de capim emaranhadas. Era o melhor lugar que tinham encontrado para acampar durante a noite, e tiveram sorte de achá-lo.

Era o ponto mais diferente na paisagem que Ferro tinha visto o dia inteiro.

A fogueira feita por Pé Comprido queimava firme agora, as chamas lambendo a madeira, claras e famintas, balançando e saltando para o lado quando um sopro de vento penetrava no buraco. Os cinco rosados estavam sentados ao redor, encolhidos e amontoados em busca de calor, com a luz forte nos rostos contraídos.

Pé Comprido era o único que falava, e sempre sobre seus grandes feitos. Que ele estivera neste ou naquele lugar. Que sabia essa ou aquela coisa. Que tinha um talento notável para isso ou aquilo. Ferro já estava farta e tinha dito isso duas vezes a ele. Achou que havia sido clara na primeira. Na segunda, certificou-se disso. Ele não falaria com ela de novo sobre suas viagens idiotas, mas os outros ainda sofriam em silêncio.

Havia espaço para ela perto do fogo, mas Ferro não queria ficar lá. Preferia sentar-se acima deles, de pernas cruzadas no capim da beira do buraco. Fazia frio ali em cima, ao vento, e ela apertou mais o cobertor em volta dos ombros trêmulos. O frio era uma coisa estranha e amedrontadora. Ela o odiava.

Mas preferia o frio a ter companhia.

Assim, ela se sentou afastada, carrancuda e silenciosa, olhando a luz ser sugada do céu agourento, vendo a escuridão se esgueirar sobre a terra. Agora havia apenas um brilho fraquíssimo do sol. Uma última claridade frágil em volta das bordas das nuvens.

O rosado grandalhão se levantou e a olhou.

– Está escurecendo – disse ele.

– Uh.

– Acho que é isso que acontece quando o sol se põe, não?

– Uh.

Ele coçou a lateral do pescoço grosso.

– Precisamos estabelecer os turnos de vigia. Pode ser perigoso aqui, à noite.

Vamos nos revezar. Eu fico primeiro, depois Luthar...

– Eu vigio – rosnou ela.

– Não se preocupe. Pode dormir. Eu acordo você mais tarde.

– Eu não durmo.

Ele a encarou.

– Como assim? Nunca?

– Não com frequência.

– Talvez isso explique o humor dela – murmurou Pé Comprido.

Sem dúvida ele tinha pretendido falar bem baixinho, mas Ferro escutou.

– Meu humor é problema meu, idiota.

O navegador não disse nada ao se enrolar no cobertor e se deitar ao lado do fogo.

– Quer vigiar primeiro? – perguntou Nove Dedos. – Tudo bem, mas me acorde daqui a umas duas horas. Cada um deve fazer seu turno.

Lenta e silenciosamente, encolhendo-se na tentativa de não fazer barulho, Ferro roubou da carroça. Carne seca. Pão seco. Um odre de água. O bastante para se manter durante dias. Enfiou tudo numa bolsa de lona.

Um dos cavalos bufou e recuou quando Ferro passou perto, e ela fez uma carranca para o bicho. Sabia cavalgar. Cavalgava bem, mas não queria nada com cavalos. Animais grandes e idiotas. Cheiravam mal. Podiam mover-se depressa, mas precisavam de muita comida e água. Era possível vê-los e ouvi-los a quilômetros de distância. Deixavam rastros grandes para serem seguidos. Cavalgar deixava a pessoa fraca. Confie num cavalo e, quando você precisar correr, vai descobrir que não consegue mais.

Ferro havia aprendido a não confiar em nada além de si mesma.

Pendurou a bolsa num ombro, a aljava e o arco no outro. Deu um último olhar para as formas adormecidas dos outros, silhuetas escuras amontoadas em volta da fogueira. Luthar estava com o cobertor puxado sob o queixo, o rosto de pele lisa e lábios grossos virado para as brasas. Bayaz estava de costas para ela, mas dava para ver a luz fraca se refletindo na careca e a parte de trás de uma

orelha morena, dava para ouvir o ritmo lento da respiração dele. Pé Comprido tinha puxado o cobertor por cima da cabeça, mas os pés descalços apareciam do outro lado, magros e ossudos, os tendões projetando-se como raízes de árvores saindo da lama. Os olhos de Quai estavam abertos numa fresta minúscula, a luz da fogueira causando um brilho úmido numa lasca de globo ocular. Parecia vigiá-la, mas o peito se movia devagar para cima e para baixo, a boca frouxa, dormindo e sonhando, sem dúvida.

Ferro franziu a testa. Só quatro? Onde estava o rosado grandalhão? Viu o cobertor dele vazio do outro lado da fogueira, dobras escuras e claras, mas sem o homem dentro. Então escutou a voz dele.

– Já está indo?

Atrás dela. Era uma surpresa ele ter conseguido se esgueirar por trás dela assim, enquanto Ferro roubava a comida. Ele parecia grande demais, lento demais, barulhento demais para conseguir isso. Ela xingou baixinho. Deveria saber que não podia confiar nas aparências.

Virou-se devagar para encará-lo e deu um passo na direção dos cavalos. Ele foi atrás, impedindo que a distância entre os dois aumentasse. Ferro podia ver o fogo reluzente refletido num canto de cada um dos olhos dele, uma curva de bochecha tomada por crateras e barba crescida, a vaga silhueta do nariz torto, alguns fios de cabelo oleoso pairando sobre a cabeça, ao vento, ligeiramente mais negro do que a terra por trás dele.

– Não quero lutar com você, rosado. Já vi você lutar.

Ferro o vira matar cinco homens em alguns instantes, e até ela havia se surpreendido. Lembrava-se das gargalhadas ecoando nas paredes, do rosto retorcido e faminto, da mistura de rosnado e de sorriso coberto de sangue, cuspe e loucura, dos cadáveres dilacerados espalhados nas pedras feito trapos. Tudo isso estava nítido em sua mente. Não que ela se amedrontasse com isso, claro, porque Ferro Maljinn não sentia medo.

Mas sabia quando ser cautelosa.

– Também não quero lutar com você – disse ele. – Mas se Bayaz descobrir de manhã que você foi embora, vai me mandar ir atrás. Já a vi correr, e prefiro lutar a correr atrás de você. Pelo menos lutando vou ter alguma chance.

Ele era mais forte do que ela, Ferro sabia. Estava quase curado agora, movia-se livremente. Ela se arrependeu de tê-lo ajudado com isso. Ajudar as pessoas

era sempre um erro. Uma luta era um risco mortal. Ela podia ser mais forte do que outros, mas não queria apanhar até que seu rosto virasse uma papa, como aquele homem grande, o Racha-Pedra. Não queria que uma espada a atravessasse, ter os joelhos esmagados, a cabeça decepada.

Nada disso parecia tentador.

Mas ele estava perto demais para ela disparar uma flecha e, se ela corresse, ele acordaria os outros, e eles tinham cavalos. Uma luta provavelmente iria acordá-los de qualquer modo, mas se ela pudesse dar um golpe bem ágil, talvez conseguisse escapar na confusão. Não era perfeito, mas que opção havia? Tirou lentamente a bolsa do ombro e a colocou no chão, depois o arco e a aljava. Levou uma das mãos à espada, os dedos roçando a empunhadura na escuridão, e ele fez o mesmo.

– Então está certo, rosado. Vamos logo.

– Talvez haja outra saída.

Ela o observou cheia de suspeitas, preparada para uma armadilha.

– Que saída?

– Fique com a gente. Dê uns dias. Se você não mudar de ideia, bem, eu a ajudo a fazer as malas. Pode confiar em mim.

Confiar era uma palavra para tolos. Era uma palavra que as pessoas usavam quando queriam trair. Se o rosado avançasse um dedo, ela giraria a espada e arrancaria a cabeça dele. Estava preparada.

Mas ele não se moveu para a frente nem para trás. Ficou ali, uma grande silhueta silenciosa no escuro. Ela franziu a testa, as pontas dos dedos ainda fazendo cócegas no cabo da espada curva.

– Por que eu deveria confiar em você?

O grande rosado encolheu os ombros enormes.

– Por que não? Na cidade, eu a ajudei e você me ajudou. Se um não tivesse o outro, nós dois poderíamos estar mortos.

Verdade, supôs ela, ele a havia ajudado. Não tanto quanto ela o ajudara, mas havia.

– Chega uma hora em que a gente precisa se prender a alguma coisa, não é? A confiança é assim, cedo ou tarde você simplesmente precisa confiar, sem ter motivo.

– Por quê?

– Caso contrário vai acabar igual à gente, e quem quer isso?

– Hum.

– Vamos fazer um trato. Você me protege, eu protejo você – propôs ele e bateu no peito lentamente, com o polegar. – Eu me prendo – falou e então apontou para ela. – Você se prende. O que acha?

Ferro pensou nisso. Fugir havia lhe dado liberdade, mas pouca coisa além disso. Havia levado-a através de anos de sofrimento, até a borda do deserto, cercada por inimigos. Ela havia fugido de Yulwei e os comedores quase a pegaram. Para onde fugiria agora, de qualquer modo? Correria por cima do mar, até Kanta? Talvez o grande rosado estivesse certo. Talvez tivesse chegado a hora de parar de fugir.

Pelo menos até que ela pudesse ir embora sem que ninguém notasse.

Afastou a mão da espada, cruzou o braço lentamente sobre o peito, e ele fez o mesmo. Os dois ficaram assim por um longo tempo, observando um ao outro na escuridão, no silêncio.

– Certo, rosado – rosnou ela. – Vou me prender, como você diz, e veremos. Mas não faço nenhuma porra de promessa, entendeu?

– Não pedi promessas. É minha vez de ficar vigiando. Vá descansar um pouco.

– Não preciso descansar, já disse.

– Como quiser, mas eu vou me sentar e vigiar.

– Ótimo.

O rosado grandalhão começou a se abaixar cautelosamente e ela o acompanhou. Sentaram-se de pernas cruzadas no lugar onde haviam estado de pé, com as brasas da fogueira reluzindo por trás e lançando uma leve claridade nos quatro adormecidos, num dos lados do rosto encaroçado do rosado, lançando um leve calor no dela.

Vigiavam um ao outro.

Aliados

Para o arquileitor Sult,
Chefe da Inquisição de Sua Majestade

Vossa Eminência,

O trabalho nas defesas está em curso. A famosa muralha que delimita a cidade, apesar de firme, está em condição vergonhosa, e tomei providências enérgicas para reforçá-la. Também encomendei mais suprimentos, armaduras e armas, essenciais para o caso de a cidade ter de suportar um cerco de qualquer duração.
Infelizmente a área de defesa é muito extensa, representando uma tarefa de ampla escala. Comecei os trabalhos usando crédito, mas há um limite para o uso dele. Devo pedir humildemente que Vossa Eminência me mande verbas com as quais prosseguir. Sem dinheiro, nossos esforços terão de cessar e a cidade será perdida.
As forças da União aqui são poucas e o moral não é elevado. Existem mercenários na cidade e ordenei que mais fossem recrutados, porém a lealdade deles é questionável, sobretudo se não forem pagos. Portanto requeiro que mais soldados do rei nos sejam mandados. Até mesmo uma única companhia pode fazer diferença.
O senhor terá notícias minhas em breve. Até lá, sirvo e obedeço.

Sand dan Glokta,
Superior de Dagoska

– É AQUI – disse Glokta.

– Hã – respondeu Frost.

Era um prédio precário, de um andar, construído descuidadamente com tijolos de barro cru, não maior do que um barracão de bom tamanho. Nesgas de luz se derramavam para a noite ao redor da porta mal encaixada e da cortina mal ajustada da única janela. Assemelhava-se às choupanas da rua, se é que aquilo poderia ser chamado de rua. Não parecia a residência de um membro do conselho governante de Dagoska. *Mas, afinal de contas, Kahdia não pertence ao grupo em muitos sentidos. É o líder dos nativos. O sacerdote sem templo. O que tem menos a perder, talvez.*

A porta se abriu antes mesmo que Glokta tivesse chance de bater. Kahdia estava parado na entrada, alto e magro em seu manto branco.

– Por que não entra? – convidou o haddish, que se virou e foi sentar-se na única cadeira.

– Espere aqui – disse Glokta.

– Hã.

O interior do barraco não era mais auspicioso do que o lado de fora. *Limpo e arrumado – e pobre feito o inferno.* O teto era tão baixo que Glokta mal conseguia ficar de pé, e o chão era de terra batida. Um colchão de palha estava em cima de caixotes vazios, numa extremidade do cômodo único, com uma cadeira pequena ao lado. Um armário baixo ficava sob a janela, com alguns livros empilhados em cima, uma vela acesa estalando ao lado deles. Afora um balde amassado para excrementos, esses pareciam ser todos os bens mundanos de Kahdia. *Nenhum sinal de qualquer cadáver de um superior da Inquisição, mas nunca se sabe. Um corpo pode ser desovado facilmente, se for cortado em pedaços pequenos o bastante...*

– O senhor deveria se mudar da favela – comentou Glokta.

Ele fechou a porta, fazendo as dobradiças rangerem, mancou até a cama e se sentou pesadamente no colchão.

– Os nativos não têm permissão de morar na Cidade Alta, ou o senhor não ouviu dizer?

– Tenho certeza que poderia ser feita uma exceção no seu caso. O senhor poderia ter aposentos na Cidadela. Aí eu não precisaria vir mancando até aqui embaixo para conversarmos.

– Aposentos na Cidadela? Enquanto meus companheiros apodrecem aqui

embaixo na imundície? O mínimo que um líder pode fazer é compartilhar as aflições de seu povo. Não tenho outro consolo para dar a eles.

Fazia um calor sufocante ali, na Cidade Baixa, mas Kahdia não parecia desconfortável. Seu olhar era firme, os olhos fixos nos de Glokta, escuros e frios como água profunda.

– O senhor desaprova?

Glokta esfregou o pescoço dolorido.

– Nem um pouco. O martírio lhe cai bem, mas o senhor terá de me perdoar se eu não compartilhar dele – disse e lambeu as gengivas vazias antes de completar: – Já fiz meus sacrifícios.

– Talvez não todos. Faça as suas perguntas.

Então ele é do tipo que vai direto ao ponto. Nada a esconder? Ou nada a perder?

– O senhor sabe o que foi feito do meu antecessor, o superior Davoust?

– Minha grande esperança é que ele tenha morrido sofrendo grande dor.

Glokta sentiu as sobrancelhas se levantarem. *A última coisa que eu esperava: uma resposta honesta. Talvez a primeira resposta honesta que recebi para essa pergunta, mas não o deixa livre de suspeita.*

– Sofrendo grande dor?

– Dor enorme. E não vou derramar lágrimas se o senhor se juntar a ele.

Glokta sorriu.

– Não sei se consigo pensar em alguém que derramaria, mas o assunto agora é Davoust. O seu povo esteve envolvido no desaparecimento dele?

– É possível. Davoust nos deu motivos suficientes. Existem muitas famílias que perderam maridos, pais, filhas, por causa dos expurgos dele, dos testes de lealdade, da mania de dar exemplo. Meu povo é composto por muitos milhares de pessoas, e não posso vigiar todas elas. A única coisa que posso dizer é que não sei nada sobre o desaparecimento dele. Quando um diabo cai, eles sempre mandam outro, e aqui está o senhor. Meu povo não ganhou nada.

– A não ser o silêncio de Davoust. Talvez ele tenha descoberto que vocês fizeram um acordo com os gurkenses. Talvez entrar para a União não tenha sido o que o seu povo esperava.

Kahdia bufou.

– O senhor não sabe de nada. Nenhum dagoskense faria acordo com os

gurkenses.

– Para quem olha de fora, os dois povos parecem ter muito em comum.

– Para um ignorante de fora, temos. Ambos temos pele escura e ambos rezamos a Deus, mas é só até aí que vai a semelhança. Nós, dagoskenses, nunca fomos amantes da guerra. Permanecemos aqui, na nossa península, confiantes na força de nossas defesas, enquanto o império gurkense se espalhava como um câncer no continente de Kanta. Achávamos que as conquistas deles não eram da nossa conta. Esse foi nosso erro. Vieram emissários aos nossos portões, exigindo que nos ajoelhássemos diante do imperador gurkense e reconhecêssemos que o Profeta Khalul fala com a voz de Deus. Não quisemos fazer nenhuma das duas coisas, então Khalul jurou nos destruir. Agora parece que finalmente terá sucesso. Todo o Sul será dominado por ele.

E o arquileitor não vai ficar nem um pouco satisfeito.

– Quem sabe? Talvez Deus venha ajudar vocês.

– Deus favorece os que resolvem os próprios problemas.

– Talvez possamos resolver alguns problemas, entre nós.

– Não tenho interesse em ajudar vocês.

– Nem se isso ajudar a si mesmo também? Tenho em mente fazer um decreto. Os portões da Cidade Alta serão abertos, seu povo poderá se mover em sua própria cidade como quiser. A Guilda dos Mercadores de Especiarias será retirada do Grande Templo, que voltará a ser território sagrado de vocês. Os dagoskenses terão permissão de portar armas. Na verdade, vamos lhes fornecer armas de nossos próprios arsenais. Os nativos serão tratados como cidadãos integrais da União. Eles não merecem nada menos do que isso.

– Ora, ora – fez Kahdia, juntando as mãos e recostando-se em sua cadeira que rangia. – Agora, que os gurkenses estão batendo à porta, o senhor vem a Dagoska, exibe seu pequeno pergaminho como se fosse a palavra de Deus e decide fazer a coisa certa. O senhor não é como todos os outros. É um homem bom, um homem justo. Espera que eu acredite nisso?

– Honestamente? Não estou ligando a mínima para suas crenças e me importo ainda menos em fazer a coisa certa, porque isso é só uma questão de ponto de vista. Quanto a ser um homem bom – e Glokta repuxou o lábio – faz muito tempo que não sou e nem tenho saudade de ser. Estou interessado em manter Dagoska. Isso e nada mais.

– E sabe que não pode manter Dagoska sem a nossa ajuda.

– Nenhum de nós dois é idiota, Kahdia. Não me insulte agindo como se fosse. Nós podemos ficar de birra um com o outro até que a maré gurkense passe por cima da muralha externa ou podemos cooperar. Nunca se sabe, juntos talvez até possamos derrotá-los. Seu povo nos ajuda a cavar o fosso, a consertar a muralha e a fixar o portão. O senhor fornece mil homens para servir na defesa da cidade, de início, e mais ainda, depois.

– Eu? Vou mesmo? E se, com nossa ajuda, a cidade se sustentar? Seu acordo continuará de pé?

Se a cidade se sustentar, eu irei embora. É mais do que provável que Vurms e o restante voltem ao comando, e nosso acordo será pó.

– Se a cidade se sustentar, tem minha palavra de que farei todo o possível.

– Todo o possível. Quer dizer: nada.

Você captou a ideia.

– Preciso da sua ajuda, por isso estou oferecendo o que posso. Ofereceria mais, porém não tenho. O senhor pode ficar aí, de mau humor na favela, tendo as moscas por companhia, e esperar a chegada do imperador. Talvez o grande Uthman-ul-Dosht lhe ofereça um acordo melhor – zombou Glokta e encarou Kahdia nos olhos por um momento. – Mas nós dois sabemos que ele não vai fazer isso.

O sacerdote franziu os lábios, cofiou a barba, depois deu um suspiro fundo.

– Dizem que um homem perdido no deserto deve aceitar toda a água que lhe for oferecida, não importa de quem ela venha. Aceito o seu acordo. Assim que o templo estiver vazio, vamos cavar seus buracos, carregar suas pedras e usar suas espadas. Alguma coisa é melhor do que nada e, como o senhor disse, juntos talvez até possamos vencer os gurkenses. Milagres acontecem.

– Foi o que ouvi dizer – respondeu Glokta enquanto se apoiava na bengala e gemia levantando-se, a camisa grudada nas costas suadas. – Foi o que ouvi dizer. – *Mas nunca vi.*

Glokta se estirou nas almofadas de seus aposentos, a cabeça para trás, a boca

aberta, descansando o corpo dolorido. *Os mesmos aposentos que foram ocupados por meu ilustre antecessor, o superior Davoust.* Eram cômodos amplos, arejados, bem mobiliados. Talvez tivessem pertencido a algum príncipe dagoskense, a um vizir ardiloso ou a uma concubina melancólica, antes que os nativos fossem jogados na poeira da Cidade Baixa. *Muito melhor do que meu buraco de merda no Agriont, exceto pelo fato de um superior da Inquisição já ter sumido nestes aposentos.*

Algumas janelas eram viradas para o norte, na direção do mar, no lado mais íngreme da rocha; outras davam para a cidade calorenta. Todas tinham pesadas persianas. O lado de fora era uma descida íngreme pela rocha nua até as pedras pontudas e a furiosa água salgada. A porta tinha a espessura de seis dedos, cravejada de pinos de ferro, com uma fechadura pesada e quatro grandes trancas. *Davoust era um homem cauteloso, e por bons motivos, ao que parece. Então como assassinos podem ter entrado e saído e como conseguiram remover o corpo?*

Sentiu a boca se curvar num sorriso. *Como vão remover o meu, quando vierem? Já acumulo inimigos – o sarcástico Vurms, o meticuloso Vissbruck, os mercadores cujos lucros eu ameaço, os práticos que serviram a Harker e Davoust, os nativos com boas razões para odiar qualquer um que use preto, meus velhos inimigos, os gurkenses, claro, e tudo isso desde que Sua Eminência não fique inquieto pela falta de progressos e decida me substituir. Será que alguém virá procurar meu corpo retorcido?*

– Superior.

Abrir os olhos e levantar a cabeça era um esforço enorme e doloroso. Tudo doía, devido aos excessos dos últimos dias. A cada movimento seu pescoço estalava como um graveto que se partia, as costas estavam rígidas e quebradiças como um espelho, a perna se alternava entre uma agonia incômoda e um entorpecimento trêmulo.

Shickel estava parada junto à porta, de cabeça baixa. Os cortes e hematomas em seu rosto escuro haviam se curado. Não restava sinal exterior do sofrimento passado nas celas lá embaixo. Mas ela jamais o olhava nos olhos, sempre encarava o chão. *Alguns ferimentos demoram a se curar, outros jamais se curam. Eu sei.*

– O que foi, Shickel?

– A mestra Eider mandou convidá-lo para o jantar.

– É mesmo?

A garota assentiu.

– Mande dizer que ficarei honrado.

Glokta a observou sair do aposento, de cabeça baixa, depois relaxou de novo nas almofadas. *Se eu desaparecer amanhã, pelo menos terei salvado uma pessoa. Talvez isso signifique que minha vida não foi uma perda de tempo completa. Sand dan Glokta, escudo dos desamparados. Será que nunca é tarde demais para ser... um homem bom?*



– Por favor! – guinchou Harker. – Por favor! Eu não sei de nada!

Ele estava amarrado à cadeira, sem poder mover muito o corpo. *Mas compensa com os olhos*. Eles iam de um lado para outro nos instrumentos de Glokta, que brilhavam à luz dura do lampião na mesa arranhada. *Ah, sim, você sabe melhor do que a maioria como isso vai ser. O conhecimento costuma ser o antídoto para o medo. Mas não aqui. Não agora.*

– Eu não sei de nada!

– Quem vai julgar o que você sabe ou não sou eu.

Glokta enxugou um pouco do suor do rosto. A sala era quente como uma forja acesa e os carvões reluzentes no braseiro não ajudavam nem um pouco.

– Se uma coisa tem cor e cheiro de mentira, é provável que seja mentira, não concorda?

– Por favor! Nós todos estamos do mesmo lado!

Estamos? Estamos mesmo?

– Eu só disse a verdade!

– Talvez, mas não tanto quanto eu preciso.

– Por favor! Nós todos somos amigos aqui!

– Amigos? Na minha experiência, um amigo é meramente um conhecido que ainda não nos traiu. É isso que você é, Harker?

– Não!

Glokta franziu a testa.

– Então você é nosso inimigo?

– O quê? Não! Eu só... eu só... queria saber o que aconteceu! Só isso! Eu não queria... Por favor!

Por favor, por favor, por favor, canso de ouvir isso.

– O senhor precisa acreditar!

– A única coisa que eu preciso é conseguir respostas.

– Então faça as perguntas, superior, eu imploro! Só me dê a oportunidade de cooperar!

Ah, de fato ter pulso firme não parece mais uma ideia tão boa, não é?

– Faça as perguntas, eu vou me esforçar ao máximo para responder.

– Que bom – falou Glokta e se empoleirou na beirada da mesa ao lado de seu prisioneiro amarrado, encarando-o. – Excelente.

As mãos de Harker eram muito bronzeadas, e o rosto também, mas o restante do corpo era pálido como uma lesma branca com densos trechos de pelos escuros. *Não é uma aparência atraente. Mas poderia ser pior.*

– Então responda. Por que os homens têm mamilos?

Harker piscou. Engoliu em seco. Olhou para Frost, mas não encontrou ajuda. O albino só o encarou em resposta, sem piscar, a pele branca em volta da máscara cheia de gotas de suor, os olhos duros como duas joias cor-de-rosa.

– Eu... não sei se entendi, superior.

– Não é uma pergunta simples? Mamilos, Harker, nos homens. A que propósito eles servem? Nunca parou para pensar?

– Eu... eu...

Glokta suspirou.

– Quando o clima está úmido, eles esfolam e ficam doloridos. Ressecam e ficam doloridos no calor. Algumas mulheres, por motivos que nunca pude descobrir, insistem em mexer neles na cama, como se isso nos fizesse sentir algo além de irritação.

Glokta estendeu o braço para o outro lado da mesa, os olhos arregalados de Harker seguindo cada movimento, e passou os dedos lentamente em volta dos cabos da torquês. Levantou-a e a examinou: as garras afiadas brilhavam à luz forte do lampião.

– Os mamilos do homem – murmurou ele – são definitivamente um estorvo. Sabe de uma coisa? Não fosse pela cicatriz feia, não sentiria falta nenhuma dos

meus.

Ele levou a mão à ponta do mamilo de Harker e puxou forte.

– Ah! – guinchou o ex-inquisidor, com a cadeira estalando enquanto ele tentava desesperadamente se soltar. – Não!

– Acha que isso dói? Então duvido que vá gostar do que vem em seguida.

Então Glokta pôs as garras abertas da torquês em volta da carne esticada e apertou com força.

– Ah! Ah! Por favor, superior, eu imploro!

– Seus pedidos não valem nada para mim. O que eu preciso é de respostas. O que foi feito do Davoust?

– Juro pela minha vida que não sei!

– Isso não basta.

Glokta começou a apertar com mais força, as bordas de metal começando a cortar a pele.

Harker deu um berro desesperado.

– Espere! Eu peguei dinheiro! Admito! Eu peguei dinheiro!

– Dinheiro? – repetiu Glokta e deixou a pressão diminuir um pouquinho.

Uma gota de sangue pingou da torquês e bateu na perna branca e peluda de Harker.

– Que dinheiro?

– Dinheiro que Davoust tirou dos nativos! Depois da rebelião! Ele me fez prender todos que eu achasse que podiam ser ricos e mandou enforcá-los junto com o restante, e nós confiscamos tudo o que eles tinham e dividimos entre nós! Davoust guardava a parte dele num baú, nos aposentos dele, e quando ele desapareceu... eu peguei tudo!

– Onde está o dinheiro agora?

– Acabou! Eu gastei! Com mulheres... e vinho e... e... com coisas!

Glokta estalou a língua.

– Tsc, tsc.

Ganância e conspiração, injustiça e traição, roubo e assassinato. Todos os ingredientes de uma história para empolgar as massas. Picante, mas nem um pouco relevante. Ele ajeitou a mão em volta da torquês.

– É o próprio superior, e não o dinheiro dele, que me interessa. Acredite quando digo que estou me cansando de perguntar. O que foi feito do Davoust?

– Eu... eu... eu... não sei!

Verdade, talvez. Mas não é a resposta de que eu preciso.

– Isso não basta.

Glokta apertou a mão e as garras de metal cortaram a carne e se encontraram no meio com um estalo suave. Harker berrou, sacudiu-se e rugiu em agonia, o sangue brotando do quadrado vermelho de carne onde estivera o mamilo e escorrendo pela barriga pálida em fios escuros. Glokta estremeceu por causa de uma pontada no pescoço e esticou a cabeça até ouvi-lo estalar. *É estranho como, com o tempo, até o sofrimento mais terrível dos outros pode ficar... tedioso.*

– Prático Frost, o inquisidor está sangrando! Por favor!

– Defcupe.

O ferro rangiu enquanto Frost o arrancava do braseiro, com um brilho alaranjado. Glokta pôde sentir o calor, mesmo de onde estava sentado. *Ah, ferro quente. Ele não guarda segredos, não conta mentiras.*

– Não! Não! Eu...

As palavras de Harker se dissolveram num grito sufocado quando Frost pressionou o ferro em brasa no ferimento e a sala se encheu lentamente com o aroma salgado de carne assando – um cheiro que, para indignação de Glokta, fez seu estômago vazio roncar. *Quanto tempo faz que não como um bom pedaço de carne?* Enxugou o suor novo do rosto com a mão livre e remexeu os ombros doloridos por baixo da capa.

É um negócio feio, esse nosso. Então por que faço isso? A única resposta foi o som fraco de Frost enfiando cuidadosamente o ferro de volta nas brasas, fazendo uma pequena nuvem de fagulhas laranja se erguer. Harker se retorceu, gemeu, tremeu, chorando com os olhos arregalados, um fio de fumaça ainda subindo da carne enegrecida de seu peito. *É um negócio feio, claro. Sem dúvida o sujeito merece, mas isso não muda nada. Provavelmente ele não faz a mínima ideia do que foi feito de Davoust, mas isso também não muda nada. As perguntas precisam ser feitas, exatamente como se ele soubesse as respostas.*

– Por que insiste em me desafiar, Harker? Será que... você supõe... que quando eu terminar com seus mamilos, vou ficar sem ideias? É isso que está pensando? Que vou parar nos seus mamilos?

Harker o encarou, bolhas de cuspe se formando e estourando nos lábios. Glokta chegou mais perto.

– Ah, não, não, não, não. Isso é só o começo. Isso é menos que o começo. O tempo se abre à nossa frente numa abundância implacável. Dias, semanas, meses, se necessário. Você acredita seriamente que pode guardar seus segredos por tanto tempo? Agora você me pertence. A mim e a esta sala. Isso não para até eu saber o que preciso saber.

Ele se inclinou para a frente e segurou o outro mamilo de Harker entre o polegar e o indicador. Pegou a torquês e abriu as garras sujas de sangue.

– Será que é tão difícil assim entender?



A sala de jantar da mestra Eider era uma visão fabulosa. Tecidos de prata e carmim, ouro e púrpura, verde, azul e amarelo vívido ondulavam à brisa suave das janelas estreitas. Placas de mosaicos em mármore adornavam as paredes. Jarros enormes, do tamanho de um homem, ficavam nos cantos. Montes de almofadas impecáveis estavam espalhados pelo chão, como se convidassem os passantes a se esparramarem numa queda confortável. Velas coloridas ardiam em potes altos de vidro, lançando uma luz cálida em cada canto e enchendo o ar com perfume doce. Numa extremidade do salão de mármore, água cristalina escorria suavemente numa fonte em forma de estrela. Havia mais do que apenas um toque teatral no cômodo. *Era como o boudoir de uma rainha de alguma lenda de Kanta.*

A própria mestra Eider, chefe da Guilda dos Mercadores de Especiarias, era a peça central. *A rainha dos mercadores em pessoa.* Estava sentada à cabeceira da mesa, usando um vestido branco impecável, seda reluzente com uma levíssima e fascinante sugestão de transparência. Uma pequena fortuna em joias faiscava em cada centímetro da pele bronzeada. O cabelo estava puxado para cima e preso com pentes de marfim, a não ser por alguns fios que se enrolavam artisticamente em volta do rosto. Parecia ter passado o dia inteiro se preparando. *E nenhum momento foi desperdiçado.*

Glokta, encolhido em sua cadeira na extremidade oposta, com uma tigela de sopa fumegante à frente, sentia como se tivesse entrado nas páginas de um livro. *Um romance fantástico, passado no sul exótico, com a mestra Eider como*

heroína e eu como o abominável, o aleijado, o vilão de coração endurecido. Como será que essa fábula vai terminar?

– Então diga, mestra, a que devo esta honra?

– Sei que o senhor conversou com os outros membros do conselho. Fiquei surpresa e um pouco magoada por ainda não ter buscado uma audiência comigo.

– Peço desculpas se a senhora se sentiu relegada. Pareceu adequado que eu deixasse a mais poderosa para o final.

Ela ergueu os olhos com um ar de inocência ferida. *Completamente dramatizado.*

– Poderosa, eu? Vurms controla o orçamento, faz os decretos, Vissbruck comanda as tropas, mantém as defesas. Kahdia fala pela grande maioria da população. Eu praticamente não tenho importância.

– Ora, ora – fez Glokta e abriu seu sorriso banguela. – A senhora é radiante, claro, mas não a ponto de me deixar cego. O orçamento de Vurms é uma ninharia comparado ao que os mercadores de especiarias ganham. O povo de Kahdia está quase impotente. Através de seu amigo bêbado, Cosca, a senhora comanda mais do que o dobro das tropas de Vissbruck. O único motivo para a União estar ao menos interessada nesta rocha sedenta é o comércio que sua corporação controla.

– Bom, não gosto de contar vantagem – alegou a mestra com um dar de ombros. – Mas acho que tenho alguma influência momentânea na cidade. Vejo que o senhor andou fazendo perguntas.

– É o que eu faço.

Glokta levou a colher à boca, esforçando-se ao máximo para não chupá-la entre os dentes que restavam.

– Esta sopa está deliciosa, a propósito. – *E esperemos que não seja fatal.*

– Achei que o senhor poderia gostar. Veja bem, eu também andei fazendo perguntas.

A água caía na fonte, os tecidos farfalhavam nas paredes, a prataria tilintava suavemente na fina cerâmica das tigelas. *Eu diria que o primeiro round ficou empatado.* Carlot dan Eider foi a primeira a romper o silêncio.

– Sei, claro, que o senhor está numa missão a mando do próprio arquileitor. Uma missão da maior importância. Vejo que o senhor não é um homem que meça as palavras, mas talvez seja bom pisar com um pouco mais de cautela.

– Admito que meu passo é desajeitado. É por causa de um ferimento de guerra, além de dois anos de tortura. É um espanto que eu não tenha perdido a perna.

Ela deu um sorriso largo, mostrando duas fileiras de dentes perfeitos.

– Uma resposta hilariante, mas meus colegas o consideram um pouco menos divertido. Vurms e Vissbruck adquiriram uma aversão nítida ao senhor. Acredito que a palavra que eles usaram foi “ditatorial”, dentre outras que é melhor não repetir.

Glokta deu de ombros.

– Não estou aqui para fazer amigos.

Ele tomou num gole sua taça de vinho previsivelmente excelente.

– Mas amigos podem ser úteis. No mínimo, um amigo é um inimigo a menos. Davoust insistia em incomodar todo mundo e o resultado não foi feliz.

– Davoust não tinha o apoio do Conselho Fechado.

– Verdade. Mas nenhum documento impede uma facada.

– Isso é uma ameaça?

Carlot dan Eider gargalhou. Foi um riso fácil, aberto, amistoso. Era difícil acreditar que alguém capaz de fazer um som daqueles fosse traidora, ou ameaçadora, ou qualquer coisa que não uma anfitriã perfeitamente encantadora. *No entanto não estou de todo convencido*.

– É um conselho. Conselho nascido da experiência amarga. Eu preferiria que o senhor não desaparecesse por enquanto.

– Verdade? Eu não fazia ideia de que era um convidado tão importante para o jantar.

– O senhor é conciso, afeito a confrontos, ligeiramente amedrontador e impõe restrições severas ao menu, mas o fato é que o senhor é mais útil para mim aqui do que... – e ela balançou a mão –... onde quer que Davoust esteja. Mais vinho?

– Claro.

Ela se levantou e veio em sua direção, os pés tocando o mármore frio como os de uma dançarina. *Pés descalços, à moda de Kanta*. A brisa agitou as vestimentas diáfanas em volta de seu corpo quando ela se inclinou para encher o copo de Glokta, jogando seu perfume intenso no rosto dele. *Exatamente o tipo de mulher com quem minha mãe gostaria que me casasse: linda, inteligente e, ah, muitíssimo rica. Exatamente o tipo de mulher com quem eu iria querer me*

casar, por sinal, quando era mais novo. Quando era outro homem.

A luz bruxuleante das velas brilhava no cabelo da mestra, faiscava nas joias em volta do pescoço longo, reluzia através do vinho que gorgolejava da garrafa. *Será que ela está me jogando seus encantos só porque tenho uma ordem real assinada pelos membros do Conselho Fechado? Nada mais do que negócios, para ficar em bons termos com os poderosos? Ou será que espera me enganar, me distrair e me atrair para longe da verdade desagradável?*

Os olhos dela encontraram brevemente os dele, e ela deu um sorriso minúsculo, sagaz, e olhou de novo para a taça. *Será que para ela devo ser um moleque de rua, com o rosto sujo encostado na vitrine da padaria, a boca cheia d'água por causa de doces que nunca poderei comprar? Acho que não.*

– Para onde foi Davoust?

A mestra Eider parou um momento, depois pousou a garrafa com cuidado. Sentou-se na cadeira mais próxima, pôs os cotovelos na mesa, o queixo nas mãos e sustentou o olhar de Glokta.

– Imagino que ele tenha sido morto por um traidor na cidade. Provavelmente um agente dos gurkenses. Correndo o risco de contar o que o senhor já sabe, Davoust suspeitava de uma conspiração dentro do conselho governante da cidade. Foi o que confidenciou a mim pouco antes de desaparecer.

Foi mesmo?

– Uma conspiração no conselho governante? – Glokta balançou a cabeça num fingimento de horror. – Isso é possível?

– Sejamos honestos um com o outro, superior. Eu quero o que o senhor quer. Nós, da Guilda dos Mercadores de Especiarias, investimos muito tempo e dinheiro nesta cidade para vê-la cair nas mãos dos gurkenses, e o senhor parece nos dar mais chances de mantê-la do que Vurms e Vissbruck, aqueles idiotas. Se há um traidor dentro das nossas muralhas, quero que ele seja encontrado.

– Ele... ou ela.

A mestra Eider levantou uma sobrancelha delicada.

– O senhor não pode ter deixado de notar que eu sou a única mulher no conselho.

– Não deixei – confirmou Glokta e então sugou a sopa ruidosamente. – Mas perdoe-me se ainda não a descarto. Será preciso mais do que uma sopa boa e uma conversa agradável para me convencer da inocência de qualquer pessoa. –

Se bem que é muitíssimo mais do que qualquer outro me ofereceu.

A mestra Eider sorriu levantando sua taça.

– Então como posso convencê-lo?

– Honestamente? Preciso de dinheiro.

– Ah, dinheiro. Sempre voltamos a isso. Tirar dinheiro da minha guilda é como tentar conseguir água no deserto: uma coisa cansativa, suja e quase sempre perda de tempo.

Mais ou menos como fazer perguntas ao inquisidor Harker.

– Em quanto o senhor estava pensando?

– Podemos começar com... digamos... 100 mil marcos.

Eider não chegou a engasgar com o vinho. *Foi mais um gorgolejo suave.* Ela pousou a taça cuidadosamente, pigarreou em silêncio, enxugou de leve a boca com o canto de um guardanapo, depois o encarou com as sobrancelhas erguidas.

– O senhor sabe muito bem que uma quantia dessas não será possível.

– Por enquanto aceito o que a senhora puder dar.

– Veremos. Suas ambições são limitadas a meros 100 mil marcos ou há mais alguma coisa que eu possa fazer pelo senhor?

– Na verdade, há. Preciso que os mercadores saiam do Templo.

Eider esfregou suavemente as têmporas, como se as exigências de Glokta lhe dessem dor de cabeça.

– Ele quer que os mercadores saiam – murmurou.

– Foi necessário para garantir o apoio de Kahdia. Com ele contra nós, não temos esperança de sustentar a cidade por muito tempo.

– Há anos venho dizendo a mesma coisa àqueles idiotas arrogantes, mas massacrar os nativos se tornou um passatempo popular mesmo assim. Muito bem, quando o senhor quer que eles saiam?

– Amanhã. No máximo.

– E eles o chamam de ditatorial? – Ela balançou a cabeça. – Muito bem. Amanhã à tarde poderei muito bem ser a mestra mais impopular de todos os tempos, se ainda tiver meu cargo, mas tentarei vender a ideia à corporação.

Glokta riu.

– Tenho confiança em que a senhora é capaz de vender qualquer coisa.

– O senhor é um negociador duro, superior. Se algum dia se cansar de fazer perguntas, não tenho dúvida de que terá um futuro brilhante como mercador.

– Mercador? Ah, não sou tão implacável assim.

Glokta pôs a colher na tigela vazia e lambeu as gengivas.

– Não quero ser desrespeitoso, mas como uma mulher chegou à chefia da guilda mais poderosa da União?

Eider ficou em silêncio por um instante, como se imaginasse se deveria responder ou não. *Ou como se julgasse quanto da verdade deveria contar, caso respondesse.* Olhou para a taça, girou a haste lentamente, várias vezes.

– Meu marido foi mestre antes de mim. Quando nos casamos, eu tinha 22 anos, ele tinha quase 60. Meu pai lhe devia muito dinheiro e ofereceu minha mão como pagamento pela dívida.

Ah, então todos temos nossos sofrimentos.

Os lábios dela se retorceram sutilmente.

– Meu marido sempre teve bom faro para uma pechincha. Sua saúde começou a declinar pouco depois de nos casarmos e fui assumindo um papel cada vez mais ativo na administração dos negócios dele e nos da guilda. Quando ele morreu, eu era mestra em todos os sentidos, menos no nome, e meus colegas tiveram a sensatez de formalizar o arranjo. Os mercadores de especiarias sempre foram mais preocupados com o lucro do que com as convenções.

Seus olhos se levantaram rapidamente para encarar Glokta.

– Não quero ser desrespeitosa, mas como um herói de guerra se tornou um torturador?

Foi a vez dele de fazer uma pausa. *Boa pergunta. Como isso aconteceu?*

– Existem pouquíssimas oportunidades de trabalho para um aleijado.

Eider assentiu lentamente, o olhar jamais se afastando do rosto de Glokta.

– Deve ter sido difícil. Voltar, depois de todo aquele tempo na escuridão, e descobrir que seus amigos não tinham lugar para você. Ver nos rostos deles apenas culpa, pena e nojo. Descobrir-se sozinho.

A pálpebra de Glokta estava estremecendo e ele a coçou levemente. Nunca havia falado sobre essas coisas com ninguém. *E agora aqui estou, discutindo-as com uma estranha.*

– Não há dúvida de que sou uma figura trágica. Antes eu era uma merda de homem, agora sou uma casca de homem. Escolha a opção que quiser.

– Imagino que o senhor fique enojado ao ser tratado assim. Muito enojado e com muita raiva.

Se você soubesse...

– Mas mesmo assim parece uma decisão estranha, o torturado virar torturador.

– Pelo contrário, nada poderia ser mais natural. Na minha experiência, as pessoas fazem o que fizeram com elas. A senhora foi vendida por seu pai e comprada por seu marido, no entanto optou por comprar e vender.

Eider franziu a testa. *Algo para ela pensar, talvez?*

– Eu imaginaria que sua dor lhe desse empatia.

– Empatia? O que é isso? – questionou Glokta e estremeceu ao coçar a perna dolorida. – É um fato lamentável, mas a dor só nos faz sentir pena de nós mesmos.

Política de acampamento

Logen se remexeu, desconfortável na sela, e franziu os olhos para os poucos pássaros que sobrevoavam a grande planície. Maldição, que dor no traseiro! As coxas estavam feridas, o nariz cheio do fedor de cavalo. Não conseguia achar uma posição confortável para os bagos. Sempre esmagados, não importava quantas vezes ele enfiasse a mão pelo cinto para mudá-los de lugar. Essa jornada estava se revelando muito incômoda, em todos os sentidos.

Em seus tempos no Norte, costumava conversar na estrada. Quando era garoto, conversava com o pai. Quando era rapaz, conversava com os amigos. Quando acompanhava Bethod, conversava com ele o dia inteiro, porque na época eram íntimos, quase como irmãos. A conversa afastava a mente das bolhas nos pés, ou da fome, ou do frio desgraçado e interminável, ou de quem havia sido morto no dia anterior.

Logen ria das histórias que Cachorrão contava enquanto eles se esforçavam para andar pela neve. Traçava táticas com Três Árvores ao cavalgarem pela lama. Discutia com Barca Negra sempre que atravessavam atoleiros, e não havia assunto sem importância. Ele e Harding Sinistro haviam até compartilhado uma ou duas piadas, e não eram muitos os que poderiam dizer o mesmo.

Suspirou. Um suspiro longo e doloroso que ficou preso no fundo da garganta. Bons tempos, sem dúvida, mas agora estavam muito distantes, nos vales ensolarados do passado. Todos aqueles homens tinham voltado para a lama. Todos estavam em silêncio para sempre. Pior ainda, tinham deixado Logen no meio de lugar nenhum, com esse pessoal.

O grande Jezal dan Luthar não estava interessado nas histórias de ninguém, exceto nas dele mesmo. Sentava-se rígido, empertigado e altivo o tempo todo, queixo erguido, mostrando arrogância, superioridade e desprezo por tudo, como um jovem exibiria sua primeira espada, muito antes de aprender que ela não era

nada de que se orgulhar.

Bayaz não tinha interesse em tática. Quando chegava a falar, latia palavras isoladas, sins e nãos, franzindo a carranca por cima do capim interminável como alguém que tivesse cometido um enorme erro e não conseguisse ver um modo de sair dele. Seu aprendiz também parecia mudado desde que haviam saído de Adua. Quieto, duro, atento. O irmão Pé Comprido estava longe, na planície, fazendo reconhecimento do terreno. Provavelmente era melhor assim. Nenhum dos outros falava, mas o navegador, Logen precisava admitir, falava demais.

Ferro cavalgava a alguma distância do restante desse grupo amistoso, os ombros encurvados, as sobrancelhas franzidas num mau humor constante, a cicatriz longa na bochecha franzida num cinza raivoso, esforçando-se ao máximo para fazer os outros parecerem divertidíssimos em comparação a ela. Inclinava-se para a frente, contra o vento, empurrando-o, como se esperasse feri-lo com o rosto. Seria mais divertido fazer brincadeiras com a peste do que com ela, imaginou Logen.

E esse era o feliz grupo. Os ombros dele caíram.

– Quanto tempo falta para chegarmos à borda do Mundo? – perguntou a Bayaz, sem muita esperança.

– Um bocado, ainda – resmungou o mago, apenas entreabrindo a boca.

Assim Logen cavalgava, cansado e dolorido, entediado, e olhava aquelas poucas aves pairando lentamente acima da planície interminável. Pássaros belos, grandes, gordos. Lambeu os beiços.

– Seria bom ter um pouco de carne – murmurou.

Fazia tempo que não comia carne fresca. Desde que tinham saído de Calcis. Logen esfregou a barriga. A maciez gorda do tempo passado na cidade já estava endurecendo.

– Um belo pedaço de carne.

Ferro franziu a testa para ele, depois olhou os poucos pássaros que giravam no céu. Em seguida tirou o arco do ombro.

– Rá! – zombou Logan. – Boa sorte.

Viu-a tirar uma flecha da aljava num movimento fluido. Gesto inútil. Nem Harding Sinistro poderia acertar aquele disparo, e ele era o melhor arqueiro que Logen já vira. Observou Ferro ajustar a flecha contra a madeira curva, as costas arqueadas, os olhos amarelos fixos nas formas que deslizavam no ar.

– Você nunca vai acertar, nem se tentar mil anos.

Ela puxou a corda.

– Desperdício de flecha! – gritou ele. – É preciso ser realista com essas coisas!

Provavelmente a flecha cairia de volta na cara dele. Ou iria se cravar no pescoço de seu cavalo, que iria cair morto e esmagá-lo. Um fim adequado para esse pesadelo de jornada. Um instante depois, um dos pássaros despencou no capim, atravessado pela flecha de Ferro.

– Não – sussurrou ele, boquiaberto.

Ela curvou o arco de novo. Outra flecha voou para o céu cinzento. Um segundo pássaro caiu no chão, perto do primeiro. Logen ficou olhando, incrédulo.

– Não!

– Não me diga que você não viu coisas mais estranhas – disse Bayaz. – Um homem que fala com espíritos, que viaja com magos, o homem mais temido do Norte?

Logen parou o cavalo e deslizou da sela. Foi andando pelo capim alto, abaixou-se com as pernas bambas e doloridas e pegou um pássaro. A flecha havia atravessado o peito bem no centro. Se Logen tivesse disparado a flecha a 30 centímetros de distância, não poderia ter acertado melhor.

– Não pode ser.

Bayaz riu, as mãos cruzadas na sela.

– Pelo que as lendas dizem, nos tempos antigos, antes da história, nosso mundo e o Outro Lado eram unidos. Eram um mundo só. Demônios andavam pela terra, livres para fazer o que quisessem. Caos além da imaginação. Eles procriavam com os humanos e sua prole era mestiça. Parte homem, parte demônio. Sangue de diabo. Monstros. Um dentre eles assumiu o nome de Euz. Euz livrou a humanidade da tirania dos demônios, e a fúria de sua batalha contra eles deu forma à terra. Ele separou o mundo de cima do de baixo e lacrou os portões que os ligavam. Para impedir que esse terror acontecesse de novo, declarou a Primeira Lei. É proibido tocar diretamente o Outro Lado ou falar com demônios.

Logen observou os outros olhando Ferro. Luthar e Quai franziam a testa diante daquela incrível demonstração de habilidade com o arco. Ela se inclinou

para trás na sela, com a corda do arco esticada ao máximo e a ponta brilhante da flecha seguinte perfeitamente imóvel, ainda conseguindo instigar a montaria para cá e para lá com os calcanhares. Logen mal conseguia obrigar um cavalo a fazer o que ele queria tendo as rédeas nas mãos.

– Diabos e assim por diante, a Primeira Lei. – Logen balançou a mão. – E daí?

Ele não entendia o que a história louca de Bayaz tinha a ver com Ferro.

– Desde o início, a Primeira Lei estava cheia de contradições. Toda magia vem do Outro Lado, cai sobre a terra como a luz cai do sol. O próprio Euz era em parte um demônio, assim como seus filhos, Juvens, Kanedias, Glustrod e outros. O sangue dele lhes deu dons e maldições. Poder e vida longa, e força ou visão para além dos limites dos homens comuns. O sangue deles passou para seus filhos, mais diluído, e assim foi seguindo ao longo dos séculos. Os dons começaram a pular uma geração, depois outra, depois a surgir apenas raramente. Até que o sangue de demônio ficou fraco e morreu. Hoje, quando nosso mundo e o mundo de baixo se afastaram tanto, é bastante raro ver esses dons em carne e osso. Somos realmente privilegiados em testemunhar isso.

Logen levantou as sobrancelhas.

– Ela? É meio demônio?

– Muito menos do que meio, meu amigo – explicou Bayaz com um risinho. – Euz era meio, e seu poder ergueu as montanhas e sulcou os mares. Metade poderia causar tamanho horror e desejo no seu sangue que faria seu coração parar. Metade poderia cegá-lo só de olhar. Não é metade. Não passa de uma pequena fração. Mas há vestígios do Outro Lado nela.

– Do Outro Lado, é? – repetiu Logen olhando o pássaro morto em sua mão. – Então, se eu a tocasse estaria violando a Primeira Lei?

Bayaz deu um risinho.

– Bom, essa é uma pergunta inteligente. Você sempre me surpreende, mestre Nove Dedos. Imagino o que Euz diria em relação a isso – ponderou o mago, franzindo os lábios. – Acho que eu conseguiria perdoá-lo. Mas ela – e Bayaz balançou a cabeça careca na direção de Ferro – provavelmente deceparia sua mão.

Logen estava deitado de barriga para baixo, espiando pelo capim alto um vale suave com um riacho raso no fundo. Havia um agrupamento de construções na margem mais próxima deles, ou cascas de construções. Não havia cobertura, o que restava eram paredes semidesmoronadas, na maior parte chegando apenas à cintura. As pedras que um dia as formaram estavam espalhadas nas encostas do vale, no meio do capim que ondulava. Poderia ser uma paisagem do Norte. Por lá havia um monte de aldeias abandonadas, desde as guerras. Pessoas expulsas, arrastadas, queimadas. Logen tinha visto isso acontecer com frequência. Tinha participado mais de uma vez. Não sentia orgulho disso, mas não sentia orgulho de muita coisa daqueles tempos. Nem de qualquer outro, pensando bem.

– Não resta muita coisa em que se abrigar – sussurrou Luthar.

Ferro o olhou torto.

– Resta o bastante em que se esconder.

A noite se aproximava. O sol estava baixo no horizonte e preenchia de sombras a aldeia arruinada. Não havia sinal de ninguém lá embaixo. Nenhum som além da água risonha, do vento vagaroso cortando o capim. Nenhum sinal de ninguém, mas Ferro estava certa. Não haver sinal não significava necessariamente que não houvesse perigo.

– É melhor você descer lá e dar uma olhada – murmurou Pé Comprido.

– É melhor eu descer? – repetiu Logen, olhando-o de esguelha. – E você vai ficar aqui, é?

– Não tenho talento para lutas. Você sabe muito bem.

– Hã – murmurou Logen. – Não tem talento para participar de lutas, mas tem bastante talento para encontrá-las.

– Encontrar coisas é o que eu faço. Estou aqui para ser o navegador.

– Talvez você pudesse encontrar uma refeição decente e uma cama para dormir – comentou Luthar rispidamente, em seu sotaque lamuriento da União.

Ferro sugou o ar entre os dentes, com ódio.

– Alguém tem de ir – rosnou, já deslizando de barriga pelo topo da encosta. – Eu vou pela esquerda.

Ninguém mais se mexeu.

– Nós também – grunhiu Logen para Luthar.

– Eu?

– Quem mais? Três é um bom número. Vamos, e vamos em silêncio.

Luthar espiou o vale através do capim, lambeu os lábios, esfregou as palmas das mãos. Estava nervoso, Logen podia ver, nervoso, mas ao mesmo tempo orgulhoso demais para admitir, como um garoto destreinado antes de uma batalha, erguendo o queixo para tentar mostrar que não está apavorado. Logen não se enganava. Tinha visto isso uma centena de vezes.

– Está planejando esperar até de manhã? – grunhiu.

– Fique concentrado nas próprias falhas, nortista – sibilou Luthar enquanto começava a se arrastar encosta abaixo. – Você tem muitas!

As rosetas de suas esporas altas e brilhantes chacoalhavam alto à medida que ele se arrastava pelo morro, desajeitado e destreinado, com a bunda projetada para o ar.

Logen o agarrou pelo casaco antes que chegasse a se afastar mais do que um passo.

– Você não vai com isso aí, vai?

– O quê?

– As porras dessas esporas! Eu disse “em silêncio”! Isso aí é o mesmo que pendurar um sino no seu pau!

Luthar fechou a cara e sentou para tirá-las.

– Fique abaixado! – sibilou Logen, empurrando-o de volta para o capim, de costas. – Quer que todo mundo seja morto?

– Largue-me!

Logen o empurrou para baixo de novo, depois o cutucou com o dedo, para garantir que estivesse sendo claro.

– Não vou morrer por causa das porras das suas esporas, não mesmo! Se não consegue ficar em silêncio, pode ficar aqui com o navegador – ralhou ele e olhou irritado para Pé Comprido. – Talvez vocês dois consigam encontrar o caminho até a aldeia quando tivermos garantido que é seguro.

Logen balançou a cabeça e se arrastou encosta abaixo, atrás de Ferro.

Ela já estava na metade do caminho até o riacho, rolando e deslizando por cima das paredes arruinadas, serpenteando pelos espaços entre elas, mantendo-se abaixada, a mão no punho da espada curva. Era rápida e silenciosa como o vento na planície.

Impressionante, sem dúvida, mas Logen não ficava atrás de ninguém quando se tratava de chegar sorrateiramente. Fora conhecido por isso, quando era mais

jovem. Tinha perdido a conta de quantos shankas e homens havia surpreendido pelas costas. O boato era: a primeira coisa que a pessoa nota sobre o Nove Sangrento é o sangue sibilando para fora da própria garganta. Se uma coisa podia ser dita sobre Logen Nove Dedos era que ele era furtivo.

Fluiu até a primeira parede, deslizou uma perna por cima, silencioso como um camundongo. Ergueu um pouco o corpo, sem movimentos bruscos, permanecendo em silêncio, mantendo-se agachado. Seu pé de trás bateu em algumas pedras soltas, empurrou-as. Ele correu para segurá-las, errou-as, derrubou outras com o cotovelo, que caíram com estardalhaço. Ele tropeçou no tornozelo fraco, torceu-o, guinchou de dor, caiu e rolou em espinhos.

– Merda – grunhiu, lutando para se levantar, uma das mãos segurando o punho da espada, toda embolada no casaco.

Ainda bem que não a havia tirado da bainha, ou poderia tê-la cravado em si mesmo. Isso acontecera com um amigo seu. Estava tão ocupado gritando que tropeçou numa raiz de árvore e cortou um bom pedaço da cabeça com o próprio machado. De volta à lama num instante.

Agachou-se no meio das pedras caídas, esperando que alguém saltasse em cima dele. Ninguém veio. Só o vento soprou pelas aberturas entre as paredes antigas, a água riu baixo no riacho. Esgueirou-se ao lado de uma pilha de pedras ásperas, passou por um portal antigo, deslizou por cima de uma parede tombada, mancando e ofegando por causa do pé ruim, praticamente sem qualquer esforço para não fazer barulho. Não havia ninguém ali. Ele soubera assim que caíra. De jeito nenhum teriam deixado passar aquele desempenho lamentável. Cachorrão provavelmente estaria chorando agora mesmo, se estivesse vivo.

Acenou na direção da crista do morro e, um instante depois, viu Pé Comprido se levantar e acenar também.

– Não tem ninguém aqui – murmurou para si mesmo.

– Ainda bem – sibilou a voz de Ferro, não mais de um ou dois passos atrás. – Você inventou um novo modo de fazer reconhecimento, rosado. Fazer tanto barulho que eles vêm para cima de você.

– Estou sem prática – grunhiu Logen. – Mas não fez mal. Não tem ninguém aqui.

– Tinha.

Ela estava de pé no que fora uma casa, franzindo a testa para o chão. Um

trecho queimado no capim, algumas pedras arrumadas ao redor. Uma fogueira.

– Não faz mais de um ou dois dias – murmurou Logen, cutucando as cinzas com um dedo.

Luthar chegou atrás deles.

– Não tem ninguém aqui, afinal.

Ele estava com uma expressão presunçosa, as bochechas fundas, como se de algum modo tivesse estado certo sobre alguma coisa o tempo todo. Logen não sabia o quê.

– Sorte sua não ter, caso contrário a gente poderia estar costurando você inteiro agora mesmo!

– Eu estaria costurando vocês dois, porra! – sibilou Ferro. – Eu deveria juntar suas cabeças rosadas inúteis com a linha! Vocês dois valem tanto quanto um saco de areia no deserto! Tem rastros ali adiante. Cavalos, mais de uma carroça.

– Mercadores? – perguntou Logen com esperança.

Ele e Ferro se entreolharam um momento.

– Talvez seja melhor a gente ficar fora da estrada, daqui para a frente – sugeriu ele.

– Demoraria demais – falou o mago, que acabava de chegar, tendo Quai e Pé Comprido não muito atrás, com a carroça e os cavalos. – Demoraria demais. Vamos ficar na estrada. Daqui dá para ver quem vem com antecedência. Bastante antecedência.

Luthar não ficou convencido.

– Se nós os virmos, eles vão nos ver. E aí?

– Aí? – Bayaz levantou uma sobrancelha. – Aí temos o famoso capitão Luthar para nos proteger.

O mago olhou a aldeia arruinada ao redor.

– Água corrente e abrigo, mais ou menos. Parece um bom lugar para acampar.

– Bastante bom – murmurou Logen, já remexendo na carroça e pegando lenha para fazer uma fogueira. – Estou com fome. Onde estão aqueles pássaros?

Logen se sentou e, por cima da borda de sua tigela, olhava os outros comerem.

Ferro estava agachada no limite da luz da fogueira, encolhida, o rosto sombreado quase dentro do pote, olhando ao redor cheia de suspeitas e usando os dedos para enfiar a comida na boca como se estivesse com medo de ela ser roubada a qualquer momento. Luthar parecia menos entusiasmado. Mordiscava sem vontade uma asa com os dentes da frente à mostra, como se tocá-la com os lábios pudesse envenená-lo, e deixava os pedaços descartados arrumados com cuidado na lateral do prato. Bayaz mastigava com prazer, a barba brilhando de gordura.

– Está bom – murmurou ele, de boca cheia. – Você poderia pensar numa carreira como cozinheiro, mestre Nove Dedos, se algum dia se cansar de... – ele balançou a colher –… o que quer que você faça.

– Hã – fez Logen.

No Norte todo mundo se revezava cozinhando, e isso era considerado uma honra. Um bom cozinheiro era quase tão valorizado quanto um bom guerreiro. Ali, não. Aquele era um grupo lamentável quando se tratava de lidar com a panela. Bayaz conseguia mais ou menos ferver seu chá, e só. Quai poderia tirar um biscoito da caixa, num dia de sorte. Logen duvidava de que Luthar ao menos soubesse qual era a parte de cima da panela. Quanto a Ferro, parecia desprezar a simples ideia de cozinhar. Logen imaginou que ela estaria acostumada a comer tudo cru. Talvez a caça ainda viva.

No Norte, depois de um dia duro na estrada, quando os homens se reuniam em volta das fogueiras altas para comer, havia uma ordem rígida quanto a quem sentava onde. O chefe ficava no ponto principal, com os filhos e os Homens Nomeados do clã ao redor. Em seguida vinham os Carls, por ordem de fama. Os servos tinham sorte quando conseguiam as próprias fogueiras, mais afastadas. Todos sempre tinham seu lugar definido e só o mudavam quando o chefe oferecia, uma honra por um serviço importante prestado a ele ou por ter mostrado coragem excepcional numa batalha. Sentar fora do seu espaço poderia lhe render um chute ou até a morte. O lugar onde você se sentava ao redor da fogueira era o seu lugar na vida, mais ou menos.

Aqui na planície era diferente, mas Logen ainda podia ver um padrão no modo como se sentavam, e estava longe de ser um padrão feliz. Ele e Bayaz se

encontravam bem perto da fogueira, mas os outros estavam mais longe do que ficariam por conforto. Poderiam se aproximar devido ao vento, ao frio e à noite úmida, porém eram repelidos pela presença uns dos outros. Olhou para Luthar, que fazia uma careta para a tigela como se ela estivesse cheia de mijo. Falta de respeito. Olhou para Ferro, que o observava com facas amarelas nos olhos estreitados. Falta de confiança. Balançou a cabeça com tristeza. Sem confiança e respeito, o grupo se desfaria numa luta como paredes sem reboco.

Mesmo assim Logen já havia convencido grupos mais difíceis, em seu tempo. Três Árvores, Tul Duru, Barca Negra, Harding Sinistro: havia lutado contra cada um deles e derrotado todos. Tinha-lhes poupado a vida e, assim, fizera com que fossem obrigados a segui-lo. Cada um havia se esforçado ao máximo para matá-lo, e com bons motivos, mas no fim Logen havia merecido a confiança deles, seu respeito e até a amizade. Com pequenos gestos e tempo, assim havia conseguido. "A paciência é a maior das virtudes", costumava dizer seu pai, e "não se pode cruzar as montanhas em um dia". O tempo podia estar contra eles, mas não havia nada a ganhar tendo pressa. É preciso ser realista com essas coisas.

Logen descruzou as pernas rígidas, pegou o odre de água e se levantou. Andou lentamente até onde Ferro estava sentada. Os olhos dela o acompanharam o tempo todo. Ela era estranha, sem dúvida, e não somente pela aparência, se bem que até os mortos sabiam que sua aparência era bem estranha. Parecia dura, afiada e fria como uma espada nova, mais implacável do que qualquer homem em quem Logen pudesse pensar. Seria de supôr que ela não empurraria um tronco num rio para salvar alguém que se afogasse, mas tinha feito mais do que isso para salvá-lo, e não só uma vez. Dentre todos, era nela que ele confiaria primeiro e em quem confiaria mais. Por isso se agachou e lhe ofereceu o odre, cuja sombra arredondada tremeluzia na parede atrás dela.

Ela franziu a testa para o odre um momento, depois para Logen. Então o pegou e se curvou de volta sobre a tigela, virando os ombros ossudos um pouco para ele. Nenhuma palavra de agradecimento ou mesmo um gesto, mas ele não se importou. Afinal de contas, não se pode cruzar as montanhas em um dia.

Agachou-se de novo junto à fogueira, olhou as chamas dançando, lançando a luz móvel sobre os rostos sérios do grupo.

– Alguém sabe alguma história? – perguntou com esperança.

Quai sugou ar entre os dentes. Luthar enrolou os lábios na direção de Logen,

do lado oposto da fogueira. Ferro nem deu sinal de ter ouvido. Não era um começo encorajador.

– Nenhuma?

Não houve resposta.

– Certo, então. Eu sei uma ou duas canções, se puder me lembrar da letra – e pigarreou para começar.

– Muito bem! – interveio Bayaz. – Se isso nos poupar de uma canção, eu conheço centenas de histórias. O que você estava pensando em ouvir? Um romance? Uma comédia? Uma história de coragem que vence todas as barreiras?

– Este lugar, aqui – interveio Luthar. – O Antigo Império. Se era uma nação tão grandiosa, por que chegou a este ponto?

Ele balançou a cabeça indicando as paredes desmoronadas e o que todos sabiam que havia mais adiante: quilômetros e quilômetros de nada.

– Uma devastação – concluiu.

Bayaz suspirou.

– Eu poderia contar essa história, mas temos a sorte de ter um nativo do Antigo Império em nossa pequena viagem, que além disso é um aplicado estudante de história. Mestre Quai?

O aprendiz levantou o olhar preguiçosamente da fogueira.

– Poderia nos esclarecer? Como o Império, que já foi o centro luminoso do mundo, chegou a este ponto?

– É uma história longa – murmurou o aprendiz. – Devo começar do início?

– De onde mais é possível começar?

Quai encolheu os ombros ossudos e começou a falar.

– O poderoso Euz, aquele que venceu os demônios e fechou os portões, que foi pai do Mundo, teve quatro filhos e a cada um deu um dom. Ao mais velho, Juvens, deu o talento da Arte Superior, a capacidade de mudar o mundo por meio da magia aliada ao conhecimento. Ao segundo filho, Kanedias, deu o dom de fazer coisas, de moldar pedra e metal de acordo com os próprios objetivos. Ao terceiro filho, Bedesh, Euz deu a capacidade de falar com espíritos e de fazer com que eles o obedecessem. – Quai deu um bocejo enorme, estalou os lábios e piscou para a fogueira. – Assim nasceram as três disciplinas puras da magia.

– Achei que ele tivesse tido quatro filhos – resmungou Luthar.

O olhar de Quai se desviou para o lado.

– E teve, e aí está a raiz da destruição do Império. Glustrod era o filho mais novo. Para ele deveria ter ido o dom de se comunicar com o Outro Lado. Os segredos de como invocar demônios do mundo de baixo e obrigá-los a fazer nossa vontade. Mas essas coisas eram proibidas pela Primeira Lei, e assim Euz não deu nada além de sua bênção ao filho mais novo, e todos sabemos o que isso vale. Ensinou os outros três a compartilhar seus segredos e partiu, ordenando que os filhos trouxessem ordem ao mundo.

– Ordem – resmungou Luthar, largando seu prato no capim ao lado e olhando com desdém as ruínas cheias de sombras. – Eles não chegaram nem perto disso.

– A princípio, chegaram. Juvens partiu para realizar seu objetivo com empenho e colocou todo o seu poder e sua sabedoria nisso. Encontrou junto ao Aos um povo que lhe agradou, então o favoreceu com leis e aprendizado, governo e ciência. Deu a ele as habilidades para conquistar os vizinhos e fez do chefe dele um imperador. De pai para filho, ano após ano, a nação cresceu e prosperou. As terras do Império se estendiam até Isparda, no sul, Anconus, no norte, a costa do mar do Círculo, no leste, e mais além. Um imperador depois do outro, mas Juvens estava sempre lá, guiando, aconselhando, moldando todas as coisas de acordo com seu grande projeto. Tudo estava civilizado, tudo estava pacífico, todos estavam contentes.

– Quase todos – murmurou Bayaz, cutucando a fogueira com um pedaço de pau.

Quai deu um risinho.

– Nós nos esquecemos de Glustrod, assim como o pai dele se esqueceu. O filho ignorado. O filho rejeitado. O filho enganado. Glustrod implorou aos três irmãos uma parte de seus segredos, mas eles tinham ciúmes de seus dons, e todos recusaram. Ele olhou o que Juvens havia alcançado e sentiu grande amargura. Encontrou lugares obscuros no mundo e, em segredo, estudou as ciências proibidas pela Primeira Lei. Encontrou lugares obscuros no mundo e tocou o Outro Lado. Encontrou lugares obscuros e falou na língua dos demônios e ouviu as vozes deles respondendo. – A voz de Quai baixou até um sussurro: – E as vozes disseram a Glustrod onde cavar...

– Muito bem, mestre Quai – interveio Bayaz, sério. – Seu conhecimento da história parece ter melhorado muito. Mas não vamos nos ater aos detalhes. Podemos deixar as escavações de Glustrod para outro dia.

– Claro – murmurou Quai, com os olhos escuros brilhando à luz da fogueira, o rosto magro cheio de reentrâncias sombrias. – O senhor é quem sabe, mestre. Glustrod fez planos. Espreitou das sombras. Juntou segredos. Lisonjeou, ameaçou e mentiu. Não demorou muito a trazer gente com pouca força de vontade para o seu lado e a colocar os de muita força de vontade uns contra os outros, porque ele era astucioso, encantador e belo. Agora ele sempre escutava as vozes do mundo de baixo. Elas sugeriram que ele semeasse a discórdia em toda parte, e ele ouviu. Insistiram que ele comesse a carne dos homens e roubasse seu poder, e ele o fez. Ordenaram que buscasse as pessoas com sangue de demônio que restavam no nosso mundo, alijadas, odiadas, exiladas, e que fizesse um exército com elas, e ele obedeceu.

Algo tocou no ombro de Logen por trás e ele quase deu um pulo. Ferro estava parada junto dele, estendendo-lhe o odre.

– Obrigado – murmurou ele, pegando-o, fingindo que seu coração não estava martelando as costelas.

Tomou um gole rápido e bateu na tampa com a palma da mão, depois colocou o odre no chão a seu lado. Quando olhou para cima, Ferro não tinha se movido. Estava parada junto dele, observando a dança das chamas. Logen se arrastou um pouco, abrindo espaço. Ferro fez uma careta, sugou o ar entre os dentes, chutou o chão, depois se agachou lentamente sobre os calcanhares, certificando-se de deixar bastante espaço entre os dois. Estendeu as mãos para a fogueira e mostrou os dentes brilhantes para as chamas.

– Estava frio lá.

Logen assentiu e completou:

– Essas paredes não afastam o vento.

– Não – concordou ela e seu olhar varreu o grupo e encontrou Quai. – Não pare por minha causa – disse rispidamente.

O aprendiz riu sem jeito.

– Estranho e sinistro era o grupo que Glustrod reuniu. Ele esperou que Juvens saísse do Império, depois se esgueirou para a capital, em Aulcus, e deu início aos seus tão planejados feitos. Parecia que a loucura varrera a cidade. Filho brigava com pai, mulher com marido, vizinho com vizinho. O imperador foi morto na escadaria do palácio pelos próprios filhos e, depois, loucos de cobiça e inveja, eles se voltaram uns contra os outros. O estranho exército de Glustrod se

esgueirara pelos esgotos da cidade e surgiu transformando as ruas em ossuários, as praças em matadouros. Alguns deles podiam assumir formas alheias, roubando os rostos de outras pessoas.

Bayaz balançou a cabeça.

– Assumir formas alheias. Um truque terrível e insidioso.

Logen se lembrou de uma mulher, na escuridão fria, que havia falado com a voz de sua esposa morta. Franziu a testa e encolheu os ombros.

– Um truque terrível, de fato – disse Quai, com o riso doentio ficando mais largo ainda. – Porque em quem podemos confiar, se não pudermos confiar nos próprios olhos, nos próprios ouvidos, para saber quem é amigo ou inimigo? Mas coisa pior ainda viria. Glustrod invocou demônios do Outro Lado, obrigou-os a fazer sua vontade e os enviou para destruir os que poderiam resistir a eles.

– Invocar e enviar – sibilou Bayaz. – Disciplinas amaldiçoadas. Riscos tremendos. Violações terríveis da Primeira Lei.

– Mas Glustrod não reconhecia lei nenhuma, a não ser a própria força. Logo se sentou na sala do trono do imperador, numa pilha de crânios, sugando a carne de homens como um bebê suga o leite, adorando sua vitória medonha. O império decaiu a ponto do caos, um levíssimo gosto do caos dos anos antigos, antes da chegada de Euz, quando nosso mundo e o mundo de baixo eram um só.

Uma lufada de vento passou pelas fendas da alvenaria antiga ao redor e Logen tremeu e apertou o cobertor em volta do corpo. Aquela porcaria de história o deixava nervoso. Roubar rostos, enviar demônios e comer homens. Mas Quai não parou.

– Quando descobriu o que Glustrod havia feito, a fúria de Juvens foi terrível, e ele buscou a ajuda de seus irmãos. Kanedias não quis ir. Ficou trancado em sua casa, mexendo com suas máquinas, sem se importar com o mundo lá fora. Juvens e Bedesh levantaram um exército sem ele e travaram uma guerra contra o irmão.

– Uma guerra terrível – murmurou Bayaz. – Com armas terríveis e baixas terríveis.

– A luta se espalhou pelo continente, de um extremo ao outro, e envolveu cada pequena rivalidade, e deu origem a uma infinidade de rixas, crimes e vinganças, cujas consequências ainda envenenam o mundo em nossos dias. Mas no fim Juvens foi vitorioso. Glustrod foi cercado em Aulcus, suas criaturas das

trevas foram desmascaradas, seu exército foi dissipado. Em seu momento de maior desespero, as vozes do mundo de baixo sussurraram um plano. Abra uma passagem para o Outro Lado, disseram. Arrombe as fechaduras, quebre os lacres e escancare as portas que seu pai fez. Viole a Primeira Lei uma última vez, disseram, e deixe que voltemos ao mundo, e você nunca mais será ignorado, rejeitado, enganado.

O Primeiro dos Magos assentiu lentamente.

– Só que, mais uma vez, ele foi enganado.

– Pobre idiota! As criaturas do Outro Lado são feitas de mentiras. Lidar com elas é se agarrar ao mais medonho perigo. Glustrod preparou seus rituais, mas na pressa cometeu algum deslize. Talvez tenha sido apenas um grão de sal a mais ou a menos, mas os resultados foram terríveis. O grande poder que Glustrod havia reunido, suficiente para rasgar um buraco no tecido do mundo, foi liberado sem forma nem razão. Glustrod se destruiu. Aulcus, a grande e bela capital do Império, foi devastada, e a terra ao redor ficou envenenada para sempre. Hoje em dia ninguém se aventura a passar a menos de quilômetros ao largo dela. A cidade é um cemitério devastado. A ruína deixada por uma explosão. Um monumento digno da tolice e do orgulho de Glustrod e seus irmãos. – O aprendiz fez uma pausa e olhou para Bayaz. – O que eu disse não é a verdade, mestre?

– É, sim – murmurou o mago. – Eu sei. Eu vi. Eu era um jovem idiota com cabelos fartos e lustrosos – disse, passando a mão pela careca. – Um jovem idiota que ignorava a magia, a sabedoria e os caminhos do poder, como você é agora, mestre Quai.

O aprendiz inclinou a cabeça.

– Só vivo para aprender.

– E nesse aspecto parece ter melhorado muito. O que achou da história, mestre Nove Dedos?

Logen inflou e desinflou as bochechas.

– Eu esperava alguma coisa com um pouco mais de risos, mas acho que vou aceitar o que me oferecem.

– Um monte de absurdos, se me perguntarem – zombou Luthar.

– Hum – bufou Bayaz. – Sorte nossa, já que ninguém perguntou. Talvez você devesse lavar as vasilhas, capitão, antes que fique tarde demais.

– Eu?

– Um de nós caçou e outro cozinhou. Um de nós entreteve o grupo com uma história. O único que ainda não contribuiu com nada é você.

– A não ser por você.

– Ah, eu sou velho demais para ficar chapinhando em riachos a essa hora da noite – falou Bayaz e então seu rosto se endureceu: – Um grande homem deve primeiro aprender a humildade. As vasilhas estão esperando.

Luthar abriu a boca, mas decidiu não falar. Levantou-se raivoso e jogou o cobertor no chão.

– Vasilhas desgraçadas – xingou enquanto as pegava ao redor da fogueira e saía pisando firme, na direção do riacho.

Ferro o observou afastar-se com uma expressão estranha que até poderia ser sua versão de sorriso. Olhou de volta para a fogueira e passou a língua nos lábios. Logen tirou a tampa do odre e o estendeu para ela.

– Uh – grunhiu Ferro.

Ela pegou o odre da mão dele, tomou um gole rápido. Enquanto enxugava a boca na manga, olhou de lado para Logen e franziu a testa:

– O que foi?

– Nada – respondeu ele rapidamente, desviando o olhar e levantando as palmas das mãos vazias. – Absolutamente nada.

Mas por dentro estava sorrindo. Com pequenos gestos e tempo. Era assim que conseguiria.

Pequenos crimes

– Está frio, hein, coronel West?

– Sim, Alteza, o inverno está quase chegando.

Houvera uma espécie de neve durante a noite. Uma neve com chuva que cobriu tudo com uma umidade gélida. Agora, na manhã pálida, o mundo inteiro parecia meio congelado. Os cascos dos cavalos estalavam e chapinhavam na lama semicongelada. A água pingava triste das árvores endurecidas de gelo. West não era exceção. O nariz escorria e, quando ele expirava, soltava fumaça. As pontas das orelhas pinicavam desagradavelmente, entorpecidas de frio.

O príncipe Ladisla não parecia notar isso, mas afinal de contas ele estava envolto numa capa enorme, com chapéu e sedosas luvas de pele negra, que sem dúvida valiam centenas de marcos. Ele riu.

– Mas os homens parecem estar em boa forma, apesar de tudo.

West mal pôde acreditar nos próprios ouvidos. O regimento do Próprio do Rei que fora posto sob o comando de Ladisla parecia bem feliz, era verdade. Suas tendas amplas estavam arrumadas em fileiras bem-feitas no meio do acampamento, com as fogueiras para cozinhar à frente e os cavalos amarrados ali perto, em boa ordem.

A situação das tropas temporárias mandadas pelos nobres, que compunham cerca de três quartos da força, era menos feliz. Muitos estavam vergonhosamente mal preparados. Homens sem treinamento ou sem armas, alguns certamente doentes demais ou velhos demais para marchar, quanto mais para guerrear. Alguns tinham pouco mais do que as roupas que usavam, e essas se encontravam em estado lamentável. West vira homens amontoados sob árvores em busca de calor, sem ter nada além de meio cobertor para protegê-los da chuva. Era uma desgraça.

– O Próprio do Rei está bem abastecido, mas estou preocupado com a

situação de algumas tropas temporárias, Alte...

– É – disse Ladisla, atropelando-o na resposta como se ele não tivesse dito nada. – Estão bem e em forma! Prontos e empolgados! Deve ser o fogo na barriga que os mantém quentes, hein, West? Mal posso esperar para alcançarmos o inimigo! Uma pena termos de esperar aqui, batendo os calcanhares atrás dessa porcaria de rio!

West mordeu o lábio. A incrível capacidade do príncipe Ladisla de enganar a si mesmo ficava mais frustrante a cada dia. Sua Alteza desenvolvera a ideia fixa de ser um grande e famoso general, à frente de uma força de guerreiros inigualável. Obter uma vitória da qual todos falariam e ser celebrado como herói em Adua. Mas em vez de fazer ao menos o mínimo de esforço para que isso acontecesse, ele se comportava como se já tivesse alcançado o feito, independentemente da verdade. Nada que fosse maçante, desagradável ou que não combinasse com suas ideias estrábicas teria permissão de ser notado. Enquanto isso, os dândis de seu estado-maior, sem um mês de experiência militar na soma total, elogiavam seu bom julgamento, davam tapinhas nas costas uns dos outros e concordavam com qualquer coisa que ele dissesse, por mais ridícula que fosse.

Jamais sentir que lhe falta nada, ou jamais ser obrigado a trabalhar por alguma coisa, ou a mostrar o mínimo grão de autodisciplina em toda a vida devia dar uma estranha visão de mundo à pessoa, supôs West, e ali estava a prova, cavalgando ao seu lado, sorrindo como se cuidar de dez mil homens fosse uma responsabilidade leve. O príncipe herdeiro Ladisla e o mundo real, como havia observado o lorde marechal Burr, eram totalmente estranhos um ao outro.

– Está frio – murmurou Ladisla. – Não se parece muito com os desertos de Gurkhul, hein, coronel West?

– Não, Alteza.

– Mas algumas coisas são iguais, não é? Estou falando da guerra, West! Da guerra em geral! É igual em toda parte! A coragem! A honra! A glória! Você lutou com o coronel Glokta, não foi?

– Sim, Alteza, lutei.

– Eu adorava ouvir as histórias dos feitos daquele homem! Era um dos meus heróis quando eu era garoto. Cavalgando ao redor do inimigo, atacando suas linhas de comunicação, caindo sobre as carroças de bagagens e tudo o mais.

O chicote de montaria do príncipe girou, bateu e caiu sobre carroças de bagagem imaginárias no ar à sua frente.

– Fantástico! E imagino que você tenha visto tudo isso, não?

– Uma parte sim, Alteza.

Ele tinha visto um bocado de feridas provocadas pela sela, queimaduras de sol, saques, porres e demonstrações de vanglória.

– O coronel Glokta, juro! Seria bom ter um pouco daquela ousadia aqui, hein, West? Um pouco daquela energia! Daquele vigor! Uma pena ele estar morto.

West levantou os olhos.

– Ele não está morto, Alteza.

– Não?

– Ele foi capturado pelos gurkenses, depois devolvido à União quando a guerra terminou. Ele... bom... entrou para a Inquisição.

– Para a Inquisição? – repetiu o príncipe e pareceu aterrorizado. – Por que, diabos, um homem trocaria a vida de soldado por aquilo?

West procurou palavras, mas depois desistiu.

– Não posso imaginar, Alteza.

– Entrou para a Inquisição! Ora, eu jamais imaginaria.

Cavalgaram em silêncio durante um momento. Aos poucos o sorriso do príncipe retornou.

– Mas estávamos falando da honra da guerra, não estávamos?

West enrugou a testa.

– Estávamos, Alteza.

– Você foi o primeiro a atravessar a brecha em Ulrioch, não foi? O primeiro a atravessar a brecha, foi o que ouvi dizer! Isso é que é honra, hein? Isso é que é glória, hein? Deve ter sido uma experiência e tanto, hein, coronel? Uma experiência e tanto.

Atravessar uma massa de pedras e lascas de madeira, coberta de cadáveres contorcidos. Cegado pela fumaça, sufocado pela poeira, os berros, os gritos e o barulho de metal chocando-se a toda a volta, quase sem respirar de tanto medo. Homens amontoando-se de todos os lados, empurrando, tropeçando, gritando, com sangue e suor escorrendo, negro de sujeira e fuligem, rostos entrevistos, retorcidos de dor e fúria. Demônios no inferno.

West se lembrava de ter gritado “Avançar!”, repetidamente, até ficar rouco,

mesmo não tendo ideia de que lado era a frente. Lembrava-se de ter cravado a espada em alguém, amigo ou inimigo, não sabia, nem na época nem agora. Lembrava-se de ter caído e batido a cabeça numa pedra, rasgado o casaco num pedaço de madeira. Momentos, fragmentos, como partes de uma história que ele tivesse ouvido outra pessoa contar.

Apertou o casaco com mais força em volta dos ombros gelados, desejando que ele fosse mais grosso.

– Uma experiência e tanto, Alteza.

– Uma pena aquele desgraçado do Bethod não vir nesta direção! – falou o príncipe Ladisla e cortou o ar com o chicote, num gesto petulante. – Um serviço pouco melhor do que um turno de vigia! Burr me acha idiota, hein, West, não é?

West respirou fundo.

– Não sei dizer, Alteza.

A mente caprichosa do príncipe já havia se retirado para longe.

– E aqueles seus bichos de estimação? Aqueles nórdicos? Os que têm nomes cômicos. Como é que se chama aquele sujeito sujo? Lobão, não é?

– Cachorrão.

– Cachorrão, isso! Fantástico! – O príncipe riu sozinho. – E aquele outro, o maior sujeito que eu já vi! Excelente! O que eles estão fazendo?

– Mandei-os ao norte do rio, Alteza. – informou West, desejando estar com eles. – O inimigo provavelmente está longe, mas se não estiver, precisamos saber.

– Claro que precisamos. Excelente ideia. De modo a nos prepararmos para o ataque!

Uma retirada a tempo e um mensageiro rápido para o marechal Burr, era o que West tinha em mente, mas não havia sentido em dizer. A ideia que Ladisla fazia da guerra se resumia a ordenar um ataque glorioso e depois ir para a cama. Estratégia e retirada não eram palavras de seu vocabulário.

– Sim – murmurava sozinho o príncipe, os olhos fixos nas árvores do outro lado do rio. – Preparar um ataque e varrê-los de volta para o lado de lá da fronteira.

A fronteira ficava a 100 léguas dali. West aproveitou o momento.

– Alteza, se me permite, tenho muitas coisas a fazer.

Não era mentira. O acampamento havia sido organizado, ou desorganizado,

sem que pensassem em conveniência ou defesa. Um labirinto confuso de lonas precárias numa grande clareira perto do rio, onde o terreno era macio demais e logo fora transformado num atoleiro pegajoso pelas carroças de suprimentos. A princípio não houvera latrinas, depois elas tinham sido cavadas rasas demais e perto demais do acampamento, não longe de onde as provisões eram guardadas. Provisões que, por acaso, tinham sido mal embaladas, inadequadamente preparadas e já estavam quase estragando, atraindo cada rato de Angland. Se não fosse pelo frio, West não duvidava que o acampamento já estaria tomado pela doença.

O príncipe Ladisla balançou a mão.

– Claro, tem muito a fazer. Você pode me contar mais sobre suas histórias amanhã, hein, West? Sobre o coronel Glokta e assim por diante. Uma pena ele estar morto! – gritou ele por cima do ombro enquanto partia a meio galope em direção à sua tenda púrpura, no alto do morro, acima do fedor e da confusão.

Com certo alívio, West virou a montaria e a instigou para descer a encosta até o acampamento. Passou por homens que andavam com dificuldade na lama semicongelada, tremendo, com a respiração soltando vapor, as mãos enroladas em trapos sujos. Passou por homens sentados em grupos dignos de pena diante de suas tendas remendadas, e não havia dois que estivessem vestidos do mesmo modo, todos o mais perto que ousavam das fogueiras mirradas, remexendo em panelas, jogando com baralhos úmidos, bebendo e encarando o ar frio.

As tropas temporárias mais bem treinadas tinham ido com Poulder e Kroy procurar o inimigo. Ladisla fora deixado com o que restara: os fracos demais para marchar bem, mal equipados demais para lutar bem, fracos demais até mesmo para fazer qualquer coisa com alguma convicção. Homens que talvez nunca saíssem de seus lares durante toda a vida e agora eram obrigados a cruzar o mar até uma terra da qual não sabiam nada, para lutar contra um inimigo com o qual não tinham disputa, por motivos que não entendiam.

Alguns poucos podiam ter sentido algum fervor patriótico, algum inchaço de orgulho masculino quando partiram, mas agora a marcha difícil, a comida ruim e o frio os havia realmente desgastado, deixando-os com fome e congelado todo o entusiasmo. O príncipe Ladisla não era nem de longe o líder inspirador capaz de lhes devolver tudo aquilo, mesmo que estivesse fazendo algum esforço para isso.

West olhava aqueles rostos sérios, cansados, encovados, ao passar, e eles o

olhavam de volta, já derrotados. Só queriam ir para casa, e West não poderia culpá-los. Ele queria o mesmo.

– Coronel West!

Havia um homem grande rindo para ele, um homem de barba densa, usando uniforme de oficial do Próprio do Rei. West percebeu, com um susto, que aquele era Jalenhorm. Desceu da sela e segurou a mão do grandalhão com as suas. Era bom vê-lo. Uma presença firme, honesta, digna de confiança. Lembrança de uma vida passada, quando West não se movia em meio a homens importantes e quando as coisas eram muitíssimo mais simples.

– Como vai, Jalenhorm?

– Bem, obrigado, senhor. Só estou dando uma volta pelo acampamento, esperando – disse o grandalhão, que juntou as mãos e soprou nelas, esfregou-as. – Tentando me manter aquecido.

– Isso é que é a guerra, na minha experiência. Muita espera em condições desagradáveis. Muita espera com momentos ocasionais do mais extremo terror.

Jalenhorm deu um riso seco.

– Então é algo a ser esperado. Como vão as coisas no estado-maior do príncipe?

West balançou a cabeça.

– Uma competição para ver quem consegue ser mais arrogante, ignorante e perdulário. E você? Como anda a vida no acampamento?

– Não estamos muito mal. Sinto pena é desse pessoal temporário. Eles não estão em condições de lutar. Ouvi dizer que alguns mais velhos morreram ontem, de frio.

– Isso acontece. Só esperemos que os enterrem bem fundo e bem longe do restante de nós.

West notou que o grandalhão o achou insensível, mas as coisas eram assim. Poucas das baixas em Gurkhul tinham acontecido em batalha. Acidentes, doenças, pequenos ferimentos que infeccionavam. Você passava a entender que essas coisas aconteciam. E pelo modo como algumas tropas temporárias estavam mal preparadas, eles enterrariam homens todos os dias.

– Está precisando de alguma coisa?

– Bem, sim. Meu cavalo perdeu uma ferradura nessa lama e tentei arranjar alguém para colocar uma nova – falou Jalenhorm e abriu as mãos. – Posso estar

errado, mas acho que não há um ferreiro em todo o acampamento.

West o encarou.

– Nenhum?

– Não encontrei. Há forjas, bigornas, marretas e todo o resto, mas... ninguém para trabalhar. Falei com um intendente. Ele disse que o general Poulder se recusou a liberar algum dos seus ferreiros, assim como o general Kroy. Portanto, bem... – explicou Jalenhorm, encolhendo os ombros. – Não temos nenhum.

– Ninguém pensou em verificar?

– Quem?

West sentiu a dor de cabeça familiar pressionando atrás dos olhos. Flechas precisam de pontas, lâminas precisam ser afiadas, armaduras, selas e as carroças que carregam os suprimentos se quebram e precisam ser consertadas. Um exército sem ferreiros é pouco melhor do que um exército sem armas. E ali estavam, no território congelado, a quilômetros do povoado mais próximo. A não ser...

– Passamos por uma colônia penal no caminho.

Jalenhorm franziu os olhos tentando se lembrar:

– É, uma forja, acho. Vi fumaça acima das árvores...

– Eles devem ter alguns ferreiros hábeis.

As sobrancelhas do grandalhão subiram.

– Alguns ferreiros criminosos.

– Vou aceitar o que conseguirmos. Hoje o seu cavalo está sem uma ferradura, amanhã podemos não ter nada com que lutar! Pegue uma dúzia de homens e uma carroça. Vamos partir imediatamente.

A prisão se erguia acima das árvores através da chuva fria, uma cerca de grandes troncos cobertos de musgo e encimados por pontas de ferro tortas e enferrujadas. Um lugar sinistro com um objetivo sinistro. West desceu da sela e Jalenhorm e seus homens puxaram as rédeas atrás dele. Foi chapinhando pela trilha esburacada até o portão e bateu na madeira gasta com o copo da espada.

Demorou um tempo, mas por fim uma portinhola se abriu com um estalo. Um

par de olhos cinzentos se franziu para ele através do buraco. Olhos cinza acima de uma máscara preta. Um prático da Inquisição.

– Sou o coronel West.

Os olhos o espiaram com frieza.

– E...?

– Estou a serviço do príncipe herdeiro Ladisla e preciso falar com o comandante deste campo.

– Por quê?

West franziu a testa, esforçando-se ao máximo para parecer imponente com o cabelo grudado no crânio e a chuva pingando do queixo.

– Há uma guerra e não tenho tempo para trocar palavras com você! Preciso falar urgentemente com o comandante!

Os olhos se estreitaram. Avaliaram West durante um tempo, depois os doze soldados enlameados atrás.

– Certo – disse o prático. – O senhor pode entrar, mas só o senhor. O resto vai ter de esperar.

A rua principal era um trecho de lama revirada entre choupanas tortas, com água escorrendo das empenas e espirrando no chão. Havia dois homens e uma mulher na rua, totalmente molhados, lutando para mover uma carroça cheia de pedras, atolada até os eixos na lama. Todos os três tinham correntes grossas nos tornozelos. Rostos sofridos, ossudos, fundos, tão vazios de esperança quanto de comida.

– Movam a porra dessa carroça – resmungou o prático para eles, que se curvaram de volta para a tarefa nem um pouco invejável.

West seguiu com dificuldade pela lama em direção a uma construção de pedra na outra extremidade do campo, tentando pular de um trecho seco para outro, sem sucesso. Outro prático mal-humorado estava na entrada, com água escorrendo de uma capa impermeável manchada nos ombros, os olhos duros seguindo West com um misto de suspeita e indiferença. West e seu guia passaram sem dizer uma palavra e entraram no corredor escuro do outro lado, preenchido pelo som do martelar da chuva. O prático bateu numa porta mal fixada.

– Entre.

Era uma sala pequena, simples, com paredes cinzentas, fria e fedendo

ligeiramente a umidade. Um fogo brando tremulava na lareira, uma prateleira deformada estava cheia de livros. Um retrato do rei da União lançava um olhar régio de uma parede. Um homem magro, de capa preta, estava sentado a uma mesa barata, escrevendo. Ele olhou um tempo para West, depois pousou cuidadosamente a pena e esfregou a ponte do nariz com um polegar e um indicador sujos de tinta.

– Temos visita – resmungou o prático.

– Percebi. Sou o inquisidor Lorsen, comandante de nosso pequeno campo.

West apertou superficialmente a mão ossuda.

– Coronel West. Estou aqui com o exército do príncipe Ladisla. Estamos acampados 20 quilômetros ao norte.

– Claro. Em que posso servir a Sua Alteza?

– Estamos precisando desesperadamente de ferreiros hábeis. O senhor comanda uma forja aqui, não é?

– Uma mina, uma forja e uma ferraria, para fabricação de ferramentas agrícolas, mas não sei em que...

– Excelente. Levarei uns doze homens comigo, os mais hábeis que o senhor tiver disponíveis.

O comandante franziu a testa.

– Isso está fora de questão. Os prisioneiros aqui são culpados de crimes gravíssimos. Não podem ser liberados sem uma ordem assinada pelo próprio arquileitor.

– Então temos um problema, inquisidor Lorsen. Tenho dez mil homens com armas que precisam ser afiadas, armaduras que precisam de consertos, cavalos que precisam de ferraduras. Podemos ser chamados à ação a qualquer momento. Não posso esperar ordens do arquileitor nem de mais ninguém. Devo partir com ferreiros, e fim.

– Mas o senhor deve entender que não posso permitir...

– O senhor não está entendendo a gravidade da situação! – rosnou West, já perdendo a paciência. – Se quiser, mande uma carta para o arquileitor! Eu mandarei um homem de volta ao meu acampamento para trazer uma companhia de soldados! Vejamos quem consegue ajuda primeiro!

O comandante pensou nisso durante um tempo.

– Muito bem – disse por fim. – Siga-me.

Duas crianças sujas olhavam para West da porta de uma choupana quando ele saiu do prédio do comando, de volta para a garoa incessante.

– Vocês têm crianças aqui?

– Temos famílias inteiras, se elas forem consideradas um perigo para o Estado – respondeu Lorsen olhando-o de esguelha. – É uma pena, mas manter a União íntegra sempre exigiu medidas duras. Pelo seu silêncio, percebo que o senhor desaprova.

West olhou uma das crianças maltrapilhas mancando pela lama, condenada, talvez, a passar a vida inteira naquele lugar.

– Acho um crime.

O comandante deu de ombros.

– Não se iluda. Todo mundo é culpado de alguma coisa, e até os inocentes podem representar ameaça. Talvez sejam necessários pequenos crimes para impedir outros maiores, coronel West, mas quem decide isso são homens mais importantes do que nós. Eu aqui só garanto que eles trabalhem duro, não matem uns dos outros e não escapem.

– O senhor só faz o seu trabalho, não é? Um caminho bem conhecido para evitar a responsabilidade.

– Qual de nós dois vive entre eles, aqui no meio de lugar nenhum? Qual de nós dois os vigia, veste, alimenta, limpa, luta a guerra inútil e interminável contra a porcaria dos piolhos deles? É o senhor que os impede de espancar, estuprar ou matar uns aos outros? O senhor é oficial do Próprio do Rei, não é, coronel? Então vive em Adua? Em ótimos alojamentos no Agriont, em meio aos ricos e bem-vestidos?

West franziu a testa e Lorsen deu um risinho.

– Qual de nós dois evitou de fato a responsabilidade, como o senhor disse? Minha consciência nunca esteve mais limpa. Odeie-nos, se quiser, estamos acostumados com isso. Ninguém gosta de apertar a mão do homem que esvazia as fossas sépticas, também, mas as fossas precisam ser esvaziadas mesmo assim. Caso contrário o mundo se enche de merda. O senhor pode levar seus doze ferreiros, mas não tente se impor. Não vou deixar que montem em cima de mim.

West não gostou, mas teve de admitir que o sujeito havia feito uma boa defesa, por isso firmou o queixo e continuou andando com dificuldade em silêncio, de cabeça baixa. Chapinharam na direção de um barracão de pedra

comprido e sem janelas, com fumaça densa subindo no ar nevoento a partir de chaminés altas em cada canto. O prático puxou a tranca da porta pesada e a abriu. West o acompanhou, junto com Lorsen, para dentro da escuridão.

O calor foi como um tapa na cara depois do ar gélido do lado de fora. A fumaça acre ardeu nos olhos de West, irritou a garganta. O barulho no espaço estreito era assustador. Foles estalavam e sopravam; marretas retiniam em bigornas, levantando chuvas de fagulhas furiosas; metal incandescente sibilava com fúria nos barris de água. Havia homens em toda parte, apinhados, suando, gemendo, tossindo, rostos encovados semi-iluminados pelo brilho laranja das forjas. Demônios no inferno.

– Parem o trabalho! – rugiu Lorsen. – Parem e entrem em formação!

Os homens pousaram lentamente as ferramentas e foram andando, mancando e tropeçando para formar uma fila, tendo quatro ou cinco práticos a vigiá-los nas sombras. Uma fila maltrapilha, frágil, encurvada, lamentável. Dois homens tinham correntes nos pulsos, além de nos tornozelos. Nem de longe pareciam a solução para os problemas de West, mas ele não tinha escolha. Era só isso que havia.

– Temos um visitante do lado de fora. Diga o que quer, coronel.

– Sou o coronel West – grasnou ele, a voz falhando no ar ardente. – Existem dez mil soldados acampados a 20 quilômetros daqui, sob o comando do príncipe herdeiro Ladisla. Precisamos de ferreiros.

West pigarreou, tentou falar mais alto sem tossir a ponto de colocar os pulmões para fora.

– Quem de vocês sabe trabalhar metais?

Ninguém falou. Os homens olhavam para os sapatos puídos ou para os pés descalços, com um ou outro olhar disfarçado na direção dos práticos de rosto furioso.

– Não precisam ter medo. Quem sabe trabalhar metais?

– Eu sei, senhor.

Um homem saiu da fila, fazendo chacoalhar os ferros de seus tornozelos. Era magro e robusto, ligeiramente encurvado. Quando a luz do lampião bateu na cabeça dele, West estremeceu. O sujeito era desfigurado por queimaduras hediondas. Um lado do rosto era uma massa de cicatrizes lívidas, de aparência ligeiramente derretida, sem sobrancelha, o couro cabeludo com retalhos carecas

e rosados. O outro lado era pouco melhor. O sujeito praticamente não tinha rosto.

– Sei trabalhar na forja e também já passei um tempo como soldado, em Gurkhul.

– Bom – murmurou West, esforçando-se para controlar o horror causado pela aparência do homem. – Qual é o seu nome?

– Pike.

– Algum desses outros é bom com metais, Pike?

O homem queimado arrastou os pés com um clangor metálico, puxando pelos ombros alguns homens na fileira enquanto o comandante observava, o sulco na testa ficando mais fundo a cada momento.

West lambeu os lábios secos. Era difícil acreditar que em tão pouco tempo pudesse ter passado de um frio tão horrível para um calor tão horrível, mas ali estava ele, mais desconfortável do que nunca.

– Vou precisar das chaves para os grilhões deles, inquisidor.

– Não há chaves. Os grilhões são fundidos no lugar. Eles não se destinam a ser removidos e eu o aconselharia enfaticamente a não fazer isso. Muitos desses prisioneiros são extremamente perigosos, e o senhor deve ter em mente que irá nos devolvê-los assim que conseguir outra solução. A Inquisição não liberta antes da hora.

Ele foi pisando firme até um dos práticos.

Pike se aproximou hesitante, puxando uma prisioneira pelo cotovelo.

– Perdoe, senhor – murmurou ele, com a voz grave e baixa. – Mas será que poderia arranjar um lugar para minha filha?

West encolheu os ombros, desconfortável. Gostaria de levar todo mundo e queimar aquele lugar maldito até os alicerces, mas já estava abusando da sorte.

– Não é boa ideia uma mulher no meio de todos aqueles soldados. Não é boa ideia mesmo.

– Melhor do que ficar aqui, senhor. Não posso deixá-la sozinha. Ela pode me ajudar na forja. E sabe usar uma marreta, também, se for preciso. Ela é forte.

Ela não parecia forte. Parecia magra e maltrapilha, o rosto ossudo manchado de fuligem e gordura. West poderia tê-la confundido com um garoto.

– Sinto muito, Pike, mas a coisa não é fácil no lugar aonde vamos.

Ela agarrou o braço de West quando ele se virava.

– A coisa não é fácil aqui.

Sua voz o surpreendeu. Suave, macia, educada.

– Meu nome é Cathil. Eu posso trabalhar.

West olhou para ela pronto para soltar o braço, mas sua expressão o fez lembrar-se de alguma coisa. Sem dor. Sem medo. Olhos vazios, sem emoção, como os de um cadáver.

Ardee. Sangue manchando o rosto.

West franziu a testa. Aquela lembrança era como uma ferida que não se curava. O calor era insuportável, cada parte de seu corpo pinicava com desconforto, o uniforme parecia uma lixa contra a pele úmida. Precisava sair daquele lugar horrível.

Virou a cabeça, com os olhos ardendo.

– Ela também – rosnou.

– Está brincando, coronel? – bufou Lorsen.

– Acredite, não estou com clima para brincadeiras.

– Homens hábeis é uma coisa. Imagino que o senhor precise deles, mas não posso permitir que simplesmente leve qualquer prisioneiro que atraia seu olhar...

West se virou para ele com um rosnado, a paciência totalmente exaurida.

– Eu disse: ela também!

Se o comandante ficou impressionado com a fúria de West, não demonstrou. Os dois permaneceram parados por um longo momento, encarando-se, enquanto o suor escorria pelo rosto de West e o sangue latejava fortemente em suas têmporas.

Então Lorsen assentiu devagar.

– Ela também. Certo. Não posso impedi-lo – disse, mas se inclinou para um pouco mais perto e completou: – Porém o arquileitor ficará sabendo disso. Ele está longe, e pode demorar até que saiba, mas saberá – falou e, mais de perto ainda, quase sussurrou no ouvido de West: – Talvez um dia o senhor se pegue nos visitando de novo, mas então será para ficar. Talvez, enquanto isso, o senhor devesse preparar seu pequeno discurso sobre o que há de certo e errado nas colônias penais. Haverá tempo suficiente para isso.

Lorsen se virou.

– Agora pegue os prisioneiros e vá. Tenho que escrever uma carta.

Chuva

JEZAL SEMPRE ACHARA uma boa tempestade uma grande diversão. Gotas de chuva golpeando as ruas, as paredes e os telhados do Agriont, sibilando nas sarjetas. Algo para fazer a pessoa sorrir ao olhar através da janela molhada do aposento onde estivesse, quente e seca. Algo que fazia as jovens damas no parque soltarem gritinhos de surpresa e grudava seus vestidos de forma excitante na pele molhada. Algo a ser atravessado rapidamente, rindo com os amigos, enquanto se ia de taverna em taverna, antes de secar-se diante de um fogo alto, tomando uma caneca de vinho quente com especiarias. Jezal gostava da chuva quase tanto quanto do sol.

Mas isso tinha sido antes.

Ali, na planície, as tempestades eram outra coisa. Não eram um chilique de criança petulante, que é melhor ignorar e que logo acaba. Eram de uma fúria gélida e assassina, implacável e ressentida, amarga e inexorável, e de algum modo fazia toda a diferença o fato de o telhado mais próximo, quanto mais a taverna mais próxima, ter ficado centenas de quilômetros atrás deles. A chuva caía em camadas densas, encharcando com água gelada a planície interminável e tudo o que havia nela. As gotas grossas ardiam no couro cabeludo de Jezal como pedras de atiradeira, beliscavam suas mãos expostas, a parte de cima das orelhas, a nuca. A água escorria pelo cabelo, pelas sobrancelhas, descia pelo rosto em riachos e penetrava no colarinho encharcado. A chuva era uma cortina cinza na terra, ocultando tudo o que estivesse mais de cem passos à frente, se bem que ali, claro, não houvesse nada à frente nem em lugar nenhum.

Jezal tremia e apertava a gola da capa com uma das mãos. Um gesto inútil, porque já estava ensopado. O desgraçado do vendedor em Adua garantira que a capa era totalmente impermeável. Certamente ela fora bastante cara e ele tinha ficado com ótima aparência na loja, como um robusto amante da vida ao ar livre,

mas ela havia começado a vazar pelas costuras quase no instante em que caíram as primeiras gotas. Já fazia algumas horas que ele estava tão molhado quanto se houvesse entrado de roupas numa banheira, só que com muito mais frio.

Suas botas estavam cheias de água gelada, as coxas esfoladas contra a calça molhada, a sela encharcada estalando e guinchando a cada movimento do cavalo infeliz. Seu nariz escorria, as narinas e os lábios estavam feridos, até as rédeas faziam doer as palmas das mãos. Seus mamilos, em particular, eram dois pontos de agonia num mar de desconforto. A coisa toda era absolutamente insuportável.

– Quando isso vai passar? – murmurava amargo consigo mesmo, encolhendo os ombros e implorando ao céu sinistro, com a chuva batendo no rosto, na boca, nos olhos. Naquele momento a felicidade parecia consistir em nada além de uma camisa seca. – Você não pode fazer nada? – gemeu para Bayaz.

– O quê, por exemplo? – reagiu o mago rispidamente, com a água escorrendo pelo rosto e pingando da barba encharcada. – Acha que estou gostando? De estar aqui, na grande planície, numa tempestade desgraçada, na minha idade? O céu não dá uma licença especial para os magos, garoto, ele mija em todo mundo do mesmo jeito. Sugiro que se acostume e guarde suas lamúrias. Um grande líder deve compartilhar os sofrimentos de seus seguidores, de seus soldados, de seus súditos. É assim que ele obtém o respeito. Grandes líderes não reclamam. Jamais.

– Fodam-se eles, então – murmurou Jezal baixinho. – E foda-se essa chuva também.

– Você chama isso de chuva? – zombou Nove Dedos, que passou por ele com um grande sorriso no rosto feio.

Pouco depois de as chuvas começarem a cair com força, Jezal ficara bastante surpreso ao ver o nórdico tirar primeiro sua velha capa, depois a camisa, enrolá-las numa lona impermeável e cavalgar de peito nu, sem se importar com a água que escorria pelas enormes costas cheias de cicatrizes, feliz como um porco grande chafurdando na lama.

A princípio esse comportamento lhe parecera outra demonstração imperdoável de selvageria e Jezal apenas agradecera às suas estrelas pelo fato de o primitivo ter se dignado a ficar com as calças, mas, quando a chuva fria começou a penetrar em sua capa, ele teve menos certeza disso. Para ele seria impossível sentir mais frio ou ficar mais molhado sem as roupas, mas estaria

livre da horrível esfoladura provocada pelo tecido molhado. Nove Dedos riu para ele como se pudesse ler seus pensamentos.

– Não passa de uma garoa. O sol não pode brilhar sempre. É preciso ser realista!

Jezal trincou os dentes. Se ouvisse mais uma vez que deveria ser realista, iria transpassar Nove Dedos com sua espada curta. Desgraçado brutamontes seminu. Já era bastante ruim ter de cavalgar, comer e dormir a menos de cem passos de uma criatura das cavernas como aquele, mas ser obrigado a ouvir conselhos daquele idiota era um insulto quase insuportável.

– Primitivo inútil desgraçado – murmurou.

– Se houver uma luta, acho que você ficará feliz em tê-lo por perto – falou Quai.

Ele olhava Jezal de esguelha, oscilando para trás e para a frente no banco da carroça que rangia, com o cabelo comprido colado nas bochechas magras pela chuva, parecendo mais pálido e doentio do que nunca com aquela camada de umidade na pele branca.

– Quem pediu sua opinião?

– Um homem que não quer opiniões deve ficar de boca fechada – citou o aprendiz e depois balançou a cabeça na direção das costas de Nove Dedos. – Aquele é o Nove Sangrento, o homem mais temido do Norte. Matou mais homens do que a peste.

Jezal franziu a testa na direção do nórdico, que ia sentado frouxo na sela, pensou nisso um momento e deu uma risada de desprezo.

– Não me amedronta nem um pouco – disse o mais alto que pôde sem que Nove Dedos o ouvisse.

Quai bufou.

– Aposto que você nunca sequer desembainhou uma espada com raiva.

– Poderia começar agora – resmungou Jezal, fazendo sua carranca mais ameaçadora.

– Muito feroz – riu o aprendiz, desapontando-o ao não se impressionar. – Mas se está perguntando quem é o inútil aqui, bom, eu sei quem eu preferiria deixar para trás.

– Ora, seu...

Jezal se eriçou na sela no exato momento em que um clarão forte iluminou o

céu, e depois outro, assustadoramente perto. Dedos de luz gadanhavam as barrigas volumosas das nuvens, serpenteavam pela escuridão lá no alto. Um trovão longo rolou pela planície soturna, estourou e estalou ao vento. Quando o som diminuiu, a carroça já havia se afastado e Jezal perdera a chance de retrucar.

– Aprendiz idiota – murmurou, franzindo a testa para a nuca dele.

A princípio, quando os clarões haviam começado, Jezal tentara manter o ânimo imaginando seus companheiros sendo acertados pelos raios. Seria estranhamente adequado, por exemplo, se Bayaz virasse cinzas atingido por um golpe vindo do céu. Mas logo Jezal perdeu a esperança de obter esse tipo de libertação, mesmo que só em pensamentos. Os raios jamais matariam mais de um deles, e se um tivesse de morrer, o rapaz havia começado lentamente a esperar que fosse ele mesmo. Um momento de luz brilhante, depois o doce esquecimento. A fuga mais suave daquele pesadelo.

Um fio d'água escorria pelas costas de Jezal, fazendo cócegas na pele em carne viva. Ele ansiava por coçá-las, mas sabia que, se o fizesse, só aumentaria as coceiras, espalhando-as pelos ombros, o pescoço e todos os lugares mais difíceis de alcançar. Fechou os olhos e sua cabeça baixou lentamente sob o peso do desespero, até que o queixo molhado encostou no peito molhado.

Chovia na última vez que ele a vira. Lembrava-se de tudo com dolorosa clareza. O hematoma no rosto, a cor dos olhos, a posição da boca, um lado curvado para cima. O simples pensamento o obrigou a engolir aquele nó familiar na garganta. O nó que ele engolia vinte vezes por dia. Era a primeira coisa de manhã, quando acordava, e a última à noite, quando se deitava no chão duro. Estar de volta e com Ardee, em segurança e quente, parecia a realização de todos os seus sonhos.

Imaginou quanto tempo ela poderia esperar, à medida que as semanas se arrastavam e nenhuma notícia chegava. Será que estaria escrevendo cartas para Angland todos os dias, cartas que ele jamais receberia? Cartas expressando seus sentimentos ternos. Cartas pedindo notícias desesperadamente. Cartas implorando respostas. Agora as piores expectativas dela se confirmariam. Que ele era um asno sem fé e mentiroso que tinha se esquecido dela, quando nada poderia estar mais longe da verdade. Trincou os dentes com frustração e desespero ao pensar nisso, mas o que poderia fazer? Era difícil mandar respostas de um lugar ermo e devastado, arrasado, arruinado, mesmo supondo que pudesse

escrever no meio daquele aguaceiro épico. Xingou por dentro os nomes de Bayaz e Nove Dedos, de Pé Comprido e Quai. Xingou o Antigo Império e a planície interminável. Xingou toda aquela expedição demente. Isso estava se tornando um ritual repetido de hora em hora.

Jezal começou a perceber, fracamente, que tivera uma vida bastante fácil. Parecia estranho que houvesse reclamado tanto e por tanto tempo de ter que acordar cedo para esgrimir, ou de se sujeitar a jogar cartas com o tenente Brint, ou de suas linguiças estarem sempre bem passadas demais. Ele sairia rindo, de olhos brilhantes e com o passo leve, simplesmente por conseguir fugir da chuva. Tossiu, fungou e limpou o nariz machucado com a mão machucada. Pelo menos, com tanta água ao redor, ninguém notaria que ele estava chorando.

Só Ferro devia estar se divertindo menos ainda do que ele. De vez em quando olhava irritada para as nuvens que mijavam, o rosto franzido de ódio e horror. Seu cabelo espetado estava grudado no crânio, as roupas ensopadas pendiam frouxas dos ombros magros, a água corria pelo rosto marcado pela cicatriz e pingava do nariz pontudo, do queixo pontudo. Ela parecia um gato mal-humorado que caíra num lago, com o corpo subitamente parecendo ter um quarto do tamanho original, despido de todo o ar de ameaça. Talvez uma voz de mulher fosse a coisa certa para tirá-lo daquele estado de espírito, e Ferro era a coisa mais parecida com uma mulher em mais de uma centena de quilômetros.

Esporeou o cavalo para perto dela, esforçando-se ao máximo para sorrir, e ela virou a carranca para ele. Jezal percebeu que, de perto, boa parte da ameaça retornava. Tinha se esquecido daqueles olhos. Olhos amarelos, afiados como facas, pupilas pequenas como alfinetes, estranhas e desconcertantes. Desejou não ter se aproximado, mas não poderia se afastar sem dizer nada.

– Aposto que não chove muito no lugar de onde você veio, não é?

– Vai fechar a porra dessa matraca ou eu preciso machucar você?

Jezal pigarreou e em silêncio permitiu que sua montaria ficasse para trás.

– Vaca maluca – sussurrou baixinho.

Dane-se, então; que ela ficasse com seu sofrimento. *Ele* não iria começar a chafurdar na autopiedade. Não era seu estilo.

A chuva finalmente havia parado quando chegaram ao lugar, mas o ar continuava pesado de umidade, o céu tingido de estranhas cores. O sol da tarde furava as nuvens serpenteantes com tons de rosa e laranja, lançando um brilho fantasmagórico na planície cinzenta.

Duas carroças vazias estavam de pé, outra tombada de lado, com uma roda quebrada e um cavalo morto ainda atrelado, caído com a língua rosada para fora da boca, um par de flechas quebradas projetando-se do flanco sangrento. Os cadáveres estavam espalhados no entorno, no capim amassado, como bonecas descartadas por uma criança de mau humor. Alguns tinham ferimentos fundos, ou membros quebrados, ou flechas perfurando o corpo. Um tinha o braço destroncado, com um pedaço curto de osso aparecendo, como uma peça de carne num açougue.

Havia entulho espalhado a toda a volta. Armas quebradas, madeira lascada. Alguns baús abertos, rolos de tecido arrancado e rasgado no chão molhado. Barris estourados, caixas partidas, reviradas e saqueadas.

– Mercadores – resmungou Nove Dedos, olhando para baixo. – Como estamos fingindo ser. A vida não tem mesmo muito valor por aqui.

Ferro repuxou os lábios.

– E onde não é assim?

O vento chicoteava frio a planície, atravessando as roupas úmidas de Jezal. Ele nunca tinha visto um cadáver e ali estavam... quantos? Pelo menos uma dúzia. Começara a se sentir ligeiramente estranho na metade da contagem.

Ninguém mais parecia muito abalado, como se a familiaridade com a violência não fosse surpreendente entre aquelas figuras. Ferro andava encurvada ao redor dos corpos, espiando e cutucando-os com tão pouca emoção quanto um coveiro. Nove Dedos parecia ter visto coisa muito pior – Jezal não duvidava disso –, além de feito coisa muito pior. Bayaz e Pé Comprido davam a impressão de estarem levemente preocupados, mas não muito mais do que se tivessem encontrado rastros de cavalos desconhecidos. Quai nem parecia interessado.

Jezal gostaria de ter um pouco da indiferença deles. Não admitiria isto, mas estava bastante enjoado. Aquela pele: frouxa, imóvel, pálida como cera, cheia de gotas de chuva. Aquela roupa: rasgada e remexida, botas faltando, ou casacos, ou até mesmo camisas. Aqueles ferimentos. Linhas vermelhas serrilhadas, hematomas azuis e pretos, rasgos e bocas abertas na carne.

Virou-se de repente na sela, olhando para trás, para a esquerda, para a direita, mas todas as vistas eram iguais. Não havia para onde fugir, nem se ao menos soubesse em que direção ficava o povoado mais próximo. Estava num grupo de seis, mas se sentiu sozinho. Estava num espaço vasto, aberto, mas se sentiu preso.

Um dos cadáveres parecia olhar direto para ele, de um modo que o deixava nervoso. Era um rapaz, não seria mais velho do que Jezal, com cabelo cor de areia e orelhas de abano. Ficaria melhor se fosse barbeado, só que, claro, agora isso não importava. Tinha um talho vermelho e escancarado na barriga, as mãos sangrentas estavam dos dois lados do ferimento, como se tentassem fechá-lo. As tripas brilhavam úmidas no lado de dentro, num vermelho arroxeado. O conteúdo do estômago de Jezal começou a subir. Ele já vinha se sentindo zonzo por ter comido pouco de manhã. Estava enjoado de comer biscoito seco e mal conseguia se obrigar a engolir a gororoba que os outros preparavam. Virou-se de costas para aquela cena nauseante e olhou para o capim, fingindo procurar pistas importantes conforme seu estômago se contorcia.

Segurou as rédeas com o máximo de força que pôde, forçando-se a engolir a saliva que se acumulava na boca. Era um orgulhoso filho da União, que droga! E mais: era um nobre, de família distinta. E mais ainda: era um ousado oficial do Próprio do Rei, além de vencedor do Campeonato. Vomitar por ver um pouco de sangue e gosma seria cair em desgraça diante dessa mistura de idiotas e primitivos, e isso não seria permitido, sob nenhuma circunstância. A honra de sua nação estava em jogo. Olhou fixamente para o chão molhado, trincou os dentes com força e ordenou que o estômago parasse. Gradualmente a estratégia começou a dar certo. Respirava fundo pelo nariz. Ar frio, úmido, calmante. Estava no controle. Olhou de novo para os outros.

Ferro estava agachada, com a mão enfiada quase até o pulso no ferimento aberto de uma das vítimas.

– Está frio – disse rispidamente para Nove Dedos. – Está morto pelo menos desde esta manhã.

Ela puxou a mão e seus dedos vieram cobertos de gosma.

Jezal vomitou metade do desjejum magro na parte da frente de seu casaco antes de ter tempo de ao menos descer da sela. Cambaleou alguns passos, respirou ofegante e a ânsia veio de novo. Dobrou-se com as mãos nos joelhos, a

cabeça rodando, cuspindo bile no capim.

– Você está bem?

Jezal levantou os olhos, esforçando-se para parecer indiferente com um fio longo de baba pendurado no rosto.

– Foi alguma coisa que eu comi – murmurou, limpando o nariz e a boca com a mão trêmula.

Uma desculpa digna de pena, tinha de admitir.

Mas Nove Dedos apenas assentiu.

– Provavelmente foi aquela carne de manhã. Eu também estou meio enjoado – falou ele com um dos seus sorrisos repulsivos e ofereceu um odre de água a Jezal. – É melhor beber bastante. Para pôr isso para fora, não é?

Jezal chacoalhou um bocado de água na boca e cuspiu, olhando Nove Dedos voltar para os cadáveres e franzindo a testa. Tinha sido estranho. Vindo de outra fonte, quase poderia parecer um gesto generoso. Tomou outro gole de água e começou a sentir-se melhor. Voltou meio cambaleante até o cavalo e montou de novo.

– Quem fez isso estava bem armado e em bom número – estava dizendo Ferro. – O capim está cheio de rastros.

– Devemos ter cuidado – comentou Jezal, tentando se impor na conversa.

Bayaz se virou rapidamente para ele.

– Sempre devemos ter cuidado! Nem precisa dizer! A que distância estamos de Darmium?

Pé Comprido franziu os olhos para o céu, depois olhou pela planície. Lambeu o dedo e o levantou ao vento.

– Até para um homem com os meus talentos é difícil ser preciso sem ter estrelas. Uns 80 quilômetros, mais ou menos.

– Teremos de sair da estrada logo.

– Não vamos atravessar o rio em Darmium?

– A cidade está em caos. Cabrian a controla e não deixa ninguém entrar. Não podemos correr esse risco.

– Muito bem. Então será em Aostum. Vamos pegar uma rota ao redor de Darmium e ir para oeste. É um caminho ligeiramente mais longo, porém...

– Não.

– Não?

– A ponte de Aostum foi destruída.

Pé Comprido franziu a testa.

– Foi? Realmente, Deus gosta de testar seus seguidores. Talvez tenhamos de atravessar o Aos num vau...

– Não – disse Bayaz. – As chuvas foram fortes e o grande rio é fundo. Todos os vaus estão fechados para nós.

O navegador ficou perplexo.

– O senhor é meu patrão, claro, e, sendo um orgulhoso membro da ordem dos Navegadores, sempre farei o máximo para obedecer, mas infelizmente não consigo ver outra solução. Se não podemos atravessar em Darmium nem em Aostum e se não temos como cruzar o rio num vau...

– Há outra ponte.

– Há?

Pé Comprido pareceu pasmo durante um momento, depois seus olhos se arregalaram de repente.

– O senhor não está falando...

– A ponte de Aulcus continua de pé.

Todo mundo se entreolhou por um momento, franzindo a testa.

– Achei que você tivesse dito que o lugar era uma ruína – observou Nove Dedos.

– Um cemitério devastado, foi o que eu ouvi – murmurou Ferro.

– Achei que o senhor tivesse dito que ninguém passasse a pelo menos quilômetros daquele lugar.

– Nem de longe seria minha primeira opção, mas não existem outras. Vamos chegar ao rio e seguir a margem norte até Aulcus.

Ninguém se mexeu. Pé Comprido, em particular, tinha uma expressão atônita de horror.

– Agora! – disse Bayaz rispidamente. – Sem dúvida não é seguro ficar aqui.

E com isso virou o cavalo para longe dos cadáveres. Quai deu de ombros e estalou as rédeas, e a carroça chacoalhou pelo capim seguindo o Primeiro dos Magos. Pé Comprido e Nove Dedos foram atrás, testas franzidas cheias de mau agouro.

Jezal olhou para os corpos, ainda caídos ali, os olhos acusando o céu que escurecia.

– Não devíamos enterrá-los?

– Se quiser – resmungou Ferro, pulando na sela com um movimento fácil. – Talvez você possa enterrá-los em vômito.

Um pessoal maligno

CAVALGAR, ERA O que estavam fazendo. Era o que faziam há dias. Cavalgar, procurar Bethod, com o inverno chegando. Pântano e floresta, morro e vale. Chuva e geada, névoa e neve. Procurando sinais de que ele vinha nessa direção, sabendo que não haveria sinal nenhum. Um tempo imenso desperdiçado, na opinião de Cachorrão, mas depois que você é idiota a ponto de pedir uma tarefa, é melhor realizar a que recebe.

– Porcaria de serviço estúpido! – rosnou Barca Negra, encolhendo-se, remexendo-se e segurando desajeitado as rédeas.

Nunca fora muito bom cavaleiro. Gostava de manter os pés no chão e apontados para o inimigo.

– Perda de tempo, porra. Como você aguenta fazer reconhecimento, Cachorrão? Porcaria de serviço estúpido!

– Alguém tem de fazer, não é? Pelo menos agora eu tenho um cavalo.

– Bom, estou tão feliz por você! – zombou ele. – Você ganhou um cavalo!

Cachorrão balançou os ombros.

– Melhor do que andar.

– Melhor do que andar, é? – bufou Barca Negra. – Era só o que faltava!

– Tenho até calças novas. Para não falar nos agasalhos de lã. Já não sinto o vento tão frio nos meus bagos.

Isso provocou um riso abafado em Tul, mas pelo jeito Barca Negra não estava de bom humor.

– Frio nos bagos? Pela porra dos mortos, garoto, foi para isso que a gente veio? Esqueceu quem você é? Você era o mais ligado ao Nove Dedos! Chegou por cima das montanhas com ele! Você está em todas as canções que falam dele! Fez reconhecimento na frente de exércitos. Mil homens, todos seguindo o que você dizia!

– Isso não acabou muito bem para todos os envolvidos – murmurou Cachorrão, mas Barca Negra já havia se virado para Tul.

– E você, grandão? Tul Duru Cabeça de Trovão, o desgraçado mais forte do Norte. Lutou com ursos e venceu, pelo que ouvi dizer. Afastou sozinho as linhas inimigas e seu clã escapou incólume. Um gigante, dizem, três metros de altura, nascido numa tempestade e com a barriga cheia de trovões. E então, gigante? O único trovão que ouço você provocar ultimamente é quando você dá uma cagada!

– E daí? – rosnou Tul. – Você é diferente? Os homens sussurravam o seu nome, com medo de falar alto. Pegavam armas e ficavam perto da fogueira se pensassem que você estava a menos de 10 léguas! Barca Negra, diziam, silencioso, esperto e implacável como um lobo! Matou mais homens do que o inverno e é ainda menos piedoso! Quem liga a mínima agora, hein? Os tempos mudaram e você rolou morro abaixo, tanto quanto o resto de nós!

Barca Negra apenas sorriu.

– É o que estou dizendo, rapagão, é exatamente o que estou dizendo. Cada um de nós era alguma coisa. Homens Nomeados. Homens Conhecidos. Temidos. Lembro meu irmão dizendo que não existia ninguém melhor do que Harding Sinistro com arco ou espada. Melhor do que qualquer um no Norte. A mão mais firme de todo o Círculo do Mundo! Que tal isso, hein, Sinistro?

– Uh – disse Sinistro.

Barca Negra assentiu.

– É exatamente o que estou dizendo. Agora olhem para nós. Nós não rolamos morro abaixo, caímos da porcaria de um penhasco! Cumprimos tarefas dadas por aqueles sulistas? Aquelas porras de mulheres usando calças de homem? Aquelas porcarias de comedores de salada com suas palavras grandes e suas espadinhas finas?

Cachorrão se remexeu na sela, desconfortável.

– Aquele tal West sabe das coisas.

– Aquele tal West! – zombou Barca Negra. – Ele sabe diferenciar o cu da boca e, nesse sentido, é muito melhor do que o resto, mas é mole feito gordura de porco, e você sabe... não tem tutano! Nenhum deles tem! Eu ficaria surpreso se metade deles já tiver visto alguma batalha. Você acha que eles suportariam um ataque dos Carls de Bethod? – Ele gargalhou consigo mesmo. – Isso é que é

piada!

– Não posso negar que eles são um bando de fracotes – murmurou Tul, e Cachorrão não pôde discordar. – Metade está faminta demais para levantar uma arma, quanto mais usá-la com algum vigor, se ao menos souber como. Todos os bons foram para norte, lutar contra Bethod, deixando a gente aqui com a raspa do tacho.

– A raspa do penico, é o que eu acho. E você, Três Árvores? – gritou Barca Negra. – A Rocha de Uffrith, hein? Você foi uma lança no cu do Bethod durante seis meses, um herói para todos os homens corretos no Norte! Rudd Três Árvores! Eis aí um homem esculpido em pedra! Eis um homem que nunca recua! Quer honra? Quer dignidade? Quer saber como um homem deve ser? Não precisa procurar mais! O que acha de tudo isso, hein? Cumprindo tarefas! Revirando esses pântanos atrás do Bethod, onde todos nós sabemos que ele não está! Trabalho para moleques, e tivemos sorte de conseguir isso, não é?

Três Árvores parou o cavalo e o girou lentamente. Ficou na sela, encolhido, parecendo cansado, e olhou Barca Negra por um minuto.

– Abra os ouvidos e escute ao menos uma vez, porque não quero ficar falando isso a cada quilômetro que a gente andar. O mundo não está como eu gosto, em todos os sentidos. Nove Dedos voltou para a lama. Bethod virou rei dos nórdicos. Os shankas estão decididos a vir em bandos pelas montanhas. Eu andei longe demais e lutei por muito tempo e ouvi merda suficiente de você, merda suficiente para uma vida inteira, e tudo isso numa idade em que deveria estar com os pés para cima, com filhos para cuidar de mim. Portanto você pode ver que eu tenho problemas maiores do que pensar que a vida não aconteceu como você esperava. Você pode ficar cantarolando sobre o passado quanto quiser, Barca Negra, como uma velha chateada porque antes os peitos eram duros, ou pode fechar a porra da matraca e me ajudar a ir em frente.

Três Árvores olhou nos olhos de cada um e Cachorrão sentiu um pouco de vergonha por ter duvidado dele.

– Quanto a procurar Bethod onde ele não está, bom, Bethod nunca foi de aparecer onde deveria. Nós recebemos a tarefa de fazer reconhecimento, e fazer reconhecimento é o que eu pretendo – disse e se inclinou para a frente na sela. – Então que tal isto, como uma porra de regra? Boca fechada. Olhos abertos.

E ele se virou e instigou o cavalo através das árvores.

Barca Negra respirou fundo.

– É justo, chefe, é justo. Só que é uma pena. É isso que estou dizendo. É uma pena.



– São três – disse Cachorrão. – Nórdicos, com certeza, mas é difícil saber de qual clã. Como estão aqui embaixo, imagino que sigam Bethod.

– Provavelmente – concordou Tul. – Parece que esse é o costume atual.

– Só três? – perguntou Três Árvores. – Bethod não tem motivo para ter três homens sozinhos aqui. Deve haver mais por perto.

– Vamos cuidar dos três e achar o resto mais tarde – resmungou Barca Negra. – Eu vim aqui para lutar.

– Você veio aqui porque eu o arrastei – disse Três Árvores rispidamente. – Há uma hora você estava pedindo para voltar.

– Uh – fez Sinistro.

– Podemos passar ao largo deles se precisarmos – ressaltou Cachorrão e apontou através da floresta fria. – Eles estão ali na encosta, no meio das árvores. Não teremos problema em contornar.

Três Árvores olhou para o céu, rosa e cinza por entre os galhos, e balançou a cabeça.

– Não. Estamos perdendo a luz, e eu não gostaria de deixá-los atrás de nós no escuro. Já que estamos aqui, e já que eles estão aqui, é melhor cuidarmos deles. Armas, sim. – Ele se agachou, falando baixo. – Vamos fazer o seguinte: Cachorrão, contorne por cima, por aquela encosta ali. Pegue o da esquerda quando ouvir o sinal. Entendeu? O da esquerda. E é melhor não errar.

– Certo – disse Cachorrão. – Da esquerda.

Nem precisava dizer para não errar.

– Barca Negra, você vai em silêncio e pega o do meio.

– O do meio – rosnou Barca Negra. – Ele está acabado.

– Com isso resta um para você, Sinistro.

Sinistro assentiu sem levantar os olhos, já esfregando o arco com um trapo.

– Serviço limpo, pessoal. Não quero colocar um de vocês na lama por causa

disso. A postos, então.

Cachorrão encontrou um bom local acima dos três batedores de Bethod e ficou vigiando de trás de uma árvore. Devia ter feito isso uma centena de vezes, mas nunca ficava mais fácil para os nervos. Provavelmente era bom. Quando a coisa fica fácil é que o homem comete erros.

Cachorrão estava atento, por isso vislumbrou Barca Negra à luz fraca, deslizando pelo mato baixo, os olhos fixos adiante, na tarefa. Estava chegando perto agora, bem perto. Cachorrão pôs uma flecha na corda e mirou o da esquerda, respirando devagar para manter as mãos firmes. Foi então que percebeu. Agora que passara para o outro lado, o homem que estivera à esquerda estava à direita. Então em qual deveria atirar?

Xingou-se, lutando para se lembrar do que Três Árvores tinha dito. Contorne e pegue o da esquerda. Não fazer nada seria pior, por isso mirou no da sua esquerda e esperou que estivesse certo.

Ouviu Três Árvores dar o sinal embaixo, como se fosse o som de um pássaro na floresta. Barca Negra se preparou para atacar. Cachorrão soltou sua flecha. Ela bateu nas costas do homem em quem havia mirado, no instante em que a de Sinistro o acertava pela frente e Barca Negra agarrava o do meio e lhe dava uma facada por trás. Com isso um deles ficou intacto, e parecendo muito surpreso.

– Merda – sussurrou Cachorrão.

– Socorro! – gritou o último, antes que Barca Negra saltasse sobre ele.

Os dois rolaram nas folhas, grunhindo e lutando. O braço de Barca Negra subiu e desceu – uma, duas, três vezes, depois ele se levantou, olhando furioso por entre as árvores e parecendo muito irritado. Cachorrão estava encolhendo os ombros quando escutou uma voz atrás.

– Hein?

Cachorrão estacou, o corpo todo gelado. Havia outro, nos arbustos, a menos de dez passos de distância. Pegou uma flecha e a colocou na corda, bem silencioso, depois girou sem fazer barulho. Viu dois deles, e eles o viram, e sua boca ficou amarga feito cerveja velha. Todos se encararam. Cachorrão mirou no maior e puxou a flecha bem para trás.

– Não! – gritou ele.

A flecha o acertou no peito e ele gemeu e tropeçou, caindo de joelhos. Cachorrão largou o arco e fez menção de sacar a faca, mas não conseguiu pegá-

la antes que outro estivesse em cima dele. Os dois caíram com força no mato e começaram a rolar.

Luz, escuridão, luz, escuridão. Rolaram e rolaram pela encosta, chutando, rasgando e dando socos. A cabeça de Cachorrão bateu em alguma coisa e ele ficou caído de costas, lutando com o desgraçado. Sibilavam um para o outro, não eram exatamente palavras, mas sons como os de cães brigando. O homem soltou a mão e pegou uma faca em algum lugar, mas Cachorrão segurou o pulso dele antes que o sujeito pudesse cravá-la.

Ele estava empurrando para baixo com todo o peso, as duas mãos na faca. Cachorrão empurrava no outro sentido, as duas mãos nos pulsos dele, com o máximo de força possível, mas não o suficiente. A lâmina descia devagar na direção do rosto de Cachorrão. Ele a olhava vesgo, um dente de metal brilhante a pouco mais de um palmo de seu nariz.

– Morra, desgraçado!

E ela desceu mais dois centímetros. Os ombros do Cachorrão, os braços, as mãos estavam queimando, perdendo a força. Olhando o rosto do inimigo. A barba crescida no queixo, os dentes amarelos, as marcas de varíola no nariz torto, o cabelo pendendo ao redor. A ponta da faca chegou mais perto. Cachorrão ia morrer, não havia como evitar.

Tchiiim.

E a cabeça dele não estava mais ali. O sangue jorrou no rosto de Cachorrão, quente, pegajoso e fétido. O cadáver ficou frouxo e ele o empurrou para longe, com sangue nos olhos, sangue no nariz, sangue na boca. Cambaleou para levantar-se, ofegando, sufocando e cuspindo.

– Tudo bem, Cachorrão. Você está bem.

Era Tul. Devia ter chegado quando eles estavam lutando.

– Ainda estou vivo – sussurrou Cachorrão, como Logen costumava fazer quando acabava uma luta. – Ainda estou vivo.

Mas, pelos mortos!, tinha sido por pouco.

– Eles não tinham grande coisa – estava dizendo Barca Negra, remexendo no acampamento.

Panela no fogo, armas e coisa e tal, mas não muita comida. Não o bastante para estarem sozinhos ali, na floresta.

– Batedores, talvez – sugeriu Três Árvores. – Avançados com relação a

algum grupo maior?

– Calculo que sim – respondeu Barca Negra.

Três Árvores deu um tapa no ombro de Cachorrão.

– Você está bem?

Ele ainda tentava limpar o sangue do rosto.

– É, acho que sim.

Continuava meio abalado, mas iria se acalmar.

– Uns cortes e arranhões. Nada que vá me matar.

– É bom, porque não posso dispensar você. Por que não vai dar uma olhada entre as árvores enquanto a gente limpa essa sujeira aqui? Descubra para quem esses desgraçados estavam fazendo reconhecimento.

– Certo – respondeu Cachorrão, inalando fundo o ar e expirando. – Certo.



– Porcaria de serviço estúpido, hein, Barca Negra? – sussurrou Três Árvores. – É trabalho para moleques e temos sorte de ter conseguido? O que me diz agora?

– Posso ter cometido um erro.

– Um erro grande – corrigiu-o Cachorrão.

Havia uma centena de fogueiras acesas lá embaixo, nas encostas escuras, uma centena de fogueiras ou mais. Havia homens lá embaixo também, não precisava dizer. Na maioria eram servos, pouco armados, mas também um bom número de Carls. Cachorrão podia ver a última luz do dia brilhando nas pontas de lanças e nas bordas dos escudos, nas cotas de malha, tudo polido e pronto para a luta, agrupado perto dos estandartes de cada chefe de clã. Um monte de estandartes. Vinte, ou até mesmo trinta, numa contagem rápida. Cachorrão nunca tinha visto mais de dez juntos.

– O maior exército que já saiu do Norte – murmurou.

– É – concordou Três Árvores. – Todos lutando por Bethod, e a menos de cinco dias de marcha dos sulistas – disse e apontou para um dos estandartes. – Aquele lá é o estandarte de Ossinho?

– É – resmungou Barca Negra, e cuspiu no mato. – É a marca dele, sim.

Tenho coisas a resolver com aquele desgraçado.

– Existe um mundo de coisas a resolver lá embaixo – rebateu Três Árvores. – Tem o estandarte de Pálido-como-neve, o de Mecha Branca e o Crendel Afiado está perto das pedras. É um pessoal maligno. Eles passaram para o lado de Bethod logo no início. Todos engordaram com isso, imagino.

– E aqueles? – perguntou Cachorrão, apontando para alguns que ele não reconhecia: símbolos de aparência maligna, todos cheios de couro e ossos. Pareciam marcas dos homens das montanhas, talvez. – Aquele não é o estandarte de Crummock-i-Phail?

– Nãão! Ele jamais se ajoelharia diante de Bethod nem de ninguém. Aquele desgraçado maluco ainda deve estar lá nas montanhas, em algum lugar, uivando para a lua com os outros.

– A não ser que tenha sido derrotado por Bethod – grunhiu Barca Negra.

Três Árvores balançou a cabeça.

– Duvido. É um desgraçado esperto, o tal Crummock. Manteve Bethod durante anos lá nos Lugares Altos. Dizem que ele conhece todos os caminhos.

– Então de quem são aqueles símbolos? – perguntou Cachorrão.

– Não sei, pode ser algum pessoal do leste, para além de Crinna. Tem um pessoal estranho por lá. Conhece algum daqueles estandartes, Sinistro?

– Conheço – disse Sinistro, mas foi só isso.

– Não importa de quem são os símbolos – murmurou Barca Negra. – Olha só quantos são. Metade da porra do Norte está aqui.

– E é a metade pior – completou Cachorrão.

Estava olhando o símbolo de Bethod, bem no meio dos outros. Um círculo vermelho coberto de peles negras, um hectare delas, pelo que parecia, grande como um campo, preso num tronco de pinheiro alto, balançando seu agouro ao vento. Uma coisa gigantesca.

– Eu não ia querer carregar aquilo – murmurou.

Barca Negra chegou perto e se inclinou.

– A gente podia ir de fininho até lá, no escuro – sussurrou. – A gente podia ir de fininho e cravar uma faca no Bethod.

Todos se entreolharam. Era um risco terrível, mas Cachorrão não tinha dúvida de que valia a pena tentar. Não havia nenhum deles que não tivesse sonhado em mandar Bethod de volta para a lama.

– Cravar uma faca no desgraçado – murmurou Tul, e tinha um sorriso no rosto.

– Uh – grunhiu Sinistro.

– Essa é uma tarefa que vale a pena cumprir – sibilou Barca Negra. – É um serviço de verdade!

Cachorrão assentiu, olhando as fogueiras.

– Sem dúvida.

Trabalho nobre. Trabalho para Homens Nomeados, como eles, ou como eles costumavam ser, talvez. Haveria algumas canções sobre isso, sem dúvida. O sangue de Cachorrão corria mais rápido só de pensar, as mãos pinicavam, mas Três Árvores não quis saber.

– Não. Não podemos arriscar. Temos de voltar e contar à União. Dizer que eles vão receber visitas. Visitas desagradáveis e em grande número.

Ele repuxou a barba e Cachorrão pôde ver que ele não gostava daquilo, de recuar. Nenhum deles gostava, mas sabiam que era o certo, até Barca Negra. Eram grandes as chances de que jamais chegassem perto de Bethod ou de que, se chegassem, jamais saíssem.

– Precisamos voltar – disse Cachorrão.

– Está certo – falou Barca Negra. – Vamos voltar. Mas é uma pena.

– É – concordou Três Árvores. – Uma pena.

Sombras compridas

– PELOS MORTOS!

Ferro não disse nada, mas, pela primeira vez desde que Logen a conhecera, a carranca havia sumido. O rosto dela estava frouxo, a boca ligeiramente aberta. Luthar, por outro lado, ria feito um idiota.

– Já viram alguma coisa assim? – gritou acima do ruído, apontando com a mão trêmula.

– Não existe mais nada assim – disse Bayaz.

Logen precisou admitir que estivera se perguntando qual o motivo de toda a controvérsia sobre a travessia do rio. Alguns dos maiores rios no Norte podiam ser problema, em especial na estação errada e com muito material para carregar. Mas quando não havia ponte, você achava um bom vau, segurava as armas sobre a cabeça e ia passando. Poderia demorar um tempo até as botas secarem, e você precisava ficar de olhos bem abertos para a hipótese de uma emboscada, mas afora isso não havia muito a temer num rio. Era um bom lugar para encher os odres de água.

Encher o odre no Aos seria perigoso e exigiria pelo menos uns cem passos de corda.

Uma vez Logen havia estado nos penhascos perto de Uffrith e vira as ondas bater nas pedras lá embaixo, o mar estendendo-se, cinza e espumante até sumir de vista. Um lugar que suscitava tontura, humildade e preocupação. À beira do cânion do grande rio agora, a sensação era parecida – só que, a meio quilômetro, mais ou menos, outro penhasco subia da água. Era essa a margem oposta, se era possível usar essa palavra para descrever uma gigantesca face de rocha.

Arrastou os pés cautelosamente até a margem, sondando o chão macio com o bico da bota, e espiou. Não era boa ideia. A terra vermelha se projetava ligeiramente, presa com raízes brancas de capim, e então as rochas serrilhadas

desciam, quase na vertical. Onde a água espumante batia nelas, lá embaixo, lançava grandes jatos de gotículas no ar, nuvens de névoa úmida que Logen quase podia sentir no rosto. Tufos de capim alto se agarravam às fendas e lajes, e pássaros voavam entre elas, centenas de pequenos pássaros brancos. Logen podia apenas entreouvir seus pios agudos acima do rugido poderoso do rio.

Pensou em como seria cair naquele peso trovejante de água escura – ser sugado, girado e rasgado feito uma folha na tempestade. Engoliu em seco e arrastou os pés de volta, afastando-se cuidadosamente da borda, olhando ao redor à procura de algo a que se agarrar. Sentia-se minúsculo e leve demais, como se uma lufada forte pudesse jogá-lo longe. Quase podia sentir a água movendo-se através das botas, sua força ondulante e em torvelinho impossível de ser contida, fazendo a própria terra tremer.

– Aí você entende por que uma ponte pode ser uma ideia tão boa! – gritou Bayaz em seu ouvido.

– Como é possível construir uma ponte sobre isso?

– Em Aostum o rio se divide em três e o cânion é muito menos fundo. Os arquitetos do imperador construíram ilhas e fizeram as pontes com vários pequenos arcos. Mesmo assim, levaram doze anos nesse trabalho. A ponte de Darmium é obra do próprio Kanedias, um presente ao seu irmão Juvens, quando ainda se davam bem. Ela cruza o rio num vão único. Como ele fez isso ninguém sabe, hoje em dia – explicou Bayaz e, já indo em direção aos cavalos, ordenou: – Chame os outros, temos de prosseguir!

Ferro já estava retornando da borda.

– Tanta chuva – comentou ela ao olhar por cima do ombro, depois franziu a testa e balançou a cabeça.

– Não existem rios assim no lugar de onde você vem, não é?

– Nas Terras Ruins, água é a coisa mais preciosa que se pode ter. Os homens matam por causa de uma garrafa d’água.

– Foi onde você nasceu? Nas Terras Ruins?

Era um nome estranho para um lugar, mas parecia adequado a ela.

– Ninguém nasce nas Terras Ruins, rosado. Só morre.

– Lugar difícil, então? Onde você nasceu?

Ela fez uma carranca.

– Por que você se importa?

– Só estou tentando ser amigável.

– Amigos! – zombou ela, passando por ele e indo até os cavalos.

– Por quê? Você tem tantos aqui que não precise de mais um?

Ela parou, virou-se de leve para ele e o espiou estreitando os olhos.

– Meus amigos não duram, rosado.

– Nem os meus, mas acho que eu correria o risco, se você também quisesse correr.

– Certo – disse ela, mas não havia nada de amistoso no seu rosto. – Os gurkenses conquistaram minha terra quando eu era criança e me escravizaram. Pegaram todas as crianças.

– Escravizaram?

– É, idiota, me escravizaram! Ser comprada e vendida, como carne por um açougueiro! Ser propriedade de uma pessoa, e ela faz o que quiser com você, como fazem com uma cabra, ou um cachorro, ou a terra dos jardins! É isso que você quer saber, amigo?

Logen franziu a testa.

– Não temos esse costume no Norte.

– Ssss – sibilou ela, o lábio se enrolando com desdém. – Bom para vocês, seus porras!

A ruína assomava acima deles. Uma floresta de colunas despedaçadas, um labirinto de paredes quebradas, o terreno ao redor cheio de blocos caídos do tamanho de homens. Janelas despencando e portais vazios bocejavam como feridas. Uma silhueta negra irregular recortada contra as nuvens, como uma gigantesca fileira de dentes quebrados.

– Que cidade era essa? – perguntou Luthar.

– Não era cidade – respondeu Bayaz. – No auge do Tempo Antigo, quando o poder do imperador estava no ápice, este era seu palácio de inverno.

– Tudo isso? – Logen franziu os olhos para a vastidão de destroços. – Era a casa de um homem?

– E nem era para o ano inteiro. Na maior parte do tempo a corte ficava em

Aulcus. No inverno, quando a neve descia das montanhas, o imperador trazia seu séquito para cá. Um exército de guardas, serviçais, cozinheiros, autoridades, príncipes, crianças, esposas, atravessando a planície à frente dos ventos frios para residir durante três curtos meses nos salões cheios de ecos, nos jardins lindos, nos aposentos dourados – falou Bayaz e balançou a cabeça. – No passado distante, antes da guerra, este lugar reluzia como o mar ao nascer do sol.

Luthar fungou.

– E aí Glustrod derrubou tudo? – perguntou ele.

– Não. Não foi naquela guerra, e sim em outra que tudo caiu, muitos anos mais tarde. Uma guerra travada pela minha ordem, depois da morte de Juvens, contra o irmão mais velho dele.

– Kanedias – murmurou Quai. – O Mestre Artífice.

– Uma guerra tão amarga, tão brutal, tão implacável quanto a anterior. E mais ainda foi perdido. Juvens e Kanedias, no final.

– Não era uma família feliz – murmurou Logen.

– Não – confirmou Bayaz e franziu a testa para aqueles destroços portentosos. – Com a morte do Artífice, o último dos quatro filhos de Euz, o Tempo Antigo chegou ao fim. Ficamos apenas com as ruínas, os túmulos, os mitos. Homens pequenos, ajoelhados às sombras compridas do passado.

Ferro se levantou nos estribos.

– Cavaleiros – alertou num rosnado, olhando para o horizonte distante. – Quarenta ou mais.

– Onde? – perguntou Bayaz rapidamente, protegendo os olhos. – Não estou vendo nada.

Nem Logen conseguia ver. Só o capim balançando e as nuvens altas.

Pé Comprido franziu a testa.

– Não vejo cavaleiros e sou abençoado com uma visão perfeita. Ora, me disseram muitas vezes que...

– Querem esperar até vê-los – sibilou Ferro – ou sair da estrada antes que eles nos vejam?

– Vamos para as ruínas – ordenou Bayaz por cima do ombro. – Esperaremos até que eles passem. Malacus! Vire a carroça!

As ruínas do palácio de inverno eram cheias de sombras, silêncio e decadência. Os destroços gigantescos se erguiam ao redor, todos cobertos de

hera velha e musgo molhado, sujos e com crostas de cocô de pássaros e de morcegos. Os animais haviam feito daquilo o seu palácio. Aves cantavam em milhares de ninhos, no topo da alvenaria antiga. Aranhas haviam tecido grandes teias reluzentes nos portais inclinados, pesadas com gotas de orvalho brilhantes. Lagartos minúsculos tomavam sol em trechos de luz nos blocos caídos e corriam para longe quando alguém se aproximava. O chacoalhar da carroça no terreno irregular, os passos e os sons de cascos ecoavam nas pedras escorregadias. Em toda parte água pingava, fluía, e fazia barulho em poças ocultas.

– Pegue isso, rosado – falou Ferro e bateu sua espada nas mãos de Logen.

– Aonde você vai?

– Espere aqui embaixo e fique fora das vistas – respondeu e virou a cabeça para um lugar no alto. – Vou vigiar lá de cima.

Quando era garoto, Logen nunca saía das árvores em volta da aldeia. Quando era jovem, havia passado dias nos Lugares Altos, testando-se nas montanhas. Em Heonan, no inverno, os homens das montanhas haviam ocupado o desfiladeiro. Até Bethod tinha pensado que não existia um caminho alternativo, mas Logen encontrou uma subida pelo penhasco gelado e resolveu a questão. Mas ali não conseguia ver um modo de subir. Não sem uma ou duas horas para isso. Penhascos de blocos inclinados, pesados com trepadeiras mortas, rochedos de cantaria bamba, escorregadia por causa do musgo, parecendo se inclinar e tombar ao movimento rápido das nuvens lá em cima.

– Como, diabos, você pretende subir...

Ela já estava na metade de um dos pilares. Não escalava propriamente, e sim disparava feito um inseto, as mãos avançando rápidas. Parou um momento no alto, encontrou uma posição da qual gostou, depois saltou no ar, por cima da cabeça de Logen, pousou numa parede atrás e voltou a escalar, mandando uma chuva de reboco quebrado na cara dele. Agachou-se no topo e franziu a testa para ele.

– Tente não fazer muito barulho! – sibilou ela, depois sumiu.

– Vocês viram... – murmurou Logen, mas os outros já haviam se movido mais para dentro das sombras úmidas.

Ele foi atrás rapidamente; não queria ficar sozinho naquele enorme cemitério. Quai havia parado a carroça mais adiante e estava encostado nela, junto dos cavalos inquietos. O Primeiro dos Magos se ajoelhara perto dele no mato baixo e

esfregava as palmas das mãos na parede coberta de líquen.

– Olhe isso – disse Bayaz de repente quando Logen tentava desviar dele. – Esses relevos aqui. Obras-primas do mundo antigo! Narrativas, lições e avisos da história.

Seus dedos grossos roçavam gentilmente a pedra marcada.

– Podemos ser os primeiros homens a ver isso, em séculos!

– Hum – murmurou Logen, inflando as bochechas.

– Olhe aqui! – falou Bayaz, descrevendo um gesto na direção da parede. – Euz concede os dons aos três filhos mais velhos, enquanto Glustrod olha das sombras. O nascimento das três disciplinas puras da magia. Muitíssimo bem-feito, hein?

– Certo.

– E aqui – rosnou Bayaz, arrancando o mato e arrastando os pés até o painel seguinte cheio de musgo. – Glustrod planeja destruir o trabalho de seu irmão.

O mago precisou arrancar um emaranhado de hera morta para ver o que estava por baixo.

– Ele viola a Primeira Lei. Escuta vozes do mundo de baixo, está vendo? Invoca demônios e os manda contra seus inimigos. E neste – murmurou, puxando as trepadeiras marrons – deixe-me ver...

– Glustrod cava – murmurou Quai. – Quem sabe? No próximo ele pode até ter encontrado o que está procurando.

– Hum – resmungou o Primeiro dos Magos, deixando a hera grudar-se de volta na parede.

Olhou irritado para o aprendiz ao levantar-se, franzindo a testa.

– Às vezes, talvez seja melhor manter o passado coberto.

Logen pigarreou e se esgueirou para longe, abaixou-se rapidamente para passar sob um arco meio caído. No amplo espaço do outro lado havia várias pequenas árvores nodosas, plantadas em fileiras, mas cercadas de mato há muito tempo. Grandes ervas daninhas e espinheiros, marrons e meio podres por causa da chuva, erguiam-se quase até sua cintura, em volta das paredes cobertas de musgo.

– Talvez eu não devesse falar – disse a voz animada de Pé Comprido – mas isso precisa ser dito! Meu talento para a navegação é sem par! Está acima das habilidades de qualquer outro navegador, assim como as montanhas ficam acima

do vale profundo!

Logen estremeceu, mas ou era a raiva de Bayaz ou as bravatas de Pé Comprido, não havia opção.

– Eu guiei todos pela grande planície até o rio Aos sem me desviar sequer um quilômetro! – vangloriou-se o navegador sorrindo para Logen e Luthar, como se esperasse uma avalanche de elogios. – E sem um único encontro perigoso, numa terra considerada a mais perigosa sob o sol!

Ele franziu a testa.

– Talvez um quarto de nossa jornada épica já esteja para trás, em segurança. Não sei se vocês entendem a dificuldade envolvida. Atravessamos a planície sem qualquer marco, sem ao menos as estrelas para nos orientar! – falou e depois balançou a cabeça para concluir: – É. Realmente: o pináculo da realização é um lugar solitário.

Ele se virou e foi até uma das árvores.

– As acomodações já não estão em seu auge, mas pelo menos as árvores ainda dão frutos.

Pé Comprido pegou uma maçã verde num galho baixo e começou a lustrá-la na manga da camisa.

– Nada como uma boa maçã, e ainda mais do pomar do imperador – falou, rindo sozinho. – Estranho, hein? As plantas durarem mais do que as grandes obras dos homens.

Luthar se sentou numa estátua caída ali perto, tirou sua espada mais longa da bainha e a apoiou nos joelhos. O aço brilhava como um espelho enquanto ele a virava no colo, franzia a testa para ela, molhava um dedo na boca e esfregava alguma mancha invisível. Pegou sua pedra de amolar, cuspiu nela e começou a trabalhar cuidadosamente na lâmina comprida e fina. O metal ressoava baixinho à medida que a pedra ia para a frente e para trás.

Logen achou aquele som, aquele ritual, tranquilizador de certa forma, familiar de milhares de fogueiras de acampamentos de seu passado.

– Você precisa fazer isso? – perguntou o irmão Pé Comprido. – Afiar, polir, afiar, polir, noite e dia. Isso faz minha cabeça doer. Você ainda nem as usou. Provavelmente, quando precisar delas, vai descobrir que afiou tanto que sumiram, hein? – Ele riu da própria piada. – E aí como vai ficar?

Luthar nem se deu o trabalho de levantar a cabeça.

– Por que não se concentra em levar a gente para o outro lado dessa porcaria de planície e deixa as espadas para quem sabe a diferença?

Logen riu sozinho. Uma discussão entre os dois homens mais arrogantes que ele já conhecera era algo que valia a pena assistir, em sua opinião.

– Huh – bufou Pé Comprido. – Mostre-me alguém que saiba qual é a diferença e eu terei o prazer de nunca mais mencionar espadas.

Ele levou a maçã à boca, mas, antes que pudesse mordê-la, sua mão estava vazia. Luthar havia se movido quase rápido demais para ser visto e a fisgara com a ponta reluzente da espada.

– Devolva isso!

Luthar se levantou.

– Claro.

E Luthar a arremessou da espada com um movimento treinado do pulso. Antes que as mãos de Pé Comprido pudessem se fechar em volta da maçã, contudo, Luthar havia tirado a espada curta da bainha e girado-a no ar, num borrão de movimento. O navegador ficou fazendo malabarismo com as duas metades por um instante, antes de deixar ambas caírem no chão.

– Dane-se essa coisa de ficar se mostrando! – disse ele rispidamente.

– Nem todos temos sua modéstia – respondeu Luthar.

Logen ficou rindo sozinho quando Pé Comprido voltou pisando firme até a árvore, olhando os galhos em busca de outra maçã.

– Belo truque – grunhiu ele, andando pelo mato baixo até onde Luthar estava sentado. – Você é rápido com essas agulhas.

O rapaz deu de ombros, modesto.

– Já me disseram isso.

– Hum.

Cravar a espada numa maçã e cravá-la num homem eram duas coisas diferentes, mas a rapidez era um bom começo. Logen olhou a espada de Ferro, virou-a nas mãos, depois a tirou da bainha de madeira. Em sua mente era uma arma estranha, o cabo e a lâmina suavemente curvos, mais grossa na ponta do que no punho, afiada só num gume, praticamente sem ponta. Girou-a no ar duas vezes. Peso estranho, mais parecia um machado do que uma espada.

– Coisa esquisita – murmurou Luthar.

Logen verificou o gume com o polegar. Parecia áspero, repuxava a pele.

– Mas é afiada.

– Você não afia a sua?

Logen franziu a testa. Calculava que devia ter passado semanas da vida afiando as armas que carregara. Toda noite, na estrada, depois de comer, os homens se sentavam e trabalhavam nas armas, aço raspando em metal e pedra, faiscando à luz das fogueiras. Afiando, limpando, polindo, ajustando. Seu cabelo podia estar cheio de lama, a pele rígida com suor velho, as roupas cheias de piolhos, mas as armas sempre reluziam como a lua nova.

Segurou o punho frio da espada que Bayaz lhe dera e a puxou da bainha manchada. Parecia uma coisa lenta e feia comparada com as de Luthar – e com a de Ferro também, por sinal. Praticamente não havia brilho na pesada lâmina cinzenta. Ele a virou na mão. A única letra prateada brilhava perto do punho. A marca de Kanedias.

– Não sei por que, mas ela não precisa ser afiada. No início tentei, mas tudo o que fiz foi gastar a pedra.

Pé Comprido havia subido numa árvore e estava deslizando por um galho comprido na direção de uma maçã que pendia fora do alcance, perto da ponta.

– Se vocês me perguntarem – grunhiu o navegador –, as armas combinam com os donos. Capitão Luthar: chamativo e bonito, mas jamais usado em combate. A mulher Maljinn: afiada, maligna e preocupante, só de olhar. O nórdico Nove Dedos: pesado, sólido, lento e simples. Rá!

Ele deu um risinho, arrastando-se mais um pouco no galho.

– Uma metáfora muito adequada! Fazer malabarismo com palavras sempre foi um dos meus muitos talentos not...

Logen grunhiu enquanto girava a espada acima da cabeça. Ela bateu no galho no ponto em que se encontrava com o tronco, atravessou-o num movimento limpo, quase até o outro lado. Mais do que o suficiente para que o peso de Pé Comprido rasgasse o resto e fizesse o galho inteiro, com navegador e tudo, despencar no mato.

– Isso é suficientemente lento e simples para você?

Luthar soltou uma gargalhada e continuou afiando a espada curta, e Logen também gargalhou. Gargalhar com um homem era um bom passo adiante. Primeiro vem o riso, depois o respeito, em seguida a confiança.

– Pelo hálito de Deus! – gritou Pé Comprido, arrastando-se de baixo do

galho. – Será que não se pode comer sem ser incomodado?

– É bastante afiada – riu Luthar. – Sem dúvida.

Logen sopesou a espada nas mãos.

– É, esse tal Kanedias sabia mesmo fazer uma arma.

– Armas era o que Kanedias fazia – falou Bayaz, que havia passado pelo arco semidesmoronado e estava no pomar cheio de mato. – Afinal de contas, ele era o Mestre Artífice. Essa que você está segurando é uma das últimas que ele fez, forjada para a guerra contra seus irmãos.

– Irmãos – bufou Luthar. – Sei exatamente como ele se sentia. Sempre há alguma coisa. Geralmente uma mulher, na minha experiência.

Ele passou a pedra uma última vez na espada curta.

– E quando há mulheres, eu sempre saio por cima – concluiu.

– É mesmo? – grunhiu Bayaz. – Por acaso uma mulher entrou na história, mas não como você está pensando.

Luthar riu de um jeito repugnante.

– Que outro modo existe para pensar em mulheres? Se você me perguntar... arg!

Um enorme cocô de pássaro bateu no ombro de seu casaco, lançando pingos pretos e cinza no cabelo, no rosto, nas espadas que acabara de limpar.

– Que negócio...?

Ele se levantou e olhou a parede acima. Ferro estava agachada nela, limpando a mão num pouco de hera. Era difícil dizer, com o céu claro atrás, mas Logen imaginou se ela não teria um leve sorriso no rosto.

Luthar certamente não estava sorrindo.

– Sua vaca maluca! – berrou ele, raspando a sujeira do casaco e jogando na parede. – Bando de selvagens malditos!

E passou com raiva pelo arco caído. Pelo jeito, gargalhar era uma coisa, mas podia faltar muito para a chegada do respeito.

– Para o caso de algum de vocês, rosados, se interessarem – gritou Ferro –, os cavaleiros foram embora.

– Para onde? – perguntou Bayaz.

– Para o leste, na direção de onde a gente veio, cavalgando depressa.

– Procurando por nós?

– Quem sabe? Eles não tinham brasões. Mas se estão procurando,

provavelmente vão achar nossa trilha.

O mago franziu a testa.

– Então é melhor você descer daí. Precisamos ir andando.

Ele pensou um momento.

– E tente não jogar mais bosta!

E agora... o meu ouro

Para Sand dan Glokta,
Superior de Dagoska, e somente para ele

Estou enormemente perturbado por descobrir que você se considera com carência de homens e de dinheiro.
Quanto a soldados, será preciso que se vire com o que tem, ou com o que conseguir. Como já sabe muito bem, a grande maioria das nossas forças está comprometida em Angland. Infelizmente, certo temperamento rebelde entre os camponeses na Terra do Meio está mais do que ocupando o restante.
Quanto à questão de verbas, temo que nada possa ser enviado. Não volte a fazer tal solicitação. Aconselho-o a espremer o que conseguir dos mercadores de especiarias, dos nativos, de qualquer um que tenha algo a dar. Pegue emprestado e dê um jeito, Glokta. Demonstre aquela habilidade que o tornou tão famoso na guerra em Kanta.
Confio em que você não irá me desapontar.

Sult
Arquileitor da Inquisição de Sua Majestade

– As coisas vão em frente com a maior velocidade, superior, se é que posso dizer. Desde que os portões da Cidade Alta foram abertos, a taxa de trabalho dos nativos triplicou! O fosso está abaixo do nível do mar, atravessando toda a península, e vem se aprofundando a cada dia! Somente represas estreitas sustentam a água salgada nas duas extremidades. Assim que o senhor der a ordem, está tudo pronto para ser inundado! – contou Vissbruck e se recostou

com um sorriso feliz em seu rosto gorducho.

Como se a ideia toda tivesse sido dele.

Abaixo deles, na Cidade Alta, os cânticos da manhã começavam. Um gemido estranho que vinha dos pináculos do Grande Templo, espalhando-se por Dagoska e penetrando em cada construção, até mesmo ali, na câmara de audiências da Cidadela. *Kahdia chamando seu povo para rezar.*

Os lábios de Vurms se repuxaram quando ele ouviu aquele som.

– Já está na hora de novo? Nativos desgraçados com suas superstições malditas! Nunca deveríamos ter deixado que voltassem a entrar no templo! Canto desgraçado, me dá dor de cabeça!

E só por isso já vale a pena. Glokta riu.

– Se isso deixa Kahdia feliz, sua dor de cabeça é algo com que posso conviver. Gostando ou não, nós precisamos dos nativos, e os nativos gostam de cantar as orações. Acostume-se, é o meu conselho. Ou então enrole um cobertor na cabeça.

Enquanto Vurms se mantinha carrancudo, Vissbruck permaneceu recostado em sua cadeira, ouvindo.

– Devo admitir que acho o som relaxante, e não podemos negar o efeito que as concessões do superior causaram nos nativos. Com a ajuda deles, a muralha externa foi consertada, os portões foram substituídos e os andaimes já estão sendo desmontados. Temos pedras para os novos parapeitos, mas, hum, aí está um problema, os pedreiros se recusam a trabalhar mais um dia sem dinheiro. Meus soldados estão recebendo um quarto do soldo, e o moral anda baixo. O problema é a dívida, superior.

– Eu concordo – murmurou Vurms com raiva. – Os depósitos de grãos estão quase totalmente lotados e dois poços novos foram cavados na Cidade Baixa, a grande custo, mas meu crédito se exauriu completamente. Os mercadores de grãos estão querendo meu sangue!

Com muito menos intensidade do que cada mercador desta cidade quer o meu, ouso dizer.

– Nem posso mais mostrar a cara, por causa dos clamores deles – continuou. – Minha reputação está em jogo, superior!

Como se eu não tivesse preocupações maiores do que a reputação desse imbecil.

– Quanto estamos devendo?

Vurms franziu a testa.

– Pela comida, a água e os equipamentos em geral, não menos de 100 mil.

Cem mil? Os mercadores de especiarias adoram ganhar dinheiro, mas odeiam gastar. Eider não vai ceder nem metade desse valor, isso se quiser ao menos conversar.

– E o senhor, general?

– O custo de contratar mercenários, cavar o fosso, consertar os muros, armas extras, armaduras, munição... – Vissbruck estufou as bochechas. – No total, chega a quase 400 mil marcos.

Glokta precisou se esforçar para não engasgar. *Meio milhão? O resgate de um rei, até mais. Duvido que Sult pudesse fornecer tanto, mesmo se quisesse, e não quer. Homens morrem o tempo todo por causa de dívidas muitíssimo menores.*

– Trabalhem como puderem. Prometam quanto quiserem. O dinheiro virá, eu garanto.

O general Vissbruck já estava recolhendo suas anotações.

– Estou fazendo tudo o que posso, mas as pessoas começam a duvidar de que algum dia serão pagas.

Vurms foi mais direto:

– Ninguém confia mais em nós. Sem dinheiro, não podemos fazer nada.



– Nada – rosnou Severard.

Frost balançou a cabeça lentamente. Glokta esfregou os olhos doloridos.

– Um superior da Inquisição desaparece sem deixar sequer uma mancha para trás. Retira-se para seus aposentos à noite e a porta é trancada. De manhã, ele não atende. Arrombam a porta e encontram... – *Nada*. – A cama foi usada, mas não há nenhum corpo. Nem ao menos o menor sinal de luta.

– Nada – murmurou Severard.

– O que nós sabemos? Davoust suspeitava de uma conspiração dentro da cidade, de um traidor que pretendesse entregar Dagoska aos gurkenses. Acreditava que um membro do conselho governante estava envolvido. Parece

provável que ele tenha descoberto a identidade dessa pessoa e que de algum modo foi silenciado.

– Mas quem?

Precisamos inverter essa situação.

– Se não pudermos encontrar os traidores, devemos fazer com que eles venham a nós. Se eles trabalham para colocar os gurkenses do lado de dentro, só precisamos ter sucesso em mantê-los do lado de fora. Cedo ou tarde, eles vão se mostrar.

– É afcato – murmurou Frost.

Arriscado mesmo, especialmente para o atual superior da Inquisição em Dagoska, mas não temos opções.

– Então vamos esperar? – perguntou Severard.

– Vamos esperar e cuidar das defesas. Isso e tentar arranjar dinheiro. Você tem algum, Severard?

– Eu tinha. Dei a uma garota, lá embaixo na favela.

– Ah. Que pena.

– Na verdade, não: ela trepa feito uma louca. Eu a recomendo sem pestanejar, se o senhor estiver interessado.

Glokta estremeceu quando seu joelho estalou.

– Que história acalentadora, Severard. Nunca imaginei que você fosse romântico. Eu cantaria uma balada, se não estivesse tão sem verbas.

– Eu poderia pedir por aí. De quanto estamos falando?

– Ah, não muito. Digamos, meio milhão de marcos.

Uma sobrancelha do prático subiu rapidamente. Ele enfiou a mão no bolso, remexeu um momento, tirou-a e abriu. Algumas moedas de cobre brilharam na palma.

– Doze tostões – disse ele. – Doze tostões é tudo o que posso oferecer.



– Doze mil é tudo o que posso oferecer – disse a mestra Eider.

Não é nem uma gota no balde.

– Minha corporação está nervosa, os negócios não têm sido bons, a grande

maioria dos bens dos mercadores está atrelada a algum empreendimento. Eu também tenho pouco dinheiro em mãos.

Ouso dizer que você tem muito mais do que 12 mil, mas qual é a diferença? Duvido que até mesmo você tenha meio milhão enfiado em algum lugar. Provavelmente não existe essa quantia em toda a cidade.

– Seria quase de pensar que eles não gostam de mim.

Ela bufou.

– Tirá-los do templo? Armar os nativos? Depois exigir dinheiro? Seria justo dizer que o senhor não é a pessoa que eles mais adoram.

– Seria justo dizer que eles querem meu sangue? – *E querem muito, sem dúvida.*

– Seria, mas pelo menos por enquanto acho que consegui convencê-los de que sua presença é boa para a cidade – disse Eider e o encarou por um momento. – E é boa, não é?

– Se sua prioridade for manter os gurkenses do lado de fora. – *Esta é a nossa prioridade, não é?* – Porém mais dinheiro não faria mal.

– Mais dinheiro nunca faz mal, porém esse é o problema dos mercadores. Preferem ganhar a gastar, mesmo quando é no interesse deles.

Ela deu um suspiro pesado, batucou com as unhas na mesa, olhou para a mão. Pareceu pensar um momento, depois começou a tirar os anéis dos dedos. Quando finalmente tirou todos, jogou-os na caixa junto com as moedas.

Glokta franziu a testa.

– Um gesto simpático, mestra, mas eu não poderia...

– Eu insisto – disse ela, tirando seu colar pesado e jogando-o na caixa. – Posso conseguir mais, assim que o senhor tiver salvado a cidade. De qualquer modo, elas não vão me servir quando os gurkenses as arrancarem do meu cadáver, vão?

Ela tirou as pulseiras pesadas, ouro amarelo com pedras verdes. Elas chacoalharam junto com o resto.

– Leve as joias, antes que eu mude de ideia. Um homem perdido no deserto deve aceitar toda a água...

– Que lhe for oferecida, não importa de quem ela venha. Kahdia me disse a mesma coisa.

– Kahdia é um homem inteligente.

– É, sim. Agradeço a generosidade, mestra.

Glokta fechou a caixa com um estalo.

– É o mínimo que posso fazer – respondeu ela e se levantou da cadeira para ir até a porta, com as sandálias sibilando no tapete. – Falarei com o senhor em breve.



– Ele disse que precisa falar com o senhor agora.

– Qual é o nome dele, Shickel?

– Mauthis. É banqueiro.

Mais um credor que veio clamar pelo dinheiro. Cedo ou tarde terei de prender todos. Será o fim da minha pequena farra de gastos, mas quase valerá a pena, só para ver a cara deles. Glokta deu de ombros, sem saída.

– Mande-o entrar.

Era um homem alto, de 50 e poucos anos, quase feio, de tão magro, o rosto sulcado e os olhos fundos. Havia uma precisão séria em seus movimentos, uma frieza constante no olhar. *Como se estimasse em marcos de prata o valor de tudo o que vê, inclusive eu.*

– Meu nome é Mauthis.

– Fui informado disso, mas infelizmente não há verbas disponíveis no momento. – *A não ser que contemos com os 12 tostões de Severard.* – Quaisquer dívidas que a cidade tenha com seu banco terá de esperar. Não será por muito mais tempo, garanto. – *Só até o mar secar, o céu cair e os demônios andarem sobre a terra.*

Mauthis deu um sorriso. *Se é que se poderia chamar assim. Uma curvatura dos lábios bem-feita, precisa e absolutamente sem alegria.*

– O senhor entendeu mal, superior Glokta. Não vim cobrar uma dívida. Durante sete anos tive o privilégio de agir como principal representante da casa bancária Valint e Balk em Dagoska.

Glokta ficou quieto por um momento, depois tentou parecer despreocupado.

– Valint e Balk, o senhor disse? Seu banco financiava a Guilda dos Mercadores de Tecidos, acredito.

– Tivemos alguns negócios com aquela corporação, antes de sua infeliz decadência.

Eu diria que sim. Vocês eram donos dela, do alicerce para cima.

– Mas, afinal de contas, nós temos negócios com muitas guildas, companhias, outros bancos e indivíduos, grandes e pequenos. Hoje vim tratar de negócios com o senhor.

– Negócios de que natureza?

Mauthis se virou para a porta e estalou os dedos. Dois nativos corpulentos entraram, grunhindo, suando, lutando sob o peso de um grande baú: uma caixa de madeira preta polida, presa com faixas de aço brilhante, fechada com uma tranca pesada. Pousaram-no cuidadosamente no belo tapete, enxugaram o suor da testa e saíram por onde tinham vindo, deixando Glokta a franzir a testa. *O que é isso?* Mauthis pegou uma chave no bolso e a girou na fechadura. Em seguida levantou a tampa do baú. Saiu do caminho, com cuidado e precisão, para que Glokta visse o conteúdo.

– São 150 mil marcos em prata.

Glokta piscou. *Então é isso.* As moedas faiscavam e brilhavam à luz da tarde. Chatas, redondas, de prata, peças de 5 marcos. Não era um monte que tilintasse, não era o saque de algum bárbaro. Pilhas organizadas, iguais, mantidas no lugar por tarugos de madeira. *Tão precisas quanto o próprio Mauthis.*

Os dois carregadores estavam entrando de novo, ofegantes, trazendo uma segunda caixa, ligeiramente menor do que a primeira. Puseram-na no chão e saíram, sem ao menos relancear os olhos para a fortuna que rebrilhava à vista deles.

Mauthis destrancou a segunda caixa com a mesma chave, levantou a tampa e pôs-se de lado.

– São 350 mil marcos em ouro.

Glokta sabia que sua boca estava aberta, mas não conseguia fechá-la. Ouro brilhante, limpo, reluzindo em amarelo. Toda aquela riqueza quase parecia produzir calor, como uma fogueira. Aquilo o puxava, o arrastava, empurrava. Ele chegou a dar um passo hesitante, antes de se conter e parar. Grandes peças de ouro, de 50 marcos. Pilhas bem arrumadas, precisas, como antes. *A maioria dos homens jamais veria esse tipo de moeda na vida. Poucos chegaria a ver tantas.*

Mauthis enfiou a mão no casaco e pegou um grande estojo achatado de

couro. Colocou-o cuidadosamente na mesa e o desdobrou: uma, duas, três vezes.

– Meio milhão de marcos em pedras polidas.

Ali estavam, no couro macio e preto, sobre o tampo marrom da mesa, ardendo com todas as cores existentes sob o sol. Dois grandes punhados, talvez, de pedregulhos multicoloridos e brilhantes. Glokta olhou para elas, entorpecido, e sugou as gengivas. *De repente as joias da mestra Eider parecem tímidas.*

– No total, meus superiores pediram para lhe adiantar, Sand dan Glokta, superior de Dagoska, a quantia exata de 1 milhão de marcos – resumiu ele e desenrolou um papel grosso. – O senhor assina aqui.

Glokta olhou de um baú para o outro e de volta. Seu olho esquerdo teve uma série de tremores.

– Por quê?

– Para certificar que o senhor recebeu o dinheiro.

Glokta quase gargalhou.

– Não isso! Por que o dinheiro? – quis saber, balançando a mão em direção a tudo aquilo. – Para que tudo isso?

– Parece que meus patrões compartilham sua preocupação de que Dagoska não deve cair nas mãos dos gurkenses. Mais do que isso, não posso dizer.

– Não pode ou não quer?

– Não posso. Não quero.

Glokta franziu os olhos para as joias, a prata, o ouro. Sua perna latejava agudamente. *Tudo que eu queria e mais ainda. Mas os bancos não viram bancos distribuindo dinheiro.*

– Se isso é um empréstimo, quais são os juros?

Mauthis exibiu de novo o sorriso gélido.

– Meus patrões preferem chamar de contribuição para a defesa da cidade. Mas há uma condição.

– E qual é?

– Pode ser que no futuro um representante da casa bancária de Valint e Balk venha ao senhor requisitando... favores. Meus patrões esperam seriamente que, se e quando isso acontecer, o senhor não vá desapontá-los.

Favores equivalentes a 1 milhão de marcos. E eu me coloco nas mãos de uma organização bastante suspeita. Uma organização cujas motivações estou longe de entender. Uma organização que, até recentemente, eu estava a ponto de

investigar por alta traição. Mas quais são minhas opções? Sem dinheiro, a cidade está perdida e eu estou acabado. Eu precisava de um milagre, e aqui está ele, brilhando diante de mim. Um homem perdido no deserto deve aceitar toda a água que lhe for oferecida...

Mauthis empurrou o documento sobre a mesa. Vários parágrafos de texto bem escrito e um espaço para um nome. *Para o meu nome. Nem um pouco diferente de uma confissão escrita. E os prisioneiros sempre assinam. Elas chegam quando eles não têm opção.*

Glokta pegou a pena, mergulhou na tinta e escreveu seu nome no espaço fornecido.

– Isso conclui nosso negócio – falou Mauthis, que enrolou o documento, suave e precisamente, e o guardou com cuidado no casaco. – Meus colegas e eu partiremos de Dagoska esta noite.

Uma grande quantidade de dinheiro para contribuir para a causa, mas pouquíssima confiança nela.

– Valint e Balk estão fechando os escritórios aqui, mas talvez nos encontremos em Adua, assim que esta situação infeliz com os gurkenses for resolvida – informou o sujeito, dando novamente seu sorriso mecânico. – Não gaste tudo de uma vez.

Em seguida deu meia-volta e saiu, deixando Glokta sozinho com a monumental quantia caída do céu.

Foi arrastando os pés até ela, ofegando, e a observou. Havia algo obsceno em todo aquele dinheiro. Algo nojento. Algo quase amedrontador. Fechou as tampas dos baús. Trancou-os com as mãos trêmulas. Enfiou a chave no bolso. Acariciou com as pontas dos dedos as tiras de metal das duas caixas. As palmas das mãos estavam oleosas de suor. *Estou rico.*

Pegou uma pedra límpida, lapidada, do tamanho de uma bolota de carvalho, e a ergueu diante da janela, entre o polegar e o indicador. A luz fraca chegou a ele num brilho de muitas facetas, mil fagulhas de fogo reluzentes – azuis, verdes, vermelhas, brancas. Glokta não sabia muito sobre pedras preciosas, mas tinha quase certeza de que aquilo era um diamante. *Estou muito, muito rico.*

Olhou de volta para o restante, que reluzia no couro. Algumas eram pequenas, mas muitas, não. Várias eram maiores do que a que ele segurava. *Estou imensamente, fabulosamente rico. Imagine o que seria possível fazer com*

tanto dinheiro. Imagine o que seria possível controlar... talvez, com tudo isso, eu possa salvar a cidade. Mais muralhas, mais suprimentos, mais equipamentos, mais mercenários. Os gurkenses transtornados, expulsos de Dagoska. O imperador de Gurkhul humilhado. Quem diria? Sand dan Glokta, herói de novo.

Rolou as pedrinhas brilhantes com a ponta de um dedo, perdido em pensamentos. *Mas tantos gastos em tão pouco tempo levantariam suspeitas. Minha fiel serviçal, a prática Vitari, ficaria curiosa, e ela deixaria meu nobre chefe, o arquileitor, curioso também. Num dia eu imploro dinheiro, no outro gasto como se ele desse em árvores? Fui obrigado a pegar um empréstimo, Vossa Eminência. É mesmo? De quanto? Não mais de 1 milhão de marcos. É mesmo? E quem emprestou essa quantia? Ora, nossos velhos amigos do banco Valint e Balk, Vossa Eminência, em troca de favores não especificados, que eles podem cobrar a qualquer momento. Claro, minha lealdade continua inquestionável. O senhor entende, não é? Quero dizer, é só uma fortuna em joias. Corpo encontrado flutuando no cais...*

Moveu a mão distraidamente entre as pedras frias, duras, brilhantes, e elas fizeram cócegas agradáveis na pele entre os dedos. *Agradáveis, mas perigosas. Ainda devemos pisar com cautela. Com mais cautela do que nunca...*

Medo

A VIAGEM ATÉ a borda do Mundo era longa, disso não havia dúvida. Longa, solitária e tensa. Encontrar cadáveres na planície deixara todos preocupados. Ver cavaleiros passar piorara a situação. Os desconfortos da jornada não tinham diminuído. Jezal continuava faminto constantemente, com muito frio em geral, encharcado com frequência, e provavelmente teria marcas de feridas provocadas pela sela durante o resto de seus dias. Toda noite ele se estendia no chão duro e encalombado, cochilava e sonhava que estava em casa, só que acordava na manhã pálida mais cansado e dolorido do que ao se deitar. Sua pele coçava, ardia e se irritava com a estranheza da sujeira, e ele era obrigado a admitir que tinha começado a cheirar quase tão mal quanto os outros. Isso bastava para enlouquecer um homem civilizado; e agora, além de tudo isso, havia o constante incômodo do perigo.

Sob esse aspecto, o terreno não era favorável a Jezal. Na esperança de evitar qualquer um que os estivesse perseguindo, Bayaz havia ordenado que se afastassem do rio alguns dias antes. Agora a estrada antiga serpenteava através de cicatrizes fundas na planície, de gargantas rochosas, desfiladeiros sombreados, riachos borbulhantes em vales profundos.

Jezal começou a pensar quase com nostalgia na planura opressiva e interminável. Pelo menos lá eles não ficavam olhando para cada pedra, cada arbusto e cada dobra no chão imaginando se haveria um bando de inimigos sedentos de sangue atrás. Ele havia roído as unhas quase até sair sangue. Qualquer som o fazia morder a língua e girar na sela, agarrando suas espadas, procurando um assassino, quando era apenas um pássaro num arbusto. Não era medo, claro, porque Jezal dan Luthar gargalharia na cara do perigo, dizia ele a si mesmo. Uma emboscada, uma batalha ou uma perseguição ofegante pela planície – essas coisas ele imaginava que poderia enfrentar sem abalo. Mas essa

espera interminável, essa tensão insensata, esse esfregar implacável dos minutos vagarosos era quase mais do que ele conseguia suportar.

Talvez ajudasse ter alguém com quem ele pudesse compartilhar a inquietação, mas, em termos da companhia, pouco havia mudado. A carroça continuava rolando pela estrada velha e esburacada com Quai sentado em cima, silencioso e sério. Bayaz não dizia nada, a não ser algum sermão ocasional sobre as qualidades da ótima liderança, qualidades que pareciam nitidamente ausentes nele próprio. Pé Comprido ficava longe, fazendo reconhecimento do caminho, e só aparecia a cada um ou dois dias para dizer com que habilidade vinha desempenhando a tarefa. Ferro franzia a testa para qualquer coisa, como se tudo fosse um inimigo pessoal – Jezal acima de tudo, pelo que às vezes parecia; suas mãos jamais estavam longe das armas. Ela falava raramente e só com Nove Dedos, para rosnar sobre emboscadas, sobre como encobrir melhor os rastros ou sobre as possibilidades de estarem sendo seguidos.

O próprio nórdico era uma espécie de enigma. Quando Jezal pusera os olhos nele pela primeira vez, boquiaberto no portão do Agriont, ele parecera menos do que um animal. Mas ali, no meio do nada, as regras eram diferentes. Não era possível simplesmente se afastar de alguém de quem se sentia aversão, depois fazer o máximo para evitá-lo, diminuí-lo quando presente e insultá-lo pelas costas. Aqui você estava preso aos companheiros e, estando preso com ele, Jezal passara a perceber lentamente que, afinal de contas, Nove Dedos era apenas um homem. Um homem estúpido e abrutalhado – e tremendamente feio, sem dúvida. Em termos de sagacidade e cultura, ele estava abaixo do camponês mais ínfimo do interior da União, porém Jezal precisava admitir que, entre todos no grupo, o nórdico era quem ele passara a odiar menos. Nove Dedos não tinha a pomposidade de Bayaz, a bisbilhotice de Quai, a presunção de Pé Comprido ou a malignidade pura de Ferro. Jezal não teria vergonha de perguntar a um camponês sua opinião sobre como plantar, ou a um ferreiro sua opinião sobre como fazer uma armadura, por mais que eles fossem sujos, feios ou malnascidos. Por que não consultar um matador endurecido sobre o tema da violência?

– Soube que você já comandou homens em batalha – tentou puxar assunto.

O nórdico virou para ele os olhos escuros e lentos.

– Mais de uma vez.

– E lutou em duelos.

– É. – Ele coçou as cicatrizes ásperas no rosto barbado. – Não foi porque minha mão tremia na hora de fazer a barba que fiquei desse jeito.

– Se sua mão tremesse tanto assim, talvez você preferisse deixar a barba crescer.

Nove Dedos deu um risinho. Agora Jezal estava quase acostumado com essa visão. Ainda era hedionda, claro, mas lhe parecia mais um macaco bem-humorado do que um assassino louco.

– É bem possível – disse ele.

Jezal pensou um momento. Não queria parecer fraco, mas a honestidade podia fazer ganhar a confiança de um homem simples. Se isso funcionava com cachorros, por que não com nórdicos?

– Já eu nunca lutei numa batalha sangrenta.

– Não diga.

– Não, é verdade. Meus amigos estão em Angland agora, lutando contra Bethod e os selvagens dele.

Os olhos de Nove Dedos se desviaram.

– Quero dizer... isto é... lutando contra Bethod. Eu mesmo estaria com eles, se Bayaz não tivesse pedido que eu viesse nesta... aventura.

– A perda deles é lucro nosso.

Jezal o olhou rapidamente. Vindo de uma fonte mais sutil, isso quase poderia ter parecido sarcasmo.

– Bethod começou essa guerra, claro. Um ato bastante desonroso de agressão não provocada.

– Isso eu não vou questionar. Bethod tem um dom para começar guerras. A única coisa em que ele é melhor é em terminá-las.

Jezal gargalhou.

– Você não pode estar dizendo que acha que ele vai vencer a União.

– Ele já venceu em situações piores, mas você é que sabe. Nem todos temos a sua experiência.

A gargalhada foi parando na garganta de Jezal. Ele teve quase certeza de que aquilo havia sido ironia, e isso o fez pensar um momento. Será que Nove Dedos o estava olhando agora e, por trás daquela máscara cheia de cicatrizes, lerda e marcada, pensava “Que idiota!”? Será que Bayaz estivera certo: que havia algo a aprender com aquele nórdico, afinal de contas? Só havia um modo de descobrir.

– Como é uma batalha? – perguntou.

– As batalhas são como os homens. Não existem duas iguais.

– Como assim?

– Imagine acordar à noite e ouvir estrondos e gritos, sair correndo da sua barraca para a neve com as calças caindo e ver homens a toda a volta matando uns aos outros. Nada além do luar para ajudar a enxergar, nenhuma pista de quem são os inimigos e quem são os amigos, não ter arma com a qual lutar.

– Seria confuso – disse Jezal.

– Sem dúvida. Ou imagine estar se arrastando na lama, entre as botas que pisam, tentando se afastar mas sem saber para onde ir, com uma flecha nas costas e um corte de espada na bunda, guinchando feito um porco e esperando uma lança atravessar você, uma lança que você nem vai ver chegando.

– Doloroso – concordou Jezal.

– Muito. Ou se imagine no meio de um círculo de escudos com não mais de dez passos de diâmetro, todos seguros por homens que estão berrando o mais alto que podem. Ali dentro há só você e outro homem, e esse homem tem a reputação de ser o desgraçado mais implacável do Norte, e só um de vocês pode sair vivo.

– Hum – murmurou Jezal.

– Isso mesmo. Gosta de alguma dessas opções?

Jezal não gostou, e Nove Dedos sorriu.

– Achei que não e, honestamente, nem eu. Estive em todo tipo de batalhas, escaramuças e lutas. A maioria começou no caos, e todas terminaram no caos, e nenhuma vez deixei de chegar perto de me cagar em algum momento.

– Você?

O nórdico deu um risinho.

– Para mim, não ter medo é ostentação de idiotas. Os únicos homens sem medo são os mortos, ou talvez os que vão morrer logo. O medo ensina a ter cautela e respeitar o inimigo e a evitar se exceder por raiva. Todas essas coisas têm seu uso, acredite. O medo pode mantê-lo vivo, e isso é o melhor que qualquer um pode esperar numa luta. Todo homem que vale alguma coisa tem medo. O que importa é o uso que você faz dele.

– Sentir medo, é este o seu conselho?

– Meu conselho seria encontrar uma boa mulher e ficar bem longe de toda

essa porcaria, e é uma pena ninguém ter me dito isso há vinte anos. – Ele olhou de lado para Jezal. – Mas se, digamos, você estiver largado numa grande planície no meio de lugar nenhum e não puder evitar isso, há três regras que eu levaria para uma luta. Primeiro: sempre se esforçar ao máximo para parecer o covarde, o fraco, o idiota. O silêncio é a melhor armadura do guerreiro, diz o ditado. Aparência e palavras duras jamais venceram uma batalha, mas já perderam algumas.

– Parecer idiota, é? Sei.

Jezal havia construído sua vida esforçando para parecer o mais inteligente, o mais forte, o mais nobre. Era uma ideia intrigante, um homem optar por parecer menos do que era.

– Segundo: nunca desconsidere um inimigo, por mais que ele pareça imbecil. Trate todo homem como se ele fosse duas vezes mais inteligente, duas vezes mais forte, duas vezes mais rápido do que você, e você só vai ter surpresas agradáveis. O respeito não custa nada, e nada faz um homem ser morto mais depressa do que o excesso de confiança.

– Nunca subestimar o inimigo. É uma precaução sábia.

Jezal estava começando a perceber que havia subestimado aquele nórdico. Ele não era nem de longe o idiota que parecia.

– Terceiro: vigie seu oponente com o máximo de atenção que puder e ouça opiniões, se lhe derem, mas assim que você tiver seu plano em mente, concentre-se nele e não deixe que nada o tire do caminho. Quando chegar a hora de agir, golpeie sem olhar para trás. A demora é a mãe do desastre, meu pai costumava dizer, e acredite, já vi alguns desastres.

– Não olhar para trás – murmurou Jezal, assentindo lentamente. – Claro.

Nove Dedos estufou as bochechas esburacadas.

– Não existe substituto para ver e fazer, mas sabendo disso tudo você terá metade do que é preciso para vencer qualquer um, eu acredito.

– Metade? E a outra parte?

O nórdico deu de ombros.

– Sorte.

– Não estou gostando disso – resmungou Ferro, franzindo a testa para as paredes íngremes do desfiladeiro.

Jezal imaginou se ela gostaria de alguma coisa no mundo.

– Acha que estamos sendo seguidos? – perguntou Bayaz. – Você viu alguém?

– Como eu poderia ver alguém aqui de baixo? Essa é a questão!

– Terreno bom para emboscada – murmurou Nove Dedos.

Jezal olhou ao redor, nervoso. Pedras quebradas, arbustos, árvores baixas, o chão era cheio de esconderijos.

– Bom, essa é a rota que Pé Comprido escolheu para nós – resmungou Bayaz. – E não há sentido em contratar alguém para lavar as latrinas se vai você mesmo fazer o serviço. E afinal, onde, diabos, está a porcaria daquele navegador? Nunca está por perto quando a gente quer, só aparece para comer e contar vantagem, horas sem fim! Se vocês soubessem quanto aquele desgraçado me custou...

– Droga – resmungou Nove Dedos, parando seu cavalo e descendo rapidamente da sela.

Um tronco caído, com a madeira rachada e cinza, atravessava o caminho, bloqueando-o.

– Não estou gostando disso – repetiu Ferro, e tirou o arco do ombro.

– Nem eu – resmungou Nove Dedos, dando um passo na direção da árvore caída. – Mas é preciso ser realis...

– Só até aí! – ecoou uma voz pelo vale, insolente e confiante.

Quai puxou as rédeas e parou a carroça de repente. Jezal olhou ao longo da borda do desfiladeiro, com o coração na boca. Agora via quem falara. Um homem grande vestindo uma antiga armadura de couro, sentado descuidadamente na beira do precipício com uma perna pendurada, o cabelo comprido balançando suave na brisa. Um homem de aparência agradável e amistosa, pelo que Jezal podia ver daquela distância, com um sorriso largo no rosto.

– Meu nome é Finnius, humilde servo do imperador Cabrian!

– Cabrian? – gritou Bayaz. – Ouvi dizer que ele perdeu o juízo!

– Ele tem algumas ideias interessantes. – Finnius deu de ombros. – Mas sempre nos comandou bem. Deixe-me explicar a situação: cercamos vocês por todos os lados!

Um homem de aparência séria, com uma espada curta e escudo, saiu de trás

do tronco morto. Mais dois apareceram, e em seguida outros três, esgueirando-se de trás das pedras, de trás dos arbustos, todos com rostos sérios e armas sérias. Jezal passou a língua pelos lábios. Ele gargalharia na cara do perigo, claro, mas agora que o perigo aparecera, nada parecia muito divertido. Olhou por cima do ombro. Mais homens haviam saído de trás das pedras pelas quais eles haviam passado fazia alguns instantes e bloqueavam o vale na outra direção.

Nove Dedos cruzou os braços.

– Só uma vez – murmurou – gostaria de ser eu a pegar outra pessoa de surpresa.

– Há mais alguns de nós aqui em cima, comigo! – gritou Finnius. – Bons com arcos e preparados com flechas.

Jezal via a silhueta deles agora, contra o céu branco, as formas curvas das armas.

– Portanto vocês veem que não irão mais adiante na estrada.

Bayaz abriu as mãos.

– Talvez possamos chegar a um acordo que sirva a nós dois! Basta dizer o seu preço e...

– Seu dinheiro não serve para nós, velho, e fico muito ofendido com essa sugestão! Somos soldados, não ladrões! Temos ordens para encontrar certo grupo de pessoas, um grupo que anda no meio de lugar nenhum, longe das estradas mais usadas! Um velho careca com um garoto que parece doente, um idiota da União metido a besta, uma puta cheia de cicatrizes e um macaco nórdico! Será que vocês combinam com essa descrição?

– Se eu sou a puta – gritou Nove Dedos –, quem é o nórdico?

Jezal se encolheu. Sem piadas, por favor, sem piadas, mas Finnius apenas deu um risinho.

– Não tinham me dito que você era engraçado. Acho que isso é um bônus. Pelo menos até matarmos vocês. Onde está o outro, hein? O navegador?

– Não faço ideia – rosnou Bayaz. – Infelizmente. Se alguém vai morrer, deveria ser ele.

– Não seja tão duro. Nós vamos pegá-lo mais tarde. – Finnius deu uma gargalhada fácil, e os homens ao redor deles riram também, remexendo nas armas. – Portanto, se fizerem a gentileza de entregar as armas a esses sujeitos à frente, poderemos amarrá-los e começar a voltar para Darmium antes do

anoitecer!

– E quando chegarmos lá?

Finnius deu de ombros, feliz.

– Não é da minha conta. Eu não faço perguntas ao imperador, e vocês não fazem perguntas a mim. Desse modo ninguém é esfolado vivo. Entendeu, velho?

– É difícil não entender, mas infelizmente Darmium está muito fora do nosso caminho.

– Qual o seu problema? – perguntou Finnius. – Miolo mole?

O homem mais próximo avançou e agarrou o freio do cavalo de Bayaz.

– Já chega – rosnou o mago.

Jezal sentiu aquele aperto terrível nas tripas. O ar ao redor dos ombros de Bayaz tremeu, como o ar quente acima de uma forja. O homem mais à frente franziu a testa, abriu a boca para falar. Seu rosto pareceu se achatar, depois sua cabeça se abriu e ele foi jogado para longe de repente, como se levasse um peteleco de um dedo gigante e invisível. Nem tempo de gritar teve.

Assim como os quatro que estavam atrás dele. Seus corpos arruinados, os restos partidos do tronco cinza e uma grande quantidade de terra e pedras ao redor foram arrancados do chão e lançados pelo ar, despedaçando-se contra a parede rochosa do desfiladeiro a uns cem passos de distância, com o som de uma casa desmoronando.

A boca de Jezal se abriu. Seu corpo se imobilizou. Aquilo só havia levado um aterrorizante segundo. Num momento cinco homens estavam ali parados, no outro eram carne trucidada no meio de um monte de entulho. Em algum lugar, atrás de si, ele ouviu o zumbido de uma corda de arco. Houve um grito e um corpo caiu no vale, ricocheteou nas rochas afiadas e bateu como um trapo, de cara para baixo no córrego.

– Vamos, andem! – rugiu Bayaz.

Mas Jezal só conseguiu ficar parado na sela, boquiaberto. O ar em volta do mago continuava se movendo, mais do que nunca. As rochas atrás dele ondularam e se retorceram como pedras no leito de um riacho. O velho franziu a testa, olhou para as mãos.

– Não... – murmurou, virando-as diante dos olhos.

As folhas marrons no chão estavam subindo pelo ar, flutuando como se houvesse um sopro de vento.

– Não – disse Bayaz, com os olhos se arregalando. Seu corpo todo havia começado a tremer.

Jezal olhava boquiaberto as pedras soltas ao redor deles subirem do chão, pairando impossivelmente no ar. Gravetos começaram a se quebrar dos arbustos, torrões de capim eram arrancados das pedras, sua capa se agitou estalando, arrastada para cima por alguma força invisível.

– Não! – gritou Bayaz, então seus ombros se encolheram num espasmo súbito.

Uma árvore ao lado deles se partiu com um estalo ensurdecedor e lascas de madeira choveram para cima, no ar que chicoteava. Alguém estava gritando, mas Jezal não conseguia ouvir. Seu cavalo empinou e ele não teve o tino de se segurar. Caiu de costas no chão enquanto todo o vale ao redor tremeluzia, tremia e vibrava.

A cabeça de Bayaz se inclinou bruscamente para trás, rígida, uma das mãos levantada gadanhando o ar. Uma pedra do tamanho da cabeça de um homem passou voando muito próximo do rosto de Jezal e se despedaçou contra uma rocha. O ar estava cheio com uma tempestade de entulho em movimento, fragmentos de madeira, pedra, solo e equipamentos quebrados. Os ouvidos de Jezal zumbiam no terror dos uivos, das batidas, das pancadas. Ele se jogou de cara no chão, cruzou os braços sobre a cabeça e fechou os olhos com força.

Pensou nos amigos. Em West, Jalenhorm e Kaspa, até no tenente Brint. Pensou em sua família e em sua casa, no pai e nos irmãos. Pensou em Ardee. Se vivesse para vê-los de novo, seria um homem melhor. Jurou para si mesmo em silêncio, com os lábios trêmulos, à medida que o vento não natural despedaçava o vale ao redor. Não seria mais egoísta, não seria mais vaidoso, preguiçoso. Seria um amigo melhor, um filho melhor, um amante melhor, se ao menos sobrevivesse a isso. Se ao menos sobrevivesse a isso. Se ao menos...

Podia ouvir a própria respiração aterrorizada saindo em haustos rápidos, o sangue girando na cabeça.

O barulho havia parado.

Jezal abriu os olhos. Tirou as mãos de cima da cabeça e uma chuva de gravetos e terra caiu ao seu redor. O desfiladeiro estava tomado por folhas caindo, enevoado com uma poeira sufocante. Nove Dedos estava de pé ali perto, com sangue vermelho escorrendo de um corte na testa pelo rosto sujo. Andava

lentamente e de lado. Sacara a espada, que segurava junto à perna. Havia alguém diante dele. Um dos homens que tinham bloqueado o caminho atrás, um homem alto e ruivo. Circulando um ao outro. Jezal olhou, ajoelhando-se, a boca escancarada. Achava vagamente que deveria intervir, mas não tinha nem ideia de como fazer isso.

O ruivo se moveu rápido, saltando para a frente e girando a espada acima da cabeça. Moveu-se depressa, mas Nove Dedos foi ainda mais ágil. Deu um passo para o lado, de modo que a lâmina passou a centímetros de seu rosto, depois cortou a barriga do oponente no instante em que o homem passava. O sujeito grunhiu, vacilou um ou dois passos. A espada pesada de Nove Dedos abriu a parte de trás de seu crânio com um estalo oco. Ele tropeçou nos próprios pés e caiu de cara, com sangue borbulhando do ferimento enorme na cabeça. Jezal olhou o líquido se espalhar lentamente pela terra em volta do cadáver. Uma poça grande, escura, que foi se misturando devagar com a poeira e a terra solta no vale. Nada de segundo toque. Nada de melhor de três.

Percebeu sons arrastados, grunhidos, e levantou os olhos. Viu Nove Dedos lutando com outro oponente, um homem enorme. Os dois estavam rosnando e se atracando, disputando uma faca. Jezal observava boquiaberto. Quando aquilo havia acontecido?

– Fure ele! – gritou Nove Dedos, lutando. – Fure ele, porra!

Jezal permaneceu ajoelhado, olhando para cima. Uma das mãos segurava o punho de sua espada longa como se ele estivesse pendurado num penhasco e aquele fosse o último punhado de capim. A outra pendia frouxa.

Veio o som de um leve baque. O grandalhão grunhiu. Havia uma flecha projetando-se da lateral de seu corpo. Outro baque. Duas flechas. Uma terceira apareceu, agrupada com as primeiras. Ele deslizou suavemente, soltando-se de Nove Dedos, e caiu de joelhos, tossindo e gemendo. Engatinhou até Jezal, sentou-se devagar, fazendo uma careta e soltando um estranho choramingo. Deitou-se na estrada, com as flechas espetando o ar como juncos na beira de um lago. Ficou imóvel.

– E o tal sacana do Finnius?

– Foi embora.

– Ele vai chamar outros!

– Era cuidar dele ou cuidar daquele ali.

– Aquele já estava por minha conta.

– Claro que estava. Se você pudesse segurá-lo durante mais um ano, talvez Luthar tivesse conseguido sacar uma espada, hein?

Vozes estranhas, que nada lhe diziam. Jezal se levantou devagar, tonto. Sua boca estava seca; os joelhos, fracos; os ouvidos, zumbindo. Bayaz estava caído de costas na estrada, a alguns passos de distância, com o aprendiz ajoelhado ao lado. Um dos olhos do mago estava fechado, o outro ligeiramente aberto, a pálpebra tremendo, uma lasca branca do olho aparecendo por baixo.

– Agora pode soltar isso.

Jezal olhou para baixo. Sua mão ainda apertava o cabo da espada, com os nós dos dedos brancos. Ele obrigou os dedos a relaxarem, e eles se desenrolaram lentamente, longe. As palmas doíam de tanto fazer força. Jezal sentiu uma mão pesada no ombro.

– Você está bem? – Era a voz de Nove Dedos.

– Hein?

– Está machucado?

Jezal olhou para si mesmo, girando as mãos de um jeito abobalhado. Estava sujo, mas sem sangue aparente.

– Acho que não.

– Bom. Os cavalos fugiram. Quem pode culpá-los, não é? Se eu tivesse quatro patas, já estaria na metade do caminho para o mar.

– O quê?

– Por que não vai buscá-los?

– Quem disse que você é o líder?

As sobrancelhas pesadas de Nove Dedos se juntaram ligeiramente. Jezal percebeu que os dois estavam muito perto um do outro e que a mão do nórdico continuava no seu ombro. Estava apenas pousada ali, mas ele podia sentir a força dela através da capa, e parecia suficiente para arrancar seu braço. Boca maldita, colocava-o em todo tipo de encrenca. Esperou no mínimo um soco na cara, se não fosse um ferimento fatal na cabeça, mas Nove Dedos apenas franziu os lábios pensativamente e começou a falar.

– Nós somos muito diferentes, você e eu. Diferentes em todos os sentidos. Vejo que você não tem muito respeito por pessoas como eu, ou por mim em particular, e não o culpo. Os mortos sabem que eu tenho meus defeitos, e não sou

totalmente ignorante deles. Você pode achar que é inteligente e que eu sou estúpido, e acho que você está certo. Sem dúvida existem muitas coisas que você sabe mais do que eu. Mas quando se trata de lutar, lamento dizer que há poucos homens com experiência maior do que a minha. Sem ofensa, mas nós dois sabemos que você não é um deles. Ninguém disse que eu era o líder, mas essa é uma tarefa que precisa ser feita.

Ele chegou mais perto ainda, a manzorra segurando o ombro de Jezal com uma firmeza paterna, um gesto entre a tranquilização e a ameaça.

– Isso é problema?

Jezal pensou um momento. Não tinha as habilidades necessárias para aquele tipo de situação e os acontecimentos dos últimos minutos haviam comprovado quanto isso era verdade. Olhou o homem morto por Nove Dedos apenas um momento antes, e o talho escancarado na nuca do sujeito. Talvez, por ora, fosse melhor simplesmente obedecer.

– Nenhum problema – disse.

– Bom! – Nove Dedos riu, deu-lhe um tapa no ombro e o soltou. – Os cavalos ainda precisam ser apanhados, e acho que você é o homem certo para o serviço.

Jezal assentiu e saiu cambaleando para procurá-los.

Cem Palavras

HAVIA ALGO CURIOSO acontecendo, isso era certo. O coronel Glokta testou os membros, mas parecia incapaz de se mexer. O sol ofuscava seus olhos.

– Nós derrotamos os gurkenses? – perguntou.

– Certamente – respondeu o haddish Kahdia, inclinando-se para entrar no campo de visão de Glokta. – Com a ajuda de Deus, nós acabamos com todos. Abatemos todos como se fossem gado.

O velho nativo voltou a mastigar a mão decepada que segurava. Já havia comido uns dois dedos.

Glokta levantou o braço para pegá-la, mas ali não havia nada, só um cotoco sangrento, cortado no pulso.

– Posso jurar – murmurou o coronel – que é a minha mão que você está comendo.

Kahdia sorriu.

– E está absolutamente deliciosa. Parabéns.

– Absolutamente deliciosa – murmurou o general Vissbruck, pegando a mão com Kahdia e mordendo um naco de carne meio solto. – Deve ter sido todo aquele treino de esgrima que você teve na juventude.

Havia sangue manchando seu rosto gorducho e sorridente.

– A esgrima, claro – disse Glokta. – Que bom que vocês gostam.

Mas a coisa toda parecia um tanto estranha.

– Gostamos, gostamos! – exclamou Vurms. Ele estava segurando os restos do pé de Glokta como se fosse uma fatia de melão e o mordiscava com requinte. – Nós quatro estamos deliciados! Tem gosto de porco assado!

– De queijo bom! – gritou Vissbruck.

– De mel doce! – arrulhou Kahdia, jogando um pouco de sal na cintura de Glokta.

– Como dinheiro doce – ronronou a voz da mestra Eider, em algum lugar lá embaixo.

Glokta se apoiou nos cotovelos.

– Ora, o que você está fazendo aí embaixo?

Ela levantou os olhos e riu para ele.

– Você pegou meus anéis. O mínimo que pode fazer é me dar alguma coisa em troca. – Seus dentes se cravaram fundo na coxa direita de Glokta, como adagas minúsculas, e arrancaram uma bola de carne. Ela chupou o sangue do ferimento, faminta, com a língua saltando sobre a pele.

O coronel Glokta levantou as sobrancelhas.

– Você está certa, claro. Bem certa. – Na verdade doía muito menos do que seria de esperar, mas ficar sentado era cansativo. Ele caiu de volta na areia e ficou deitado, olhando o céu azul. – Todos vocês estão bem certos.

Agora ela havia chegado ao seu quadril.

– Ah – riu o coronel –, isso faz cócegas! – Que prazer, pensou, ser comido por uma mulher tão linda! – Um pouco para a esquerda – murmurou, fechando os olhos –, só um pouquinho para a esquerda...

Glokta se sentou na cama com um movimento brusco e agonizante, as costas curvadas para trás como um arco totalmente retesado. A perna esquerda tremia sob o lençol molhado, os músculos devastados cheios de nós de cãibras insuportáveis. Mordeu o lábio com o que lhe restava dos dentes para não gritar, a respiração saindo ofegante pelo nariz, o rosto retorcido pelo enorme esforço para controlar a dor.

Justo quando parecia que sua perna iria se rasgar ao meio, os músculos relaxaram subitamente. Glokta se deixou cair de volta na cama úmida e ficou ali, ofegando. *Porra de sonhos.* Cada pedaço dele doía, cada pedaço dele estava fraco e trêmulo, molhado de suor frio. Franziu a testa no escuro. Havia um som estranho preenchendo o quarto. Um farfalhar, um sibilo. *O que é isso?* Lentamente, cautelosamente, rolou e saiu da cama, foi mancando até a janela e ficou parado olhando para fora.

Era como se a cidade abaixo tivesse sumido. Uma cortina cinza havia baixado, isolando-o do mundo. *Chuva*. Batia no parapeito, gotas grossas explodindo em borrifos suaves, lançando uma névoa fria no quarto, umedecendo o tapete sob a janela, as cortinas em volta dela, aliviando a pele suada de Glokta. *Chuva.* Ele havia esquecido que essa coisa existia.

Houve um clarão, um raio a distância. Os pináculos do Grande Templo se destacaram por um momento, pretos na noite sibilante, e depois a escuridão se fechou de novo, seguida pelo estrondo longo e furioso do trovão distante. Glokta esticou o braço pela janela, sentiu a água bater fria na pele. Uma sensação estranha, nem um pouco familiar.

– Juro – murmurou para si mesmo.

– As primeiras chuvas chegam.

Glokta quase engasgou ao girar, tropeçar, agarrar-se às pedras molhadas em volta da janela para se apoiar. Estava escuro feito o inferno dentro do quarto, não havia como dizer de onde viera a voz. *Será que foi só imaginação? Será que ainda estou sonhando?*

– É um momento sublime. O mundo parece reviver.

O coração de Glokta congelou no peito. Uma voz de homem, profunda e rica. *A voz de quem matou Davoust? Que logo vai me matar?*

O quarto foi iluminado por outro clarão brilhante. A pessoa que falava estava sentada no tapete com as pernas cruzadas. Era um velho negro, de cabelo comprido. *Entre mim e a porta. Não há como passar, mesmo que eu pudesse correr.* A luz sumira quase imediatamente depois de surgir, mas a imagem do homem persistiu por um momento, gravada nos olhos de Glokta. Então veio o estalo do trovão partindo o céu, ecoando na escuridão do aposento amplo. *Ninguém ouviria meus gritos desesperados pedindo socorro, mesmo se alguém se importasse.*

– Quem é você, diabos? – A voz de Glokta estava guinchando devido ao susto.

– Meu nome é Yulwei. Não precisa se alarmar.

– Não preciso me alarmar? Está brincando, porra?

– Se eu tivesse intenção de matá-lo, você teria morrido dormindo. Mas eu teria deixado um corpo.

– Grande consolo.

A mente de Glokta disparava, pensando nos objetos que estavam ao alcance. *Eu poderia chegar até o bule de chá ornamental, na mesa.* Quase gargalhou. *E fazer o quê? Oferecer um chá? Não tenho com que lutar, embora eu tenha sido um lutador muito mais eficiente do que sou agora.*

– Como você entrou?

– Tenho meus meios. Os mesmos com os quais atravessei o grande deserto, viajei na movimentada estrada de Shaffa sem ser visto, passei pelo exército gurkense e entrei na cidade.

– E pensar que você poderia simplesmente ter batido à porta.

– Bater não garante a entrada.

Os olhos de Glokta se esforçaram na escuridão, mas ele não podia ver nada além das vagas silhuetas dos móveis, os arcos cinzentos das outras janelas. A chuva batia no parapeito atrás dele, sibilava baixinho nos telhados da cidade abaixo. Justo quando se perguntava se seu sonho teria terminado, a voz retornou:

– Estive observando os gurkenses, como fiz nesses muitos anos. Essa é a minha tarefa. Minha penitência, pelo papel que representei no cisma que dividiu minha ordem.

– Sua ordem?

– A Ordem dos Magos. Sou o quarto dos doze aprendizes de Juvens.

Um mago. Eu deveria saber. Como aquele velho intrometido careca, Bayaz, e eu não obtive nada dele além de confusão. Como se política e traição não fossem coisa bastante com que me preocupar, agora tenho que adicionar mito e superstição. Ainda assim, parece que ao menos vou sobreviver a esta noite.

– Um mago, é? Desculpe se não comemoro. Os contatos que tive com sua ordem foram uma perda do meu tempo, na melhor das hipóteses.

– Então talvez eu possa reparar nossa reputação. Estou lhe trazendo informações.

– Sem pagamento em troca?

– Desta vez. Os gurkenses estão se movendo. Cinco estandartes dourados deles passarão pela península esta noite, sob a cobertura da tempestade. Vinte mil lanças, com grandes máquinas de guerra. Mais cinco estandartes esperam atrás dos morros, e não é só isso. As estradas de Shaffa para Ul-Khatif, de Ul-Khatif para Daleppa e de Daleppa para o mar estão repletas de soldados. O imperador manda toda a sua força. Todo o Sul se move. Recrutas de Kadir e

Dawah, cavaleiros violentos de Yashtavit, selvagens ferozes das matas de Shamir, onde homens e mulheres lutam lado a lado. Todos vêm para o norte. Para cá, para lutar pelo imperador.

– Tantos, só para tomar Dagoska?

– E mais ainda. O imperador formou uma marinha. Cem navios grandes.

– Os gurkenses não são marinheiros. A União controla os mares.

– O mundo muda, e vocês devem mudar com ele, ou serão varridos. Esta guerra não será como a última. Khalul finalmente está mandando seus próprios soldados. Um exército que ele demorou muitos longos anos para formar. Os portões do grande templo-fortaleza de Sarkant estão se abrindo, no alto das montanhas estéreis. Eu vi. Mamun avança, três vezes abençoado e três vezes amaldiçoado, fruto do deserto, primeiro aprendiz de Khalul. Juntos eles violaram a Segunda Lei, juntos comeram a carne de homens. Os Cem Palavras vêm atrás, todos comedores, discípulos do Profeta, criados para a batalha e alimentados nesses anos, adeptos das disciplinas de armas e da Arte Superior. Nenhum perigo assim o mundo enfrentou desde o Tempo Antigo, quando Juvens lutou contra Kanedias. Desde antes disso, talvez, quando Glustrod tocou o Outro Lado e tentou abrir os portões do mundo de baixo.

E blá-blá-blá. Uma vergonha. Em se tratando de um mago ele estivera, surpreendentemente, falando coisas sensatas.

– Quer me dar informações? Guarde suas histórias de ninar e conte o que aconteceu com Davoust.

– Há um comedor aqui. Eu sinto o cheiro dele. Um morador das sombras, com a tarefa de destruir os que se opõem ao Profeta. – *E eu sou o principal deles?* – Seu antecessor jamais saiu desses aposentos. O comedor o pegou, para proteger o traidor que trabalha dentro da cidade.

Sim. Agora falamos minha língua.

– Quem é o traidor? – A voz de Glokta saiu esganiçada, aguda, cobiçosa aos próprios ouvidos.

– Não sou adivinho, aleijado, e se pudesse dar a resposta, você acreditaria? Os homens devem aprender no seu próprio ritmo.

– Ora! – fez Glokta rispidamente. – Você é igual a Bayaz, fala, fala, mas não diz nada. Comedores? Não passam de histórias e absurdos antigos!

– Histórias? Bayaz não levou você à Casa do Artífice?

Glokta engoliu em seco, a mão apertando trêmula a pedra úmida do batente da janela.

– E ainda assim você duvida de mim? Você é lento para aprender, aleijado. Eu não vi os escravos marcharem para Sarkant, arrastados de todas as terras que os gurkenses conquistam? Não vi as inúmeras colunas levadas para as montanhas? Para alimentar Khalul e seus discípulos, para inchar mais ainda o poder deles. Um crime contra Deus! Uma violação da Segunda Lei, escrita em fogo pelo próprio Euz! Você duvida de mim, e talvez seja sensato ao duvidar, mas às primeiras luzes vai ver que os gurkenses chegaram. Vai contar cinco estandartes e vai saber que falei a verdade.

– Quem é o traidor? – sibilou Glokta. – Diga, seu desgraçado cheio de enigmas!

Silêncio, a não ser pela chuva batendo, pela água escorrendo, pelo vento farfalhando nas cortinas ao lado da janela. Um clarão de raio lançou uma luz súbita em cada canto.

O tapete estava vazio. Yulwei havia sumido.

A tropa gurkense avançava devagar em cinco blocos enormes, dois na frente e três atrás, cobrindo toda a faixa de terra, de um mar ao outro. Moviam-se juntos em formação perfeita sob as batidas retumbantes de grandes tambores, fileira rígida após fileira rígida, o som das botas parecendo o trovão distante da noite anterior. O sol já havia sugado todas as provas da chuva, e agora brilhava fazendo com que parecessem espelhos os milhares de elmos, os milhares de escudos, os milhares de espadas, as pontas de flechas reluzentes, brasões. Uma floresta de lanças resplandecentes avançando de forma inexorável. Uma maré de homens, implacável, incansável, irreprimível.

Havia soldados da União espalhados no topo da muralha que delimitava a cidade, agachados atrás do parapeito, segurando suas bestas, espiando nervosos a tropa que avançava. Glokta podia sentir o medo deles. *E quem pode culpá-los? Já devemos estar em número inferior numa relação de dez para um.* Não havia tambores aqui em cima ao vento, nem ordens gritadas, nem preparativos

apressados. Apenas silêncio.

– E aí vêm eles – refletiu Nicomo Cosca, rindo para aquela cena.

Só ele parecia intocado pelo medo. *Tem nervos de aço ou cabeça de chumbo. Ficar à espera da morte ou bebendo à toa parecem a mesma coisa para ele.* Estava com um dos pés sobre o parapeito, os antebraços cruzados no joelho, uma garrafa pela metade pendurada numa das mãos. A roupa de batalha do mercenário era praticamente a mesma que usava para beber. As mesmas botas frouxas, a mesma calça arruinada. Sua única concessão aos perigos do campo de batalha era um peitoral preto, ornamentado na frente e atrás com arabescos dourados. Aquilo também já vira dias melhores, agora com o esmalte lascado, os rebites manchados de ferrugem. *Mas deve ter sido uma tremenda obra-prima.*

– É uma bela peça de armadura, a sua.

– O quê, isso? – Cosca olhou o peitoral. – Nos bons tempos, talvez, mas já foi muito usado no correr dos anos. Foi deixado na chuva mais de uma vez. Presente da grã-duquesa Sefeline de Ospria, em troca da derrota do exército de Sipani na guerra de cinco meses. Veio com a promessa da amizade eterna dela.

– É bom ter amigos.

– Na verdade, não. Naquela mesma noite ela ordenou a minha morte. Minhas vitórias haviam me deixado muito popular com os súditos de Sefeline. Ela temia que eu tentasse tomar o poder. Veneno no meu vinho. – Cosca tomou um gole comprido da garrafa. – Matou minha amante predileta. Fui obrigado a fugir com pouco mais do que essa porcaria de peitoral e buscar trabalho com o príncipe de Sipani. O velho desgraçado não pagava nem a metade, mas pelo menos comandei o exército dele contra a duquesa, e tenho a satisfação de dizer que a vi ser envenenada. – Ele franziu a testa. – Fiz a cara dela ficar azul. Azul-claro, acredite. Nunca se torne popular demais, é o meu conselho.

Glokta resfolegou.

– O excesso de popularidade não é minha preocupação mais premente.

Vissbruck pigarreou com estardalhaço, evidentemente chateado por o ignorarem. Fez um gesto para as fileiras intermináveis de homens que avançavam pelo istmo.

– Superior, os gurkenses se aproximam. – *Verdade? Eu não tinha notado.* – Tenho sua permissão para inundar o fosso?

Ah, sim, o seu momento de glória.

– Muito bem.

Vissbruck se dirigiu até o parapeito com um ar da maior importância. Levantou o braço devagar, depois o baixou com extravagância. Em algum lugar lá embaixo, fora das vistas, chicotes estalaram e parelhas de mulas puxaram cordas. O guincho da madeira reclamando sob a grande pressão chegou até eles nas ameias, depois um ranger e um estrondo quando as represas cederam, e então um trovejar furioso enquanto o grande peso da água salgada se soltava e descia pelo fosso profundo nas duas pontas, espumando num branco furioso. As águas se encontraram logo abaixo deles, lançado borrifos brilhantes no ar, até a altura das ameias e ainda mais alto. Um instante depois, essa nova faixa de mar estava calma. O fosso havia se tornado um canal, a cidade havia se tornado uma ilha.

– O fosso está inundado! – anunciou o general Vissbruck.

– Estamos vendo – disse Glokta. – Parabéns. – *Esperemos que os gurkenses não tenham bons nadadores. Homens em quantidade bastante para escolher certamente não lhes falta.*

Cinco mastros altos oscilavam suavemente acima da massa de soldados, com símbolos gurkenses reluzindo acima deles em ouro maciço. *Símbolos de batalhas travadas e de batalhas vencidas.* Os estandartes de cinco legiões, reluzindo ao sol implacável. *Cinco legiões. Exatamente o que o velho me disse. Será que virão navios em seguida, então?* Glokta virou a cabeça e espiou por cima da Cidade Baixa. Os cais longos espetavam a baía como os espinhos de um ouriço, ainda cheios de navios. *Navios trazendo nossos suprimentos e levando alguns últimos mercadores nervosos.* Ali não havia muralha. Poucas defesas de qualquer tipo. *Não achávamos que precisaríamos. A União sempre governou os mares. Se vierem navios...*

– Ainda temos madeira e pedras?

O general assentiu vigorosamente, zeloso. *Finalmente adequado às mudanças na cadeia de comando, ao que parece.*

– Suprimentos abundantes, superior, exatamente como suas ordens especificaram.

– Quero que você construa um muro atrás do cais e ao longo do litoral. O mais forte e alto possível e o quanto antes. Nossas defesas lá são fracas. Os gurkenses podem testá-las cedo ou tarde.

O general franziu a testa para o gigantesco exército de soldados que se arrastava pela península, olhou para o cais tranquilo e de volta.

– Mas certamente a ameaça do lado de terra é um pouco mais... urgente? Os gurkenses são maus marinheiros, e de qualquer modo não têm uma frota digna de ser considerada...

– O mundo muda, general. O mundo muda.

– Claro.

Vissbruck se virou para falar com seus auxiliares. Glokta arrastou os pés até o parapeito, ao lado de Cosca.

– Quantos soldados gurkenses, você imagina?

O estiriano coçou o eczema escamoso na lateral do pescoço.

– Estou contando cinco estandartes. Cinco legiões do imperador, e muito mais além disso. Batedores, engenheiros, tropas temporárias do Sul. Quantos soldados... – Ele franziu os olhos para o sol, os lábios se movendo em silêncio como se estivesse com a cabeça cheia de cálculos complexos. – Uma porrada.

Em seguida jogou a cabeça para trás e engoliu as últimas gotas da garrafa, depois estalou os lábios, recuou o braço e a lançou na direção dos gurkenses. Ela relampejou ao sol por um momento e depois se despedaçou na terra dura do outro lado do canal.

– Está vendo aquelas carroças lá atrás?

Glokta forçou a vista através da luneta. De fato parecia haver uma coluna sombria, de grandes carroças, atrás da massa de soldados, quase invisível na névoa tremeluzente e nas nuvens de poeira levantadas pelas botas. *Soldados precisam de suprimentos, claro, mas...* Aqui e ali podia ver madeiras compridas se projetando feito patas de aranha.

– Máquinas de cerco – murmurou Glokta sozinho. *Exatamente como Yulwei disse.* – Eles estão levando isso a sério.

– Ah, mas você também está.

Cosca se empertigou ao lado do parapeito e começou a remexer no cinto. Um instante depois Glokta ouviu o som de seu mijo batendo na base da muralha, lá embaixo. O mercenário riu por cima do ombro, com o cabelo fino balançando ao vento salgado.

– Todo mundo está levando isso muito a sério. Preciso falar com a mestra Eider. Eu diria que vou começar logo a receber meu dinheiro de batalha.

– Acho que sim. – Glokta baixou a luneta devagar. – E a merecê-lo também.

O cego guiando os cegos

O PRIMEIRO DOS Magos estava retorcido, deitado de costas na carroça entre um barril de água e um saco de comida para cavalo, tendo como travesseiro uma corda enrolada. Logen nunca o vira parecendo tão velho, magro e fraco. A respiração saía curta, a pele estava pálida e manchada, retesada sobre os ossos e com gotas de suor. De vez em quando ele se contorcia, se revirava e murmurava palavras estranhas, as pálpebras estremecendo como se estivesse preso num pesadelo.

– O que aconteceu?

Quai olhou para baixo.

– Sempre que se usa a Arte, se pega algo emprestado do Outro Lado, e o que é emprestado precisa ser devolvido. Há riscos, mesmo para um mestre. Tentar mudar o mundo com um pensamento... a arrogância disso. – Os cantos de sua boca subiram num sorriso. – Se pegar emprestado com muita frequência, pode ser que um dia você toque o mundo de baixo e deixe um pedaço de si mesmo para trás...

– Para trás? – murmurou Logen, espiando o velho que se remexia. Não lhe agradava o modo como Quai estava falando. Estar no meio de lugar nenhum sem a menor ideia de para onde iam não lhe parecia motivo para sorrir.

– Imagine só – sussurrou o aprendiz. – O Primeiro dos Magos, o próprio, impotente feito um bebê. – Ele pôs a mão suavemente no peito de Bayaz. – Ele se agarra à vida por um fio. Eu poderia estender esta mão fraca, agora... e matá-lo.

Logen franziu a testa.

– Por que você faria isso?

Quai levantou os olhos e deu seu sorriso doentio.

– Por que alguém faria isso? Eu só estava dizendo. – E afastou a mão

rapidamente.

– Quanto tempo ele vai ficar assim?

O aprendiz se empoleirou de volta no assento da carroça e olhou para o céu.

– Não há como dizer. Talvez horas. Talvez para sempre.

– Para sempre? – Logen trincou os dentes. – E como a gente fica? Você tem alguma ideia de para onde nós vamos? Ou por quê? Ou o que vamos fazer quando chegarmos lá? Será que devemos voltar?

– Não. – A expressão no seu rosto ficou dura feito uma lâmina. Mais do que Logen poderia esperar dele. – Temos inimigos atrás de nós. Voltar agora seria mais perigoso do que continuar. Vamos em frente.

Logen se retraiu e esfregou os olhos. Estava cansado, dolorido e com náuseas. Queria ter perguntado quais eram os planos de Bayaz quando tivera chance. Pensando bem, queria nunca ter saído do Norte. Poderia ter ido atrás de um acerto de contas com Bethod e morrido num lugar conhecido, nas mãos de homens que ele pelo menos compreendia.

Logen não tinha vontade de liderar. Houvera um tempo em que sentira fome de fama, glória e respeito, mas ganhar isso havia custado caro, e esses prêmios tinham se mostrado vazios. Os homens haviam posto fé nele e ele os havia comandado numa rota direta, dolorosa e sangrenta de volta à lama. Não existia mais ambição nele. Quando se tratava de tomar decisões, estava amaldiçoado.

Afastou as mãos e olhou ao redor. Bayaz continuava murmurando em seu sono febril. Quai espiava as nuvens sem qualquer preocupação. Luthar estava de costas para os outros, olhando pelo desfiladeiro. Ferro se sentara numa pedra e, emburrada, limpava o arco com um trapo. Pé Comprido aparecera, como previsto, depois que o perigo passara, e estava parado não muito longe, parecendo satisfeito consigo mesmo. Logen franziu a testa e deu um suspiro longo. Não tinha jeito. Não havia mais ninguém.

– Certo, vamos para a tal ponte, em Aulcus, depois veremos.

– Não é boa ideia – cantarolou Pé Comprido, vindo até a carroça e espiando dentro dela. – Não é uma ideia nem um pouco boa. Eu alertei nosso patrão antes de seu... infortúnio. A cidade está deserta, destruída, arruinada. É um lugar de má sorte, destruído e perigoso. A ponte ainda pode estar de pé, mas segundo dizem...

– O plano era Aulcus, e calculo que vamos segui-lo.

Pé Comprido continuou seu pensamento como se Logen não tivesse falado:

– Acho, talvez, que seria melhor se voltássemos para Calcis. Ainda estamos a menos de metade do caminho do destino definitivo e temos comida e água suficientes para a viagem de volta. Com um pouco de sorte...

– Você foi pago para ir até o final?

– Bom, sim, fui, mas...

– Aulcus.

O navegador piscou.

– Bom, sim, vejo que você está decidido. Parece que decisão, ousadia e vigor estão entre os seus talentos, mas a cautela, a sabedoria e a experiência estão entre os meus, e não tenho absolutamente nenhuma dúvida de que...

– Aulcus – rosnou Logen.

Pé Comprido parou com a boca entreaberta. Depois a fechou de repente.

– Muito bem. Vamos seguir a estrada de volta à planície e ir para oeste até os três lagos. Aulcus está em sua cabeceira, mas a jornada ainda é longa e perigosa, sobretudo com o inverno chegando. Deveria haver...

– Bom.

Logen se virou antes que Pé Comprido tivesse chance de dizer mais alguma coisa. Aquela havia sido a parte fácil. Ele sugou o ar por entre os dentes e caminhou até Ferro.

– Bayaz está... – Ele lutou para encontrar a palavra certa. – Apagado. Não sabemos por quanto tempo.

Ela assentiu.

– Vamos continuar?

– É... eu calculo... esse é o plano.

– Certo. – Ela se levantou da pedra e pendurou o arco no ombro. – Então é melhor ir andando.

Mais fácil do que ele havia esperado. Fácil demais, talvez. Imaginou se ela estaria pensando em fugir de novo. Para dizer a verdade, ele próprio estava.

– Nem sei para onde vamos.

Ela resfolegou.

– Eu nunca soube para onde estava indo. Se me perguntar, ter você no comando é uma melhora. – Ela foi na direção dos cavalos. – Nunca confiei naquele careca desgraçado.

E com isso restava apenas Luthar. Estava parado de costas para os outros, os

ombros caídos, parecendo totalmente arrasado. Logen podia ver os músculos do lado da cabeça dele se mexendo enquanto o rapaz olhava para o chão.

– Você está bem?

Luthar mal pareceu ouvi-lo.

– Eu queria lutar. Queria, sabia como e tinha a espada na mão. – Ele bateu com raiva no punho de uma das suas armas. – Fiquei impotente feito a porcaria de um bebê. Por que não consegui me mexer?

– É isso? Pelos mortos, rapaz, isso acontece com alguns homens na primeira vez!

– Acontece?

– Mais do que você acreditaria. Pelo menos você não se cagou.

Luthar levantou as sobrancelhas.

– Isso acontece?

– Mais do que você acreditaria.

– Você congelou na primeira vez?

Logen franziu a testa.

– Não. Matar é muito fácil para mim. Sempre foi. Acredite, você é que tem sorte.

– A não ser que seja morto por não fazer nada.

– Bom – Logen precisou admitir –, isso é verdade.

A cabeça de Luthar baixou mais ainda e Logen lhe deu um tapa no braço.

– Mas você não foi morto! Anime-se, rapaz, você tem sorte! Ainda está vivo, não é?

Luthar assentiu, arrasado. Logen passou o braço pelo seu ombro e o guiou de volta para os cavalos.

– Então tem a chance de se sair melhor na próxima vez.

– Na próxima vez?

– Claro. De se sair melhor na próxima vez. A vida é assim.

Logen subiu de volta na sela, rígido e dolorido. Rígido de tanto cavalgar, dolorido da luta no desfiladeiro. Um pedaço de pedra o havia acertado nas costas, além de ele ter recebido um bom soco na lateral da cabeça. Poderia ter sido muito pior.

Olhou os outros. Estavam todos montados, observando-o. Quatro rostos, os mais diferentes possível, mas todos mais ou menos com a mesma expressão.

Esperando sua palavra. Por que alguém podia achar que ele tinha as respostas? Engoliu em seco e bateu os calcanhares.

– Vamos.

O plano do príncipe Ladisla

– O SENHOR realmente deveria passar menos tempo aqui, coronel West. – Pike pousou a marreta por um momento, com a luz laranja de sua forja refletindo-se nos olhos, brilhando no rosto derretido. – As pessoas vão começar a falar.

West abriu um sorriso nervoso.

– É o único lugar quente em toda a porcaria do acampamento.

Era verdade, mas estava longe de ser o motivo real. Era o único lugar em toda a porcaria do acampamento onde ninguém iria procurá-lo. Homens que estavam passando fome, congelando, sem água nem arma, nem a menor ideia do que fazer. Homens que tinham morrido de frio ou de doença e precisavam ser enterrados. Nem os mortos podiam se virar sem West. Todo mundo precisava dele, dia e noite. Todo mundo menos Pike e sua filha e o restante dos condenados. Só eles pareciam autossuficientes, por isso a forja havia se tornado seu refúgio. Era um refúgio barulhento, apinhado e enfumaçado, sem dúvida, mas nem por isso menos agradável. Sem dúvida ele preferia isso a estar com o príncipe e seu estado-maior. Ali, entre os criminosos, era mais... honesto.

– O senhor está no meu caminho, coronel. De novo – falou Cathil.

Passou por ele levando na mão enluvada uma pinça com uma lâmina de faca que reluzia num tom laranja. Enfiou-a na água, franzindo a testa, virando-a para um lado e para outro e fazendo o vapor subir sibilante a seu redor. West olhou-a mover-se, rápida e hábil, com gotas de umidade no braço forte, na nuca, o cabelo escuro e espetado de suor. Era difícil acreditar que ele a havia confundido com um garoto. Ela podia trabalhar o metal tão bem quanto qualquer homem, mas o formato de seu rosto, para não falar dos seios, da cintura, da curva do traseiro, tudo era inconfundivelmente feminino...

Ela olhou por cima do ombro e o pegou espiando.

– O senhor não tem um exército para comandar?

– Eles podem aguentar dez minutos sem mim.

Ela tirou a lâmina fria e preta da água e a jogou com estardalhaço na pilha ao lado da pedra de amolar.

– Tem certeza?

Talvez ela estivesse certa. West puxou fundo o ar, suspirou, virou-se com alguma relutância e se aventurou pela porta do barracão, de volta ao acampamento.

O ar invernal mordeu suas bochechas ao sair do calor da oficina, e ele levantou a gola do casaco e abraçou a si mesmo enquanto lutava para percorrer a estrada principal do acampamento. O silêncio era mortal ali fora à noite, depois de deixar o barulho da forja para trás. Podia ouvir a lama congelada puxando suas botas, a respiração raspando na garganta, o xingamento fraco de algum soldado distante, resmungando ao andar pela escuridão. Parou um momento e olhou para cima, os braços cruzados para se esquentar. O céu estava limpo, as estrelas piscando, espalhadas no negrume como poeira reluzente.

– Lindo – murmurou consigo mesmo.

– Você se acostuma.

Era Três Árvores, passando entre as barracas com Cachorrão. Seu rosto estava na sombra, todo feito de reentrâncias escuras e ângulos brancos como um penhasco ao luar, mas West percebeu que ele trazia más notícias. O velho nórdico não poderia ser descrito como uma figura divertida nem nos melhores momentos, mas agora sua carranca estava mesmo séria.

– Que bom vê-los – disse West na língua do Norte.

– Você acha? Bethod está a menos de cinco dias de marcha do seu acampamento.

De repente o frio pareceu cortar o casaco de West e fazê-lo tremer.

– Cinco dias?

– Se ele não se moveu desde que o vimos, o que não é provável. Bethod nunca foi de ficar parado. Se está marchando para o sul, pode estar a três dias de distância. Menos ainda.

– Em que número ele está?

Cachorrão lambeu os lábios, a respiração soltando fumaça em volta do rosto magro no ar gélido.

– Calculo uns dez mil, mas ele pode ter mais homens atrás.

West sentiu mais frio ainda.

– Dez mil? Tantos assim?

– Por volta disso. Na maioria, servos.

– Servos? Infantaria leve?

– Leve, mas não como esse lixo que você tem aqui. – Três Árvores fez uma careta indicando as barracas precárias ao redor, as fogueiras malfeitas, quase apagadas. – Os servos de Bethod estão em boa forma, têm sangue de batalhas e são duros como madeira de tanto marchar. Aqueles desgraçados podem correr o dia inteiro e ainda lutar no final, se for necessário. Arqueiros, lanceiros, todos muito bem treinados.

– Não há escassez de Carls nem de nada – murmurou Cachorrão.

– Não mesmo, com couraças fortes e boas espadas, e muitos cavalos além disso. Também deve haver Homens Nomeados, sem dúvida. Bethod trouxe a nata e com alguns bons líderes guerreiros no meio. Isso e alguns estrangeiros do leste. Homens selvagens, de além de Crinna. Deve ter deixado alguns garotos espalhados no norte, para seus amigos perseguirem, e trouxe os melhores lutadores para o sul, contra os mais fracos dos seus.

Três Árvores olhou carrancudo para o acampamento desmazelado ao redor, por baixo das sobrancelhas densas.

– Não quero ofender, mas não lhe dou uma titica de chance se houver uma batalha.

O pior de todos os resultados. West engoliu em seco.

– Com que velocidade um exército assim pode se mover?

– Rápido. Os batedores podem estar conosco depois de amanhã. O corpo principal, um dia depois. Isto é, se eles vierem direto, e é difícil dizer se virão. Eu não duvidaria se Bethod tentasse atravessar o rio mais embaixo e viesse por trás de nós.

– Por trás? – Eles mal estavam equipados para um inimigo previsível. – Como ele podia saber que estávamos aqui?

– Bethod sempre teve um dom para adivinhar o que acontecia com os inimigos. Tem um bom tino. Além disso, é um sacana sortudo. Adora se arriscar. Não há nada mais importante na guerra do que uma boa dose de sorte.

West olhou ao redor, piscando. Dez mil nórdicos endurecidos pela batalha, baixando sobre seu acampamento decrépito. Nórdicos sortudos e imprevisíveis.

Imaginou-se tentando manobrar suas tropas temporárias mal disciplinadas, com lama até os tornozelos, tentando fazer com que formassem uma fileira. Seria um massacre. Outro Poço Preto a caminho. Mas pelo menos tinham sido alertados. Três dias para preparar as defesas, ou, melhor ainda, começar a recuar.

– Temos de falar imediatamente com o príncipe – disse.

Música suave e luz cálida vazaram para o ar frio da noite quando West puxou a aba da tenda. Abaixou-se para passar, relutante, tendo os dois nórdicos logo atrás.

– Pelos mortos... – murmurou Três Árvores, boquiaberto.

West havia esquecido como os aposentos do príncipe poderiam parecer bizarros para um recém-chegado, em especial um recém-chegado que desconhecesse o luxo. Era menos uma tenda do que um gigantesco salão de tecido púrpura, com dez passos de altura ou mais, repleto de tapeçarias estirianas penduradas e com o piso forrado por tapetes de Kanta. A mobília combinava mais com um palácio do que com um acampamento. Enormes cômodas esculpidas e baús dourados abrigavam o interminável guarda-roupa do príncipe, com peças o bastante para vestir um exército de dândis. A cama era de dossel, gargantuesca, maior do que a maioria das barracas do acampamento. Uma mesa muito brilhante num canto sofria sob o peso de iguarias empilhadas, pratos de ouro e prata faiscando à luz das velas. Seria difícil imaginar que a apenas uma centena de passos havia homens apinhados, com frio, sem ter o que comer.

O próprio príncipe herdeiro Ladisla estava esparramado numa cadeira enorme de madeira escura – um trono, poderia se dizer – estofada com seda vermelha. Uma taça vazia pendia numa das mãos e a outra balançava ao som de um quarteto de músicos hábeis, que dedilhavam, passavam o arco e sopravam suavemente em seus instrumentos brilhantes no canto oposto. Ao redor de Sua Alteza estavam quatro membros de seu estado-maior, vestidos impecavelmente e elegantemente entediados, dentre eles o jovem lorde Smund, que havia se tornado, talvez, a pessoa menos benquista por West em todo o mundo.

– É um grande crédito para o senhor – arengava Smund ao príncipe. –

Compartilhar as agruras do acampamento sempre foi um ótimo modo de obter o respeito dos soldados comuns...

– Ah, coronel West! – chilreou Ladisla. – E com dois de seus batedores nórdicos! Que deleite! Vocês devem comer um pouco! – E fez um gesto frouxo e bêbado indicando a mesa.

– Obrigado, Alteza, mas já comi. Tenho notícias da maior...

– Ou um pouco de vinho! Todos vocês precisam beber vinho, este é de uma safra excelente! Aonde foi parar aquela garrafa? – Ele procurou com a mão embaixo da cadeira.

Cachorrão já se aproximara da mesa e estava inclinado sobre ela, cheirando a comida como... um cachorro. Com os dedos sujos, pegou um grande pedaço de carne de um prato, dobrou-o com cuidado e o enfiou inteiro na boca, enquanto Smund observava com o lábio repuxado numa expressão de desprezo. Teria sido embaraçoso em circunstâncias normais, porém West tinha preocupações maiores.

– Bethod está a cinco dias de marcha daqui – quase gritou ele. – Com a maior parte de suas forças!

Um dos músicos se desajeitou com o arco e tocou um guincho desafinado. Ladisla levantou a cabeça bruscamente, quase saindo da cadeira. Até Smund e seus companheiros foram arrancados da indolência.

– Cinco dias – murmurou o príncipe, com a voz rouca de empolgação. – Tem certeza?

– Talvez não mais de três.

– Quantos eles são?

– Cerca de dez mil e todos veteranos...

– Excelente! – Ladisla bateu no braço da cadeira como se ela fosse o rosto de um nórdico. – Estamos em pé de igualdade!

West engoliu em seco.

– Talvez em números, Alteza, mas não em qualidade.

– Ora, coronel West – arengou Smund. – Um bom homem da União vale dez dos deles. – E olhou de nariz empinado para Três Árvores.

– Poço Preto provou que essa ideia é uma fantasia, ainda que nossos homens estivessem bem alimentados, treinados e equipados. Afora o Próprio do Rei, eles não estão assim! Seria aconselhável organizar defesas e nos prepararmos para a

retirada, se for necessário.

Smund bufou com desprezo diante dessa ideia.

– Na guerra não há nada mais perigoso do que ter cautela de mais – desconsiderou ele, com ar superior.

– A não ser ter cautela de menos! – rosnou West, com a fúria já começando a pulsar atrás dos olhos.

Mas o príncipe Ladisla o interrompeu antes que ele tivesse chance de perder as estribeiras.

– Cavalheiros, já chega! – Em seguida saltou da cadeira, os olhos úmidos de entusiasmo bêbado. – Já defini minha estratégia! Vamos atravessar o rio e interceptar esses selvagens! Eles estão pensando em nos surpreender? Rá! – Ele chicoteou o ar com a taça de vinho. – Vamos lhes dar uma surpresa que eles não esquecerão tão cedo! Vamos empurrá-los de volta pela fronteira! Como o marechal Burr pretendia!

– Mas, Alteza – gaguejou West, sentindo-se ligeiramente apreensivo –, o lorde marechal ordenou explicitamente que permanecêssemos atrás do rio...

Ladisla virou a cabeça rapidamente, como se fosse incomodado por uma mosca.

– Esse é o espírito das ordens dele, não as ordens ao pé da letra! Ele não pode reclamar se lutarmos contra o inimigo!

– Esses homens são umas porras de uns idiotas – trovejou Três Árvores, por sorte na língua nórdica.

– O que ele disse? – perguntou o príncipe.

– É... Ele concorda comigo, que deveríamos ficar aqui, Alteza, e mandar pedir a ajuda do marechal Burr.

– É mesmo? E eu achava que todos esses nórdicos fossem só vitalidade e ousadia! Bom, coronel West, pode informá-lo de que estou decidido a atacar e não posso ser dissuadido! Vamos mostrar a esse suposto rei dos nórdicos que ele não tem o monopólio da vitória!

– Muito bem! – gritou Smund, batendo o pé no tapete grosso. – Excelente!

O restante do estado-maior do príncipe verbalizou seu apoio ignorante.

– Vamos chutá-los de volta pela fronteira!

– Vamos dar uma lição!

– Excelente! Fantástico! Temos mais vinho?

West cerrou os punhos, frustrado. Precisava fazer mais um esforço, por mais que fosse embaraçoso, por mais que fosse inútil. Abaixou-se sobre um dos joelhos, juntou as mãos, encarou o príncipe e juntou cada grama de persuasão que possuía.

– Alteza, eu peço, rogo, imploro que reconsidere. A vida de cada homem neste acampamento depende de sua decisão.

O príncipe riu.

– Esse é o peso do comando, meu amigo! Sei que seus motivos são os melhores, mas preciso concordar com lorde Smund. A ousadia é a melhor política na guerra, e a ousadia será minha estratégia! Foi com ousadia que Harod, o Grande, forjou a União. Foi com ousadia que o rei Casamir conquistou Angland! Ainda vamos derrotar esses nórdicos, você verá. Dê as ordens, coronel! Marcharemos às primeiras luzes!

West havia estudado em detalhes as campanhas de Casamir. A ousadia havia sido um décimo do seu sucesso, o mais fora planejamento meticuloso, cuidado com seus homens, atenção a cada detalhe. Ousadia sem o resto podia ser mortal, mas ele compreendia que era inútil dizer isso. Só deixaria o príncipe com raiva e o faria perder qualquer influência que ainda tivesse. Sentia-se como alguém que visse a própria casa pegar fogo. Entorpecido, enjoado, absolutamente impotente. Não restava nada, a não ser dar as ordens e fazer o máximo para garantir que tudo fosse conduzido do melhor modo possível.

– Claro, Alteza – conseguiu murmurar.

– Claro! – O príncipe riu. – Todos concordamos, então! Fantástico! Parem essa música! – gritou aos músicos. – Precisamos de algo com mais vigor! Algo com sangue!

O quarteto mudou sem esforço para um garboso tema marcial. West se virou, com os membros pesados de desesperança, e saiu da tenda para a noite gelada.

Três Árvores vinha logo atrás.

– Pelos mortos, não consigo entender o seu povo! No lugar de onde eu vim, um homem precisa merecer o direito de comandar! Os homens o seguem porque conhecem sua qualidade e o respeitam porque ele compartilha as dificuldades com eles! Até Bethod precisou conquistar seu posto!

O velho ficou andando de um lado para outro diante da tenda, balançando as mãos grandes.

– Aqui vocês pegam os que menos sabem para liderar e colocam o que for o mais idiota no comando de todos.

West não conseguiu pensar em nada para dizer. Não poderia negar.

– Aquele babaca vai levar vocês direto para a porra da sepultura! Todos vocês de volta para a lama, mas de jeito nenhum eu vou atrás, nem nenhum dos meus rapazes. Estou cansado de pagar pelos erros dos outros e já perdi muito para aquele desgraçado do Bethod! Venha, Cachorrão. Esse barco de idiotas pode afundar sem a gente!

E ele se virou e foi andando pela noite.

Cachorrão deu de ombros.

– Não é tudo ruim.

Ele chegou a uma distância conspiratória, enfiou a mão no bolso e tirou algo. West olhou para um salmão cozido inteiro, sem dúvida afanado da mesa do príncipe. O nórdico riu.

– Consegui um peixe!

E foi atrás de seu chefe, deixando West sozinho na colina inóspita, com a música marcial de Ladisla flutuando pelo ar gelado atrás dele.

Até o pôr do sol

– Ei.

A mão áspera sacudiu Glokta, arrancando-o do sono. Ele girou a cabeça cautelosamente para sair da posição em que estivera dormindo e trincou os dentes de dor quando o pescoço estalou. *Será que a morte está chegando de manhã cedo hoje?* Abriu uma fresta dos olhos. *Ah. Parece que ainda não. Talvez na hora do almoço.* Vitari o observava, o cabelo espetado formando uma silhueta negra contra o sol da manhã que atravessava a janela.

– Tudo bem, prática Vitari, se realmente não consegue resistir a mim. Mas vai ter de ficar por cima, se não se importar.

– Rá, rá. O embaixador gurkense está aqui.

– O quê?

– Um emissário. Do próprio imperador, pelo que ouvi dizer.

Glokta sentiu uma pontada de pânico.

– Onde?

– Aqui na Cidadela. Falando com o conselho governante.

– Merda! – rosnou Glokta, saindo atabalhoadamente da cama e ignorando a pontada na perna quando pôs o pé esquerdo arruinado no chão. – Por que eles não me chamaram?

Vitari lhe lançou uma expressão de tristeza.

– Talvez preferissem conversar com ele sem o senhor. Será que pode ser isso?

– Como, diabos, ele entrou aqui?

– Veio de barco, sob um símbolo de trégua. Vissbruck diz que tinha o dever de deixá-lo entrar.

– O dever! – cuspiu Glokta enquanto lutava para vestir a calça pela perna entorpecida e trêmula. – Aquele gordo escroto! Há quanto tempo o sujeito está lá?

– O suficiente para ele e o conselho fazerem uma bela traquinagem juntos, se for esse o objetivo.

– Merda! – rosnou Glokta e se encolheu ao vestir a camisa.



O embaixador gurkense era, sem dúvida uma presença majestosa.

Seu nariz era proeminente e adunco, os olhos ardiam num brilho de inteligência, a barba longa e fina estava bem escovada. Fios de ouro em seu amplo manto branco e no alto adereço de cabeça reluziam ao sol forte. Ele mantinha o corpo espantosamente ereto, o pescoço longo esticado, o queixo erguido, de modo que sempre olhava de cima para tudo o que se dignava olhar. Magro e imensamente alto, fazia o salão amplo e magnífico parecer baixo e sem graça. *Ele próprio poderia passar por um imperador.*

Glokta tinha plena consciência de como devia parecer desajeitado e encurvado ao arrastar os pés, contorcendo o rosto e suando, para entrar no salão de audiências. *O corvo miserável encara o pavão magnífico. Mas ser o lado mais belo não garante a vitória numa batalha. Felizmente, para mim.*

A mesa comprida estava surpreendentemente vazia. Só Vissbruck, Eider e Korsten dan Vurms estavam em suas cadeiras, e nenhum deles parecia satisfeito em vê-lo chegar. *E não deveriam mesmo, os desgraçados.*

– O lorde governador não veio hoje? – rosnou ele.

– Meu pai não está bem – murmurou Vurms.

– Uma pena você não ter podido ficar com ele para reconfortá-lo na doença. E Kahdia?

Ninguém falou nada.

– Não acho que ele viria a uma reunião com eles, não é? – falou Glokta, assentindo de forma grosseira para o emissário. – Que sorte para todo mundo que vocês três tenham estômagos mais fortes. Sou o superior Glokta e, independentemente do que tenham lhe dito, quem manda aqui sou eu. Devo me desculpar por chegar mais tarde, mas ninguém me disse que você vinha.

Seu olhar lançou adagas na direção de Vissbruck, mas o general não queria encará-lo. *Tudo bem, seu idiota fanfarrão. Não vou esquecer isso.*

– Meu nome é Shabbed al Islik Burai. – O embaixador falava perfeitamente a língua comum, numa voz tão potente, autoritária e arrogante quanto sua postura. – Vim como emissário do governante de direito de todo o Sul, o poderoso imperador da poderosa Gurkhul e de todas as terras de Kanta: Uthman-ul-Dosht, amado, temido e favorecido acima de todos os outros homens no Círculo do Mundo, ungido pela mão direita de Deus, o próprio Profeta Khalul.

– Bom para você. Eu faria uma reverência, mas dei um mau jeito nas costas ao sair da cama.

Islik deu um risinho delicado.

– É de fato o ferimento de um guerreiro. Vim aceitar sua rendição.

– É mesmo? – Glokta puxou a cadeira mais próxima e se deixou afundar nela. *De jeito nenhum vou ficar um instante a mais de pé só por causa desse pateta gigante.* – Achei que era tradicional fazer esse tipo de oferta depois do fim da luta.

– Se houver uma luta, não vai durar muito. – O embaixador foi andando pelos ladrilhos até a janela. – Vejo cinco legiões na península, prontas para a batalha. Vinte mil lanças, e isso é apenas uma fração do que virá. As tropas do imperador são mais numerosas do que os grãos de areia do deserto. Resistir a nós seria tão inútil quanto resistir à maré. Todos você sabem disso.

Seu olhar passou orgulhoso pelos rostos culpados do conselho governante e parou no de Glokta com um desprezo cortante. *A expressão de alguém que acredita que já venceu. Ninguém poderia culpá-lo muito por isso. Talvez já tenha vencido.*

– Só idiotas ou loucos optariam por enfrentar algo assim. Vocês, rosados, não pertencem a este lugar. O imperador lhes oferece a chance de sair do Sul com suas vidas. Abram os portões para nós e serão poupados. Podem partir em seus barquinhos e flutuar de volta para sua pequena ilha. Que jamais seja dito que Uthman-ul-Dosht não é generoso. Deus luta ao nosso lado. Sua causa está perdida.

– Ah, não sei, nós nos seguramos bem na última guerra. Tenho certeza de que todos nos lembramos da queda de Ulrioch. Eu me lembro. A cidade queimou de um modo luminoso. Especialmente os templos. – Glokta deu de ombros. – Deus devia estar em outro lugar naquele dia.

– Naquele dia, sim. Mas houve outras batalhas. Tenho certeza de que o

senhor também se lembra de um certo embate, de uma certa ponte, onde um certo jovem oficial caiu nas nossas mãos. – O emissário sorriu. – Deus está em toda parte.

Glokta sentiu a pálpebra tremer. *Ele sabe que eu não tenho como esquecer.* Lembrou-se de sua surpresa quando uma lança gurkense penetrou seu corpo. Surpresa, desapontamento e a dor mais intensa. *Não era invulnerável, afinal de contas.* Lembrou-se de seu cavalo empinando e derrubando-o da sela. A dor piorando, a surpresa se transformando em medo. Ele se arrastando entre as botas e os corpos, ofegando, a boca amarga de poeira, salgada de sangue. Lembrou-se da agonia quando as lâminas cortaram sua perna. O medo virando terror. Lembrou-se de como o arrastaram daquela ponte, gritando e chorando. *Naquela noite começaram a fazer as perguntas.*

– Nós vencemos – disse Glokta, mas sua boca estava seca, a voz rouca. – Provamos que éramos mais fortes.

– Isso foi naquela época. O mundo muda. Os embates de sua nação no Norte gelado o colocam numa desvantagem bastante considerável. Vocês conseguiram violar a primeira regra da guerra. Jamais lutar contra dois inimigos ao mesmo tempo.

É difícil achar falha em seu raciocínio.

– Os muros de Dagoska frustraram vocês antes – disse Glokta, mas não pareceu convincente, nem mesmo para seus próprios ouvidos.

Não são as palavras de um vitorioso. Sentiu os olhares de Vurms, de Vissbruck e de Eider fixos nele, fazendo suas costas pinicarem. *Tentando decidir quem está por cima, e eu sei quem eu escolheria, se estivesse no lugar deles.*

– Talvez alguns de vocês tenham mais confiança em suas muralhas do que outros. Voltarei ao pôr do sol para ouvir sua resposta. A oferta do imperador só vale por este dia e jamais será repetida. Ele é misericordioso, mas sua misericórdia tem limites. Vocês têm até o pôr do sol. – E saiu de maneira imponente da sala.

Glokta esperou até a porta se fechar com um estalo antes de se virar lentamente na cadeira para encarar os outros.

– Que diabos foi isso? – rosnou para Vissbruck.

– É... – O general repuxou seu colarinho suado. – Era minha incumbência, como soldado, permitir a aproximação de um representante desarmado do

inimigo, para ouvir seus termos...

– Sem me avisar?

– Sabíamos que o senhor não daria ouvidos! – rebateu Vurms rispidamente. – Mas o que ele disse é verdade! Apesar de todo o nosso trabalho duro, estamos em número muitíssimo menor e não podemos esperar ajuda com uma guerra se arrastando em Angland. Não passamos de um alfinete no pé de uma nação enorme e hostil. Seria bom negociarmos enquanto ainda temos alguma força. O senhor pode ter certeza de que não receberemos ofertas de acordos, só de um massacre, assim que a cidade tiver caído!

Verdade, mas é improvável que o arquileitor concorde. Negociar uma rendição não é a tarefa para a qual fui nomeado.

– Você está num silêncio incomum, mestra Eider.

– Não sou qualificada para falar sobre os aspectos militares dessa decisão. Mas parece que os termos dele são generosos. Uma coisa é certa: se recusarmos a oferta e os gurkenses tomarem a cidade à força, a matança será terrível. – Ela olhou para Glokta. – Então não haverá misericórdia.

Muito verdadeiro. Sou especialista na misericórdia dos gurkenses.

– Então todos vocês são a favor da rendição?

Eles se entreolharam e não disseram nada.

– Não lhes ocorreu que, assim que nos rendermos, eles podem não honrar o seu pequeno acordo?

– Ocorreu – disse Vissbruck –, mas eles honraram os acordos antes, e decerto alguma esperança... – e ele olhou para o tampo da mesa –... é melhor do que nenhuma.

Parece que vocês têm mais confiança no nosso inimigo do que em mim. Não é de surpreender tanto. Minha própria confiança poderia ser maior.

Glokta enxugou um pouco de umidade embaixo do olho.

– Entendo. Então acho que devo pensar na oferta dele. Vamos nos reunir de novo quando nosso amigo gurkense retornar. Ao pôr do sol.

Ele jogou o corpo para trás e estremeceu ao se levantar.

– O senhor vai levar isso em consideração? – sibilou Vitari no ouvido dele enquanto Glokta mancava pelo corredor, afastando-se do salão de audiências. – Vai levar essa porra em consideração?

– Isso mesmo – reagiu Glokta rispidamente. – Eu tomo as decisões aqui.

– Ou deixa esses vermes tomarem por você!

– Cada um de nós tem seu trabalho. Eu não digo como você escreve os seus relatoriozinhos para o arquileitor. O modo como eu cuido desses vermes não é da sua conta.

– Não é da minha conta? – Vitari agarrou o braço de Glokta e ele cambaleou na perna fraca. Ela era mais forte do que parecia, muito mais forte. – Eu disse a Sult que você podia cuidar da situação! – rosnou no rosto dele. – Se perdermos a cidade sem ao menos lutarmos, a minha cabeça e a sua vão rolar! E minha cabeça é da minha conta, aleijado!

– Não é hora de entrar em pânico – rosnou Glokta. – Não quero acabar flutuando no cais, tanto quanto você, mas este é um equilíbrio delicado. Deixe que eles pensem que podem ter o que querem, assim ninguém comete nenhum ato impensado. Pelo menos até eu estar pronto. E entenda, prática, que esta é a primeira e última vez que me explico a você. Agora tire a porra da mão de cima de mim.

A mão dela não se afastou, em vez disso os dedos se apertaram, afundando no braço de Glokta com a força de um torno. Seus olhos se estreitaram, linhas furiosas rasgadas nos cantos do rosto sardento. *Será que a julguei mal? Será que ela vai cortar minha garganta?* Ele quase riu disso. Mas Severard escolheu esse momento para sair das sombras mais adiante no corredor mal iluminado.

– Olhem vocês dois – murmurou ele, aproximando-se. – Sempre fico pasmo ao ver como o amor brota nos lugares menos prováveis e entre as pessoas menos prováveis. Uma rosa abrindo caminho no solo pedregoso. – Ele pôs as mãos no peito. – Isso aquece meu coração.

– Nós o pegamos?

– Claro. Assim que saiu do salão de audiências.

A mão de Vitari havia se afrouxado. Glokta a empurrou e começou a arrastar os pés na direção das celas.

– Por que não vem conosco? – gritou por cima do ombro enquanto se controlava para que conseguisse parar de esfregar a parte dolorida do braço. – Pode colocar isso no seu próximo relatório para Sult.

Shabbed al Islik Burai parecia consideravelmente menos majestoso quando sentado. Sobretudo numa cadeira cheia de marcas, manchada, numa das celas apertadas e cheias de suor embaixo da Cidadela.

– Ora, assim não é melhor, falando de igual para igual? Muito desconcertante, você pairando acima de mim daquele jeito.

Islik fez cara de desprezo e desviou o olhar, como se falar com Glokta fosse uma tarefa indigna dele. *Como um homem rico assediado por mendigos na rua; mas logo vamos curá-lo dessa ilusão.*

– Sabemos que temos um traidor dentro dos nossos muros. Dentro do próprio conselho governante. Provavelmente uma daquelas três criaturas indignas a quem você estava agora mesmo dando o seu pequeno ultimato. Você vai me dizer quem é.

Não houve resposta.

– Sou misericordioso – exclamou Glokta, balançando a mão despreocupadamente, como o próprio embaixador havia feito apenas alguns poucos minutos antes. – Mas minha misericórdia tem limites. Fale.

– Estou aqui sob uma bandeira de trégua, numa missão do próprio imperador! Ferir um emissário desarmado iria expressamente contra as regras da guerra!

– Trégua? Regras da guerra?

Glokta deu um risinho. Severard deu um risinho. Vitari deu um risinho. Frost ficou em silêncio.

– Isso ainda existe? Guarde esse lixo para crianças como Vissbruck. Não é assim que nós, adultos, brincamos. Quem é o traidor?

– Sinto pena de você, aleijado! Quando a cidade cair...

Guarde sua pena. Vai precisar dela para si mesmo. O punho de Frost praticamente não fez nenhum som ao afundar no estômago do embaixador. Os olhos dele se arregalaram, a boca se abriu, ele soltou uma tosse seca, quase vomitando, tentou respirar e tossiu de novo.

– Estranho, não é? – ponderou Glokta ao observá-lo lutando por ar. – Homens grandes, homens pequenos, homens magros, homens gordos, homens inteligentes, homens burros, todos reagem do mesmo jeito a um soco na barriga. Num minuto você se acha o sujeito mais poderoso do mundo, no outro nem consegue respirar sozinho. Alguns tipos de poder não passam de truques da mente. Seu povo me ensinou isso, sob o palácio do seu imperador. Lá não

existiam regras da guerra, garanto. Você sabe tudo sobre certos embates, certas pontes e certos jovens oficiais, por isso sabe que estive exatamente onde você está agora. Mas há uma diferença. Eu estava impotente, mas você pode parar com essas coisas desagradáveis a qualquer momento. Só precisa dizer quem é o traidor e será poupado.

Islik recuperara a respiração. *Só que boa parte de sua arrogância se foi, e suspeito que para sempre.*

– Não sei nada sobre nenhum traidor!

– Verdade? O seu senhor, o imperador, manda você aqui para negociar sem saber todos os fatos? Improvável. Mas, se for verdade, você de fato não tem utilidade para mim, não é?

Islik engoliu em seco.

– Não sei nada sobre nenhum traidor.

– Veremos.

O grande punho branco de Frost o acertou no rosto. O golpe o teria feito cair de lado se o outro punho do albino não o houvesse segurado pela cabeça para em seguida esmagar seu nariz contra a mesa e arremessá-lo ao chão sobre o encosto da cadeira. Frost e Severard o arrastaram para cima, levantaram a cadeira e o largaram nela, ofegante. Vitari ficou olhando de braços cruzados.

– Tudo muito doloroso – comentou Glokta. – Mas a dor pode ser ignorada se soubermos que ela não vai durar muito. Se ela não puder durar, digamos, até depois do pôr do sol. Para realmente dobrar um homem depressa é preciso ameaçar privá-lo de alguma coisa. Machucá-lo de um modo que jamais será curado. Eu sei disso.

– Aaah! – guinchou o embaixador, sacudindo-se na cadeira.

Severard limpou sua faca no ombro do manto branco do sujeito, depois jogou a orelha dele na mesa. Ela ficou ali caída, na madeira: um semicírculo de carne, abandonado e sangrento. Glokta olhou para ela. *Numa cela quente como esta, no decorrer de longos meses, os serviçais do imperador me transformaram nesta imitação de homem repulsiva e torta. Seria de esperar que a chance de fazer o mesmo com um deles, a chance de obter cada grama de vingança, daria um pequeno vislumbre de prazer.* No entanto ele não sentia nada. *Nada além da minha própria dor.* Estremeceu ao esticar a perna e sentir o joelho estalar, o ar sibilando pelas gengivas vazias. *Então por que faço isso?*

Glokta suspirou.

– O próximo será um dedo do pé. Depois da mão, um olho, uma mão, o seu nariz, e assim por diante, compreendeu? Vai se passar pelo menos uma hora antes de sentirem sua falta, e nós trabalhamos rápido. – Glokta olhou para a orelha cortada. – Até lá poderíamos ter uma pilha de carne sua com um palmo e meio de altura. Vou destrinchá-lo até você não passar de uma língua e um saco de tripas, se for necessário, mas vou descobrir quem é o traidor, isso eu prometo. E então? Já sabe alguma coisa?

O embaixador o encarou ofegando, com sangue escuro escorrendo do nariz magnífico, descendo pelo queixo, pingando da lateral da cabeça. *Sem fala devido ao choque ou pensando no próximo movimento? Não importa.*

– Estou ficando entediado. Comece com as mãos dele, Frost.

O albino segurou um pulso.

– Espere! – gemeu o embaixador. – Deus me ajude, espere! Era Vurms. Korsten dan Vurms, o próprio filho do governador!

Vurms. Quase óbvio demais. Mas, afinal de contas, as respostas mais óbvias geralmente são as certas. Aquele desgraçado venderia o próprio pai, se achasse que poderia conseguir um comprador...

– E a mulher, Eider!

Glokta franziu a testa.

– Eider? Tem certeza?

– Ela planejou! Ela planejou a coisa toda!

Glokta sugou lentamente as gengivas vazias. Tinham gosto azedo. *Uma terrível sensação de desapontamento ou uma terrível sensação de saber a resposta desde o começo? Ela sempre fora a única com cérebro, coragem e recursos necessários para a traição. Uma pena. Mas sabemos que não devemos esperar finais felizes.*

– Eider e Vurms – murmurou Glokta. – Vurms e Eider. Nosso pequeno mistério sórdido chega ao fim. – Ele olhou para Frost. – Você sabe o que fazer.

Chance remota

O MORRO SE erguia do capim, um cone arredondado, regular, como se feito pelo homem. Era estranho, esse único monte se destacando no meio da planície. Ferro não confiava naquilo.

Pedras gastas formavam um círculo irregular ao redor do topo e se espalhavam nas encostas, algumas de ponta-cabeça, outras de lado, as menores com não mais que a altura de um joelho, as maiores com o dobro da altura de um homem. Pedras escuras, nuas, desafiando o vento. Antigas, frias, revoltas. Ferro franziu a testa para elas.

Foi como se elas franzissem a testa de volta em resposta.

– Que lugar é esse? – perguntou Nove Dedos.

Quai deu de ombros.

– Velho, é o que esse lugar é, terrivelmente velho. Mais velho do que o próprio Império. Foi construído antes do tempo de Euz, talvez, quando os demônios percorriam a terra. – Ele riu. – Ao que me consta, pode ter sido construído por demônios. Quem sabe? Algum templo de um deus esquecido? Algum túmulo?

– Nosso túmulo – sussurrou Ferro.

– O quê?

– É um bom lugar para parar – disse ela em voz alta. – Dá para olhar por cima da planície.

Nove Dedos franziu a testa.

– Certo. Paramos.

Ferro subiu numa das pedras, as mãos no quadril, observando a planície com

os olhos estreitados. O vento fustigava o capim e fazia ondas como as do mar. Também fustigava as nuvens enormes, retorcendo-as, rasgando-as, arrastando-as pelo céu. Golpeava o rosto de Ferro, incomodava os olhos, mas ela o ignorava.

Vento desgraçado, como sempre.

Nove Dedos parou ao lado dela, estreitando os olhos ao sol frio.

– Alguma coisa?

– Estamos sendo seguidos.

Eles estavam longe, mas ela podia ver. Pontos minúsculos a distância. Cavaleiros minúsculos movendo-se no oceano de capim.

Nove Dedos franziu a testa.

– Tem certeza?

– Tenho. Está surpreso?

– Não. – Ele desistiu de olhar e esfregou os olhos. – Notícia ruim nunca é surpresa. Só desapontamento.

– Contei treze.

– Você consegue contar? Eu nem consigo ver. Estão vindo atrás de nós?

Ela levantou os braços.

– Você está vendo mais alguém aqui? Talvez aquele desgraçado risonho, o Finnius, tenha encontrado mais alguns amigos.

– Merda. – Ele olhou para a carroça na base do morro. – Não podemos ir mais depressa do que eles.

– Não. – Ela repuxou o lábio. – Você poderia pedir a opinião dos espíritos.

– Para eles dizerem o quê? Que estamos fodidos?

Silêncio por um momento.

– Melhor esperar e lutar com eles aqui. Vamos trazer a carroça para o topo. Pelo menos temos um morro e algumas pedras para nos escondermos.

– Era o que eu estava pensando. Assim ganhamos tempo para preparar o terreno.

– Certo. É melhor começarmos logo.

A ponta da pá bateu no chão com o som nítido de metal na terra. Um som

familiar demais. Cavar buracos e cavar sepulturas. Qual era a diferença?

Ferro havia cavado sepulturas para todo tipo de gente. Companheiros, ou o mais próximo disso que tivera. Amigos, ou o mais próximo de amigos que tivera. Um ou dois amantes, se é que se podiam chamar assim. Bandoleiros, assassinos, escravos. Quem quer que odiasse os gurkenses. Quem quer que se escondesse nas Terras Ruins, por qualquer motivo.

A pá ia subindo e descendo.

Quando a luta acaba, você cava, se ainda estiver viva. Enfileira os corpos. Cava as sepulturas em linha. Cava para os companheiros caídos. Os companheiros cortados, furados, retalhados e quebrados. Cava o mais fundo que se incomoda em cavar, joga-os dentro, cobre-os, eles apodrecem e são esquecidos, e você vai em frente, sozinha. É como sempre foi.

Mas aqui, nesse morro estranho no meio desse país estranho, ainda havia tempo. Ainda havia uma chance de os companheiros viverem. Essa era a diferença e, apesar de todo o seu desdém, das carrancas e da raiva, ela se apegava a isso ao se agarrar à pá com uma força desesperada.

Era estranho como nunca parava de ter esperança.

– Você cava bem – disse Nove Dedos.

Ela o espiou estreitando os olhos, parada em seu lado do buraco.

– Muita prática.

Ela cravou a pá na terra ao lado do buraco, pôs as mãos na borda e se içou para fora, sentando-se na borda com as pernas pendendo. O suor grudava sua camisa no corpo, escorria pelo rosto. Ela enxugou a testa com a mão suja. Logen lhe estendeu o odre de água e ela o pegou e tirou a tampa com os dentes.

– Quanto tempo temos?

Ela tomou um gole da água e bochechou, depois cuspiu.

– Depende da velocidade com que eles venham. – Em seguida deu outro gole e engoliu. – Agora estão vindo depressa. Se continuarem assim, podem chegar esta noite ou talvez amanhã ao amanhecer.

Ela devolveu o odre.

– Amanhã ao amanhecer. – Nove Dedos pôs a tampa de volta, lentamente. – Treze, foi o que você disse, é?

– Treze.

– E nós somos quatro.

– Cinco, se o navegador vier ajudar.

Nove Dedos coçou o queixo.

– Não é muito provável.

– Aquele aprendiz serve de alguma coisa numa luta?

Nove Dedos se encolheu.

– Não muito.

– E o Luthar?

– Eu ficaria surpreso se ele ao menos já tiver dado um soco com raiva, quanto mais usado uma espada.

Ferro assentiu.

– Treze contra dois, então.

– Chance remota.

– Muito.

Ele respirou fundo e olhou para dentro do buraco.

– Se você quiser fugir, não posso dizer que a culpo.

– Humpf – bufou Ferro. Estranho, mas ela nem havia pensado nisso. – Vou ficar. Ver o que acontece.

– Certo. Bom. Não posso dizer que não precise de você.

O vento farfalhava no capim e suspirava nas pedras. Havia coisas que deveriam ser ditas num momento assim, supôs Ferro, mas não sabia o quê. Nunca tivera muita fala dentro de si.

– Uma coisa. Se eu morrer, você me enterra. – Ela estendeu a mão. – Feito?

Ele levantou uma sobrancelha.

– Feito.

Fazia muito tempo, percebeu ela, que não tocava em outra pessoa sem o objetivo de ferir. Era uma sensação estranha, a mão dele apertando a sua, os dedos em volta dos dela, a palma pressionando a sua. Quente. Ele assentiu. Ela assentiu. Depois os dois soltaram.

– E se nós dois morrermos? – perguntou ele.

Ela deu de ombros.

– Então os corvos nos limpam. Afinal de contas, qual é a diferença?

– Não muita – murmurou ele, começando a descer a encosta. – Não muita.

A estrada para a vitória

West estava junto a um agrupamento de árvores mirradas, sob o vento cortante, no terreno alto acima do rio Cumnur, olhando a longa coluna se mover. Mais precisamente, olhava-a não se mover.

Os blocos bem arrumados do Próprio do Rei, encabeçando o exército do príncipe Ladisla, marchavam de modo elegante. Era possível distingui-los pelas armaduras que brilhavam aos raros raios de sol pálidos que rompiam as nuvens esgarçadas, pelos uniformes vistosos dos oficiais, pelos estandartes vermelhos e dourados que estalavam na frente de cada companhia. Já haviam atravessado o rio, formados em boa ordem, num contraste nítido com o caos do outro lado.

As tropas temporárias tinham começado com entusiasmo, de manhã cedo, sem dúvida aliviadas por deixarem o acampamento miserável, mas não havia se passado uma hora até que um homem aqui ou ali – mais velho do que os outros ou com calçados piores – começasse a se retardar, e a coluna se desarrumou. Homens escorregavam e tropeçavam na lama semicongelada, xingando e trombando nos vizinhos, as botas batendo nas do homem à frente. Os batalhões haviam se retorcido, esticado, passado de blocos bem-feitos a manchas disformes, misturados com as unidades da frente e de trás, até que a coluna passou a se mover em grandes ondulações, um grupo avançando depressa enquanto o outro ficava parado, como os segmentos de uma minhoca monstruosa e imunda.

Na hora em que chegaram à ponte, haviam perdido qualquer aspecto de ordem. As companhias malfeitas se espremiam naquele espaço estreito, empurrando e grunhindo, cansadas e mal-humoradas. Os que estavam ao fundo empurravam com força cada vez maior, impacientes para atravessar e descansar, tornando tudo ainda mais lento à frente devido à pressão de seus corpos. Então uma carroça, que de qualquer modo não tinha nada que estar ali, perdeu uma

roda no meio da ponte, e o moroso fluxo de homens se tornou um gotejar. Ninguém sabia como movê-la ou quem poderia consertá-la, e todos se contentavam em passar por cima ou se espremer ao redor, detendo os milhares atrás.

Uma enorme multidão se acumulava na lama deste lado do rio que corria rápido. Homens trombavam e resmungavam, ombro a ombro, com lanças projetando-se no ar em todos os ângulos, cercados por oficiais que gritavam e pilhas cada vez maiores de lixo e de equipamentos descartados. Atrás deles a grande e rastejante serpente de homens continuava num movimento espasmódico para a frente, colocando mais soldados ainda na confusão diante da ponte. Não havia a menor evidência de que alguém ao menos pensara em fazê-los parar, quanto mais que tivesse sucesso nisso.

Tudo isso em marcha, sem qualquer ameaça do inimigo, e numa estrada razoavelmente decente. West ficava apavorado só de imaginar uma tentativa de manobrá-los numa linha de batalha, desviando de árvores ou passando por terreno irregular. Fechou com força os olhos cansados, esfregou-os, mas, quando os abriu, o espetáculo aterrorizante e hilariante continuava. Nem sabia se ria ou se chorava.

Ouviu o som de cascos na encosta atrás dele. O tenente Jalenhorm, grande e sólido na sela. Talvez não fosse um homem brilhante, mas era um excelente cavaleiro e de confiança. Uma boa escolha para a tarefa que West tinha em mente.

– Tenente Jalenhorm se apresentando, senhor. – O grandalhão se virou na sela e olhou para o rio. – Parece que eles estão com alguma dificuldade na ponte.

– Não é, mesmo? Temo que seja só o começo de nossos problemas.

Jalenhorm riu.

– Pelo que sei, estamos em vantagem numérica e temos o fator surpresa do nosso lado.

– Vantagem numérica, talvez. O fator surpresa... – West fez um gesto na direção dos homens que se apinhavam ao redor da ponte, ouviu os gritos vagos e desesperados dos oficiais. – Essa ralé? Um cego nos ouviria chegando a quilômetros. Um cego e surdo provavelmente sentiria nosso cheiro antes que estivéssemos na metade do processo de entrar em formação de batalha. Vamos demorar o dia inteiro só para atravessar o rio. E essa não é a pior das nossas

deficiências. Em relação ao comando, acho que o abismo entre nós e o inimigo não poderia ser maior. O príncipe vive um sonho, e seu estado-maior só existe para mantê-lo lá a qualquer preço.

– Mas sem dúvida...

– O preço pode ser a nossa vida.

Jalenhorm franziu a testa.

– Ora, West, não quero entrar em batalha com esse pensamento na mente...

– Você não vai entrar.

– Não?

– Vai escolher seis bons homens da sua companhia, com montarias de reserva. Vai cavalgar o mais depressa possível para Ostenhorm, depois para o norte até o acampamento do lorde marechal Burr. – West enfiou a mão no casaco e pegou sua carta. – Você vai lhe entregar isto. Vai informar que Bethod já está atrás dele com a maior parte de suas tropas e que o príncipe Ladisla, mal aconselhado, decidiu atravessar o rio Cumnur e lutar com o nórdico, diretamente contra as ordens do marechal. – West trincou os dentes. – Bethod vai nos ver chegando a quilômetros de distância. Estamos dando a escolha de terreno ao inimigo, de modo que o príncipe Ladisla pareça ousado. Aparentemente, a ousadia é a melhor política na guerra.

– West, certamente a coisa não é tão ruim, é?

– Quando alcançar o marechal Burr, diga a ele que o príncipe Ladisla quase certamente foi vencido, possivelmente aniquilado, e que a estrada para Ostenhorm está desprotegida. Ele saberá o que fazer.

Jalenhorm olhou para a carta, estendeu a mão para pegá-la, mas parou.

– Coronel, eu realmente gostaria que o senhor mandasse outro. Eu deveria lutar...

– Sua luta não poderia fazer nenhuma grande diferença, tenente, mas levar essa mensagem pode. Não há qualquer motivo sentimental para isso, acredite. Não tenho tarefa mais importante do que esta, e você é o homem em quem confio para que ela seja cumprida. Entendeu suas ordens?

O grandalhão engoliu em seco, depois pegou a carta, abriu um botão e a enfiou cuidadosamente dentro do casaco.

– Claro, senhor. Sinto-me honrado em levá-la. – E começou a virar o cavalo.

– Há mais uma coisa. – West respirou fundo. – Se eu... for morto. Quando

isso terminar, você poderia levar uma mensagem para minha irmã?

– Ora, não haverá necessidade de...

– Eu espero sobreviver, acredite, mas isto é uma guerra e nem todo mundo sai vivo. Se eu não voltar, diga a Ardee... – Ele pensou um momento. – Só diga a ela que eu sinto muito. Só isso.

– Claro. Mas espero que você mesmo diga.

– Eu também. Boa sorte.

West estendeu a mão. Jalenhorm se inclinou para baixo e a apertou.

– Para você também.

Ele esporeou a montaria descendo a encosta, para longe do rio. West o observou afastar-se durante um minuto, depois respirou fundo e partiu na outra direção, para a ponte.

Alguém precisava fazer a porcaria da coluna voltar a se mover.

Maldades necessárias

O SOL ERA meio disco dourado reluzindo além da muralha que delimitava a cidade, lançando uma luz laranja no corredor por onde Glokta arrastava os pés, com o prático Frost ao lado. Através das janelas pelas quais o superior dolorosamente passava, dava para ver os prédios da cidade lançando sombras compridas na direção da rocha. Quase poderia afirmar, a cada janela que chegava, que as sombras ficavam mais longas e menos nítidas, que o sol era mais fraco e mais frio. Logo ele teria ido embora. *Logo será noite.*

Parou um momento diante da porta do salão de audiências, prendendo o fôlego, deixando a dor na perna diminuir, lambendo as gengivas vazias.

– Dê-me a sacola, então.

Frost lhe entregou o saco e encostou uma das mãos brancas na porta.

– O fenhor eftá pronto?

Mais pronto do que jamais estarei.

– Vamos logo com isso.

O general Vissbruck estava sentado rígido em seu uniforme engomado, as papadas avolumando-se ligeiramente sobre o colarinho alto, as mãos beliscando uma à outra com nervosismo. Korsten dan Vurms fazia o máximo para parecer despreocupado, mas os movimentos rápidos de sua língua traía a ansiedade. A mestra Eider estava empertigada, sentada com as mãos cruzadas sobre a mesa, o rosto sério. *Cheia de objetividade.* Um colar de grandes rubis reluzia com as últimas brasas do sol poente. *Não demorou muito para arranjar mais algumas joias, pelo que vejo.*

Havia mais um membro na reunião, e ele não demonstrava o menor sinal de nervosismo. Nicomo Cosca estava encostado na parede mais distante, não muito atrás de sua patroa, os braços cruzados sobre o peitoral preto. Glokta notou que ele trazia uma espada à cintura e uma adaga comprida do outro lado.

– O que ele está fazendo aqui?

– Isso tem a ver com todo mundo na cidade – disse Eider com calma. – É uma decisão importante demais para o senhor tomar sozinho.

– Então é ele quem vai garantir que você tenha o direito de opinar?

Cosca deu de ombros e examinou as unhas sujas.

– E meu documento assinado pelos doze membros do Conselho Fechado?

– Seu papel não vai nos salvar da vingança do imperador caso os gurkenses tomem a cidade.

– Sei. Então você teve a ideia de me desafiar, de desafiar o arquileitor, de desafiar o rei?

– Tive a ideia de ouvir o emissário gurkense e considerar os fatos.

– Muito bem – disse Glokta. Em seguida virou a sacola. – Ouça-o.

A cabeça de Islik caiu na mesa com um som oco. Ela não tinha qualquer expressão, além de uma frouxidão medonha, os olhos abertos e espiando em direções diferentes, a língua pendendo ligeiramente. Rolou sem jeito ao longo do lindo tampo da mesa, deixando uma curva irregular de manchas de sangue na madeira muito polida, e parou, de rosto para cima, diante do general Vissbruck.

Um pouquinho teatral, talvez, mas dramático. Isso vocês precisam admitir. Ninguém pode ficar com qualquer dúvida quanto ao meu nível de comprometimento. Vissbruck olhou atarantado a cabeça sangrenta na mesa, a boca se abrindo lentamente cada vez mais. Ele se levantou num susto e tropeçou para trás, com a cadeira despencando ruidosa nos ladrilhos. Em seguida ergueu um dedo para Glokta.

– Você é louco! Você é louco! Não haverá misericórdia para ninguém! Cada homem, mulher e criança em Dagoska! Se a cidade cair, agora, não haverá esperança para nenhum de nós!

Glokta abriu seu sorriso banguela.

– Então sugiro que cada um de vocês se comprometa de coração em garantir que a cidade não caia. – Ele olhou para Korsten dan Vurms. – A não ser que já seja tarde demais para isso, não é? A não ser que vocês já tenham vendido a cidade aos gurkenses e não possam recuar!

Os olhos de Vurms se viraram rapidamente para a porta, para Cosca, para o horrorizado general Vissbruck, para Frost, parado de forma agourenta num canto, e finalmente para a mestra Eider, ainda sentada com uma calma de aço e

composta. *E nossa pequena conspiração é arrancada das sombras.*

– Ele sabe! – gritou Vurms, empurrando a cadeira para trás e se levantando, dando um passo na direção das janelas.

– Obviamente ele sabe.

– Então faça alguma coisa, maldição!

– Já fiz – disse Eider. – Neste momento os homens de Cosca terão tomado a muralha externa, posto uma ponte no seu canal e aberto os portões para os gurkenses. As docas, o Grande Templo e a própria Cidadela também estão nas mãos deles. – Houve um leve chacoalhar do lado de fora da porta. – Acredito que posso ouvi-los agora mesmo, aí fora. Lamento, superior Glokta, lamento mesmo. O senhor fez tudo o que Sua Eminência poderia esperar, e mais ainda, mas os gurkenses já estão jorrando para dentro da cidade. O senhor vê que resistir é impossível.

Glokta olhou para Cosca.

– Posso retrucar?

O estiriano deu um sorriso pequeno, fez uma reverência rígida.

– É muito gentil. Odeio desapontá-la, mas os portões estão nas mãos do haddish Kahdia e vários de seus sacerdotes mais comprometidos. Ele disse que iria abri-los para os gurkenses... como foi mesmo que ele disse?... quando o próprio Deus ordenasse. Você planejou alguma visita divina?

Pelo rosto de Eider estava claro que não havia planejado.

– Quanto à Cidadela, foi tomada pela Inquisição, para a segurança dos leais súditos de Sua Majestade, claro. O que você ouve aí fora são os meus práticos. Quanto aos mercenários do mestre Cosca...

– Estão a postos nas muralhas, superior, como foi ordenado! – O estiriano bateu os calcanhares e prestou continência impecavelmente. – Estão prontos para repelir qualquer ataque dos gurkenses. – Ele riu para Eider. – Peço desculpas por ter de deixar seu serviço num momento tão crucial, mestra, mas saiba que recebi uma oferta melhor.

Houve uma pausa atônita. Vissbruck não poderia parecer mais atarantado se tivesse sido acertado por um raio. Vurms olhou ao redor, espantado. Deu mais um passo atrás e Frost deu um passo na direção dele. O rosto da mestra Eider havia perdido a cor. *E assim termina a caça e as raposas estão encurraladas.*

– Você não deveria estar surpresa. – Glokta se recostou na cadeira. – A

deslealdade de Nicomo Cosca é uma lenda em todo o Círculo do Mundo. Praticamente não existe uma terra sob o sol em que ele não tenha traído um empregador.

O estiriano sorriu e fez outra reverência.

– É a sua riqueza que me surpreende – murmurou Eider – e não a deslealdade dele. Onde o senhor conseguiu dinheiro?

Glokta riu.

– O mundo é cheio de surpresas.

– Sua merda de vaca idiota! – gritou Vurms.

Ele só conseguira desembainhar metade da espada quando o punho branco de Frost esmagou seu queixo e o jogou sem sentidos contra a parede. Quase no mesmo instante a porta se abriu com estrondo e Vitari irrompeu na sala com meia dúzia de práticos, armas a postos.

– Tudo certo? – perguntou ela.

– Na verdade, estamos acabando. Pode levar o lixo para fora, Frost?

Os dedos do albino se fecharam ao redor do tornozelo de Vurms e o puxaram pelo chão, para fora do salão de audiências. Eider olhou o rosto frouxo do filho do governador deslizar nos ladrilhos, depois encarou Glokta.

– E agora?

– Agora as celas.

– E depois?

– Depois veremos.

Ele estalou os dedos para os práticos, apontou o polegar para a porta. Dois deles rodearam a mesa, pegaram a rainha dos mercadores pelos cotovelos e a levaram impassivelmente para fora da sala.

– Então – retomou Glokta, olhando Vissbruck. – Mais alguém aceita a oferta de rendição feita pelo embaixador?

O general, que estivera de pé em silêncio o tempo todo, fechou a boca rapidamente, respirou fundo e ficou em posição de sentido.

– Sou um simples soldado. Claro que obedecerei a qualquer ordem de Sua Majestade ou do representante escolhido de Sua Majestade. Se a ordem é sustentar Dagoska até o fim, darei a última gota de meu sangue para isso. Garanto que eu não sabia nada sobre nenhuma trama. Agi intempestivamente, talvez, mas sempre com honestidade, no que achei que era o melhor interesse

do...

Glokta balançou a mão.

– Estou convencido. Entediado, mas convencido. – *Já perdi metade do conselho governante hoje. Perder mais um poderia fazer com que eu parecesse ganancioso.* – Os gurkenses sem dúvida começarão o ataque às primeiras luzes. Você deveria ir conferir nossas defesas, general.

Vissbruck fechou os olhos, engoliu em seco, enxugou um pouco de suor da testa.

– O senhor não se arrependerá de sua fé em mim, superior.

– Confio que não. Vá.

O general saiu rapidamente da sala, como se estivesse preocupado com a hipótese de Glokta mudar de ideia, e o restante dos práticos foi atrás dele. Vitari se curvou e levantou a cadeira de Vurms, encaixando-a cuidadosamente sob a mesa.

– Trabalho bem-feito. – E assentiu lentamente consigo mesma. – Muito bem-feito. Fico feliz em dizer que eu estava certa a seu respeito o tempo todo.

Glokta bufou.

– Sua aprovação vale menos para mim do que você jamais saberá.

Os olhos dela sorriram por cima da máscara.

– Eu não disse que aprovava. Só disse que foi bem-feito.

Em seguida ela se virou e saiu para o corredor.

Com isso só restava Cosca. O mercenário estava encostado na parede, os braços cruzados descuidadamente no peitoral, olhando Glokta com um leve sorriso. Ele não havia se movido o tempo todo.

– Você se sairia bem na Estíria, acho. Muito... implacável? Essa é a palavra? De qualquer modo – ele deu de ombros elaboradamente – estou ansioso para servir sob seu comando.

Até que alguém ofereça mais, hein, Cosca? O mercenário balançou a mão indicando a cabeça decepada na mesa.

– Gostaria que eu fizesse alguma coisa com isso?

– Espete nas ameias da muralha externa, em algum lugar onde seja vista facilmente. Que os gurkenses entendam a força de nossa decisão.

Cosca estalou a língua.

– Cabeças em espetos, é? – Ele arrastou a cabeça da mesa, puxando-a pela

barba comprida. – Nunca sai de moda.

A porta se fechou com um estalo depois que ele passou, e Glokta ficou sozinho no salão de audiências. Coçou o pescoço rígido, esticou a perna rígida embaixo da mesa ensanguentada. *Um bom dia de trabalho, no geral. Mas agora o dia acabou.*

Fora das janelas altas, o sol finalmente havia se posto em Dagoska. O céu estava escuro.

No meio das pedras

Os primeiros traços do alvorecer se esgueiravam pela planície. Um brilho de luz na barriga das nuvens altíssimas e ao longo das bordas das pedras antigas, uma claridade lamacenta no horizonte leste. Uma visão que os homens quase não tinham, aquele primeiro brilho cinza; pelo menos Jezal raramente a tivera. Em casa, nessa hora, ele estaria em segurança nos seus aposentos, dormindo a sono solto numa cama quente. Nenhum deles havia dormido à noite. Tinham passado as horas longas e frias em silêncio, sentados ao vento, de vigília em busca das silhuetas escuras na planície e esperando. Esperando o alvorecer.

Nove Dedos franziu os olhos para o sol nascente.

– Está quase na hora. Logo eles virão.

– Certo – murmurou Jezal, entorpecido.

– Escute, agora. Fique aqui e vigie a carroça. Eles são muitos, e é mais do que provável que alguns deles venham por trás de nós. É por isso que você está aqui. Entendeu?

Jezal engoliu em seco. Sua garganta estava rígida de tensão. Só conseguia pensar em como isso era injusto. Como era injusto morrer tão novo.

– Certo. Eu e ela vamos pela frente do morro, ali, em volta daquelas pedras. Acho que a maioria deles virá por ali. Se você se encrencar, grite por nós, mas se não viermos, bem... faça o que puder. Nós podemos estar ocupados. Podemos estar mortos.

– Estou com medo – disse Jezal. Não pretendia dizer isso, mas agora não parecia ter importância.

No entanto, Nove Dedos apenas assentiu.

– E eu também. Todos estamos.

Ferro tinha um sorriso feroz no rosto enquanto ajustava as tiras da aljava em volta do peito, apertava em mais um furo o cinto em que levava a espada,

colocava seu protetor de punho, mexia os dedos e testava a corda do arco. Tudo arrumado, e rápido, e pronto para a violência. Enquanto ela se preparava para uma luta que provavelmente seria a morte de todos eles, fazia Jezal se lembrar de como ele se arrumava para uma noite de ronda nas tavernas de Adua. Os olhos amarelos brilhando, empolgada à meia-luz, como se mal pudesse esperar para começar. Ele nunca a vira parecer feliz antes.

– Ela não parece estar.

Nove Dedos olhou para ela.

– Bom, talvez não, mas ela não é um exemplo que eu gostaria de seguir. – Ele a observou por um momento. – Às vezes, quando alguém vive em perigo por tempo de mais, a única ocasião em que se sente vivo é quando a morte está bafejando no ombro.

– Entendi – murmurou Jezal. – Ver o relevo no próprio cinto de espadas, os cabos, as lâminas tão orgulhosamente polidas o fez sentir-se nauseado. Engoliu a saliva de novo. Desgraça, sua boca jamais estivera tão cheia de cuspe.

– Tente pensar em outra coisa.

– O quê, por exemplo?

– Qualquer coisa que o ajude a passar por isso. Você tem família?

– Um pai, dois irmãos. Não sei quanto eles gostam de mim.

– Danem-se eles, então. Tem filhos?

– Não.

– Mulher?

– Não. – Jezal enrugou a testa. Não tinha feito nada da vida além de jogar cartas e colecionar inimigos. Ninguém sentiria sua falta.

– Uma amante, então? Não diga que não há nenhuma garota esperando.

– Bom, talvez... – Mas ele não duvidava de que Ardee já teria encontrado outra pessoa. Ela nunca havia parecido abertamente sentimental. Talvez ele devesse tê-la pedido em casamento quando tivera a chance. Pelo menos assim alguém poderia chorar por ele. – E você? – murmurou.

– O quê? Família? – Nove Dedos franziu a testa, coçando sério o cotoco do dedo médio. – Já tive. E agora tenho outra. A gente não escolhe a família, aceita o que recebe e aproveita do melhor modo possível. – Ele apontou para Ferro, depois para Quai. – Está vendo ela, e ele, e você? – Ele bateu no ombro de Jezal. – Essa é a minha família agora, e não planejo perder um irmão hoje, entendeu?

Jezal assentiu lentamente. Família não se escolhe. Aproveita-se do melhor modo possível. Feia, estúpida, estranha, agora não parecia importar. Nove Dedos estendeu a mão e Jezal a apertou com o máximo de força que pôde.

O nórdico riu.

– Sorte então, Jezal.

– Para você também.



Ferro se ajoelhou ao lado de uma das pedras tombadas, o arco numa das mãos, uma flecha na corda e preparada. O vento criava padrões no capim alto da planície lá embaixo, chicoteava o mato mais curto da encosta do morro, balançava as penas das seis flechas enfiadas no chão diante dela, enfileiradas. Sete flechas eram tudo o que lhe restava.

Nem de longe o suficiente.

Viu-os cavalgar até a base do morro. Viu-os descer dos cavalos, olhando para cima. Viu-os apertar as fivelas das gastas armaduras de couro, preparar as armas. Lanças, espadas, escudos, um ou dois arcos. Contou-os. Treze. Estivera certa.

Mas isso não servia muito de consolo.

Reconheceu Finnius, rindo e apontando para as pedras. Desgraçado. Atiraria nele primeiro, se tivesse chance, mas não havia sentido em arriscar um disparo a essa distância. Eles viriam logo. Atravessando o terreno aberto, esforçando-se morro acima.

Então poderia atirar.

Começaram a se espalhar, espiando as pedras por sobre os escudos, as botas fazendo o capim alto lá embaixo farfalhar. Ainda não a tinham visto. Na frente havia um deles sem escudo, subindo a encosta com um riso feroz na cara e uma espada brilhante em cada mão.

Ela puxou a corda, sem pressa, sentiu-a comprimir o queixo de modo tranquilizador. A flecha o acertou no centro do peito, bem através do peitoral de couro. Ele tombou de joelhos, encolhendo-se e ofegando. Forçou-se a se levantar apoiado numa espada, deu um passo trôpego. A segunda flecha acertou o corpo logo acima da primeira e ele tombou de joelhos de novo, babou cuspe sangrento

na colina, depois rolou de costas.

Mas havia muitos outros, que continuaram vindo. O mais próximo estava encolhido atrás de um escudo grande, subindo lentamente com ele diante do corpo, tentando não expor um único trecho de carne. A flecha dela se cravou na borda da madeira pesada.

– Ssss – sibilou ela, pegando outra flecha no chão. Puxou a corda de novo, mirando com cuidado.

– Aargh! – gritou ele, quando a flecha acertou no tornozelo exposto. O escudo balançou e cedeu, tombando para o lado.

A flecha seguinte fez um arco no ar e o acertou bem no pescoço, logo acima da borda do escudo. O sangue borbulhou na pele, os olhos se arregalaram e o homem tombou para trás, com o escudo escorregando pela encosta atrás dele, a flecha desperdiçada se projetando para cima.

Mas esse havia demorado muito e custado muitas flechas. Agora eles haviam subido bastante na colina, estavam na metade do caminho até as primeiras pedras, ziguezagueando à esquerda e à direita. Ela pegou as últimas duas flechas no chão e deslizou pelo capim, subindo a encosta. Por enquanto era só isso que podia fazer. Nove Dedos teria de cuidar de si mesmo.

Logen esperou, as costas comprimidas contra uma pedra, tentando manter a respiração suave. Viu Ferro se arrastar mais para cima do morro, para longe dele.

– Merda – murmurou.

Estava em menor número e encrencado, de novo. Sabia que isso aconteceria desde o instante em que assumira o comando. Sempre acontecia. Bem, tinha lutado para sair de apertos antes e lutaria para sair deste. Se uma coisa podia ser dita sobre Logen Nove Dedos era que ele era um lutador.

Ouviu passos apressados no capim e grunhidos ofegantes. Um homem se esforçando morro acima, logo à esquerda da pedra. Logen segurou a espada do lado direito do corpo, ajeitou os dedos no metal duro do cabo, trincou as mandíbulas. Viu a ponta da lança do sujeito passar oscilando, depois o escudo.

Saiu com um rugido de guerra, girando a espada num círculo amplo. Ela se

cravou fundo no ombro do sujeito e abriu um talho enorme através do peito, fazendo espirrar sangue, levantando-o do chão e jogando-o morro abaixo em cambalhotas.

– Ainda estou vivo! – Logen ofegava ao correr encosta acima.

Uma lança passou assobiando e se cravou no chão ao lado dele no momento em que deslizava para trás da pedra seguinte. Uma tentativa desperdiçada, mas eles teriam muitas outras. Espiou pela borda. Viu silhuetas rápidas, correndo de pedra em pedra. Lambeu os lábios e sopesou a espada do Artífice. Agora havia sangue na lâmina escura, sangue na letra de prata perto do punho. Mas havia muito mais trabalho a ser feito.

O homem vinha subindo o morro na direção dela, espiando por cima do escudo, pronto para bloquear qualquer flecha. Não havia como acertá-lo dali, ele estava atento demais.

Ela se escondeu atrás da pedra e se enfiou na trincheira rasa que havia cavado. Começou a se arrastar. Saiu na outra extremidade, logo atrás de outra pedra grande. Rodeou-a e olhou para fora. Podia vê-lo, com o lado do corpo voltado para ela, esgueirando-se cuidadosamente na direção da pedra onde ela estivera escondida. Parecia que Deus estava generoso hoje.

Com ela, pelo menos.

A flecha se cravou na lateral do corpo dele, logo acima da cintura. Ele tropeçou, olhou para a haste enfiada. Ela puxou a última flecha e pôs na corda. O homem estava tentando arrancar a primeira quando a segunda o acertou no meio do peito. Atravessando o coração, supôs ela, pelo modo como ele caiu.

As flechas haviam acabado. Ferro jogou o arco longe e desembainhou a espada gurkense.

Era hora de chegar perto.

Logen rodeou uma pedra e se pegou olhando direto para um rosto, quase

perto o bastante para sentir o hálito na bochecha. Um rosto novo. Um rosto bonito, com pele limpa e nariz afilado, olhos castanhos arregalados. Logen acertou a testa nele com toda a força. A cabeça do jovem foi jogada para trás e ele cambaleou, dando a Logen o tempo necessário para sacar sua faca do cinto com a mão esquerda. Soltou a espada, agarrou a borda do escudo do sujeito e o arrancou do caminho. Olhos Castanhos ergueu de novo a cabeça, com sangue jorrando do nariz quebrado, e o rapaz rosnou enquanto recuava o braço da espada para atacar.

Logen grunhiu ao cravar a faca no corpo do sujeito. Uma, duas, três vezes. Golpes fortes, rápidos, de mão baixa, que chegaram a erguer o outro do chão. O sangue vazou dos buracos nas tripas, em cima das mãos de Logen. O rapaz gemeu, largou a espada, começou a deslizar pela pedra, as pernas cedendo, e Logen olhou-o ir. Uma escolha entre matar e morrer não é escolha. É preciso ser realista com essas coisas.

O homem sentou-se no capim, segurando a barriga sangrenta. Olhou para Logen.

– Gã – grunhiu ele. – Gãrrrã.

– O quê?

Mais nada. Seus olhos castanhos estavam vidrados.

– Venha! – gritou Ferro. – Venha, seu filho da puta! – Ela se agachou no capim, pronta para saltar.

Ele não falava sua língua, mas captou o sentido geral. Sua lança fez um arco pelo ar, girando. Não foi um lançamento ruim. Ela se moveu para o lado e a arma bateu ruidosamente nas pedras.

Ela gargalhou e ele veio com tudo – um sujeito grande como um touro, careca. Estava a quinze passos e ela podia discernir os veios da madeira do cabo do machado. Doze passos, e ela podia ver as rugas de seu rosto que rosnava, as linhas nos cantos dos olhos, por sobre o nariz. Oito passos, e ela podia enxergar os arranhões no peitoral de couro. Cinco passos e ele ergueu o machado bem alto.

– Aaaarg! – berrou o sujeito quando o capim na frente dela cedeu subitamente sob seus pés e ele despencou num dos buracos, com a arma voando da mão.

Deveria ter olhado onde pisava.

Ela saltou para a frente, faminta, girando a espada sem olhar. Ele gritou quando a lâmina pesada penetrou fundo seu ombro, guinchou e falou palavras indistinguíveis, tentando se livrar, gadanhando a terra solta. A espada abriu um buraco no topo de sua cabeça e ele gorgolejou, sacudiu-se, deslizou para o fundo. Da sepultura. Sua sepultura.

Ele não merecia uma sepultura, mas tudo bem. Ela poderia arrastá-lo para fora mais tarde e deixá-lo apodrecer na colina.

Esse era um sacana grande. Um gigante gordo, meia cabeça mais alto do que Logen. Trazia um porrete enorme, metade de uma árvore, mas o movia com facilidade, gritando e rugindo feito louco, olhos pequenos girando com fúria no rosto gorducho. Logen se curvou e correu por entre as pedras. Não era fácil tentar manter os olhos ao mesmo tempo no terreno atrás de si e naquele tronco gigantesco em movimento. Não era fácil. Alguma coisa iria acabar dando errado.

Tropeçou em algo. A bota do homem de olhos castanhos que ele havia matado um minuto antes. Isso é que era justiça. Ergueu-se bem a tempo de ver o punho do gigante acertar sua boca. Cambaleou, tonto, cuspindo sangue. Viu o porrete vindo na sua direção e saltou para trás. Não o suficiente. A ponta do grande pedaço de madeira raspou na coxa de Logen e quase o derrubou. Ele vacilou e se escorou numa pedra, guinchando, babando e fazendo uma careta de dor. Segurou a espada sem jeito e quase se feriu com ela. Então a ergueu bem a tempo de tropeçar e cair de costas no instante em que o porrete arrancava um grande naco de pedra ao seu lado.

O gigante ergueu o porrete acima da cabeça, urrando feito um touro. Um movimento assustador, talvez, mas não inteligente. Logen se sentou e cravou a espada na pança do outro, a lâmina escura penetrando quase até o cabo, saindo direto nas costas. O porrete caiu das mãos dele e bateu com força no chão atrás,

mas, num último esforço desesperado, o gigante se inclinou para baixo, agarrou a camisa de Logen e o puxou para perto, rugindo e mostrando os dentes ensanguentados. Começou a levantar o punho, que parecia um presunto enorme.

Logen tirou a faca da bota e cravou a lâmina na lateral do pescoço do adversário. Ele pareceu surpreso, só por um momento, depois o sangue escorreu de sua boca e pelo queixo. Soltou a camisa de Logen, cambaleou para trás, girou lentamente, ricocheteou numa pedra e caiu de cara no chão. Parecia que o pai de Logen estava certo. Facas nunca são demais.



Ferro ouviu a corda de arco, mas já era tarde demais. Sentiu a flecha penetrar na parte de trás do ombro e, quando olhou para baixo, pôde ver a ponta se projetando na frente da camisa. Isso deixou seu braço entorpecido. O sangue escuro escorreu no tecido sujo. Ela sibilou, censurando-se, e se agachou atrás de uma pedra.

Mas ainda tinha a espada e um braço bom para empunhá-la. Deslizou ao redor da pedra, com a superfície áspera raspando as suas costas, prestando atenção. Podia ouvir os passos do arqueiro no capim, procurando-a, o tinido fraco quando ele desembainhou a espada. Agora o via, de costas para ela, olhando à esquerda e à direita.

Saltou na direção dele com a espada, mas ele se virou a tempo e a aparou com a sua. Caíram juntos no capim e rolaram embolados. Ele se levantou atabalhoadamente, sacudindo-se e gritando, agarrando o rosto ensanguentado. A flecha que se projetava do ombro dela havia furado seu olho enquanto os dois lutavam no chão.

Sorte dela.

Ferro saltou para a frente e a espada gurkense decepou o pé do adversário. Ele gritou de novo, caindo de lado, com a perna mutilada balançando frouxamente. Estava começando a se levantar quando a lâmina curva se cravou até a metade em seu pescoço, vindo por trás. Ferro engatinhou pelo capim, afastando-se do corpo, com o braço esquerdo pendendo quase inútil, o punho direito apertando o cabo da espada.

Procurando mais serviço.

Finnius se movia para um lado e para outro, dançando com os pés leves. Trazia um grande escudo quadrado no braço esquerdo, uma espada grossa e curta na outra mão. Girava-a ao se mover, fazendo o sol pálido faiscar no gume, rindo o tempo todo, com o cabelo comprido balançando ao vento, em volta do rosto.

Logen estava cansado demais para se mexer muito, por isso simplesmente ficou parado e prendeu o fôlego, tendo a espada do Artífice ao lado do corpo.

– O que aconteceu com o seu feiticeiro? – riu Finnius. – Não tem truques desta vez, é?

– Sem truques.

– Bom, vocês fizeram a gente dançar direitinho, isso preciso admitir, mas no final chegamos lá.

– Chegaram aonde? – Logen olhou o cadáver do homem de olhos castanhos, encostado na pedra ao lado dele. – Se era isso que vocês queriam, poderiam ter se matado dias atrás e me poupado o trabalho.

Finnius franziu a testa.

– Você vai descobrir que sou feito de material diferente desses idiotas, nórdico.

– Todos somos feitos do mesmo material. Não preciso escavar outro corpo para descobrir isso. – Logen alongou o pescoço, sopesou a espada do Artífice. – Mas se você está disposto a me mostrar o conteúdo, não vou desapontá-lo.

– Certo, então! – Finnius começou a avançar. – Já que você parece tão ansioso para ver o inferno!

Ele veio rápido e com força, o escudo erguido à frente, estocando e cortando rápido com a espada, fazendo Logen seguir de costas por entre as pedras. Logen tropeçou para trás, quase sem fôlego, procurando uma abertura e não encontrando.

O escudo bateu em seu peito e expulsou o ar que restava, empurrando-o para trás. Ele tentou se esquivar, mas cambaleou na perna fraca, e a espada curta

saltou e o pegou no braço.

– Gáá! – berrou Logen, batendo numa pedra, com gotas de sangue caindo do corte para o chão.

– Um para mim! – riu Finnius, dançando de lado e balançando a espada.

Logen se levantou e o encarou, ofegante. O escudo era grande e aquele desgraçado sorridente o usava bem. Isso lhe dava uma vantagem e tanto. Ele era rápido, sem dúvida. Mais do que Logen, agora, com uma perna ruim, um braço cortado e a cabeça pesada por causa do soco na boca. Onde estava o Nove Sangrento quando você queria? Logen cuspiu no chão. Essa luta ele teria de vencer sozinho.

Deu um passo vagaroso para trás, cambaleando e ofegando mais do que precisava, piscando e franzindo o rosto, deixando o braço pender como se estivesse inútil, com sangue pingando dos dedos frouxos. Recuou devagar, passando pelas pedras e chegando a um espaço maior. Um belo espaço amplo, onde poderia dar um giro decente. Finnius o acompanhou, com o escudo erguido diante do corpo.

– É isso? – riu ele enquanto vinha. – Já está enfraquecendo, é? Não posso dizer que não fiquei desapontado, eu esperava um...

Logen rugiu, saltando subitamente e erguendo a espada do Artífice acima da cabeça com as duas mãos. Finnius tentou se afastar, mas não foi suficiente. A lâmina cinza arrancou um naco do canto do seu escudo, cortou-o direto e penetrou fundo na lateral de uma pedra com um clangor poderoso, fazendo com que lascas da rocha saíssem girando. O impacto quase arrancou a arma das mãos de Logen, jogou-o para o lado, balançando os braços.

Finnius gemeu. Sangue escorria de um corte em seu ombro, um corte que atravessava a armadura de couro, chegando à carne. A ponta da espada devia tê-lo acertado ao passar. Infelizmente não era um corte profundo o bastante para matar, mas suficiente para marcar.

Foi a vez de Logen rir.

– É isso?

Os dois se moveram no mesmo instante. As duas lâminas retiniram juntas, mas Logen segurava com mais força. A espada de Finnius assobiou ao voar de sua mão e rolar morro abaixo. Ele ofegou, procurando uma adaga no cinto, mas antes que pudesse pegá-la Logen estava em cima dele, rosnando e grunhindo

enquanto golpeava insanamente o escudo, abrindo grandes cicatrizes na madeira e fazendo as lascas voarem, impelindo um Finnius cambaleante para longe. Um último golpe acertou o escudo e Finnius vacilou com a força do impacto, tropeçou na borda de uma pedra caída que se projetava do capim e tombou de costas. Logen trincou os dentes e girou para baixo a espada do Artífice.

Ela atravessou direto a greva na canela de Finnius e decepou seu pé logo acima do tornozelo. Ele se arrastou para trás, começou a se levantar, berrou ao tentar apoiar o peso no pé que faltava, caiu sobre o cotoco e se esparramou de costas de novo, tossindo e gemendo.

– Meu pé! – choramingou ele.

– Tire isso da cabeça – rosnou Logen, chutando aquela coisa morta para fora do caminho e avançando.

– Espere! – gorgolejou Finnius, empurrando-se para trás através do capim, usando a perna boa para ir até uma das pedras que estavam de pé e deixando uma trilha de sangue.

– Para quê?

– Só espere! – Ele se arrastou até a pedra, ficou saltitando no pé que restava, encolhendo-se. – Espere! – gritou.

A espada de Logen alcançou a borda interna do escudo, arrancou as alças do braço frouxo de Finnius e o equipamento saiu quicando encosta abaixo com a borda comida. Finnius deu um gemido desesperado e puxou a faca, apoiando-se no pé bom para atacar. Logen abriu um talho enorme em seu peito. O sangue espirrou e choveu sobre o peitoral de Finnius. Os olhos dele se arregalaram, ele escancarou a boca, mas tudo o que saiu foi um chiado fraco. A adaga caiu dos dedos, silenciosamente, no capim. Ele deslizou de lado e tombou de cara no chão.

De volta à lama.

Logen se empertigou, piscou e respirou. O corte no braço estava começando a arder feito fogo, a perna doía, a respiração vinha em haustos entrecortados.

– Ainda estou vivo – murmurou consigo mesmo. – Ainda estou vivo. – Fechou os olhos um momento. – Merda – ofegou.

Os outros. Começou a mancar de volta pela encosta, em direção ao cume.

A flecha no ombro a havia deixado lenta. Sua camisa estava molhada de sangue e ela estava ficando com sede, rígida e vagarosa. O homem deslizou de trás de uma pedra e, antes que ela percebesse, estava em cima dela.

Não havia mais espaço para usar a espada, por isso ela a deixou cair. Tentou pegar a faca, mas ele a agarrou pelo pulso, e era forte. Jogou-a de costas contra a pedra, fazendo sua cabeça bater, deixando-a tonta um momento. Ela podia ver um músculo tremendo embaixo do olho dele, os poros pretos do nariz, as veias do pescoço se destacando.

Ferro se contorceu e lutou, mas o peso dele a pressionava. Ela rosnou e cuspiu, mas nem mesmo sua força era interminável. Seus braços tremiam, os cotovelos se dobraram. A mão dele encontrou sua garganta e apertou. Ele murmurou alguma coisa entre os dentes trincados, apertando e apertando. Ela não podia mais respirar e sua força estava se esvaindo.

Então, através dos olhos semicerrados, viu a mão rodear o rosto dele por trás. Uma mão grande, pálida, três dedos, suja de sangue seco. Um braço grande e pálido surgiu em seguida, e outro, vindo do outro lado, puxando a cabeça dele. O sujeito se retorceu e lutou, mas não tinha como escapar. Os tendões grossos se flexionaram e se remexeram embaixo da pele e os dedos pálidos se cravaram em seu rosto, forçando a cabeça para trás e para o lado, cada vez mais. Ele soltou Ferro e ela se afrouxou de encontro à pedra, sugando o ar. Ele tentou inutilmente gadanhar com as unhas os braços que o atacavam. Soltou um som longo, sibilado, enquanto sua cabeça era girada implacavelmente.

– Sssss...

Crec.

Os braços o soltaram e o homem desmoronou no chão, com a cabeça pendendo. Era Nove Dedos atrás dele. Havia sangue seco em seu rosto, sangue nas mãos, sangue encharcando as roupas rasgadas. O rosto dele estava pálido e trêmulo, com riscas de sujeira e suor.

– Você está bem.

– Mais ou menos como você – grasnou ela. – Ainda resta algum?

Ele pôs a mão na pedra ao lado dela e se curvou, cuspiu sangue no capim.

– Não sei. Uns dois, talvez.

Ferro franziu os olhos para o cume do morro.

– Lá em cima?

– Pode ser.

Ela se abaixou, pegou a espada curva no capim e começou a mancar encosta acima, usando-a como uma muleta. Ouviu Nove Dedos se esforçando atrás de si.

Já fazia alguns minutos que Jezal tinha ouvido gritos ocasionais, berros e o retinir de metal contra metal. Tudo era vago e distante, chegava a seus ouvidos filtrado pelo vento forte no topo do morro. Não tinha ideia do que estava acontecendo fora do círculo de pedras do cume e não tinha certeza se queria saber. Andava de um lado para outro, as mãos se abrindo e fechando, e o tempo todo Quai estava sentado na carroça, olhando para Bayaz, silencioso e numa calma enfurecedora.

Foi então que viu. Uma cabeça de homem, surgindo acima da borda do morro, entre duas pedras altas. Em seguida vieram os ombros, depois o peito. Outro apareceu não muito distante. Um segundo homem. Dois matadores, avançando em sua direção pela encosta.

Um deles tinha olhos porcinos e maxilar grande. O outro era mais magro, com cabelo claro emaranhado. Moveram-se cautelosamente para o cume do morro até estarem dentro do círculo de pedras, examinando Jezal, Quai e a carroça, sem pressa.

Jezal nunca havia lutado contra dois homens ao mesmo tempo. Nunca havia lutado até a morte, também, mas tentou não pensar nisso. Era simplesmente uma disputa de esgrima. Nada de novo. Engoliu em seco e desembainhou as espadas. O metal ressoou de modo tranquilizador ao sair, e o peso familiar nas palmas das mãos foi um pequeno conforto. Os dois homens o encararam e Jezal os encarou de volta, tentando se lembrar do que Nove Dedos dissera.

Tente parecer fraco. Isso, pelo menos, não era grande dificuldade. Ele não duvidava de que parecesse adequadamente apavorado. Precisava se esforçar para não dar meia-volta e correr. Recuou lentamente na direção da carroça, lambendo os lábios com um nervosismo nem um pouco fingido.

Nunca desconsidere um inimigo. Olhou aqueles dois. Homens de aparência forte, bem equipados. Ambos usavam armaduras de couro rígido, seguravam

escudos quadrados. Um tinha uma espada curta e o outro, um machado com lâmina pesada. Armas de aparência mortal, bem usadas. Desconsiderá-las não era algo que ele faria. Eles se separaram para cercá-lo e Jezal ficou observando.

Quando chegar a hora de agir, golpeie sem olhar para trás. O da esquerda avançou para Jezal. Ele viu o sujeito rosnar, viu-o empinar o corpo, viu o grande giro desajeitado para trás. Foi absurdamente simples sair do caminho e deixar o golpe acertar o chão. Num instinto, estocou com a espada curta e a enterrou na lateral do sujeito até o cabo, entre o peitoral e a placa costal, logo abaixo da costela inferior. Ao mesmo tempo que puxava a lâmina de volta, Jezal estava passando por baixo do machado do outro e golpeando-o com a espada longa na altura do pescoço. Dançou passando por ambos e girou, com as lâminas a postos, esperando o grito do juiz.

O que ele havia furado cambaleou um ou dois passos, chiando e segurando a lateral do corpo. O outro ficou parado, oscilando, os olhos de porco arregalados, a mão no pescoço. O sangue começou a vazar entre os dedos, saindo da garganta cortada. Eles caíram quase ao mesmo tempo, de rosto para baixo, perto um do outro.

Jezal franziu a testa para o sangue em sua espada longa. Franziu a testa para os homens que tornara cadáveres. Tinha matado dois homens quase sem pensar. Deveria sentir culpa, mas estava entorpecido. Não. Orgulhoso. Empolgado! Olhou para Quai, que o observava calmamente da parte de trás da carroça.

– Eu consegui – murmurou, e o aprendiz assentiu devagar. – Eu consegui! – gritou ele, brandindo no ar a espada curta suja de sangue.

Quai franziu a testa, depois seus olhos se arregalaram.

– Atrás de você! – gritou, meio pulando do banco.

Jezal se virou, levantando as espadas, a tempo de ver algo se movendo pelo canto do olho.

Houve um som de esmagamento e sua cabeça explodiu numa luz brilhante.

Então tudo ficou escuro.

Os frutos da ousadia

OS NÓRDICOS ESTAVAM no morro, uma fina fileira de figuras escuras contrastando com o céu branco. Era cedo e o sol não passava de uma mancha brilhante no meio das nuvens densas. Peças de neve semiderretida se espalhavam frias e sujas nas reentrâncias das laterais do vale e uma fina camada de névoa ainda se grudava ao chão.

West olhou aquela fila de formas pretas e franziu a testa. Não gostava daquilo. Eram muitos para ser um grupo de batedores ou uma equipe que buscasse suprimentos, porém poucos para representar um desafio. Observavam calmamente enquanto o exército de Ladisla continuava sua arrumação interminável e desajeitada no vale abaixo.

O estado-maior do príncipe e um pequeno destacamento dos seus guardas havia feito o quartel-general numa colina coberta de capim no lado oposto ao morro dos nórdicos. Parecera um lugar bom e seco quando os batedores o encontraram naquela madrugada, bem abaixo do inimigo, talvez, mas ainda suficientemente alto para se ter uma boa visão do vale. Desde então, a passagem de milhares de botas escorregando, de cascos pisoteando e rodas de carroça chacoalhando havia transformado a terra seca numa lama escura e pegajosa. As botas de West e dos homens ao redor estavam cobertas dela, os uniformes totalmente sujos. Até as vestes brancas impecáveis do príncipe Ladisla haviam ganhado algumas manchas.

Uns duzentos passos à frente, em terreno mais baixo, ficava o centro da linha de batalha da União. Quatro batalhões da infantaria do Próprio do Rei formavam a espinha dorsal, cada um deles um bloco bem-feito, de tecido vermelho brilhante e aço opaco, como se tivessem sido posicionados com uma régua gigantesca, olhando a distância. Na frente deles havia algumas fileiras finas de besteiros com seus gibões de couro e elmos de aço; atrás vinha a cavalaria,

apeada por ora, com os cavaleiros parecendo estranhamente desengonçados de armadura completa. Espalhados pelos dois lados dessa formação estavam as composições aleatórias dos batalhões de tropas temporárias, com seus oficiais berrando e balançando os braços, tentando fazer com que as brechas se fechassem, que as fileiras tortas se ajeitassem, como cães pastores latindo para um bando de ovelhas desgarradas.

Dez mil homens, talvez, no total. Cada um deles, West sabia, estava olhando para aquela fina tela de nórdicos, sem dúvida com a mesma mistura nervosa de medo e empolgação, curiosidade e raiva que ele sentia ao ver o inimigo pela primeira vez.

Através da luneta eles não pareciam muito temíveis. Homens de cabelos desgrenhados, usando couros e peles esfarrapados, segurando armas de aparência primitiva. Exatamente o que os membros menos criativos do estado-maior do príncipe estariam esperando. Não pareciam fazer parte do exército que Três Árvores havia descrito, e West não gostou disso. Não tinha como saber o que havia do outro lado do morro, nem motivo para aqueles homens estarem ali, a não ser distraí-los ou atraí-los. Mas nem todo mundo compartilhava suas dúvidas.

– Eles zombam de nós! – disse Smund rispidamente, franzindo os olhos através de sua luneta. – Deveríamos lhes dar um gosto das lanças da União! Uma carga rápida e nossos cavaleiros vão varrer aquela ralé e tomar o morro! – Ele falava quase como se a tomada daquele morro, irrelevante a não ser pelo fato de que os nórdicos estavam sobre ele, traria a campanha a uma conclusão rápida e gloriosa.

West não podia fazer nada além de trincar os dentes e balançar a cabeça, como já fizera cem vezes naquele dia.

– Eles têm o terreno mais alto – explicou, cuidando para falar devagar e com paciência. – É um terreno ruim para um ataque nosso, e eles podem ter apoio. O corpo principal de Bethod, pelo que sabemos, pode estar do lado oposto do morro.

– Eles não parecem ser mais do que batedores – murmurou Ladisla.

– As aparências podem enganar, Alteza, e aquele morro não vale nada. O tempo está do nosso lado. O marechal Burr estará marchando para nos ajudar, porém Bethod não pode esperar nenhuma ajuda. Não temos motivo para buscar

uma batalha agora.

Smund bufou.

– Não há motivo, exceto pelo fato de isto ser uma guerra e o inimigo estar à nossa frente, em solo da União! Você vive arengando sobre a condição ruim do moral dos homens, coronel! – Ele sacudiu o dedo na direção do morro. – O que poderia ser mais prejudicial para o moral deles do que ficar parado diante do inimigo?

– Uma derrota rápida e sem sentido? – rosnou West.

Foi um acaso infeliz o fato de um dos nórdicos escolher aquele exato momento para disparar uma flecha em direção ao vale. Uma haste preta e minúscula voou pelo céu. Vinha de um arco pequeno. Mesmo com a vantagem da altura, a flecha bateu de forma inofensiva no terreno aberto, a cem passos ou mais das linhas de frente. Um gesto singular sem sentido, mas seu efeito sobre o príncipe Ladisla foi imediato.

Ele abandonou sua cadeira dobrável e saltou de pé.

– Desgraçados! – xingou. – Estão zombando de nós! Dê as ordens! – Em seguida andou para um lado e para outro, brandindo o punho. – Mande a cavalaria entrar em forma para atacar imediatamente!

– Alteza, insisto que reconsidere...

– Maldição, West! – O herdeiro do trono jogou o chapéu no chão enlameado. – Você se opõe a mim o tempo todo! Será que seu amigo, o coronel Glokta, hesitaria tendo o inimigo à frente?

West engoliu em seco.

– O coronel Glokta foi capturado pelos gurkenses e provocou a morte de todos os homens sob seu comando.

Ele se abaixou devagar e pegou o chapéu, ofereceu-o respeitosamente ao príncipe, imaginando o tempo todo se teria acabado de levar sua carreira a um fim abrupto.

Ladisla trincou os dentes, respirando forte pelo nariz, e arrancou o chapéu da mão de West.

– Já tomei minha decisão! O fardo do comando é meu e somente meu! – Ele se virou de novo para o vale. – Deem o sinal para o ataque!

De repente West se sentiu terrivelmente cansado. Parecia que nem tinha forças para ficar de pé quando a corneta confiante ressoou no ar frio, quando os

cavaleiros começaram a lutar para montar e a avançar por entre os blocos da infantaria, descendo a encosta suave aos trotes, com as lanças erguidas. Passaram ao galope ao atravessar o fundo do vale, meio obscurecidos num mar de névoa, com o trovão dos cascos ecoando. Algumas flechas esparsas caíram no meio deles, resvalando inofensivas nas armaduras pesadas enquanto eles avançavam. Começaram a perder ímpeto ao chegar à outra encosta, com as fileiras se rompendo ao passar pelos pés de tojo e o terreno irregular, mas ver todo aquele peso de aço e carne de cavalo teve seu efeito nos nórdicos. Sua linha irregular começou a oscilar, depois a se romper. Eles deram meia-volta e fugiram, alguns jogando fora as armas ao desaparecer da crista do morro.

– Essa é a porcaria da fórmula! – gritou lorde Smund. – Façam-nos recuar, maldição! Façam recuar!

– Vão atrás deles! – gargalhou o príncipe Ladisla, tirando o chapéu de novo e balançando-o no ar.

Alguns vivas subiram das tropas temporárias no vale, soando acima do martelar dos cascos.

– Façam com que eles recuem – murmurou West, fechando os punhos. – Por favor.

Os cavaleiros chegaram à crista do morro e gradualmente desapareceram de vista. O silêncio baixou no vale. Um silêncio longo, estranho, inesperado. Alguns corvos giravam no alto, grasnando uns para os outros. West daria qualquer coisa para ter a visão que eles tinham do campo de batalha. A tensão era quase insuportável. Ele andava de um lado para outro enquanto os longos minutos se estendiam, e ainda não havia qualquer sinal.

– Estão demorando, hein? – Pike estava ao lado dele, com a filha logo atrás.

West estremeceu e desviou o olhar. Ainda achava um tanto doloroso olhar por muito tempo aquele rosto queimado, sobretudo quando chegava subitamente e sem se anunciar.

– O que vocês estão fazendo aqui?

O condenado encolheu os ombros.

– Há muita coisa para um ferreiro fazer antes da batalha. Mais ainda depois. Porém não há muito enquanto a luta acontece. – Ele riu, com abas de carne queimada se dobrando como couro num dos lados do rosto. – Pensei em dar uma olhada nos exércitos da União em ação. Além disso, que lugar mais seguro

haveria do que no quartel-general do príncipe?

– Não se incomode conosco – murmurou Cathil, com um leve sorriso no rosto. – Vamos ficar fora do seu caminho.

West franziu a testa. Se era uma referência ao fato de ele estar sempre no caminho dos dois, não se sentia no clima para isso. Ainda não havia sinal da cavalaria.

– Onde, diabos, estão eles? – disse Smund rispidamente.

O príncipe parou de roer as unhas.

– Dê um tempo a eles, lorde Smund, dê um tempo.

– Por que essa névoa não se dissipa? – murmurou West.

Agora havia luz do sol suficiente rompendo as nuvens, mas a névoa só parecia se adensar, esgueirando-se pelo vale na direção dos arqueiros.

– Névoa desgraçada, vai agir contra nós.

– São eles! – gritou alguém do estado-maior do príncipe, esganiçado de empolgação, o dedo esticado rígido na direção da crista do morro.

West levantou sua luneta, ofegante, examinou rapidamente a linha verde. Viu as pontas de lanças, rígidas e regulares, subindo lentamente acima da crista. Sentiu um jorro de alívio. Poucas vezes se sentira tão feliz por estar errado.

– São eles! – gritou Smund, com um sorriso largo. – Voltaram! O que eu disse? Eles...

Elmos apareceram abaixo das pontas de lança, em seguida ombros com cotas de malha. West sentiu o alívio se esvair, o horror se esgueirar garganta acima. Um corpo organizado de homens com armaduras, os escudos redondos pintados com rostos, animais, árvores e uma centena de outros padrões, não havia dois iguais. Mais homens apareceram na crista do morro dos dois lados deles. Mais figuras com cotas de malha.

Os Carls de Bethod.

Pararam logo abaixo do ponto mais alto do morro. Alguns homens avançaram entre as fileiras organizadas e se ajoelharam no capim baixo.

Ladisla baixou a luneta.

– Aquelas coisas são...?

– Bestas – murmurou West.

A primeira saraivada subiu, quase gentilmente: uma nuvem cinza de setas, como um bando de pássaros bem treinados. Houve silêncio por um momento, e

então o estalo furioso das cordas dos arcos chegou aos ouvidos de West. As setas começaram a cair na direção das linhas da União. Caíram no meio do Próprio do Rei, fizeram estardalhaço nos escudos pesados, nas armaduras pesadas. Houve alguns gritos, algumas aberturas surgiram nas linhas.

Em um minuto o humor no quartel-general havia mudado de confiança e fanfarronice para surpresa muda e, depois, consternação estupefata.

– Eles têm bestas? – gaguejou alguém.

West olhou os besteiros no morro através de sua luneta, puxando lentamente as cordas das armas com as manivelas, tirando setas das aljavas, posicionando-as. O alcance fora bem avaliado. Eles não apenas tinham bestas como sabiam usá-las. West foi correndo até o príncipe Ladisla, que olhava boquiaberto um ferido ser carregado, com a cabeça pendendo frouxa, entre as fileiras do Próprio do Rei.

– Alteza, devemos avançar e diminuir a distância, de modo que nossos besteiros possam disparar de volta, ou recuar para um terreno mais alto!

Ladisla só o encarou, não dando sinal de ter ouvido, quanto mais entendido. Uma segunda saraivada partiu em arco na direção da infantaria à frente deles. Desta vez caiu no meio das tropas temporárias, uma unidade sem escudos nem armaduras. Buracos se abriram por toda a formação irregular e foram preenchidos pela névoa que subia, e todo o batalhão pareceu gemer e oscilar. Alguns feridos começaram a soltar um fino grito animal, sem parar.

– Alteza, vamos avançar ou recuar?

– Eu... nós... – Ladisla olhou boquiaberto para lorde Smund, mas pela primeira vez o jovem nobre estava sem palavras. Parecia mais estupefato ainda do que o príncipe, se era possível. O lábio inferior de Ladisla tremia. – Como... eu... Coronel West, qual é a sua opinião?

A tentação de lembrar ao príncipe herdeiro que o fardo do comando era dele e somente dele foi quase avassaladora, mas West mordeu a língua. Sem o mínimo de objetividade, aquele exército destrambelhado poderia se desfazer rapidamente. Melhor fazer a coisa errada do que não fazer nada. Virou-se para o corneteiro mais próximo.

– Toque a retirada! – rugiu.

As cornetas tocaram a retirada: um som esganiçado, dissonante. Era difícil acreditar que fossem os mesmos instrumentos que haviam incitado a carga com

tanta audácia apenas alguns minutos antes. Os batalhões começaram a recuar lentamente. Outra saraivada caiu no meio das tropas temporárias, e mais uma. As formações delas estavam começando a se desfazer, homens correndo para trás querendo escapar dos disparos assassinos, tropeçando uns nos outros, fileiras se transformando em turbas, o ar preenchido por berros e confusão. West quase não conseguiu distinguir onde a saraivada seguinte atingiu, de tão alta que estava a névoa. Os batalhões da União haviam se tornado nada mais do que lanças oscilando e um ou outro elmo inútil acima de uma nuvem cinza. Mesmo ali no alto, em meio ao equipamentos, a névoa se enrolava ao redor dos tornozelos de West.

Lá no morro os Carls começaram a se mover. Levantaram as armas e bateram contra os escudos pintados. Deram um grito enorme, mas não era o rugido profundo que West poderia ter esperado. Em vez disso, um uivo estranho e arrepiante flutuou sobre o vale, um gemido agudo que atravessava o chacoalhar dos metais e penetrava nos ouvidos dos que observavam, lá embaixo. Um som insano, furioso, primitivo. Um som feito por monstros, não por homens.

O príncipe Ladisla e seu estado-maior se entreolhavam boquiabertos e gaguejavam, e observavam, enquanto os Carls começavam a descer o morro, fileira após fileira, na direção da névoa cada vez mais densa no vale, onde as tropas da União ainda tentavam recuar às cegas. West abriu caminho por entre os oficiais imobilizados, indo até o corneteiro.

– Linhas de batalha!

O garoto desviou o olhar dos nórdicos que avançavam e encarou West, com a corneta pendendo nos dedos frouxos.

– Linhas! – rugiu uma voz atrás. – Formar linhas! – Era Pike, berrando alto como um sargento treinando uma tropa.

O corneteiro levou o instrumento rapidamente aos lábios e, com toda a força, deu o toque de formar linhas. Toques de resposta ecoaram na névoa que agora subia ao redor deles. Cornetas abafadas, sons abafados.

– Alto e formar!

– Formar linhas agora, homens!

– Preparar!

– Firme!

Um coro de estalos e tinidos veio pela névoa. Homens movendo-se com

armaduras, lanças sendo apontadas, espadas desembainhadas, gritos de homem a homem e de unidade a unidade. Acima de tudo, ficando cada vez mais alto, o uivo fantasmagórico dos nórdicos que começavam sua carga, jorrando do terreno alto para o vale. West sentiu o sangue gelar, apesar de ter cem passos de terra e alguns milhares de homens armados entre ele e o inimigo. Podia muito bem imaginar o medo que os das linhas da frente sentiam agora, que as formas dos Carls começavam a subir da névoa diante deles, soltando seus gritos de guerra com as armas erguidas.

Não houve um som que anunciasse o momento do contato. O estardalhaço foi ficando cada vez mais alto, os gritos e os uivos sendo acompanhados por urros agudos, rosnados graves, berros de dor ou fúria cada vez mais frequentes, misturados ao barulho aterrorizante. Ninguém no quartel-general falava. Todos os homens, e West entre eles, estavam tentando enxergar na névoa, usando cada sentido para ter alguma ideia do que poderia estar acontecendo diante deles no vale.

– Ali! – gritou alguém.

Uma figura opaca se movia na penumbra adiante. Todos os olhos se fixaram enquanto a coisa ganhava forma. Era um tenente jovem, ofegante, sujo de lama e muito confuso.

– Onde, diabos, está o quartel-general? – gritou, cambaleando pela encosta na direção deles.

– É aqui.

O homem bateu continência elaboradamente para West.

– Alteza...

– Ladisla sou eu – disse rispidamente o príncipe.

O homem se virou, perplexo, começou a bater continência de novo.

– Diga sua mensagem, homem!

– Claro, senhor, Alteza, o major Bodzin me mandou dizer que seu batalhão está fortemente empenhado no combate e... – ele ainda estava ofegando –... ele precisa de reforços.

Ladisla olhou para o jovem como se ele estivesse falando numa língua estrangeira. Olhou para West.

– Quem é o major Bodzin?

– Comandante do primeiro batalhão das tropas temporárias de Stariska,

Alteza, na nossa ala esquerda.

– Ala esquerda, sei... é...

Um semicírculo de oficiais vestidos espalhafatosamente havia se imobilizado ao redor do tenente ofegante.

– Diga ao major para se sustentar! – gritou um deles.

– Sim – concordou Ladisla. – Diga ao seu major para se sustentar e, hum, impelir o inimigo de volta. Isso mesmo! – Agora ele estava começando a gostar de seu papel. – Para impeli-los de volta e lutar até o último homem! Diga ao major Clodzin que a ajuda está a caminho. Definitivamente... está a caminho!

E o príncipe saiu andando com determinação.

O jovem tenente se virou, olhou para a névoa.

– Para que lado está a minha unidade? – murmurou.

Mais figuras estavam começando a tomar forma. Figuras correndo, movendo-se atabalhoadamente na lama, ofegando. Eram das tropas temporárias, reconheceu West imediatamente, homens abandonando as fileiras de trás das unidades que se desconjuntavam assim que elas fizeram contato com o inimigo. Como se em algum momento tivesse havido chance de suportarem por muito tempo.

– Cães covardes! – xingou Smund para as costas de seus soldados. – Voltem aqui!

Era o mesmo que dar ordens à névoa. Todo mundo corria: desertores; auxiliares; mensageiros procurando ajuda, instruções, reforços. Os primeiros feridos também. Alguns mancavam sozinhos ou usavam lanças quebradas como muletas, outros eram arrastados pelos colegas. Pike avançou para ajudar um sujeito pálido com uma flecha cravada no ombro. Outro homem estava sendo arrastado numa maca, murmurando algo para si mesmo. Seu braço esquerdo fora decepado logo abaixo do cotovelo e o sangue escorria através de um pedaço de pano sujo amarrado com força.

Ladisla estava pálido e suado.

– Estou com dor de cabeça. Preciso me sentar. O que foi feito de minha cadeira de campanha?

West mordeu o lábio. Não tinha a mínima ideia do que fazer. Burr o havia mandado com Ladisla por causa de sua experiência, mas ele estava tão desorientado quanto o príncipe. Qualquer plano dependia de poder ver o

inimigo, ou pelo menos suas próprias posições. Ficou ali, imóvel, tão inútil e frustrado quanto um cego no meio de uma briga.

– O que está acontecendo, desgraça? – A voz do príncipe atravessou o barulho, aguda e petulante. – De onde veio essa porcaria de névoa? Exijo saber o que está acontecendo! Coronel West! Onde está o coronel? O que está acontecendo lá?

Se ao menos ele pudesse dar uma resposta! Homens cambaleavam, corriam e disparavam através do quartel-general lamacento, aparentemente ao acaso. Rostos surgiam na névoa e sumiam, expressões cheias de medo, confusão, determinação. Mensageiros com recados atrapalhados ou ordens atrapalhadas, soldados com ferimentos sangrentos ou sem armas. Vozes incorpóreas flutuavam no ar frio, falando umas sobre as outras, ansiosas, apressadas, em pânico, em agonia.

–… nosso regimento fez contato com o inimigo e está recuando, ou estava recuando, acho...

– Meu joelho! Desgraça, meu joelho!

–... Sua Alteza, o príncipe? Tenho uma mensagem urgente do...

– Mande, é... alguém! Quem estiver disponível... Quem está disponível?

–... o Próprio do Rei está empenhado no combate! Eles pedem permissão para recuar...

– O que aconteceu com a cavalaria? Onde está a cavalaria?

–... demônios, e não homens! O capitão está morto e...

– Estamos recuando!

–... lutando na ala direita e precisamos de apoio! Precisamos de apoio desesperadamente...

– Me ajude! Alguém, por favor!

–… e depois contra-ataquem! Vamos atacar em toda a linha...

– Silêncio!

West ouviu algo na penumbra. O tilintar de um arreio. A névoa agora era tão densa que ele não conseguia enxergar a uma distância de mais de trinta passos, mas o som de cascos aproximando-se a trotes era inconfundível. Sua mão se fechou no punho da espada.

– A cavalaria, eles retornaram! – Lorde Smund avançou ansioso.

– Espere! – sibilou West, sem sucesso.

Seus olhos se esforçavam para enxergar. Viu as silhuetas de cavaleiros vindo firmes pela névoa. As formas das armaduras, das selas e dos elmos eram as do Próprio do Rei, no entanto havia algo no modo como cavalgavam: frouxos, soltos. West desembainhou a espada.

– Protejam o príncipe – murmurou, dando um passo na direção de Ladisla.

– Você aí! – gritou lorde Smund para o cavaleiro da frente. – Prepare seus homens para outra...

A espada do cavaleiro acertou seu crânio com um estalo oco. Um jorro de sangue subiu, preto na névoa branca, e os cavaleiros partiram numa carga, gritando a plenos pulmões. Sons aterrorizantes, fantasmagóricos, inumanos. O corpo frouxo de Smund foi jogado para fora do caminho pelo cavalo da frente, pisoteado pelos cascos do que vinha ao lado. Nórdicos, agora não restavam dúvidas, ficando mais horrivelmente nítidos à medida que saíam da névoa. O da frente tinha barba densa, cabelo comprido saindo de baixo de um elmo da União que não cabia direito, os dentes amarelos à mostra, os olhos do cavalo e do cavaleiro arregalados de fúria. A espada pesada baixou e acertou um dos guardas do príncipe entre as omoplatas no momento em que ele largava a lança e se virava para correr.

– Protejam o príncipe! – gritou West.

Então foi o caos. Cavalos passavam trovejando a toda a volta, cavaleiros gritavam, golpeavam com espadas e machados, homens corriam em todas as direções, escorregavam, tombavam, eram cortados de pé, pisoteados quando caíam. O ar pesado estava cheio do vento provocado pelos cavaleiros que passavam, de lama voando, de gritos, pânico e medo.

West mergulhou para fora do caminho dos cascos agitados, caiu esparramado de cara na lama, tentou golpear inutilmente um cavalo que passava, rolou, girou e ofegou na névoa. Não tinha ideia de para onde estava virado, tudo parecia igual, tinha o mesmo som.

– Protejam o príncipe! – gritou de novo, inutilmente, a voz rouca abafada na confusão, girando e girando.

– À esquerda – berrou alguém. – Formar fileira!

Não havia fileiras. Não havia esquerda. West tropeçou num corpo, uma mão agarrou sua perna e ele a golpeou com a espada.

– Ah.

Estava caído de cara. Sua cabeça doía terrivelmente. Onde ele estava? Treinando esgrima, talvez. Será que Luthar o havia derrubado de novo? Aquele garoto estava ficando bom demais para ele. Estendeu a mão tentando pegar o punho da espada que caíra na lama. Outra mão deslizou pelo capim, distante, os dedos se esticando. Podia ouvir sua própria respiração, dolorosamente alta, ecoando na cabeça inchada. Tudo estava turvo, móvel, névoa diante dos olhos, névoa nos olhos. Tarde demais. Não podia alcançar a espada. A cabeça latejava. Havia lama em sua boca. Ele rolou de costas, devagar, ofegando, e se apoiou nos cotovelos. Viu um homem chegando. Um nórdico, pela silhueta peluda. Claro. Havia uma batalha. West o viu avançar lentamente. Ele trazia uma linha escura na mão. Uma arma. Espada, machado, maça, lança, qual era a diferença? O homem deu mais um passo sem pressa, plantou a bota no casaco de West e empurrou seu corpo frouxo na lama.

Nenhum dos dois disse nada. Sem últimas palavras. Sem frases lapidares. Sem expressões de raiva, remorso, vitória ou derrota. O nórdico ergueu a arma.

Seu corpo se sacudiu. Ele deu um passo à frente, torto. Piscou e oscilou. Deu meia-volta, devagar, atordoado. Sua cabeça se sacudiu de novo.

– Levei uma coisa na... – disse ele, os lábios desajeitados com as palavras. Tateou a nuca com a mão livre. – Cadê o meu... – Ele girou, tombando, uma perna no ar, e despencou de lado na lama. Alguém estava atrás dele. A pessoa chegou mais perto, inclinou-se. Um rosto de mulher. Parecia familiar, de algum modo.

– Você está vivo?

Num instante as coisas voltaram a se encaixar na mente de West. Ele respirou fundo, tossindo, rolou e agarrou sua espada. Havia nórdicos, nórdicos atrás das linhas da União! Levantou-se de forma atrapalhada, limpou o sangue dos olhos. Tinham sido enganados! Sua cabeça martelava, girava. A cavalaria de Bethod disfarçada, o quartel-general do príncipe dominado! Girou rapidamente, olhos arregalados, os saltos das botas escorregando na lama, procurando inimigos na névoa, mas não havia nenhum. Só ele e Cathil. O som dos cascos havia diminuído, os cavaleiros tinham passado, pelo menos por ora.

Olhou para a própria espada. A lâmina estava quebrada a alguns centímetros do punho. Inútil. Deixou-a cair, arrancou outra dos dedos do nórdico morto e segurou o cabo, com a cabeça martelando o tempo todo. Uma arma pesada com

lâmina grossa e cheia de mossas, mas serviria.

Olhou o cadáver caído de lado. O homem que estivera a ponto de matá-lo. Sua nuca era uma confusão de lascas partidas e afundadas. Cathil estava com uma marreta de ferreiro na mão. A cabeça da ferramenta estava pegajosa de sangue escuro e mechas de cabelo embolado.

– Você o matou. – Ela havia salvado sua vida. Os dois sabiam, de modo que não havia sentido em dizer.

– O que vamos fazer agora?

Ir para as linhas de frente. Era o que o corajoso jovem oficial sempre fazia nas histórias que West lera na infância. Marchar em direção aos sons da batalha. Organizar uma nova unidade com os homens restantes e levá-la para a luta, virar o jogo no momento crítico. Chegar em casa a tempo para o jantar e as medalhas.

Olhando os destroços e os corpos dilacerados que os cavaleiros haviam deixado para trás, West quase riu daquela ideia. De repente ficou tarde demais para heroísmos, e ele sabia disso. Fazia um longo tempo que era tarde demais.

O destino dos homens no vale tinha sido selado muito antes. Quando Ladisla decidira atravessar o rio. Quando Burr estabelecera seu plano. Quando o Conselho Fechado decidira mandar o príncipe herdeiro para fazer sua boa reputação no Norte. Quando os grandes nobres da União enviaram mendigos em vez de soldados para lutar por seu rei. Uma centena de acasos diferentes – de dias, semanas e meses anteriores –, tudo se juntando aqui, naquele trecho de lama sem valor. Acasos que nem Burr, nem Ladisla, nem o próprio West poderiam ter previsto nem feito nada para impedir.

West não conseguiria fazer diferença agora. Ninguém conseguiria. A batalha estava perdida.

– Proteger o príncipe – murmurou.

– O quê?

West começou a procurar no solo ao redor, revirando o lixo espalhado, rolando corpos com as mãos sujas. Um mensageiro o encarou do chão com a lateral do rosto aberta, uma polpa sangrenta pendurada. West sentiu ânsia de vômito, cobriu a boca, engatinhou até o próximo cadáver. Era alguém do estado-maior do príncipe, ainda com um leve ar de surpresa. Um corte de espada cruzava a pesada trança de ouro de seu uniforme, descendo até a barriga.

– O que você pensa que está fazendo? – Era a voz rouca de Pike. – Não há

tempo para isso!

O condenado tinha conseguido um machado em algum lugar. Um pesado machado nórdico, com sangue no gume. Provavelmente não era boa ideia um criminoso ter uma arma daquelas, mas West tinha outras preocupações.

– Precisamos achar o príncipe Ladisla!

– Dane-se ele! – sibilou Cathil. – Vamos!

West se desvencilhou da mão dela, cambaleou até uma pilha de caixas quebradas, limpando mais sangue de cima do olho. Em algum lugar ali. Em algum lugar perto dali, Ladisla estivera de pé...

– Não, eu imploro, não! – guinchou uma voz.

O herdeiro do trono da União estava deitado de costas numa reentrância do solo, semiescondido pelo cadáver retalhado de um dos seus guardas. Seus olhos estavam fechados com força, os braços cruzados diante do rosto, o uniforme branco manchado de sangue e sujo de lama escura.

– Vai haver um resgate! – gemeu ele. – Um resgate! Mais do que você imagina. – Um olho espiou por baixo dos dedos. Ele agarrou a mão de West. – Coronel West! É você? Você está vivo!

Não havia tempo para amenidades.

– Precisamos ir, Alteza!

– Ir? – murmurou Ladisla, o rosto riscado de lágrimas. – Mas certamente... Você não quer dizer... Nós vencemos?

West quase decepou a própria língua com uma dentada. Era bizarro que aquela tarefa lhe coubesse, mas ele precisava salvar o príncipe. O idiota vaidoso e inútil podia não merecer ser salvo, mas isso não mudava nada. Era por si próprio que West precisava fazer isso, não por Ladisla. Era seu dever, como súdito, salvar o futuro rei; como soldado, salvar seu general; como homem, salvar outro homem. Era só isso que poderia fazer agora.

– O senhor é o herdeiro do trono e não pode ficar para trás. – West abaixou a mão e agarrou o príncipe pelo cotovelo.

Ladisla remexeu no cinto.

– Perdi minha espada em algum lugar...

– Não temos tempo! – West o puxou para cima, preparado para carregá-lo, se necessário. Foi andando pela névoa, com os dois condenados logo atrás.

– Tem certeza que esse é o caminho certo? – resmungou Pike.

– Tenho.

Ele não tinha. A névoa estava mais densa do que nunca. O latejar na cabeça e o sangue escorrendo para o olho tornavam difícil se concentrar. Os sons de luta pareciam vir de toda parte: choque e raspar de metal, gemidos, uivos e gritos de fúria, tudo ecoando na névoa e num momento parecendo longe, no outro, terrivelmente perto. Formas surgiam, moviam-se e flutuavam, silhuetas vagas e ameaçadoras, sombras pairando, sumindo de vista. Um cavaleiro pareceu brotar da névoa e West ofegou e levantou a espada. As nuvens giraram em redemoinho. Era apenas uma carroça de suprimentos, cheia de barris, a mula ainda parada na frente, o cocheiro esparramado ao lado, com uma lança quebrada projetando-se das costas.

– Por aqui – sibilou West, indo naquela direção, tentando se manter perto do solo enlameado.

Carroças eram boas. Carroças significavam bagagens, suprimentos, comida e oficiais médicos. Carroças significavam que eles estavam saindo do vale, pelo menos indo para longe da linha de frente, se é que ela ainda existia. West pensou um momento. Carroças eram ruins. Carroças significavam saque. Os nórdicos partiriam para elas como moscas para o mel, ansiosos pelo butim. Apontou para a névoa, para longe das carroças vazias, dos barris quebrados, das caixas viradas, e os outros foram atrás, em silêncio a não ser pelos passos chapinhando, pela respiração ofegante.

Seguiram andando com dificuldade, em terreno aberto, por cima de touceiras de capim molhadas e sujas, subindo aos poucos. Os outros passaram por ele, um a um, e West os instigou com gestos. Sua única chance era continuar em movimento, mas cada passo era mais difícil do que o anterior. O sangue do corte no couro cabeludo estava escorrendo embaixo do cabelo, descendo pela lateral do rosto. A dor na cabeça ficava pior, e não melhor. Ele estava fraco, enjoado, horrivelmente tonto. Curvado, lutando para ficar de pé, se agarrou ao punho da espada pesada como se ela pudesse mantê-lo andando.

– Você está bem? – perguntou Cathil.

– Continue andando! – conseguiu grunhir para ela.

Podia ouvir cascos, ou achava que ouvia. O medo o mantinha em movimento, e só o medo. Conseguia ver os outros adiante, esforçando-se para caminhar. O príncipe Ladisla ia bem à frente, Pike em seguida, Cathil logo adiante dele,

olhando para trás por cima do ombro. Havia um grupo de árvores, dava para vê-las através da névoa que ia ficando mais rala. Fixou-se nos contornos fantasmagóricos e foi para lá, com a respiração áspera na garganta enquanto cambaleava encosta acima.

Ouviu a voz de Cathil.

– Não.

Virou-se, com o horror esgueirando-se pela garganta. Viu a silhueta de um cavaleiro, não muito atrás.

– Vão para as árvores! – ofegou.

Ela não se moveu, por isso ele agarrou seu braço e a empurrou para a frente, o que o fez cair de cara no chão. Rolou, levantou-se de forma atrapalhada, começou a cambalear para longe dela, para longe das árvores, para longe da segurança, indo de lado pela encosta. Viu o nórdico tomar forma à medida que cavalgava para fora da névoa. Agora ele tinha visto West, estava trotando na direção dele, com a lança abaixada.

West continuou se esgueirando para o lado, as pernas queimando, os pulmões ardendo, usando as últimas reservas de força para levar o cavaleiro para longe. Ladisla já estava nas árvores. Pike ia deslizando para os arbustos. Cathil deu uma última olhada por cima do ombro e foi atrás do pai. West não podia ir mais longe. Parou, agachado na colina, cansado demais até para ficar de pé, quanto mais para lutar, e viu o nórdico chegando. O sol havia rompido as nuvens, estava brilhando na lâmina da lança dele. West não tinha ideia do que faria quando o sujeito chegasse. A não ser morrer.

Então o cavaleiro empinou na sela, levou a mão à lateral do corpo. Havia penas ali. Penas cinza, balançando ao vento. Ele soltou um grito curto. Seu grito parou e ele olhou para West. Uma ponta de flecha se projetava de seu pescoço. Ele largou a lança e tombou lentamente para trás, caindo da sela. Seu cavalo passou trotando, subindo a encosta numa curva, diminuiu o passo e parou.

West se agachou um momento no chão molhado, incapaz de entender como havia escapado da morte. Foi andando na direção das árvores, cada passo um feito gigantesco, todas as juntas bambas como as de uma marionete. Sentiu os joelhos cederem e despencou nos arbustos. Dedos fortes mexeram no ferimento no seu couro cabeludo, palavras foram murmuradas em nórdico.

– Ah – guinchou West, abrindo uma fresta nos olhos.

– Pare de chorar. – Cachorrão o encarava. – Foi só um arranhão. Você saiu bem dessa. Veio direto na minha direção, mas ainda teve sorte. Eu costumo errar.

– Sorte – murmurou West.

Em seguida se virou na moita de samambaias molhada e olhou para o vale por entre os troncos das árvores. A névoa finalmente começava a se dissipar, revelando aos poucos uma trilha de carroças quebradas, equipamentos inutilizados, corpos dilacerados. Os restos abomináveis de uma derrota terrível. Ou de uma vitória terrível, para quem estivesse do lado de Bethod. A algumas centenas de passos, viu um homem correndo desesperadamente para outro agrupamento de árvores. Um cozinheiro, talvez, pelas roupas. Um cavaleiro o seguia, com a lança acomodada no braço. Errou na primeira estocada, mas o pegou na volta, derrubando-o. West deveria ter sentido horror ao assistir a um cavaleiro chegar trotando e golpear o sujeito impotente, mas sentiu apenas um contentamento culpado. Contentamento por não ser ele.

Havia outras figuras, outros cavaleiros, movendo-se nas encostas do vale. Outros pequenos dramas sangrentos, mas West não conseguia mais olhar. Virou-se, deslizou de volta para a segurança bem-vinda dos arbustos.

Cachorrão estava rindo baixinho.

– Três Árvores vai se cagar quando vir o que eu peguei. – Ele apontou para o estranho e exausto grupo sujo de lama, um por um. – O coronel West semimorto, uma garota com uma marreta ensanguentada, um homem com a cara que parece a parte de baixo de uma panela e esse aqui, que, se não me engano, é o garoto que comandou a porra desse desastre. Pelos mortos, o destino adora pregar peças.

Ele balançou a cabeça lentamente, rindo para um West que, deitado de costas, ofegava como um peixe fora d’água.

– Três árvores... vai... se cagar.

Um para o jantar

Para o arquileitor Sult,
Chefe da Inquisição de Sua Majestade

Vossa Eminência,

Tenho boas notícias. A conspiração foi desmascarada e arrancada pela raiz. Korsten dan Vurms, filho do lorde governador, e Carlot dan Eider, mestra da Guilda dos Mercadores de Especiarias, eram os chefes. Eles serão interrogados e depois castigados, de modo que nosso povo entenda o preço da traição. Ao que tudo indica, Davoust foi vítima de um agente gurkense, escondido fazia muito tempo na cidade. O assassino ainda está à solta, porém, com os conspiradores em nosso poder, não deve demorar muito até que o peguemos.
Mandei prender o lorde governador Vurms. A traição do filho torna o pai indigno de confiança, e de qualquer modo ele tem sido um estorvo à administração da cidade. Vou mandá-lo de volta ao senhor no próximo navio, para que o senhor e seus colegas do Conselho Fechado possam decidir seu destino. Junto com ele irá o inquisidor Harker, responsável pela morte de dois prisioneiros que poderiam fornecer informações valiosas. Eu o interroguei e estou convencido de que ele não participou de nenhuma trama, mas mesmo assim é culpado de incompetência, o que equivale a traição. Deixo o castigo dele em suas mãos.
O ataque gurkense aconteceu às primeiras luzes do dia. Tropas bem selecionadas avançaram com pontes feitas previamente e escadas altas, vindo direto pelo terreno aberto, e foram recebidas por uma saraivada assassina de quinhentas bestas arrumadas ao longo de nossa muralha. Foi um esforço corajoso, mas impensado, e foi repelido com muitas

mortes do lado deles. Apenas dois grupos ousados chegaram ao nosso canal artificial, onde a ponte, a escada e os homens foram rapidamente varridos por uma corrente feroz que flui do mar para a baía em certas horas do dia, um feliz e imprevisto acaso da natureza.

Agora cadáveres gurkenses cobrem o terreno vazio entre nosso canal e as linhas deles, e ordenei que nossos homens disparem contra qualquer um que tente oferecer socorro aos feridos. Ouvir os gemidos dos agonizantes e ver os cadáveres apodrecendo ao sol só pode provocar um útil enfraquecimento no moral dos gurkenses.

Contudo, ainda que tenhamos obtido o primeiro gosto da vitória, a verdade é que esse ataque não passou de um teste de nossas defesas. O comandante gurkense apenas mergulhou o dedo do pé na água, para testar a temperatura. Seu próximo ataque, não duvido, será em escala totalmente diferente. Três poderosas catapultas, montadas a quatrocentos passos da muralha e mais do que capazes de lançar pedras enormes diretamente na Cidade Baixa, permanecem em silêncio. Talvez eles esperem tomar Dagoska intacta, mas se nossa resistência se sustentar, essa hesitação não deve prosseguir por muito tempo.

Certamente não lhes faltam homens. Mais soldados gurkenses jorram na península a cada dia. Os estandartes de oito legiões estão agora claramente visíveis acima da turba, e distinguimos destacamentos de selvagens vindos de cada canto do continente de Kanta. Uma tropa poderosa, talvez de cinquenta mil homens ou mais, está reunida contra nós. O imperador gurkense, Uthman-ul-Dosht, coloca todo o seu poder contra nossas muralhas, mas vamos nos sustentar.

O senhor terá notícias minhas em breve. Até lá, sirvo e obedeço.

Sand dan Glokta,
Superior de Dagoska

A MESTRA CARLOT dan Eider, chefe da Guilda dos Mercadores de Especiarias, estava sentada em sua cadeira, as mãos no colo, e se esforçava ao máximo para manter a dignidade. Sua pele estava pálida e oleosa, havia círculos escuros embaixo dos olhos. As vestes brancas estavam manchadas com a sujeira da cela,

o cabelo perdera o brilho e escorria embaraçado sobre o rosto. Ela ficara mais velha sem o poder e as joias, mas continuava linda. *Mais do que nunca, de certa forma. A beleza da vela que quase se apagou.*

– O senhor parece cansado – disse ela.

Glokta levantou as sobrancelhas.

– Tive uns dias cansativos. Primeiro houve o interrogatório de seu cúmplice, Vurms, depois a pequena questão de um ataque do exército gurkense acampado fora de nossas muralhas. A senhora também parece meio fatigada.

– O piso da minha cela minúscula não é muito confortável, e também tenho minhas preocupações. – Ela olhou para Severard e Vitari, encostados nas duas paredes laterais, de braços cruzados, mascarados e implacáveis. – Vou morrer neste lugar?

Indubitavelmente.

– Veremos. Vurms já contou a maior parte do que precisamos saber. Você o procurou, ofereceu dinheiro para falsificar a assinatura do pai dele em certos documentos, para dar ordens em nome do pai dele a certos guardas. Resumindo: para participar da traição, entregando a cidade de Dagoska aos inimigos da União. Ele deu os nomes de todos os envolvidos na sua trama. Assinou a confissão. A cabeça dele, para o caso de você se perguntar, está decorando o portão, junto à do seu amigo Islik, embaixador do imperador.

– Os dois juntos, sobre o portão – cantarolou Severard.

– Só há três coisas que ele não pôde me entregar. Que motivos você teve, sua assinatura e a identidade do espião gurkense que matou o superior Davoust. Você me dará essas três coisas. Agora.

A mestra Eider pigarreou com cuidado, alisou com cuidado a frente do vestido comprido, empertigou-se com o maior orgulho que pôde.

– Não acredito que o senhor vá me torturar. O senhor não é Davoust. O senhor tem consciência.

O canto da boca de Glokta estremeceu ligeiramente. *Um bravo esforço. Merecedor de aplausos. Mas como você está errada!*

– Eu tenho consciência, mas ela é bem pequena, um frangalho murcho. Ela não poderia proteger você nem mais ninguém, nem mesmo de uma brisa forte. – Glokta deu um suspiro longo e forte. A sala estava quente demais, clara demais, seus olhos estavam doloridos, coçando, e ele os esfregou lentamente enquanto

falava. – Você nem poderia imaginar as coisas que eu já fiz. Coisas medonhas, indecentes, até ouvi-las poderia fazê-la vomitar. – Ele deu de ombros. – Elas me incomodam de vez em quando, mas eu digo a mim mesmo que tinha bons motivos. Os anos passam, o inimaginável se transforma em cotidiano, o hediondo vira tedioso, o insuportável se torna rotina. Eu empurro tudo isso para os cantos escuros da minha mente, e é incrível o espaço que há lá dentro. É espantoso pensar nas coisas com as quais a gente consegue viver.

Glokta observou os olhos de Severard e os de Vitari, com brilhos duros e implacáveis.

– Mas, mesmo supondo que estivesse certa, você pode mesmo fingir que meus práticos teriam esses pruridos? E então, Severard?

– Teriam esses o quê?

Glokta deu um sorriso triste.

– Veja só. Ele nem sabe o que isso é. – E se afrouxou na cadeira. *Cansado. Terrivelmente cansado.* Parecia não ter sequer energia para levantar as mãos. – Já fiz todo tipo de concessões para você. Normalmente a traição não é algo tratado de modo tão gentil. Você deveria ter visto a surra que Frost deu em seu amigo Vurms, e todos sabemos que ele era o sócio minoritário nisso. Em suas últimas horas miseráveis, ele estava cagando sangue. Ninguém pôs um dedo em você, por enquanto. Permiti que ficasse com as roupas, a dignidade, a humanidade. Você tem uma chance de assinar a confissão e responder às minhas perguntas. Uma chance de ceder absoluta e completamente. Essa é a medida da minha consciência. – Glokta se inclinou para a frente e bateu com o dedo na mesa. – Uma chance. Depois vamos despi-la e começar a cortar.

A mestra Eider pareceu se encolher inteira de uma vez. Seus ombros afundaram, a cabeça baixou, o lábio tremeu.

– Faça as perguntas – grasnou.

Uma mulher derrotada. Parabéns, superior Glokta. Mas as perguntas precisam de respostas.

– Vurms nos disse quem seria pago e com quanto. Certos guardas. Certas autoridades da administração do pai dele. Ele próprio, claro, uma bela quantia. Um nome estava estranhamente ausente da lista. O seu. Você, e só você, não pediu nada. A própria rainha dos mercadores, abrindo mão de uma certa venda? Fico perplexo. O que eles lhe ofereceram? Por que traiu seu rei e seu país?

– Por quê? – ecoou Severard.

– Responda, porra! – gritou Vitari.

Eider se encolheu.

– A União nunca deveria estar aqui, para começo de conversa! – disse ela bruscamente. – Foi tudo cobiça! Cobiça, pura e simples! Os mercadores de especiarias chegaram aqui antes da guerra, quando Dagoska era livre. Eles ganharam fortunas, todos, mas tinham de pagar impostos aos nativos, e como se irritavam com isso! Como seria melhor, pensaram, se fôssemos donos da cidade, se pudéssemos fazer nossas próprias regras! Como seríamos mais ricos! Quando a chance chegou, eles aproveitaram, e meu marido foi o primeiro da fila.

– E, assim, os mercadores de especiarias passaram a governar Dagoska. Estou esperando seus motivos, mestra Eider.

– Foi uma confusão só! Os mercadores não tinham interesse em governar uma cidade e não tinham a menor habilidade para isso. Os administradores da União, Vurms e a laia dele, eram raspas do tacho, homens que só se interessavam em encher os bolsos. Nós poderíamos ter trabalhado com os nativos, mas optamos por explorá-los, e quando eles falavam contra nós, chamávamos a Inquisição, e vocês os espancavam e torturavam, e enforcavam os líderes nas praças da Cidade Alta, e logo eles nos desprezavam tanto quanto desprezavam os gurkenses. Estamos aqui há sete anos e só fizemos o mal! Foi uma orgia de corrupção, brutalidade e desperdício!

Isso é verdade. Eu mesmo vi.

– E a ironia é que nem lucramos! Mesmo no início, ganhamos menos do que antes da guerra! O custo de manter as muralhas, pagar os mercenários, sem ajuda dos nativos, era mutilante! – Eider começou a rir, um riso desesperado, cheio de soluços. – A guilda está quase falida, e eles mesmos provocaram isso, idiotas! Ganância, pura e simples!

– E então os gurkenses a abordaram.

Eider assentiu, fazendo balançar o cabelo escorrido.

– Tenho muitos contatos em Gurkhul. Mercadores com quem lidei no correr dos anos. Eles me disseram que a primeira palavra de Uthman como imperador foi um juramento solene de tomar Dagoska, para apagar a mancha que seu pai colocou em sua nação. Disse que jamais descansaria até cumprir o juramento. Eles me contaram que já havia espiões gurkenses na cidade, que eles conheciam

nossas fraquezas. Disseram que haveria como impedir a carnificina, se Dagoska pudesse ser entregue sem luta.

– E por que demorou tanto? Você controlava Cosca e seus mercenários antes que o povo de Kahdia fosse armado, antes que as defesas fossem reforçadas, antes mesmo que eu chegasse. Poderia ter tomado a cidade se quisesse. Por que precisava daquele pateta do Vurms?

Os olhos de Carlot dan Eider estavam fixos no chão.

– Enquanto os soldados da União mantivessem a Cidadela e as portas da cidade, tomá-las significaria derramar sangue. Vurms poderia me entregar a cidade sem luta. Meu objetivo, acredite ou não, o objetivo que o senhor frustrou de modo tão eficaz, era evitar a matança.

Acredito. Mas agora isso não significa nada.

– Continue.

– Eu sabia que Vurms podia ser comprado. O pai dele não vai viver muito, e o posto não é hereditário. O filho talvez só tivesse essa chance de lucrar com a posição do pai. Nós combinamos um preço. Começamos os preparativos. Então Davoust descobriu.

– Ele pretendia informar ao arquileitor.

Eider deu uma gargalhada aguda.

– Ele não tinha o seu comprometimento com a causa. Queria o que todo mundo queria. Dinheiro, e mais do que eu podia conseguir. Eu disse aos gurkenses que o plano estava acabado. Contei por quê. No dia seguinte, Davoust... sumiu. – Ela respirou fundo. – E aí não houve como recuar. Estávamos prontos para agir, pouco depois de o senhor chegar. Tudo estava combinado. E então...

Ela ficou muda.

– E então...?

– Então o senhor começou a reforçar as defesas e Vurms ficou ganancioso. Sentiu que de repente nossa posição havia melhorado. Exigiu mais. Ameaçou contar meus planos ao senhor. Eu tive de voltar aos gurkenses para conseguir mais dinheiro. Tudo isso demorou. Por fim estávamos prontos para agir de novo, mas aí era tarde demais. A chance havia passado. – Ela levantou os olhos. – Tudo cobiça. Não fosse a cobiça do meu marido, jamais teríamos vindo para Dagoska. Não fosse a cobiça dos mercadores de especiarias, poderíamos ter tido

sucesso aqui. Não fosse a cobiça de Vurms, poderíamos ter entregado a cidade e nenhuma gota de sangue seria derramada nesta rocha sem valor. – Ela fungou e olhou de novo para o chão, com a voz enfraquecendo. – Mas a cobiça está em toda parte.

– Então você concordou em entregar a cidade. Concordou em nos trair.

– Trair quem? Não haveria perdedores! Os mercadores poderiam ter saído em silêncio. Os nativos não estariam em pior situação sob o domínio de Gurkhul do que sob o nosso! A União não teria perdido nada além de uma fração de seu orgulho, e o que vale isso, comparado com a vida de milhares? – Eider se esticou para a frente por cima da mesa, a voz ficando rouca, os olhos arregalados e brilhando de lágrimas. – Agora o que vai acontecer? Diga. Será um massacre! Uma chacina! Mesmo que vocês consigam sustentar a cidade, qual será o preço? E vocês não podem sustentá-la. O imperador jurou, e não admitirá que isso lhe seja negado. A vida de cada homem, mulher e criança em Dagoska está condenada! E em troca de quê? Para que o arquileitor Sult e os outros de sua laia possam apontar para um mapa e dizer: este ponto ou aquele é nosso? Quantas mortes serão necessárias para satisfazê-lo? Quais eram os meus motivos? Quais são os seus? Por que o senhor faz isso? Por quê?

O olho esquerdo de Glokta estava tremendo, e ele o apertou com a mão. Olhou para a mulher com o outro. Uma lágrima escorreu pelo rosto pálido dela e pingou na mesa. *Por que eu faço isso?*

Ele deu de ombros.

– O que mais poderia fazer?

Severard se inclinou e empurrou um papel de confissão sobre a mesa.

– Assine! – rosnou ele.

– Assine – sibilou Vitari. – Assine, vaca!

A mão de Carlot dan Eider estava tremendo tanto quando ela pegou a pena que ela bateu dentro do tinteiro, depois pingou pontos pretos na mesa, raspando no papel. Não houve um resplendor de triunfo. *Nunca há, mas temos mais para discutir.*

– Onde vou encontrar o agente gurkense? – A voz de Glokta estava afiada como um cutelo.

– Não sei. Nunca soube. Quem quer que seja, virá atrás do senhor agora, como fez com Davoust. Talvez esta noite...

– Por que eles esperaram tanto?

– Eu disse que o senhor não representava ameaça. Disse que Sult apenas mandaria outra pessoa... disse que podia lidar com o senhor.

E teria conseguido, sem dúvida, não fosse a inesperada generosidade dos mestres Valint e Balk.

Glokta se inclinou para a frente.

– Quem é o agente gurkense?

O lábio inferior de Eider estava tremendo tanto que ela quase batia os dentes.

– Não sei – sussurrou ela.

Vitari bateu com a mão na mesa.

– Quem? Quem? Quem é, sua vaca? Quem?

– Não sei!

– Mentirosa!

A corrente da prática passou sobre a cabeça de Eider e se retesou em volta de seu pescoço. A ex-rainha dos mercadores foi puxada da cadeira – as pernas chutando no ar, as mãos tentando agarrar a corrente em volta do pescoço – e jogada de cara no chão.

– Mentirosa!

O nariz de Vitari estava franzido de fúria, as sobrancelhas ruivas unidas com o esforço, os olhos estreitados até restarem apenas fendas furiosas. Sua bota apertou a nuca de Eider, suas costas arquearam, e a corrente penetrava em seus punhos apertados, deixando-os brancos. Severard olhava aquela cena brutal com um ligeiro sorriso em volta dos olhos, assobiando desafinado uma cantiga vagamente audível acima das últimas respirações sufocadas, sibilantes, gorgolejantes de Eider.

Glokta lambeu as gengivas vazias enquanto a olhava sacudir-se no piso da sala. *Ela precisa morrer. Não há opções. Sua Eminência exige punição severa. Sua Eminência exige exemplos. Sua Eminência exige pouca misericórdia.* A pálpebra de Glokta estremeceu, o rosto se repuxou. A sala estava sem ar, quente como uma forja. Ele estava úmido de suor, com uma sede infernal. Mal conseguia respirar. Sentia quase como se ele é que estivesse sendo estrangulado.

E a ironia é que ela está certa. Minha vitória é uma perda para todo mundo em Dagoska, de um modo ou de outro. Os primeiros frutos de meus esforços já estão soltando os últimos gemidos no terreno devastado diante das portas da

cidade. Agora a carnificina não terá fim. Gurkenses, dagoskenses, cidadãos da União, os corpos vão se empilhar até que todos estejamos enterrados sob eles, e tudo isso fui eu que fiz. Seria muito melhor se o plano dela tivesse dado certo. Seria muito melhor se eu tivesse morrido nas prisões do imperador. Seria melhor para a Guilda dos Mercadores de Especiarias, para o povo de Dagoska, para os gurkenses, para Korsten dan Vurms, para Carlot dan Eider. Melhor até para mim.

Os chutes de Eider haviam quase terminado. *Mais uma coisa para incomodar nos cantos escuros da minha mente. Mais uma coisa para me incomodar quando eu estiver sozinho. Ela tem de morrer, não importa se seja certo ou errado. Ela tem de morrer.* A próxima respiração dela foi um chacoalhar abafado. A outra foi um chiado fraco. *Agora quase acabou. Quase acabou.*

– Pare! – berrou Glokta. *O quê?*

Severard levantou a cabeça rapidamente.

– O quê?

Vitari pareceu não ter notado, a corrente continuava apertada como sempre.

– Eu mandei parar!

– Por quê? – sibilou ela.

Por quê, mesmo?

– Eu lhe dou ordens – rosnou ele –, e não motivos, porra!

Vitari soltou a corrente com um risinho de repulsa e tirou a bota de cima da nuca de Eider. Ela não se mexeu. A respiração era curta, um chiado quase inaudível. *Mas está respirando. O arquileitor vai querer uma justificativa, e das boas. Qual será a minha explicação?*

– Levem-na de volta para a cela – disse ele, apoiando-se na bengala e levantando-se, cansado. – Talvez ainda tenha utilidade.

Glokta parou junto à janela, franziu a testa para a noite e olhou a ira de Deus chover sobre Dagoska. As três catapultas gigantescas, arrumadas fora do alcance das bestas, para além dos muros da cidade, estavam em ação desde a tarde. Demorava cerca de uma hora para cada uma ser carregada e preparada. Ele havia

observado o procedimento através da luneta.

Primeiro a máquina era alinhada, o alcance era avaliado. Um grupo de engenheiros barbudos de manto branco discutia entre si, espiando com lunetas, levantando prumos, mexendo com bússolas, papéis e ábacos, fazendo ajustes nas cavilhas gigantescas que mantinham a catapulta no lugar.

Quando estavam satisfeitos, o grande braço era dobrado para trás. Vinte cavalos, bem escovados e bem chicoteados, eram necessários para levantar o enorme contrapeso, um bloco de ferro preto moldado na forma de uma carranca gurkense.

Em seguida a carga importante, um barril de pouco menos de um passo de diâmetro, era manobrada cuidadosamente para a concha que esperava, usando-se um sistema de polias e um grupo de trabalhadores que franziam as testas, berravam e balançavam os braços. Os homens se afastavam, corriam para longe, temerosos. Um único escravo era mandado lentamente para adiante com um pau comprido com um chumaço aceso na ponta. Ele o encostava no barril. Chamas saltavam e, em algum lugar, uma alavanca era baixada: o peso enorme caía, o grande braço – comprido como um tronco de pinheiro – cortava o ar, e a munição acesa era lançada para as nuvens. Os projéteis vinham voando e caindo com estrondo havia horas, à medida que o sol baixava lentamente no oeste, o céu escurecia ao redor e os morros do continente se tornavam uma silhueta negra a distância.

Glokta observou um dos barris subir, fazendo um risco luminoso no céu escuro, traçando um caminho de luz faiscante que se gravou em seus olhos. Foi como se pairasse por eras, quase tão alto quanto a própria Cidadela, e depois desceu do céu, feito um meteoro, deixando uma trilha de fogo laranja. Caiu no meio da Cidade Baixa. Chamas líquidas dispararam para o alto, espirraram para fora, despencaram famintas sobre as formas minúsculas dos barracos. Alguns instantes depois, o trovão da detonação chegou a Glokta em sua janela e o fez se encolher. *Pó explosivo. Quem imaginaria, quando vi isso chiando na bancada do adepto químico, que poderia dar uma arma tão espantosa?*

Meio viu, meio imaginou figuras minúsculas correndo aqui e ali, tentando tirar os feridos dos destroços em chamas, tentando salvar o que pudessem das moradias arruinadas, correntes de nativos enegrecidos de cinzas passando baldes de mão em mão, lutando em vão para conter o inferno que se espalhava. *Os que*

têm menos sempre perdem mais na guerra. Agora havia incêndios por toda a Cidade Baixa. Reluzindo, tremeluzindo, faiscando ao vento do mar, refletindo-se em laranja, amarelo, em vermelho furioso na água preta. Mesmo ali em cima o ar tinha um cheiro pesado, oleoso e sufocante por causa da fumaça. *Lá embaixo deve estar o próprio inferno. Parabéns de novo, superior Glokta*.

Ele se virou, ciente de haver alguém junto à porta. Era Shickel, com a silhueta magra escurecida à luz do lampião.

– Não preciso de nada – murmurou ele, olhando de novo para o espetáculo majestoso, sinistro, medonho, do lado de fora da janela.

Afinal de contas, não é todo dia que se vê uma cidade pegar fogo. Mas a serviçal não saiu. Deu um passo para dentro do quarto.

– Você deveria ir, Shickel. Estou esperando uma visita, mais ou menos, e pode haver problemas.

– Uma visita, é?

Glokta levantou os olhos. A voz dela estava mudada. Mais profunda, mais dura. O rosto também parecia diferente, um lado na sombra, um lado iluminado pelo laranja tremeluzente dos incêndios do lado de fora da janela. Uma expressão estranha, os dentes meio à mostra, olhos fixos em Glokta e brilhando com uma intensidade faminta à medida que ela avançava devagar. Uma expressão quase temível. *Se eu tivesse tendência a sentir medo...* E as engrenagens se encaixaram.

– Você? – ofegou ele.

– Eu.

Você? Glokta não conseguiu se controlar. A onda de risadas foi involuntária.

– Harker tinha pegado você! Aquele idiota tropeçou em você por acaso, e eu a soltei! E achei que era um herói! – Ele não conseguia parar de rir. – Eis uma lição para você, não é? Jamais fazer o bem!

– Não preciso das suas lições, aleijado.

Ela deu mais um passo. Agora não estava a mais de três passos dele.

– Espere! – Ele levantou a mão. – Só diga uma coisa!

Ela o encarou muda, uma sobrancelha erguida, interrogativa. *Só fique aí.*

– O que aconteceu com Davoust?

Shickel sorriu. Dentes afiados, limpos.

– Ele jamais saiu do quarto. – Ela acariciou a barriga suavemente. – Ele está

aqui.

Glokta se obrigou a não levantar os olhos enquanto o laço de corrente descia devagar do teto.

– E agora você pode se juntar a ele.

Ela deu meio passo antes que a corrente a prendesse sob o queixo e puxasse para cima, tirando-a do chão, sibilando e cuspindo, chutando e se sacudindo.

Severard saltou de seu esconderijo embaixo de uma mesa, tentou agarrar as pernas de Shickel que se sacudiam. Ele gritou quando o pé descalço dela acertou seu rosto e o mandou esparramando-se pelo tapete.

– Merda – ofegou Vitari quando Shickel enfiou a mão sob a corrente e começou a puxá-la dos caibros. – Merda!

As duas despencaram juntas no chão, lutaram um momento, então Vitari voou pelo ar, uma sombra preta sacudindo-se na escuridão. Gemeu ao bater numa mesa no canto mais distante da sala e caiu desacordada. Severard ainda gania, rolando devagar de costas, atordoado, as mãos apertando a máscara. Glokta e Shickel ficaram se encarando. *Eu e minha comedora. Que infelicidade.*

Recuou contra a parede quando a garota se voltou de novo para ele, mas Shickel só deu um passo antes que Frost trombasse nela a toda a velocidade e caísse por cima dela no tapete. Os dois ficaram deitados um momento, então ela se pôs devagar sobre os joelhos, levantou lentamente – o tempo todo segurando o peso do prático enorme – e arrastou-se um passo na direção de Glokta.

Os braços do albino a seguravam com força, ele usava cada tendão para afastá-la, mas ela continuava avançando lentamente, os dentes trincados, um braço magro preso ao corpo esquálido e a mão livre gadanhando furiosamente, na direção do pescoço de Glokta.

– Fffff! – sibilou Frost, com os músculos grossos dos antebraços se avolumando, o rosto branco franzido de esforço, os olhos cor-de-rosa ficando saltados.

Mesmo assim não bastava. Glokta estava encostado na parede, olhando com fascínio a mão chegar mais perto, e mais perto ainda, a centímetros de seu pescoço. *Que tremenda infelicidade.*

– Vá se foder! – berrou Severard.

Seu bastão sibilou para baixo e estalou contra o braço estendido, partindo-o ao meio. Glokta podia ver os ossos se projetando da pele rasgada e sangrenta, e

no entanto os dedos continuavam se retorcendo, estendendo-se para ele. O bastão acertou o rosto dela, fazendo a cabeça virar bruscamente para trás. Sangue espirrou do nariz, a bochecha foi aberta. E ela continuava chegando. Frost ofegava com o esforço de manter o outro braço de Shickel preso enquanto ela lutava para avançar: a boca rosnando, os dentes à mostra, pronta para morder a garganta de Glokta.

Severard largou o bastão e a agarrou pelo pescoço, puxando a cabeça para trás, grunhindo com o esforço, as veias pulsando na testa. Era uma visão bizarra, dois homens, um deles grande e forte como um touro, tentando desesperadamente derrubar uma garota miúda. Lentamente os dois práticos começaram a arrastá-la para trás. Severard tirou um dos pés dela do chão. Frost urrou e, com um último esforço, conseguiu erguê-la e a jogou contra a parede.

Ela gadanhou o chão, usando as unhas para se levantar, com o braço quebrado balançando frouxo. Vitari rosnou nas sombras, levantando uma das cadeiras pesadas do superior Davoust. A cadeira se despedaçou na cabeça de Shickel com um estrondo grandioso, e então os três práticos estavam em cima dela como cães sobre uma raposa, chutando, dando socos, grunhindo de fúria.

– Chega! – gritou Glokta. – Ainda temos perguntas!

Ele arrastou os pés até chegar perto dos práticos ofegantes e olhou para baixo. Shickel era uma confusão despedaçada, imóvel. Uma pilha de trapos, e nem mesmo era uma pilha grande. *Lembra-me do dia em que a encontrei. Como esta garota pode quase ter dominado estes três?* Seu braço quebrado estava estendido no tapete, os dedos frouxos e sangrentos. *É seguro dizer que agora não representa ameaça a ninguém.*

Então o braço começou a se mexer. O osso deslizou de volta para dentro da carne, fazendo um som nauseante, de algo sendo esmagado, ao se encaixar. Os dedos tremeram, espasmódicos, rasparam o chão, começaram a deslizar na direção de Glokta, procurando seu tornozelo.

– O que ela é? – ofegou Severard, olhando para baixo.

– Pegue as correntes – disse Glokta, cautelosamente dando um passo para fora do caminho. – Depressa!

Frost tirou dois pares de grandes algemas de um saco, grunhindo com o esforço de levantá-las. Eram feitas para os prisioneiros mais poderosos e perigosos, tiras de ferro preto, grossas como o tronco de uma árvore jovem,

pesadas como bigornas. Fechou um par apertado em volta dos tornozelos dela, o outro em volta dos pulsos, com as trancas encaixando-se com um som definitivo e tranquilizador.

Enquanto isso Vitari havia puxado um grande pedaço de corrente do saco e o enrolava várias vezes em volta do corpo frouxo de Shickel enquanto Severard a segurava com força. Ela enrolou a corrente várias vezes, bem apertada, e dois grandes cadeados completaram o serviço.

Foram travados bem a tempo. De repente Shickel reviveu, começou a se sacudir no chão. Rosnou para Glokta, forçando as correntes. Seu nariz já havia voltado ao lugar, o corte no rosto já se havia fechado. *Como se nunca tivesse sido machucada. Então Yulwei falou a verdade.* As correntes chacoalhavam cada vez que ela tentava saltar para atacá-lo com os dentes, e Glokta precisou se afastar aos tropeços.

– Esta coisa é persistente – murmurou Vitari, usando a bota para empurrá-la de volta contra a parede. – Isso a gente precisa admitir.

– Idiotas! – sibilou Shickel. – Vocês não podem resistir ao que virá! A mão direita de Deus está caindo sobre esta cidade e nada pode salvá-la! A morte de todos vocês já está escrita!

Um estrondo particularmente brilhante chamejou no céu, lançando luz laranja nos rostos mascarados dos práticos. Um instante depois o trovão ecoou na sala. Shickel começou a gargalhar, um riso insano, rouco.

– Os Cem Palavras estão vindo! Nenhuma corrente pode atá-los, nenhum portão pode deixá-los de fora! Eles estão vindo!

– Talvez. – Glokta deu de ombros. – Mas chegarão tarde para você.

– Eu já estou morta! Meu corpo não passa de pó! Pertence ao Profeta! Por mais que vocês tentem, não ficarão sabendo nada de mim!

Glokta sorriu. Quase podia sentir o calor das chamas, lá embaixo, em seu rosto.

– Isso parece um desafio.

Um deles

Ardee deu um sorriso e Jezal sorriu em resposta. Ria feito um imbecil. Não conseguia evitar. Estava feliz demais por ter voltado ao lugar onde as coisas faziam sentido. Agora eles não precisariam se separar nunca mais. Só queria lhe dizer quanto a amava. Quanta falta sentia dela. Abriu a boca, mas Ardee encostou um dedo em seus lábios. Com firmeza.

– Shhh.

Ela o beijou. A princípio de forma suave, depois com mais força.

– Uh – disse ele.

Os dentes dela mordiscaram seu lábio. Brincalhões, a princípio.

– Ah – exclamou ele.

Morderam com mais força, e com mais força ainda.

– Aaai – fez ele.

Ela sugou seu rosto, os dentes rasgando a pele, raspando os ossos. Ele tentou gritar, mas nada saiu. Estava escuro, sua cabeça flutuava. Houve um puxão medonho, um estirão insuportável em sua boca.

– Peguei – disse uma voz.

A pressão agonizante diminuiu.

– Está muito ruim?

– Não tanto quanto parece.

– Parece muito ruim.

– Cale a boca e segure essa tocha mais alto.

– O que é isso?

– O quê?

– Isso aí, se projetando?

– É o queixo dele, idiota, o que você acha que é?

– Acho que vou vomitar. Curar não está entre meus talentos not...

– Feche a porra da matraca e levante a tocha! Vamos ter de colocar de volta!

Jezal sentiu algo apertando seu rosto com força. Houve um estalo e uma dor lancinante, insuportável, se cravou em seu maxilar e no pescoço, uma dor que ele jamais sentira. Desmaiou novamente.



– Eu seguro, você move isso aí.

– Isto aqui?

– Não arranque os dentes dele!

– Caiu sozinho!

– Rosado idiota!

– O que está acontecendo? – perguntou Jezal.

Porém tudo o que saiu foi uma espécie de gorgolejo. Sua cabeça latejava, pulsava, parecia rachar-se de dor.

– Ele está acordando!

– Você costura, então. Eu seguro.

Houve uma pressão em volta dos seus ombros, em torno do peito, prendendo-o com firmeza. Seu braço doía. Doía terrivelmente. Ele tentou chutar, mas a perna era uma agonia, ele não conseguia mexê-la.

– Está seguro?

– É, está seguro! Comece a costurar!

Algo se cravou em seu rosto. Ele não havia pensado que a dor poderia piorar mais. Como estivera errado!

– Saia de cima de mim – vociferou ele, mas tudo o que ouviu foi “uh”.

Lutou, tentou se soltar, mas estava embrulhado com força, e contorcer-se só fazia seu braço doer mais ainda. A dor no rosto piorou. O lábio superior, o lábio inferior, o queixo, a bochecha. Ele gritou e gritou e gritou, mas não ouviu nada. Só um chiado baixo. Quando achou que sua cabeça com certeza explodiria, a dor diminuiu subitamente.

– Pronto.

O aperto se desfez e ele ficou deitado, frouxo como um trapo, impotente. Alguma coisa virou sua cabeça.

– É uma boa costura. Está boa mesmo. Quem me dera você estivesse por perto quando eu levei essas. Ainda poderia ter minha beleza.

– Que beleza, rosado?

– Hum. É melhor começar o braço dele. Depois temos de ajeitar a perna e o resto.

– Onde você pôs aquele escudo?

– Não – gemeu Jezal. – Por favor...

Entretanto não saiu nada além de um estalo de sua garganta.

Agora podia ver alguma coisa, formas turvas à meia-luz. Um rosto vinha na sua direção, um rosto feio. Nariz torto e quebrado, pele rasgada e entrecruzada de cicatrizes. Havia um rosto escuro logo atrás, com uma linha longa e lívida que ia da testa ao queixo. Fechou os olhos. Até a luz parecia dolorosa.

– Boa costura – disse alguém e lhe deu um tapinha na lateral do rosto. – Agora você é um de nós, garoto.

Jezal ficou deitado, o rosto uma massa agonizante, e o horror se esgueirou lentamente através de cada membro.

– Um de nós.

SEGUNDA PARTE

“Não serve para a batalha quem nunca viu o próprio sangue correr,
quem não ouviu seus dentes se esmagarem sob o golpe de um adversário,
ou não sentiu todo o peso do oponente sobre si.”

ROGER DE HOVODEN

Indo para o norte

Então Cachorrão estava implesmente deitado perto das árvores, de rosto no chão, molhado até os ossos e tentando se manter imóvel sem congelar e enrijecer, olhando para o vale e observando o exército de Bethod marchar. De onde estava, não conseguia ver muito, só um pedaço da trilha acima de uma crista de morro, o suficiente para testemunhar os Carls passarem pisoteando o chão, com os escudos muito coloridos brilhando às costas, as cotas de malha reluzindo de torrões de neve meio derretidos, as lanças espetando alto entre os troncos das árvores. Fileira após fileira deles, marchando com firmeza.

Estavam bem longe, mas ele corria um tremendo risco, mesmo a essa distância. Bethod estava sendo tão cuidadoso quanto sempre fora. Tinha posto homens a toda a volta, nas cristas e nos pontos elevados, em qualquer lugar onde pensasse que alguém poderia ver o que ele aprontava. Tinha mandado alguns batedores para o sul e uns outros para o leste, esperando confundir qualquer um que o vigiasse, mas não tinha enganado Cachorrão. Não desta vez. Bethod estava voltando para o mesmo lugar de onde viera. Ia para o norte.

Cachorrão respirou fundo e soltou um suspiro longo e triste. Pelos mortos, estava cansado. Via as figuras minúsculas movendo-se entre os galhos dos pinheiros. Passara anos fazendo reconhecimento para Bethod, mantendo-se de olho em exércitos assim, para ele, ajudando-o nas batalhas, ajudando a torná-lo rei, ainda que na época ele nem sonhasse com isso. Sob alguns ângulos, tudo havia mudado. Sob outros, continuava tudo como sempre. Ali estava ele, de cara na lama, com o pescoço dolorido de olhar para cima. Dez anos mais velho e nem um dia de vida melhor. Mal podia se lembrar de quais haviam sido suas ambições, mas isto nunca estivera entre elas, tinha certeza. Todo aquele vento soprado, toda a neve caída, todas as águas passadas. Todas as lutas, as marchas, o desperdício. Logen morto, Forley morto, e a vela ardendo rápido para o

restante deles.

Sinistro deslizou pelo mato congelado junto dele, apoiando-se nos cotovelos, e espiou os Carls moverem-se na estrada.

– Hã – grunhiu ele.

– Bethod está indo para o norte – sussurrou Cachorrão.

Sinistro assentiu.

– Ele mandou batedores para todo lado, mas está indo para o norte, sem dúvida. É melhor avisar Três Árvores.

Outro movimento de cabeça.

Cachorrão permaneceu deitado no chão.

– Estou ficando cansado.

Sinistro olhou para cima, levantou uma sobrancelha.

– Todo esse esforço, e para quê? Tudo continua como sempre. De que lado estamos agora? – Cachorrão balançou a mão, indicando os homens que seguiam lentamente pela estrada. – A gente precisa lutar contra todo esse pessoal? Quando vamos descansar?

Sinistro deu de ombros, apertou os lábios como se estivesse pensando na resposta.

– Quando estivermos mortos? – falou ele.

E essa não era a lamentável verdade?

Cachorrão demorou um tempo para encontrar os outros. Não estavam perto de onde deveriam estar àquela hora. Para ser honesto, não estavam longe de onde haviam estado quando ele saíra. O primeiro que ele viu foi Barca Negra, sentado numa pedra grande com a carranca de sempre, olhando irritado para um despenhadeiro abaixo. Cachorrão chegou perto dele, viu o que ele observava. Eram os quatro sulistas, que iam passando por cima das pedras, lentos e desajeitados como bezerros recém-nascidos. Tul e Três Árvores esperavam por eles embaixo e pareciam nada pacientes.

– Bethod está indo para o norte – disse Cachorrão.

– Bom para ele.

– Não está surpreso?

Barca Negra lambeu os dentes e cuspiu.

– Ele derrotou todos os clãs que ousaram enfrentá-lo, tornou-se rei onde não havia um rei antes, foi para a guerra contra a União e está dando uma surra nela. Virou o mundo de cabeça para baixo, o desgraçado. Nada que ele faça me surpreende agora.

– Hã. – Cachorrão calculou que ele estava certo. – Vocês não foram longe.

– Não, não fomos. Você arranjou uma porra de bagagem para a gente, sem dúvida. – Ele olhou os quatro descendo desajeitados o despenhadeiro; balançou a cabeça como se nunca tivesse visto tamanho desperdício de carne. – Uma tremenda porra de bagagem.

– Se está dizendo isso para que eu sinta vergonha porque salvei umas vidas naquele dia, não sinto. O que deveria ter feito? – perguntou Cachorrão. – Deixar que eles morressem?

– É uma ideia. Nós iríamos no dobro da velocidade sem eles e comeríamos muito melhor. – Ele deu um riso indecente. – Só tem uma pessoa para quem eu poderia arranjar utilidade.

Cachorrão não precisava perguntar qual. A garota estava atrás. Ele mal podia ver uma forma de mulher nela, toda enrolada por causa do frio, mas imaginou que estivesse lá, e isso o deixou nervoso. Era estranho ter uma mulher com eles. Uma raridade e tanto desde que tinham ido para o norte, além das montanhas, muitos meses antes. Até mesmo avistar uma parecia algum tipo de prazer cheio de culpa. Cachorrão a olhou passar por cima das pedras, o rosto sujo meio virado na direção deles. Garota durona, pensou. Parecia que ela tivera sua cota de pancadas.

– Acho que ela brigaria – murmurou Barca Negra consigo mesmo. – Acho que ela chutaria bastante.

– Isso mesmo, Barca Negra – disse Cachorrão rispidamente. – É melhor acalmar esse seu amor todo. Você sabe o que Três Árvores acha disso. Sabe o que aconteceu com a filha dele. Ele cortaria os seus bagos se ouvisse você falar desse jeito.

– O quê? – perguntou Barca Negra, todo inocente. – Só estou falando, não é? Você não pode me culpar por isso. Quando foi a última vez que algum de nós teve uma mulher?

Cachorrão franziu a testa. Sabia bem quando havia sido, para ele. Praticamente na última vez em que estivera aquecido. Enrolado com Shari na frente do fogo, com um sorriso largo feito o mar. Logo antes de Bethod acorrentá-lo, com Logen e todo o resto, depois chutá-los para o exílio.

Ainda guardava a última imagem dela, boquiaberta de susto e pavor ao vê-lo ser arrastado para fora dos cobertores, nu e semiadormecido, guinchando feito um galo que sabe que vão torcer seu pescoço. Tinha doído, ser arrastado para longe dela daquele jeito. Nem tanto quanto doeram os chutes nos bagos que Scale lhe dera, era verdade. No total, fora uma noite dolorosa, da qual ele nem imaginara sobreviver. A dor dos chutes passara com o tempo, mas a de perdê-la não tivera fim.

Cachorrão se lembrava do cheiro do cabelo dela, do som de seu riso, da sensação de ter aquelas costas quentes e macias em sua barriga enquanto ela dormia. Lembranças muito usadas, escolhidas e gastas até se esgarçarem feito uma camisa predileta. Lembrava como se tivesse acontecido na noite anterior. Tinha de se forçar a parar de pensar nisso.

– Não sei se minha memória chega tão longe – grunhiu.

– Nem a minha – disse Barca Negra. – Você não está se cansando de trepar com a mão?

Ele espiou encosta abaixo e estalou os lábios. Tinha um brilho nos olhos que incomodou Cachorrão.

– Engraçado como a gente não sente tanta falta até ver a coisa. É que nem segurar a carne na frente de um homem faminto, tão perto que ele possa sentir o cheiro. Não diga que não está pensando a mesma coisa.

Cachorrão franziu a testa para ele.

– Acho que não estou pensando a mesma coisa que você. Enfie o pau na neve, se precisar. Isso deve manter você calmo.

Barca Negra riu.

– Vou ter de enfiar em alguma coisa logo, isso eu garanto.

– Aaargh! – veio um grito da encosta.

Cachorrão fez menção de pegar o arco, olhando ao redor para conferir se algum batedor de Bethod os teria descoberto. Era só o príncipe, que havia escorregado e caído de bunda. Com o rosto retorcido de desdém, Barca Negra o observou rolar de costas.

– Aquele ali é um novo tipo de inútil, não é? Tudo o que faz é retardar a gente até a metade da velocidade necessária, gemer mais alto do que uma porca dando à luz, comer mais do que a parte dele e cagar cinco vezes por dia.

West o ajudava a se levantar e tentava espanar um pouco da sujeira de seu casaco. Bom, não seu casaco. O casaco que West lhe dera. Cachorrão ainda não entendia por que um homem inteligente faria uma coisa idiota daquelas. Ainda mais num frio daqueles, no meio do inverno e tal.

– Por que, diabos, alguém seguiria aquele imbecil? – perguntou Barca Negra, balançando a cabeça.

– Dizem que o pai dele é o próprio rei da União.

– O que importa de quem você é filho, se você não vale mais do que um cagalhão? Eu não mijaria nele se ele estivesse pegando fogo, aquele desgraçado.

Cachorrão teve de concordar, assentindo com a cabeça. Também não mijaria.

Todos estavam sentados num círculo em volta de onde estaria o fogo, se Três Árvores permitisse que acendessem uma fogueira. Ele não permitiria, claro, apesar de todos os rogos dos sulistas. Não acenderia, não importava quanto estivesse frio. Não com os batedores de Bethod por perto. Seria o mesmo que gritar a plenos pulmões dizendo onde estavam. Cachorrão e os demais estavam de um lado – Três Árvores, Barca Negra e Tul, Sinistro apoiado no cotovelo como se nada daquilo tivesse a ver com ele. O pessoal da União estava do outro.

Pike e a garota tinham no rosto uma expressão de coragem, mesmo com frio, cansados e famintos. Havia algo neles que dizia a Cachorrão que estavam acostumados com isso. West parecia estar perto de seu limite, soprando nas mãos em concha como se elas estivessem prestes a ficar negras e cair. Cachorrão achava que ele devia ter ficado com o casaco, em vez de dá-lo ao último do grupo.

O príncipe se sentava no meio, mantendo o queixo erguido, tentando parecer que não estava acabado, coberto de sujeira e começando a feder tanto quanto os outros. Tentando parecer que poderia dar ordens que alguém obedeceria. Nisso Cachorrão sabia que ele se enganava. Um grupo como o seu escolhia os líderes

por causa do que eles haviam feito, e não porque eram filhos de alguém. Escolhiam líderes com tutano e, segundo esse ponto de vista, prefeririam receber ordens da garota do que daquele idiota.

– É hora de discutirmos nossos planos – estava gemendo ele. – Alguns de nós estão tendo dificuldades com a escuridão.

Cachorrão podia ver que Três Árvores já começava a franzir a testa. Ele não gostava de ter de arrastar aquele idiota, quanto mais de fingir que ligava a mínima para a opinião dele.

Não ajudava muito o fato de que nem todo mundo conseguia entender os outros. Do pessoal da União, apenas West falava a língua nórdica. Dos nórdicos, só Cachorrão e Três Árvores falavam a língua da União. Tul conseguia captar mais ou menos o sentido do que era dito. Barca Negra não chegava a tanto. Quanto ao Sinistro, bem, o silêncio significa praticamente a mesma coisa em qualquer idioma.

– O que ele está dizendo? – resmungou Barca Negra.

– Alguma coisa sobre planos, eu acho – respondeu Tul.

Barca Negra bufou.

– Tudo o que um cu sabe é fazer merda.

Cachorrão viu West engolindo em seco. Ele sabia muito bem o que estava sendo dito e percebia que algumas pessoas estavam perdendo a paciência.

Mas o príncipe não era tão inteligente quanto ele.

– Seria útil saber quantos dias você acha que vamos demorar para chegar a Ostenhorm...

– Nós não vamos para o sul – disse Três Árvores em nórdico, antes que Sua Alteza ao menos parasse de falar.

West parou de soprar nas mãos por um momento.

– Não vamos?

– Não estamos indo, desde que partimos.

– Por quê?

– Porque Bethod está voltando para o norte.

– Isso é fato – disse Cachorrão. – Eu o vi hoje.

– Por que ele voltaria? – perguntou West. – Com Ostenhorm indefesa?

Cachorrão suspirou.

– Não fiquei lá para perguntar. Eu e Bethod não nos damos muito bem.

– Vou dizer por quê – zombou Barca Negra. – Bethod não está interessado na cidade de vocês. Pelo menos não ainda.

– Está interessado em fazer vocês em pedaços pequenos que dê para mastigar – disse Tul.

Cachorrão assentiu.

– Como aquele pedaço de que você fazia parte e ele acabou de cuspir os ossos.

– Com licença – disse rispidamente o príncipe, sem ideia do que estava sendo dito. – Mas seria bom se continuássemos a falar na língua comum...

Três Árvores o ignorou e continuou falando em nórdico:

– Ele vai separar o exército de vocês em pedaços pequenos. Depois vai esmagá-los um por um. Vocês acham que ele está indo para o sul, por isso ele espera que o seu marechal Burr mande alguns homens para o sul. Ele vai pegá-los cochilando quando voltar para o norte e, se forem poucos, vai fazer picadinho deles como fez com aqueles outros.

– Então – trovejou Tul –, quando todos os seus soldados bonitinhos estiverem enfiados de volta na lama ou tiverem sido expulsos de volta para o outro lado da água...

– Ele vai abrir as cidades como se quebra nozes no inverno, sem pressa, e seus Carls vão aproveitar o conteúdo – completou Barca Negra.

Ele sugou o ar entre os dentes, olhando para a garota. Como um cão maligno olharia um pedaço de toucinho. Ela o encarou de volta, o que contava a favor dela, pensou Cachorrão. Duvidava que teria tutano para fazer o mesmo, no seu lugar.

– Bethod está indo para o norte e nós vamos atrás. – Três Árvores disse isso de um modo que deixou claro que não era assunto para discussão. – Vamos ficar de olho nele, esperar que possamos ir depressa e ficar adiante, de forma que, se o seu amigo Burr cometer um erro e vir por esta floresta, a gente possa avisá-lo sobre onde Bethod está, antes que ele tropece nele como um cego caindo na porra de um poço.

O príncipe deu um tapa irritado no chão.

– Exijo saber o que está sendo dito.

– Que Bethod está indo para o norte com seu exército – sibilou West para ele com os dentes trincados. – E que eles pretendem segui-lo.

– Isso é intolerável! – disse rispidamente o idiota, puxando os punhos imundos do casaco. – Esse curso de ação nos coloca a todos em perigo! Por favor, informe-os que vamos partir para o sul sem demora!

– Então está resolvido.

Todos se viraram para ver quem havia falado e levaram um susto. Era Sinistro, falando na língua da União, fácil e tão corretamente quanto o próprio príncipe.

– Vocês vão para o sul. Nós vamos para o norte. Eu preciso mijar.

Em seguida se levantou e foi para o escuro. Cachorrão olhou para ele, boquiaberto. Por que ele precisava aprender a língua dos outros quando nunca falava mais do que duas palavras em sua própria?

– Muito bem! – guinchou o príncipe, esganiçado e em pânico. – Eu não deveria ter esperado nada melhor!

– Alteza! – sibilou West. – Nós precisamos deles! Não chegaremos a Ostenhorm nem a lugar nenhum sem a ajuda deles!

O olhar da garota se desviou para o lado.

– Vocês ao menos sabem para que lado fica o sul?

Cachorrão conteve um risinho, mas o príncipe não estava rindo.

– Nós deveríamos ir para o sul! – rosnou ele, com o rosto sujo repuxando-se de raiva.

Três Árvores resfolegou.

– A bagagem não vota, garoto, nem se este fosse um grupo em que há votação. – Ele estava finalmente falando na língua da União, mas Cachorrão imaginou que o príncipe não ficaria muito feliz com o que estava sendo dito. – Você teve sua chance de dar ordens, e veja aonde isso o levou. Para não falar dos que foram idiotas a ponto de fazer o que você mandava. Você não vai colocar nosso nome na lista junto com os deles, isso eu garanto. Se quiser ir com a gente, faça força para acompanhar. Se quiser dar ordens, bem...

– O sul é para lá – emendou Cachorrão, apontando o polegar para a floresta. – Boa sorte.

Pouca misericórdia

Para o arquileitor Sult,
Chefe da Inquisição de Sua Majestade

Vossa Eminência,

O cerco a Dagoska prossegue. Por três dias seguidos os gurkenses fizeram ataques contra nossas muralhas, cada qual maior e mais aguerrido. Eles tentam encher nosso canal com pedras, atravessá-lo com pontes, escalar nossa muralha e trazer aríetes contra nossos portões. Por três vezes atacaram e por três vezes nós os repelimos. As perdas deles são numerosas, mas eles podem se dar a tamanho luxo. Os soldados do imperador se apinham como formigas na península. Mesmo assim nossos homens são corajosos, nossas defesas são fortes, nossa determinação é inabalável, e as embarcações da União ainda percorrem a baía, mantendo-nos com bons suprimentos. Fique certo de que Dagoska não cairá.
Num assunto de menor importância, o senhor sem dúvida ficará satisfeito em saber que a questão da mestra Eider foi resolvida. Eu havia suspendido sua sentença enquanto pensava na possibilidade de usar sua ligação com os gurkenses contra eles. Infelizmente, para ela, as chances de esse tipo de medida sutil dar frutos se esvaíram, deixando-a sem qualquer utilidade para nós. Ver a cabeça de uma mulher enfeitando nossas ameias poderia ser prejudicial para o moral das nossas tropas. Afinal de contas, nós somos a facção civilizada. Portanto a ex-mestra da Guilda dos Mercadores de Especiarias foi tratada discretamente, mas, garanto-lhe, de modo bastante definitivo. Nenhum de nós precisa pensar mais nela nem em sua conspiração

fracassada.
Como sempre, Vossa Eminência, sirvo e obedeço.

Sand dan Glokta,
Superior de Dagoska

ESTAVA CALMO PERTO da água. Calmo, escuro e silencioso. As ondas suaves batiam nos suportes do cais, as madeiras dos barcos estalavam baixinho, uma brisa fresca chegava da baía, o mar escuro rebrilhava ao luar sob um céu polvilhado de estrelas.

Jamais daria para imaginar que, poucas horas atrás, homens estavam morrendo às centenas a menos de um quilômetro daqui. Que o ar era rasgado por gritos de dor e fúria. Que agora mesmo as ruínas de duas grandes paliçadas ainda ardem do outro lado da muralha que delimitava a cidade, com cadáveres espalhados ao redor dela como folhas caídas no outono...

– Fffff.

Glokta sentiu o pescoço estalar quando se virou e franziu os olhos na escuridão. O prático Frost emergiu das sombras entre duas construções escuras, espiando com suspeita ao redor, empurrando um prisioneiro; alguém muito menor, encolhido e enrolado numa capa com capuz, com os braços presos às costas. As duas figuras atravessaram o cais empoeirado e vieram pelo píer, com os passos ressoando de forma oca nas tábuas.

– Certo, Frost – disse Glokta enquanto o albino empurrava a prisioneira. – Acho que não precisamos mais disso.

O punho branco puxou o capuz. Ao luar pálido, o rosto de Carlot dan Eider parecia magro e devastado, com os ossos ressaltados e vários arranhões negros na face encovada. A cabeça fora raspada, ao estilo dos traidores confessos, e, sem o peso dos cabelos, o crânio parecia estranhamente pequeno, quase infantil, e o pescoço ficara absurdamente comprido e frágil. Principalmente havendo um círculo de hematomas furiosos ao redor dele, as marcas escuras deixadas pelos elos da corrente de Vitari. Praticamente não havia qualquer resquício da mulher esguia e magistral que o pegara pela mão no salão de audiência do lorde governador, aparentemente séculos atrás. *Algumas semanas no escuro, dormindo no chão podre de uma cela calorenta, sem saber se viveria mais uma hora – isso*

pode arruinar a aparência de uma pessoa. Eu sei.

Ela ergueu o queixo para ele, as narinas abertas, os olhos brilhando nas sombras escuras. *A mistura de medo e desafio que surge em algumas pessoas quando sabem que vão morrer*.

– Superior Glokta, eu não ousaria ter esperanças de revê-lo. – Suas palavras podiam ser presunçosas, mas não havia como disfarçar o tom de medo na voz. – E agora? Uma pedra amarrada nas pernas e então a baía? Não é um tanto dramático?

– Seria, mas não é isso que me passa pela cabeça.

Ele olhou para Frost e assentiu quase imperceptivelmente. Eider se encolheu, apertando os olhos com força e mordendo o lábio, encurvando os ombros como se sentisse o enorme prático assomando acima dela. *Esperando o golpe esmagador na nuca? Uma ponta penetrando entre as omoplatas? O fio de aço em volta da garganta? A terrível expectativa. O que será?* Frost levantou a mão. Houve um clarão de metal no escuro. Então um estalo suave quando a chave entrou nas algemas de Eider e as destrancou.

Ela abriu os olhos aos poucos, levou devagar as mãos à frente do corpo, piscou como se nunca as tivesse visto.

– O que é isso?

– Exatamente o que parece. – Ele assentiu indicando o cais. – Este navio parte para Westport na próxima maré. Você tem contatos em Westport?

Os tendões no pescoço fino se moveram quando ela engoliu em seco.

– Tenho contatos em toda parte.

– Bom. Então isso sou eu libertando-a.

Houve um longo silêncio.

– Libertando? – Ela levou uma das mãos à cabeça e coçou distraidamente os restolhos do cabelo, olhando para Glokta durante um momento prolongado. *Sem saber se acredita, e quem pode culpá-la? Não sei se eu acredito.* – Sua Eminência deve ter abrandado de um modo irreconhecível.

Glokta resfolegou.

– Não é provável. Sult não sabe de nada disso. Se soubesse, acho que nós dois estaríamos nadando com pedras nos tornozelos.

Os olhos dela se estreitaram. *A rainha dos mercadores avaliando a barganha.*

– E qual é o preço?

– O preço é que você está morta. Está esquecida. Tire Dagoska da mente, está acabado. Encontre outras pessoas para salvar. O preço é deixar a União e nunca mais voltar. Nunca. Mais.

– Só isso?

– Só isso.

– Por quê?

Ah, minha pergunta predileta. Por que eu faço isso? Ele deu de ombros.

– O que importa? Uma mulher perdida no deserto...

– Deve aceitar toda a água que lhe for oferecida, não importa de quem ela venha. Não se preocupe. Não vou recusar.

Ela estendeu a mão subitamente e Glokta se afastou num quase solavanco, mas as pontas dos dedos dela apenas tocaram gentilmente seu rosto. Pousaram ali por um momento, enquanto sua pele pinicava, o olho estremecia e o pescoço doía.

– Talvez – sussurrou ela –, se as coisas tivessem sido diferentes...

– Se eu não fosse um aleijado e você não fosse uma traidora? As coisas são o que são.

Ela deixou a mão baixar dando um pequeno sorriso.

– Claro que são. Eu diria que o verei de novo...

– Prefiro que não.

Ela assentiu devagar.

– Então adeus.

Eider pôs o capuz na cabeça, lançando o rosto de novo na sombra, depois passou por Glokta e foi rapidamente para o fim do píer. Ele ficou parado, apoiando o peso na bengala, observando-a ir, coçando o rosto lentamente onde os dedos dela haviam pousado. *Pois é. Para conseguir que uma mulher toque você, basta poupar sua vida. Eu deveria tentar isso com mais frequência.*

Virou-se, deu alguns passos doloridos no cais poeirento, espiando as construções escuras. *Imagino se a prática Vitari está aí, em algum lugar, vigiando. Será que esse pequeno episódio vai parar em seu próximo relatório para o arquileitor?* Ele sentiu um arrepio suado nas costas doloridas. *Eu não colocarei no meu, isso é certo, mas o que importa*? O vento mudou e ele sentiu o cheiro, o cheiro que agora parecia encher todos os cantos da cidade. O cheiro pungente de queimado. De fumaça. De cinzas. *De morte. Sem um milagre,*

nenhum de nós sairá vivo deste lugar. Olhou para trás. Carlot dan Eider já atravessava a prancha do navio. *Bem, talvez só um de nós saia.*



– As coisas vão bem – cantarolou Cosca em seu forte sotaque estiriano, rindo da carnificina do outro lado da muralha por cima do parapeito. – Considerando tudo, ontem foi um bom dia de trabalho.

Um bom dia de trabalho. Abaixo, do lado oposto do fosso, a terra nua estava cheia de cicatrizes e queimada, coberta de setas de bestas, como uma barba crescendo num queixo marrom. Em toda parte havia destroços e ruínas de equipamentos usados no cerco. Escadas quebradas, carrinhos caídos com pedras derramando-se deles, proteções de vime queimadas e despedaçadas, pisoteadas no chão duro. A casca de uma das grandes paliçadas ainda estava meio de pé: uma estrutura de madeira preta que surgia torta de um monte de cinzas, com couro queimado e rasgado balançando ao vento salino.

– Demos à porra daqueles gurkenses uma lição que eles não vão esquecer nem tão cedo, hein, superior?

– Que lição? – murmurou Severard.

Que lição, de fato? Os mortos não aprendem nada. Os cadáveres estavam espalhados diante da linha de frente gurkense, a cerca de duzentos passos da muralha externa. Estavam espalhados na terra de ninguém, cercados por destroços de armas e armaduras quebradas. Tinham caído em número tão grande logo diante do fosso que quase seria possível ir do mar de um lado da península até o mar do outro lado sem pisar no chão. Em alguns lugares estavam amontoados em grupos. *Para onde os feridos se arrastaram buscando proteção atrás dos mortos e depois também sangraram até morrer.*

Glokta nunca tinha visto tamanha carnificina. Nem depois do cerco a Ulrioch, quando a brecha ficara entupida com mortos da União, quando os prisioneiros gurkenses eram mortos às dezenas, quando o templo fora queimado com centenas de cidadãos dentro. Cadáveres estavam caídos, apoiados sobre coisas, esparramados, alguns queimados, outros curvados numa oração final, outros espalhados de qualquer modo, cabeças esmagadas por pedras vindas do alto.

Alguns tinham as roupas reviradas e esfarrapadas. *De quando eles rasgaram as próprias camisas para verificar os ferimentos, na esperança de que não fossem fatais. Todos decepcionados.*

Moscas zumbiam em legiões ao redor dos corpos. Pássaros de uma centena de espécies saltitavam, batiam asas e bicavam no festim inesperado. Mesmo ali, no alto e ao vento forte, começava a feder. *Ingrediente para pesadelos. Para os meus pesadelos nos próximos meses, eu não me espantaria. Se eu durar tanto assim.*

Glokta sentiu o olho estremecer, expirou pesadamente e esticou o pescoço de um lado para outro. *Bem, devemos continuar lutando. Agora é meio tarde para dúvidas.* Espiou cauteloso por cima do parapeito para ver o fosso, usando a mão livre para se equilibrar, segurando com força a pedra cheia de marcas.

Nada bom.

– Eles praticamente encheram o canal abaixo de nós e também perto do portão.

– Verdade – disse Cosca, todo animado. – Eles arrastam as caixas de pedras e tentam jogá-las. E nós só podemos matá-los bem rápido.

– Esse canal é nossa melhor defesa.

– Verdade, de novo. Foi boa ideia. Mas nada dura para sempre.

– Sem ele, não há nada para impedir os gurkenses de colocar escadas, usar aríetes, até mesmo cavar sob a muralha. Pode ser necessário organizar algum tipo de incursão, escavá-lo de novo.

Cosca o olhou de esguelha.

– Homens sendo baixados da muralha por cordas, dando duro na escuridão, a menos de duzentos passos das tropas gurkenses? Era isso que o senhor tinha em mente?

– Algo assim.

– Então desejo sorte.

Glokta bufou.

– Eu iria, claro. – E bateu na perna com a bengala. – Mas acho que meus dias de heroísmo ficaram muito para trás.

– Sorte sua.

– Nem um pouco. Deveríamos construir uma barricada atrás do portão. É o nosso ponto mais fraco. Um semicírculo, eu imagino, com algumas centenas de

passos de diâmetro, formaria um terreno de matança eficaz. Se eles conseguissem atravessar, nós ainda poderíamos contê-los ali, o suficiente para empurrá-los de volta. – *Poderíamos...*

– Ah, empurrá-los de volta. – Cosca coçou o eczema no pescoço. – Tenho certeza de que os voluntários vão disputar esse serviço quando chegar a hora. Mesmo assim, tentarei garantir que seja feito.

– É preciso dar crédito a eles – falou o general Vissbruck, que se aproximava do parapeito, as mãos cruzadas com força atrás do uniforme impecavelmente passado.

Estou surpreso por ele achar tempo para cuidar da aparência, com as coisas como estão. Mas todos nós nos agarramos ao que podemos.

Ele balançou a cabeça olhando os cadáveres.

– Muita coragem, insistir assim, repetidamente, contra defesas tão fortes e tão bem usadas. Raramente vi homens tão dispostos a dar a própria vida.

– Eles têm a qualidade mais estranha e perigosa – disse Cosca. – Acham que estão do lado certo.

Vissbruck olhou sério por baixo das sobrancelhas.

– Nós é que estamos do lado certo.

– Se o senhor quiser. – O mercenário deu um sorriso torto para Glokta. – Mas acho que o restante de nós abriu mão há muito tempo da ideia de que isso exista. Os destemidos gurkenses vêm com seus carrinhos... e é meu serviço enchê-los de buraquinhos! – Ele soltou uma risada aguda.

– Não acho isso divertido – disse Vissbruck rispidamente. – Um oponente abatido deveria ser tratado com respeito.

– Por quê?

– Porque poderia ser qualquer um de nós apodrecendo ao sol, e provavelmente logo seremos.

Cosca só riu mais alto e deu um tapa no braço de Vissbruck.

– Agora o senhor está entendendo! Se eu aprendi uma coisa em vinte anos de guerra, é que é preciso ver o lado engraçado das coisas!

Glokta observou o estiriano que gargalhava na direção do campo de batalha. *Tentando decidir quando seria a melhor hora de mudar de lado? Tentando deduzir quanto lutar contra os gurkenses antes que eles paguem melhor do que eu? Há mais do que rimas naquela cabeça sarnenta, mas por ora não podemos*

nos virar sem ele. Olhou para o general Vissbruck, que havia se afastado, para ficar sozinho com seu mau humor. *Nosso amigo gorducho não tem cérebro nem coragem suficientes para sustentar a cidade por mais de uma semana.*

Sentiu uma mão no ombro e se virou de volta para Cosca.

– O que foi? – perguntou rispidamente.

– Ó – murmurou o mercenário, apontando para o céu azul.

Glokta acompanhou seu dedo. Havia um ponto preto lá em cima, não muito alto, porém subindo. *O que é aquilo? Um pássaro?* Agora a coisa havia chegado ao auge e começava a descer. O reconhecimento se deu de repente. *Uma pedra. Uma pedra arremessada por uma catapulta.*

Ela foi ficando maior à medida que caía, girando e girando, parecendo mover-se em ridícula lentidão, como se afundasse na água, num silêncio total que fazia aumentar a sensação de irrealidade. Glokta ficou olhando boquiaberto. Todos ficaram. Um ar de expectativa terrível pousou na muralha. Era impossível dizer exatamente onde a pedra cairia. Os homens começaram a se espalhar para um lado e para outro no passadiço, fazendo barulho, esbarrando-se, ofegando e guinchando, jogando armas longe.

– Porra – sussurrou Severard, jogando-se de bruços no chão.

Glokta ficou onde estava, os olhos fixos naquele ponto escuro no céu. *Estará vindo para mim? Várias toneladas de rocha prestes a espalhar meus restos pela cidade? Que modo absurdamente aleatório de morrer!* Sentiu a boca se repuxar num leve sorriso.

Houve um estrondo ensurdecedor quando um trecho do parapeito foi arrebentado ali perto, lançando uma nuvem de poeira e pedaços de pedra no ar. Lascas passavam chiando ao redor. Um soldado a menos de dez passos de distância foi totalmente decapitado por um bloco que saiu voando. O corpo sem cabeça oscilou por um momento, de pé, antes que os joelhos se dobrassem e ele tombasse para trás, caindo da muralha.

O projétil despencou em algum lugar da Cidade Baixa, esmagando os barracos, ricocheteando e rolando, espalhando tábuas despedaçadas como se fossem gravetos, deixando uma trilha de destruição. Glokta piscou e engoliu a saliva. Seus ouvidos ainda estavam zumbindo, mas ele escutou alguém gritar. Uma voz estranha. Sotaque estiriano. Cosca.

– Isso é o melhor que podem fazer, seus escrotos? Ainda estou aqui!

– Os gurkenses estão nos bombardeando! – guinchava Vissbruck desnorteado, agachado atrás do parapeito com as mãos apertando o cocuruto e uma camada de poeira nos ombros do uniforme. – Um disparo sólido das catapultas!

– Não diga! – murmurou Glokta.

Houve outro estrondo portentoso quando um segundo projétil bateu na muralha mais abaixo e se despedaçou numa chuva de fragmentos, lançando pedras do tamanho de crânios na água. Até o chão sob os pés de Glokta pareceu tremer com a força do impacto.

– Eles estão vindo de novo! – rugiu Cosca a plenos pulmões. – Cuidem da muralha! Da muralha!

Homens começaram a passar correndo: nativos, mercenários, soldados da União, todos lado a lado, retesando as bestas, entregando setas, gritando e chamando uns aos outros numa confusão de línguas diferentes. Cosca se movia entre eles dando tapas nas costas, brandindo o punho, rosnando e rindo sem o menor sinal de medo. *Um líder bastante inspirador, para um bêbado meio louco.*

– Que se foda! – sibilou Severard no ouvido de Glokta. – Não sou nenhuma porcaria de soldado!

– Nem eu sou mais, porém ainda aprecio um espetáculo.

Glokta foi mancando até o parapeito e olhou para fora. Viu o grande braço da catapulta voar na névoa longínqua. Desta vez a distância foi mal avaliada e a carga passou alto demais. Glokta se encolheu com uma pontada no pescoço ao acompanhá-la com os olhos. Ela se chocou não muito antes da muralha da Cidade Alta com um estrondo profundo, lançando pedaços de pedra longe, na favela.

Uma grande trompa soou atrás das linhas gurkenses: um som latejante, ribombante. Tambores vieram em seguida, ressoando como passos monstruosos.

– Aí vêm eles! – rugiu Cosca. – A postos com as bestas!

Glokta ouviu a ordem ecoando na muralha e, um instante depois, as ameias das torres estavam eriçadas de bestas carregadas, as pontas brilhantes das setas reluzindo ao sol forte.

As grandes proteções de vime que indicavam as linhas gurkenses começaram a avançar lentamente, firmes, esgueirando-se pela devastada terra de ninguém, na direção deles. *E atrás, sem dúvida, soldados gurkenses se apinham feito*

formigas. A mão de Glokta apertou a pedra do parapeito dolorosamente enquanto ele os via avançar, o coração batendo quase tão alto quanto os tambores gurkenses. *Medo ou empolgação? Existe diferença? Quando foi a última vez que senti uma emoção tão agridoce? Ao falar diante do Conselho Aberto? Ao liderar um ataque da cavalaria do rei? Ao lutar no Campeonato diante da multidão ruidosa?*

As proteções de vime se aproximavam cada vez mais, ainda numa fila regular que atravessava a península. *A cem passos, a noventa, a oitenta.* Olhou de esguelha para Cosca, que ainda ria feito louco. *Quando ele vai dar a ordem? Então sessenta, depois cinquenta...*

– Agora! – rugiu o estiriano. – Disparar!

Houve um estalo portentoso ao longo da muralha quando as bestas foram disparadas numa grande saraivada, salpicando as proteções de vime, o terreno ao redor, os cadáveres e qualquer gurkense que tivesse a infelicidade de deixar alguma parte do corpo exposta. Homens se ajoelharam atrás do parapeito e começaram a recarregar, pegando setas desajeitadamente, girando manivelas, suando e fazendo força. Os tambores tinham ficado mais rápidos, mais urgentes, as proteções passavam sem qualquer cuidado sobre os corpos no chão.

Não é muito divertido para os homens que estão atrás, olhando os cadáveres sob os pés, imaginando quanto tempo falta para se juntarem a eles.

– Óleo! – gritou Cosca.

Uma garrafa com um pavio aceso foi jogada de uma torre à esquerda, girando. Chocou-se contra uma das proteções de vime e línguas de fogo surgiram furiosas pela superfície, tornando-a marrom, depois preta. O material começou a se torcer, a se dobrar, depois a tombar aos poucos. Um soldado saiu correndo uivando de trás dela, o braço coberto de chamas.

A proteção acesa caiu no chão, expondo uma coluna de soldados gurkenses, alguns empurrando carrinhos cheios de pedras, outros carregando escadas compridas, ou com arcos, armaduras, armas. Davam seus gritos de guerra, avançando com os escudos erguidos, disparando flechas para as ameias, ziguezagueando entre os cadáveres. Homens caíam de cara, perfurados por setas das bestas. Homens uivavam e apertavam ferimentos. Homens se arrastavam, gorgolejavam e xingavam. Imploravam e berravam desafios. Corriam para a retaguarda e eram acertados nas costas.

Nas muralhas, arcos estalavam. Mais garrafas de óleo eram acesas e jogadas para baixo. Alguns homens rugiam, sibilavam e cuspiam xingamentos, alguns se abaixavam atrás do parapeito enquanto flechas zumbiam vindas de baixo, batendo ruidosas nas pedras ou passando por cima, ocasionalmente acertando carne. Cosca estava com um dos pés nas ameias, absolutamente despreocupado e perigosamente inclinado para fora, brandindo uma espada cheia de mossas e berrando algo que Glokta não podia ouvir. Todo mundo gritava, os que atacavam e os que defendiam. *Batalha. Caos. Agora me lembro. Como posso já ter gostado disso?*

Outra proteção de vime estava pegando fogo, enchendo o ar com fumaça preta e fétida. Soldados gurkenses se derramavam de trás dela como abelhas saindo de uma colmeia quebrada, amontoando-se do outro lado do fosso, tentando encontrar um local onde apoiar a escada. Defensores mais adiante na muralha começaram a jogar pedaços de alvenaria sobre eles. Outra pedra de uma catapulta caiu muito antes da muralha e rasgou um buraco longo numa coluna gurkense, lançando corpos e pedaços de corpos no ar.

Um soldado foi arrastado para trás com uma flecha no olho.

– Está ruim? – perguntou ele. – Está ruim?

Um instante depois, um homem ao lado de Glokta guinchou quando uma flecha o acertou no peito. Ele girou, sua besta disparou e a seta se cravou no pescoço de seu vizinho, até as penas. Os dois caíram juntos aos pés de Glokta, derramando sangue no caminho.

Ao pé da muralha, uma garrafa de óleo explodiu no meio de um grupo de soldados gurkenses, justo quanto estavam tentando levantar a escada. Um leve cheiro de carne cozida se juntou aos fedores de podridão e fumaça de madeira. Homens queimaram, retorcendo-se e gritando, correndo loucos ou lançando-se com armadura completa no fosso inundado. *Morte por fogo ou por afogamento. Uma escolha e tanto.*

– Já viu o suficiente? – sibilou a voz de Severard em seu ouvido.

– Já. – *Mais do que o suficiente.*

Deixou Cosca gritando em estiriano até ficar rouco e foi, ofegante, abrindo caminho para a escada por entre a confusão de mercenários. Seguiu uma maca que descia, encolhendo-se a cada passo doloroso, tentando se manter de pé enquanto um fluxo constante de homens passava no sentido oposto. *Nunca*

pensei que voltaria a ficar feliz em descer uma escada.

Mas a felicidade não durou muito. Quando chegou embaixo, sua perna esquerda latejava com a mistura familiar demais de agonia e entorpecimento.

– Maldição! – sibilou consigo mesmo, saltitando para trás, de encontro à muralha. – Há soldados que dão baixa que conseguem se mover com mais facilidade do que eu!

Olhou um ferido passar mancando, com bandagens e sangrento.

– Isso não está certo – sibilou Severard. – Nós fizemos a nossa parte. Encontramos os traidores. Que diabos ainda estamos fazendo aqui?

– Lutar pela causa do rei o incomoda, é?

– Morrer por ela é que incomoda.

Glokta bufou.

– Você acha que há alguém em toda essa cidade que esteja gostando? – Pensou ter ouvido o som fraco dos insultos de Cosca chegando acima do clamor da luta. – Afora aquele estiriano maluco, claro. Fique de olho nele, hein, Severard? Ele traiu Eider, vai nos trair, principalmente se a coisa ficar feia.

O prático o encarou, e pela primeira vez não havia traço de sorriso em volta de seus olhos.

– As coisas estão ficando feias?

– Você esteve lá em cima. – Glokta fez uma careta ao esticar a perna. – Já estiveram melhores.

O salão comprido e escuro já fora um templo. Quando os ataques gurkenses haviam começado, os feridos sem muita gravidade eram trazidos para ali, para serem cuidados por sacerdotes e mulheres. Era um lugar fácil para trazê-los: ficava na Cidade Baixa, perto da muralha. De qualquer modo, agora essa parte da favela quase não tinha civis. *Os riscos dos incêndios e das pedras caindo podem tornar um bairro rapidamente impopular.* À medida que a luta continuava, os feridos com pouca gravidade voltavam para a muralha, deixando os mais sérios para trás. Os que tinham membros decepados, cortes fundos, queimaduras terríveis, flechas no corpo, estavam espalhados sob as arcadas

escuras, nas macas ensanguentadas. Dia a dia o número aumentava, até que os feridos cobriam cada trecho do piso. Agora aqueles que podiam andar eram tratados do lado de fora. Este lugar era reservado para os arruinados, os mutilados. *Os que estavam morrendo.*

Cada homem tinha sua linguagem especial de agonia. Alguns gritavam e uivavam sem parar. Alguns pediam socorro, misericórdia, água, as mães. Alguns tossiam, gorgolejavam e cuspiam sangue. Alguns chiavam e estremeciam com os últimos haustos. De vez em quando se via alguém ser arrastado para fora, os membros balançando, pronto para ser enrolado em mortalhas baratas e posto numa pilha atrás da parede dos fundos.

O dia inteiro, Glokta sabia, equipes de rostos sérios se ocupavam de cavar sepulturas para os nativos. *Seguindo suas crenças arraigadas. Grandes buracos nas ruínas das favelas, com espaço para uma dúzia de cadáveres.* A noite toda os mesmos homens se ocupavam de queimar os mortos da União. *Seguindo nossa falta de crença. Nos penhascos, onde a fumaça oleosa será carregada por cima da baía. Só podemos esperar que ela sopre direto na cara dos gurkenses do outro lado. Um último insulto contra eles.*

Glokta arrastou os pés lentamente pelo salão, que ecoava com os sons de dor. Ia enxugando o suor da testa, espiando as baixas. Dagoskenses de pele escura, mercenários estirianos, homens de pele clara da União, tudo misturado. *Pessoas de todas as nações, de todas as cores, de todos os tipos, unidas contra os gurkenses e agora morrendo juntas, lado a lado, todas iguais. Meu coração ficaria tocado. Se eu ainda tivesse um coração.* Tinha uma consciência vaga do prático Frost espreitando na escuridão ali perto, junto à parede, os olhos movendo-se cautelosos pelo salão. *Minha sombra atenta, para garantir que ninguém me recompense com um ferimento fatal na cabeça pelos esforços que fiz em nome do arquileitor.*

Um pequeno trecho nos fundos do templo fora isolado por cortinas, para cirurgias. *Ou o mais próximo disso que pode ser feito aqui. Cortar e retalhar com serra e faca, pernas amputadas na altura dos joelhos, braços junto ao ombro.* Os gritos mais altos de todo o lugar vinham de trás daquelas cortinas sujas. Uivos desesperados, arrastados. *Nem um pouco menos brutal do que o que está acontecendo do outro lado da muralha.* Através de uma fenda, Glokta podia ver Kahdia trabalhando, seu manto branco espirrado, manchado, tornado de um

marrom sujo pelo sangue. Ele estreitava os olhos para um pedaço brilhoso de carne que cortava com uma faca. *O cotoco de uma perna, talvez?* Os gritos viraram um gorgolejo e cessaram.

– Morreu – disse o haddish simplesmente, jogando a faca na mesa e enxugando num trapo as mãos sujas de sangue. – Tragam o próximo.

Ele levantou a cortina e passou. Então viu Glokta.

– Ah! O autor de nossos sofrimentos! Veio alimentar a culpa, superior?

– Não. Vim ver se sinto alguma.

– E sente?

Boa pergunta. Sinto? Olhou para um rapaz deitado na palha suja perto da parede, enfiado entre dois outros. Seu rosto era de uma palidez de cera, os olhos vítreos, os lábios movendo-se rapidamente enquanto ele murmurava para si mesmo algum absurdo sem sentido. Sua perna estava cortada logo acima do joelho, o cotoco enrolado num curativo sangrento, um cinto apertado com fivela em volta da coxa. *Suas chances de sobrevivência? Praticamente nulas. Algumas últimas horas de agonia e sujeira, ouvindo os gemidos dos companheiros. Uma vida jovem, apagada muito antes da hora e blá-blá-blá.* Glokta levantou as sobrancelhas. Não sentia nada além de um leve nojo, não mais do que sentiria se o agonizante fosse um monte de lixo.

– Não – respondeu.

Kahdia olhou para as próprias mãos ensanguentadas.

– Então Deus realmente o abençoou – murmurou. – Nem todo mundo tem o seu estômago.

– Não sei. O seu povo tem lutado bem.

– Tem morrido bem, o senhor quer dizer.

O riso de Glokta retalhou o ar pesado.

– Ora. Morrer bem não é algo que exista. – Ele olhou os inúmeros feridos ao redor. – Eu imaginaria que você, principalmente, já teria aprendido isso.

Kahdia não riu.

– Quanto disso o senhor acha que podemos suportar?

– Está perdendo o ânimo, é, haddish? Como acontece com muitas coisas na vida, as resistências heroicas são muito mais atraentes no conceito do que na realidade. – *O vistoso jovem coronel Glokta poderia ter nos dito isso, arrastado para longe da ponte com os restos da perna mal presos ao corpo, as ideias de*

como o mundo funciona alteradas radicalmente.

– Sua preocupação é tocante, superior, mas estou acostumado a decepções. Acredite, vou sobreviver a esta. Porém, a questão permanece: quanto tempo podemos suportar?

– Se as linhas marítimas ficarem abertas e pudermos receber suprimentos por navios, se os gurkenses não conseguirem achar um modo de contornar a muralha externa, se pudermos nos manter unidos e com a cabeça no lugar, podemos aguentar aqui durante semanas.

– Aguentar para quê?

Glokta parou para pensar. *Para quê, mesmo?*

– Talvez os gurkenses desanimem.

– Rá! – bufou Kahdia. – Os gurkenses não desanimam! Eles não dominaram todo o continente de Kanta usando meias medidas. Não. O imperador falou e será obedecido.

– Então devemos esperar que a guerra se resolva rapidamente no Norte e que as forças da União venham nos ajudar. – *Uma esperança totalmente inútil. Vão se passar meses até que a coisa se resolva em Angland. Mesmo quando forem resolvidas, o exército não estará em condições de lutar. Estamos sozinhos.*

– E para quando poderemos esperar essa ajuda?

Quando as estrelas se apagarem? Quando o céu cair? Quando eu correr um quilômetro com um sorriso no rosto?

– Se eu tivesse todas as respostas, não teria entrado para a Inquisição! – disse Glokta rispidamente. – Talvez você deva rezar pedindo inspiração divina. Uma onda poderosa para varrer os gurkenses seria muito bom. Quem foi que me disse que milagres acontecem?

Kahdia assentiu lentamente.

– Talvez nós dois devêssemos rezar. Temo que haja mais chances de ajuda por parte do meu deus do que dos seus senhores.

Outra padiola foi trazida, com um estiriano berrando com uma flecha na barriga.

– Preciso ir.

Kahdia passou e a cortina foi fechada atrás dele.

Glokta franziu a testa. *E assim começam as dúvidas. Os gurkenses aumentam lentamente a pressão sobre a cidade. Nossa perdição se aproxima e todo mundo*

percebe isso. Coisa estranha, a morte. De longe você pode rir dela, mas, à medida que chega perto, ela parece cada vez pior. Quando está suficientemente perto para ser tocada, ninguém ri. Dagoska está tomada pelo medo e as dúvidas só fazem crescer. Cedo ou tarde alguém tentará entregar a cidade aos gurkenses, nem que seja para salvar a própria vida ou a vida das pessoas amadas. Eles podem muito bem começar depondo o superior encrenqueiro que deu início a essa loucura...

Sentiu um toque súbito no ombro, prendeu o fôlego e girou. Sua perna se dobrou e ele cambaleou para trás, de encontro a uma coluna, quase pisando num nativo ofegante com bandagens no rosto. Vitari estava atrás dele, franzindo a testa.

– Maldição! – Glokta mordeu o lábio com os dentes que lhe restavam, por causa de um espasmo lancinante na perna. – Ninguém nunca lhe ensinou a não se esgueirar por trás das pessoas?

– Ensinaram o oposto. Preciso falar com você.

– Então fale. Só não me toque de novo.

Ela olhou os feridos.

– Aqui, não. A sós.

– Ah, o que é isso! O que você poderia me dizer que não se pudesse falar numa sala cheia de heróis agonizantes?

– Vai descobrir quando chegarmos lá fora.

Uma corrente em volta do pescoço, bem apertada, cortesia de Sua Eminência? Ou meramente alguma conversa sobre o tempo? Glokta se pegou sorrindo. *Mal posso esperar para descobrir.* Ergueu uma das mãos na direção de Frost e o albino sumiu de volta nas sombras. Então o superior foi mancando atrás de Vitari, passando pelos feridos que gemiam, até chegar à porta dos fundos e ganhar o ar livre. O cheiro pungente de suor trocado pelo cheiro pungente de queimado, e outra coisa...

Formas longas, comprimidas, amontoavam-se numa pilha que ia até a altura dos ombros apoiada na parede do templo, embrulhadas em tecido cinza áspero, algumas manchadas de sangue marrom. Um monte enorme. Cadáveres, esperando pacientemente para serem enterrados. *A colheita desta manhã. Que local maravilhosamente macabro para uma conversinha agradável. Eu não poderia ter escolhido um melhor.*

– E então, o que está achando do cerco? É meio barulhento para o meu gosto, mas o seu amigo Cosca parece gostar...

– Onde está Eider?

– O quê? – reagiu Glokta, tentando ganhar tempo enquanto pensava em como responder. *Eu não esperava que ela descobrisse tão cedo.*

– Eider. Lembra? A que se vestia feito uma puta cara? Adorno do conselho governante da cidade? Condenada por nos entregar para os gurkenses? A cela dela está vazia. Por quê?

– Ah, ela. Está no mar. – *Verdadeiro.* – Com cinco voltas de boa corrente. – *Falso.* – Está adornando o fundo da baía, se quer saber.

As sobrancelhas laranja de Vitari se juntaram, com suspeita.

– Por que não fui informada?

– Tenho coisas melhores a fazer do que mantê-la informada. Temos uma guerra para perder, ou você não notou?

Glokta se virou, mas a mão dela saltou à frente dele e se fincou na parede, formando uma barreira com o braço longo.

– Manter-me informada significa manter Sult informado. Se começarmos a contar histórias diferentes a ele...

– Onde você esteve nas últimas semanas? – Ele deu um risinho e apontou para a pilha de mortalhas junto à parede. – Engraçado. Quanto mais perto os gurkenses chegam de romper nossa muralha e assassinar cada coisa viva em Dagoska, menos pareço me preocupar com a porra de Sua Eminência. Conte a ele o que quiser. Você está me entediando.

Glokta tentou empurrar o braço dela, mas descobriu que ele não se mexia.

– E se eu contasse a ele o que você quisesse? – sussurrou ela.

Glokta franziu a testa. *Ora, isso não é entediante. A prática predileta de Sult, mandada aqui para se assegurar de que eu iria pelo caminho certo, propondo acordos? Será um truque? Uma armadilha?* O rosto dos dois estava a menos de trinta centímetros um do outro, e ele a encarou intensamente, tentando adivinhar o que ela pensava. *Será que existe ao menos um leve traço de desespero aí? Será que o motivo pode ser nada mais do que a autopreservação? Quando você perde o próprio instinto, é difícil se lembrar de como ele é forte em todas as outras pessoas.* Sentiu-se começar a sorrir. *É, entendi.*

– Você achou que seria chamada de volta assim que os traidores fossem

encontrados, não é? Achou que Sult lhe arranjaria um belo barco para casa! Mas agora não há barcos para ninguém e você está preocupada com a hipótese de seu gentil titio tê-la esquecido! De ter sido jogada aqui para alimentar os gurkenses como se fosse um bife de carne de cachorro!

Os olhos de Vitari se estreitaram.

– Deixe-me contar um segredo. Eu não optei por estar aqui, tanto quanto você, mas aprendi há muito tempo que quando Sult manda fazer uma coisa é melhor parecer que você fez. Só me importo em sair daqui viva. – Ela chegou mais perto ainda. – Podemos ajudar um ao outro?

Podemos? Será?

– Certo, então. Acho que posso acomodar mais uma amiga no turbilhão social que é minha vida. Verei o que posso fazer por você.

– Vai ver o que pode fazer?

– É o melhor que você conseguirá. O fato é que não sou muito bom em ajudar pessoas. Estou sem prática, veja bem. – Ele deu seu riso banguela na cara de Vitari, usou a bengala para erguer o braço frouxo dela e tirá-lo do caminho, passou mancando pela pilha de corpos e voltou para a porta do templo.

– O que devo dizer a Sult sobre Eider?

– Diga a verdade – gritou Glokta por cima do ombro. – Diga que ela está morta.

Diga que todos estamos.

Então dor é isso

– ONDE ESTOU? – perguntou Jezal, só que seu queixo não se mexeu.

As rodas da carroça giravam guinchando. Tudo era de uma claridade ofuscante e turva, som e luz escavando o crânio dolorido.

Tentou engolir e não conseguiu. Tentou levantar a cabeça. A dor lancinou seu pescoço, fazendo o estômago revirar.

– Socorro! – gritou ele, mas não saiu nada além de um grasnido engrolado.

O que havia acontecido? Céu doloroso em cima, tábuas dolorosas embaixo. Estava deitado numa carroça, a cabeça sobre um saco áspero, chacoalhando e pulando.

Houvera uma luta, disso se lembrava. Uma luta no meio das pedras. Alguém havia gritado. Um estalo e uma luz ofuscante, depois nada além de dor. Até pensar era doloroso. Tentou levantar o braço para sentir o rosto, mas descobriu que não conseguia. Tentou mexer as pernas, sentar-se, mas também não pôde. Mexeu a boca, grunhindo, gemendo.

Sua língua estava estranha, com três vezes o tamanho normal, como um naco sangrento de presunto enfiado entre as mandíbulas, enchia a boca de um modo que atrapalhava a respiração. O lado direito do rosto era uma máscara de agonia. A cada sacudida da carroça, seus maxilares batiam, lançando uma dor que queimava dos dentes aos olhos, ao pescoço, até às raízes dos cabelos. Havia bandagens por cima da boca, ele precisava respirar pelo lado esquerdo, mas até o ar passando pela garganta.

O pânico começou a dominá-lo. Cada parte de seu corpo gritava. Um braço estava amarrado em cima do peito, mas ele se segurou debilmente na lateral da carroça com o outro, tentando fazer alguma coisa, qualquer coisa, os olhos se arregalando, o coração martelando, a respiração chiando no nariz.

– Gggh! – rosnou ele. – Gurrr!

Quanto mais tentava falar, mais a dor crescia e crescia, até parecer que seu rosto iria rachar, até parecer que seu crânio se despedaçaria...

– Calma.

Um rosto cheio de cicatrizes surgiu acima dele. Nove Dedos. Jezal tentou agarrá-lo, insanamente, e o nórdico estendeu sua grande pata e segurou a mão dele com força.

– Calma, agora, e me escute. Dói, sim. Parece mais do que você pode suportar, mas não é. Você acha que vai morrer, mas não vai. Escute, porque eu já passei por isso e sei. A cada minuto, a cada hora, a cada dia vai melhorando.

Sentiu a outra mão de Nove Dedos no ombro, empurrando-o gentilmente de volta ao piso da carroça.

– Tudo o que você precisa fazer é ficar aí deitado, e vai melhorar. Entendeu? Você está com a parte mais fácil do serviço, seu sacana sortudo.

Jezal deixou os membros pesarem. Só precisava permanecer deitado. Apertou a mão enorme e a mão apertou a dele em resposta. A dor pareceu menor. Ainda era medonha, mas controlável. Sua respiração ficou mais lenta. Seus olhos se fecharam.

O vento cortava a planície fria, dedilhando o capim curto, puxando o casaco rasgado de Jezal, seu cabelo oleoso, suas bandagens sujas, mas ele o ignorava. O que poderia fazer com relação ao vento? O que poderia fazer com relação ao que quer que fosse?

Ficou sentado com as costas apoiadas na roda da carroça e, de olhos arregalados, avaliou a perna. Um pedaço de cabo de lança havia sido preso de cada lado dela, enrolado várias vezes com tiras de pano, de uma forma que a mantinha firme e dolorosamente reta. O braço não estava melhor, espremido entre duas réguas tiradas de um escudo e amarrado com força contra o peito, com a mão branca pendendo, os dedos entorpecidos e inúteis como salsichas.

Esforços medicinais dignos de pena, improvisados, que Jezal jamais poderia acreditar que funcionassem. Seriam quase divertidas, não fosse ele mesmo o infeliz paciente. Sem dúvida jamais se recuperaria. Estava quebrado,

despedaçado, em ruína. Será que agora seria um aleijado do tipo que ele evitava nas esquinas de Adua? Ferido de guerra, esfarrapado e sujo, exibindo cotocos na cara dos passantes, esticando as mãos ansiosas por moedas, lembretes desconfortáveis de que havia um lado sombrio na profissão de um soldado, no qual todos prefeririam não pensar?

Será que agora ele seria um aleijado como... – e um frio horrível se esgueirou por Jezal –... como Sand dan Glokta? Tentou mexer a perna e gemeu de dor. Será que andaria pelo resto da vida com uma bengala? Um horror trôpego, desprezado e evitado? Ele se tornaria alguém citado como lição, alguém para quem as pessoas apontavam e sobre quem sussurravam? Lá vai Jezal dan Luthar! Era um homem promissor, um homem bonito, venceu um Campeonato e a multidão o aplaudiu! Quem diria? Que desperdício, que vergonha, aí vem ele, vamos sair daqui...

E isso sem nem mesmo ter pensado em como estaria seu rosto. Tentou mover a língua, e a pontada de agonia o obrigou a fazer uma careta, mas dava para perceber que havia uma geografia terrivelmente desconhecida no interior de sua boca. Parecia inclinada, torcida, nada se encaixava como antes. Havia um espaço entres os dentes que parecia ter um quilômetro. Os lábios ardiam sob a bandagem. Espancados, rasgados, abertos. Ele era um monstro.

Uma sombra caiu no rosto de Jezal e ele franziu a testa ao olhar para cima. Nove Dedos estava junto dele, trazendo um odre no grande punho.

– Água – grunhiu ele.

Jezal a recusou, balançando a cabeça, mas o nórdico se agachou, tirou a tampa do odre e estendeu para o outro, mesmo assim.

– Precisa beber. Manter tudo limpo.

Jezal pegou o odre, mal-humorado, levou-o cautelosamente ao lado melhor da boca e tentou incliná-lo. O odre apenas pendeu inchado e frouxo. Jezal lutou por um momento, antes de perceber que não conseguiria beber com apenas uma das mãos boa. Tombou para trás, olhos fechados, expelindo a ar com força pelo nariz. Quase trincou os dentes de frustração, mas pensou melhor antes e desistiu.

– Tome.

Sentiu uma mão deslizar atrás de seu pescoço e levantar sua cabeça com firmeza.

– Guh! – grunhiu ele furiosamente, pensando em lutar, mas no fim deixou o

corpo ficar frouxo e se submeteu à infâmia de ser tratado como um bebê. De que adiantava, afinal de contas, fingir que não estava absolutamente impotente?

A água azeda, morna, escorreu para a boca e ele tentou engoli-la à força. Era como engolir vidro quebrado. Tossiu e cuspiu o resto. Ou tentou cuspir e descobriu que a dor era grande demais. Precisou se inclinar para a frente e deixar que ela escorresse do rosto, a maior parte descendo pelo pescoço e entrando no colarinho imundo da camisa. Recostou-se de volta pesadamente, com um gemido, e empurrou o odre com a mão boa.

Nove Dedos deu de ombros.

– Certo, mas você terá de tentar de novo. Precisa beber. Você se lembra do que aconteceu?

Jezal balançou a cabeça.

– Houve uma luta. Eu e a coisinha fofa ali – e ele indicou Ferro, que respondeu com uma carranca – cuidamos da maioria, mas parece que três passaram ao largo de nós. Você cuidou de dois, e se saiu bem, mas deixou de ver um, e ele o acertou na boca com uma maça. – Logen indicou o rosto de Jezal coberto com as bandagens. – Acertou com força, e você já conhece o resultado. Então você caiu e acho que ele o golpeou de novo, por isso está com o braço e a perna quebrados. Poderia ter sido muito pior. Se eu fosse você, agradeceria aos mortos por Quai estar lá.

Jezal piscou na direção do aprendiz. O que ele tinha a ver com a história? Mas Nove Dedos já estava respondendo.

– Ele veio por trás e bateu na cabeça do sujeito com uma panela. Bom, eu disse “bateu”, mas na verdade ele esmagou o crânio dele, não foi? – Logen riu para o aprendiz, que estava sentado olhando para a planície. – O nosso garoto bate forte, para um homem magro, não é? Mas foi uma pena o que aconteceu com a panela.

Quai deu de ombros como se arrebentar cabeças fosse algo que fizesse todo dia. Jezal supôs que deveria agradecer ao idiota doentio por ter salvado sua vida, mas não se sentia muito salvo. Em vez disso, tentou formar os sons com o máximo de clareza possível sem se machucar e produziu pouco mais do que um sussurro.

– Essá môto uim?

– Já passei por coisa pior.

Era um pequeno consolo.

– Você vai superar. Você é novo. Braço e perna emendam depressa.

O que significava, deduziu Jezal, que o mesmo não aconteceria com o rosto.

– É sempre ruim ter um ferimento, e o primeiro é o pior de todos. Eu chorei feito um neném em cada um desses – e Nove Dedos balançou a mão indicando o rosto devastado. – Quase todo mundo chora, isso é fato. Se serve de consolo.

Não serviu.

– Môto uim?

Nove Dedos coçou a barba crescida na bochecha.

– Seu queixo quebrou, você perdeu uns dentes, a boca foi rasgada, mas nós costuramos direitinho.

Jezal engoliu em seco, quase incapaz de pensar. Seus piores temores pareciam confirmados.

– O ferimento foi feio, e é um lugar ruim. É na boca, de modo que você não pode comer, não pode beber, quase não pode falar sem sentir dor. Não pode beijar também, claro, mas isso não deve ser problema aqui, não é? – O nórdico riu, mas Jezal não estava com clima para acompanhá-lo. – Foi um ferimento ruim mesmo. Um ferimento digno de nome, como diriam no lugar de onde eu vim.

– Um quê? – murmurou Jezal, lamentando imediatamente quando a dor lambeu o queixo.

– Um ferimento digno de nome, sabe? – E Nove Dedos balançou seu cotoco de dedo. – Um ferimento que poderia lhe valer um nome. Provavelmente chamariam você de Queixo Quebrado, Cara Torta, Banguela ou algo assim.

Ele sorriu de novo, mas Jezal deixara seu senso de humor no morro, entre as pedras, junto com os dentes quebrados. Podia sentir as lágrimas ardendo nos olhos. Quis chorar, mas isso fez sua boca esticar e os pontos repuxaram os lábios inchados por baixo da bandagem.

Nove Dedos fez mais um esforço.

– Você precisa ver o lado bom. Agora isso provavelmente não vai matar você. Se a podridão fosse aparecer, já teria chegado.

Jezal sentiu horror, os olhos cada vez mais arregalados à medida que as implicações da última fala ficavam claras. Seu queixo certamente teria caído, se não estivesse quebrado e amarrado com força. *Provavelmente* isso não o

mataria? A possibilidade de o ferimento infeccionar nem lhe havia ocorrido. Podridão? Na *boca*?

– Não estou ajudando, não é? – murmurou Logen.

Jezal cobriu os olhos com a mão boa e tentou chorar sem se ferir, com os soluços silenciosos chacoalhando seus ombros.

Tinham parado à margem de um grande lago. Água cinza e agitada sob um céu escuro, pesado de hematomas. Água soturna, céu soturno, tudo parecendo cheio de segredos, cheio de ameaças. Ondas sombrias batiam no cascalho frio. Pássaros sombrios grasnavam uns para os outros acima da água. Uma dor sombria pulsava em cada canto do corpo de Jezal, e não iria parar.

Ferro se agachou na frente dele, testa franzida, como sempre, cortando as bandagens com Bayaz atrás dela, olhando. Ao que tudo indicava, o Primeiro dos Magos havia acordado do torpor. Ele não dera explicação do que causara aquilo, nem de por que tinha voltado tão de súbito, mas ainda parecia doente. Mais velho do que nunca, e muito mais ossudo, os olhos fundos, a pele parecendo fina, pálida, quase transparente. Mas Jezal não tinha empatia para ceder, principalmente para o homem que arquitetara aquele desastre.

– Onde estamos? – murmurou em meio às pontadas.

Já era menos doloroso falar, mas ele ainda precisava falar baixo, com cuidado, e as palavras saíam densas e hesitantes como as de um retardado de um vilarejo.

Bayaz girou a cabeça, indicando a vastidão de água.

– Este é o primeiro dos três lagos. Estamos a caminho de Aulcus. Mais de metade da jornada já ficou para trás, eu diria.

Jezal engoliu a saliva. Metade do caminho não era nem de longe o consolo que ele buscava.

– Quanto tempo faz...

– Não posso trabalhar com você mexendo a boca, idiota – sibilou Ferro. – Quer que eu deixe você assim ou vai calar a matraca?

Jezal se calou. Ela puxou com cuidado a bandagem do rosto dele, olhou o

sangue marrom na tira de tecido, cheirou, franziu o nariz e descartou o pano, depois olhou com um jeito furioso para a boca de Jezal por um instante. Ele engoliu em seco, espiando o rosto escuro dela em busca de qualquer sinal do que Ferro poderia estar pensando. Daria os dentes por um espelho, se ainda tivesse todos.

– Está muito ruim? – perguntou ele, sentindo gosto de sangue na língua.

Ela fez uma careta de desprezo.

– Como se eu me importasse.

Um soluço veio de sua garganta, como uma tosse. Lágrimas arderam nos olhos. Ele teve de virar os olhos e piscar para não chorar. Era um espécime digno de pena, sem dúvida. Um bravo filho da União, um corajoso oficial do Próprio do Rei, nada menos que um vencedor do Campeonato, e nem conter o choro conseguia.

– Segure isso – disse Ferro rispidamente.

– Uh – sussurrou ele, tentando manter os soluços dentro do peito e impedir que embargassem a voz.

Segurou a ponta de uma bandagem nova contra o rosto enquanto Ferro a passava em volta da cabeça e por baixo do queixo, enrolando e enrolando, deixando a boca dele quase fechada.

– Você vai viver.

– Isso deveria ser um consolo? – murmurou ele.

Ela deu de ombros e se virou.

– Há muitos que não vivem.

Jezal quase os invejou enquanto a olhava se afastar pelo capim oscilante. Como desejava que Ardee estivesse ali! Lembrava-se da última visão dela, olhando-o sob a chuva fraca com aquele sorriso torto. Ela jamais o deixaria assim, desamparado e sentindo dor. Teria dito palavras suaves e tocado seu rosto, olhado-o com seus olhos escuros, beijado-o gentilmente e... bosta sentimental. Provavelmente ela já havia encontrado outro idiota para provocar, confundir, fazer sofrer, e nem ao menos pensara duas vezes nele. Torturava-se ao pensar em Ardee rindo das piadas de outro homem, sorrindo para outro homem, beijando outro homem. Agora ela jamais iria querê-lo, isso era certo. Ninguém iria querê-lo. Sentiu o lábio tremer de novo, os olhos arderem.

– Todos os grandes heróis de antigamente, sabe?, os grandes reis, os grandes

generais, todos enfrentaram a adversidade de tempos em tempos.

Jezal ergueu os olhos. Tinha quase esquecido que Bayaz estava ali.

– É o sofrimento que dá força ao homem, meu rapaz, assim como o aço mais martelado fica mais forte.

O velho estremeceu ao se agachar ao lado de Jezal.

– Qualquer um pode enfrentar a facilidade e o sucesso com confiança. É o modo como enfrentamos os problemas e os infortúnios que nos define. A autopiedade anda junto com o egoísmo, e não há nada mais deplorável num líder. O egoísmo pertence às crianças e aos idiotas. Um grande líder coloca os outros antes de si mesmo. Você se surpreenderia ao descobrir que agir assim torna mais fácil suportar nossos próprios problemas. Para agir como um rei é preciso tratar todo mundo como rei.

Ele pôs a mão no ombro de Jezal. Talvez aquilo devesse ser um toque paternal e tranquilizador, mas o rapaz sentia a mão tremendo através da camisa. Bayaz a deixou pousada ali um momento, como se não tivesse força para movê-la, depois se levantou devagar, esticou as pernas e foi andando, arrastando os pés.

Jezal ficou observando-o inexpressivo. Algumas semanas antes, ficaria fumegando em silêncio com um sermão daqueles. Agora permaneceu sentado de um jeito frouxo e o internalizou de forma submissa. Nem sabia mais quem era. Era difícil manter qualquer senso de superioridade quando se depedia totalmente de outras pessoas. E pessoas sobre quem, até pouco tempo, ele tinha uma opinião muito ruim. Já não se iludia. Sem o tratamento médico selvagem de Ferro, sem os cuidados desajeitados de Nove Dedos, provavelmente estaria morto.

O nórdico vinha se aproximando, com as botas fazendo barulho no cascalho. Era hora de voltar para a carroça. Hora de mais guinchos e sacudidas. Hora de mais dor. Jezal deu um suspiro longo, entrecortado, com pena de si mesmo, mas parou na metade. Autopiedade era coisa para crianças e idiotas.

– Certo, você sabe como é.

Jezal se inclinou para a frente e Nove Dedos passou um braço pelas suas costas, o outro por baixo dos joelhos, levantou-o por cima da lateral da carroça sem ao menos ofegar e o largou sem cerimônia, no meio dos suprimentos. Quando Logen ia se afastar, Jezal segurou sua mão grande e suja de quatro dedos, e o nórdico se virou para olhá-lo, com uma sobrancelha grossa erguida.

Jezal engoliu em seco.

– Obrigado – murmurou.

– O quê? Por isso?

– Por tudo.

Nove Dedos o encarou por um longo momento, depois encolheu os ombros.

– De nada. Se você tratar as pessoas como quer ser tratado, não pode errar muito. Era o que meu pai dizia. Esqueci esse conselho por muito tempo e fiz coisas que nunca vou poder compensar. – Ele deu um suspiro longo. – Mesmo assim, não custa nada tentar. Minha experiência? No fim das contas, você recebe o que você dá.

Jezal piscou para as costas largas de Nove Dedos, que já voltava para o cavalo. Tratar as pessoas como quer ser tratado. Será que Jezal poderia dizer honestamente que já havia feito isso? À medida que a carroça começava a ranger os eixos e andar, ele foi pensando nisso, a princípio descuidadamente, depois com preocupação cada vez maior.

Tinha tratado mal quem estava abaixo, tinha puxado o saco dos superiores. Frequentemente arrancara dinheiro de amigos que não podiam se dar a esse luxo, se aproveitara de garotas, depois as dispensara. Nunca agradecera a seu amigo West por nenhuma ajuda, e teria ficado feliz em dormir com sua irmã pelas costas dele, se ela permitisse. Percebeu, com horror cada vez maior, que não conseguia pensar em uma única coisa altruísta que tivesse feito.

Remexeu-se desconfortável de encontro aos sacos de alimentos na carroça. Você recebe o que você dá, no fim das contas, e bons modos não custam nada. Passaria a pensar primeiro nos outros. Trataria todo mundo como igual. Só que isso seria mais tarde, claro. Haveria tempo suficiente para ser um homem melhor, quando pudesse comer de novo. Encostou a mão nas bandagens do rosto, coçou-as distraidamente e depois teve de parar. Bayaz cavalgava logo atrás da carroça, olhando para a água.

– Você viu? – murmurou Jezal para ele.

– Vi o quê?

– Isso. – Ele apontou um dedo para o rosto.

– Ah, isso. É, vi.

– Está muito ruim?

Bayaz inclinou a cabeça de lado.

– Sabe, no geral, acho que eu gosto.

– Gosta?

– Agora não, talvez, mas os pontos vão sair, o inchaço vai diminuir, os hematomas vão desbotar, as cascas vão se curar e cair. Acho que seu queixo nunca mais vai recuperar o formato, e os dentes, claro, não vão crescer de volta, mas o que você perde em charme juvenil vai ganhar, sem dúvida, num certo ar de perigo, num certo quê, num mistério rude. As pessoas respeitam um homem que esteve em ação, e sua aparência estará muito longe de ser arruinada. Ouso dizer que as garotas ainda vão desmaiar por você, se fizer alguma coisa pela qual valha a pena desmaiar. – Ele balançou a cabeça, pensativo. – É. No total, acho que vai servir.

– Servir? – murmurou Jezal, com a mão apertando a bandagem. – Servir para quê?

Mas a mente de Bayaz havia se desviado.

– Harod, o Grande, tinha uma cicatriz, sabe? Atravessava a bochecha, e isso nunca lhe fez mal nenhum. Não dá para ver nas estátuas, claro, mas as pessoas o respeitavam mais ainda por ela, em vida. Era de fato um grande homem, o Harod. Tinha uma brilhante reputação de ser justo e digno de confiança, e em geral era mesmo. Mas sabia como não ser, quando a situação exigia. – O mago riu sozinho. – Já contei sobre a vez em que ele convidou seus dois maiores inimigos para negociar? Antes que o dia terminasse, fez os dois criarem uma rixa, e mais tarde seus exércitos se destruíram em batalha, deixando-o vitorioso sobre ambos sem ter dado um único golpe. Ele sabia, claro, que Ardlic tinha uma esposa linda...

Jezal relaxou deitado na carroça. De fato Bayaz já havia contado essa história, mas não parecia haver sentido em dizer. Na verdade, estava gostando de ouvi-la pela segunda vez, e pelo jeito não tinha nada melhor para fazer. Havia algo calmante no tom repetitivo da voz profunda do velho, sobretudo agora, que o sol rompia as nuvens. Sua boca quase não doía, se ele a mantivesse imóvel.

Portanto Jezal se recostou num saco de palha, a cabeça virada de lado, balançando suavemente com o movimento da carroça, e observou a terra deslizar. Observou o vento no capim. Observou o sol na água.

Um passo de cada vez

West trincou os dentes arrastando-se pela encosta gelada.

Seus dedos estavam entorpecidos, fracos e trêmulos de agarrar a terra fria, as raízes geladas, a neve congelada. Seus lábios estavam rachados, o nariz escorria sem parar, as narinas estavam horrivelmente feridas. Até o ar cortava a garganta e mordia os pulmões, saía chiando numa fumaça que coçava. Ponderou se dar o casaco a Ladisla teria sido a pior decisão de sua vida. Provavelmente, sim. Exceto pela decisão de salvar o desgraçado egoísta, para começo de conversa.

Mesmo quando estivera treinando para o Campeonato, cinco horas por dia, jamais imaginara que poderia ficar tão cansado. Comparado a Três Árvores, o lorde marechal Varuz parecia um mestre quase risivelmente manso. West era acordado com sacudidas antes do alvorecer, todas as manhãs, e praticamente não tinha permissão de descansar até que a última luz do dia se desbotasse. Os nórdicos eram máquinas, todos eles. Homens esculpidos em madeira que jamais se cansavam, não sentiam dor. Cada músculo de West doía devido ao ritmo implacável deles. Estava coberto de hematomas e arranhões de uma centena de quedas e escaladas difíceis. Os pés estavam feridos e com bolhas dentro das botas molhadas. E havia a pulsação familiar na cabeça, latejando ao ritmo do esforço do coração, misturando-se desagradavelmente à ardência do ferimento no couro cabeludo.

O frio, a dor e a fadiga já eram bastante ruins, mas pior ainda era o sentimento avassalador de vergonha, fracasso e culpa que o esmagavam a cada passo. Fora mandado com Ladisla para garantir que não houvesse desastres. O resultado havia sido uma catástrofe numa escala quase incompreensível. Toda uma divisão massacrada. Quantas crianças sem pais? Quantas mulheres sem maridos? Quantos pais sem filhos? Se pudesse ter feito mais, disse a si mesmo pela milésima vez, cerrando os punhos sem sangue... Se tivesse convencido o

príncipe a ficar atrás do rio, talvez todos aqueles homens continuassem vivos. Tantos mortos! Nem sabia se tinha pena ou inveja deles.

– Um passo de cada vez – murmurou para si mesmo enquanto subia a encosta.

Era o único modo de ver a coisa. Se você trincasse os dentes com força e desse passos suficientes, poderia chegar a qualquer lugar. Um passo doloroso, cansado, congelado, culpado de cada vez. O que mais poderia fazer?

Nem bem haviam chegado ao topo do morro, o príncipe Ladisla se jogou contra as raízes de uma árvore, como fazia pelo menos uma vez a cada hora.

– Coronel West, por favor! – ofegou ele, a respiração soltando vapor em volta do rosto estufado. Tinha dois fios de ranho brilhante no lábio superior pálido, como uma criancinha. – Não posso continuar! Diga a eles... diga para pararem, por piedade!

West xingou baixinho. Os nórdicos já estavam chateados e fazendo cada vez menos esforço para disfarçar, mas, gostando ou não, Ladisla ainda era seu comandante. Para não mencionar que era o herdeiro do trono. West não podia ordenar que ele se levantasse.

– Três Árvores – disse num chiado.

O velho guerreiro franziu a testa olhando por cima do ombro.

– É melhor não pedir para eu parar, garoto.

– Precisamos parar.

– Pelos mortos! De novo? Vocês, sulistas, não têm tutano! Não é de espantar que Bethod tenha dado uma surra tão grande em vocês. Se não aprenderem a marchar, seus desgraçados, ele vai lhes dar outra surra, isso eu garanto!

– Por favor. Só um instante.

Três Árvores olhou com irritação para o príncipe esparramado e balançou a cabeça, cheio de nojo.

– Certo, então. Podem sentar um minuto, se isso vai fazer vocês andarem mais rápido, mas não se acostumem, ouviu? Nós não andamos nem metade do terreno que precisamos cobrir hoje, se quisermos ficar à frente de Bethod.

E foi saindo irritado, para gritar com Cachorrão.

West se agachou sobre os calcanhares, remexendo os dedos entorpecidos dos pés, juntando as mãos em concha e soprando nelas. Queria se esparramar como Ladisla, mas aprendera a duras penas que, se parasse de se mexer, seria mais

doloroso ainda recomeçar. Pike e sua filha ficaram de pé junto deles, nem de longe sem fôlego. Era uma prova difícil – se alguma fosse necessária – de que trabalhar em metalurgia numa colônia penal era uma preparação melhor para percorrer terrenos árduos do que a vida de facilidades.

Ladisla pareceu adivinhar o que ele estava pensando.

– Você não tem ideia de como isso é difícil para mim! – disse ele bruscamente.

– Não, claro! – reagiu West rispidamente, com a paciência quase esgotada. – O senhor tem o peso extra do meu casaco para carregar!

O príncipe piscou, depois encarou o chão molhado, com os músculos do maxilar se mexendo em silêncio.

– Está certo. Desculpe. Sei que lhe devo a vida, claro. Não estou acostumado a esse tipo de coisa, veja bem. Nem um pouco acostumado. – Ele repuxou as lapelas puídas e imundas do casaco e deu um risinho lamentável. – Minha mãe sempre disse que um homem deve se apresentar bem em qualquer circunstância. Imagino o que ela acharia disso.

Mas West notou que ele não se ofereceu para devolver o casaco. Ladisla encolheu os ombros.

– Acho que eu deveria admitir parte da culpa por essa coisa toda.

Parte? West quis chutá-lo com uma parte de sua bota.

– Eu deveria ter ouvido você, coronel. Sabia disso o tempo todo. A cautela é a melhor política na guerra, não é? Esse sempre foi o meu lema. Deixei aquele imbecil do Smund me convencer a agir sem pensar. Ele sempre foi um idiota.

– Lord Smund deu sua vida – murmurou West.

– Uma pena que não a tenha dado um dia antes, assim talvez não estivéssemos nesta encrenca! – O lábio do príncipe tremeu ligeiramente. – O que acha que vão falar disso em Adua, hein, West? O que acha que vão dizer sobre mim agora?

– Não faço ideia, Alteza.

Não podia ser muito pior do que já falavam. West tentou esmagar a raiva e se colocar na posição de Ladisla. Ele era tão absolutamente incapacitado para as dificuldades daquela marcha, tão completamente despreparado, tão inteiramente dependente dos outros para tudo! Um homem que jamais tivera de tomar uma decisão mais importante que qual chapéu usar agora precisava enfrentar a

responsabilidade por milhares de mortes. Não era de espantar que não tivesse ideia de como fazer isso.

– Se ao menos eles não tivessem fugido! – Ladisla cerrou os punhos e bateu de forma petulante na raiz de uma árvore. – Por que não ficaram e lutaram, os desgraçados covardes? Por que não lutaram?

West fechou os olhos, fez o máximo para ignorar o frio, a fome e a dor e afastar a fúria que ardia no peito. Era sempre assim. Justo quando Ladisla estava finalmente começando a ganhar alguma simpatia, deixava escapar uma observação desprezível que trazia de volta, num dilúvio, a aversão que West sentia pelo sujeito.

– Eu não saberia dizer, Alteza – conseguiu pôr para fora entre os dentes trincados.

– Certo – resmungou Três Árvores –, já chega! De pé de novo, sem desculpas!

– Não é para levantarmos já, é, coronel?

– Infelizmente, sim.

O príncipe suspirou e se levantou com uma careta de dor.

– Não tenho ideia de como eles conseguem isso, West.

– Um passo de cada vez, Alteza.

– Claro – murmurou Ladisla, começando a cambalear entre as árvores atrás dos dois condenados. – Um passo de cada vez.

West moveu os tornozelos doloridos por um momento e se levantava para ir atrás, quando sentiu uma sombra cair sobre ele. Ergueu os olhos e viu que Barca Negra havia entrado em seu caminho, bloqueando-o com um ombro pesado, o rosto rosnando a menos de dois palmos de distância. Ele assentiu na direção das costas do príncipe que se moviam lentamente.

– Quer que eu mate ele? – rosnou em nórdico.

– Se tocar em algum deles... – West havia cuspido as palavras antes que tivesse ideia de como terminar. – Eu...

– O quê?

– Mato você.

O que mais poderia dizer? Sentiu-se como uma criança fazendo ameaças ridículas num pátio de escola. Um pátio de escola extremamente frio e perigoso, e para um garoto com o dobro do seu tamanho.

Mas Barca Negra apenas riu.

– Você tem muito temperamento, para um homem tão magricelo. De repente estamos falando de um monte de mortes. Tem certeza que você tem tutano para isso?

West tentou parecer o maior que podia, o que não era fácil, parado abaixo na encosta e encurvado de exaustão. Você precisa demonstrar que não tem medo, se quiser acalmar uma situação perigosa, por pior que esteja se sentindo.

– Por que não experimenta?

Sua voz saiu digna de pena, mesmo aos próprios ouvidos.

– Talvez eu faça isso.

– Avise quando for a hora. Eu odiaria se não percebesse.

– Ah, não se preocupe – sussurrou Barca Negra, virando a cabeça e cuspindo no chão. – Você vai perceber quando acordar com a garganta cortada.

E ele foi subindo a encosta lamacenta, suficientemente devagar para mostrar que não estava com medo. West desejou ser capaz de dizer o mesmo. Seu coração martelava forte enquanto ele ia atrás dos outros, por entre as árvores. Passou determinado por Ladisla e alcançou Cathil, ajustando o passo ao dela.

– Você está bem? – perguntou.

– Já passei por coisa pior. – Ela o olhou de cima a baixo. – E você?

De repente West percebeu como sua aparência devia estar. Cortara buracos para os braços em um saco velho e o vestira sobre o uniforme imundo, com o cinto afivelado por cima e a espada pesada enfiada nele e batendo na perna. A barba que crescia no queixo que não parava de bater lhe causava coceira e ele supunha que seu rosto devia ser uma mistura de rosa furioso com cinza cadavérico. Enfiou as mãos nas axilas e deu um sorriso triste.

– Com frio.

– E parece mesmo. Talvez devesse ter ficado com o casaco.

Ele teve de concordar. Espiou entre os galhos de pinheiros, olhando as costas de Barca Negra, e pigarreou.

– Nenhum deles andou... incomodando você, não é?

– Me incomodando?

– Bom, você sabe – disse West, sem jeito. – Uma mulher no meio de todos esses homens... Eles não estão acostumados com isso. O modo como o tal Barca Negra olha para você. Não sei...

– É muito nobre da sua parte, coronel, mas eu não me preocuparia com eles. Duvido que façam mais do que olhar, e já lidei com gente pior do que essa.

– Pior do que ele?

– No primeiro campo em que eu estive, o comandante gostou de mim. Acho que eu ainda tinha o brilho de uma boa vida livre na pele. Ele me fez passar fome para conseguir o que queria. Cinco dias sem comida.

West estremeceu.

– E isso foi o bastante para fazer com que ele desistisse?

– Eles não desistem. Cinco dias foi tudo o que eu pude suportar. A gente faz o que é preciso.

– Quer dizer...

– O que é preciso. – Ela deu de ombros. – Não me orgulho disso, mas também não me envergonho. Nem orgulho nem vergonha alimentam a gente. A única coisa de que me arrependo são aqueles cinco dias de fome, cinco dias em que eu poderia ter comido bem. A gente faz o que é preciso. Não me importa quem você seja. Assim que a gente começa a passar fome... – Ela deu de ombros outra vez.

– E o seu pai?

– Pike? – Ela direcionou o olhar para o condenado de rosto queimado, à frente deles. – É um bom homem, mas não é meu parente. Não faço ideia do que tenha acontecido com minha família verdadeira. Provavelmente foi espalhada por toda a Angland, se eles ainda estiverem vivos.

– Então ele é...

– Às vezes, se a gente finge que tem uma família, as pessoas agem de modo diferente. Nós ajudamos um ao outro. Se não fosse por Pike, acho que eu ainda estaria martelando metal no campo.

– Em vez disso, está desfrutando desse passeio maravilhoso.

– Hum. A gente se vira com o que tem.

Ela baixou a cabeça e acelerou o passo, adiantando-se entre as árvores. West a obser-vou afastar-se. Ela tinha tutano, diriam os nórdicos. Ladisla poderia aprender uma ou duas coisas de sua determinação. West olhou por cima do ombro para o príncipe, cambaleando afetadamente pela lama com uma expressão petulante no rosto. Soltou um suspiro que virou fumaça. Parecia tarde demais para Ladisla aprender alguma coisa.

Uma refeição miserável composta de um pedaço de pão velho e uma caneca de cozido frio. Três Árvores não deixava acenderem fogueira, apesar das súplicas de Ladisla. O risco de serem vistos era grande demais. Por isso ficaram sentados falando baixinho na penumbra que se aproximava, a pouca distância dos cinco nórdicos. Conversar era bom, nem que fosse para afastar a mente do frio, das dores e do desconforto. Nem que fosse para impedir que os dentes batessem.

– Você disse que lutou em Kanta, hein, Pike? Na guerra?

– Isso mesmo. Fui sargento lá. – Pike assentiu lentamente, os olhos brilhando na devastação rosada do rosto. – É difícil acreditar que a gente vivia com calor, hein?

West soltou um gorgolejo triste. A coisa mais próxima de um riso que ele conseguia.

– Qual era a sua unidade?

– Eu estava no primeiro regimento da cavalaria do Próprio do Rei, sob o comando do coronel Glokta.

– Mas esse era o meu regimento!

– Eu sei.

– Não me lembro de você.

As queimaduras de Pike se mexeram de um modo que West achou que poderia ser um sorriso.

– Na época eu era diferente. Mas me lembro do senhor. Tenente West. Os homens gostavam do senhor. Era um homem bom para se procurar quando havia um problema.

West engoliu em seco. Agora não era muito bom em resolver problemas. Só em causá-los.

– E como você foi parar no campo de prisioneiros?

Pike e Cathil trocaram olhares.

– Em geral, entre os condenados, a gente não pergunta.

– Ah. – West baixou os olhos, esfregou as mãos. – Desculpe. Não quis ofender.

– Não ofendeu. – Pike fungou e coçou o lado do nariz derretido. – Eu cometi

uns erros. Vamos deixar assim. O senhor tem família?

West se encolheu, cruzou os braços bem apertado diante do peito.

– Tenho uma irmã em Adua. Ela é... complicada. – Ele achou melhor parar por aí. – E você?

– Tive uma mulher. Quando fui mandado para cá, ela optou por ficar para trás. Antigamente eu a odiava por isso, mas, sabe de uma coisa?, não posso dizer que não faria o mesmo.

Ladisla saiu do meio das árvores, limpando as mãos na bainha do casaco de West.

– Assim está melhor! Deve ter sido a porcaria daquela carne de manhã.

Ele se sentou entre West e Cathil e ela torceu o nariz, como se alguém tivesse jogado uma pá de merda ao seu lado. Dava para dizer que os dois não estavam se dando bem.

– Do que vocês estavam falando?

West estremeceu.

– Pike estava falando da mulher dele...

– Ah! Vocês sabem, é claro, que eu estava noivo e ia me casar com a princesa Terez, filha do grão-duque Orso, de Talins. Ela é uma conhecida beldade... – Ladisla deixou o resto no ar, franzindo a testa para as árvores sombreadas, como se até ele tivesse uma leve percepção de como era bizarro falar essas coisas nas regiões ermas de Angland. – Mas estou começando a suspeitar de que ela não esteja tão contente com o casamento.

– Não podemos imaginar por quê – murmurou Cathil, e era pelo menos a décima provocação da noite.

– Eu sou herdeiro do trono! – disse rispidamente o príncipe. – Um dia serei seu rei! Não faria mal a ninguém se você me tratasse com algum respeito!

Ela riu na cara dele.

– Não tenho país nem rei, e certamente não tenho nenhum respeito por você.

Ladisla ofegou de indignação.

– Não admito que falem comigo desse...

Barca Negra surgiu diante deles, vindo de lugar nenhum.

– Feche a porra da boca dele! – rosnou em nórdico, golpeando o ar com um dedo grosso. – Bethod pode ter ouvidos em todo lugar! Faça a língua dele parar ou ela vai ser arrancada! – Ele se fundiu de volta às sombras.

– Ele gostaria que ficássemos quietos, Alteza – traduziu West num sussurro.

O príncipe engoliu em seco.

– Foi o que deduzi.

Ele e Cathil encolheram os ombros e se entreolharam furiosos, em silêncio.



West estava deitado de costas no chão duro, com a lona estalando logo acima do rosto, olhando a neve cair suavemente para além dos calombos pretos das botas. Cathil estava encostada nele num dos lados, Cachorrão no outro. O restante do bando se encontrava ao redor, todos espremidos embaixo de um grande cobertor fedorento. Todos menos Barca Negra, que estava lá fora, de vigia. Um frio daqueles era uma coisa incrível para aproximar as pessoas.

Um ronco trovejante vinha da outra extremidade do grupo. Três Árvores ou Tul, provavelmente. Cachorrão costumava se remexer muito no sono, sacudindo-se, esticando-se e trinando sons sem sentido. A respiração de Ladisla chiava à direita, fraca e encatarrada. Todos haviam dormido, mais ou menos, assim que deitaram a cabeça.

Mas West não conseguia dormir. Estava ocupado demais pensando em todas as dificuldades, nas derrotas sofridas e nos perigos terríveis que corriam. E não somente eles. O marechal Burr poderia estar em algum lugar nas florestas de Angland, apressando-se para fazer o resgate no sul, sem saber que caía numa armadilha. Sem saber que Bethod o esperava.

A situação era difícil, mas, contra toda a razão, o coração de West estava leve. O fato era que aqui as coisas eram simples. Não havia batalhas cotidianas para travar, nem preconceitos para superar, nem necessidade de pensar em mais do que uma hora à frente. Ele se sentia livre pela primeira vez em meses.

Ele estremeceu e esticou as pernas doloridas, sentiu Cathil se remexer no sono, ao lado, a cabeça encostando em seu ombro, o rosto pressionado contra seu uniforme sujo. Podia sentir o calor da respiração dela no rosto, o calor de seu corpo através da roupa dos dois. Um calor agradável. O efeito só era ligeiramente prejudicado pelo fedor de suor e terra molhada – e pelos guinchos e murmúrios de Cachorrão no outro ouvido. West fechou os olhos com um riso

levíssimo no rosto. Talvez as coisas ainda pudessem ser consertadas. Talvez ainda tivesse chance de ser herói. Se pudesse levar Ladisla vivo de volta para o lorde marechal Burr...

O resto é conversa fiada

Ferro cavalgava e avaliava o terreno. Continuavam seguindo a água escura, o vento ainda soprava frio através de suas roupas, o céu permanecia pesado de caos, no entanto o território mudava. Se antes fora plano como uma mesa, agora era cheio de subidas e descidas súbitas, ocultas. Território onde homens poderiam se esconder, e ela não gostava de pensar nisso. Não que sentisse medo, porque Ferro Maljinn não temia ninguém. Mas precisava olhar e ouvir com mais atenção, buscando sinais de que alguém houvesse passado por ali, sinais de que alguém estivesse à espera.

Era puro bom senso.

O capim também havia mudado. Ela se acostumara a tê-lo a toda a volta, alto e oscilando ao vento, mas aqui ele era mais curto e seco, e pálido feito palha. E ia ficando mais baixo à medida que eles prosseguiam. Hoje havia trechos descobertos espalhados ao redor. Terra nua onde nada crescia. Terra vazia, como a poeira das Terras Ruins.

Terra morta.

E morta sem um motivo que ela pudesse ver. Franziu a testa olhando a planície enrugada, na direção dos morros distantes, uma linha fraca e serrilhada acima do horizonte. Nada se movia em todo aquele vasto espaço. Nada além deles e das nuvens impacientes. E um pássaro, pairando alto, quase imóvel no ar, com as penas compridas das asas escuras balançando.

– O primeiro pássaro que vejo em dois dias – grunhiu Nove Dedos, espiando-o com suspeitas.

– Hum – grunhiu ela. – Os pássaros têm mais tino do que nós. O que estamos fazendo aqui?

– Não temos um lugar melhor para estar.

Ferro tinha lugares melhores para estar. Qualquer um onde houvesse

gurkenses para matar.

– Fale por você.

– O quê? Você tem um bando de amigos lá nas Terras Ruins, todos perguntando por você? Aonde Ferro está? Toda a diversão acabou desde que ela partiu. – E ele resfolegou como se tivesse dito algo engraçado.

Ferro não imaginava o quê.

– Nem todos conseguimos ser tão amados quanto você, rosado. – Ela também resfolegou. – Tenho certeza de que vai haver uma festa quando você voltar ao Norte.

– Ah, vai haver uma festa, sim. Logo que tiverem me enforcado.

Ela pensou nisso durante um minuto, espiando-o de esguelha. Sem virar a cabeça, de modo que, se ele olhasse, ela poderia desviar os olhos e fingir que não o observava. Tinha de admitir, agora que ia se acostumando com ele, que o rosado grandalhão não era tão mau. Haviam lutado juntos, mais de uma vez, e ele sempre fizera sua parte. Os dois tinham concordado em enterrar um ao outro, se fosse necessário, e ela confiava que ele faria isso. Logen tinha aparência estranha, falava de modo estranho, mas ela ainda não o vira prometer fazer algo e não cumprir, o que fazia dele um dos melhores homens que já conhecera. Melhor não lhe dizer isso, claro, nem dar qualquer sinal de que pensava assim.

Seria nesse momento que ele a deixaria na mão.

– Então você não tem ninguém? – perguntou ela.

– Ninguém, a não ser inimigos.

– Por que não está lutando contra eles?

– Lutando? As lutas me deram tudo o que eu tenho. – E ele levantou as grandes mãos vazias para mostrar. – Nada além de uma reputação maligna e um monte de homens com uma necessidade ardente de me matar. Lutar? Rá! Quanto melhor você é nisso, pior isso o deixa. Já resolvi algumas pendências, e a sensação pode ser ótima, mas não dura muito. A vingança não mantém a gente aquecido à noite, e isso é fato. É uma coisa superestimada. Sozinha, não adianta. A gente precisa de outra coisa.

Ferro balançou a cabeça.

– Você espera demais da vida, rosado.

Ele riu.

– E eu que estava pensando que você espera de menos.

– Quando você não espera nada, não se decepciona.

– Quando você não espera nada, não consegue nada.

Ferro fechou a cara. Esse era o problema de conversar. De algum modo, a conversa sempre a levava para onde não queria ir. Talvez fosse falta de prática. Puxou as rédeas e bateu os calcanhares no cavalo, afastando-se de Nove Dedos e dos outros, indo sozinha para o lado.

Silêncio, então. O silêncio era monótono, mas era honesto.

Franziu a testa na direção de Luthar, sentado na carroça, e ele sorriu em resposta feito um idiota, o riso mais largo que ele podia dar com bandagens sobre metade do rosto. Ele parecia diferente, de algum modo, e ela não gostava disso. Na última vez que havia trocado os curativos, ele tinha agradecido, e isso parecera estranho. Ferro não gostava de agradecimentos. Geralmente escondiam alguma coisa. Incomodava-a ter feito algo que merecesse agradecimento. Ajudar os outros levava a amizades. E amizades levavam a decepções, na melhor das hipóteses.

Na pior, levavam a traições.

Luthar estava dizendo algo a Nove Dedos, conversando com ele, da carroça. O nórdico inclinou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada estúpida que fez seu cavalo se assustar e quase jogá-lo no chão. Bayaz oscilava contente na sela, com rugas felizes nos cantos dos olhos enquanto olhava Nove Dedos lutar com as rédeas. Ferro fez uma carranca na direção da planície.

Preferia a época em que ninguém gostava um do outro. Era confortável e familiar. Assim ela entendia tudo. Confiança, camaradagem e bom humor eram coisas que haviam ficado tão distantes em seu passado que eram quase desconhecidas.

E quem gosta do desconhecido?

Ferro tinha visto muitos homens mortos. Matara mais que o seu quinhão. Tinha enterrado um bom número com as próprias mãos. A morte era sua profissão e seu passatempo. Mas nunca vira tantos cadáveres de uma vez só. O capim ralo estava coberto deles. Deslizou da sela e andou no meio dos corpos.

Não havia nada para indicar quem havia lutado contra quem, que lado era qual.

Os mortos são todos iguais.

Principalmente depois de terem sido saqueados – as armaduras, as armas e metade das roupas tinham sido tiradas. Os corpos estavam amontoados e embolados num ponto, à sombra comprida de uma coluna quebrada. Uma coisa que parecia antiga, rachada e despedaçada, a pedra se desfazendo, com capim seco brotando e manchada de líquen. Um grande pássaro preto estava empoleirado em cima, asas dobradas, espiando Ferro com olhos pequenos, sem piscar, à medida que ela se aproximava.

O cadáver de um homem enorme estava deitado, meio apoiado na pedra arrebentada, com uma haste quebrada ainda na mão sem vida, sangue escuro e terra escura encrustados sob as unhas. Provavelmente a haste tivera uma bandeira, pensou Ferro. Soldados pareciam gostar um bocado de bandeiras. Ela nunca entendera por quê. Não dava para matar um homem com uma bandeira. Não dava para se proteger com uma bandeira. No entanto os homens morriam por causa delas.

– Besteira – murmurou, franzindo a testa para o grande pássaro na coluna.

– Um massacre – disse Nove Dedos.

Bayaz resmungou algo e coçou o queixo.

– Mas quem foi massacrado, quem massacrou?

Ferro podia ver o rosto inchado de Luthar espiando preocupado e de olhos arregalados por cima da lateral da carroça. Quai estava à frente dele, no banco do cocheiro, as rédeas frouxas nas mãos, o rosto inexpressivo enquanto ele olhava os cadáveres.

Ferro virou um corpo e o cheirou. Pele pálida, lábios escuros, ainda sem fedor.

– Não faz muito tempo que aconteceu. Dois dias, talvez?

– Mas sem moscas? – Nove Dedos franziu os olhos para os corpos. Havia alguns pássaros empoleirados neles, observando. – Só pássaros. E não estão comendo. É estranho.

– Na verdade, não, amigo!

Ferro levantou a cabeça bruscamente. Um homem vinha andando depressa pelo campo de batalha, na direção deles. Era um rosado alto com casaco rasgado, um pedaço de madeira nodosa na mão. Tinha cabelos oleosos e desgrenhados,

barba comprida embolada. Os olhos saltavam com um brilho louco num rosto escavado por rugas fundas. Ferro o encarou sem saber como ele poderia ter chegado tão perto sem que ela o notasse.

Os pássaros voaram de cima dos corpos ao ouvir sua voz, mas não se afastaram dele. Voaram para ele, alguns pousando em seus ombros, alguns batendo asas em cima de sua cabeça e em volta dele, em círculos amplos. Ferro pegou seu arco e fez menção de tirar uma flecha, mas Bayaz estendeu o braço.

– Não.

– Estão vendo isso?

O rosado alto apontou para a coluna partida, e o pássaro voou dela e foi até seu dedo estendido.

– Uma coluna dos 150 quilômetros! Faltam 150 quilômetros até Aulcus!

Ele baixou o braço e o pássaro pulou em seu ombro perto dos outros, e ficou ali, parado e silencioso.

– Vocês estão nos limites da terra morta! Nenhum animal vem aqui se não for feito para vir!

– Como vai, irmão? – gritou Bayaz, e Ferro guardou a flecha, frustrada.

Outro mago. Devia ter adivinhado. Sempre que você juntava dois daqueles idiotas velhos, certamente haveria muito abrir e fechar de lábios, muitas palavras produzidas.

E isso significava muitas mentiras.

– O grande Bayaz! – gritou o recém-chegado, aproximando-se. – O Primeiro dos Magos! Fiquei sabendo que você vinha pelos pássaros do ar, pelos peixes da água, pelos animais da terra, e agora vejo com meus próprios olhos, no entanto quase não acredito. É verdade? Esses pés abençoados tocam este chão sangrento?

Ele bateu com o cajado no chão e, ao fazer isso, o grande pássaro preto saltou de seu ombro e segurou a ponta dele com as garras, batendo asas até se acomodar. Ferro deu um passo cauteloso para trás, pondo uma das mãos na faca. Não pretendia levar uma cagada de uma daquelas coisas.

– Zacharus – disse Bayaz, descendo rigidamente da sela, mas Ferro achou que ele disse o nome com pouco júbilo. – Você parece estar em boa saúde, irmão.

– Pareço cansado. Pareço cansado, com sede e louco, porque é isso que sou.

É difícil achar você, Bayaz. Andei procurando por toda a planície.

– Nós estamos nos mantendo fora das vistas. Os aliados de Khalul também nos procuram. – O olhar de Bayaz passou pela carnificina. – Isso é obra sua?

– Do meu protegido, o jovem Goltus. Ele é feroz como um leão, vou dizer, é um imperador tão bom quanto os grandes homens de antigamente! Capturou seu maior rival, o irmão Scario, e demonstrou misericórdia. – Zacharus fungou. – Não foi meu conselho, mas os jovens fazem o que querem. Estes eram os últimos homens de Scario. Os que não quiseram se render.

Ele balançou a mão descuidadamente indicando os cadáveres, e os pássaros em seus ombros balançaram as asas junto.

– A misericórdia só vai até certo ponto – observou Bayaz.

– Eles não iriam entrar na terra morta, por isso fizeram a resistência aqui, e aqui morreram, na sombra das colunas dos 150 quilômetros. Goltus tirou deles o estandarte da Terceira Legião. O estandarte sob o qual o próprio Stolicus cavalgou para a batalha. Uma relíquia do Tempo Antigo! Assim como você e eu, irmão.

Bayaz não pareceu impressionado.

– Um pedaço de pano velho. Serviu pouquíssimo para esses sujeitos aqui. Carregar um pedaço de comida de traças não faz com que um homem seja Stolicus.

– Talvez não. Para dizer a verdade, aquela coisa está muito desbotada. Suas joias foram arrancadas e vendidas há muito tempo, para comprar armas.

– Joias são um luxo hoje em dia, mas todo mundo precisa de armas. Onde está seu jovem imperador agora?

– Já retornando para o leste, sem tempo nem mesmo para queimar os mortos. Está indo para Darmium, sitiar a cidade e enforcar aquele louco do Cabrian na muralha. Então talvez tenhamos paz.

Bayaz resfolegou sem alegria.

– Você ao menos se lembra de como é ter paz?

– Você ficaria surpreso com as coisas que eu lembro. – E os olhos saltados de Zacharus espiaram Bayaz. – Mas como vão as coisas no mundo lá fora? Como vai Yulwei?

– Vigiando, como sempre.

– E nosso outro irmão, a vergonha da família, o grande Profeta Khalul?

O rosto de Bayaz ficou duro.

– Sua força cresce. Ele começa a agir. Sente que sua hora chegou.

– E você pretende impedi-lo, claro?

– O que mais eu deveria fazer?

– Hum. Khalul estava no Sul, pelo que ouvi dizer, mas você viaja na direção oeste. Está perdido, irmão? Aqui não existe nada, a não ser ruínas do passado.

– Há poder no passado.

– Poder? Rá! Você nunca muda. Estranha companhia, essa com a qual você viaja, Bayaz. O jovem Malacus Quai eu conheço, claro. Como vão as coisas, contador de histórias? – gritou ele para o aprendiz. – Como vai, falador? Como meu irmão trata você?

Quai permaneceu encolhido na carroça.

– Bastante bem.

– Bastante bem? Só isso? Então você aprendeu a ficar quieto, pelo menos. Como ensinou isso a ele, Bayaz? Nunca consegui fazer com que ele aprendesse isso.

Bayaz franziu a testa para Quai.

– Não precisei ensinar.

– Pois é. O que Juvens dizia? As melhores lições nós mesmos nos damos. – Zacharus virou os olhos saltados para Ferro, e os olhos dos pássaros viraram com os dele, como se fossem um só. – Essa que você tem aí é estranha.

– Ela tem o sangue.

– Você ainda precisa de alguém que fale com os espíritos.

– Ele fala. – Bayaz assentiu na direção de Nove Dedos.

O grande rosado estava se remexendo na sela, mas levantou os olhos, perplexo.

– Ele? – Zacharus franziu a testa.

Com muita raiva, pensou Ferro, mas também com alguma tristeza e algum medo. Os pássaros nos ombros, na cabeça e na ponta do cajado se esticaram, abriram as asas, bateram-nas e guincharam.

– Escute, irmão, antes que seja tarde demais. Desista dessa bobagem. Eu ficarei ao seu lado contra Khalul. Vou ficar com você e Yulwei. Nós três, juntos, como no Tempo Antigo, como foi contra o Artífice. Os magos unidos. Eu vou ajudá-lo.

Houve um longo silêncio e rugas duras se espalharam no rosto de Bayaz.

– Você vai me ajudar? Se ao menos tivesse oferecido ajuda há muito tempo, depois da queda do Artífice, quando eu implorei isso! Então poderíamos ter arrancado a loucura de Khalul antes que ela se enraizasse. Agora todo o Sul está apinhado de comedores que tornam o mundo seu lugar de diversão e tratam a palavra solene de nosso mestre com explícito desdém! Acho que nós três não seremos suficientes. E então? Você vai atrair Cawneil para longe de seus livros? Vai encontrar Leru, embaixo de alguma pedra sob a qual ela se arrastou, em todo o Círculo do Mundo? Vai trazer Karnault de volta, do outro lado do grande oceano, ou Anselmi e Dente Quebrado da terra dos mortos? Os magos unidos, não é? – E o lábio de Bayaz se enrolou num riso de zombaria. – Esse tempo passou, irmão. Esse navio partiu há muito tempo, para nunca mais voltar, e nós não estávamos nele!

– Entendi – sibilou Zacharus, com os olhos riscados de vermelho arregalando-se mais do que nunca. – E se você achar o que procura? Acredita mesmo que pode controlá-la? Ousa imaginar que pode fazer o que Glustrod, Kanedias e o próprio Juvens não conseguiram?

– Sou mais sábio por causa dos erros deles.

– Não acho! Você castigaria um crime com outro pior!

Os lábios finos e as bochechas fundas de Bayaz ficaram mais nítidos ainda. Sem tristeza, sem medo, mas com muita raiva.

– Esta guerra não foi feita por mim, *irmão*! Eu violei a Segunda Lei? Escravizei metade do Sul em nome da minha vaidade?

– Não, mas cada um de nós teve sua participação nisso, e você mais do que a maioria. É estranho como me lembro de coisas que você deixa de fora. Como você discutia com Khalul. Como Juvens decidiu separar vocês. Como você procurou o Artífice, convenceu-o a compartilhar seus segredos.

Zacharus riu, um som áspero, e seus pássaros grasnaram e guincharam com ele.

– Ouso dizer que ele jamais tenha pretendido compartilhar a filha com você, hein, Bayaz? A filha do Artífice, Tolomei. Existe espaço em sua memória para ela?

Os olhos de Bayaz revelaram um brilho frio.

– Talvez a culpa seja minha – sussurrou. – A solução também será minha...

– Você acha que Euz declarou a Primeira Lei por capricho? Acha que Juvens colocou essa coisa na borda do Mundo porque era *segura*? Ela é... é maligna!

– Maligna? – Bayaz bufou com desprezo. – Uma palavra para crianças. Uma palavra que os ignorantes usam para quem discorda deles. Achei que tínhamos superado essas ideias há séculos.

– Mas os riscos...

– Estou decidido. – E a voz de Bayaz foi de ferro e bem afiada. – Pensei nisso durante muitos anos. Você disse o que queria, Zacharus, mas não me ofereceu nenhuma outra opção. Tente me impedir, se precisar. Caso contrário, saia da frente.

– Então nada mudou.

O velho se virou para olhar Ferro, o rosto enrugado retorcendo-se, e os olhos escuros de seus pássaros seguiram os dele.

– E você, sangue de demônio, sabe o que ele mandaria você tocar? Entende o que ele quer que você carregue? Tem alguma ideia dos perigos?

Um pássaro pequeno saltou de seu ombro e começou a piar girando ao redor da cabeça de Ferro.

– Seria melhor sair correndo e não parar mais! Seria melhor para todos vocês!

O lábio de Ferro se repuxou. Ela deu um tapa no pássaro, que caiu no chão, piando e pulando para longe, no meio dos cadáveres. Os outros guincharam, sibilaram e grasnaram de raiva, mas ela os ignorou.

– Você não me conhece, rosado velho idiota de barba suja. Não finja que me entende ou que sabe o que eu sou ou o que me foi oferecido. Por que eu preferiria a palavra de um velho mentiroso à de outro? Pegue seus pássaros e enfie o nariz no que é da sua conta, assim não teremos brigas. O resto é conversa fiada.

Zacharus e seus pássaros piscaram. Ele franziu a testa, abriu a boca, depois a fechou de novo enquanto Ferro saltava na sela e virava o cavalo para o oeste. Ouviu o som dos outros indo atrás dela, os cascos batendo com força, Quai estalando as rédeas da carroça, depois a voz de Bayaz.

– Ouça os pássaros do ar, os peixes da água, os animais da terra. Logo ficará sabendo que Khalul está acabado, que seus comedores viraram pó, que os erros do passado estão enterrados, como deveria ter acontecido há muito tempo.

– Espero que sim, mas temo que as notícias sejam piores.

Ferro olhou por cima do ombro e viu os dois velhos trocando mais um olhar.

– Os erros do passado não são enterrados com tanta facilidade. Espero sinceramente que você fracasse.

– Olhe ao redor, velho amigo. – E o Primeiro dos Magos sorriu ao subir na sela. – Nenhuma de suas esperanças jamais deu em nada.

E então cavalgaram em silêncio para longe dos cadáveres, passando pela despedaçada coluna dos 150 quilômetros, e entraram na terra morta. Em direção às ruínas do passado. Em direção a Aulcus.

Sob um céu que escurecia.

Questão de tempo

Para o arquileitor Sult,
Chefe da Inquisição de Sua Majestade

Vossa Eminência,

Há seis semanas mantemos os gurkenses do lado de fora. A cada manhã eles enfrentam nosso fogo assassino para jogar terra e pedras no nosso fosso, a cada noite baixamos homens das muralhas para tentar tirá-las. Apesar de todos os nossos esforços, eles finalmente conseguiram encher o canal em dois pontos. Diariamente, agora, grupos de escalada correm das linhas gurkenses e colocam as escadas, às vezes chegando à muralha, para então serem repelidos de modo sangrento.
Enquanto isso, prossegue o bombardeio das catapultas e vários trechos da muralha estão perigosamente enfraquecidos. Eles foram reforçados, mas talvez não demore muito até que os gurkenses tenham uma brecha viável. Barricadas foram erguidas do lado de dentro para contê-los caso penetrem na Cidade Baixa. Nossas defesas são testadas até os limites, mas ninguém pensa em se render. Continuaremos lutando.

Como sempre, Eminência, sirvo e obedeço.

Sand dan Glokta
Superior de Dagoska

GLOKTA PRENDEU O fôlego e lambeu as gengivas enquanto olhava pela luneta as nuvens de poeira se assentarem nos tetos das favelas. Os últimos estrondos e

estalos das pedras caindo pararam e, por um momento, Dagoska ficou estranhamente silenciosa. *O mundo prende a respiração.*

Então o grito distante o alcançou em sua sacada que se projetava do muro da Cidadela, bem acima da cidade. Um grito que ele recordava bem, de campos de batalha antigos e novos. *E não eram lembranças felizes. O grito de guerra gurkense. Os inimigos estão vindo.* Agora, sabia, eles atacavam pelo terreno aberto diante da muralha, como haviam feito tantas vezes nas últimas semanas. *Só que desta vez eles têm uma brecha.*

Olhou as formas minúsculas dos soldados movendo-se sobre a muralha coberta de pó e pelas torres dos dois lados da brecha. Moveu a luneta para captar o amplo semicírculo de barricadas, as fileiras triplas de homens agachados atrás delas, esperando a chegada dos gurkenses. Franziu a testa e remexeu o pé esquerdo entorpecido dentro da bota. *Uma defesa aparentemente insignificante. Mas é só o que temos.*

Agora soldados gurkenses começavam a jorrar através da brecha escancarada como formigas pretas saindo de um formigueiro; uma multidão de homens se empurrando, aço reluzente, estandartes balançando, emergindo das nuvens de poeira marrom, descendo aos trancos pelo grande monte de pedras caídas e entrando direto numa furiosa tempestade de setas de bestas. *Os primeiros a atravessar a brecha. Uma posição pouco invejável.* As primeiras filas eram moídas ao chegar, formas minúsculas caindo e rolando pelo morro de entulho atrás da muralha. Muitos caíam, mas sempre havia mais, empurrando-se por cima dos corpos dos colegas, esforçando-se por sobre a massa de pedras quebradas e madeiras despedaçadas, entrando na cidade.

Outro grito chegou, e Glokta viu os defensores contra-atacando de trás das barricadas. Soldados da União, mercenários, dagoskenses, todos se lançavam na direção da brecha. Àquela distância, tudo parecia se mover numa lentidão absurda. *Uma linha de óleo e um fio de água escorrendo um na direção do outro.* Eles se encontraram, e ficou impossível dizer que lado era qual. Uma massa fluindo, pontuada por metal reluzente, ondulava e avançava feito o mar, com uma ou duas bandeiras coloridas frouxas acima dela.

Os gritos pairavam sobre a cidade, ecoando, mudando com a brisa. O edema distante de dor e fúria, os estalos e estrondos do combate. Às vezes parecia uma tempestade longínqua, incompreensível. Às vezes um único grito ou palavra

chegavam ao ouvido de Glokta com clareza surpreendente. Fazia-o lembrar-se da plateia no Campeonato. *Só que agora as lâminas não são cegas. Os dois lados têm intenção de matar. Quantos já terão morrido nesta manhã?* Virou-se para o general Vissbruck, suando junto dele no uniforme impecável.

– Já lutou numa confusão como aquela, general? Uma luta direta, cara a cara, na ponta da lança, como dizem?

Vissbruck não parou de olhar ansioso por sua luneta sequer um instante.

– Não. Não lutei.

– Eu não recomendaria. Só fiz isso uma vez, e não fico ansioso por repetir a experiência. – Ele mudou a posição do cabo da bengala na mão suada. *Não que isso seja incrivelmente provável, agora.* – Lutei muitas vezes a cavalo. Ataquei pequenos grupos de infantaria, fiz com que se dispersassem e os persegui. É um negócio nobre, matar homens que estão correndo, ganhei todo tipo de elogio por isso. Logo descobri que a batalha a pé é outra coisa. O aperto é tamanho que a gente mal consegue respirar, quanto mais realizar qualquer ato de heroísmo. Os heróis são os que têm a sorte de sobreviver. – Ele resfolegou, rindo sem alegria. – Lembro-me de ser empurrado contra um oficial gurkense, e ficamos tão perto quanto amantes, nenhum de nós podendo dar um golpe nem fazer nada além de rosnar. Pontas de lanças furando em toda parte, aleatoriamente. Homens pisoteados ou empurrados contra armas de amigos. Mais mortos por acidente do que por intenção. – *O negócio inteiro é um acidente gigantesco.*

– Uma coisa feia – murmurou Vissbruck. – Mas tem de ser feita.

– Tem mesmo. Tem mesmo.

Glokta podia ver um estandarte gurkense balançando acima da multidão fervilhante, a seda estalando, rasgada e manchada. Pedras lançadas da muralha partida, acima, começaram a cair no meio deles. Homens se comprimiam ombro a ombro, impotentes, incapazes de se mover. Um grande tonel de água fervente foi derrubado no meio deles. Os gurkenses tinham perdido qualquer aparência de ordem quando passaram pela brecha, e agora a massa informe de homens começava a vacilar. Os defensores os acuavam de todos os lados, implacáveis, empurrando com lança e escudo, cortando com espada e machado, pisoteando os caídos.

– Estamos empurrando-os de volta! – disse a voz de Vissbruck.

– É – murmurou Glokta, espiando a luta desesperada através da luneta. – É o

que parece. – *E meu júbilo é infinito.*

A tropa gurkense fora cercada e os homens caíam depressa, tropeçando de volta ao subir o morro de entulho na direção da brecha. Gradualmente os sobreviventes foram empurrados para fora e para baixo até a terra de ninguém, enquanto as bestas na muralha disparavam contra a massa de homens em fuga, espalhando pânico e morte. O som vago dos defensores comemorando chegou até eles, na muralha da Cidadela.

Mais um ataque derrotado. Dezenas de gurkenses mortos, no entanto sempre há mais. Se eles romperem as barricadas e entrarem na Cidade Baixa, estamos acabados. Eles podem continuar vindo quanto quiserem. Só precisamos perder uma vez e o jogo chegará ao fim.

– Parece que o dia é nosso. Pelo menos este. – Glokta mancou até o canto da sacada e olhou para o sul, através da luneta, vendo a baía e o mar do Sul mais além. Não havia nada além de água calma, reluzindo até o horizonte. – E ainda não há sinal de nenhum navio gurkense.

Vissbruck pigarreou.

– Com o maior respeito... – *Ou seja, sem nenhum, acho*. – Os gurkenses nunca foram marinheiros. Há algum motivo para supor que tenham navios agora?

Só um mago negro velho que apareceu nos meus aposentos na calada da noite e me disse para ficar atento a alguns navios.

– Simplesmente porque não vemos uma coisa não significa que ela não exista. O imperador já nos tortura o bastante do jeito que as coisas vão. Talvez ele se recuse a mostrar todas as cartas até que seja necessário, então deixe a frota na reserva, à espera de um momento melhor.

– Mas com navios ele poderia nos bloquear, fazer com que passássemos fome, passar ao redor de nossas defesas! Não precisaria desperdiçar tantos soldados...

– Se o imperador de Gurkhul tem uma coisa em abundância, general, são soldados. Eles fizeram uma brecha viável. – Glokta olhou ao longo da muralha até chegar ao outro ponto fraco. Podia ver grandes rachaduras na alvenaria pelo lado de dentro, reforçada com traves grossas, entulho empilhado, mas mesmo assim tombando para trás, um pouco mais a cada dia. – E logo terão outra. Eles encheram o fosso em quatro pontos. Enquanto isso nossos números diminuem,

nosso moral hesita. Eles não precisam de navios.

– Mas nós temos os nossos.

Glokta ficou surpreso ao ver que o general havia chegado perto dele e estava falando baixinho e ansioso, olhando-o nos olhos, sério. *Como um homem fazendo um pedido de casamento. Ou traição. O que temos aqui?*

– Ainda há tempo – murmurou Vissbruck, os olhos girando nervosos na direção da porta, atrás. – Nós controlamos a baía. Enquanto mantivermos a Cidade Baixa, temos os cais. Podemos tirar as forças da União. Pelo menos os civis. Ainda há algumas mulheres e filhos de oficiais na Cidadela e uns poucos mercadores e artesãos que se estabeleceram na Cidade Alta e relutam em partir. Isso poderia ser feito rapidamente.

Glokta franziu a testa. *Verdade, talvez, mas as ordens do arquileitor são outras. Os civis podem fazer seus próprios arranjos, se quiserem. As tropas da União não irão a lugar nenhum. A não ser para as piras funerárias, claro.* Mas Vissbruck confundiu seu silêncio com encorajamento.

– Se o senhor me autorizasse, isso poderia ser feito nesta tarde mesmo, e todos estariam longe antes...

– E o que será de nós, general, quando pisarmos em solo da União? Uma reunião lacrimosa com nossos chefes no Agriont? Alguns de nós logo estariam chorando, sem dúvida. Ou será que deveríamos pegar os navios e partir para a distante Suljuk, para levar vidas longas de tranquilidade e fartura? – Glokta balançou a cabeça lentamente. – É uma fantasia encantadora, mas é só isso. Nossas ordens são para sustentar a cidade. Não pode haver rendição. Nem recuo. Nem volta para casa.

– Nem volta para casa – ecoou Vissbruck azedamente. – Enquanto isso os gurkenses chegam mais perto a cada dia, nossas baixas crescem, e o mais reles mendigo da cidade pode ver que não poderemos sustentar a muralha externa por muito tempo. Meus homens estão à beira do motim e os mercenários são consideravelmente menos confiáveis. O que quer que eu diga a eles? Que as ordens do Conselho Fechado não incluem a retirada?

– Diga que os reforços chegarão a qualquer dia.

– Venho dizendo isso há semanas!

– Então mais alguns dias não farão diferença.

Vissbruck piscou.

– E posso perguntar quando os reforços chegarão?

– A qualquer... – Glokta estreitou os olhos. – Dia. Até lá, vamos nos sustentar.

– Mas por quê? – A voz de Vissbruck tinha ficado aguda como a de uma menina. – Para quê? A tarefa é impossível! Tanto desperdício! Por que, desgraça?

Por quê. Sempre por quê. Fico entediado de perguntar.

– Se acha que eu sei o que se passa na cabeça do arquileitor, é ainda mais idiota do que eu supunha. – Glokta sugou lentamente as gengivas, pensando. – Mas de uma coisa você está certo. A muralha externa pode cair a qualquer momento. Devemos nos preparar para recuar até a Cidade Alta.

– Mas... se abandonarmos a Cidade Baixa, abandonamos o cais! Não teremos como receber suprimentos! Nem reforços, se chegarem! E o belo discurso que o senhor fez para mim, superior: os muros da Cidade Alta são extensos demais, baixos demais e finos demais... Se a muralha externa cair, a cidade estará condenada... Devemos derrotá-los lá ou não iremos derrotá-los, o senhor me disse! Se o cais for perdido... não haverá como escapar!

Meu caro general pudim gorducho, você não entende? Escapar jamais foi opção.

Glokta riu, mostrando a Vissbruck os espaços vazios no lugar dos dentes.

– Se um plano fracassar, devemos tentar outro. A situação, como você observou com tanta inteligência, é desesperadora. Acredite, eu preferiria que o imperador simplesmente desistisse e fosse para casa, mas não acho que poderemos contar com isso, não é? Mande avisar a Cosca e Kahdia: todos os civis devem ser retirados da Cidade Baixa esta noite. Talvez tenhamos de recuar a qualquer momento. – *Pelo menos não precisarei mancar até tão longe para chegar às linhas de frente.*

– Não vão caber tantas pessoas na Cidade Alta! Elas vão atulhar as ruas! – *Melhor do que atulhar uma vala comum.* – Vão dormir nas praças e nos corredores! – *É preferível a dormir embaixo da terra.* – Há milhares delas lá embaixo!

– Então, quanto antes você começar, melhor.

Glokta jogou o corpo involuntariamente para trás ao passar pela porta. O calor do outro lado era quase insuportável, o fedor de suor e carne queimada arranhava sua garganta.

Enxugou os olhos lacrimejantes com as costas da mão trêmula e forçou a vista na escuridão. Os três práticos ganharam forma na penumbra. Estavam reunidos, com a luz laranja feroz do braseiro batendo por baixo em seus rostos mascarados. Eram só ossos iluminados e sombras duras. *Demônios, no inferno.*

A camisa de Vitari estava encharcada e grudada nos ombros, rugas furiosas apareciam no rosto. Severard estava despido até a cintura, a respiração saindo ofegante e abafada através da máscara, o cabelo escorrido pingando suor. Frost estava molhado como se estivesse na chuva, com gotas gordas escorrendo pela pele clara, os músculos do queixo travados e se avolumando. A única na sala que não demonstrava qualquer sinal de desconforto era Shickel. A garota mantinha um sorriso de êxtase no rosto enquanto Vitari apertava um ferro incandescente contra seu peito. *Como se fosse o momento mais feliz de sua vida.*

Glokta engoliu em seco ao observar a cena, lembrando-se de ter conhecido o ferro em brasa. Lembrando-se de ter pedido, implorado, suplicado por misericórdia. Lembrando-se da sensação do metal na pele. *Tão quente que quase parece frio.* O zunido insano dos próprios gritos. O fedor da própria carne queimando. Podia sentir agora. *Primeiro você sofre a dor, depois a inflige aos outros, depois ordena e alguém a inflige. Assim segue a vida.* Sacudiu os ombros doloridos e entrou mancando na sala.

– Algum progresso? – grasnou.

Severard se empertigou, grunhindo e arqueando as costas, enxugou a testa e jogou o suor no chão sujo.

– Quanto a ela, não sei, mas eu estou a meio caminho de me entregar.

– Não estamos chegando a lugar nenhum! – disse Vitari rispidamente, jogando o ferro preto de volta no braseiro e provocando uma chuva de fagulhas. – Tentamos facas, tentamos martelos, tentamos água, tentamos fogo. Ela não diz uma palavra. A porra da vaca é feita de pedra.

– É mais macia do que pedra – sibilou Severard. – Mas não é como nós.

Ele pegou uma faca na mesa, com a lâmina brilhando rapidamente em laranja no escuro, inclinou-se e cortou um talho comprido no fino antebraço de Shickel.

O rosto dela praticamente nem se mexeu enquanto ele fazia isso. O ferimento ficou aberto, brilhando num vermelho furioso. Severard enfiou o dedo dentro e torceu. Shickel não demonstrou o menor sinal de dor. Ele tirou o dedo e o estendeu, depois esfregou a ponta no polegar.

– Nem molhado está. É como cortar um cadáver de uma semana.

Glokta sentiu a perna falhando, estremeceu e sentou na cadeira vazia.

– Obviamente isso não é normal.

– Que eufemifmo – grunhiu Frost.

– Mas ela não está se curando como antes.

Nenhum dos cortes na pele estava se fechando. *Todos abertos, mortos e secos como carne num açougue.* E as queimaduras também não estavam sumindo. *Tiras pretas na pele, como carne recém-saída da grelha.*

– Só fica aí parada, olhando – disse Severard. – Sem dizer uma palavra.

Glokta franziu a testa. *Será que era mesmo isso que eu tinha em mente quando entrei para a Inquisição? Torturar meninas?* Enxugou a umidade embaixo dos olhos, que ardiam. *Mas, afinal de contas, isso é muito mais e muito menos do que uma menina.* Lembrou-se das mãos tentando agarrá-lo, dos três práticos lutando para puxá-la para trás. *É muito mais e muito menos do que humana. Não devemos cometer os mesmos erros que cometemos com o Primeiro dos Magos.*

– Precisamos manter a mente aberta – murmurou.

– Sabe o que meu pai diria sobre isso? – grasnou a voz, profunda e áspera, como a de um velho, estranhamente errada saindo daquele rosto jovem, liso.

Glokta sentiu o olho esquerdo tremer, o suor escorrer por baixo da capa.

– Seu pai?

Shickel sorriu para ele, os olhos reluzindo na escuridão. Quase parecia que os cortes na carne sorriam junto com ela.

– Meu pai. O Profeta. O grande Khalul. Ele diria que uma mente aberta é como uma ferida aberta. Vulnerável ao veneno. Pode infeccionar. Só pode causar dor ao dono.

– Agora você quer falar?

– Agora eu optei por falar.

– Por quê?

– Por que não? Agora que você sabe que a escolha é minha, e não sua. Faça

as perguntas, aleijado. Você deve aproveitar as chances de aprender quando pode. Deus sabe que elas lhe fariam bem. Um homem perdido no deserto...

– Eu sei o resto. – Glokta fez uma pausa. *Tantas perguntas, mas o que perguntar a alguém assim?* – Você é uma comedora?

– Temos outros nomes, mas sim. – Ela inclinou a cabeça suavemente, o olhar jamais se afastando dos olhos dele. – Os sacerdotes me fizeram comer minha mãe primeiro. Quando me acharam. Era isso ou morrer, e a necessidade de viver era grande demais, antes. Depois chorei, mas isso foi há muito tempo e não me restam lágrimas. Sinto nojo de mim, claro. Às vezes preciso matar, às vezes quero morrer. Mereço. Disso não tenho dúvida. É minha única certeza.

Eu já deveria saber que não dava para esperar respostas diretas. Quase sinto saudades dos mercadores de tecidos. Pelo menos os crimes deles eu podia entender. Mesmo assim, qualquer resposta é melhor do que nenhuma.

– Por que vocês comem?

– Porque o pássaro come o verme. Porque a aranha come a mosca. Porque Khalul deseja e nós somos os filhos do Profeta. Juvens foi traído e Khalul jurou vingança, mas estava sozinho contra muitos. Por isso fez seu grande sacrifício e violou a Segunda Lei, e os justos se juntaram a ele, mais e mais com o passar dos anos. Alguns se juntaram por livre vontade. Outros, não. Mas nenhum o rejeitou. Agora meus irmãos são muitos, e cada um de nós deve fazer o sacrifício.

Glokta indicou o braseiro.

– Você não sente dor?

– Não, mas sinto muito remorso.

– Estranho. Comigo é o contrário.

– Acho que você é quem tem sorte.

Ele resfolegou.

– É fácil dizer isso quando não se sente vontade de gritar até para mijar.

– Agora nem me lembro direito de como é a dor. Tudo isso foi há muito tempo. Os dons são diferentes para cada um de nós. Força, velocidade e resistência além dos limites humanos. Alguns de nós podem tomar formas, ou enganar o olho, ou mesmo usar a Arte, como Juvens ensinou aos seus aprendizes. Os dons são diferentes para cada um de nós, mas a maldição é a mesma. – Ela encarou Glokta, com a cabeça inclinada de lado.

Deixe-me adivinhar.

– Vocês não conseguem parar de comer.

– Nunca. E é por isso que o apetite dos gurkenses por escravos jamais termina. Não há como resistir ao Profeta. Eu sei. O Grande Pai Khalul. – E seus olhos se viraram de forma reverente para o teto. – Arquissacerdote do Templo de Sarkant. O mais santo de todos cujos pés tocam a terra. Que traz humildade aos orgulhosos, conserta o errado, diz a verdade. A luz brilha nele como brilha nas estrelas. Quando ele fala é com a voz de Deus. Quando ele...

– Sem dúvida ele também caga ouro. Você acredita em todo esse lixo?

– O que importa em que eu acredito? Eu não faço as escolhas. Quando seu senhor lhe dá uma tarefa, você se esforça ao máximo para cumpri-la. Mesmo se a tarefa for sinistra.

Isso eu posso entender.

– Alguns de nós só são adequados para tarefas sinistras. Assim que escolhemos o mestre...

Shickel grasnou uma gargalhada seca do outro lado da mesa.

– Poucos são os que têm escolha. Nós fazemos o que é mandado. Se ficamos de pé ou caímos é ao lado dos que nasceram perto de nós, que se parecem conosco, que falam as mesmas palavras, e o tempo todo sabemos tão pouco sobre os motivos quanto o pó para onde retornamos. – Sua cabeça pendeu para o lado e um talho no ombro se escancarou como uma boca. – Acha que eu gosto do que me tornei? Acha que não sonho em ser como os outros? Mas, uma vez que a mudança acontece, não se pode voltar atrás. Entende?

Ah, sim. Poucos entendem mais.

– Por que você foi mandada para cá?

– O trabalho do justo nunca tem fim. Vim garantir que Dagoska fosse devolvida ao rebanho. Garantir que seu povo adore Deus segundo os ensinamentos do Profeta. Garantir que meus irmãos e irmãs sejam alimentados.

– Parece que fracassou.

– Outros virão. Não há como resistir ao Profeta. Vocês estão condenados.

Disso eu sei. Vamos tentar outra abordagem.

– O que você sabe... sobre Bayaz?

– Ah, Bayaz. Era o irmão do Profeta. Foi o começo disto e será o fim. – Sua voz baixou até um sussurro. – Mentiroso e traidor. Matou seu senhor. Assassinou

Juvens.

Glokta franziu a testa.

– Não foi assim que eu ouvi a história.

– Cada qual tem seu jeito de contar uma história, homem mutilado. Ainda não aprendeu isso? – O lábio dela se repuxou. – Você não entende a guerra em que está lutando, as armas e as baixas, as vitórias e as derrotas de todo dia. Não faz ideia dos lados, das causas ou dos motivos. Os campos de batalha estão em toda parte. Sinto pena de você. Você é um cachorro tentando entender os argumentos dos eruditos e ouvindo apenas latidos. Os justos estão chegando. Khalul varrerá a terra de todas as mentiras e construirá uma ordem nova. Juvens será vingado. Está previsto. Está ordenado. Está prometido.

– Duvido que verei isso.

Ela riu para ele.

– Também duvido. Meu pai preferiria ter tomado esta cidade sem luta, mas se ele precisar lutar por ela, lutará, e sem misericórdia, e tendo atrás de si a fúria de Deus. Esse é o primeiro passo no caminho que ele escolheu. No caminho que escolheu para todos nós.

– E qual é o próximo?

– Você acha que meus senhores contam seus planos? Os seus contam? Eu sou um verme. Não sou nada. No entanto sou mais do que você.

– O que vem em seguida? – sibilou Glokta.

Não recebeu nada além de silêncio em resposta.

– Responda! – sibilou Vitari.

Frost pegou um ferro no braseiro, com a ponta reluzindo em laranja, e o comprimiu contra o ombro de Shickel. Um vapor fétido subiu, gordura foi cuspida e chiou, mas a garota não disse nada. Seus olhos preguiçosos observaram a própria carne queimar, sem emoção.

Não haverá respostas aqui. Só mais perguntas. Sempre mais perguntas.

– Já chega – rosnou Glokta ao pegar a bengala e se esforçar para ficar de pé, remexendo-se num esforço doloroso e inútil para fazer a camisa se desgrudar das costas.

Vitari fez um gesto na direção de Shickel, que mantinha os olhos brilhantes e semicerrados em Glokta, com um leve sorriso ainda grudado nos lábios.

– O que vamos fazer com isso?

Uma agente dispensável de um senhor que não se importa, mandada involuntariamente para um local distante, para lutar e matar, por motivos que ela mal entende. Parece familiar? Glokta fez uma careta ao virar as costas doloridas para a câmara fétida.

– Queimem.



Glokta estava em sua sacada na tarde pungente, franzindo a testa para a Cidade Baixa.

Ventava, ali em cima na rocha, um vento frio que vinha do mar escuro, chicoteava o rosto de Glokta, seus dedos no parapeito seco, jogava as abas da capa contra suas pernas. *A coisa mais próxima de um inverno que teremos nesta caldeira amaldiçoada.* As chamas das tochas junto à porta oscilavam e bruxuleavam em suas gaiolas de ferro, duas luzes na escuridão que chegava. Havia mais luzes lá fora, muitas mais. Lampiões ardiam no cordame dos navios da União no porto, cujos reflexos relampejavam e se desfaziam na água. Luzes brilhavam nas janelas dos palácios escuros sob a Cidadela e no topo dos altos pináculos do Grande Templo. Nas favelas, milhares de tochas ardiam. Rios de minúsculos pontos de luz, fluindo para fora das construções, indo para as estradas, em direção aos portões da Cidade Alta. *Refugiados saindo de casa, se é que se poderiam considerar casas. Indo para a segurança, se é que se poderia considerar segurança. Por quanto tempo podemos mantê-los a salvo, depois que a muralha externa for tomada?* Ele já sabia a resposta. *Não muito.*

– Superior!

– Ora, mestre Cosca! É um prazer que se junte a mim.

– Claro! Não há nada como um passeio ao ar noturno depois de uma escaramuça.

O mercenário se aproximou empertigado. Mesmo na penumbra, Glokta podia ver a diferença nele. Andava com passo leve, um brilho no olhar, o cabelo bem escovado, o bigode rígido de cera. *Uns três ou cinco centímetros mais alto e uns*

bons dez anos mais jovem, de repente. Saracoteou até o parapeito, fechou os olhos e puxou o ar subitamente pelo nariz afilado.

– Você parece notavelmente bem para alguém que acabou de lutar numa batalha.

O estiriano riu.

– Não estava exatamente na batalha, mas nos bastidores dela. Sempre achei que a frente é um lugar muito ruim para se lutar. Ninguém consegue ouvir a gente no meio do estardalhaço. Além disso, as chances de ser morto lá são bem altas.

– Sem dúvida. Como foi, para nós?

– Os gurkenses ainda estão do lado de fora, portanto eu diria que, em termos de batalha, foi bem. Duvido que os mortos concordem comigo, mas quem liga a mínima para a opinião deles? – Ele coçou o pescoço, animado. – Nós fomos bem, hoje. Mas amanhã, e depois de amanhã, quem sabe? Ainda não há chance de reforços?

Glokta balançou a cabeça e o estiriano respirou fundo.

– Para mim tanto faz, claro, mas o senhor deveria considerar uma retirada enquanto ainda temos a baía.

Todo mundo gostaria de se retirar. Até eu. Glokta expirou.

– O Conselho Fechado segura minhas rédeas e diz que não. A honra do rei não permitirá isso, pelo que me informaram, e aparentemente essa honra é mais valiosa do que nossas vidas.

Cosca levantou as sobrancelhas.

– Honra, é? Que diabos é isso, afinal? Cada pessoa acha que é uma coisa diferente. Não se pode beber honra. Não se pode foder honra. Quanto mais você tem, menos bem ela faz, e se você não tem nenhuma, não sente falta. – Ele balançou a cabeça. – Mas alguns homens acham que é a melhor coisa do mundo.

– Uh – murmurou Glokta, lambendo as gengivas vazias.

A honra vale mais do que a perna de um homem, do que seus dentes. Uma lição pela qual paguei caro. Olhou a silhueta sombria da muralha externa, cravejada de fogueiras acesas. Os vagos sons de luta ainda podiam ser ouvidos, uma flecha incendiária voou alto e caiu na favela arruinada. *Mesmo agora o negócio sangrento continua.* Respirou fundo.

– Quais são nossas chances de aguentar mais uma semana?

– Mais uma semana? – Cosca enrugou os lábios. – Razoáveis.

– Duas semanas?

– Duas? – Cosca estalou a língua. – Menos boas.

– Então um mês seria uma causa sem esperança.

– Sem esperança seria a expressão certa.

– Você quase parece adorar essa situação.

– Eu? Minha especialidade são causas sem esperança. – Ele riu para Glokta. – Hoje em dia são as únicas que me atraem.

Conheço essa sensação.

– Sustente a muralha externa pelo maior tempo que puder, depois recue. A muralha da Cidade Alta será nossa próxima linha de defesa.

O riso de Cosca foi notado mesmo na escuridão.

– Sustentar pelo máximo de tempo que puder, depois recuar! Mal posso esperar por isso!

– E talvez devêssemos preparar algumas surpresas para nossos convidados gurkenses quando eles finalmente passarem pela muralha. Você sabe – e Glokta balançou a mão distraidamente –, buracos escondidos e cordas para tropeçar, espetos sujos de excremento e coisas do tipo. Imagino que você tenha alguma experiência com esse tipo de guerra.

– Tenho experiência com todo tipo de guerra. – Cosca bateu os calcanhares e fez uma saudação elaborada. – Espetos e excremento! Isso é que é honra.

Isso é guerra. A única honra é vencer.

– Por falar em honra, é melhor avisar ao nosso amigo, o general Vissbruck, onde estão suas surpresas. Seria uma pena se ele se empalasse por acidente.

– Claro, superior. Seria uma pena terrível.

Glokta sentiu seu punho se fechar sobre o parapeito.

– Precisamos fazer os gurkenses pagar por todo e qualquer passo que deem em nosso terreno. – *Temos de fazer com que paguem por minha perna arruinada.* – Por todo e qualquer centímetro de chão. – *Pelos meus dentes que faltam*. – Por todo e qualquer barraco miserável, cabana desmoronada e trecho de poeira sem valor. – *Por meu olho que lacrimeja, minhas costas tortas e o repulsivo arremedo de vida que levo.* Ele lambeu as gengivas vazias. – Faça com que paguem.

– Excelente! Os únicos gurkenses bons são os mortos!

O mercenário deu meia-volta e marchou pela porta, indo para a Cidadela, com as esporas tilintando, e deixou Glokta sozinho no terraço.

Uma semana? Sim. Duas semanas? Talvez. Mais tempo? Sem esperança. Pode não ter havido navios, mas mesmo assim aquele velho charadista, Yulwei, estava certo. Eider também. Nunca houve chance. Apesar de todos os nossos esforços, de todos os nossos sacrifícios, Dagoska certamente vai cair. Agora é só questão de tempo.

Olhou a cidade escura. Era difícil separar a terra do mar no negrume, as luzes nos barcos das luzes nas construções, as tochas nos cordames das tochas nas favelas. Tudo era uma confusão de pontos de luz, uns fluindo ao redor dos outros, etéreos no vazio. Só havia uma certeza em tudo aquilo.

Estamos acabados. Esta noite não, mas logo. Estamos cercados e a rede só vai ficar mais apertada. É questão de tempo.

Cicatrizes

UM A UM, Ferro tirou os pontos – cortando o fio com a extremidade brilhante da faca, puxando-os suavemente da pele de Luthar, os dedos escuros movendo-se com rapidez e segurança, os olhos amarelos estreitados de tanta concentração. Logen balançava lentamente a cabeça observando-a, impressionado com tamanha habilidade. Vira diversos trabalhos como aquele serem feitos, mas nunca tão bem. Luthar nem parecia sentir dor – e nos últimos tempos ele sempre parecia sentir dor.

– Precisamos de mais uma bandagem aí?

– Não. Vamos deixar respirar.

O último ponto saiu deslizando, Ferro jogou fora os pedaços ensanguentados de fio e se balançou para trás, sobre os joelhos, para olhar o resultado.

– Ficou bom – disse Logen, em voz baixa.

Nunca teria suposto que o resultado pudesse ser nem metade daquele. O queixo de Luthar estava ligeiramente torto à luz da fogueira, como se ele estivesse mordendo num dos lados. Faltava um pedacinho do lábio e uma cicatriz curva descia dele até a ponta do queixo, com marcas cor-de-rosa dos dois lados, onde antes ficavam os pontos, a pele ao redor esticada e retorcida. E mais nada, além de um pouco de inchaço que logo diminuiria.

– Foi uma costura extremamente boa. Nunca vi nada melhor. Onde você aprendeu a curar?

– Um homem chamado Aruf me ensinou.

– Bom, ele ensinou bem. Você tem uma habilidade rara. Foi um acaso feliz, para nós, ele ter feito isso.

– Eu tive de trepar com ele antes.

– Ah.

Isso lançava uma luz um pouco diferente na história.

Ferro deu de ombros.

– Não me importei. Ele era um homem bom, mais ou menos, e ainda me ensinou a matar. Já trepei com homens muito piores em troca de muito menos. – Ela franziu a testa olhando o queixo de Luthar, apertando-o com os polegares, testando a carne em volta do ferimento. – Muito menos.

– Certo – murmurou Logen.

E trocou um olhar preocupado com Luthar. A conversa não estava seguindo o rumo que ele imaginara. Talvez devesse ter esperado isso, com Ferro. Passava metade do tempo tentando arrancar uma palavra dela, depois, quando ela lhe dava alguma coisa, ele não tinha a menor ideia do que fazer com isso.

– Está assentado – grunhiu ela, depois de sondar o rosto de Luthar em silêncio por um momento.

– Obrigado. – Ele agarrou sua mão enquanto ela recuava. – Verdade. Não sei o que eu teria...

Ferro fechou a cara como se ele tivesse lhe dado um tapa e puxou os dedos.

– Ótimo! Mas se sua cara for esmagada de novo, pode se costurar sozinho.

E ela se levantou e foi andando, sentou-se nas sombras que se moviam no canto da ruína – o mais longe dos outros que podia sem sair de lá. Parecia gostar de agradecimentos menos ainda do que de qualquer outro tipo de conversa, mas Luthar mostrava-se satisfeito demais por finalmente estar sem os curativos para se preocupar muito com isso.

– Como está? – perguntou, olhando vesgo para o próprio queixo, encolhendo-se e cutucando-o com um dedo.

– Está bom – respondeu Logen. – Você tem sorte. Pode não ser tão bonito quanto antes, mas continua muito melhor do que eu.

– Claro – disse ele, lambendo a falha no lábio, meio sorrindo. – Não chegaram a decepar minha cabeça.

Logen riu enquanto se ajoelhava diante da panela e dava uma mexida. Vinha se dando bem com Luthar, agora. Era uma lição dura, mas um rosto quebrado tinha feito um bem enorme àquele garoto. Havia ensinado algum respeito, e muito mais rápido do que qualquer quantidade de conversa faria. Havia ensinado-o a ser realista – o que, com certeza, era bom. Com pequenos gestos e tempo. Raramente deixavam de ganhar as pessoas. Então viu Ferro franzindo a testa nas sombras, em sua direção, e sentiu o riso afrouxar. Algumas pessoas

demoram mais do que outras, e algumas poucas nunca chegam de fato lá. Barca Negra tinha sido assim. Era feito para andar sozinho, teria dito o pai de Logen.

Olhou de novo para a panela, mas não havia nada muito encorajador lá dentro. Só uma papa com uns fiapos de toucinho e algumas raízes cortadas. Ali não havia nada para caçar. Terra morta significava exatamente isso. O capim da planície havia se reduzido a tufos marrons e poeira cinza. Ele olhou a casca arruinada da casa onde estavam acampados. A luz da fogueira tremulava em pedras quebradas, reboco desmoronado, madeira antiga quebrada. Nenhuma samambaia se enraizava nas rachaduras, nenhuma árvore nova no chão de terra, nem mesmo um pouquinho de musgo entre as pedras. Parecia que ninguém, a não ser eles, havia passado por ali durante séculos. Talvez não houvesse mesmo.

E era silencioso. Esta noite não ventava muito. Só havia o estalo fraco da fogueira e a voz de Bayaz murmurando, ensinando alguma coisa ao aprendiz. Logen se sentia feliz por o Primeiro dos Magos estar acordado de novo, mesmo que parecesse mais velho e mais sério do que nunca. Pelo menos agora Logen não precisava decidir o que fazer. Isso nunca havia funcionado muito bem para nenhum dos envolvidos.

– Finalmente uma noite límpida! – cantarolou o irmão Pé Comprido ao passar pelo portal, apontando para cima com uma presunção gigantesca. – Um céu perfeito para a orientação! As estrelas brilham claramente pela primeira vez em dez dias, e declaro que não estamos nem um passo fora do curso escolhido! Nem um passo! Não guiei de modo errado, amigos. Não! Não seria nem um pouco do meu feitio! Avalio que faltam 60 quilômetros para Aulcus, exatamente como eu disse!

Nenhum cumprimento veio. Bayaz e Quai estavam imersos em seus murmúrios mal-humorados. Luthar levantava a lâmina de sua espada curta tentando encontrar um ângulo em que pudesse ver o próprio reflexo. Ferro estava carrancuda num canto. Pé Comprido suspirou e se agachou perto do fogo.

– Papa de novo? – murmurou, espiando a panela e franzindo o nariz.

– Infelizmente, sim.

– Ah, bem. As tribulações da estrada, hein, amigo? Não haveria glória em viajar sem dificuldades.

– Uh – disse Logen.

Ele aceitaria muito menos glória se tivesse um jantar decente. Cutucou infeliz

a gororoba borbulhante com uma colher. Pé Comprido se inclinou para murmurar baixinho:

– Parece que nosso ilustre empregador está tendo mais problemas com o aprendiz.

O sermão de Bayaz estava ficando cada vez mais alto e mais mal-humorado.

–… ser hábil com uma panela é ótimo, mas a prática da magia ainda é sua primeira vocação. Ultimamente houve uma mudança nítida em sua atitude. Um certo ar de cautela e desobediência. Estou começando a suspeitar que você pode acabar se mostrando uma decepção como aluno.

– E o senhor sempre foi um bom aluno? – Um sorriso zombeteiro se insinuava no rosto de Quai. – Seu mestre nunca ficou decepcionado?

– Ficou, e as consequências foram terríveis. Todos cometemos erros. O dever de um mestre é tentar impedir que seus alunos cometam os mesmos erros que ele.

– Então talvez o senhor devesse me contar a história de seus erros. Eu poderia aprender a ser um aluno melhor.

Mestre e aprendiz se encararam irritados por cima da fogueira. Logen não gostou da expressão de Bayaz. Tinha visto aquela expressão antes no Primeiro dos Magos e o resultado nunca fora bom. Não podia entender por que Quai havia passado de obediência cega a oposição carrancuda no espaço de poucas semanas, mas isso não vinha tornando a vida de ninguém mais fácil. Logen fingiu estar fascinado com a papa, meio esperando ser subitamente ensurdecido pelo rugido de chamas violentas. Mas quando veio um som, foi apenas a voz de Bayaz, e falando baixinho.

– Muito bem, mestre Quai, há algum fundamento em seu pedido, para variar. Falemos de meus erros. Um tema vasto, realmente. Por onde começar?

– Pelo começo? – sugeriu o aprendiz. – Por onde mais se deveria começar?

O mago deu um grunhido azedo.

– Hã. Há muito tempo, então, no Tempo Antigo. – Ele parou um momento e olhou para as chamas, com a luz bruxuleante se refletindo no rosto fundo. – Eu fui o primeiro aprendiz de Juvens. Mas logo depois de começar minha formação, meu mestre pegou um segundo aprendiz. Um garoto do Sul. Seu nome era Khalul.

Ferro levantou a cabeça subitamente, franzindo a testa nas sombras.

– Desde o início, nós não conseguíamos entrar em acordo. Ambos éramos orgulhosos demais e cada um sentia ciúme dos talentos do outro e invejava qualquer pequeno favorecimento que o outro recebesse do mestre. Nossa rivalidade persistiu, mesmo com o passar dos anos e apesar de Juvens ter escolhido mais aprendizes, doze no total. No início isso nos levou a ser melhores alunos: mais diligentes, mais dedicados. Mas depois do horror da guerra com Glustrod, muitas coisas mudaram.

Logen pegou as tigelas e começou a distribuir a papa fumegante nelas, certificando-se de manter um ouvido atento à fala de Bayaz.

– Nossa rivalidade virou uma rixa e nossa rixa virou ódio. Lutamos com palavras, depois com os punhos, em seguida com magia. Talvez, se ficássemos por conta própria, tivéssemos matado um ao outro. Talvez o mundo fosse um lugar mais feliz se isso tivesse ocorrido, mas Juvens interveio. Me mandou para o norte distante e Khalul para o sul, para duas das grandes bibliotecas que ele havia construído muitos anos antes. Mandou-nos para estudar, separados e sozinhos, até que os ânimos esfriassem. Achou que as montanhas altas, a amplidão do mar e toda a vastidão do Círculo do Mundo acabariam com nossa rixa, mas ele nos avaliou mal. Pelo contrário, cada um de nós ficou mais furioso no exílio, culpando o outro por isso, e tramando a própria vingança mesquinha.

Logen distribuiu a parca comida enquanto Bayaz olhava irritado para Quai por baixo das sobrancelhas grossas.

– Se ao menos eu tivesse o bom senso de ouvir meu mestre na época! Mas eu era jovem, teimoso e cheio de orgulho. Ardia de vontade de ser mais poderoso do que Khalul. Idiota que era, decidi que, se Juvens não me ensinasse... eu precisava encontrar outro mestre.

– Grude de novo, hein, rosado? – grunhiu Ferro pegando a tigela na mão de Logen.

– Não precisa agradecer.

Ele jogou uma colher e ela a pegou no ar. Logen entregou a tigela do Primeiro dos Magos.

– Outro mestre? Que outro mestre o senhor poderia achar?

– Só um – murmurou Bayaz. – Kanedias. O Mestre Artífice. – Ele pegou a colher e ficou girando-a nas mãos. – Fui até sua Casa e me ajoelhei diante dele, implorando aos seus pés que me ensinasse. Ele recusou, claro, como recusava a

todo mundo... a princípio. Mas eu era teimoso, e com o tempo ele cedeu e me aceitou.

– E então o senhor morou na Casa do Artífice – murmurou Quai.

Logen estremeceu, curvado sobre sua tigela. Sua única visita àquele local ainda lhe causava pesadelos.

– Morei – disse Bayaz. – E aprendi sobre o lugar. Minha habilidade na Arte Superior me tornou útil para meu novo mestre. Mas Kanedias tinha muito mais ciúme de seus segredos do que o próprio Juvens e me fazia trabalhar feito escravo em suas forjas e só me ensinava as migalhas de que eu precisava para servi-lo. Fiquei amargo e irado e, quando o Artífice partiu para buscar materiais para suas obras, minha curiosidade, minha ambição e minha sede de conhecimento me levaram até partes da Casa onde ele havia proibido que eu pisasse. E ali encontrei seu segredo mais bem guardado.

Ele emudeceu.

– E o que era? – instigou Pé Comprido, com a colher a meio caminho da boca.

– A filha dele.

– Tolomei – sussurrou Quai, praticamente inaudível.

Bayaz assentiu, e um canto de sua boca se curvou para cima, como se ele recordasse alguma coisa boa.

– Ela era diferente de qualquer outra. Nunca havia saído da Casa do Artífice, nunca havia falado com ninguém, a não ser com o pai. Descobri que ela o ajudava em algumas tarefas. Ela manuseava... certos materiais... que só alguém com o sangue do Artífice podia tocar. Acredito que foi por isso que ele a teve. Ela era de uma beleza incomparável. – O rosto de Bayaz se contorceu e ele olhou para o chão com um sorriso amargo. – Ou pelo menos é assim que me lembro.

– Isso estava bom – disse Luthar, lambendo os dedos e pousando a tigela vazia.

Ultimamente havia ficado muito menos melindroso com a comida. Logen imaginou que algumas semanas sem poder mastigar faziam isso com as pessoas.

– Tem mais? – perguntou com esperança.

– Pegue a minha – sibilou Quai, estendendo a tigela para Luthar. Seu rosto estava numa frieza mortal, os olhos eram dois pontos de luz nas sombras

enquanto olhava irritado para o mestre. – Continue.

Bayaz levantou os olhos.

– Tolomei me fascinou e eu a fascinei. Parece estranho dizer, mas na época eu era jovem e cheio de fogo, e ainda tinha uma juba tão bonita quanto a do capitão Luthar. – Ele passou a palma da mão na careca, depois encolheu os ombros. – Nós nos apaixonamos.

Bayaz olhou para um de cada vez, como se os desafiasse a rir, mas Logen estava ocupado demais sugando a papa salgada dos dentes, e ninguém nem ao menos sorriu.

– Ela me contou sobre as tarefas que o pai lhe dava e, pouco a pouco, comecei a entender. Ele havia reunido, de lugares distantes, restos de materiais do mundo de baixo, do tempo em que os demônios ainda percorriam a terra. Tentava captar o poder daqueles fragmentos, incorporá-los em suas máquinas. Estava lidando com as forças proibidas pela Primeira Lei e já tivera alguns sucessos.

Logen se remexeu desconfortavelmente. Lembrava-se da coisa que tinha visto na Casa do Artífice, sobre a água num bloco de pedra branca, estranha e fascinante. Divisora, era como Bayaz havia chamado aquilo. Dois gumes – um aqui, um no Outro Lado. Perdeu o apetite e empurrou a tigela para perto do fogo, sem terminar.

– Fiquei horrorizado – continuou Bayaz. – Tinha visto a ruína que Glustrod havia trazido ao mundo e decidi procurar Juvens e contar tudo. Mas tive medo de deixar Tolomei para trás e ela não queria abandonar tudo o que conhecia. Por isso me demorei, então Kanedias retornou inesperadamente e nos encontrou juntos. Sua fúria foi... – Bayaz se encolheu, como se a mera lembrança fosse dolorosa –… impossível de descrever. Sua Casa estremeceu com ela, ressoou, ardeu. Tive sorte de escapar com vida e fugi para buscar abrigo com meu antigo mestre.

Ferro bufou.

– Então ele era do tipo que perdoava?

– Felizmente, para mim. Juvens não me mandaria embora, apesar da minha traição. Principalmente quando contei sobre as tentativas de seu irmão de desobedecer à Primeira Lei. O Artífice chegou com grande ira, exigindo justiça pela violação de sua filha, pelo roubo de seus segredos. Juvens se recusou.

Exigiu saber que experiências Kanedias vinha realizando. Os irmãos lutaram e eu fugi. O céu ficou iluminado com a fúria da batalha. Voltei e encontrei meu mestre morto, e seu irmão tinha ido embora. Jurei vingança. Juntei os magos em todo o mundo e fizemos guerra contra o Artífice. Todos nós. Menos Khalul.

– Por quê? – resmungou Ferro.

– Ele disse que eu não era de confiança. Que minha estupidez havia provocado a guerra.

– E sem dúvida era verdade, não era? – murmurou Quai.

– Talvez, em parte. Mas ele fez acusações muito piores. Ele e seu aprendiz amaldiçoado, Mamun. Mentiras – sibilou para o fogo. – Tudo mentira, e os outros magos não se deixaram enganar. Por isso Khalul abandonou a ordem e voltou ao Sul para buscar poder em outro lugar. E encontrou, fazendo o que Glustrod havia feito e se amaldiçoando: violando a Segunda Lei e comendo carne humana. Só onze de nós fomos lutar contra Kanedias e apenas nove retornamos.

Bayaz respirou fundo e deu um suspiro longo.

– Portanto, mestre Quai, esta é a história dos meus erros, nua e crua. Você pode dizer que eles foram a causa da morte do meu mestre, do cisma na Ordem dos Magos. Pode dizer que é por isso que estamos indo para o oeste, para as ruínas do passado. Pode dizer que é por isso que o capitão Luthar teve o queixo quebrado.

– As sementes do passado dão frutos no presente – murmurou Logen consigo mesmo.

– Dão mesmo – concordou Bayaz. – E frutos azedos. Vai aprender com meus erros, mestre Quai, como eu aprendi, e prestar alguma atenção ao seu mestre?

– Claro – respondeu o aprendiz, mas Logen se perguntou se haveria uma leve ironia em sua voz. – Vou obedecer em todas as coisas.

– Seria sensato. Se eu tivesse obedecido a Juvens, talvez não tivesse isso.

Bayaz abriu os dois botões de cima de sua camisa e puxou a gola para o lado. A luz da fogueira tremeluziu numa cicatriz desbotada, que ia do início do pescoço até o ombro.

– O próprio Artífice me fez isso. Mais dois centímetros e teria sido minha morte. – Ele a coçou com amargura. – Todo esse tempo, e ainda coça de vez em quando. A dor que isso me causou nos longos anos... Está vendo, mestre Luthar,

apesar de você ter uma cicatriz, poderia ter sido pior.

Pé Comprido pigarreou.

– É um tremendo ferimento, claro, mas acredito que posso fazer coisa melhor.

Ele segurou a perna suja da calça e a puxou até a virilha, virando a coxa musculosa em direção à luz da fogueira. Havia uma feia massa de cicatrizes cinza enrugadas quase em volta de toda a perna. Até Logen teve de admitir estar impressionado.

– Que diabo fez isso? – perguntou Luthar, ligeiramente enjoado.

Pé Comprido sorriu.

– Há muitos anos, quando eu ainda era jovem, naufraguei numa tempestade no litoral de Suljuk. Nove vezes, no total, Deus resolveu me jogar em seu oceano frio em tempo ruim. Por sorte, sempre fui abençoado como nadador. Por azar, nessa ocasião, algum tipo de peixe enorme me confundiu com sua próxima refeição.

– Um peixe? – murmurou Ferro.

– É. Um peixe enorme e muito agressivo, com uma mandíbula da largura de uma porta e dentes como facas. Por sorte, um golpe firme no nariz – e o navegador cortou o ar com a mão – fez com que ele me soltasse e uma corrente fortuita me levou para terra. Fui duplamente abençoado ao encontrar uma dama simpática entre os nativos, que permitiu que eu me recuperasse em sua residência, já que as pessoas de Suljuk geralmente suspeitam muito dos forasteiros. – Ele suspirou, contente. – Foi assim que aprendi o idioma deles. É um povo muito espiritualizado. Deus me favoreceu. Verdade.

Houve silêncio.

– Aposto que você pode mostrar coisa melhor – provocou Luthar, rindo para Logen.

– Uma vez fui mordido por uma ovelha maldosa, mas não deixou muita marca.

– E o dedo?

– Isso? – Ele olhou o cotoco familiar, balançando-o para trás e para a frente. – O que é que tem?

– Como você o perdeu?

Logen franziu a testa. Não gostava do rumo que a conversa ia tomando. Ouvir sobre os erros de Bayaz era uma coisa, mas não estava ansioso para

remexer nos seus. Os mortos sabiam que ele havia cometido erros graves. Mas agora todos estavam olhando. Precisava dizer alguma coisa.

– Perdi numa batalha. Perto de um lugar chamado Carleon. Na época eu era jovem e também cheio de fogo. Meu estilo idiota era partir com tudo para o meio da luta. Nessa ocasião, quando saí dela, não tinha mais o dedo.

– Foi no calor do momento, é? – perguntou Bayaz.

– Mais ou menos. Durante muito tempo, depois que ele foi cortado, eu ainda sentia um coceira bem na ponta dele. Isso me deixava louco. Como é que a gente vai coçar um dedo que não existe mais?

– Doeu? – perguntou Luthar.

– Feito uma desgraça, no início, mas nem de longe tanto quanto outros que eu tive.

– O quê, por exemplo?

Isso exigia alguma ponderação. Logen coçou o rosto e revirou as horas, dias e semanas que havia passado ferido, sangrando e gritando. Mancando ou tentando cortar carne com as mãos cobertas de bandagens.

– Uma vez tive um bom corte de espada na cara – disse, passando a mão pela falha que Tul Duru havia causado em sua orelha. – Sangrou feito uma coisa. Meu olho quase foi arrancado por uma flecha. – Agora ele coçava a cicatriz em forma de crescente sob a sobrancelha. – Demoraram horas para tirar todas as farpas. Depois uma pedra enorme foi jogada em cima de mim no cerco de Uffrith. E logo no primeiro dia. – Ele apalpou a nuca e sentiu os calombos embaixo do cabelo. – Quebrei o crânio e o ombro também.

– Coisa feia – disse Bayaz.

– A culpa foi minha. É isso que você ganha quando tenta derrubar a muralha de uma cidade com as mãos.

Luthar olhou para ele, que balançou os ombros.

– Não deu certo. Como eu disse, quando era jovem, eu era esquentado.

– Só fico surpreso por você não ter tentado atravessar a muralha a dentadas.

– Provavelmente seria minha tentativa seguinte. Ainda bem que jogaram uma pedra em cima de mim. Pelo menos ainda tenho os dentes. Passei dois meses berrando, deitado de costas, enquanto sitiavam a cidade. Tinha acabado de me curar quando lutei com Três Árvores e quebrei tudo de novo e mais ainda.

Logen franziu a testa ao recordar aquilo. Ficou dobrando e esticando os dedos

da mão direita, lembrando-se da dor de tê-la toda esmagada.

– Isso doeu de verdade. Mas não tanto quanto isso – e ele enfiou a mão embaixo do cinto e levantou a camisa.

Todos olharam através do fogo, para ver o que ele estava apontando. Uma cicatriz pequena, de fato, logo embaixo da última costela, na parte funda ao lado do estômago.

– Não parece muita coisa – observou Luthar.

Logen arrastou os pés, virando-se para mostrar as costas.

– Aí está o resto – disse, apontando o polegar para o que ele sabia que era uma marca muito maior junto à coluna. Houve um longo silêncio enquanto todos viam aquilo.

– Atravessou direto? – murmurou Pé Comprido.

– Direto, uma lança. Num duelo com um homem chamado Harding Sinistro. Tive uma sorte e tanto de sobreviver, isso é fato.

– Se foi num duelo – murmurou Bayaz –, como você saiu vivo?

Logen lambeu os lábios. Sua boca tinha um gosto amargo.

– Eu venci.

– Com uma lança atravessada no corpo?

– Só percebi depois.

Pé Comprido e Luthar franziram a testa um para o outro.

– Seria um detalhe difícil de não perceber – comentou o navegador.

– Pois é. – Logen hesitou, tentando pensar num bom modo de explicar aquilo, mas não havia um modo bom. – Há ocasiões... bem... em que não sei de verdade o que estou fazendo.

Uma longa pausa.

– Como assim? – perguntou Bayaz, e Logen se encolheu.

Toda a frágil confiança que havia conquistado nas últimas semanas corria risco de ruir em volta dele, mas não havia opção. Nunca fora bom em mentir.

– Quando eu tinha 14 anos, acho, discuti com um amigo. Nem me lembro por quê. Lembro que fiquei com raiva. Lembro que ele me bateu. Então eu estava olhando para minhas mãos. – E ele as olhava agora, pálidas na escuridão. – Eu tinha estrangulado meu amigo. Ele estava morto. Não me lembrava de ter feito aquilo, mas só estava eu ali, e tinha o sangue dele embaixo das unhas. Depois eu o arrastei até umas pedras, joguei o corpo de cabeça e disse que ele tinha caído

de uma árvore e morrido, e todo mundo acreditou. A mãe dele chorou, e tudo o mais, mas o que eu podia fazer? Foi a primeira vez que isso aconteceu.

Logen sentiu todos os olhares do grupo fixos nele.

– Alguns anos depois, quase matei meu pai. Dei uma facada nele enquanto estávamos comendo. Não sei por quê. Não sei mesmo. Por sorte, ele se curou.

Notou Pé Comprido afastar-se de forma nervosa e não o culpou.

– Foi quando os shankas começaram a vir com mais frequência. Por isso meu pai me mandou para o sul, pelas montanhas, para procurar ajuda. Encontrei Bethod e ele se propôs a me ajudar se eu lutasse por ele. Fiquei feliz em fazer isso, idiota que era, mas a luta continuou e continuou. As coisas que fiz naquelas guerras... as coisas que me disseram que eu fiz. – Ele respirou fundo. – Bom, eu tinha matado amigos. Vocês deveriam ver o que fiz com os inimigos. No começo eu gostava. Adorava me sentar no lugar mais importante junto à fogueira, olhar os homens e ver seu medo, saber que nenhum deles ousava me encarar, mas a coisa foi ficando cada vez pior. Chegou um inverno em que eu não sabia quem eu era nem o que estava fazendo na maior parte do tempo. Às vezes eu percebia que aquilo estava prestes a acontecer, mas não podia mudar. Ninguém sabia quem eu iria matar em seguida. Todos se cagavam, até Bethod, e ninguém tinha mais medo de mim do que eu.

Todos ficaram boquiabertos, sentados em silêncio. Antes a construção arruinada parecera dar algum tipo de conforto depois de todo aquele espaço morto e vazio na planície. Não mais. As janelas abertas bocejavam como ferimentos. As portas vazias se escancaravam feito sepulturas.

O silêncio se arrastou e se arrastou, até que Pé Comprido limpou a garganta e disse:

– Bem, é só uma suposição, mas você acha possível que, talvez sem querer, possa matar um de nós?

– É mais provável que eu mate todos do que só um.

Bayaz estava franzindo a testa.

– Desculpe se não me sinto totalmente tranquilizado.

– Queria pelo menos que você tivesse mencionado isso antes! – disse Pé Comprido rispidamente. – É o tipo de informação que um grupo de viajantes deveria compartilhar! Não acho que...

– Deixe-o em paz – rosnou Ferro.

– Mas nós precisamos saber...

– Cale a boca, seu idiota que só sabe olhar estrelas. Você está longe de ser perfeito. – Ela fez uma careta de desprezo para Pé Comprido. – Alguns de vocês adoram falar, mas nunca estão perto quando o problema começa. – Ela franziu a testa para Luthar. – Alguns de vocês têm menos utilidade do que imaginam. – Olhou irritada para Bayaz. – E alguns de vocês guardam muitos segredos, depois caem no sono em horas ruins e deixam o resto de nós perdido no meio de lugar nenhum. Então ele é um matador. E daí, porra? Isso serviu muito bem para vocês quando era preciso matar.

– Eu só queria...

– Mandei calar a boca.

Pé Comprido piscou um momento, depois obedeceu.

Logen olhou para Ferro do lado oposto da fogueira. O último lugar de onde ele esperava ouvir uma palavra de apoio. De todos, só ela vira a coisa acontecer. Só ela sabia o que ele estava dizendo de fato. E mesmo assim havia falado a seu favor.

Ela o viu olhando, fez uma carranca e se encolheu de volta no canto. Mas isso não mudava nada. Ele se pegou sorrindo.

– E você? – Bayaz tinha um dedo encostado no lábio, pensativo, e olhava para Ferro.

– O que é que tem?

– Você disse que não gosta de segredos. Todos nós falamos de nossas cicatrizes. Eu entediei o grupo com minhas histórias velhas e Nove Sangrento nos empolgou com a dele. – O mago bateu no rosto ossudo, cheio de sombras duras da fogueira. – Como você conseguiu as suas?

Uma pausa.

– Aposto que você fez a pessoa que lhe deu isso sofrer, hein? – disse Luthar, com um traço de riso na voz.

Pé Comprido começou a dar um risinho.

– Ah, de fato! Imagino que ele teve a um belo fim! Tenho até medo de pensar no...

– Eu mesma fiz – disparou Ferro.

Os poucos risos hesitaram e morreram, os sorrisos desbotaram à medida que eles compreendiam aquilo.

– Hein? – falou Logen.

– O que, rosado, está surdo, porra? Eu mesma fiz.

– Por quê?

– Rá! – rosnou ela, olhando-o irritada do outro lado da fogueira. – Você não sabe o que é ter um dono! Quando eu tinha 12 anos, fui vendida a um homem chamado Susman. – E ela cuspiu no chão e rosnou algo em sua língua. Logen não achou que fosse um elogio. – Ele era dono de um lugar onde as meninas eram treinadas e depois vendidas com lucro.

– Treinadas para quê? – perguntou Luthar.

– O que você acha, idiota? Para foder.

– Ah – fez ele, e engoliu em seco, voltando a encarar o chão.

– Fiquei lá durante dois anos. Dois anos até que consegui roubar uma faca. Na época eu não sabia matar. Por isso machuquei meu dono do melhor modo que pude: me cortei até o osso. Quando tiraram a faca de mim, eu valia um quarto do preço de antes. – Ela riu ferozmente para o fogo, como se tivesse sido seu dia de maior orgulho. – Vocês deveriam ter ouvido o desgraçado berrar!

Logen ficou olhando. O queixo de Pé Comprido caiu. Até o Primeiro dos Magos ficou chocado.

– Você mesma se cortou?

– E daí?

Silêncio de novo. O vento aumentou e fez redemoinhos na ruína, sibilando nas frestas entre as pedras e fazendo as chamas saltarem e dançarem. Depois disso, ninguém teria muita coisa a dizer.

Furioso

A NEVE CAÍA lentamente, pontos brancos fazendo redemoinhos no ar vazio para além da beira do penhasco, transformando os pinheiros verdes, as pedras pretas, o rio marrom embaixo em fantasmas cinza.

West mal podia acreditar que, quando criança, ansiava todos os anos pela chegada da neve. Que ficava deliciado ao acordar e ver tudo coberto de branco. Que ela podia ter guardado um mistério, um espanto e um júbilo. Agora ver aqueles flocos pousando no cabelo de Cathil, no casaco de Ladisla, na própria calça imunda enchia West de horror. Mais frio cortante, mais umidade que esfolava, mais esforço esmagador para se mover. Esfregou as mãos pálidas, fungou e estreitou os olhos na direção do céu, forçando-se a não se deixar levar pelo sofrimento.

– É preciso ver o lado positivo – sussurrou, as palavras arranhando sua garganta áspera e saindo em uma fumaça densa no frio. – É preciso.

Pensou no calor do verão do Agriont. Flores brotando nas árvores das praças. Pássaros piando nos ombros das estátuas sorridentes. A luz do sol derramando-se pelos galhos frondosos no parque. Não adiantou. Fungou para puxar o ranho que escorria, tentou de novo enfiar as mãos nas mangas do uniforme, mas elas não tinham largura suficiente. Agarrou os punhos puídos com os dedos pálidos. Será que algum dia ficaria quente de novo?

Sentiu a mão de Pike no ombro.

– Tem alguma coisa aí – murmurou o condenado.

Ele apontou para os nórdicos, agachados em grupo, murmurando ansiosos uns com os outros.

West olhou para eles com cansaço. Tinha acabado de conseguir ficar quase confortável e era difícil desviar sua atenção para qualquer coisa além da própria dor. Desdobrou lentamente as pernas doloridas, ouviu os joelhos frios estalarem

quando se levantou, sacudiu-se, tentou afastar com tapas o cansaço do corpo. Começou a arrastar os pés na direção dos nórdicos, curvado feito um velho, os braços enrolados no corpo para se aquecer. Antes que chegasse, a reunião já havia terminado. Outra decisão tomada sem precisarem de sua opinião.

Três Árvores foi na direção dele, parecendo absolutamente inabalado pela neve que caía.

– Cachorrão viu alguns batedores de Bethod – grunhiu, apontando entre as árvores. – Ali embaixo da encosta, junto do riacho, perto daquela corredeira. Foi sorte ele ter visto. Eles poderiam ter facilmente nos encontrado primeiro e todos nós estaríamos mortos agora.

– Quantos?

– Uma dúzia, ele acha. Pode ser arriscado passar ao largo deles.

West franziu a testa, passando o peso de um pé para o outro, tentando manter o sangue em circulação.

– Sem dúvida lutar com eles seria mais arriscado ainda, não?

– Talvez sim. Talvez não. Se pudermos pegá-los de surpresa, as chances não são ruins. Eles têm comida, armas – Três Árvores olhou West de cima a baixo – e roupas. Todo tipo de material que poderíamos usar. Estamos na metade do inverno. Seguindo para o norte, não vai ficar mais quente. Está decidido. Vamos lutar. Uma dúzia é uma chance remota, por isso vamos precisar de cada homem. Seu colega Pike, ali, parece capaz de usar um machado sem se preocupar muito com o que vai acontecer depois. É melhor você prepará-lo. – Ele balançou a cabeça na direção de Ladisla, encolhido no chão. – A garota deve ficar de fora, mas...

– O príncipe, não. É perigoso demais.

Três Árvores estreitou os olhos.

– Você está certo, é perigoso. É por isso que todos os homens devem compartilhar o risco.

West se inclinou para perto, esforçando-se ao máximo para parecer persuasivo com os lábios rachados, duros e grossos como um par de salsichas cozidas demais.

– Ele só vai tornar o risco maior para todo mundo. Nós dois sabemos.

O príncipe os espiou com suspeita, tentando adivinhar o que estariam falando.

– Ele seria de tanta utilidade numa luta quanto ter um saco enfiado na sua cabeça.

O velho nórdico bufou.

– Provavelmente você está certo. – Ele respirou fundo e franziu a testa, demorando-se para pensar nisso. – Certo. Não é comum, mas tudo bem. Ele fica, ele e a garota. O resto de nós luta, e isso quer dizer você também.

West assentiu. Cada homem tem de fazer sua parte, por menos que goste da ideia.

– É justo. O resto de nós luta.

E foi tropeçando, contar aos outros.

Se estivesse em casa, nos jardins luminosos do Agriont, o príncipe herdeiro Ladisla jamais seria reconhecido. Os dândis, os cortesãos, os aproveitadores que geralmente se agarravam a cada palavra sua provavelmente teriam pisado nele, coberto o nariz. O casaco dado por West estava se desfazendo nas costuras, gasto até os cotovelos, com crostas de lama. Por baixo, o uniforme branco impecável havia escurecido gradualmente até ficar da cor de excremento. Alguns fiapos da trança de ouro ainda pendiam, como um glorioso buquê de flores apodrecidas até ficarem apenas cabos sebentos. Seu cabelo era um emaranhado, ele ganhara uma barba grisalha e falhada, e os pelos entre as sobrancelhas sugeriam que em dias mais felizes ele dedicara muito tempo a arrancá-los. O único homem em condição pior num raio de 100 quilômetros era provavelmente o próprio West.

– O que vão fazer? – murmurou o príncipe quando West se abaixou ao seu lado.

– Há alguns batedores de Bethod lá embaixo, perto do rio, Alteza. Precisamos lutar.

O príncipe assentiu.

– Vou precisar de alguma arma...

– Devo pedir que fique para trás.

– Coronel West, sinto que devo ser...

– O senhor seria um grande valor, Alteza, mas infelizmente isso está fora de questão. O senhor é o herdeiro do trono. Não podemos nos dar ao luxo de colocá-lo em perigo.

Ladisla se esforçou ao máximo para parecer desapontado, mas West quase podia sentir o gosto de seu alívio.

– Muito bem, se você tem certeza.

– Total. – West olhou para Cathil. – Vocês dois devem ficar aqui. Vamos voltar logo. Com sorte.

Ele quase se encolheu com a última parte. Sorte era algo decididamente em falta nos últimos tempos.

– Fiquem fora das vistas e quietos.

Cathil riu para ele.

– Não se preocupe. Vou garantir que ele não se machuque.

Ladisla olhou furioso, de lado, os punhos cerrados de raiva e impotência. Parecia que não estava ficando melhor em enfrentar as provocações constantes dela. Sem dúvida ser lisonjeado e obedecido durante toda a vida era uma preparação ruim para quando se fosse feito de idiota em condições medonhas. West calculou, por um momento, se não estaria cometendo um erro ao deixar os dois sozinhos, mas não tinha opção. Ali em cima eles estavam fora do combate. Ficariam em segurança. Pelo menos bem mais do que ele.

Ficaram de cócoras. Um círculo de rostos marcados e sujos, expressões duras, cabelos desgrenhados. Três Árvores, com as feições brutas cheias de rugas fundas. Barca Negra, a orelha faltando e o sorriso selvagem. Tul Duru, com as sobrancelhas grossas unidas. Sinistro parecendo despreocupado feito uma pedra. Cachorrão, olhos brilhantes estreitados, a respiração saindo em fumaça do nariz afilado. Pike, com uma carranca nas poucas partes do rosto que podia movimentar. Seis dos homens de aparência mais dura do mundo – e West.

Engoliu em seco. Cada homem tinha de fazer sua parte.

Três Árvores estava rabiscando um mapa grosseiro no solo duro, usando um graveto.

– Certo, pessoal, eles estão enfiados aqui embaixo perto do rio, uma dúzia, talvez mais. Vamos fazer do seguinte modo. Sinistro, pela esquerda; Cachorrão, pela direita, o de sempre.

– Feito, chefe – disse Cachorrão.

Sinistro assentiu.

– Eu, Tul e Pike vamos chegar por esse lado, mano a mano. Esperamos surpreendê-los. Não atirem em nenhum de nós, hein, rapazes.

Cachorrão riu.

– Vocês vão ficar bem se permanecerem longe das flechas.

– Não vou esquecer isso. Barca Negra e West, vocês vão atravessar o rio e esperar perto da corredeira. Venham por trás deles.

O graveto riscou um sulco fundo na terra, e West sentiu um nó de preocupação inchar na garganta.

O barulho da água deve encobrir a chegada de vocês. Ataquem quando me virem jogar uma pedra no poço, ouviram? A pedra chegando. É o sinal.

– Com certeza, chefe – grunhiu Barca Negra.

De repente West percebeu que Três Árvores estava olhando direto para ele.

– Ouviu o que eu disse, garoto?

– É, ouvi, claro – murmurou, com a língua desajeitada devido ao frio e ao medo crescente. – Quando a pedra chegar, nós vamos... chefe.

– Certo. E todos vocês fiquem de olhos abertos. Pode haver outros nas proximidades. Bethod tem batedores por todo o território. Alguém ainda tem alguma dúvida?

Todos balançaram a cabeça, negando.

– Ótimo. Então não me culpem se forem mortos.

Três Árvores se levantou e os outros o acompanharam. Fizeram os últimos preparativos, afrouxando as lâminas nas bainhas, puxando cordas de arcos, apertando fivelas. Não havia muita coisa para West preparar. Uma espada grande, roubada, enfiada num cinto velho, e era só. Sentia-se um idiota no meio daquele grupo. Imaginou quantas pessoas eles teriam matado. Não ficaria surpreso se o número equivalesse ao de uma cidade inteira, com sobra suficiente para um ou outro vilarejo ao redor. Até Pike parecia mais do que pronto para cometer assassinato sem pensar duas vezes. West precisava se lembrar de que não fazia a menor ideia do motivo de ele ter sido condenado a uma colônia penal. Observando-o agora, enquanto passava o polegar pensativamente na borda do machado, os olhos duros naquele rosto morto e meio derretido, não era difícil imaginar.

West olhou para as mãos. Estavam tremendo, e não só de frio. Segurou uma com a outra e apertou com força. Levantou os olhos e viu Cachorrão rindo para ele.

– É preciso ter medo para ter coragem – disse ele, depois se virou e acompanhou Três Árvores e os outros para o meio da mata.

A voz rouca de Barca Negra golpeou West por trás.

– Você está comigo, matador. Tente me acompanhar.

Ele cuspiu no chão congelado e depois partiu para o rio. West deu uma última olhada para trás, na direção dos outros. Cathil assentiu para ele uma vez e ele assentiu em resposta, depois se virou e foi atrás de Barca Negra, andando abaixado e em silêncio entre as árvores, todas pingando e brilhantes, cobertas de gelo, com o sibilo da cachoeira ficando mais e mais alto em seus ouvidos.

O plano de Três Árvores estava começando a parecer bastante carente de detalhes.

– Quando atravessarmos o riacho e recebermos o sinal, o que vamos fazer?

– Matar – grunhiu Barca Negra por cima do ombro.

Essa resposta, por mais inútil que fosse, fez uma súbita pontada de pânico atingir as entranhas de West.

– Devo ir para a esquerda ou para a direita?

– Para onde quiser, desde que fique fora do meu caminho.

– Para que lado você vai?

– Para onde estiver a matança.

Enquanto pisava cautelosamente na margem, West desejou não ter falado. Podia ver a corredeira logo rio acima, uma parede de rocha escura e água branca que seguia depressa entre os troncos pretos das árvores e lançava no ar ruídos e uma névoa gelada.

Ali o rio não tinha mais de quatro passos de largura, mas era fundo, rápido e escuro, espumando em volta das pedras nas margens. Barca Negra levantou a espada e o machado e seguiu firme para cruzá-lo. Afundou até a cintura no meio do caminho, depois subiu a outra margem e se encostou nas pedras, pingando. Olhou ao redor, franziu a testa ao ver West tão atrás, sacudiu a mão, irritado, para que o seguisse.

West pegou a espada desajeitadamente e a levantou. Respirou fundo e entrou no riacho. A água penetrou em sua bota e envolveu o tornozelo. Ele sentiu como se a perna tivesse sido presa subitamente em gelo. Deu um passo à frente e a outra perna sumiu até a coxa. Seus olhos se arregalaram, a respiração saiu num jato, mas não havia como recuar. Deu mais um passo. A bota deslizou nas pedras cheias de musgo no leito do rio e ele escorregou, impotente, até molhar as axilas. Teria gritado, se a água gelada não tivesse lhe arrancado o ar dos pulmões. Avançou com dificuldade, meio tropeçando, meio nadando, os dentes trincados

de pânico. Chegou à outra margem com a respiração sibilando rasa, ofegando desesperadamente. Subiu cambaleando e se encostou nas pedras atrás de Barca Negra, com a pele entorpecida e formigando.

O nórdico deu um risinho para ele.

– Parece que está com frio, garoto.

– Estou bem – gaguejou West, batendo queixo. Nunca sentira tanto frio na vida. – Vou fazer minha pa... pa... parte.

– Vai fazer sua o quê? Não vou deixar que lute frio, garoto. Assim nós dois vamos morrer.

– Não se preocupe com...

A mão aberta de Barca Negra o atingiu com força no rosto. O susto foi quase maior do que a dor. West ficou boquiaberto. Largou a espada na lama e levou uma das mãos instintivamente à bochecha ardida.

– Que diab...

– Tome isso! – sibilou o nórdico. – É para você!

West estava começando a abrir a boca quando a outra mão de Barca Negra a acertou e o fez cambalear para trás, contra as pedras, com sangue pingando do lábio na terra úmida e a cabeça zumbindo.

– É seu. Domine!

– Sua porra de...

O resto não passou de um grunhido insensato à medida que as mãos de West se fechavam na garganta de Barca Negra, apertando, gadanhando. Ele rosnava feito um animal, dentes à mostra e insensato. O sangue fervilhou em seu corpo, a fome, a dor e a frustração da marcha interminável e gelada derramando-se de uma vez só.

Mas Barca Negra era duas vezes mais forte do que West, por mais raiva que ele estivesse sentindo.

– Tome isso! – rosnou, puxando as mãos de West e prendendo-o contra as pedras. – Já está quente?

Algo veio de cima e bateu na água ao lado deles, fazendo-a espirrar. Barca Negra lhe deu um empurrão de despedida e saltou para longe, subindo a margem com um rugido. West correu atrás dele, arrancando a espada pesada da lama e levantando-a bem alto, com sangue pulsando na cabeça, uivando sons sem sentido a plenos pulmões.

O terreno lamacento passava rápido sob ele. West atravessou os arbustos e a madeira podre e chegou ao espaço aberto. Viu Barca Negra cortar com o machado um nórdico boquiaberto. Sangue escuro esguichou, manchas pretas contra o emaranhado de galhos e céu branco. Árvores, pedras e homens desgrenhados sacudiam e oscilavam. A respiração de West rugia nos ouvidos como uma tempestade. Alguém surgiu e ele girou a espada, sentiu-a cortar. Sangue respingou no rosto de West e ele cambaleou e cuspiu, e piscou, escorregou de lado e se levantou de qualquer jeito. Sua cabeça estava cheia de sons de uivos e gritos, metal se chocando e ossos partindo.

Cortou. Golpeou. Brigou.

Alguém cambaleou perto dele, segurando uma flecha cravada no peito. A espada de West partiu o crânio do sujeito até a boca. O cadáver se sacudiu, arrancando a espada da mão dele. West tropeçou no chão, quase caiu, socou um corpo que passava. Algo se chocou contra ele e o jogou de costas numa árvore, arrancando o ar dos pulmões num chiado ofegante. Alguém passara os braços em volta de seu peito, prendendo-o, tentando esmagá-lo.

West se jogou para a frente, cravou os dentes no lábio do sujeito, sentiu-os se encontrarem. O sujeito gritou e deu socos, mas West praticamente não sentia. Cuspiu o pedaço de carne e lhe deu uma cabeçada na cara. O homem se retorceu e ganiu, com sangue escorrendo da boca rasgada. West cravou os dentes no nariz dele, rosnando feito um cachorro louco.

Mordeu. Mordeu. Mordeu.

Sua boca se encheu de sangue. Podia ouvir gritos, mas tudo o que lhe importava era apertar as mandíbulas, cada vez com mais força. Jogou a cabeça para o lado e o sujeito cambaleou para trás, segurando o rosto. Uma flecha veio de lugar nenhum e bateu nas costelas dele, fazendo-o cair de joelhos. West mergulhou sobre o homem, agarrou seu cabelo emaranhado e bateu o rosto dele no chão, de novo e de novo.

– Acabou.

As mãos de West recuaram bruscamente, garras cheias de sangue e cabelos arrancados. Levantou-se ofegando, olhos arregalados.

Tudo estava imóvel. O mundo tinha parado de girar. Pontos de neve desciam gentilmente na clareira, pousando na terra molhada, no equipamento espalhado, nos corpos estendidos e nos homens ainda de pé. Tul não estava longe, olhando-

o. Três Árvores vinha atrás, com a espada na mão. A cara rosada de Pike tinha algo de dor, e ele apertava um punho sangrento em volta do braço. Todos olhavam. Todos olhavam para ele. Barca Negra levantou a mão, apontou para West. Em seguida jogou a cabeça para trás e começou a gargalhar.

– Você mordeu ele! Você arrancou a porra do nariz dele com os dentes! Eu sabia que você era um sacana maluco!

West os encarou. O latejamento na cabeça começava a diminuir.

– O quê? – balbuciou.

Estava coberto de sangue. Limpou a boca. Salgado. Olhou o cadáver mais próximo, de cara virada para o chão. Escorria sangue por baixo da cabeça, descendo pela encosta e empoçando em volta da bota de West. Lembrava-se... de alguma coisa. Uma cólica súbita o fez se dobrar, cuspindo algo rosado no chão, o estômago vazio revirando.

– Furioso! – gritou Barca Negra. – É o que você é!

Sinistro já havia saído dos arbustos, com o arco no ombro, e estava se agachando, tirando uma pele sangrenta de cima de um cadáver.

– Bom casaco – murmurou consigo mesmo.

Dobrado ao meio, enjoado e totalmente exaurido, West observou os outros revirarem o acampamento. Ouviu Barca Negra rindo.

– Furioso! – grasnou a voz áspera. – É assim que vou chamar você!

– Eles têm flechas – falou Cachorrão e, rindo, tirou alguma coisa de um dos pacotes no chão. – E queijo. Meio empoeirado. – Com os dedos sujos, ele tirou um pouco de mofo da fatia amarela, mordeu-a e riu. – Mas ainda está bom.

– Tem um monte de coisa boa – assentiu Três Árvores, começando a sorrir também. – E todos ainda estamos inteiros, mais ou menos. Foi um bom dia de trabalho, pessoal. – Ele deu um tapa nas costas de Tul. – É melhor irmos logo para o norte, antes que sintam a falta desses aí. Vamos juntar depressa o que há e encontrar aqueles dois.

A mente de West estava apenas começando a funcionar de novo.

– Os outros!

– Isso – disse Três Árvores. – Você e Barca Negra vão ver como eles estão... Furioso. – E se virou com um meio sorriso.

West ia andando entre as árvores, por onde viera, escorregando por causa da pressa, o sangue pulsando de novo.

– Proteger o príncipe – murmurou sozinho.

Atravessou o riacho quase sem notar o frio, esforçou-se na outra margem e subiu o morro de volta, correndo na direção do penhasco onde tinham deixado os outros.

Ouviu um grito de mulher, rapidamente sufocado, uma voz de homem rosnando. O horror se esgueirou em cada parte de seu corpo. Os homens de Bethod os haviam encontrado. Talvez já fosse tarde demais. As pernas ardiam, mas ele as instigava encosta acima mesmo assim, tropeçando e escorregando na lama. Precisava proteger o príncipe. O ar queimava nos pulmões, mas ele se obrigava a prosseguir, os dedos agarrando os troncos das árvores, raspando em gravetos soltos e agulhas de pinheiro no chão gelado.

Irrompeu no espaço aberto ao lado do penhasco, ofegando, com a espada suja de sangue em punho.

Duas figuras lutavam. Cathil por baixo, de costas no chão, chutando e gadanhando alguém em cima dela. O homem tinha conseguido puxar a calça dela para baixo dos joelhos e agora tentava soltar o próprio cinto ao mesmo tempo que lutava para manter a outra mão sobre a boca de Cathil. West deu um passo adiante, levantando a espada bem alto, e o homem girou a cabeça na direção dele. West piscou. O estuprador em potencial era ninguém menos que o príncipe herdeiro Ladisla.

Quando o viu, o príncipe se levantou de um jeito atrapalhado e deu um passo atrás. Tinha uma expressão ligeiramente sem graça, quase um sorriso, como um estudante apanhado roubando torta na cozinha.

– Desculpe – disse. – Achei que vocês iam demorar mais.

West o encarou, quase incapaz de entender o que acontecia.

– Demorar mais?

– Seu desgraçado! – gritou Cathil, recuando de costas e puxando a calça para cima. – Vou matar você, porra!

Ladisla tocou o próprio lábio.

– Ela me mordeu! Veja!

O príncipe estendeu os dedos sujos de sangue como se fossem prova de um ultraje perpetrado contra ele. West se pegou avançando. O príncipe devia ter visto algo no rosto dele, porque deu um passo para longe, levantando uma das mãos enquanto segurava a calça com a outra.

– Espere, West, só...

Não houve uma fúria gigantesca. Nem cegueira temporária, nem membros movendo-se por conta própria, nem o menor traço de dor de cabeça. Não houve raiva nenhuma. West nunca havia se sentido tão calmo, tão sóbrio, tão seguro de si. Escolheu fazer aquilo.

Seu braço direito subiu de repente e a palma da mão aberta se chocou contra o peito de Ladisla. O príncipe herdeiro ofegou de leve e tropeçou bruscamente para trás. Seu pé esquerdo se torceu na lama. Ele baixou o pé direito, só que não havia chão atrás. Suas sobrancelhas subiram, a boca e os olhos se abriram com silenciosa estupefação. O herdeiro do trono da União caiu para longe de West, as mãos tentando em vão agarrar alguma coisa, virando-se lentamente de lado no ar... e então ele se fora.

Houve um grito curto e ofegante, uma pancada, outra, um som prolongado de pedras rolando.

Depois silêncio.

West ficou parado, piscando.

Virou-se para Cathil.

Ela estava imóvel, a dois passos de distância, olhos arregalados.

– Você... você...

– Eu sei. – Nem parecia sua voz.

Ele foi até a beira do penhasco. O cadáver de Ladisla estava caído de bruço no fundo, o casaco puído de West aberto sobre ele, as calças em volta dos tornozelos, um joelho dobrado para trás do modo errado, um círculo de sangue escuro espalhando-se sobre as pedras, em volta do crânio rachado. Nunca ninguém parecera mais morto.

West engoliu em seco. Tinha feito aquilo. Ele. Tinha matado o herdeiro do trono. Tinha-o assassinado a sangue-frio. Era um criminoso. Era um traidor. Era um monstro.

E quase sentiu vontade de gargalhar. O ensolarado Agriont, onde as pessoas davam sua lealdade e deferência sem questionamentos, onde plebeus faziam o que os superiores mandavam, onde matar era algo que simplesmente não se fazia, tudo isso estava muito longe. Ele podia ser um monstro, mas ali, na vastidão congelada de Angland, as regras eram diferentes. Os monstros eram a maioria.

Sentiu um tapa forte no ombro. Ergueu os olhos e viu a cabeça sem orelha de Barca Negra ao seu lado, olhando para baixo. O nórdico assobiou baixinho.

– Bom, acho que é o fim disso aí. Sabe de uma coisa, Furioso? – E ele deu um sorriso torto para West. – Estou começando a gostar de você, garoto.

Até o último homem

Para Sand dan Glokta,
Superior de Dagoska, e somente para ele

Está claro que, apesar dos seus esforços, Dagoska não conseguirá permanecer nas mãos da União por muito mais tempo. Portanto ordeno que saia daí imediatamente e se apresente a mim. O cais pode ter sido perdido, mas você não deve ter dificuldade para se esgueirar à noite num barco pequeno. Um navio estará à sua espera mais adiante, no litoral.
Você vai passar o comando ao general Vissbruck, já que é o único membro do conselho governante de Dagoska ainda vivo na cidade. Não preciso dizer que as ordens do Conselho Fechado para os defensores de Dagoska continuam as mesmas.
Lutar até o último homem.

Sult
Arquileitor da Inquisição de Sua Majestade

O GENERAL VISSBRUCK baixou lentamente a carta, o maxilar travado com força.

– Então devemos entender, superior, que o senhor vai nos deixar? – A voz dele estava ligeiramente embargada. *De pânico? De medo? De raiva? Quem poderia culpá-lo por qualquer uma dessas coisas?*

A sala estava praticamente como no dia em que Glokta chegara à cidade. Os mosaicos soberbos, os relevos magistrais, a mesa polida, tudo brilhando ao sol da manhã que penetrava as janelas altas. *Mas o conselho governante está lamentavelmente reduzido.* Vissbruck, com as papadas avolumando-se sobre o

colarinho rígido da casaca bordada, e o haddish Kahdia, sentado frouxo e exausto em sua cadeira, eram tudo o que restava. Nicomo Cosca estava à parte, encostado na parede perto da janela e limpando as unhas.

Glokta respirou fundo.

– O arquileitor quer que eu... me explique.

Vissbruck deu um risinho estridente.

– Por algum motivo, a imagem de ratos fugindo de uma casa em chamas me vem à mente.

Uma boa metáfora. Se os ratos estiverem fugindo das chamas para se jogar numa máquina de moer carne.

– Ora, general. – Cosca deixou a cabeça pender para trás até se encostar na parede, tendo um leve sorriso nos lábios. – O superior não precisava nos mostrar isso. Poderia ter ido embora à noite e ninguém ficaria sabendo. É o que eu teria feito.

– Permita-me demonstrar pouca consideração pelo que *você* teria feito – disse Vissbruck com desprezo. – Nossa situação é crítica. A muralha externa está perdida. As favelas estão cheias de soldados gurkenses. Toda noite fazemos investidas a partir dos portões da Cidade Alta. Queimamos um aríete. Matamos algumas sentinelas adormecidas. Mas todos os dias eles trazem mais equipamentos. Logo, talvez, terão liberado espaço no meio dos barracos e montado as catapultas grandes. Pouco depois, imagino, a Cidade Alta será alvo de fogo constante de projéteis incendiários! – Ele balançou o braço na direção da janela. – De lá eles podem até alcançar a Cidadela! Esta sala mesmo pode ganhar uma pedra do tamanho de um telheiro como peça de decoração central!

– Tenho plena consciência de nossa situação – disse Glokta rispidamente. *Nos últimos dias, o fedor de pânico aumentou quase a ponto de os mortos o sentirem.* – Mas as ordens do arquileitor são específicas. Lutar até o último homem. Sem rendição.

Os ombros de Vissbruck caíram.

– A rendição não adiantaria, de qualquer modo.

Ele se levantou, fez uma tentativa canhestra de ajeitar o uniforme, depois encaixou lentamente a cadeira sob a mesa. Nesse momento Glokta quase sentiu pena. *Talvez ele mereça pena, mas gastei a pena que tinha com Carlot dan Eider, que provavelmente não a merecia.*

– Permita-me oferecer o conselho de um homem que já viu o interior de uma prisão gurkense. Se a cidade cair, recomendo enfaticamente que tire a própria vida para não ser capturado.

Os olhos do general Vissbruck se arregalaram por um momento, depois ele encarou o lindo piso de mosaico e engoliu em seco. Quando levantou o rosto, Glokta ficou surpreso ao ver um sorriso amargo.

– Não era nem um pouco isso que eu tinha em mente quando entrei para o exército.

Glokta bateu com a bengala na perna arruinada e também deu um riso torto.

– Eu poderia dizer o mesmo. O que foi que Stolicus escreveu? “Quem faz recrutamento vende sonhos, porém entrega pesadelos”?

– Parece adequado ao caso.

– Se serve de consolo, duvido que meu destino seja ao menos tão agradável quanto o seu.

– Um pequeno consolo.

Vissbruck bateu os calcanhares reluzentes e se pôs em impecável posição de sentido. Permaneceu assim por um momento, imóvel, depois se virou para a porta sem dizer uma palavra, as solas estalando alto no piso e o som se esvaindo no corredor lá fora.

Glokta olhou para Kahdia.

– Independentemente do que eu disse ao general, eu sugeriria que você entregasse a cidade na primeira oportunidade que surgir.

Os olhos cansados de Kahdia se viraram para cima.

– Depois de tudo isso? Agora?

Principalmente agora.

– Talvez o imperador opte por ser misericordioso. De qualquer modo, vejo pouca vantagem para vocês em continuar lutando. No ponto em que estamos, ainda há algo a barganhar. Ainda é possível que você consiga algum tipo de acordo.

– E esse é o consolo que você oferece? A misericórdia do imperador?

– É só isso que tenho. O que você me disse sobre um homem perdido no deserto?

Kahdia assentiu lentamente.

– Qualquer que seja o resultado, eu gostaria de lhe agradecer.

Agradecer, seu idiota?

– Agradecer o quê? Ter destruído sua cidade e deixado vocês à mercê do imperador?

– Por nos tratar com um pouco de respeito.

Glokta resfolegou.

– Respeito? Achei que eu simplesmente tivesse dito o que você queria ouvir, para conseguir o que eu necessitava.

– Talvez. Mas agradecer não custa nada. Que Deus o acompanhe.

– Deus não vai para onde eu vou – murmurou Glokta, enquanto Kahdia arrastava os pés lentamente para fora da sala.

Cosca riu por cima do nariz comprido.

– De volta a Adua, hein, superior?

– De volta, como você diz, a Adua. – *De volta à Casa das Perguntas. De volta ao arquileitor Sult.* Não era um pensamento feliz.

– Talvez eu veja o senhor lá.

– Você acha? – *É mais provável que você seja trucidado junto com o resto, quando a cidade cair. E, assim, perderá a oportunidade de assistir ao meu enforcamento.*

– Se eu aprendi uma coisa, é que sempre há uma chance. – Cosca riu enquanto se afastava da parede e caminhava despreocupadamente até a porta, com uma das mãos apoiada elegantemente no copo da espada. – Odeio perder um bom empregador.

– Eu odiaria ser perdido. Mas prepare-se para a possibilidade de desapontamento. A vida é cheia deles. – *E o modo como ela termina costuma ser o maior de todos.*

– Bom, então. Se um de nós precisa se desapontar... – E Cosca fez uma reverência junto à porta, com um floreio teatral e o ouro descamado de seu outrora magnífico peitoral reluzindo numa nesga de sol da manhã. – Foi uma honra.



Glokta sentou na cama, passou a língua nas gengivas vazias e esfregou a

perna que latejava. Olhou o aposento ao redor. *O aposento de Davoust. Foi onde um velho mago me aterrorizou no meio da noite. Foi de onde vi a cidade queimar. Foi onde quase fui comido por uma garota de 14 anos. Ah, lembranças felizes...*

Contraiu os músculos do rosto à medida que se levantava e ia mancando até a única caixa que havia trazido. *E foi onde assinei um recibo de 1 milhão de marcos, cedidos pela casa bancária de Valink e Balk.* Tirou do bolso do casaco o estojo achatado de couro que Mauthis lhe dera. *Meio milhão de marcos em pedras polidas, praticamente intocadas.* Sentiu de novo a tentação de abri-lo, enfiar a mão dentro e sentir entre os dedos a destilação fria, dura, seca da riqueza. Fez um esforço para resistir e outro, enorme, para se curvar. Então, com uma das mãos, empurrou algumas roupas dobradas e, com a outra, enfiou a carteira embaixo. *Preto, preto e preto. Eu realmente deveria arranjar um guarda-roupa mais variado.*

– Vai embora sem se despedir?

Glokta se empertigou violentamente e quase vomitou com o espasmo lancinante que sentiu nas costas. Estendeu um braço e fechou a tampa da caixa bem a tempo de sentar-se em cima dela antes que a perna cedesse. Vitari estava parada junto à porta, franzindo a testa para ele.

– Maldição! – sibilou ele, soprando cuspe pelos espaços entre os dentes a cada respiração arfante, a perna esquerda entorpecida feito madeira, a direita agonizante de cãibras.

Ela entrou no quarto, os olhos estreitados vasculhando à esquerda e à direita. *Verificando se não há mais ninguém aqui. Uma entrevista particular, então.* O coração dele começou a bater depressa na hora em que ela fechou a porta devagar, e não só por causa dos espasmos na perna. A chave estalou na fechadura. *Só nós dois. Que coisa terrivelmente empolgante.*

Ela andou sobre o tapete em silêncio, a sombra preta e comprida se estendendo na direção dele.

– Achei que tínhamos um acordo – sibilou ela por trás da máscara.

– Eu também – disse Glokta rispidamente, lutando para encontrar uma posição mais digna. – Aí recebi um bilhetinho de Sult. Ele quer que eu volte, e acho que podemos adivinhar por quê.

– Não por causa de alguma coisa que eu tenha contado a ele.

– É o que você diz.

Os olhos dela se estreitaram mais ainda, seus pés chegaram mais perto.

– Nós tínhamos um acordo. Eu mantive a minha parte.

– Bom para você! Pode se consolar com esse pensamento quando eu estiver flutuando de barriga para baixo no cais de Adua e você estiver presa aqui, esperando os gurkenses quebrarem o... uff!

E ela estava em cima dele, o peso esmagando suas costas tortas contra a caixa, espremendo o ar para fora num chiado áspero. Houve um clarão de metal e o chacoalhar de uma corrente, e os dedos dela deslizaram em volta de seu pescoço.

– Seu verme aleijado! Eu deveria cortar a porra da sua garganta agora mesmo!

O joelho dela golpeou dolorosamente a barriga dele, o metal fez cócegas suaves na pele do seu pescoço, os olhos azuis dela estavam fixos nos dele, saltando para um lado e para outro, brilhando duros como as pedras na caixa sob ambos. *Minha morte pode estar a instantes de acontecer. Facilmente.* Lembrou-se de tê-la visto esganando Eider. *Com tão pouca preocupação quanto eu poderia ter ao esmagar uma formiga, e eu, pobre aleijado, tão impotente quanto uma.* Talvez devesse estar balbuciando de medo, mas tudo em que conseguia pensar era: *quando foi a última vez que uma mulher esteve em cima de mim?*

Ele gargalhou, roncou de rir.

– Você não me conhece? – falou engrolado, meio rindo, meio soluçando, os olhos minando água com uma mistura nauseante de dor e diversão. – Superior Glokta, muito prazer! Estou cagando e andando para o que você fizer, e você sabe disso. Ameaças? Você teria de fazer muito melhor do que isso, sua puta ruiva!

Os olhos dela se arregalaram de fúria. Seu ombro veio para a frente, o cotovelo para trás, pronto para aplicar a maior pressão possível. *O bastante para cortar meu pescoço até a coluna torta, sem dúvida.*

Glokta sentiu os lábios se repuxarem num riso doentio, molhados de cuspe. *Agora.*

Ouviu a respiração de Vitari atrás da máscara. *Faça.*

Sentiu a lâmina pressionar seu pescoço, um toque gelado, tão afiada que ele mal sentia. *Estou pronto.*

Então ela soltou um chiado longo, levantou a faca bem alto e a cravou na madeira ao lado da cabeça dele. Levantou-se e lhe deu as costas. Glokta fechou os olhos e respirou por um momento. *Continuo vivo*. Havia uma sensação estranha na garganta. *Alívio ou frustração? Difícil dizer qual é a diferença.*

– Por favor.

Isso foi dito tão baixinho que ele achou que podia ter imaginado. Vitari estava de costas para ele, a cabeça baixa, os punhos cerrados e tremendo.

– O quê?

– Por favor.

Ela disse isso mesmo. E dá para ver que dói dizer.

– Por favor, é? Você acha que há algum lugar aqui para "por favor"? Por que, diabos, eu iria salvá-la? Você veio aqui me espionar para o Sult. Não fez nada além de ficar no meu caminho desde que chegou! É difícil pensar em alguém em quem eu confie menos, e eu não confio em ninguém!

Ela se virou de novo para ele, levou a mão atrás da cabeça, segurou as tiras da máscara e a arrancou. Havia uma nítida linha de bronzeado por baixo: marrom em volta dos olhos, a testa e o pescoço, branco em volta da boca, com uma marca rosada na ponte do nariz. O rosto era muito mais suave, muito mais jovem, mais comum do que ele teria esperado. Ela já não parecia temível. Parecia apavorada e desesperada. Glokta se sentiu súbita e ridiculamente sem jeito, como se tivesse entrado num quarto e surpreendido alguém nu. Quase precisou desviar os olhos quando ela se ajoelhou para ficar no mesmo nível que ele.

– Por favor. – Os olhos de Vitari estavam úmidos, o lábio tremendo como se ela estivesse à beira das lágrimas.

Um vislumbre de esperanças secretas por baixo da casca maligna? Ou só uma boa atuação? Glokta sentiu as pálpebras estremecerem.

– Não é por mim – ela quase suspirou. – Por favor. Estou implorando.

Ele esfregou o pescoço, pensativo. Quando tirou a mão, havia sangue na ponta do dedo. Uma levíssima mancha marrom. *Um beliscão. Um arranhão que fosse. Só mais a espessura de um cabelo e eu estaria bombeando sangue por todo esse lindo tapete. Só a espessura de um cabelo. A vida muda nesses acasos. Por que eu deveria salvá-la?*

Mas ele sabia por quê. *Porque não salvo muitas pessoas.*

Virou-se dolorosamente sobre a caixa, de modo a ficar de costas para ela, e permaneceu ali, massageando a carne morta da perna esquerda. Respirou fundo.

– Certo – disse rispidamente.

– Você não vai se arrepender.

– Já me arrependo. Maldição, eu sou um idiota com mulheres que choram! E você carrega sua bagagem!

Ele olhou ao redor, erguendo um dedo, mas Vitari já estava de novo com a máscara no rosto. Seus olhos estavam secos, estreitados e ferozes. *Parecem olhos que não poderiam derramar uma lágrima em cem anos.*

– Não se preocupe. – Ela deu um puxão na corrente que tinha em volta do pulso e a lâmina em forma de cruz saltou da tampa da caixa e bateu na palma de sua mão, que esperava. – Eu viajo com pouca coisa.

Glokta observou as chamas que se refletiam na superfície calma da baía. Fragmentos móveis, vermelhos, amarelos, brancos reluzentes na água preta. Frost puxava os remos sem solavancos, tranquilamente, o rosto pálido inexpressivo e semi-iluminado pelas fogueiras da cidade. Severard estava sentado atrás dele, encurvado, olhando com irritação para a água. Vitari ficara mais além, na proa, a uma distância em que sua cabeça não passava de uma silhueta espetada. As pás mergulhavam na água, fazendo-a espumar praticamente sem som. Nem parecia que o barco estava se movendo. Era o contorno escuro da península que deslizava lentamente para longe, para a escuridão.

O que eu fiz? Entreguei uma cidade cheia de gente à morte ou à escravidão, em nome de quê? Da honra do rei? Um imbecil babão que nem consegue controlar as próprias tripas, quanto mais um país. Do meu orgulho? Rá! Joguei isso fora há muito tempo, junto com meus dentes. Da aprovação de Sult? Minha recompensa provavelmente será um colar de corda e uma longa queda.

Podia ver a silhueta mais escura das rochas contra o céu noturno, a forma escarpada da Cidadela empoleirada em cima. Talvez até as formas esguias dos pináculos do Grande Templo. Tudo movendo-se para o passado.

O que eu poderia ter feito de modo diferente? Poderia ter me juntado a Eider e aos outros. Entregado a cidade aos gurkenses sem luta. Isso teria mudado alguma coisa? Glokta lambeu as gengivas vazias com amargura. *O imperador faria os expurgos do mesmo modo. Sult teria mandado me chamar, como fez. Poucas diferenças, nem valia a pena comentar. O que Shickel disse? Poucos são os que têm escolha.*

Uma brisa gelada soprou contra seu peito e Glokta apertou a capa em volta do corpo, cruzou os braços e se encolheu ao mesmo tempo que movia o pé entorpecido para trás e para a frente dentro da bota, tentando fazer o sangue circular. A cidade não passava de pontos de luz salpicados, ao longe.

É exatamente como Eider disse – tudo para que o arquileitor e os outros de sua laia possam apontar para um mapa e dizer: este ponto ou aquele é nosso. Sua boca se repuxou num sorriso. *E, depois de tantos esforços, de tantos sacrifícios, de tantas conspirações, tramas e mortes, nós nem vamos manter a cidade. Toda essa dor em troca de quê?*

Não houve resposta, claro. Só as ondas calmas batendo na lateral do barco, os estalos fracos das forquetas, o plac-plac suave dos remos na água. Quis sentir nojo de si mesmo. Culpa pelo que tinha feito. Pena de todos que ficaram à mercê da misericórdia dos gurkenses. *Como outros homens poderiam sentir. Como eu poderia sentir, muito tempo atrás.* Mas era difícil sentir alguma coisa além do cansaço avassalador e da dor interminável, incômoda, subindo pela perna, pelas costas, o pescoço. Estremeceu ao largar o corpo no banco de madeira, procurando, como sempre, uma posição menos dolorosa. *Não preciso me castigar, afinal de contas.*

O castigo viria logo.

A joia das cidades

PELO MENOS AGORA podia cavalgar. As talas haviam sido tiradas de manhã e a perna lesionada de Jezal batia dolorosamente no flanco do cavalo em movimento. Sua mão estava entorpecida e desajeitada nas rédeas, o braço fraco e dolorido sem a tipoia. Seus dentes ainda latejavam a cada batida dos cascos na estrada em ruínas. Mas pelo menos estava fora da carroça, e isso já era alguma coisa. Pequenas coisas pareciam deixá-lo feliz ultimamente.

Os outros cavalgavam num grupo soturno, silencioso, sério, como se acompanhasse um enterro, e Jezal não os culpava. Era um lugar funesto. Uma planície de terra. De fissuras de rocha nua. De areia e pedras, vazia de vida. O céu era um nada branco e imóvel, pesado como chumbo claro, prometendo chuva, mas nunca cumprindo. Cavalgavam agrupados em volta da carroça como se quisessem se amontoar em busca de calor, as únicas coisas quentes num lugar congelado no tempo, as únicas coisas vivas num país morto.

A estrada era larga, mas as pedras estavam rachadas e fora de nível. Em alguns lugares, trechos inteiros tinham se desfeito; em outros, jorros de lama a haviam coberto completamente. Tocos mortos de árvores se projetavam da terra nua dos dois lados. Bayaz devia tê-lo notado olhando para elas.

– Uma avenida de carvalhos orgulhosos ladeava esta estrada por 30 quilômetros a partir dos portões da cidade. No verão as folhas reluziam e balançavam ao vento da planície. Juvens os plantou com as próprias mãos, no Tempo Antigo, quando o Império era jovem, muito antes até mesmo de eu nascer.

Os tocos mutilados eram cinza e secos, as bordas lascadas ainda mostravam as marcas de serra.

– Parece que foram cortadas há meses.

– Há muitos longos anos, meu rapaz. Quando Glustrod tomou a cidade,

mandou derrubá-las para alimentar suas fornalhas.

– Então por que não apodreceram?

– Até mesmo a podridão é um tipo de vida. Aqui não há vida.

Jezal engoliu em seco e encolheu os ombros, observando os pedaços de madeira morta havia muito tempo passarem lentamente como fileiras de lápides.

– Não estou gostando disso – murmurou baixinho.

– Você acha que eu estou? – Bayaz franziu a testa, sério, para ele. – Acha que algum de nós está? Às vezes é preciso fazer o que a gente não gosta, se quiser ser lembrado. É por meio da luta, e não da facilidade, que se obtém fama e honra. É por meio do conflito, e não da paz, que se obtém riqueza e poder. Essas coisas não lhe interessam mais?

– Interessam – murmurou Jezal. – Eu acho...

Mas ele não tinha nem um pouco de certeza. Olhou para o mar de terra morta. Havia pouquíssimos sinais de honra ali, quanto mais de riqueza, e era difícil ver de onde viria a fama. Ele já era bem conhecido pelas únicas cinco pessoas que havia num raio de 150 quilômetros. Além disso, começava a se perguntar se uma vida longa e pobre na obscuridade absoluta seria mesmo uma coisa tão terrível.

Talvez, quando voltasse para casa, pedisse Ardee em casamento. Divertiu-se imaginando o sorriso dela quando ele tocasse no assunto. Sem dúvida ela iria deixá-lo se contorcer, esperando a resposta. Sem dúvida iria mantê-lo na dúvida. Sem dúvida diria sim. Afinal de contas, o que de pior poderia acontecer? Seu pai ficar com raiva? Os dois serem obrigados a viver com seu salário de oficial? Seus amigos superficiais e seus irmãos idiotas rirem por suas costas ao vê-lo tão diminuído? Quase riu pensando que aqueles haviam parecido motivos importantes.

Uma vida de trabalho duro tendo ao lado a mulher que ele amava? Uma casa alugada numa parte não elegante da cidade, com mobília barata, mas com um fogo aconchegante? Sem fama, sem poder, sem riqueza, mas com uma cama quente e Ardee sobre o colchão, esperando por ele... Não parecia um destino tão terrível, agora que vira a cara da morte, que sobrevivia com uma tigela de papa por dia e agradecendo por isso, que dormia sozinho ao vento e debaixo de chuva.

Seu riso ficou mais largo, e a sensação da pele dolorida esticando-se sobre o maxilar foi quase agradável. Aquela não parecia uma vida tão ruim, afinal de contas.

As grandes muralhas se erguiam de forma íngreme, com feridas de ameias quebradas, pústulas de torres despedaçadas, cicatrizes de rachaduras pretas e escorregadias de umidade. Um penhasco de pedra escura que se curvava para longe das vistas, na garoa cinzenta, com a terra nua à frente empoçada de água marrom e blocos caídos, grandes como caixões.

– Aulcus – resmungou Bayaz, com o queixo rígido. – A joia das cidades.

– Não estou vendo brilho nenhum – grunhiu Ferro.

Nem Logen. A estrada escorregadia subia até um arco semidesmoronado, escancarado, cheio de sombras, já que o portão havia sumido muito tempo antes. Ele teve uma sensação medonha ao olhar aquele portal escuro. Um enjoo. Como o que sentira ao deparar com a porta aberta da Casa do Artífice. Como se estivesse encarando uma sepultura, possivelmente a sua. Só conseguia pensar em dar meia-volta e nunca mais retornar. Seu cavalo relinchou baixinho e deu um passo de lado, com a respiração soltando fumaça sob a chuva nevoenta. De repente, as centenas de quilômetros longos e perigosos de volta ao mar pareceram uma jornada mais fácil do que os poucos passos até o portal.

– Tem certeza disso? – perguntou a Bayaz.

– Se tenho certeza? Claro que não! Eu nos fiz atravessar todo esse caminho exaustivo pela planície estéril por simples capricho! Passei anos planejando a jornada e juntei esse grupo em todo o Círculo do Mundo sem motivo nenhum além de minha própria diversão! Não fará mal se simplesmente voltarmos a Calcis. Se tenho certeza?

Ele balançou a cabeça e instigou o cavalo em direção à passagem escancarada. Logen encolheu os ombros.

– Só estava perguntando.

O arco se arreganhou mais e mais, depois os engoliu inteiros. O som dos cascos dos cavalos ecoou no túnel comprido, ressoando alto na escuridão. O peso de pedra a toda a volta o oprimia e parecia tornar difícil respirar. Logen baixou a cabeça, franzindo os olhos em direção ao círculo de luz que crescia cada vez mais na outra extremidade. Virou-se de lado e captou o olhar de Luthar – que, na penumbra, lambia com nervosismo os lábios, tendo o cabelo úmido grudado no rosto.

E então chegaram ao espaço aberto.

– Nossa, nossa... – ofegou Pé Comprido. – Nossa, nossa, nossa...

Prédios colossais se erguiam dos dois lados de uma praça vastíssima. Os fantasmas de colunas imponentes e tetos nas alturas, de pés-direitos altíssimos e grandes paredes, tudo feito para gigantes, erguiam-se na névoa da chuva. Logen ficou boquiaberto. Todos ficaram, um minúsculo grupo encolhido naquele espaço enorme, como ovelhas apavoradas num vale aberto, esperando a chegada dos lobos.

A chuva sibilava na laje lá em cima, a água batia forte nas pedras escorregadias, escorria pelas paredes semidesmoronadas, gorgolejava nas rachaduras da rua. O som dos cascos parecia abafado. As rodas da carroça rangiam e gemiam suavemente. Nenhum outro barulho. Nenhuma agitação, nem ruídos, nem burburinho de multidões. Nenhum pássaro piando, nenhum cão latindo, nenhum estardalhaço de comércio. Nada vivia. Nada se movia. Só havia as grandes construções enegrecidas que se estendiam para longe na chuva, e as nuvens onduladas a se arrastarem no céu escuro.

Passaram lentamente pelas ruínas de algum templo caído, uma massa emaranhada de blocos e lajes que pingavam, com pedaços de colunas monstruosas espalhadas de lado no pavimento partido e fragmentos dos telhados imóveis na lonjura em que haviam sido lançados. O rosto molhado de Luthar – exceto pela mancha rosada que atravessava seu queixo – estava de um branco de giz enquanto ele olhava os destroços altíssimos dos dois lados.

– Inferno – murmurou.

– É mesmo – murmurou Pé Comprido baixinho. – Uma visão tremendamente impressionante.

– Os palácios dos mortos ricos – disse Bayaz. – Os templos onde eles rezavam a deuses furiosos. Os mercados onde compravam e vendiam produtos, animais e pessoas. Onde compravam e vendiam uns aos outros. Os teatros, os banhos e os bordéis onde cediam às paixões, antes da chegada de Glustrod. – Ele apontou para o outro lado da praça, pelo vale de pedras pingando. – Esta é a via Calina. A maior rua da cidade e onde os cidadãos mais importantes residiam. Ela vai reta, mais ou menos, desde o portão norte até o portão sul. Agora ouçam – disse ele, virando-se na sela que rangeu. – Cinco quilômetros ao sul da cidade, há um morro alto com um templo no cume. No Tempo Antigo, era chamado

rocha Saturlina. Se nos separarmos, é lá que nos encontraremos.

– Por que iríamos nos separar? – perguntou Jezal, com os olhos arregalados.

– A terra na cidade é... inquieta e costuma tremer. Os prédios são antigos e instáveis. Espero passarmos sem contratempos mas... seria idiotice contar só com a esperança. Se algo acontecer, vão para o sul, em direção à rocha Saturlina. Até lá, fiquem juntos.

Nem precisava dizer. Logen olhou para Ferro enquanto penetravam na cidade: cabelo preto espetado, rosto escuro molhado, franzindo a testa com desconfiança para os enormes prédios à esquerda e à direita.

– Se alguma coisa acontecer – sussurrou ele para ela, me ajude a sair, certo?

Ela o encarou por um momento, depois assentiu.

– Se eu puder, rosado.

– Está bom assim.

A única coisa pior do que uma cidade cheia de gente é uma cidade sem ninguém.

Ferro cavalgava com o arco numa das mãos e as rédeas na outra, olhando para os dois lados, espiando pelos becos, para as janelas e portas escancaradas, esforçando-se para enxergar ao redor das esquinas desmoronadas e por cima das paredes caídas. Não sabia o que estava procurando.

Mas estaria preparada.

Todos se sentiam como ela, dava para notar. Ela via as fibras dos músculos do maxilar de Nove Dedos se retesarem e relaxarem, se retesarem e relaxarem repetidamente ao mesmo tempo que ele franzia a testa para as ruínas, sempre com a mão próxima à espada, um metal frio e riscado que brilhava com gotas de umidade.

Luthar pulava a cada ruído – o estalo de uma pedra sob as rodas da carroça, a água caindo e espirrando numa poça, o bufar de um cavalo. Virava a cabeça bruscamente para um lado e para outro, com a ponta da língua lambendo incansavelmente a fenda no lábio.

Quai estava encurvado na carroça, com o cabelo molhado batendo em volta

do rosto magro, os lábios pálidos formando uma linha rígida. Ferro o observava estalar as rédeas, via que ele as apertava com tanta força que os tendões se destacavam nas costas das mãos magras. Pé Comprido vigiava as ruínas intermináveis ao redor com os olhos e a boca ligeiramente abertos e fiapos de água escorrendo ocasionalmente pela barba crescida. Pela primeira vez, ele não tinha nada a dizer – a única pequena vantagem daquele lugar abandonado por Deus.

Bayaz tentava parecer confiante, mas Ferro sabia que não era bem assim. Viu a mão dele tremer quando a afastou das rédeas para tirar água das sobrancelhas grossas. Viu sua boca se remexer quando paravam nos cruzamentos, viu-o franzir os olhos na chuva, tentando achar o caminho certo. Viu sua preocupação e sua dúvida em cada movimento. Ele sabia tanto quanto ela. Aquele lugar não era seguro.

Clic-clanc.

O som veio fraco através da chuva, como de um martelo batendo numa bigorna distante. Som de armas sendo preparadas. Ela se levantou nos estribos, esforçando-se para escutar.

– Ouviu isso? – disse rapidamente a Nove Dedos.

Ele parou, franzindo os olhos para o nada, prestando atenção. Clic-clanc. Assentiu devagar.

– Ouvi. – E tirou a espada da bainha.

– O que foi? – Luthar observou ao redor, olhos arregalados, pegando sem jeito suas armas.

– Não tem nada aí – resmungou Bayaz.

Ela sinalizou com a palma da mão para que parassem, desceu da sela e se esgueirou até a quina do prédio seguinte, colocando uma flecha no arco, as costas deslizando pela superfície áspera dos blocos de pedra da casa. Clanc-clic. Podia sentir Nove Dedos seguindo-a, movendo-se com cuidado, uma presença tranquilizadora atrás de si.

Deslizou na quina sobre um dos joelhos, espiando uma praça vazia, salpicada de poças e cheia de entulho. Havia uma torre alta no outro canto, inclinada, com janelas amplas pendendo abertas no cume, sob uma cúpula azinhavrada. Havia algo movendo-se lá em cima, devagar. Uma coisa escura balançando para trás e para a frente. Ela quase sorriu por ter algo contra o qual apontar uma flecha.

Era uma sensação boa, ter um inimigo.

Então ouviu cascos e Bayaz passou cavalgando, entrando na praça arruinada.

– Ssss! – sibilou ela, mas o mago a ignorou.

– Podem guardar as armas – gritou ele por cima do ombro. – É só um sino velho, tilintando ao vento. A cidade era cheia deles. Vocês deveriam ouvi-los tocar quando um imperador nascia, ou era coroado, ou se casava, ou era recebido depois de uma campanha vitoriosa. – Ele começou a levantar os braços, a voz ficando mais alta. – O ar se fendia com o toque jubiloso e pássaros se alçavam de todas as praças, ruas e telhados e enchiam o céu! – Agora estava gritando, berrando. – E as pessoas lotavam as calçadas! E se inclinavam das janelas! E cobriam o adorado com pétalas de flores! E gritavam até enrouquecer! – Ele começou a rir e deixou os braços caírem, e lá no alto o sino quebrado tilintou ao vento. – Há muito tempo. Vamos.

Quai estalou as rédeas e a carroça foi atrás do mago. Nove Dedos deu de ombros para ela e embainhou a espada. Ferro ficou parada um momento, olhando com suspeitas para a silhueta escura daquela torre inclinada, com nuvens escuras passando depressa lá no alto.

Clic-clanc.

Então foi atrás dos outros.

As estátuas pareciam nadar para fora da chuva furiosa, um par de gigantes congelados de cada vez, os rostos gastos pelos longos anos, até que todos eram iguais, sem feições. A água escorria pelo mármore liso, pingava de barbas longas, de saias com armaduras, de braços estendidos em ameaça ou bênção, amputados muito tempo antes no pulso, no cotovelo ou no ombro. Algumas eram trabalhadas com bronze: elmos enormes, espadas, cetros, coroas de folhas, tudo transformado num verde poroso que deixava riscas sujas na pedra luzidia. As estátuas pareciam nadar para fora da chuva furiosa, e um par de gigantes de cada vez desaparecia atrás deles na chuva, transportado para as névoas da história.

– Imperadores – disse Bayaz. – Centenas de anos de imperadores.

Jezal olhou os governantes da antiguidade passarem de forma ameaçadora, assomando sobre as ruínas da rua. Seu pescoço doía de olhar para cima, a chuva pinicava seu rosto. As esculturas tinham o dobro do tamanho ou mais, comparadas com as do Agriont, mas havia semelhanças suficientes para causar uma onda súbita de saudade de casa.

– Igual à via do Rei, em Adua.

– Hã – grunhiu Bayaz. – De onde você acha que eu tirei a ideia?

Jezal estava absorvendo o comentário bizarro quando notou que as estátuas das quais se aproximavam agora formavam o último par, uma delas inclinada num ângulo preocupante.

– Pare a carroça! – gritou Bayaz, levantando a palma da mão molhada e instigando o próprio cavalo à frente.

Além de não haver mais imperadores adiante, simplesmente não havia rua. Um precipício estonteante se escancarava na terra, uma rachadura portentosa no tecido da cidade. Forçando a vista, Jezal mal conseguia enxergar o outro lado, um penhasco de rocha partida e lama despencada. Mais adiante havia leves sugestões de paredes e colunas e a silhueta de uma avenida ampla, que saíam de foco e voltavam à medida que a chuva varria o ar entre eles.

Pé Comprido pigarreou.

– Acho que não vamos continuar por aí.

Com muito cuidado, Jezal se inclinou na sela e olhou para baixo. Lá no fundo corria uma água escura, que batia e espumava, lavando o terreno torturado sob os alicerces da cidade, e daquele mar subterrâneo se projetavam paredes quebradas, torres despedaçadas e as cascas abertas de prédios monstruosos. No topo de uma coluna inclinada ainda havia uma estátua, algum herói falecido havia muito tempo. Um dia sua mão devia ter sido erguida em triunfo. Agora se estendia em desespero, como se implorasse para ser puxado daquele inferno aquático.

Jezal se acomodou de volta, subitamente tonto.

– Não vamos continuar por aí – conseguiu grasnar.

Bayaz franziu a testa, sério, encarando a água agitada.

– Então precisamos achar outro caminho, e depressa. A cidade é cheia dessas rachaduras. Temos quilômetros pela frente, mesmo em linha reta, e uma ponte para atravessar.

Pé Comprido franziu a testa.

– Se é que ela ainda está de pé.

– Ainda está de pé! Kanedias construía para durar.

O Primeiro dos Magos forçou a vista na chuva. O céu já estava com cor de hematoma, um peso escuro sobre as cabeças.

– Não podemos nos dar ao luxo de demorar. De qualquer jeito, não vamos atravessar a cidade antes do anoitecer.

Jezal olhou horrorizado para o mago.

– Vamos passar a noite aqui?

– Sem dúvida – respondeu Bayaz rispidamente, ao virar o cavalo para longe da borda.

As ruínas se apinharam mais em volta deles quando saíram da via Calina e entraram no coração da cidade. Jezal olhou as sombras ameaçadoras que se erguiam da penumbra. Só conseguia imaginar uma única coisa pior do que ficar preso naquele lugar de dia: ser mantido ali no escuro. Preferiria passar a noite no inferno. Mas qual seria a diferença?

O rio passava rápido abaixo deles através de um cânion artificial – margens altas de parede lisa e molhada. O poderoso Aos, aprisionado naquele espaço estreito, espumava com ira infinita, insana, mastigando a rocha polida e cuspindo borrifos furiosos no ar. Ferro não podia imaginar como alguma coisa duraria tanto tempo acima daquele dilúvio, mas Bayaz estivera certo.

A ponte do Artífice continuava de pé.

– Em todas as minhas grandes viagens, em cada cidade e nação sob o sol generoso, nunca vi maravilha igual – afirmou Pé Comprido, balançando devagar a cabeça raspada. – Como uma ponte pode ser feita de metal?

Mas era de metal. Escuro, liso, opaco, brilhando com as gotas d’água. Erguia-se altíssima sobre o espaço estonteante num único arco, impossivelmente delicado, com uma teia de aranha de hastes finas entrecruzando-se no ar vazio sob ela e uma ampla estrada de placas de metal perfuradas estendendo-se de forma perfeitamente plana em cima, num convite à travessia. Cada aresta era

afiada, cada curva era precisa, cada superfície era harmoniosa. Mantinha-se impecável no meio de toda aquela lenta decadência.

– Como se tivesse ficado pronta ontem – murmurou Quai.

– No entanto, talvez seja a coisa mais antiga da cidade – disse Bayaz, e meneou a cabeça para os destroços atrás deles. – Todos os feitos de Juvens estão em ruínas. Caídos, quebrados, esquecidos, quase como se nunca tivessem existido. Mas as obras do Mestre Artífice não se desfazem. Brilham mais ainda, no mínimo, porque brilham num mundo escurecido. – Ele expirou com força, e o ar saiu numa névoa de suas narinas. – Quem sabe? Talvez elas permaneçam inteiras e sem marcas até o fim dos tempos, muito depois de estarmos todos em nossas sepulturas.

Luthar espiou nervoso a água trovejante, sem dúvida imaginando se sua sepultura estaria ali.

– Tem certeza de que ela nos aguenta?

– No Tempo Antigo, ela aguentava milhares de pessoas por dia. Dezenas de milhares. Cavalos, carroças, cidadãos e escravos numa procissão interminável, fluindo nos dois sentidos, dia e noite. Vai nos aguentar.

Ferro observou os cascos do cavalo de Bayaz começarem a ressoar no metal.

– Esse Artífice era sem dúvida um homem de... talentos notáveis – murmurou o navegador, instigando seu cavalo atrás dele.

Quai estalou as rédeas.

– Era mesmo. E o mundo perdeu isso tudo.

Nove Dedos foi atrás, depois Luthar seguiu com relutância. Ferro ficou onde estava, parada na chuva forte, franzindo os olhos para a ponte, para a carroça, para os quatro cavalos e seus cavaleiros. Não gostava daquilo. O rio, a ponte, a cidade, não gostava de nada. A cada passo, aquilo parecia mais e mais uma armadilha, e agora tinha certeza: nunca deveria ter ouvido Yulwei, nunca deveria ter deixado o Sul. Não tinha o que fazer ali, naquela devastação gélida, molhada, deserta, com aquele bando de rosados sem deus.

– Não vou passar aí – anunciou.

Bayaz se virou para ela.

– Planeja atravessar voando, então? Ou simplesmente ficar desse lado?

Ela se acomodou e cruzou as mãos no arção da sela.

– Talvez eu fique.

– Seria melhor discutir essas coisas depois de termos saído da cidade – murmurou o irmão Pé Comprido, olhando nervoso para trás, para as ruas vazias.

– Ele está certo – argumentou Jezal. – Esse lugar tem um ar maligno...

– Que se dane o ar – resmungou Ferro. – E que se danem vocês. Por que eu deveria atravessar? O que, exatamente, é tão útil para mim do outro lado do rio? Você me prometeu vingança, velho rosado, e não deu nada além de mentiras, chuva e comida ruim. Por que eu deveria dar outro passo com você? Diga!

Bayaz franziu a testa.

– Meu irmão Yulwei a ajudou no deserto. Você teria sido morta, não fosse por ele. Você deu sua palavra a ele...

– Palavra? Rá! Uma palavra é uma corrente fácil de arrebentar, velho. – E ela sacudiu os pulsos. – Pronto. Estou livre dela. Não prometi me tornar escrava!

O mago deu um longo suspiro, deixando o corpo amolecer ligeiramente na sela.

– Como se a vida já não fosse suficientemente dura sem a sua colaboração. Por que, Ferro, você prefere dificultar as coisas, em vez de facilitar?

– Talvez Deus tivesse algum propósito em mente quando me fez assim, mas não sei. O que é a Semente?

Direto à raiz da questão. O olho do rosado velho pareceu estremecer de súbito ao som daquela palavra.

– Semente? – balbuciou Luthar, confuso.

Bayaz franziu a testa diante dos rostos perplexos.

– Talvez seja melhor não saber.

– Não é o suficiente para mim. Se você cair no sono de novo por uma semana, quero saber o que estamos fazendo e por quê.

– Agora estou bem recuperado – disse Bayaz rispidamente.

Mas Ferro sabia que era mentira. Cada parte dele parecia encolhida, mais velha e mais fraca do que antes. Ele podia estar acordado e falando, mas estava longe da recuperação completa. Seriam necessárias mais do que palavras amenas para enganá-la.

– Não vai acontecer de novo, vocês podem contar...

– Vou perguntar mais uma vez e espero que finalmente tenha uma resposta direta. O que é a Semente?

Bayaz a olhou por um longo momento e ela o encarou de volta.

– Muito bem. Vamos nos sentar à chuva e discutir a natureza das coisas.

Ele instigou seu cavalo de volta para fora da ponte, até não ficar a mais de um passo de distância de Ferro.

– Semente é um nome da coisa que Glustrod desenterrou do fundo da terra. É o que ele usou para fazer tudo isso.

– Isso o quê? – grunhiu Nove Dedos.

– Tudo isso. – E o Primeiro dos Magos girou o braço na direção dos destroços que os cercavam. – A Semente transformou em ruínas a maior cidade do mundo e envenenou a terra ao redor até a eternidade.

– Então é uma arma? – murmurou Ferro.

– É uma pedra – disse Quai de repente, encolhido na carroça, sem olhar para ninguém. – Uma pedra do mundo de baixo. Foi deixada para trás, enterrada, quando Euz expulsou os demônios do nosso mundo. É a encarnação do Outro Lado. A própria substância da magia.

– É mesmo – sussurrou Bayaz. – Parabéns, mestre Quai. Pelo menos um assunto do qual você não é completamente ignorante. E então? Essa resposta basta para você, Ferro?

– Uma pedra fez tudo isso? – Nove Dedos não pareceu feliz. – O que, diabos, queremos com ela?

– Acho que alguns de nós podem adivinhar.

Bayaz estava olhando para Ferro, bem nos olhos, e dando um sorriso doentio, como se soubesse exatamente o que ela pensava. Talvez soubesse.

Não era segredo.

Histórias de demônios, de escavações e de ruínas velhas e molhadas não importavam para Ferro. Ela estava ocupada imaginando o Império de Gurkhul transformado em terra morta. O povo desaparecido. O imperador esquecido. As cidades feitas pó. O poder tornado uma vaga lembrança. Sua mente borbulhava com pensamentos de vingança e morte. Então ela sorriu.

– Bom – disse. – Mas por que você precisa de mim?

– Quem disse que eu preciso de você?

Ela bufou.

– Duvido que teria me suportado por tanto tempo se não precisasse.

– Verdade.

– Então por quê?

– Porque a Semente não pode ser tocada. Dói simplesmente de olhar. Nós chegamos com o exército do imperador à cidade destruída, depois da queda de Glustrod, procurando sobreviventes. Não encontramos nenhum. Só horrores, ruínas e corpos. Corpos de mais para contar. Enterramos milhares e milhares, em covas para cem, por toda a cidade. Foi um trabalho demorado e, enquanto o executávamos, uma companhia de soldados encontrou uma coisa estranha nas ruínas. Seu capitão enrolou aquilo na capa e levou para Juvens. Ao cair do sol, o homem havia encolhido e morrido, e sua companhia também não foi poupada. O cabelo deles caiu, os corpos murcharam. Em uma semana, todos os cem homens eram cadáveres. Mas o próprio Juvens não foi afetado – explicou Bayaz, depois indicou com a cabeça a carroça. – Foi por isso que Kanedias fez a caixa e é por isso nós estamos com ela agora. Para nos proteger. Nenhum de nós está a salvo, a não ser você.

– Por que eu?

– Você nunca se perguntou por que não é como os outros? Por que não vê cores? Por que não sente dor? Você é o que Juvens era, o que Kanedias era. Você é o que Glustrod era. Você é o que o próprio Euz era, pensando bem.

– Sangue de demônio – murmurou Quai. – Abençoado e amaldiçoado.

Ferro o encarou com irritação.

– Como assim?

– Você descende de demônios – falou o aprendiz, deixando subir um canto da boca num sorrido astucioso. – Isso remonta ao Tempo Antigo e mais além, talvez, mas mesmo assim você não é totalmente humana. Você é uma relíquia. Um último e fraco vestígio do sangue do Outro Lado.

Ferro abriu a boca para rosnar um insulto para ele, mas Bayaz a interrompeu.

– Não podemos negar isso, Ferro. Eu não traria você para cá se houvesse qualquer dúvida. Mas você não deveria tentar negar. Deveria aceitar. É um dom raro. Você pode tocar a Semente. Talvez só você, em todo o grande Círculo do Mundo. Só você pode tocá-la e só você pode levá-la para a guerra. – Ele se inclinou para perto dela e sussurrou: – Mas só eu posso fazê-la arder. Quente o bastante para transformar Gurkhul num deserto. Quente o bastante para transformar Khalul e seus servos em cinzas. Quente o bastante para uma vingança tão grande que até você vai ter sua parte, e mais ainda. Agora você vem?

Então ele estalou a língua e guiou seu cavalo de volta para a ponte.

Ferro franziu a testa para as costas do velho rosado enquanto ia atrás dele, mordendo o lábio com força. Quando o lambeu, sentiu gosto de sangue. Sangue, mas não dor. Não gostava de acreditar em nada que o mago dizia, mas não tinha como negar que não era igual aos outros. Lembrava-se de ter mordido Aruf uma vez, e ele lhe dissera que ela devia ter nascido de uma serpente. Por que não de um demônio? Franzindo a testa e pensando em vingança, olhou através das fendas no metal a água que trovejava lá embaixo.

– Não importa de quem é o seu sangue. – Nove Dedos estava cavalgando ao lado dela. Cavalgando mal, como sempre, e olhando para o outro lado, com a voz suave. – O homem faz suas próprias escolhas, era o que meu pai dizia. Acho que isso serve também para as mulheres.

Ferro não respondeu. Puxou as rédeas e deixou os outros se adiantarem. Mulher, demônio ou serpente, não fazia diferença. Só importava ferir os gurkenses. Seu ódio era forte, com raízes fundas, quente e familiar. Era seu amigo mais antigo.

Não podia confiar em nada além dele.

Foi a última a sair da ponte. Deu uma olhada de volta, por cima do ombro, enquanto eles partiam pela cidade desmoronada. Observou as ruínas de onde tinham vindo, meio escondidas do outro lado da margem pelo manto cinza da garoa.

– Ssss! – fez ela, e puxou as rédeas, olhando por cima da água borbulhante, os olhos saltando sobre as centenas de janelas vazias, centenas de portas vazias, centenas de rachaduras, fendas e espaços nas paredes desmoronadas.

– O que você viu? – perguntou a voz preocupada de Nove Dedos.

– Alguma coisa.

Mas agora não via nada. Ao longo da margem semidesbarrancada, as cascas intermináveis dos prédios se agachavam, vazias e sem vida.

– Não resta nada vivo neste local – disse Bayaz. – A noite logo vai nos achar, e eu, pelo menos, gostaria de ter um teto para manter a chuva longe dos ossos esta noite. Seus olhos estão pregando peças.

Ferro fechou a cara. Seus olhos não pregavam peças, fossem de demônio ou não. Havia algo lá, na cidade. Ela sentia.

Vigiando-os.

Sorte

– Levante-se, Luthar.

Os olhos de Jezal se abriram. A claridade era tamanha que ele mal conseguia discernir onde estava. Gemeu e piscou, protegendo os olhos com uma das mãos. Alguém estivera sacudindo seus ombros. Nove Dedos.

– Precisamos ir.

Jezal se sentou. A luz do sol penetrava no aposento estreito, direto em seu rosto, com pontos de poeira flutuando na claridade.

– Cadê todo mundo? – grasnou ele, com a língua pesada e preguiçosa de sono.

O nórdico balançou a cabeça desgrenhada na direção da janela alta. Estreitando os olhos, Jezal vislumbrou o irmão Pé Comprido parado lá, olhando para fora, com as mãos cruzadas às costas.

– Nosso navegador está apreciando a paisagem. O resto do pessoal está na frente, aprontando os cavalos, avaliando a rota. Achei que você gostaria de ficar mais uns minutos embaixo do cobertor.

– Obrigado.

Jezal gostaria de ficar mais algumas horas, até. Remexeu a boca azeda, lambendo os buracos doloridos onde houvera dentes, a reentrância sensível no lábio, verificando até que ponto os ferimentos doíam naquela manhã. Todo dia o inchaço ficava um pouco menor. Ele estava quase se acostumando.

– Aqui.

Jezal levantou os olhos e viu Nove Dedos jogando-lhe um biscoito. Tentou pegá-lo, mas sua mão continuava desajeitada e ele deixou o biscoito cair no chão. O nórdico deu de ombros.

– Um pouco de poeira não vai fazer mal.

– Imagino que não.

Jezal o pegou, espanou-o com as costas da mão e deu uma mordida usando o lado bom da boca. Afastou o cobertor, rolou e se levantou rigidamente do chão.

Logen o observou dar alguns passos iniciais, os braços abertos para se equilibrar, o biscoito na mão.

– Como está a perna?

– Já esteve pior.

Também já estivera melhor. Ele andava mancando, mantendo reta a perna machucada. O joelho e o tornozelo doíam cada vez que ele punha o peso nela, mas dava para andar, e a cada manhã sua condição melhorava. Quando chegou à parede de pedra áspera, fechou os olhos e respirou fundo, meio querendo rir, meio querendo chorar de alívio pelo simples júbilo de poder ficar de pé sozinho outra vez.

– De agora em diante vou agradecer por todo instante em que puder andar.

Nove Dedos riu.

– Esse sentimento dura um ou dois dias, depois você vai estar reclamando da comida de novo.

– Não vou – disse Jezal com firmeza.

– Certo. Uma semana, então. – Nove Dedos foi em direção à janela na outra extremidade do cômodo, lançando uma sombra comprida pelo chão empoeirado. – Nesse meio-tempo, você deveria dar uma olhada nisso.

– Em quê?

Jezal foi mancando até ao lado do irmão Pé Comprido, encostou-se na coluna esburacada na lateral da janela, ofegando e sacudindo a perna dolorida. Então levantou os olhos e seu queixo caiu.

Deviam estar num lugar alto. No topo da encosta íngreme de um morro, talvez, olhando por cima da cidade. O sol que acabara de nascer estava no mesmo nível dos olhos de Jezal, de um amarelo pálido através da névoa da manhã. O céu era claro e amarelado, com alguns fiapos de nuvem branca esticados, quase imóveis.

Mesmo em ruínas, centenas de anos depois de sua queda, Aulcus era de tirar o fôlego.

Telhados partidos se estendiam até a distância, junto com paredes quebradas cheias de luz ou mergulhadas em sombras compridas. Cúpulas majestosas, torres altíssimas, arcos amplos e colunas orgulhosas se projetavam no meio do entulho.

Ele podia vislumbrar as aberturas deixadas por praças amplas, avenidas largas, o espaço escancarado pelo rio que se curvava suavemente pela floresta de pedra à direita, com raios solares cintilando na água. Em todas as direções, até onde dava para ver, a pedra molhada reluzia ao sol matinal.

– E é por isso que eu adoro viajar – suspirou Pé Comprido. – Numa tacada, num momento, toda essa jornada valeu a pena. Já existiu alguma outra paisagem assim? Quantos homens vivos podem tê-la visto? Nós três estamos numa janela sobre a história, num portão para o passado esquecido. Não vou mais sonhar com a distante Talins, cintilando ao mar na manhã vermelha, nem com Ul-Nahb, reluzindo sob o arco azul do céu ao meio-dia luminoso, ou com Ospria, orgulhosa sobre as encostas de suas montanhas, as luzes brilhando como estrelas na tarde suave. A partir de hoje meu coração pertencerá para sempre a Aulcus. É realmente a joia da cidade. Mais sublime do que se poderia traduzir em palavras em sua morte, será que alguém ao menos ousaria sonhar como deve ter sido em vida? Quem não ficaria pasmo e maravilhado com a magnificência desta visão? Quem não seria tomado de espanto pelo...

– Um monte de prédios velhos – resmungou Ferro, logo atrás dele. – E já passou da hora de sairmos deles. Pegue sua bagagem. – E ela se virou e foi andando para a entrada.

Enquanto saía, Jezal franziu os olhos por cima do ombro, para a vastidão brilhante de ruínas escuras que se estendia até a névoa distante. Não havia como negar que eram magníficas, no entanto eram igualmente apavorantes. As construções esplêndidas de Adua, as muralhas e torres poderosas do Agriont: tudo o que Jezal considerava magnífico pareciam cópias vis e de segunda categoria. Sentia-se um menininho ignorante, de um país minúsculo e bárbaro, numa época desprezível, insignificante. Ficou feliz em virar as costas e deixar a joia das cidades no passado, que era o lugar dela. Não sonharia com Aulcus.

Teria pesadelos, talvez.

Devia ser o final da manhã quando chegaram à única praça ainda lotada da cidade. Um espaço gigantesco e apinhado de um lado até o outro. Uma multidão

imóvel, silenciosa. Uma multidão esculpida em pedra.

Estátuas em todas as atitudes, de todos os tamanhos e materiais. Havia basalto preto e mármore branco, alabastro verde e pórfiro vermelho, granito cinza e uma centena de outras pedras cujo nome Jezal não podia imaginar. A variedade já era bastante estranha, mas o que ele achou verdadeiramente preocupante foi a única coisa que todas tinham em comum. Nenhuma possuía rosto.

As feições colossais tinham sido tiradas aos poucos, deixando massas informes de pedra cheias de furos. Outras, pequenas, tinham sido arrancadas, restando crateras vazias de pedra áspera. Mensagens feias em algum alfabeto que Jezal não reconheceu tinham sido cinzeladas em peitos de mármore, descendo por braços, em volta de pescoços, em testas. Parecia que tudo em Aulcus fora feito em escala épica e o vandalismo não era exceção.

Havia um caminho aberto no meio de todos aqueles destroços sinistros, de tamanho suficiente para a passagem da carroça. Assim, Jezal cavalgou à frente do grupo através de uma floresta de figuras sem rostos, apinhadas dos dois lados como uma turba assistindo a um cortejo de governantes.

– O que aconteceu aqui? – murmurou.

Bayaz franziu a testa olhando para uma cabeça que poderia facilmente ter dez passos de altura, os lábios ainda comprimidos numa carranca poderosa, os olhos e o nariz arrancados, uma escrita áspera gravada fundo na bochecha.

– Quando Glustrod tomou a cidade, deu ao seu exército amaldiçoado um dia para fazer o que quisesse com o povo, para saciar a fúria e aplacar o desejo de saque, estupro e assassinato. Como se algum dia eles pudessem se satisfazer.

Nove Dedos tossiu e se remexeu, desconfortável, na sela.

– Então eles receberam a ordem de arrancar todas as estátuas de Juvens da cidade. De cada teto, cada salão, cada frisa e templo. Havia muitas imagens de meu mestre em Aulcus, porque a cidade foi projetada por ele. Mas Glustrod era meticuloso. Procurou todas e mandou que fossem reunidas aqui, desfigurou cada uma e gravou maldições terríveis nelas.

– Não era uma família feliz – concluiu Jezal.

Ele nunca se dera muito bem com os irmãos, mas aquilo lhe pareceu um tanto excessivo. Desviou-se dos dedos estendidos de uma mão gigantesca sobre um pulso cortado, com um símbolo cinzelado selvagemente na palma.

– O que diz?

Bayaz franziu novamente a testa.

– Acredite, é melhor não saber.

Um prédio colossal, mesmo para os padrões daquele cemitério gigantesco, erguia-se sobre o exército de esculturas num dos lados. Sua escadaria era alta como uma muralha de cidade, as colunas da fachada eram largas como torres, o enorme frontão incrustado de relevos esmaecidos.

Bayaz puxou as rédeas do cavalo em frente ao prédio e olhou para cima. Jezal parou atrás dele, virando-se nervoso para os outros.

– Vamos continuar – falou Nove Dedos, coçando o rosto e olhando em volta, ansioso. – Vamos sair desse lugar o mais depressa que pudermos e nunca mais voltar.

Bayaz deu um risinho.

– O Nove Sangrento com medo de sombras? Eu jamais acreditaria.

– Toda sombra é lançada por alguma coisa – resmungou o nórdico, mas o Primeiro dos Magos não se alterou.

– Temos tempo para parar – disse ele, descendo da sela com dificuldade. – Estamos perto do limite de Aulcus. Uma hora, no máximo, e estaremos seguindo viagem fora dela. Você pode achar isso interessante, capitão Luthar. E quem quiser se juntar a mim.

Nove Dedos xingou baixinho em sua própria língua.

– Certo, então. Prefiro andar do que esperar.

– O senhor instigou minha curiosidade – disse o irmão Pé Comprido, apeando ao lado deles. – Devo confessar que a cidade não parece tão amedrontadora à luz do dia quanto pareceu na chuva de ontem. Na verdade, agora é difícil entender por que ela tem uma reputação tão sombria. Em nenhum lugar do Círculo do Mundo pode haver uma coleção de relíquias tão fascinantes, e sou um homem curioso, não tenho vergonha de admitir. É, de fato, eu sempre fui...

– Nós sabemos o que você é – sibilou Ferro. – Vou esperar aqui.

– À vontade. – Bayaz tirou seu cajado da sela. – Como sempre. Você e o mestre Quai sem dúvida podem deliciar um ao outro com histórias divertidas enquanto não estivermos aqui. Quase lamento perder isso.

Ferro e o aprendiz fecharam a cara um para o outro.

O restante do grupo seguiu entre as estátuas arruinadas para subir a escadaria

ampla, com Jezal mancando e se encolhendo ao pisar com a perna ruim. Passaram por um portal do tamanho de uma casa e entraram num espaço frio, escuro e silencioso.

Jezal se lembrou da rotunda dos Lordes, em Adua, porém aquilo era maior ainda. Uma câmara gigantesca, circular, como um grande anfiteatro com assentos em níveis nas laterais, esculpidos em pedra de muitas cores, apresentando seções inteiras arrebentadas e arruinadas. A parte de baixo estava sufocada de entulho, sem dúvida os restos do teto desmoronado.

– Ah. A grande cúpula caída. – O mago franziu os olhos espiando o céu brilhante através do espaço arrebentado. – Uma metáfora adequada. – Ele suspirou, arrastando os pés lentamente pelo corredor curvo entre as prateleiras de mármore.

Jezal estreitou os olhos para aquele enorme peso de pedra acima, imaginando o que aconteceria se um pedaço caísse em sua cabeça. Duvidou que Ferro costurasse. Não tinha a menor ideia do motivo para Bayaz levá-lo ali, mas poderia dizer o mesmo com relação a toda a jornada, e de fato dizia. Por isso respirou fundo e mancou atrás do mago, com Nove Dedos logo em seguida, os ruídos de seus movimentos ecoando no grande espaço.

Pé Comprido foi andando entre os degraus quebrados e espiou através do teto caído, com uma demonstração de grande interesse.

– O que era esse lugar? – gritou, a voz ricocheteando nas paredes curvas. – Algum tipo de teatro?

– De certa forma – respondeu Bayaz. – Esta era a grande câmara do Senado Imperial. Aqui o imperador se sentava para ouvir debates entre os cidadãos mais sábios de Aulcus. Aqui eram tomadas decisões que estabeleceram o curso da história. – Ele subiu um degrau, continuou andando e apontou para o piso, a voz aguda de empolgação. – Foi neste exato local, eu lembro, que Calica se dirigiu ao senado, pedindo cautela na expansão do Império para o leste. Foi ali que Juvens contra-argumentou, defendendo a ousadia, e ganhou o debate. Eu assisti a tudo, fascinado. Tinha 20 anos e fiquei sem fôlego, de tanta empolgação. Ainda me lembro das justificativas que usaram, em cada detalhe. Palavras, amigos. Nas palavras pode haver um poder maior do que em todo o aço que existe no Círculo do Mundo.

– Mas uma lâmina no seu ouvido ainda dói mais do que uma palavra –

sussurrou Logen.

Jezal soltou uma gargalhada, mas Bayaz não pareceu notar. Estava ocupado demais indo de um banco de pedra a outro.

– Aqui Scarpius fez sua exortação sobre os perigos da decadência, sobre o verdadeiro significado da cidadania. O senado ficou em transe. Sua voz ressoava como... como... – Bayaz beliscou o ar com a mão, como se esperasse achar a palavra certa. – Ah. O que isso importa agora? Não restam certezas no mundo. Aquela foi a época dos grandes homens que faziam o que era certo. – Ele franziu a testa para o entulho que sufocava o piso do salão colossal. – Esta é a era de homens pequenos que fazem o que precisam fazer. Homens pequenos com sonhos pequenos, seguindo o passo de gigantes. Mesmo assim, dá para ver como este já foi um prédio grandioso.

– Ah, é... – disse Jezal, mancando para longe dos outros, para olhar alguns frisos entalhados na parede atrás dos assentos.

Guerreiros seminus, em poses desajeitadas, empurrando uns aos outros com lanças. Tudo grandioso, sem dúvida, mas havia um cheiro desagradável no lugar. Como podridão, umidade, suor de animais. O odor de estábulos sujos. Espiou na direção das sombras, franzindo o nariz.

– Que cheiro é esse?

Nove Dedos farejou o ar e seu rosto se transformou num instante: a imagem do terror de olhos arregalados.

– Pelos... – Ele arrancou a espada da bainha ao mesmo tempo que dava um passo à frente.

Jezal se virou, tentando segurar os cabos de suas espadas, com um medo súbito apertando o peito...

A princípio achou que era algum tipo de mendigo: uma figura escura, envolta em trapos, de quatro na escuridão a poucos passos de distância. Então viu as mãos: retorcidas e parecendo garras na pedra esburacada. Depois viu o rosto cinzento, se é que poderia chamar de rosto: um pedaço de testa sem pelos, uma mandíbula bruta e cheia de dentes enormes, um focinho chato como de porco, olhos pretos minúsculos que cintilavam fúria ao encará-lo. Algo entre um homem e um animal e mais hediondo do que qualquer das duas coisas. O queixo de Jezal caiu e permaneceu assim.

Nem precisava dizer a Nove Dedos que agora acreditava nele. Estava claro:

os tais shankas existiam de fato.

– Pegue ele! – rugiu o nórdico, subindo os degraus da grande câmara com a espada na mão. – Mate!

Jezal foi andando inseguro na direção da coisa, mas sua perna ainda estava quase inútil e a criatura era rápida feito uma raposa. Ela se virou e saiu correndo pela pedra fria, na direção de uma rachadura na parede, e se enfiou nela como um gato numa cerca, antes que ele desse mais do que alguns passos desajeitados.

– Foi embora!

Bayaz já estava arrastando os pés para a entrada e as batidas de seu cajado contra o mármore ecoavam acima deles.

– Vimos isso, mestre Luthar. Todos vimos claramente!

– Deve haver mais – sibilou Logen. – Sempre há mais! Precisamos ir!

Tinha sido azar, pensou Jezal, ao mesmo tempo que mancava de volta para a entrada, tropeçando nos degraus quebrados e se encolhendo com a dor no joelho. Um azar Bayaz ter parado naquele lugar e naquele momento. Um azar a perna de Jezal estar quebrada e ele não ter podido correr atrás daquela coisa repulsiva. Um azar terem vindo a Aulcus, em vez de conseguirem atravessar o rio quilômetros abaixo.

– Como eles chegaram aqui? – Logen estava gritando a Bayaz.

– Só posso supor – grunhiu o mago, estremecendo e ofegando. – Depois da morte do Artífice, nós os caçamos. Expulsamos para os cantos escuros do mundo.

– Existem poucos cantos mais escuros do que este – comentou Pé Comprido, que passou disparado por eles, alcançou a entrada e começou a descer a escadaria de dois em dois degraus, com Jezal mancando atrás dele.

– O que foi? – gritou Ferro, tirando o arco do ombro.

– Cabeças-achatadas! – rugiu Nove Dedos.

Ela o encarou inexpressiva e o nórdico balançou a mão livre para ela.

– Só vamos embora, porra!

Azar. O fato de Jezal ter vencido Bremer dan Gorst e ter sido escolhido por Bayaz para essa jornada louca. Azar ele já ter segurado uma espada de esgrima. Azar seu pai ter querido que ele entrasse para o exército em vez de não fazer nada da vida, como os dois irmãos. Era estranho como na época isso sempre havia parecido sorte. Às vezes era difícil saber a diferença.

Foi andando até o cavalo, agarrou-se no arção da sela e se arrastou para cima desajeitadamente. Pé Comprido e Nove Dedos já estavam montados. Bayaz tinha acabado de pôr o cajado de volta no lugar, com as mãos trêmulas. Em algum ponto da cidade, atrás deles, um sino começou a tocar.

– Epa! – disse Pé Comprido, com os olhos arregalados ao espiar por entre a multidão de estátuas. – Epa!

– Azar – sussurrou Jezal.

Ferro o encarava.

– O que foi?

– Nada.

Jezal trincou os dentes e esporeou o cavalo.

Não existia isso de sorte ou azar. Eram palavras que os idiotas usavam para explicar as consequências da imprudência, do egoísmo e da estupidez. Frequentemente azar significava planos malfeitos.

E ali estava a prova.

Ela havia alertado a Bayaz de que existia algo na cidade além de cinco idiotas rosados. Tinha alertado, mas ninguém lhe dera atenção. As pessoas só acreditam no que querem. Idiotas.

Observou os outros à medida que cavalgava. Quai, no banco da carroça sacolejante, os olhos estreitados e fixos à frente. Luthar grudado na sela com a postura defensiva de um cavaleiro treinado, os lábios repuxados e os dentes à mostra. Bayaz agarrando-se sério à rédea, o queixo firme, o rosto pálido e macilento. Pé comprido olhando com frequência por cima do ombro, os olhos arregalados de medo e preocupação. Nove Dedos pulando na sela, ofegando, gastando mais tempo em olhar as rédeas do que a rua. Cinco idiotas e ela.

Ouviu um rosnado e viu uma criatura agachada num teto baixo. Não se parecia com nada que tivesse visto antes – um macaco encurvado, deformado e de membros compridos. Só que macacos não atiravam lanças. O olhar de Ferro seguiu a lança, que vinha num arco. Ela bateu na lateral da carroça e ficou ali, balançando, mas em seguida eles já estavam passando com estardalhaço pela rua

esburacada.

Podiam ter errado aquela, mas havia mais criaturas nas ruínas adiante. Ferro podia vê-las movendo-se nas sombras dos prédios. Correndo pelos telhados, espreitando nas janelas desmoronadas, nos portais escancarados. Ficou tentada a arriscar atirar uma flecha numa delas, mas de que adiantaria? Havia muitas por ali. Centenas, pelo que parecia. De que adiantaria matar uma, se logo deixariam todas para trás? Desperdício de flecha.

De repente uma pedra bateu ao seu lado e ela sentiu um fragmento passar zumbindo e acertar as costas de sua mão. Deixou uma gota de sangue escuro na pele. Ferro franziu a testa e baixou a cabeça, mantendo-se encurvada nas costas do cavalo. Não existia isso de sorte ou azar.

Mas não havia sentido em se tornar um alvo maior.

Logen achou que tinha deixado os shankas muito atrás, mas depois do choque de ver um, não veio a surpresa. Já deveria saber. Só os amigos ficam para trás. Os inimigos estão sempre nos calcanhares da gente.

Os sinos estavam a toda a volta, ecoando nas ruínas. O crânio de Logen se enchia dos sons, que golpeavam através do barulho dos cascos, do guincho das rodas e do sopro forte do vento. Batendo longe, perto, à frente e atrás. Os prédios passavam correndo, formas cinzentas cheias de perigo.

Notou algo passar voando, girando, e ricochetear nas pedras. Uma lança. Ouviu outra aterrissar atrás, depois viu uma bater na rua adiante. Engoliu em seco, estreitando os olhos por causa do vento no rosto, e tentou não imaginar uma lança fincando-se em suas costas. Não era uma tarefa tão difícil. Manter-se montado já exigia toda a sua concentração.

Ferro se virou na sela para lhe gritar algo por cima do ombro, mas suas palavras se perderam no barulho. Ele balançou a cabeça para ela e ela apontou furiosamente para a rua adiante. Agora ele via. Uma fenda se abria na rua, vindo rápido na direção deles. A boca de Logen se escancarou tanto quanto a fenda e ele soltou um guincho sufocado de horror.

Puxou as rédeas e os cascos do cavalo escorregaram e patinharam nas pedras

antigas, virando com força à direita. A sela se sacudiu e Logen se agarrou, as pedras embaixo viraram um borrão cinza, a borda do grande abismo passando a menos de poucos passos à esquerda, espalhando rachaduras pela rua desmoronada. Ele sentia a presença dos outros por perto, ouvia suas vozes gritando, mas não entendia as palavras. Estava ocupado demais chacoalhando e quicando dolorosamente na sela, obrigando-se a permanecer montado, o tempo todo sussurrando:

– Ainda estou vivo, ainda estou vivo, ainda estou vivo...

Um templo começou a assomar na direção em que eles seguiam, fechando a rua, com os enormes pilares ainda intactos e um monstruoso peso triangular de pedra no alto. A carroça passou estrondeando entre duas colunas e o cavalo de Logen achou caminho entre outro par, mergulhando subitamente em sombra e saindo de novo na luz, todos penetrando num salão amplo, aberto para o céu. A fenda havia engolido a parede da esquerda e, se algum dia houvera um teto, ele desaparecera muito tempo atrás. Logen continuou cavalgando, ofegante, os olhos fixos numa passagem ampla logo à frente – um quadrado de claridade na pedra escura, que oscilava ao movimento do cavalo. Aquilo era a segurança, disse a si mesmo. Se conseguisse passar, estariam fora. Se conseguissem passar por lá...

Não viu a lança chegando, mas se tivesse visto não teria podido fazer nada. Foi uma sorte, de certa forma, ela não acertar sua perna. Foi penetrar a carne do cavalo bem ao lado dela. Isso foi menos sorte. Logen ouviu o cavalo bufar e o viu dobrar as patas ao mesmo tempo que ele caía da sela, a boca aberta sem nenhum som, o piso do salão indo de encontro a ele. O impacto da pedra dura em seu peito lhe tirou o fôlego. Seu queixo bateu no chão e a cabeça se inundou com uma luz que cegava. Logen quicou uma vez e depois rolou e rolou, o mundo girando sem sentido ao redor, cheio de sons estranhos e do céu ofuscante. Deslizou e parou de lado.

Ficou atordoado no chão, gemendo baixinho, a cabeça girando, os ouvidos zumbindo, sem saber onde estava ou quem era. Depois o mundo voltou de repente ao lugar.

Levantou a cabeça bruscamente. O abismo estava a uma distância menor do que o comprimento de uma lança – ele podia ouvir a água borbulhando lá embaixo, no fundo. Rolou para longe do cavalo. Fios de sangue escuro do animal escorriam pelas fendas nas pedras. Viu Ferro agachada sobre um dos

joelhos, tirando flechas da aljava e disparando na direção das colunas por onde haviam passado momentos antes.

Havia shankas ali, uma porção deles.

– Merda – grunhiu Logen, raspando os calcanhares das botas nas pedras empoeiradas e pondo-se de pé.

– Venham! – gritou Luthar, deslizando da sela, meio mancando pelo chão empoeirado. – Venham!

Um cabeça-achatada partiu para cima deles, guinchando, com um grande machado na mão. Saltou de repente. Deu uma cambalhota no ar quando uma das flechas de Ferro se cravou em sua cara. Porém havia outros. Havia muitos mais, esgueirando-se em volta das colunas, com lanças prontas para serem atiradas.

– São muitos! – gritou Bayaz.

O velho franziu a testa para as grandes colunas e o gigantesco peso de pedra acima delas, apertando com força os músculos do maxilar. O ar ao redor começou a tremeluzir.

– Merda – repetiu Logen.

Ele foi cambaleando feito um bêbado na direção de Ferro, totalmente sem equilíbrio, com o salão balançando para trás e para a frente ao redor e o barulho do próprio coração nos ouvidos. Escutou um estalo agudo e uma rachadura subiu por uma coluna, soltando uma nuvem de poeira. Houve um rugido de algo que se triturava e a pedra no alto começou a se mexer. Alguns shankas olharam para cima, apontando e emitindo uma algaravia, quando fragmentos começaram a chover sobre eles.

Logen segurou o pulso de Ferro.

– Porra! – disse ela baixinho, atrapalhando-se para pegar uma flecha enquanto ele quase caía e a arrastava, levantava-se e tentava puxá-la para longe.

Uma lança passou zunindo por eles e bateu com estardalhaço nas pedras, rolou pela borda da fenda e caiu no espaço vazio. Ele podia ouvir os shankas se moverem, grunhindo e rosnando uns para os outros, começando a vir num enxame entre as colunas, salão adentro.

– Venham! – gritou Luthar de novo, mancando dois passos e gesticulando feito um louco.

Logen viu Bayaz parado, os lábios repuxados para trás e os olhos saltados, o ar ao redor dele ondulando e girando, a poeira do chão subindo lentamente e

envolvendo suas botas. Houve um estrondo portentoso e Logen olhou por cima do ombro a tempo de ver um pedaço enorme de pedra esculpida despencar do alto. Ela aterrissou com um estouro que fez o chão tremer, esmagando um shanka infeliz e transformando-o num nada antes mesmo que ele pudesse gritar; uma espada cheia de mossas retinindo no chão e uma mancha comprida de sangue escuro eram os únicos sinais de que ele existira. Porém outros estavam chegando – dava para ver as silhuetas escuras através da poeira que subia; vinham com as armas erguidas.

Um dos pilares se partiu ao meio. Dobrou-se com lentidão absurda, fazendo pedaços voarem para dentro do salão. A vasta massa de pedras acima deles começou a despedaçar, caindo em destroços do tamanho de casas. Logen se virou e se jogou de cara no chão, puxando Ferro, encolheu-se, fechou os olhos com força, pôs as mãos sobre a cabeça.

Veio um rugido gigantesco, como se algo ao mesmo tempo se rasgasse e se partisse, um som diferente de tudo o que Logen já ouvira. Um urro e um gemido de terra torturada, como se o mundo estivesse caindo. Talvez estivesse. O chão se avolumou e tremeu embaixo dele. Houve outro barulho ensurdecedor, um ruído, um raspar, um tilintar suave, e depois algo parecido com silêncio.

Logen relaxou o maxilar travado e abriu os olhos. O ar estava tomado por uma poeira que ardia nos olhos, mas era como se ele estivesse deitado numa espécie de encosta. Tossiu e tentou se mexer. Houve um som agudo de algo se esfarelando abaixo de seu peito e a pedra sob ele começou a se mexer, deixando a encosta mais íngreme. Ele ofegou e se grudou de volta nela, agarrando-se com as pontas dos dedos. A outra mão ainda segurava o braço de Ferro, e ele sentiu os dedos dela apertando seu pulso. Virou a cabeça lentamente para olhar ao redor e se imobilizou.

As colunas haviam sumido. O salão havia sumido. O piso havia sumido. A fenda gigantesca havia engolido tudo e agora bocejava embaixo dele. A água furiosa batia e sibilava contra as ruínas despedaçadas lá no fundo. Logen ficou boquiaberto, praticamente incapaz de acreditar nos próprios olhos. Estava deitado de lado numa enorme laje de pedra que até poucos instantes fizera parte do piso do salão, mas agora se equilibrava na borda de um penhasco enorme.

Os dedos de Ferro estavam apertando seu pulso, a manga de sua camisa rasgada se embolava em volta do cotovelo, com os tendões se projetando do

antebraço devido ao esforço. Para além disso, ele podia ver o ombro dela; atrás, o rosto rígido. O resto estava invisível – pendurado na beira da laje, no ar escancarado.

– Ssss – sibilou ela, com os olhos amarelos arregalados e os dedos da outra mão lutando desesperadamente para achar um ponto de apoio na encosta lisa.

Um pedaço de pedra se rachou subitamente da borda irregular e Logen o ouviu cair, quicando na terra rasgada.

– Merda – sussurrou, mal ousando respirar. Quais eram suas chances ali? Se uma coisa podia ser dita sobre Logen Nove Dedos, era que ele tinha pouca sorte.

Arrastou a mão livre subindo pela pedra esburacada até achar uma fenda rasa onde se agarrar. Centímetro a centímetro, foi se içando na direção da borda do bloco acima. Flexionou o braço e começou a puxar o pulso de Ferro.

Houve um aterrorizante som de algo raspando e, num solavanco, a pedra embaixo dele começou e se inclinar lentamente. Logen gemeu e se colou nela, desejando que o movimento parasse. Houve uma sacudida nauseante e um pouco de poeira caiu em seu rosto. A pedra guinchou enquanto o bloco se balançava lentamente de volta na outra direção. Logen ficou parado, ofegando. Não havia como subir, não havia como descer.

– Ssss! – fez Ferro de novo.

Os olhos dela se viraram na direção das mãos dos dois, que seguravam o pulso um do outro. Ela balançou a cabeça na direção da borda do bloco, depois na direção da enorme fenda atrás.

– É preciso ser realista – sussurrou ela, e seus dedos se desenrolaram, soltando-se de Logen.

Ele se lembrou de ter ficado pendurado num prédio, muito acima de um círculo de grama amarelada. Lembrou-se de estar deslizando, pedindo socorro. Lembrou-se da mão de Ferro fechando-se em volta da sua, puxando-o para cima. Balançou a cabeça lentamente e apertou o pulso dela com mais força do que nunca.

Ela revirou os olhos para ele.

– Porra de rosado idiota!

Jezal tossiu, virou-se e cuspiu poeira. Piscou olhando em volta. Algo estava diferente. Parecia muito mais claro do que antes e a borda da fenda estava muito mais perto. Na verdade, não estava nem um pouco longe.

– Ah – ofegou ele, sem palavras.

Metade do prédio havia desmoronado. A parede dos fundos continuava de pé, além de uma das colunas da outra extremidade, partida ao meio. Todo o resto havia sumido, desaparecido no precipício escancarado. Levantou-se cambaleando e estremeceu quando apoiou seu peso na perna ruim. Viu Bayaz deitado, encostado na parede ali perto.

O rosto murcho do mago estava riscado de suor, os olhos brilhantes reluzindo no meio de olheiras escuras, os ossos do rosto projetando-se através da pele esticada. Parecia um cadáver de uma semana. Jezal se surpreendeu ao vê-lo se mover. Ele ergueu a mão frouxa para apontar na direção da fenda.

– Pegue-os – grasnou.

Os outros.

– Aqui! – A voz de Nove Dedos soou estrangulada, vindo de algum lugar além da borda da fenda.

Então ele estava vivo, pelo menos. Uma grande laje se inclinava para cima e Jezal arrastou os pés cautelosamente na direção dela, preocupado com a possibilidade de o piso ceder subitamente. Espiou o abismo.

O nórdico estava deitado de barriga no bloco inclinado, com a mão esquerda perto da borda superior e o punho direito próximo à parte de baixo, segurando com força o pulso de Ferro. O corpo dela estava fora de vista, apenas o rosto à mostra. Os dois pareciam igualmente assustados. Várias toneladas de pedra, balançando suavemente, equilibradas numa margem mínima. Estava claro que a pedra poderia deslizar facilmente para o abismo a qualquer momento.

– Faça alguma coisa... – sussurrou Ferro, nem ousando levantar a voz.

Porém Jezal notou que ela não sugeriu nada específico. Ele lambeu a reentrância no lábio. Talvez, se pusesse seu peso na extremidade oposta, a pedra voltasse a se alinhar com o piso e eles pudessem se arrastar para fora dela. Será que poderia ser assim tão fácil? Estendeu a mão com cuidado, os polegares esfregando nervosamente as pontas dos outros dedos, todos subitamente fracos e suados. Levou a mão aos poucos à extremidade irregular enquanto Nove Dedos e Ferro observavam, prendendo o fôlego.

Aplicou uma levíssima pressão e a laje começou a balançar suavemente para baixo. Pôs mais um pouco de peso. Houve um barulho alto, áspero, e todo o bloco deu uma guinada assustadora.

– Não empurre, porra! – gritou Nove Dedos, agarrando-se com as unhas à pedra lisa.

– O quê, então? – perguntou Jezal.

– Pegue alguma coisa!

– Pegue qualquer coisa! – sibilou Ferro.

Jezal olhou em volta, desnorteado, não vendo nada que pudesse ajudar. Nem encontrou sinal de Pé Comprido e Quai. Ou estavam mortos em algum lugar no fundo do abismo ou tinham conseguido sair dali a tempo. Nenhuma das duas opções o surpreenderia muito. Para que alguém fosse salvo, Jezal teria que dar conta daquilo sozinho. Tirou o casaco, começou a torcê-lo para criar uma espécie de corda. Sopesou-a na mão, balançando a cabeça. Certamente isso jamais daria certo, mas quais eram as opções? Esticou-o, depois jogou uma das pontas. Ela bateu na pedra alguns centímetros antes dos dedos crispados de Logen, levantando um sopro de poeira.

– Certo, certo, tente de novo!

Jezal levantou o casaco bem alto, inclinando-se por cima da laje ao máximo que ousava, e o jogou de novo. O tecido chegou perto o suficientemente para que Logen o agarrasse.

– Isso! – comemorou ele, e enrolou no pulso o tecido, que ficou esticado pela laje.

– Isso! Agora puxe!

Jezal trincou os dentes e puxou, as botas escorregando na poeira, o braço e a perna machucados doendo com o esforço. O casaco veio na sua direção, devagar, devagar, escorregando na pedra, centímetro a centímetro, numa tortura.

– Isso! – grunhiu Nove Dedos, forçando os ombros pedra acima.

– Puxe! – rosnou Ferro, contorcendo-se e passando o quadril pela borda da laje.

Jezal puxou com toda a força, os olhos quase fechados, a respiração sibilando entre os dentes. Uma lança bateu ao seu lado e, quando ele ergueu os olhos, viu uns vinte cabeças-achatadas ou mais, reunidos no outro lado da grande fenda, balançando os braços disformes. Engoliu em seco e afastou o olhar. Não podia se

permitir pensar no perigo. Tudo o que importava era puxar. Puxar, puxar e não soltar, por mais que doesse. E estava dando certo. Devagar, devagar, eles estavam subindo. Jezal dan Luthar, finalmente herói. Finalmente mereceria seu lugar naquela expedição amaldiçoada.

Houve um som agudo, de algo se rasgando.

– Merda – guinchou Logen. – Merda!

A manga estava se separando lentamente do corpo do casaco, a costura esticando-se, rasgando-se, desfazendo-se. Jezal gemeu de horror, as mãos queimando. Deveria puxar ou não? Outro ponto se soltou. E puxar com quanta força? Mais um ponto se foi.

– O que eu faço? – guinchou ele.

– Puxe, seu escroto!

Jezal puxou o casaco com o máximo de força que pôde, os músculos queimando. Ferro estava em cima da pedra, arranhando a superfície lisa com as unhas. A mão de Logen estava quase na borda do precipício, quase lá. Seus três dedos se esticavam, se esticavam na direção dela. Jezal puxou de novo...

E despencou para trás, segurando apenas um trapo frouxo. A laje estremeceu, rugiu e se inclinou para cima. Houve um guincho e Logen deslizou para longe, com a manga rasgada inútil balançando na mão. Não houve gritos. Só um bater de pedras que despencavam, depois nada. Os dois tinham caído pela borda. A grande laje balançou lentamente até se nivelar de volta ao piso e ficou ali, plana e vazia, na beira da fenda. Jezal permaneceu imóvel olhando, boquiaberto, o casaco sem manga ainda pendurado na mão que latejava.

– Não – sussurrou ele.

Não era assim que acontecia nas histórias.

Sob as ruínas

– Está vivo, rosado?

Logen gemeu ao mudar o peso do corpo, foi tomado pelo horror quando pedras se moveram embaixo dele. Então percebeu que estava caído num monte de pedregulhos, com a ponta de um deles cutucando um local dolorido em suas costas. Viu uma parede de pedra, turva, uma linha dura atravessando-a entre luz e sombra. Piscou e se encolheu de dor no braço quando tentou tirar a poeira dos olhos.

Ferro estava ajoelhada ao lado dele, o rosto escuro riscado de sangue devido a um corte na testa, o cabelo preto cheio de poeira marrom. Atrás dela uma grande câmara abobadada se estendia para as sombras. O teto estava partido acima da sua cabeça, uma linha serrilhada com o céu azul pálido atrás. Logen virou a cabeça dolorosamente, perplexo. A não mais de um passo dele, as pedras em que ele estava deitado acabavam, projetando-se no vazio. Ao longe podia ver o outro lado da fenda, um penhasco de rochas e pedras desmoronadas, com as silhuetas de prédios tortos projetando-se no topo.

Começou a entender. Estavam abaixo do piso do templo. Quando a fenda se abriu, devia ter rasgado aquele espaço, deixando apenas um pedaço plano de laje, onde eles haviam caído. Eles e um bocado de pedregulhos. Não podia ter sido uma queda muito grande. Quase riu. Ainda estava vivo.

– E os...

A mão de Ferro bateu com força em sua boca. O nariz dela estava a pouco mais de um palmo do seu.

– Shhh – fez ela baixinho, com os olhos amarelos virando-se para cima e um dedo comprido apontando para o teto abobadado.

Logen sentiu a pele ficar gelada, pinicando. Agora os ouvia. Os shankas. Arrastando-se e fazendo barulho, falando algaravias e guinchando uns para os

outros, acima da cabeça dos dois. Assentiu e lentamente Ferro afastou a mão suja de seu rosto.

Saiu de cima do entulho, devagar e sem movimentos largos, tentando se manter o mais silencioso possível, o tempo todo encolhendo-se de dor com o esforço, a poeira escorrendo do casaco enquanto se levantava. Testou os membros, esperando sentir uma dor lancinante que anunciaria um ombro, uma perna ou o crânio quebrados.

Seu casaco estava rasgado e o cotovelo, ralado e latejando. Fios de sangue escorriam pelo antebraço até as pontas dos dedos. Quando levou a mão à cabeça dolorida, sentiu sangue ali e embaixo do maxilar, onde havia batido no chão. Sua boca estava salgada de sangue. Devia ter mordido a língua de novo. Era um espanto ela ainda estar inteira. Um joelho doía, o pescoço estava duro, as costelas eram uma massa de hematomas, mas tudo ainda se movia. Se ele forçasse.

Algo estava enrolado em sua mão. A manga rasgada do casaco de Luthar. Balançou o braço e a deixou cair no chão. Agora não servia de nada. Também não tinha servido antes. Ferro estava na outra extremidade do salão, espiando uma passagem em arco. Logen chegou ao lado dela, contorcendo o rosto num esforço para ficar em silêncio.

– E os outros? – sussurrou.

Ferro deu de ombros.

– Talvez tenham ido embora – tentou ele, esperançoso.

Ferro lhe lançou um olhar longo, lento, com uma sobrancelha negra erguida, e Logen se encolheu e apertou o braço dolorido. Ela estava certa. Os dois continuavam vivos, por enquanto. Era toda a sorte que poderiam esperar, e poderia levar um tempo até que conseguissem um pouco mais dela.

– Por aqui – sussurrou Ferro, apontando para a escuridão.

Logen espiou aquela abertura preta e seu coração se apertou. Odiava estar no subterrâneo. Todo aquele peso de pedra e terra comprimindo-se acima dele, pronto para cair... E não tinham tocha. Era um negrume total, praticamente sem ar para respirar, e não tinham ideia de até onde ir, nem em que direção. Espiou nervoso para pedras abobadadas sobre sua cabeça e engoliu em seco. Túneis eram locais para shankas e mortos. Logen não era uma coisa nem outra, e não gostava muito da ideia de encontrar nenhuma das duas ali embaixo.

– Tem certeza?

– O quê, está com medo do escuro?

– Prefiro enxergar, se tiver opção.

– Está vendo alguma opção? – zombou Ferro. – Pode ficar aqui, se quiser. Talvez outro bando de idiotas apareça daqui a cem anos. Você vai se dar muito bem com eles!

Logen assentiu, sugando azedamente as gengivas sangrentas. Parecia fazer um longo tempo desde que os dois haviam estado num apuro daqueles, deslizando pelos telhados altíssimos do Agriont, caçados por homens com máscaras pretas. Parecia fazer um longo e árduo tempo desde então, mas não havia mudado muita coisa. Apesar de toda a cavalgada juntos, de comerem juntos e enfrentarem a morte juntos, Ferro continuava tão amarga, tão raivosa e tão pé no saco quanto no início da jornada. Tinha tentado ser paciente, de verdade, mas estava ficando cansado disso.

– Precisa mesmo? – murmurou, olhando-a direto num olho amarelo.

– Preciso o quê?

– Ser tão escrota. Precisa?

Ela franziu a testa um momento, abriu a boca, fez uma pausa, depois deu de ombros.

– Você deveria ter me deixado cair.

– Hein?

Ele esperara algum insulto furioso. Alguma cutucada com um dedo, certamente, talvez com uma faca. Aquela frase soara quase como arrependimento. Mas se tinha sido isso, não durara muito.

– Você deveria ter me deixado cair, aí eu estaria sozinha aqui embaixo, sem você no meu caminho.

Logen bufou com repulsa. Certas pessoas não tinham jeito.

– Soltar você? Não se preocupe! Da próxima vez eu vou soltar!

– Que bom! – cuspiu Ferro, pisando firme túnel adentro e logo sendo engolida pelas sombras.

Logen sentiu uma súbita pontada de pânico diante da ideia de ficar sozinho.

– Espere! – disse, contrariado, e foi atrás dela.

A passagem era uma descida. Os pés de Ferro pisavam sem barulho e os de Logen raspavam a poeira enquanto os últimos fiapos de luz brilhavam na pedra

molhada. Ele mantinha as pontas dos dedos da mão esquerda roçando na parede, tentando não gemer a cada passo com a dor nas costelas machucadas, no cotovelo ralado e no maxilar sangrento.

Foi ficando escuro, e mais escuro ainda. As paredes e o piso passaram a ser nada mais que sugestões, depois simplesmente nada. A camisa suja de Ferro era um fantasma cinza pairando no ar morto diante dele. Deu mais alguns passos, os joelhos fracos, e ela sumiu. Logen balançou a mão diante do rosto. Não enxergou nenhum traço. Era apenas um negrume total, fervilhante.

Estava enterrado. Enterrado no escuro, sozinho.

– Ferro, espere!

– O quê?

Trombou nela no escuro, sentiu algo empurrá-lo no peito e quase caiu de costas, cambaleando contra a parede úmida.

– Que diabos...

– Não estou enxergando nada! – sibilou ele, ouvindo a própria voz cheia de pânico. – Não consigo... Cadê você?

E tateou o ar às cegas. Tinha perdido todo o senso de direção, o coração martelava, o estômago nauseado se revirava. E se aquela vaca maligna o tivesse abandonado ali embaixo? E se...

– Aqui.

Ele sentiu que alguém segurava sua mão, os dedos se fechando em volta dela, fria e tranquilizante. Escutou a voz de Ferro não longe de seu ouvido.

– Acha que consegue me seguir sem cair de cara no chão, idiota?

– Eu... acho que sim.

– Então tente ficar quieto!

E ele a sentiu se afastar, puxando-o com impaciência.

Se ao menos seu pessoal antigo pudesse vê-lo agora! Logen Nove Dedos, o homem mais temido do Norte, mijando-se de pavor do escuro, agarrado com força à mão de uma mulher que o odiava, como uma criança se agarrando ao peito da mãe. Quase poderia gargalhar. Mas tinha medo que os shankas ouvissem.

A manzorra de Nove Dedos estava quente, úmida de medo. Uma sensação desagradável, a pele pegajosa grudada na dela. Era quase nauseante, mas Ferro se obrigou a continuar segurando. Podia ouvir a respiração dele, rápida e ofegante no espaço apertado, os passos desajeitados tropeçando atrás dela.

Parecia que ontem mesmo os dois haviam estado numa encrenca igual, correndo pelos becos do Agriont, esgueirando-se pelos prédios escuros, perseguidos o tempo todo. Parecia ontem, mas tudo havia mudado.

Na ocasião ela não o via como nada além de uma ameaça. Mais um rosado em quem teria de ficar de olho. Feio e estranho, idiota e perigoso. Na época ele poderia facilmente ser o último homem no mundo em quem confiaria. Agora poderia facilmente ser o único. Ele não a deixara cair, ainda que ela tivesse dito para soltá-la. Ele havia optado por cair com ela, em vez de soltá-la. Lá fora, na planície, ele dissera que se prenderia a ela, se ela também se prendesse a ele.

Agora tinha provado isso.

Ela olhou por cima do ombro, viu o rosto pálido boquiaberto no escuro, olhos arregalados sem enxergar nada, a mão livre estendida e tateando as paredes. Talvez devesse ter agradecido por não tê-la deixado cair, mas isso seria o mesmo que admitir que precisava de ajuda. Ajuda era coisa para fracos, e os fracos morrem ou viram escravos. Se você nunca esperar ajuda, jamais ficará decepcionada se ela não vier. E Ferro se decepcionara muitas vezes.

Assim, em vez de agradecer, ela o arrastara pela mão e quase o fizera cair.

Um brilho de luz fria estava começando a se esgueirar de volta no túnel, uma claridade ligeira nas bordas dos blocos de pedra áspera.

– Está enxergando agora? – sibilou por cima do ombro.

– Estou.

Ferro notou o alívio na voz dele.

– Então pode me soltar – disse ela rispidamente, afastando a mão e enxugando-a na frente da camisa.

Foi andando mais rápido à meia-luz, movimentando os dedos e franzindo a testa para eles. Era uma sensação esquisita. Agora que a mão dele havia se afastado, quase sentia falta dela.

A luz estava ficando mais forte, vazando para o corredor a partir de um arco estreito, adiante. Ferro se esgueirou até lá, pisando com cuidado, e espiou pela esquina. Uma grande gruta se abria abaixo deles, com parte das paredes de

blocos bem esculpidos e parte de pedra natural, que subia produzindo relevos e formações estranhas, derretidas, com o teto perdido em sombras. Um raio de luz descia lá de cima, lançando um longo retalho de claridade no chão de pedra empoeirado. Três shankas estavam amontoados ali, murmurando e remexendo alguma coisa no chão. Por todos os lados, em grandes pilhas da altura de um homem e mais altas ainda junto às paredes da gruta, havia milhares e milhares e milhares de ossos.

– Merda – ofegou Logen logo atrás dela.

Um crânio ria para eles do canto do arco. Ossos humanos, sem dúvida.

– Eles comem os mortos – sussurrou ela.

– Eles o quê? Mas...

– Nada apodrece.

Bayaz dissera que a cidade era cheia de sepulturas. Inúmeros cadáveres, enterrados em covas para cem, cada uma. E deviam ter ficado ali durante os longos anos, emaranhados num abraço frio.

Até que os shankas chegaram e os arrastaram para fora.

– Teremos de passar ao largo deles – sussurrou Nove Dedos.

Ferro olhou para as sombras, procurando uma rota alternativa. Não havia como descer aquela montanha de ossos sem fazer barulho. Ela tirou o arco do ombro.

– Tem certeza? – perguntou Nove Dedos, tocando seu cotovelo.

Ela moveu o braço de forma a afastá-lo.

– Me dê um pouco de espaço, rosado.

Teria de trabalhar depressa. Enxugou o sangue da sobrancelha. Tirou três flechas da aljava e pôs entre os dedos da mão direita, onde poderia pegá-las rapidamente. Colocou uma quarta na mão esquerda e levantou o arco, puxando a corda, mirando no cabeça-achatada mais distante. Quando a flecha atravessou o corpo dele, ela já estava mirando no segundo. Ele levou a flechada no ombro e caiu com um guincho estranho justo quando o último se virava. A flecha atravessou seu pescoço antes que ele girasse totalmente e o fez cair de cara. Ferro pôs a última flecha na corda e esperou. O segundo cabeça-achatada tentou se levantar, mas nem tinha dado meio passo quando ela o acertou nas costas e o derrubou.

Ela baixou o arco, franzindo a testa na direção dos shankas. Nenhum deles se

mexia.

– Merda – ofegou Logen. – Bayaz está certo. Você é um demônio.

– Estava certo – corrigiu Ferro.

Eram grandes as chances de que aquelas criaturas o tivessem apanhado, e ficara bastante claro que elas comiam homens. Luthar, Pé Comprido e Quai também, supôs ela. Uma pena.

Mas não tanta.

Pôs o arco no ombro e se esgueirou com cuidado para a gruta, mantendo-se abaixada, a bota esmagando a montanha de ossos. Seguiu avançando de forma instável, os braços abertos para se equilibrar, meio andando sobre a pilha, meio atravessando-a – em alguns pontos, enfiava-se até os joelhos em ossos estalando, que arranhavam suas pernas. Ao chegar ao piso da gruta, se ajoelhou nele, olhando ao redor e lambendo os lábios.

Nada se movia. Os três shankas estavam imóveis, com sangue escuro empoçando nas pedras sob seus corpos.

– Arg! – Nove Dedos despencou montanha abaixo, fazendo lascas de ossos voarem ao redor. Foi rolando e caiu de cara no meio de um declive feito de ossos e se levantou atrapalhado. – Merda! Eca! – Sacudiu o braço e jogou longe a metade esfarelenta de uma caixa torácica que ficara presa nele.

– Quieto, idiota! – sibilou Ferro, puxando-o para baixo, para perto de si.

Ela observou uma passagem em arco na parede oposta, esperando que hordas daquelas coisas jorrassem de lá a qualquer momento, ansiosas para acrescentar os ossos deles aos outros. Mas nada veio. Ela lançou um olhar sombrio para Logen, mas ele estava ocupado demais cuidando de ferimentos, por isso ela o deixou e se esgueirou até os três cadáveres.

Eles estavam reunidos em torno de uma perna. Uma perna de mulher, supôs Ferro, pela falta de pelos. Um pedaço de osso se projetava da carne seca, murcha, em volta da coxa decepada. Um deles estivera usando uma faca, que estava caída ali perto, com a lâmina reluzindo no facho de luz que vinha lá de cima. Nove Dedos se curvou e a pegou.

– Facas nunca são demais.

– É? E se você cair num rio e não conseguir nadar, com todo esse ferro?

Ele pareceu perplexo um momento, depois encolheu os ombros e a recolocou cuidadosamente no chão.

– Bom argumento.

Ela tirou sua própria faca do cinto.

– Uma faca basta. Se você souber onde enfiar. – Em seguida cravou a lâmina nas costas de um cabeça-achatada e começou retirar a flecha. – O que são essas coisas, afinal?

Conseguiu arrancar a flecha intacta e rolou o cabeça-achatada com a bota. A coisa ficou encarando-a, olhos pretos e porcinos que já não enxergavam, uma testa curta e chata, os lábios repuxados revelando a bocarra cheia de dentes sangrentos.

– São ainda mais feios do que você, rosado.

– Muito bom. São shankas. Cabeças-achatadas. Feitos por Kanedias.

– Feitos?

A flecha seguinte se partiu quando Ferro tentou arrancá-la.

– É o que Bayaz diz. Como arma, para usar na guerra.

– Achei que ele tinha morrido.

– Parece que as armas sobreviveram.

O shanka que ela havia acertado no pescoço tinha caído sobre a flecha, que se quebrara perto da ponta. Inútil, agora.

– Como um homem pode fazer uma coisa dessas?

– Você acha que eu sei? Eles atravessavam o mar, todo verão, quando o gelo derretia, e sempre havia trabalho na luta contra eles. Muito trabalho.

Ela arrancou a última flecha, ensanguentada, mas em bom estado.

– Quando eu era jovem, eles começaram a vir com mais e mais frequência. Meu pai me mandou para o sul, por cima das montanhas, para conseguir ajuda na luta contra eles... – Logen deixou o resto no ar. – Bom, é uma longa história. Agora os vales altos estão apinhados de cabeças-achatadas.

– Não importa – grunhiu ela, levantando-se e enfiando com cuidado as duas flechas boas na aljava –, desde que eles morram.

– Ah, eles morrem. O problema é que sempre há mais para matar. – Logen estava franzindo a testa para as três coisas mortas, com uma expressão intensa nos olhos. – Agora não resta nada ao norte das montanhas. Nada nem ninguém.

Ferro não se importou muito com isso.

– Precisamos ir andando.

– Todos voltaram para a lama – resmungou ele, como se ela não tivesse

falado, com a expressão ficando mais intensa a cada instante.

Ela se postou diante de seu rosto.

– Ouviu? Eu disse que precisamos ir andando.

– Hein? – Logen piscou um momento, depois fez uma careta. Os músculos em volta do maxilar ficaram rígidos sob a pele, as cicatrizes se esticaram e se moveram, sua cabeça estava inclinada para a frente; os olhos, perdidos na sombra produzida pela luz vinda de cima. – Certo. Vamos andando.

Ferro franziu a testa para Logen, que tinha um fio de sangue escorrendo do cabelo pelo lado oleoso e barbado do rosto. Ele não parecia mais alguém em quem ela confiaria.

– Não está planejando ficar estranho comigo, está, rosado? Preciso que você fique frio.

– Estou frio – sussurrou ele.

Logen estava quente. A pele pinicava sob as roupas sujas. Sentia-se estranho, tonto, a cabeça cheia do fedor dos shankas. Mal conseguia respirar por causa do cheiro. O corredor parecia se mover sob seus pés, oscilar diante dos olhos. Ele estremeceu e se encurvou, com o suor escorrendo pelo rosto, pingando no chão de pedra inclinado.

Ferro sussurrou alguma coisa, mas ele não entendeu as palavras – elas ecoavam nas paredes e em volta do seu rosto, mas não penetravam os ouvidos. Ele assentiu e balançou a mão para ela, esforçando-se para continuar seguindo-a. O corredor estava ficando mais e mais quente, a pedra turva havia assumido um brilho alaranjado. Ele trombou nas costas de Ferro e quase caiu. Foi se arrastando, ofegante, sobre os joelhos machucados.

Havia uma gruta gigantesca à frente. Quatro colunas afiladas se erguiam no centro, subindo interminavelmente para a escuridão que se movia no alto. Lá embaixo fogueiras ardiam – muitas fogueiras, gravando imagens brancas nos olhos ardidos de Logen. Carvões estalavam e cuspiam fumaça. Fagulhas subiam em chuveiros ardentes, o vapor brotava sibilante. Borbulhas de ferro derretido pingavam de cadinhos, batendo no chão com brasas reluzentes. O metal

amolecido corria por canais no chão, riscando linhas em vermelho, amarelo e branco ofuscante na pedra negra.

O espaço enorme estava cheio de shankas, figuras escabrosas que se moviam na escuridão calorenta. Trabalhavam junto aos fogos, aos foles e aos cadinhos como homens, uns vinte ou mais. Era um barulho furioso. Marretas batendo, bigornas retinindo, metal ressoando com estrépito, cabeças-achatadas guinchavam e berravam uns com os outros. Havia prateleiras nas paredes distantes, prateleiras escuras com pilhas de armas lustrosas, aço rebrilhando em todas as cores do fogo e da fúria.

Logen piscou e ficou observando. Sua cabeça martelava, o braço latejava, o calor oprimia o rosto. Não sabia se acreditava nos próprios olhos. Talvez tivessem entrado na forja do inferno. Talvez Glustrod tivesse aberto um portão embaixo da cidade, afinal de contas. Um portão para o Outro Lado, e eles haviam passado sem pensar duas vezes.

Sua respiração estava acelerada, entrecortada, e ele não conseguia diminuir o ritmo. E a cada vez que inalava o ar as narinas se enchiam do odor de fumaça e do fedor dos shankas. Seus olhos se arregalavam, a garganta queimava, não conseguia engolir. Nem notou ter desembainhado a espada do Artífice, mas agora a luz laranja relampejava e rebrilhava no metal escuro e nu e sua mão direita apertava o cabo com tanta força que doía. Não conseguia abrir os dedos. Olhou para eles: ardiam em laranja e preto, pulsando como se pegassem fogo, veias e tendões saltando da pele retesada, os nós dos dedos pálidos com a pressão furiosa.

Não era a sua mão.

– Temos de voltar – estava dizendo Ferro, puxando o braço dele. – Achar outro caminho.

– Não. – A voz era dura como um martelo caindo, rouca como um esmeril girando, afiada como uma lâmina na garganta.

Não era a sua voz.

– Fique atrás de mim – conseguiu sussurrar, segurando o ombro de Ferro e passando por ela.

Agora não existia volta...

…e ele sentia o cheiro dos shankas. Inclinou a cabeça para trás e sugou o ar quente pelo nariz. Sua cabeça estava tomada por aquele fedor, e isso era bom. O ódio era uma arma poderosa nas mãos certas. O Nove Sangrento odiava tudo. Mas seu ódio enterrado há mais tempo, mais enraizado e que mais ardia era pelos cabeças-achatadas.

Deslizou para dentro da gruta, uma sombra entre as fogueiras, com o ruído de aço furioso ecoando ao redor. Uma canção linda e familiar. Flutuou para dentro dela, rejubilou-se nela, sorveu-a. Sentiu a lâmina pesada na mão, o poder que fluía do metal frio para sua carne quente, da carne quente para o metal frio, aumentando, inchando e crescendo em ondas junto com sua respiração intensa.

Os cabeças-achatadas ainda não o tinham visto. Estavam trabalhando. Ocupados com suas tarefas sem sentido. Não poderiam esperar que a vingança os encontrasse ali, onde viviam, respiravam e trabalhavam, mas logo ficariam sabendo que sim.

O Nove Sangrento se ergueu atrás de um deles, levantando bem alto a espada do Artífice. Sorriu ao ver a sombra comprida surgir sobre o crânio careca – uma promessa que logo seria cumprida. A lâmina longa sussurrou seu segredo e o shanka se partiu ao meio, direto do topo à metade do corpo, como uma flor se abrindo, o sangue espirrando quente e reconfortante, batendo na bigorna, no chão de pedra e no rosto do Nove Sangrento com pequenos presentes úmidos.

Agora outro o vira e o Nove Sangrento foi para cima dele, mais rápido e mais raivoso do que vapor em fervura. Com um braço erguido, o shanka saltou para trás. Não foi suficientemente longe. A espada do Artífice decepou seu cotovelo, fazendo o antebraço sair girando pelo ar. Antes que o cotoco batesse no chão, o Nove Sangrento havia decapitado o shanka ao puxar de volta a espada. O sangue chiou no ferro derretido, reluziu em laranja no metal opaco da lâmina, na pele pálida de sua mão, na pedra áspera sob seus pés, e ele chamou os outros.

– Venham – sussurrou.

Todos eram bem-vindos.

Eles se espalharam em direção às prateleiras, pegando as espadas pontudas e os machados afiados, e o Nove Sangrento gargalhou ao encará-los. Armados ou não, a morte deles já era uma certeza. Estava escrita na caverna em linhas de fogo e sombra. Agora ele escreveria em linhas de sangue. Eles eram animais, menos do que animais. Suas armas tentavam estocá-lo e cortá-lo, mas o Nove

Sangrento era feito de fogo e escuridão: deslizava e escorria entre os golpes mal executados, ao largo das lanças sem mira, por baixo e por cima dos gritos inúteis e da fúria vã.

Seria mais fácil golpear chamas. Seria mais fácil cortar sombras. A fraqueza deles era um insulto à sua força.

– Morram! – rugiu ele, e a lâmina fez círculos, selvagem e linda, a letra no metal ardendo em vermelho e deixando traços brilhantes para trás.

E, onde os círculos passavam, tudo seria consertado. Os shankas gritavam e balbuciavam e pedaços deles se espalhavam; eram cortados e divididos como carne no cepo do açougueiro, como massa na mesa do padeiro, como o restolho de trigo deixado pela foice do fazendeiro, tudo conforme um desígnio perfeito.

O Nove Sangrento mostrou os dentes e sorriu para ser livre e para ver a boa obra ser tão bem-feita. Viu o clarão de uma lâmina e saltou de lado, sentiu-a deixar um beijo demorado na lateral de seu corpo. Derrubou uma espada pontuda da mão de um cabeça-achatada, agarrou-o pelo pescoço e forçou sua cara para dentro do canal onde o aço derretido fluía num amarelo furioso, e a cabeça da coisa sibilou e borbulhou, lançando um vapor fétido.

– Queime! – gargalhou o Nove Sangrento, e os cadáveres dilacerados, suas feridas abertas, suas armas caídas e o ferro que brilhava e borbulhava gargalharam junto com ele.

Só os shankas não riam. Sabiam que sua hora havia chegado.

O Nove Sangrento viu um deles pular por cima de uma bigorna, com um porrete erguido para esmagar seu crânio. Antes que ele pudesse descê-lo, uma flecha penetrou em sua boca aberta e o jogou para trás, morto feito lama. O Nove Sangrento franziu a testa. Agora via outras flechas no meio dos cadáveres. Alguém estava estragando seu bom trabalho. Ele faria com que a pessoa pagasse, mais tarde, porque algo vinha para cima dele, por entre as quatro colunas.

Estava totalmente envolto em uma armadura reluzente lacrada com rebites pesados, um elmo redondo preso na metade superior do crânio, olhos brilhando atrás de uma fenda comprida. Aquilo grunhiu e bufou, alto como um touro, os pés com botas de ferro batendo na pedra à medida que a coisa vinha trovejando, trazendo um machado enorme nos punhos com luvas de ferro. Um gigante entre os shankas. Ou alguma coisa nova, feita de ferro e carne, ali embaixo, na escuridão.

O machado descreveu um arco brilhante e o Nove Sangrento rolou para longe dele, deixando a lâmina pesada bater no chão e lançar uma chuva de fragmentos. A coisa rugiu para cima dele de novo, a bocarra escancarada sob o visor com fendas, uma nuvem de cuspe sibilando da boca aberta. O Nove Sangrento recuou, movendo-se e dançando com as sombras que se moviam e as chamas que dançavam.

Esquivou-se, e de novo, deixou os golpes errarem de um lado e do outro, acima da cabeça e embaixo dos pés. Deixou-os ressoar no metal e na pedra ao redor e encher o ar com fúria de poeira e lascas. Continuou se esquivando, até que a criatura começou a se cansar sob aquele peso de ferro.

O Nove Sangrento a viu vacilar, sentiu seu momento chegar. Avançou, levando a espada acima da cabeça, abrindo a boca e soltando um grito que empurrou seu braço, sua mão, a lâmina, e as próprias paredes da caverna. O grande shanka segurou o cabo do machado com as duas mãos para bloquear o golpe. Aço bom e brilhante, nascido naqueles fogos quentes, o mais duro, forte e rígido que os shankas podiam forjar.

Mas nada refutaria a obra do mestre Artífice. A lâmina opaca atravessou o cabo com um som parecido com um grito de criança e abriu um talho de um palmo de profundidade na armadura pesada do shanka, do pescoço até a virilha. O sangue espirrou no metal brilhante, na pedra escura. O Nove Sangrento gargalhou e enfiou a mão no ferimento, arrancando um punhado das tripas do shanka enquanto ele tombava para trás e desmoronava de costas, deixando as metades de seu machado caírem ruidosamente das garras que tremiam.

O Nove Sangrento sorriu para os outros. Eles espreitavam ali – eram três –, com armas nas mãos, mas não o atacavam. Espreitavam nas sombras, mas a escuridão não era amiga dos shankas. Pertencia a ele, e somente a ele. O Nove Sangrento deu um passo adiante, e mais um, a espada pendendo numa das mãos, um pedaço de tripa ensanguentada na outra, desenrolando-se devagar do cadáver do cabeça-achatada trucidado. As criaturas recuaram arrastando os pés, guinchando e estalando a língua umas para as outras, e o Nove Sangrento gargalhou na cara delas.

Os shankas podiam ser cheios de uma fúria insandecida, mas até eles tinham de temê-lo. Tudo temia. Até os mortos, que não sentiam dor. Até a pedra fria, que não sonhava. Até o ferro derretido temia o Nove Sangrento. Até a escuridão.

Ele rugiu e deu um salto à frente, jogando longe o punhado de tripas. A ponta de sua espada rasgou o peito de um shanka e o fez girar, guinchando. Um instante depois, a lâmina bateu no ombro da criatura, partindo-o até o esterno.

Os outros dois se viraram para fugir às pressas sobre as pedras – mas lutar ou correr, qual era a diferença? Outra flecha se cravou nas costas de um antes que ele desse três passos, fazendo-o esparramar-se de cara. O Nove Sangrento saltou e seus dedos se fecharam no tornozelo do último, com a força de um torno, puxando-o, e as garras do shanka tentavam se cravar na pedra coberta de fuligem.

O punho do Nove Sangrento era a marreta, o chão era a bigorna e a cabeça do shanka era o metal a ser trabalhado. Um golpe e o focinho se abriu, dentes quebrados caíram. Dois, e o osso da face afundou. Três, e o maxilar se despedaçou sob seus dedos. Seu punho era feito de pedra, de aço, de diamante. Era pesado como uma montanha caindo, e, golpe a golpe, esmagou o crânio grosso do shanka até virar uma pasta disforme.

– Cabeça... achatada – sibilou o Nove Sangrento, e gargalhou.

Ergueu o corpo arruinado e o atirou longe, girando no ar, para se chocar nas prateleiras quebradas. Girou, dando voltas pela câmara, com a espada do Artífice pendurada na mão, a ponta provocando fagulhas na pedra ao ser arrastada. Olhou furioso para a escuridão que mudava e se transformava, mas só as chamas das fogueiras se mexiam e as sombras as acompanhavam. A câmara estava vazia.

– Não! – rosnou ele. – Cadê vocês? – Suas pernas estavam fracas, não conseguiam sustentá-lo mais. – Cadê vocês, seus malditos... – Tropeçou e caiu sobre um joelho na pedra quente, ofegando. Tinha de haver mais trabalho. O Nove Sangrento nunca terminava. Mas sua força era fugaz e agora se esvaía dele.

Viu algo se mover, piscou para aquilo. Uma risca de escuridão, deslizando lenta e vagarosamente entre as fogueiras pulsantes e os corpos caídos. Não era um shanka. Algum outro tipo de inimigo. Mais sutil e mais perigoso. Pele escura como fuligem na sombra, passos suaves passando ao largo das manchas de sangue que seu trabalho havia deixado. Ela estava com um arco nas mãos, a corda puxada até a metade e a ponta brilhante da flecha reluzindo de tão afiada. Seus olhos amarelos brilhavam como metal derretido, como ouro quente, zombando dele.

– É seguro chegar perto, rosado? – A voz dela trovejou e sussurrou em seu crânio, que zumbia. – Não quero matar você, mas mato.

Ameaças?

– Vaca escrota – sibilou ele, mas seus lábios eram pesos sem controle, e nada saiu deles além de um fio longo de cuspe.

Ele bamboleou para a frente, apoiado na espada, esforçando-se para ficar de pé, a fúria ardendo mais do que nunca. Ela aprenderia. O Nove Sangrento iria lhe dar uma lição tão bem dada que ela jamais precisaria de outra. Iria cortá-la em pedacinhos e triturá-los sob os próprios calcanhares. Se ao menos pudesse ficar de pé...

Oscilou, piscou. A respiração entrava e saía áspera, lenta, lenta. As chamas perderam força e diminuíram, as sombras se alongaram, ficaram borradas, o engoliram e o empurraram para baixo.

Mais uma, só mais uma. Sempre mais uma...

Mas seu tempo havia acabado...



…Logen tossiu e tremeu, fraco. Suas mãos tomaram forma na penumbra, seus punhos se cerraram sobre a pedra suja, tão sujas de sangue quanto as de um magarefe descuidado. Entendeu o que devia ter acontecido, gemeu e sentiu lágrimas ardendo nos olhos. O rosto marcado de Ferro surgiu sobre ele, saindo da escuridão. Então pelo menos ele não a havia matado.

– Está ferido?

Ele não conseguia responder. Não sabia. Poderia haver um corte na lateral do corpo, mas era tanto sangue que ficava difícil dizer. Tentou se levantar, trombou numa bigorna e quase pôs a mão numa fornalha incandescente. Piscou e cuspiu, os joelhos falhando. Chamas ofuscantes flutuavam diante de seus olhos. Havia cadáveres em toda parte, figuras esparramadas no chão sujo de fuligem. Olhou ao redor, ignorante, procurando algo em que limpar as mãos, mas tudo estava sujo de sangue. Seu estômago se revirou e ele cambaleou entre as forjas, as pernas bambas indo na direção de um arco na parede oposta, a mão sangrenta apertando a boca.

Encostou-se ali, na pedra quente, babando cuspe e sangue azedo no chão, a dor lambendo um lado do corpo, o rosto, os nós dos dedos rasgados. Mas se estivera esperando pena, tinha escolhido a companheira errada.

– Vamos – disse Ferro rispidamente. – Venha, rosado, venha.

Ele não saberia dizer por quanto tempo andou no escuro, ofegando nos calcanhares de Ferro, com o som da própria respiração ecoando no crânio. Os dois se esgueiraram pelas entranhas da terra. Por salões antigos cheios de poeira e sombras, paredes de pedra rachadas. Por passagens em arco que davam em túneis sinuosos, tetos de lama sustentada por traves precárias.

Quando chegaram a um cruzamento, Ferro o segurou junto à parede na escuridão, os dois prendendo o fôlego enquanto formas escabrosas passavam arrastando os pés por um corredor adiante. Andaram e andaram – corredor, caverna, buraco. Ele só fazia acompanhá-la, arrastando-se atrás dela até ter certeza de que cairia de cara a qualquer momento, de puro cansaço. Até ter certeza de que jamais veria a luz do dia outra vez...

– Espere – sibilou Ferro, pondo a mão no peito dele para fazê-lo parar e quase derrubando-o, de tão fraco que estava.

Um riacho lento se juntava ao corredor, a água movendo-se devagar, ondulando nas sombras. Ferro se ajoelhou ao lado dele, espiando o túnel escuro de onde vinha.

– Se ele se junta ao rio mais abaixo, deve vir de fora da cidade.

Logen não tinha tanta certeza.

– E se ele... brotar... do subterrâneo?

– Nesse caso, procuramos outro caminho. Ou morremos afogados.

Ferro pôs o arco no ombro e entrou no riacho, afundando até o peito, comprimindo os lábios finos. Logen a observou seguir com os braços erguidos acima da linha escura da água. Será que ela jamais se cansava? Ele estava tão dolorido e exausto que só queria se deitar e nunca mais se levantar. Por um momento pensou em fazer isso. Então Ferro se virou e o viu agachado na margem.

– Venha, rosado! – sussurrou para ele.

Logen suspirou. Ela jamais mudava de ideia. Relutante, pôs uma perna na água fria.

– Estou logo atrás de você – murmurou. – Logo atrás.

Não prestam um para o outro

FERRO SEGUIA CONTRA a corrente, enfiada até a cintura na água que fluía rápido, os dentes trincados por causa do frio intenso, com Nove Dedos chapinhando e ofegando atrás dela. Entreviu uma passagem em arco à frente, sua luz fraca cintilando na água. Era bloqueada por barras de ferro, mas quando ela chegou perto, viu que estavam totalmente enferrujadas, finas e farelentas. Comprimiu-se contra elas. À frente avistou o rio, que chegava ali correndo por entre margens de pedra e lama. Acima viu o céu de início de noite, com as estrelas começando a se mostrar.

Liberdade.

Forçou as barras de ferro antigas, o ar sibilando entre os dentes, os dedos lentos e fracos de frio. Nove Dedos chegou ao seu lado e colocou as mãos perto das dela – quatro mãos enfileiradas, duas escuras e duas claras, empurrando com força. Estavam comprimidos um contra o outro no espaço estreito e ela o ouviu grunhindo com o esforço, ouviu a própria respiração acelerar, sentiu o metal velho começando a guinchar baixinho e a se dobrar.

O suficiente para ela passar.

Levou o arco, a aljava e a espada para o outro lado, mantendo-os no alto com uma das mãos. Enfiou a cabeça entre as barras, virou-se de lado, encolheu a barriga e prendeu o fôlego. Passou os ombros, depois o peito, depois o quadril pela abertura estreita, sentindo o metal áspero raspar a pele através da roupa molhada.

Arrastou-se para o lado oposto e jogou as armas na margem. Firmou os ombros na barra entortada e apoiou as botas contra a barra seguinte, cada músculo esforçando-se enquanto Nove Dedos puxava pelo outro lado. O metal cedeu de repente, partindo-se ao meio e fazendo chover flocos de ferrugem no rio. Ela foi jogada de costas, de cabeça na água gelada.

Nove Dedos começou a passar, o rosto contorcido do esforço. Ferro chapinhou, ofegando de frio, agarrou-o por baixo dos braços e começou a puxar, sentiu as mãos dele agarrando suas costas. Grunhiu, lutou e finalmente o arrastou para fora. Os dois se deixaram cair juntos na margem lamacenta e ficaram ali, lado a lado. Ferro olhou os muros arrebentados da cidade em ruínas, muito altos no crepúsculo cinza. Ela ofegava e ouvia Nove Dedos fazer o mesmo. Não esperava sair viva daquele lugar.

Mas ainda não estavam longe o bastante.

Rolou e se pôs de pé, pingando e tentando parar de tremer. Imaginou se já tinha sentido tanto frio em toda a sua vida.

– Chega – ouviu Nove Dedos murmurando. – Pelas porras dos mortos, já chega. Estou acabado. Não vou dar mais nenhum passo.

Ferro balançou a cabeça.

– Precisamos ganhar alguma distância enquanto ainda temos luz.

Ela pegou as armas no chão.

– Você chama isso de luz? Você é maluca, porra?

– Você sabe que sou. Vamos, rosado. – E ela o cutucou nas costelas com a bota molhada.

– Certo, desgraça! Certo!

Ele se levantou relutante, oscilando, e ela se virou e começou a andar pela margem no crepúsculo, afastando-se da muralha.

– O que eu fiz?

Ela se virou e o encarou, ali parado, o cabelo pingando em volta do rosto.

– O que eu fiz lá atrás?

– Fez com que a gente passasse.

– Quero dizer...

– Você fez com que a gente passasse. Só isso.

E ela foi seguindo margem acima. Depois de um instante, escutou Nove Dedos indo atrás.

Estava tão escuro e Nove Dedos estava tão cansado que nem viu a ruína, até

estarem quase dentro dela. Devia ser um moinho, imaginou. Era construído ao lado do riacho, mas supôs que a roda estivesse sumida havia algumas centenas de anos ou mais.

– Vamos parar aqui – sibilou Ferro, passando pelo portal semidesmoronado.

Logen estava exausto demais para fazer qualquer coisa além de assentir e cambalear atrás dela. O luar fraco lavava aquela casca vazia, destacando as bordas das pedras, as formas de janelas antigas, a terra compactada do chão. Ele foi cambaleando até a parede mais próxima e se afrouxou contra ela, deslizando até bater na lama.

– Ainda estou vivo.

Formou as palavras em silêncio, apenas movendo os lábios, e riu sozinho. Uma centena de cortes, arranhões e hematomas clamavam por atenção, mas ele ainda estava vivo. Ficou sentado imóvel – molhado, dolorido e absolutamente exausto –, deixou os olhos se fecharem e desfrutou a sensação de não ter de se mexer.

Franziu a testa. Havia um som estranho no escuro, acima do murmúrio do riacho. Um som de batidas, estalos. Demorou um momento para perceber o que era. Os dentes de Ferro. Tirou o casaco, estremecendo de dor quando ele passou pelo cotovelo rasgado, e o estendeu para Ferro no escuro.

– O que é isso?

– Um casaco.

– Estou vendo que é um casaco. Para quê?

Desgraça, como ela era teimosa! Logen quase gargalhou.

– Posso não ter os seus olhos, mas ainda ouço seus dentes chacoalhando. – Ele lhe estendeu o casaco de novo. – Gostaria de ter mais para oferecer, mas só tenho isso. Você precisa mais do que eu, e aí está. Não precisa ter vergonha. Pegue.

Houve uma pausa, depois ele sentiu o casaco ser puxado da sua mão, ouviu-a enrolando-o no corpo.

– Obrigada – grunhiu ela.

Logen levantou as sobrancelhas, imaginando se teria escutado direito. Parecia haver uma primeira vez para tudo.

– Certo. Obrigado a você também.

– Hein?

– Pela ajuda. Embaixo da cidade e no morro das pedras, e em cima dos telhados e todo o resto. – Ele pensou nisso um momento. – É muita ajuda. Mais do que eu mereço, provavelmente, mas, bom, mesmo assim agradeço por isso.

Esperou que ela dissesse alguma coisa, mas não veio nada. Só o som do riacho gorgolejando embaixo das paredes da construção, o vento sibilando nas janelas vazias, o som de sua respiração sôfrega.

– Você é legal – disse ele. – Só estou dizendo isso. Apesar do que você tenta mostrar, você é legal.

Mais silêncio. Podia ver a silhueta dela ao luar, sentada perto da parede, com seu casaco enrolado nos ombros, o cabelo úmido espetado, talvez um brilho levíssimo de um olho amarelo, observando-o. Xingou-se baixinho. Ele não era bom em falar, nunca havia sido. Provavelmente nada disso significava coisa nenhuma para ela. Mesmo assim, pelo menos havia tentado.

– Quer trepar?

Ele levantou os olhos, boquiaberto, sem saber se tinha ouvido direito.

– Hein?

– O quê, rosado, ficou surdo, é?

– Fiquei o quê?

– Certo! Esqueça!

Ela lhe deu as costas, puxando o casaco com raiva em volta dos ombros encolhidos.

– Ei, espere aí. – Ele estava tentando alcançá-la. – Quero dizer... eu só não esperava que você oferecesse. Não estou dizendo que não... Acho que... se você está convidando. – Ele engoliu a saliva, com a boca seca. – Você está convidando?

Viu a cabeça dela voltar-se em sua direção.

– Você não está dizendo não ou está dizendo sim?

– Bom, é... – Ele estufou as bochechas no escuro, tentou fazer a cabeça funcionar. Nunca tinha pensado que essa pergunta lhe seria feita de novo algum dia na vida, menos ainda por ela. Agora que tinha sido feita, ele tinha medo de responder. Não podia negar que era uma perspectiva um tanto assombrosa, mas era melhor fazer do que viver com medo daquilo. Muito melhor. – Estou, então. Eu acho. Quero dizer, claro que estou. Por que não diria? Estou dizendo que sim.

– Uh.

Ele viu a silhueta do rosto dela franzindo a testa para o chão, os lábios finos comprimidos com raiva, como se ela esperasse uma resposta diferente e não soubesse o que fazer com a que ele dera. Ele também não sabia, por sinal.

– Como você quer fazer?

Uma pergunta casual, como se os dois tivessem de executar uma tarefa, como cortar uma árvore ou cavar um buraco.

– É... Bem, você vai ter de chegar um pouco mais perto, acho. Quero dizer, espero que não fique decepcionada, mas meu pau não chega até aí.

Logen deu um meio sorriso, depois xingou a si mesmo quando ela não retribuiu. Sabia que ela não era chegada a brincadeiras.

– Certo, então.

Ela foi até ele tão depressa e metódica que ele meio que recuou, e isso a fez hesitar.

– Desculpe – disse ele. – Não faço isso há um tempo.

– Não. – Ela se agachou ao seu lado, levantou uma das mãos, parou como se estivesse pensando no que fazer com ele. – Eu também não.

Logen sentiu as pontas dos dedos dela nas costas de sua mão: suaves, cautelosas. Quase faziam cócegas, de tão leves. O polegar roçou o cotoco de seu dedo médio e ele ficou olhando-a fazer isso, formas cinzentas movendo-se nas sombras, desajeitadas como duas pessoas que nunca tivessem tocado outra em toda a vida. Sensação estranha, ter uma mulher tão perto. Trazia todo tipo de lembranças.

Logen levantou a mão devagar, sentindo como se fosse colocá-la no fogo, e tocou o rosto de Ferro. Não queimou. A pele era lisa e fria como a de qualquer pessoa. Enfiou a mão nos cabelos dela, sentiu-os roçando a pele entre os dedos. Encontrou a cicatriz na testa com a ponta do polegar, acompanhou-a descendo pelo rosto até o canto da boca, puxando o lábio, sua pele áspera roçando na dela.

Havia uma expressão estranha no rosto dela, Logen percebia mesmo no escuro. Era uma expressão que ele não estava acostumado a ver em Ferro, mas não havia como se enganar. Podia sentir os músculos se retesando sob a pele, ver o luar nos tendões que se projetavam do pescoço magro. Ela estava apavorada. Ferro era capaz de gargalhar ao dar um chute na cara de alguém, de rir de cortes e socos, de tratar uma flecha cravada na própria carne como se não fosse nada, mas um toque suave, ao que tudo indicava, punha medo nela. Isso pareceria

muito estranho para Logen, se ele também não estivesse tão imensamente apavorado. Apavorado e excitado ao mesmo tempo.

Começaram a tirar a roupa um do outro, juntos, como se alguém tivesse dado o sinal de ataque e eles estivessem ansiosos para acabar logo com aquilo. Ele lutou com os botões na camisa dela no escuro, mordendo o lábio, as mãos tremendo, tão desajeitado quanto se estivesse usando luvas de armadura. Ela havia aberto a dele antes mesmo que ele tivesse soltado um dos seus botões.

– Merda! – desabafou ele.

Ela afastou as mãos dele e abriu os botões sozinha, tirou a camisa e a largou ao lado. Ele não conseguia ver muita coisa ao luar, só o brilho dos olhos dela, a silhueta escura dos ombros ossudos e da cintura fina, retalhos de luz fraca entre as costelas e a curva embaixo do seio, um pouco de pele áspera em volta de um mamilo, talvez.

Sentiu-a abrir seu cinto, sentiu os dedos frios deslizando para dentro da calça, sentiu a...

– Au! Merda! Não precisa me levantar por ele!

– Certo...

– Ah.

– Melhor?

– Ah.

Ele puxou o cinto dela e o abriu sem jeito, enfiou a mão dentro. Nem um pouco sutil, talvez, mas Logen nunca fora conhecido pela sutileza. As pontas dos dedos alcançaram mais ou menos os pelos quando o pulso dele ficou preso. Não conseguia ir mais longe, apesar de todo o esforço.

– Merda – murmurou de novo.

Ouviu Ferro puxar o ar entre os dentes, sentiu-a se mexer e, com a mão livre, puxar a calça até abaixo da bunda. Assim estava melhor. Logen deslizou a mão subindo a coxa nua. Que bom que ainda tinha um dedo médio. Eles têm suas utilidades.

Ficaram assim um tempo, os dois ajoelhados no chão, sem muita coisa a se mexer além das duas mãos indo para trás e para a frente, para cima e para baixo, para dentro e para fora, começando devagar e suavemente e ficando mais rápidas, em silêncio a não ser pela respiração de Ferro sibilando entre os dentes, pela de Logen áspera na garganta e o som baixo de pele úmida se movendo.

Ela ergueu o corpo, tirou toda a calça e empurrou Logen de costas contra a parede. Ele pigarreou, subitamente rouco.

– Será que eu devo...

– Shh. – Ela se apoiou num dos pés e num joelho, montando nele com as pernas escancaradas, cuspiu numa das mãos em concha e segurou seu pau com ela. Murmurou alguma coisa, mudando a posição do corpo, baixando-se sobre ele, grunhindo baixinho. – Urrrr.

– Ah. – Ele a puxou mais para perto, com uma das mãos apertando a parte de trás de sua coxa e sentindo os músculos se avolumarem e se contraírem enquanto ela se movia, a outra mão enrolada no cabelo oleoso, puxando a cabeça dela contra seu rosto. As calças de Logen estavam emboladas nos tornozelos. Ele tentou chutá-las e só conseguiu que se emaranhassem mais, só que de jeito nenhum pediria que ela parasse só por isso.

– Urrrr – sussurrou ela, de boca aberta, os lábios mornos deslizando com maciez no rosto dele, a respiração quente e azeda em sua boca, a pele se esfregando na dele, grudando-se e soltando-se de novo.

– Ah – grunhiu ele em resposta, e ela balançou o quadril de encontro a ele, para trás e para a frente, para trás e para a frente, para trás e para a frente.

– Urrrr. – Uma das mãos dela estava apertando o maxilar de Logen, o polegar em sua boca, a outra estava entre as próprias pernas, deslizando para cima e para baixo. Ele podia sentir os dedos molhados se enrolando em seus bagos, mais do que um pouco doloroso, mais do que um pouco agradável.

– Ah.

– Urrrr.

– Ah.

– Urrrr.

– Ah...

– O quê? – espantou-se ela.

– É...

– Você está brincando!

– Bom...

– Eu só estava começando!

– Eu disse que faz muito tempo...

– Devem ser anos!

Ela saiu de cima do pau que murchava, limpou-se com uma das mãos e a esfregou com raiva na parede. Deixou-se cair ao lado dele, virada de costas, pegou seu casaco e pôs nos ombros.

Isso é que era uma situação embaraçosa, sem dúvida.

Logen se xingou em silêncio. Tanto tempo esperando e não conseguira manter o leite no balde. Coçou o rosto, triste, tirou casca de ferida do queixo. Se uma coisa podia ser dita sobre Logen Nove Dedos, era que ele era um bom amante.

Olhou de esguelha para Ferro, para a silhueta que se insinuava no escuro. Cabelo espetado, pescoço comprido, ombro rígido, braço longo seguindo a lateral do corpo. Mesmo com o casaco, dava para ver o volume do quadril, dava para imaginar as formas dela por baixo. Olhou a pele de Ferro, sabendo qual era a sensação – suave, lisa e fresca. Podia ouvir a respiração dela. Suave, lenta, quente...

Espere aí.

Havia algo crescendo lá embaixo de novo. Dolorido, mas definitivamente endurecendo. A única vantagem de ficar um tempo longo sem fazer: os baldes se enchem de novo depressa. Logen lambeu os lábios. Seria uma pena deixar a chance passar só por falta de coragem. Deslizou ao lado dela, arrastou-se mais para perto e pigarreou.

– O que foi? – A voz dela estava agressiva, mas não o suficiente para afastá-lo.

– Bom, você sabe, me dê um minuto e talvez...

Ele levantou o casaco e passou a mão pelo lado do corpo de Ferro, pele deslizando silenciosamente sobre a pele, bem devagar, de modo que ela tivesse tempo bastante para empurrá-lo. Ele não se surpreenderia se ela se virasse e lhe desse uma joelhada nos bagos.

Mas não foi o que ela fez. Em vez disso, levantou um joelho e se encostou de novo nele, com a bunda nua empurrando sua barriga.

– Por que eu deveria lhe dar outra chance?

– Não sei... – murmurou ele, começando a rir. Passou a mão gentilmente pelo peito dela, pela barriga, descendo entre as pernas. – Pelo mesmo motivo que você me deu a primeira?

Ferro acordou com um susto, sem saber onde estava, apenas que estava presa. Rosnou, sacudiu-se e deu cotoveladas, lutou para se soltar e se afastou, os dentes trincados, os punhos cerrados prontos para lutar. Mas não havia inimigos. Só a terra nua e a rocha vazia na manhã pálida e cinzenta.

Isso e o rosado grandalhão.

Nove Dedos se levantou cambaleando, grunhindo e cuspindo, olhando insanamente ao redor. Quando não viu cabeças-achatadas prontos para matá-lo, virou-se devagar para Ferro, piscando, com os olhos remelentos de sono.

– Au...

Ele se encolheu e encostou as pontas dos dedos na boca sangrenta. Os dois se entreolharam irados por um momento, ambos totalmente nus e silenciosos na ruína fria do moinho, com o casaco que os cobrira durante o sono embolado na terra úmida entre os dois.

E foi então que Ferro percebeu que havia cometido três erros graves.

Tinha caído no sono, e nada de bom jamais acontecia quando ela fazia isso. Depois dera uma cotovelada na cara de Nove Dedos. E o que era muito, muito pior, tão idiota que ela quase fez uma careta ao pensar: tinha trepado com ele na noite anterior. Olhando-o agora, à luz áspera do dia – o cabelo grudado numa das faces do rosto ensanguentado e cheio de cicatrizes, com uma grande mancha de sujeira descendo pela lateral pálida do corpo onde ele estivera deitado na lama – não sabia bem o porquê. Por algum motivo, com frio e cansada no escuro, quisera tocar alguém, ficar quente só por um momento, e tinha se deixado pensar: que mal poderia fazer?

Loucura.

Aquilo tinha feito mal aos dois, e era nítido. Se as coisas antes eram simples, agora certamente iriam se complicar. Se estavam chegando a um entendimento, agora só haveria confusão. Ela já estava confusa e ele começava a parecer magoado e com raiva. E por que isso surpreenderia? Afinal, ninguém gosta de levar uma cotovelada no rosto enquanto dorme. Ela abriu a boca para se desculpar, e foi então que percebeu. Nem sabia a palavra para aquilo. Só podia dizer em kanticense, mas estava com tanta raiva de si mesma que rosnou-a para ele, como um insulto.

Ele certamente se ofendeu. Seus olhos se estreitaram e ele disse alguma coisa ríspida em sua própria língua, pegou a calça bruscamente e enfiou uma perna dentro, resmungando baixinho e com raiva.

– Porra de rosado – sibilou ela, com os punhos cerrados, furiosa.

Pegou a camisa rasgada e se virou de costas para ele. Devia tê-la deixado num lugar úmido. Quando a vestiu, o pano rasgado se grudou em sua pele arrepiada como uma camada de lama gélida.

Camisa desgraçada. Rosado desgraçado.

Trincou os dentes de frustração enquanto fechava o cinto. Cinto desgraçado. Se ao menos o tivesse mantido fechado! Era sempre assim. As coisas não eram fáceis com as pessoas, mas ela sempre podia contar consigo mesma para torná-las mais difíceis do que precisavam ser. Parou um momento, de cabeça baixa, depois meio se virou para ele.

Ia tentar explicar que não quisera arrebentar sua boca, só que nada de bom jamais acontecia quando ela dormia. Ia tentar dizer que tinha cometido um erro, que só quisera se esquentar. Ia pedir que ele esperasse.

Mas ele já saía pisando forte pelo portal quebrado, com o resto das roupas numa das mãos.

– Que se foda, então – sibilou ela, sentando-se e calçando as botas.

Mas esse é que era o problema.

Jezal estava sentado na escadaria quebrada do templo, repuxando triste os pontos da costura desfeita no ombro rasgado de seu casaco e olhando para a vastidão de lama sem limite, em direção às ruínas de Aulcus. Procurando nada.

Bayaz estava dentro da carroça, escorado em suas laterais, o rosto ossudo e pálido feito um cadáver, com veias estufando-se em volta dos olhos fundos, uma expressão dura cinzelada nos lábios sem cor.

– Quanto tempo vamos esperar? – perguntou Jezal outra vez.

– O tempo que for necessário – reagiu o mago, sem ao menos olhá-lo. – Nós precisamos deles.

Jezal viu o irmão Pé Comprido parado mais acima nos degraus, de braços

cruzados, lançar-lhe um olhar carregado de preocupação.

– O senhor, claro, é meu padrão, e não é meu papel discordar...

– Então não discorde – rosnou Bayaz.

– Mas Nove Dedos e a mulher, Maljinn – insistiu o navegador – estão decididamente mortos. O mestre Luthar os viu especificamente deslizar para o abismo. Um abismo de profundidade muito grande. Meu sofrimento é imensurável, e sou um homem paciente, poucos são mais do que eu, a paciência é uma das minhas muitas qualidades admiráveis, mas... bem... se vamos esperar até o fim dos tempos, temo que não faria...

– O tempo... – rosnou o Primeiro dos Magos – que for necessário.

Jezal respirou fundo e franziu a testa contra o vento, olhando do morro para a cidade, os olhos examinando a vastidão plana e vazia, perfurada por fendas minúsculas onde corriam riachos, com a tira cinza de uma estrada em ruínas esgueirando-se na direção deles a partir das muralhas distantes, entre as silhuetas riscadas de prédios arruinados: estalagens, fazendas, aldeias, tudo desmoronado havia muito tempo.

– Eles estão lá embaixo – disse a voz sem emoção de Quai.

Jezal se levantou, pondo o peso na perna boa, protegendo os olhos com a mão e olhando para onde o aprendiz apontava. Viu-os de repente, duas minúsculas figuras marrons numa terra marrom e devastada, perto da base da rocha.

– O que foi que eu disse? – grasnou Bayaz.

Pé Comprido balançou a cabeça, pasmo.

– Como, em nome de Deus, eles podem ter sobrevivido?

– São uma dupla muito capacitada, sem dúvida. – Jezal já começava a rir.

Um mês antes, não poderia nem sonhar que um dia ficaria feliz em rever Logen, quanto mais Ferro, porém ali estava ele, sorrindo quase de orelha a orelha ao vê-los ainda vivos. De algum modo, um elo havia se formado ali, nos confins, ao enfrentarem juntos a morte e a adversidade. Um elo que se fortalecia rapidamente, independentemente das grandes diferenças entre eles. Um elo que, em comparação a suas antigas amizades, fazia com que parecessem fracas, pálidas e sem sentimento.

Observou as figuras que se aproximavam andando com dificuldade pela trilha de rocha íngreme até o templo, com um enorme espaço entre os dois, quase como se andassem separados. Ao se aproximarem um pouco mais do topo,

começaram a parecer dois prisioneiros que tivessem escapado do inferno. As roupas rasgadas e absolutamente imundas, os rosto sujos e endurecidos como pedras. Ferro tinha um talho de ferimento com casca atravessando a testa. O queixo de Logen era uma massa de arranhões e a pele em volta dos olhos estava manchada de hematomas escuros.

Jezal deu um passo saltitado na direção deles.

– O que aconteceu? Como foi que...

– Não aconteceu nada – latiu Ferro.

– Absolutamente nada – rosnou Nove Dedos.

E os dois trocaram olhares de raiva. Sem dúvida ambos tinham passado por algo medonho que nenhum deles queria discutir. Ferro foi andando direto até a carroça sem ao menos sugerir um cumprimento e começou a remexer dentro dela. Logen ficou parado, as mãos no quadril, franzindo a testa sério para ela.

– Então... – murmurou Jezal, sem saber o que dizer. – Você está bem?

Os olhos de Logen giraram na direção dele.

– Ah, estou ótimo – disse com ironia. – Nunca estive melhor. Como, diabos, vocês tiraram a carroça de lá?

O aprendiz deu de ombros.

– Os cavalos puxaram.

– O mestre Quai tem um dom para suavizar os acontecimentos – riu Pé Comprido, nervoso. – Foi uma cavalgada das mais empolgantes até o portão sul da cidade.

– Tiveram de lutar para fugir, foi?

– Bom, eu não, claro, lutar não é uma das minhas...

– Não achei que fosse.

Logen se inclinou e cuspiu azedamente na lama.

– Deveríamos pelo menos pensar em ficar agradecidos – grasnou Bayaz, com o ar saindo em chiados arranhados da garganta quando ele respirava. – Há muito o que agradecer, afinal de contas. Ainda estamos vivos.

– Tem certeza? – disse Ferro rispidamente. – Você não parece.

Jezal concordou em silêncio. O mago não poderia ter aparência pior se tivesse morrido em Aulcus. Morrido e já começado a se decompor.

Ela arrancou o que restava da camisa, rasgando-a, e a jogou com violência no chão, fazendo a musculatura se contrair nas costas magras.

– Está olhando o quê, porra? – rosnou para Jezal.

– Nada – murmurou ele, baixando a cabeça.

Quando ousou levantar os olhos, ela estava abotoando uma camisa nova. Bom, não totalmente nova. Ele mesmo a usara alguns dias antes.

– Esta camisa é mi...

Ferro o olhou com uma expressão tão assassina que Jezal se pegou dando um passo atrás, hesitante.

– Mas pode ficar com ela, claro...

– Ssss – sibilou ela, enfiando a bainha violentamente por baixo do cinto, o tempo todo com uma carranca, como se estivesse esfaqueando um homem até a morte. Provavelmente ele.

No todo, não era nem um pouco a reunião cheia de lágrimas que Jezal poderia ter esperado, ainda que agora estivesse sentindo certa vontade de chorar.

– Espero não ver este lugar nunca mais – murmurou, pensativo.

– Nisso estou com você – disse Logen. – Não está tão vazio quanto a gente esperava, não é? Pode imaginar em outro caminho para a volta?

Bayaz franziu a testa.

– Parece prudente. Vamos retornar a Calcis, rio abaixo. Há florestas deste lado, mais adiante. Com alguns troncos fortes amarrados juntos, o Aos vai nos levar direto ao mar.

– Ou a uma sepultura aquática – sugeriu Jezal, que ainda se lembrava com alguma clareza da água borbulhante no cânion do grande rio.

– Minha esperança é melhor. De qualquer modo, ainda restam longos quilômetros a oeste antes de pensarmos na viagem de volta.

Pé Comprido assentiu.

– Há mesmo, inclusive um desfiladeiro em uma cordilheira perigosíssima.

– Maravilhoso – disse Logen. – Mal posso esperar.

– Eu também. Infelizmente nem todos os cavalos sobreviveram – falou o navegador, levantando as sobrancelhas. – Temos dois para puxar a carroça, dois para montar... Com isso, ficam faltando dois

– Eu odeio essas porras, de qualquer modo – desabafou Logen, e subiu na parte de trás da carroça, no lado oposto a Bayaz.

Houve uma longa pausa enquanto todos pensavam na situação. Dois cavalos e três pessoas para cavalgar. Não era uma situação confortável. Pé Comprido foi

o primeiro a se manifestar.

– Vou precisar fazer reconhecimento à frente, claro, quando chegarmos perto das montanhas. Fazer reconhecimento, ai de mim, é parte essencial de uma jornada bem-sucedida. E para isso, infelizmente, vou precisar de um cavalo...

– Seria bom que eu cavalgasse – murmurou Jezal, remexendo-se dolorosamente. – Por causa da perna...

Ferro olhou para a carroça e Jezal viu seu olhar encontrar o de Logen por um momento breve e intensamente hostil.

– Vou andando – rosnou ela.

A recepção do herói

CHOVIA QUANDO O superior Glokta entrou mancando em Adua. Uma chuva ruim, fina, desagradável, que vinha do mar num vento forte e deixava escorregadias como mentirosos a madeira traiçoeira da prancha de desembarque, as tábuas guinchantes do píer, as pedras lisas do cais. Ele lambeu as gengivas sensíveis, esfregou a coxa dolorida, virou a cara mal-humorada para um lado e para o outro do litoral cinza. Dois guardas carrancudos estavam a dez passos de distância, encostados num armazém bastante deteriorado. Mais adiante, um grupo de estivadores se envolvia numa discussão feroz por causa de um monte de caixotes. Um mendigo trêmulo deu dois passos na direção de Glokta, pensou melhor e se afastou.

Nenhuma multidão de plebeus aplaudindo? Nenhum tapete de pétalas de flores? Nenhum arco de espadas desembainhadas? Nenhum bando de donzelas desmaiando? Não era uma grande surpresa. Não houvera nada disso na última vez em que ele tinha retornado do Sul. *As multidões raramente aplaudem alto demais os derrotados, não importa quanto lutaram, quanto se sacrificaram, as dificuldades que enfrentaram. As donzelas podiam se molhar por causa de vitória baratas e sem valor, mas nem ao menos ruborizam em troca de um "fiz o melhor que pude". Temo que o arquileitor também não vá se empolgar.*

Uma onda particularmente maligna bateu no quebra-mar e lançou uma nuvem de borrifos agressivos nas costas de Glokta. Ele tropeçou, com água gelada pingando das mãos frias, escorregou e quase caiu. Saiu ofegando e cambaleante pelo cais até se agarrar à parede escorregadia de um barracão meio desmoronado, do lado oposto. Levantou os olhos e viu que os dois guardas o encaravam.

– O que foi? – rosnou, e ambos viraram as costas, resmungando e levantando as golas por causa do mau tempo.

Glokta apertou a capa em volta do corpo, sentiu a bainha batendo nas pernas molhadas. *Alguns meses ao sol e você acha que nunca mais sentirá frio. Como a gente esquece rápido!* Franziu a testa para um lado e para o outro do cais vazio. *Como todos esquecemos rápido!*

– Fe folta ao uar. – Frost parecia satisfeito ao sair da prancha com a caixa de Glokta embaixo do braço.

– Você não gosta muito do calor, não é?

O prático balançou a cabeça pesada, meio rindo para a garoa de inverno, o cabelo branco espetado com a umidade. Severard vinha atrás, franzindo os olhos para as nuvens cinza. Parou um momento no fim da prancha e desceu para as pedras do cais.

– É bom estar de volta – disse ele.

Eu só gostaria de compartilhar o entusiasmo de vocês, mas ainda não posso relaxar.

– Sua Eminência mandou me buscar e, a julgar pelo modo como deixamos as coisas em Dagoska, acho mais do que provável que a reunião... não seja boa. – *Um eufemismo espetacular.* – Seria melhor vocês ficarem fora das vistas por alguns dias.

– Fora das vistas? Não planejo ver o lado de fora de um bordel durante uma semana.

– Muito sábio. E, Severard, para o caso de não nos vermos de novo: boa sorte.

Os olhos do prático brilharam.

– Sempre.

Glokta o observou caminhar pela chuva em direção às piores partes da cidade. *É só outro dia para o prático Severard. Nunca se preocupa com mais do que uma hora à frente. Que dom!*

– Dane-se seu país miserável e dane-se esse tempo horrível – resmungou Vitari em seu sotaque cantarolado. – Preciso ir falar com Sult.

– Ora, eu também! – exclamou Glokta com júbilo exagerado. – Que coincidência encantadora! – E ofereceu o braço a ela. – Podemos formar um casal e visitarmos juntos Sua Eminência!

Ela o encarou.

– Certo.

Mas vocês dois terão de esperar mais uma hora por minha cabeça.

– Só preciso fazer uma visita antes.

A ponta de sua bengala bateu na porta. Não houve resposta. *Maldição.* As costas de Glokta estavam doendo de modo infernal e ele precisava sentar-se. Bateu de novo com a bengala, desta vez com mais força. As dobradiças rangeram, uma fresta se abriu. *Destrancada.* Ele franziu a testa e empurrou a porta totalmente. O alisar tinha uma rachadura pelo lado de dentro e a tranca estava quebrada. *Arrombada.* Entrou mancando no saguão. Vazio e gelado. Nenhum resto de mobília em lugar nenhum. *Quase como se ela tivesse se mudado. Mas por quê?* A pálpebra de Glokta estremeceu. Praticamente não havia pensado em Ardee no tempo que passara no Sul. *Outras questões pareciam muito mais prementes. Meu único amigo me deu esta única tarefa. Se alguma coisa aconteceu com ela...*

Glokta apontou para a escada, Vitari assentiu e se esgueirou, subindo em silêncio, curvada e com uma faca que tirou da bota. Ele apontou para o fim do saguão e Frost entrou mais fundo na casa, grudado às sombras junto à parede. A porta da sala estava escancarada; Glokta arrastou os pés até lá e a abriu.

Ardee estava sentada junto à janela, de costas para ele: vestido branco, cabelo escuro, exatamente como ele recordava. Viu a cabeça dela se mover ligeiramente quando as dobradiças da porta rangeram. *Está viva, então.* Mas o cômodo fora estranhamente alterado. Afora a cadeira única, onde ela se sentava, estava totalmente vazio. Paredes caiadas e expostas, tábuas nuas no piso, janelas sem cortinas.

– Não sobrou nada, porra! – rosnou ela, a voz embargada e gutural.

Sem dúvida. Glokta franziu a testa e entrou na sala.

– Eu disse que não sobrou nada! – Ela se levantou, ainda de costas para ele. – Ou será que você decidiu levar a cadeira, afinal de contas?

Ela girou, segurando a cadeira pelo encosto, ergueu-a acima da cabeça e a jogou contra ele, dando um berro. A cadeira se chocou na parede ao lado da porta, fazendo voar fragmentos de madeira e de reboco. Uma perna passou junto

ao rosto de Glokta e bateu ruidosa num canto, o resto caiu no chão numa massa de poeira e lascas.

– É muito gentil da sua parte – murmurou Glokta. – Mas prefiro ficar de pé.

– Você!

Ele notou os olhos dela se arregalarem de surpresa atrás do cabelo emaranhado. Havia uma magreza e uma palidez no rosto de Ardee de que Glokta não se lembrava. O vestido estava amarrotado e era fino demais para a sala gelada. Ela tentou alisá-lo com as mãos trêmulas, repuxou sem efeito o cabelo oleoso. Deu uma risada que saiu com um ronco.

– Infelizmente não estou preparada para receber visitas.

Glokta ouviu Frost pisando forte no corredor, viu-o surgir junto à porta com os punhos cerrados. O superior ergueu um dedo.

– Tudo bem. Espere lá fora.

O albino voltou para as sombras e Glokta foi mancando pelas tábuas que rangiam, entrando mais no cômodo.

– O que aconteceu?

A boca de Ardee se contorceu.

– Parece que meu pai não estava nem de longe tão bem de vida quanto todo mundo imaginava. Tinha dívidas. Logo depois que meu irmão partiu para Angland, vieram cobrar.

– Quem?

– Um homem chamado Fallow. Pegou todo o dinheiro que eu tinha, mas isso não bastava. Levaram os pratos, as joias da minha mãe, as poucas que havia. Me deram seis semanas para arranjar o resto. Demiti minha criada. Vendi tudo o que pude, mas eles queriam mais. Voltaram. Há três dias. Levaram tudo. Fallow disse que eu tinha sorte por ele deixar o vestido que eu estava usando.

– Compreendo.

Ela respirou fundo, trêmula.

– Desde então estou sentada aqui, pensando em como uma jovem sem amigos pode arranjar algum dinheiro. – Ela o encarou. – Só pensei num modo. Devo dizer que, se tivesse coragem, já teria feito isso.

Glokta sugou as gengivas.

– Sorte nossa você ser covarde, então.

Ele tirou a capa de um dos ombros, depois precisou se retorcer para puxar o

braço. Quando finalmente conseguiu, teve de passar a bengala para a outra mão, de modo a finalmente tirá-la. *Desgraça. Nem posso fazer um gesto generoso com elegância.* Por fim a estendeu, oscilando ligeiramente na perna fraca.

– Tem certeza de que você não precisa mais dela do que eu?

– Pegue. Pelo menos assim não vou ter de vestir essa porcaria de volta.

Isso provocou um meio sorriso nela.

– Obrigada – murmurou enquanto a colocava nos ombros. – Tentei encontrá-lo, mas não sabia... onde você estava...

– Lamento que isso tenha acontecido, mas agora estou aqui. Não precisa se preocupar com nada. Você terá de ficar comigo esta noite. Meus aposentos não são espaçosos, mas vamos dar um jeito. – *Vai haver espaço suficiente assim que eu estiver de cara para baixo nas docas, afinal de contas.*

– E depois?

– Depois disso você virá para cá. Amanhã esta casa vai estar exatamente como era.

Ela o encarou.

– Como?

– Ah, vou me assegurar disso. Primeiro vamos colocar você num lugar aquecido. – *Superior Glokta, o amigo dos que não têm amigos.*

Ardee fechou os olhos ouvindo Glokta falar e sua respiração saiu fungada pelo nariz. Ela oscilou levemente, como se quase não tivesse mais forças para ficar de pé. *É estranho como suportamos as adversidades enquanto elas duram, mas, assim que a crise termina, toda a força se esvai de nós num segundo.* Glokta estendeu a mão, quase tocou o ombro dela para firmá-la, mas no último instante os olhos de Ardee se abriram e ela se empertigou de novo. E ele afastou a mão.

Superior Glokta, o salvador das jovens em dificuldades. Guiou-a até o saguão e foram para a porta da frente, arrombada.

– Pode me dar um instante com meus práticos?

– Claro. – Ardee o encarou, os olhos grandes e escuros com uma borda rosada e cheios de preocupação. – E obrigada. Independentemente do que digam, você é um homem bom.

Glokta precisou conter uma ânsia súbita de rir. *Um homem bom? Duvido que Salem Rews concordasse. Ou Gofred Hornlach, ou o mestre Kault, ou Korsten*

dan Vurms, o general Vissbruck, o embaixador Islik, o inquisidor Harker ou qualquer um da centena de outros espalhados nas colônias penais de Angland ou agachados em Dagoska, esperando a morte. No entanto, Ardee West acha que eu sou um homem bom. É uma sensação estranha, e não desagradável. *É quase como ser humano de novo. Que pena chegar tão tarde!*

Chamou Frost quando Ardee se afastou com sua capa preta.

– Tenho uma tarefa para você, velho amigo. Uma última tarefa. – Glokta bateu no ombro pesado do albino e o apertou. – Conhece um agiota chamado Fallow?

Frost assentiu devagar.

– Encontre-o e machuque-o. Traga-o aqui e faça com que ele entenda quem ele ofendeu. Tudo aqui deve ser restaurado, melhor do que estava, diga isso. Dê-lhe um dia. Um dia, e então encontre-o, onde quer que ele esteja, e comece a cortá-lo. Ouviu? Faça-me só esse favor.

Frost assentiu de novo, o olho rosado brilhando na penumbra do corredor.

– Sult está nos esperando – murmurou Vitari, olhando-os de cima da escada, braços cruzados, as mãos enluvadas suaves no corrimão.

– Claro que está. – Glokta estremecia de dor à medida que mancava até a porta aberta. *E não vamos querer que Sua Eminência fique esperando.*

Clic, toc, dor, esse era o ritmo do caminhar de Glokta. O clic confiante do calcanhar direito, o toc da bengala nos ladrilhos ecoantes do corredor, depois o longo arrastar do pé esquerdo com a dor familiar no joelho, na bunda e nas costas. Clic, toc, dor.

Tinha andado do cais até a casa de Ardee, de lá para o Agriont, depois à Casa das Perguntas e havia subido até ali. *Mancando. Sozinho. Sem ajuda.* Agora cada passo era uma agonia. Contorcia o rosto a cada movimento. Grunhia, suava e xingava. *Mas de jeito nenhum vou diminuir o passo.*

– Você não gosta de facilitar as coisas, não é? – murmurou Vitari.

– Por que deveria? – reagiu ele rispidamente. – Você pode se consolar com a ideia de que esta conversa será provavelmente a última que teremos.

– Então por que veio? Por que não correu?

Glokta fungou.

– Para o caso de você não ter notado, eu corro absurdamente mal. Além disso, estou curioso. – *Curioso para saber por que Sua Eminência não me deixou lá para apodrecer junto com o resto.*

– A curiosidade pode significar sua morte.

– Se o arquileitor me quiser morto, mancar na outra direção não vai me ajudar. Prefiro receber o golpe de pé. – Ele se encolheu com um espasmo súbito na perna. – Ou talvez sentado. De qualquer modo, cara a cara, de olhos abertos.

– A escolha é sua, acho.

– Exatamente. – *A última.*

Chegaram à antessala de Sult. Glokta precisava admitir que ficava um tanto surpreso por chegar tão longe. Havia esperado que cada prático de máscara preta pelo qual tinham passado no prédio fosse agarrá-lo. Estivera esperando que cada inquisidor de capa preta apontaria e gritaria, ordenando sua prisão imediata. *No entanto cá estou de novo.* A mesa pesada, as cadeiras pesadas, os dois práticos enormes flanqueando a porta pesada, tudo igual.

– Sou o...

– Superior Glokta, claro. – O secretário do arquileitor baixou a cabeça, com respeito. – Pode entrar imediatamente. Sua Eminência o aguarda.

A luz se derramava da sala do arquileitor para a câmara estreita.

– Vou esperar aqui – anunciou Vitari, sentando-se numa cadeira e apoiando as botas úmidas em outra.

– Não se incomode em esperar demais. – *Será que são minhas últimas palavras?* Glokta se xingou enquanto arrastava os pés até a porta. *Realmente deveria ter pensado em algo mais memorável.* Parou só um instante na soleira, respirou fundo e entrou mancando.

A mesma sala arejada e redonda. A mesma mobília escura, as mesmas pinturas escuras nas paredes claras, a mesma janela grandiosa com a mesma vista da Universidade e da Casa do Artífice mais além. *Nenhum assassino espreitando embaixo da mesa, nenhum homem com um machado esperando atrás da porta.* Só o próprio Sult, sentado à sua mesa com uma pena na mão, a ponta rabiscando com calma em alguns papéis espalhados diante dele.

– Superior Glokta! – Sult se levantou e foi andando graciosamente pelo piso

brilhante, em sua direção, com a capa branca balançando atrás de si. – Que bom que voltou em segurança!

O arquileitor dava toda a impressão de estar satisfeito em vê-lo, e Glokta franziu a testa. Estivera preparado para quase tudo, menos isso.

Sult estendeu a mão, com a pedra do anel do cargo lançando fagulhas púrpuras. Glokta torceu o nariz ao se curvar aos poucos para beijá-la.

– Eu sirvo e obedeço, Eminência.

Ele se empertigou com dificuldade. *Nenhuma faca na nuca?* Sult já estava fluindo até o armário, com um riso largo.

– Sente-se, por favor, sente-se! Não precisa esperar que eu convide!

Desde quando? Glokta grunhiu ao se acomodar numa cadeira, demorando apenas um instante brevíssimo para verificar se não havia espinhos envenenados no assento. Enquanto isso o arquileitor havia aberto o armário e estava revirando algo lá dentro. *Será que vai tirar uma besta carregada e atirar na minha garganta?* Mas tudo o que saiu foram duas taças.

– Creio que deva lhe dar os parabéns – disse ele por cima do ombro.

Glokta piscou.

– O quê?

– Parabéns. Excelente trabalho.

Sult sorriu para ele enquanto empurrava as taças graciosamente pela mesa redonda e tirava a tampa da jarra. *O que dizer? O que dizer?*

– Eminência... Dagoska... Devo ser sincero. Estava a ponto de cair quando saí. Em muito pouco tempo a cidade será ocupada...

– Claro que será. – Sult descartou o assunto com um gesto da mão enluvada. – Nunca houve a menor chance de mantê-la. O melhor que eu esperava era que você fizesse os gurkenses pagar! E como você fez isso, hein, Glokta? Como fez isso!

– Então... o senhor está... satisfeito?

Ele mal ousava dizer a última palavra.

– Estou deliciado! Se eu próprio tivesse escrito a história, não ficaria melhor! A incompetência do lorde governador, a traição do filho dele, tudo mostrou como podemos confiar pouco nas autoridades comuns numa crise. A traição de Eider revelou a duplicidade dos mercadores, suas conexões dúbias, sua moralidade podre! A Guilda dos Mercadores de Especiarias foi dissolvida junto

com a dos Mercadores de Tecidos: seus direitos de comércio estão nas nossas mãos. As duas foram relegadas à latrina da história e o poder dos mercadores foi anulado! Apenas a Inquisição de Sua Majestade permaneceu impávida diante do inimigo mais implacável da União. Você deveria ter visto a cara de Marovia quando apresentei as confissões ao Conselho Aberto!

Sult encheu a taça de Glokta até a borda.

– É muito gentil da vossa parte, Eminência – murmurou ele ao tomar um gole. *Vinho excelente, como sempre.*

– E então ele se levantou no Conselho Fechado, diante do próprio rei, veja bem, e declarou a todos que você não duraria uma semana depois que os gurkenses atacassem! – O arquileitor soltou uma gargalhada. – Queria que você estivesse lá. Eu disse: confio que ele fará melhor do que isso. Confio que ele fará melhor.

Isso é que é dar aval, sem dúvida.

Sult bateu na mesa com a palma da mão enluvada.

– Dois meses, Glokta! Dois meses! A cada dia que passava ele parecia mais idiota e eu parecia mais um herói... isto é, nós – corrigiu ele. – Parecíamos heróis, e tudo o que eu precisava fazer era sorrir! Quase dava para notar, a cada dia, os outros arrastando as cadeiras para longe de Marovia e para perto de mim! Na semana passada, aprovaram poderes extras para a Inquisição. Nove votos a três. Nove a três! Na semana que vem, vamos mais longe ainda! Como, diabos, você conseguiu? – E ele olhou para Glokta, cheio de expectativa.

Eu me vendi ao banco que financiava os mercadores, depois usei o dinheiro para subornar o mercenário menos confiável do mundo. Aí assassinei um emissário indefeso que se apresentou sob uma bandeira de trégua e torturei uma serviçal até que seu corpo virasse picadinho. Ah, e deixei a maior traidora de todas se livrar. Sem dúvida, foi um negócio heroico. Como consegui?

– Acordando cedo – murmurou ele.

Sult piscou e Glokta percebeu. *Um traço de chateação, talvez? Um traço de desconfiança?* Mas aquilo se extinguiu rapidamente.

– Acordando cedo. Claro. – Ele levantou a taça. – A segunda maior virtude. Vem logo depois da implacabilidade. Gosto do seu estilo, Glokta, sempre disse isso.

É mesmo? Mas Glokta inclinou a cabeça humildemente.

– Os despachos da prática Vitari eram cheios de admiração. Gostei particularmente de como você lidou com o emissário gurkense. Isso deve ter apagado o sorriso da cara do imperador, ao menos por um instante, aquele suíno arrogante. – *Então ela manteve sua parte do trato? Interessante.* – É, as coisas prosseguem muito bem. A não ser pela porcaria dos camponeses, que são uns chatos, e Angland, claro. Uma pena o que houve com Ladisla.

– Ladisla? – perguntou Glokta, pasmo.

Sult pareceu azedar.

– Não soube? Outra das ideias brilhantes do juiz supremo Marovia. Ele tinha a intenção de aumentar a popularidade do príncipe herdeiro dando-lhe um comando no Norte. Algo longe da batalha, onde ele não correria perigo e poderíamos enchê-lo de glória. Não era um plano ruim, verdade, só que o tal longe da batalha virou dentro dela e ele se comandou direto para a sepultura.

– O exército foi com ele?

– Alguns milhares, mas na maioria era aquele lixo que os nobres mandaram como tropas temporárias. Nada de muita importância. Ostenhorm ainda está nas nossas mãos, e a ideia não foi minha, de modo que, no geral, não fomos afetados. Cá para nós, provavelmente foi o melhor. Ladisla era insuportável. Tive de livrá-lo de escândalos mais de uma vez. Nunca conseguia ficar com a calça fechada, o idiota desgraçado. Raynault parece ser um homem diferente. Mais sóbrio, mais sensato. Faz o que mandam. É muito melhor. Desde que não vá ser morto, claro. Aí estaríamos encrencados.

Sult tomou outro gole e rolou o vinho na boca, saboreando-o com satisfação.

Glokta pigarreou. *Enquanto ele ainda está de bom humor...*

– Há uma questão que eu gostaria de discutir com o senhor, Eminência. O agente gurkense que encontramos dentro da cidade. Ela era... – *Como descrever isso sem parecer louco?*

Mas Sult estava à sua frente de novo.

– Eu sei. Uma comedora. – *Sabe? Até isso?* O arquileitor se recostou e balançou a cabeça. – Uma abominação oculta. Uma coisa que veio direto de um livro de histórias. Comem carne humana. Aparentemente é uma prática bem estabelecida lá no Sul bárbaro. Mas não se preocupe com isso. Já estou recebendo aconselhamentos.

– Quem dá conselhos sobre coisas assim?

O arquileitor apenas mostrou seu sorriso sedoso.

– Você deve estar cansado. O clima lá é muito exaustivo. Todo aquele calor e poeira, mesmo no inverno. Descanse. Você merece. Vou mandar chamá-lo se precisar.

E Sult pegou sua pena e se voltou novamente para os papéis, deixando Glokta sem o que fazer além de arrastar os pés até a porta com um ar de profunda perplexidade.

– Você quase parece que continua vivo – murmurou Vitari ao vê-lo chegar mancando à antessala.

Verdade. Ou o mais perto possível disso.

– Sult ficou... satisfeito.

Ainda mal podia acreditar. As palavras pareciam estranhas juntas.

– Ele deveria estar mesmo, depois de todo o apoio que dei a você.

– Hum. – Glokta franziu a testa. – Parece que lhe devo um pedido de desculpas.

– Guarde-o. Para mim não vale merda nenhuma. Só confie em mim na próxima vez.

– É um pedido justo – admitiu ele, olhando-a de esguelha. *Mas você só pode estar brincando.*

O aposento estava repleto de móveis finos. *Praticamente atulhado*. Poltronas estofadas com requinte, uma mesa antiga, um armário polido, tudo opulento para a pequena sala de estar. Uma enorme pintura antiga dos lordes da União prestando homenagem a Harod, o Grande, cobria toda uma parede. Um grosso tapete de Kanta fora desenrolado nas tábuas, quase grande demais para o piso. Um fogo saudável estalava na lareira entre dois vasos antigos, e a sala estava aconchegante, agradável e aquecida. *Que diferença um dia pode fazer, com o encorajamento certo.*

– Bom – disse Glokta olhando em volta. – Muito bom.

– Claro – murmurou Fallow, a cabeça respeitosamente baixa, o chapéu a meio caminho de ser esmagado nas mãos. – Claro, superior, fiz todo o possível. A

maior parte dos móveis eu já... tinha vendido, por isso os substituí por outros, melhores, os melhores que pude achar. No resto da casa foi a mesma coisa. Espero que... espero que seja adequado, não?

– Também espero. Está adequado?

Ardee olhava com raiva para Fallow.

– Vai servir.

– Excelente – disse o agiota, nervoso, olhando rápido para Frost e depois para as própria botas. – Excelente! Por favor, aceite minhas mais profundas desculpas! Eu não fazia ideia, claro, não fazia absolutamente nenhuma ideia, superior, de que o senhor tinha alguma ligação. Claro, eu jamais iria... sinto muitíssimo.

– Não é a mim que deveria pedir desculpas, é?

– Não, não, claro. – Ele se virou lentamente para Ardee. – Senhora, por favor, aceite minhas mais profundas desculpas.

Ardee o encarou com ira, o lábio repuxado, e não disse nada.

– Talvez você devesse implorar – sugeriu Glokta. – De joelhos. Quem sabe dê certo.

Fallow se ajoelhou sem hesitar. Torceu as mãos.

– Senhora, por favor...

– Mais abaixado – ordenou Glokta.

– Claro – murmurou ele, ficando de quatro. – Peço desculpas, senhora. Humildemente. Se puder encontrar piedade em seu coração, eu imploro...

Ele estendeu a mão hesitante para tocar a bainha do vestido de Ardee, mas ela deu um salto para trás, afastando-se, depois balançou o pé e lhe deu um chute violento na cara.

– Arg! – guinchou o agiota, caindo de lado, com sangue escuro escoando do nariz para o tapete novo.

Glokta sentiu as sobrancelhas subirem. *Isso foi inesperado.*

– Isso é para você, seu desgraçado!

O chute seguinte o pegou na boca e sua cabeça foi jogada bruscamente para trás, com pingos de sangue batendo na parede oposta. Então o sapato de Ardee acertou sua barriga, fazendo-o se dobrar.

– Seu... – rosnou ela. – Seu...

Chutou-o de novo e de novo, e Fallow estremeceu, grunhiu e suspirou,

encolhendo-se em posição fetal. Frost se afastou um passo da parede e Glokta levantou o dedo.

– Tudo bem – murmurou ele. – Acho que ela se vira.

Os chutes começaram a ficar mais lentos. Glokta ouvia Ardee ofegar. O calcanhar dela afundou nas costelas de Fallow, o dedo do pé acertou o nariz outra vez. *Se algum dia ela ficar entediada, poderia ter um futuro brilhante como prática.* Ardee remexeu a boca, inclinou-se e cuspiu na cara dele. Chutou-o de novo, um chute fraco, depois cambaleou para trás, encostou-se no armário e, ofegante, ficou encurvada, apoiando-se na madeira polida.

– Feliz? – perguntou Glokta.

Ela o encarou por entre o cabelo embolado.

– Na verdade, não.

– Chutá-lo mais um pouco vai deixá-la mais feliz?

As sobrancelhas dela se franziram quando olhou para Fallow, caído de lado no tapete e respirando com dificuldade. Deu um passo, chutou-o com força de novo no peito e se afastou, limpando um pouco de ranho do nariz. Afastou o cabelo que caía no rosto.

– Acabei.

– Ótimo. Saia – sibilou Glokta. – Fora, verme!

– Claro – balbuciou Fallow entre os lábios sangrentos, arrastando-se até a porta, com Frost pairando sobre ele o tempo todo. – Claro! Obrigado! Muitíssimo obrigado!

A porta da frente se fechou com estrondo.

Ardee se deixou cair pesadamente numa cadeira, os cotovelos apoiados nos joelhos, a testa nas palmas das mãos. Dava para notar que as mãos dela tremiam ligeiramente. *Machucar alguém pode ser mesmo muito cansativo. Eu sei. Sobretudo se você não estiver acostumado.*

– Eu não me sentiria muito mal – disse Glokta. – Tenho certeza de que ele merecia.

Ela levantou os olhos, severa.

– Não me sinto mal. Ele merece coisa pior.

Isso também foi inesperado.

– Quer que ele receba coisa pior?

Ela engoliu em seco, recostou-se lentamente.

– Não.

– É você quem decide. – *Mas é bom ter essa opção*. – Talvez queira trocar de roupa.

Ela olhou para baixo.

– Ah.

Pingos do sangue de Fallow manchavam o vestido até a altura dos joelhos.

– Não tenho nada...

– Há um quarto cheio de roupas novas, lá em cima. Assegurei isso. Vou arranjar alguns serviçais confiáveis também.

– Não preciso.

– Precisa, sim. Não quero saber de você ficando aqui sozinha.

Ela deu de ombros, sem esperança.

– Não tenho como pagar.

– Não se preocupe. Eu cuido disso. – *Com os cumprimentos do muitíssimo generoso Valint e Balk, afinal de contas.* – Não se preocupe com nada. Fiz uma promessa ao seu irmão e pretendo cumpri-la. Lamento muito as coisas terem chegado tão longe. Eu tinha muito a fazer... no Sul. Por sinal, você tem notícias dele?

Ardee levantou os olhos depressa, a boca ligeiramente aberta.

– Você não sabe?

– O quê?

Ela engoliu em seco e encarou o chão.

– Collem estava com o príncipe Ladisla, na tal batalha de que todo mundo está falando. Alguns homens foram feitos prisioneiros, trocados por resgate. Ele não estava entre eles. Estão presumindo que... – Ela parou um momento, olhando o sangue no vestido. – Estão presumindo que ele tenha sido morto.

– Morto?

A pálpebra de Glokta estremeceu. Seus joelhos ficaram subitamente fracos. Ele deu um passo espasmódico para trás e se deixou afundar numa cadeira. Agora suas mãos estavam tremendo e ele as apertava. *Mortes. Acontecem todo dia. Eu provoquei milhares, não faz muito tempo, praticamente sem pensar duas vezes. Olhei montes de cadáveres e dei de ombros. O que torna esta tão difícil de aceitar?* No entanto, era.

– Morto? – sussurrou.

Ela assentiu devagar e enterrou o rosto nas mãos.

Consolo frio

West espiou dos arbustos, através dos flocos de neve que caíam, e viu o destacamento da União, encosta abaixo. As sentinelas estavam sentadas num círculo bem fechado, encolhidas em volta de uma panela fumegante sobre uma fogueira miserável na outra margem do riacho. Usavam casacos grossos, com a respiração virando fumaça e armas quase esquecidas na neve ao redor. West sabia como eles se sentiam. Bethod podia chegar esta semana, podia chegar na semana seguinte, mas contra o frio eles precisavam lutar a cada minuto, todos os dias.

– Certo, então – sussurrou Três Árvores. – É melhor você descer até lá sozinho. Eles podem não gostar da minha cara e da do resto dos rapazes saindo das árvores.

Cachorrão riu.

– Poderiam atirar em um de nós.

– E seria uma tremenda pena – sibilou Barca Negra –, depois de chegarmos tão longe.

– Dê o aviso quando eles estiverem preparados para uma turma de nórdicos saírem do mato, hein?

– Vou fazer isso – disse West. Em seguida tirou a espada pesada do cinto e a entregou a Três Árvores. – É melhor segurar isto para mim.

– Boa sorte – desejou Cachorrão.

– Boa sorte – disse Barca Negra, com os lábios repuxados em seu sorriso selvagem. – Furioso.

West saiu lentamente das árvores e desceu a encosta suave até o riacho, com as botas roubadas fazendo barulho na neve e as mãos acima da cabeça para mostrar que estava desarmado. Mesmo assim, não poderia culpar as sentinelas se atirassem ao vê-lo. Sabia que ninguém poderia parecer mais selvagem e perigoso

do que ele, agora. Os últimos fiapos de seu uniforme estavam escondidos embaixo de um monte de peles e panos rasgados, amarrados em volta do corpo com corda, e por cima usava um casaco manchado que roubara de um nórdico. Tinha uma barba de algumas semanas eriçada sobre o rosto cheio de cascas de ferida, os olhos ardiam e lacrimejavam, fundos de fome e exaustão. Parecia desatinado, e sabia que estava mesmo. Era um assassino. O homem que havia matado o príncipe herdeiro Ladisla. O pior dos traidores.

Uma das sentinelas levantou os olhos e o avistou. Deu um salto atabalhoado, derrubando a panela no fogo com um chiado, e pegou a lança na neve.

– Pare! – gritou o sujeito, num nórdico engrolado.

Os outros se puseram de pé imediatamente, agarrando as armas, um deles se atrapalhando para puxar a corda da besta com os dedos enfiados em meias-luvas.

West parou, com flocos de neve pousando suavemente em seu cabelo emaranhado e nos ombros.

– Não se preocupem – gritou de volta. – Estou do lado de vocês.

Eles o encararam por um momento.

– Veremos! – gritou um. – Atravesse a água, mas devagar!

Ele seguiu descendo o barranco e entrou chapinhando no riacho. Trincou os dentes quando a água gelada o encharcou até as coxas. Lutou para subir a outra margem e as quatro sentinelas arrastaram os pés, formando um semicírculo nervoso em volta dele, com armas em punhos.

– Vigiem ele!

– Pode ser um truque!

– Não é truque – disse West devagar, mantendo os olhos nas várias lâminas que pairavam e tentando permanecer calmo. Ficar calmo era de importância vital. – Sou um de vocês.

– De onde, diabos, você veio?

– Eu estava com a divisão do príncipe Ladisla.

– Com Ladisla? E andou até aqui?

West assentiu.

– Andei.

Os corpos das sentinelas começaram a relaxar e as pontas de lanças, a oscilar e subir. Eles estavam a ponto de acreditar. Afinal de contas, West falava a língua comum como um nativo da União e certamente parecia ter andando uma centena

de léguas.

– Qual é o seu nome, então? – perguntou o que estava com a besta.

– Coronel West – murmurou ele, com a voz embargando.

Sentia-se um mentiroso, mesmo dizendo a verdade. Ele era um homem diferente do que havia partido para Angland.

As sentinelas trocaram olhares preocupados.

– Achei que ele estava morto – murmurou o da lança.

– Não totalmente, garoto – disse West. – Não totalmente.



O lorde marechal Burr estava curvado sobre uma mesa repleta de mapas amarrotados na hora em que West passou pela abertura de sua tenda. À luz do lampião, parecia que as pressões do comando haviam cobrado seu preço. O lorde marechal aparentava estar mais velho, mais pálido, mais fraco, com o cabelo e a barba revoltos e ralos. Tinha perdido peso e o uniforme amarrotado estava frouxo, mas ele se levantou com todo o antigo vigor.

– Coronel West, vivo e respirando! Pensei que nunca mais fosse vê-lo! – Ele segurou a mão de West e a apertou com força. – Fico feliz que tenha conseguido. Felicíssimo! Posso dizer sem erro que senti falta da sua cabeça fria aqui. – Ele fixou intensamente os olhos de West. – Mas você parece cansado, amigo.

Não havia como negar. West nunca fora o sujeito mais bonito do Agriont, sabia disso, mas sempre se orgulhara de ter uma aparência honesta, amistosa, agradável. Mal havia reconhecido o rosto no espelho depois de tomar o primeiro banho em semanas, vestir um uniforme emprestado e finalmente se barbear. Tudo estava mudado, aguçado, desbotado. Os malares proeminentes agora acentuavam a magreza do rosto, o cabelo ralo e as sobrancelhas estavam cheios de fios grisalhos, o queixo estava magro e lupino. Rugas furiosas cortavam fundo a pele descendo pelas bochechas pálidas, atravessando a parte de cima do nariz afilado, projetando-se dos cantos dos olhos. Os olhos eram o pior de tudo. Estreitados. Famintos. De um cinza gélido, como se o frio cortante tivesse comido seu crânio e ainda espreitasse ali, mesmo no calor. Tinha tentado pensar nas coisas de antes, sorrir e gargalhar, usar as expressões de antigamente, mas

tudo parecia idiota naquele rosto de pedra. Um homem endurecido o encarara no espelho e não queria ir embora.

– Foi uma jornada difícil, senhor.

Burr assentiu.

– Claro que foi, claro. Uma jornada maldita e na época errada do ano. Foi bom eu ter mandado aqueles nórdicos com você, hein?

– Muito bom, senhor. É um grupo de muita coragem e habilidades. Eles salvaram minha vida mais de uma vez. – West olhou de esguelha para Pike, que esperava atrás dele nas sombras, a uma distância respeitosa. – A vida de todos nós.

Burr olhou o rosto derretido do condenado.

– E quem é este?

– Este é Pike, senhor, sargento das tropas temporárias de Stariksa. Foi separado de sua companhia durante a batalha.

As mentiras brotavam da boca de West com facilidade surpreendente.

Ele e uma jovem, acredito que era filha de uma cozinheira que acompanhava as carroças de suprimentos, juntaram-se a nós no caminho para o norte. Ele foi de grande ajuda, senhor, é um bom homem para uma situação difícil. Eu não teria conseguido sem ele.

– Excelente! – disse Burr, indo até o condenado e apertando sua mão. – Muito bem. Seu regimento acabou, Pike. Não restam muitos sobreviventes, lamento dizer. Pouquíssimos sobreviventes, mas sempre posso acomodar homens de confiança aqui no quartel-general. Sobretudo os que são bons em situações difíceis. – Ele deu um suspiro longo. – Tenho poucos deles. Espero que concorde em ficar conosco.

O condenado engoliu em seco.

– Claro, lorde marechal, seria uma honra.

– E o príncipe Ladisla? – murmurou Burr.

West respirou fundo e olhou para o chão.

– O príncipe Ladisla... – Ele deixou a frase resto no ar e balançou a cabeça. – Alguns cavaleiros nos surpreenderam e invadiram o quartel-general. Tudo aconteceu depressa demais... eu o procurei depois, mas...

– Sei. Bom. Pois bem. Ele jamais deveria ter estado no comando, mas o que eu poderia fazer? Sou encarregado apenas da porcaria do exército! – Ele pôs a

mão no ombro de West, num gesto paternal. – Não se culpe. Sei que fez tudo o que pôde.

West não ousou levantar os olhos. Imaginou o que Burr diria se soubesse o que havia acontecido de verdade, nos confins gelados.

– Houve mais algum sobrevivente?

– Alguns. Não mais do que alguns, e é um grupo lamentável. – Burr arrotou, contorceu o rosto, e coçou a barriga. – Devo me desculpar. Essa porcaria de indigestão simplesmente não passa. É a comida daqui, e coisa e tal... arg. – Ele arrotou de novo.

– Desculpe, senhor, mas qual é a nossa situação?

– Direto ao ponto, hein, West? Sempre gostei disso em você. Vai direto ao ponto. Bom, serei honesto. Quando recebi sua carta, nós planejamos voltar para o sul e proteger Ostenhorm, mas o tempo está péssimo e praticamente não conseguimos nos mover. Os nórdicos parecem estar em toda parte! Bethod pode estar com o grosso do exército perto do Cumnur, mas deixou um número suficiente aqui em cima para dificultar as coisas para nós. Tivemos ataques constantes contra nossas linhas de suprimentos, várias escaramuças inúteis e sangrentas, e uma ação noturna caótica que quase provocou pânico generalizado na divisão de Kroy.

Poulder e Kroy. Lembranças desagradáveis começaram a se apinhar na mente de West, e os desconfortos físicos simples da jornada para o norte começaram a parecer atraentes.

– Como estão os generais?

Burr olhou irritado por baixo das sobrancelhas grossas.

– Você acreditaria se eu dissesse que estão piores do que nunca? Não se pode colocar os dois no mesmo lugar sem que comecem a discutir. Preciso fazer reuniões com cada um deles em dias alternados, para evitar trocas de socos no meu quartel-general. Uma situação ridícula!

Ele cruzou as mãos nas costas enquanto andava irritado pela tenda.

– Mas o dano que eles causam não é nada comparado com a porcaria do frio. Há homens com úlceras de frio, com febre, escorbuto... As tendas dos doentes estão lotadas. Para cada homem que o inimigo matou, perdemos vinte para o inverno, e os que ainda estão de pé têm pouquíssima energia para uma luta. Quanto a fazer reconhecimento, rá! Não dá nem para o começo! – Ele bateu com

raiva nos mapas sobre a mesa. – Os mapas do território aqui são todos obras da imaginação. São inúteis, e praticamente não temos batedores experientes. Há névoa todo dia, e neve, e não conseguimos enxergar de uma ponta à outra do acampamento! Honestamente, West, não temos a menor ideia de onde está o corpo principal do exército de Bethod.

– Está no sul, senhor, a uns dois dias de marcha atrás de nós.

As sobrancelhas de Burr subiram.

– Está?

– Está. Três Árvores e seus nórdicos os mantiveram sob vigilância enquanto viajávamos, até prepararam algumas surpresas desagradáveis para alguns de seus batedores avançados.

– Como as que eles deram a nós, hein, West? Cordas atravessando a estrada e coisa e tal? – Ele riu sozinho. – Dois dias de marcha atrás, é? É uma informação útil. Extremamente útil!

Bur estremeceu e levou a mão à barriga. Voltou à mesa, pegou uma régua e começou a medir distâncias.

– Dois dias de marcha. Com isso, ele estaria em algum lugar por aqui. Tem certeza?

– Tenho, lorde marechal.

– Se ele está indo para Dunbrec, vai passar perto da posição do general Poulder. Talvez possamos atraí-lo para a batalha antes que ele nos cerque, talvez até possamos lhe fazer uma surpresa que ele não esqueça. Muito bem, West, muito bem! – Burr largou a régua. – Agora você deve descansar um pouco.

– Eu preferiria voltar direto para o serviço, senhor...

– Eu sei, e eu teria tarefas pra você, mas, de qualquer modo, tire um ou dois dias. O mundo não vai acabar. Você passou por uma imensa dificuldade.

West engoliu em seco. De repente sentia-se mesmo terrivelmente cansado.

– Claro. Eu deveria escrever uma carta... para a minha irmã. – Era estranho dizer aquilo. Ele não havia pensado nela durante semanas. – Devo avisar a ela que estou... vivo.

– Boa ideia. Quando eu precisar, coronel, mando chamá-lo.

E Burr se virou e se curvou de novo sobre os mapas.

– Não vou esquecer isso – sussurrou Pike no ouvido de West ao passarem de volta pela porta da barraca, saindo para o frio.

– Não foi nada. Não vão sentir falta de vocês dois no campo de prisioneiros. Você é o sargento Pike de novo, só isso. Pode deixar seus erros para trás.

– Não vou esquecer. Pode contar comigo para o que for, coronel, não importa o que aconteça. Pode contar comigo!

West assentiu andando pela neve, a testa franzida. Parecia que a guerra matava muitos homens. Mas dava uma segunda chance a outros.



West parou na entrada. Dava para escutar vozes dentro, rindo baixo. Vozes antigas, familiares. Deveriam fazer com que ele se sentisse em segurança, aquecido, bem-vindo, mas não. Elas o preocupavam. Até mesmo o apavoravam. Eles certamente saberiam. Iriam apontar e gritar: “Vil! Assassino! Traidor!” Virou-se de volta para o frio. A neve pousava gentilmente no acampamento. As barracas mais próximas estavam pretas contra o chão branco, as de trás cinzentas. Mais distantes eram fantasmas suaves, depois apenas leves sugestões através do turbilhão de flocos minúsculos. Ninguém se mexia. Tudo estava quieto. Respirou fundo e passou pela aba.

Os três oficiais estavam sentados em volta de uma frágil mesa dobrável, perto de um aquecedor aceso. A barba de Jalenhorm havia crescido a ponto de lembrar uma pá. Kaspa tinha um cachecol vermelho enrolado na cabeça. Brint estava envolto num enorme sobretudo, distribuindo cartas para os outros dois.

– Feche essa porta, droga, está congeland... – O queixo de Jalenhorm caiu. – Não! Não pode ser! Coronel West!

Brint saltou como se tivesse levado uma mordida na bunda.

– Caramba!

– Eu disse! – gritou Kaspa, jogando as cartas na mesa e rindo feito louco. – Eu disse que ele ia voltar!

Cercaram-no, batendo em suas costas, apertando sua mão, puxando-o para dentro. Sem algemas, sem espadas desembainhadas, sem acusações de traição. Jalenhorm o conduziu até a melhor cadeira, ou seja, a com menos chance de quebrar de imediato, enquanto Kaspa bafejava num copo e o limpava com o dedo e Brit tirava a rolha da garrafa com um estalo suave.

– Quando você chegou?

– Como chegou?

– Você estava com Ladisla?

– Esteve na batalha?

– Esperem aí – disse Jalenhorm. – Deem um minuto a ele!

West balançou a mão indicando que não fazia mal.

– Cheguei hoje cedo, e teria vindo procurar vocês imediatamente, não fosse uma reunião inadiável com um banho e uma navalha, e depois outra com o marechal Burr. Eu estava com Ladisla, na batalha, e cheguei aqui andando fora das estradas, com a ajuda de cinco nórdicos, uma garota e um homem sem rosto.

Ele pegou o copo e engoliu o conteúdo de uma vez só, encolheu-se e sugou ar entre os dentes à medida que o álcool descia queimando até o estômago, já começando a ficar satisfeito por ter decidido entrar.

– Não fiquem tímidos – disse, estendendo o copo vazio.

– Andando fora das estradas – sussurrou Brint, balançando a cabeça e servindo a bebida – com cinco nórdicos. Uma garota, você disse?

– Isso mesmo.

West franziu a testa, imaginando o que Cathil estaria fazendo. Imaginando se ela precisaria de ajuda... Bobagem, ela era capaz de cuidar de si mesma.

– Então conseguiu chegar com minha carta, tenente? – perguntou West a Jalenhorm.

– Umas noites frias e nervosas na estrada – riu o grandalhão –, mas consegui.

– Só que agora ele é capitão – disse Kaspa, sentando-se de novo em seu banco.

– É mesmo?

Jalenhorm deu de ombros, modesto.

– Na verdade, foi graças a você. O lorde marechal me colocou no estado-maior dele quando voltei.

– Mas o *capitão* Jalenhorm ainda acha tempo para passar com a gente, os inferiores, abençoado seja – comentou Brint, que lambeu os lábios e começou a distribuir as cartas para os quatro.

– Infelizmente, não tenho o que apostar – disse West.

Kaspa riu.

– Não se preocupe, coronel, não jogamos mais a dinheiro. Sem Luthar para

empobrecer todos nós, não parecia valer a pena.

– Ele não veio?

– Umas pessoas apareceram e simplesmente o tiraram do navio. Hoff mandou chamá-lo. Desde então, não temos notícias.

– Amigos influentes – disse Brint com azedume. – Provavelmente está flanando em Adua com alguma tarefa tranquila e se dando bem com as mulheres enquanto nós ficamos aqui gelando a bunda.

– Mas sejamos honestos – admitiu Jalenhorm. – Ele se dava bem com as mulheres mesmo quando nós estávamos lá.

West franziu a testa. Isso infelizmente era verdade.

Kaspa pegou suas cartas na mesa.

– E, de qualquer modo, só estamos jogando por glória.

– Se bem que você não vai encontrar muito disso aqui – zombou Brint.

Os outros dois explodiram em gargalhadas e Kaspa deixou a bebida pingar na barba. West levantou as sobrancelhas. Sem dúvida os amigos estavam bêbados e, quanto antes se juntasse a eles, melhor. Engoliu o conteúdo do copo e estendeu a mão para a garrafa.

– Bom, vou dizer uma coisa – foi falando Jalenhorm, separando as cartas com os dedos desajeitados. – Fico muito feliz por não ter de falar nada à sua irmã sobre você. Praticamente não dormi durante semanas pensando em como faria isso, e ainda não tenho nenhuma ideia na cabeça.

– Você nunca teve nenhuma ideia na cabeça – zombou Brint, e os outros dois gargalharam de novo. Até West conseguiu um sorriso dessa vez, mas não durou muito.

– Como foi a batalha? – perguntou Jalenhorm.

West olhou seu copo durante um longo momento.

– Foi ruim. Os nórdicos fizeram uma armadilha para Ladisla e ele caiu direitinho, desperdiçou a cavalaria. Depois surgiu uma névoa, de repente, e não dava para enxergar a própria mão na frente do rosto. Os cavalos deles partiram para cima de nós antes que soubéssemos o que estava havendo. Acho que levei uma pancada na cabeça. A próxima coisa que lembro é que estava caído de costas na lama e havia um nórdico em cima de mim. Com isso. – Ele tirou a espada pesada do cinto e pôs na mesa.

Os outros três oficiais olharam, fascinados.

– Com os demônios! – murmurou Kaspa.

Os olhos de Brint estavam arregalados.

– Como você o derrotou?

– Não derrotei. A tal garota de quem eu estava falando...

– Sim?

– Esmagou o cérebro dele com uma marreta. Salvou minha vida.

– Com os demônios! – repetiu Kaspa.

– Ufa! – Brint se recostou pesadamente na cadeira. – Parece uma mulher e tanto!

West franziu a testa, olhando o copo em sua mão.

– É mesmo. – Ele se lembrou da sensação de Cathil dormindo ao seu lado, da respiração dela em seu rosto. Uma mulher e tanto. – É mesmo.

Ele esvaziou o copo e se levantou, enfiou a espada do nórdico de volta no cinto.

– Já vai? – perguntou Brint.

– Preciso cuidar de uma coisa.

Jalenhorm se levantou com ele.

– Devo agradecer, coronel. Por ter me mandado com a carta. Parece que estava certo. Eu não poderia ter feito nada.

– Não. – West respirou fundo e soltou o ar. – Ninguém poderia ter feito nada.

A noite estava silenciosa, límpida e fria, e as botas de West escorregavam e chapinhavam na lama semicongelada. Fogueiras ardiam aqui e ali e homens se amontoavam ao redor delas no escuro, enrolados em todas as roupas que possuíam, a respiração virando vapor, os rostos franzidos iluminados em amarelo tremeluzente. Uma fogueira ardia mais forte do que as outras, numa encosta acima do acampamento, e West foi para lá, com os pés oscilando por causa da bebida. Viu duas silhuetas escuras sentadas perto dela, que foram tomando forma à medida que ele se aproximava.

Barca Negra estava com um cachimbo. A fumaça do chagga subia em espirais, afastando-se de seu riso feroz, uma garrava aberta enfiada entre as

pernas cruzadas e várias outras vazias espalhadas na neve ali perto. Em algum lugar à direita, no escuro, West ouvia alguém cantando em nórdico. Uma voz forte, profunda e muito desafinada.

– Ele o cortou até os ooooossos. Não. Até os ooooossos. Até os... espere aí.

– Vocês estão bem? – perguntou West, estendendo as mãos enluvadas para as chamas que estalavam.

Três Árvores riu animado para ele, balançando ligeiramente para trás e para a frente. West se perguntou se era a primeira vez que via o velho guerreiro sorrir. Ele apontou um polegar morro abaixo.

– Tul está mijando. E cantando. Eu estou bêbado feito uma merda. – Ele oscilou lentamente para trás e despencou na neve, os braços e as pernas escancarados. – E andei fumando. Estou encharcado. Estou molhado que nem a porra de Crinna. Onde a gente está, Barca Negra?

Barca Negra olhava para a fogueira, boquiaberto, como se enxergasse algo distante.

– No meio da porra de lugar nenhum – disse, balançando o cachimbo. Começou a rir, segurou a bota de Três Árvores e a sacudiu. – Em que outro lugar a gente estaria? Quer um pouco, Furioso? – ofereceu, estendendo o cachimbo para West.

– Tudo bem – aceitou ele.

Sugou a haste, sentiu a fumaça mordendo os pulmões. Tossiu vapor marrom no ar gelado e sugou de novo.

– Me dá isso aqui – disse Três Árvores, sentando-se e tirando o cachimbo de sua mão.

A voz trovejante de Tul veio flutuando do escuro, horrivelmente desafinada.

– Ele brandia o machado como... como é que é? Ele brandia o machado como... merda. Não. Espere aí...

– Sabe onde Cathil está? – perguntou West.

Barca Negra olhou para ele com um risinho.

– Ah, está por aí – respondeu, e balançou a mão para o agrupamento de barracas mais acima na encosta. – Ali em cima, acho.

– Por aí – ecoou Três Árvores, rindo baixinho. – Por aí.

– Ele era... o Nove... Sangreeeeeento! – soou gorgolejante nas árvores.

West seguiu as pegadas morro acima, em direção às barracas. A fumaça já

começava a surtir efeito. Sua cabeça estava leve, os pés se moviam com facilidade. O nariz já não estava gelado, só sentia uma coceira agradável. Escutou uma voz de mulher, gargalhando baixinho. Riu, deu mais alguns passos pela neve, na direção das barracas. Uma luz quente se derramava de uma delas, por uma fenda estreita no pano. O riso ficou mais alto.

– Uh... Uh... Uh...

West franziu a testa. Aquilo não parecia riso. Chegou mais perto, esforçando-se ao máximo para não fazer barulho. Outro som penetrou em sua mente turva. Um rosnado intermitente, como uma espécie de animal. Chegou mais perto ainda, curvando-se para espiar pela abertura, quase não ousando respirar.

– Uh... Uh... Uh...

Viu as costas nuas de uma mulher, contorcendo-se para cima e para baixo. Eram costas magras, dava para ver os músculos se avolumarem à medida que ela se mexia, os nós da coluna movendo-se sob a pele. Mais perto ainda e pôde ver o cabelo, de um castanho embolado. Cathil. Um par de pernas magras se projetava de baixo dela na direção de West, um pé quase suficientemente perto para ele tocar, os dedos grossos se retorcendo.

– Uh... Uh... Uh...

Uma mão deslizou por baixo da axila dela, outra por trás de um joelho. Houve um rosnado baixo e os amantes, se é que poderiam ser isso, rolaram suavemente de modo que ela ficou por baixo. O queixo de West caiu. Podia ver a lateral da cabeça do homem, e a olhou fixamente. Não havia como se enganar com a linha nítida do maxilar coberto pela barba curta. Cachorrão. A bunda dele se projetava na direção de West à medida que ele se movia para dentro e para fora. A mão de Cathil segurava sua nádega peluda, apertando-a no ritmo do movimento.

– Uh... Uh... Uh!

West cobriu a boca com uma das mãos, os olhos arregalando-se, em parte horrorizado, em parte estranhamente excitado. Estava preso, impotente, entre querer olhar e querer sair correndo, e partiu para a segunda opção sem pensar. Deu um passo atrás, o calcanhar bateu num grampo da barraca e ele caiu esparramado com um grito contido.

– Que merda foi isso? – Ouviu de dentro da barraca.

Levantou-se atrapalhado e se virou. Foi andando sem jeito pela neve, na

escuridão, quando ouviu a aba da barraca se abrir.

– É qual de vocês, seus desgraçados? – disse a voz do Cachorrão vindo de cima, berrando em nórdico. – É você, Barca Negra? Vou matar você, porra!

Os Lugares Altos

– As montanhas Partidas – ofegou o irmão Pé Comprido, com a voz baixa de espanto. – De fato, uma visão magnífica.

– Acho que eu gostaria mais se não tivesse de subi-las – grunhiu Logen.

Jezal não discordava. As características do terreno onde cavalgavam vinha mudando dia a dia, desde encostas suaves cobertas de capim até a planície levemente ondulada, e depois morros com corcovas salpicadas de pedras nuas e agrupamentos carrancudos de árvores mirradas. Sempre a distância tinham ficado as leves insinuações acinzentadas dos picos das montanhas, que se tornavam maiores e mais nítidos a cada manhã, até parecer que rasgavam as nuvens soturnas.

Agora estavam todos sentados à sombra deles. O vale comprido que vinham seguindo, com árvores que acenavam e o riacho sinuoso, terminava num labirinto de muralhas quebradas. Para além disso ficava uma subida íngreme que dava início à cadeia montanhosa irregular, depois se erguia a primeira seção de rocha da montanha propriamente dita, uma silhueta nítida de pedras serrilhadas, orgulhosa e magnífica, manchada com neve branca no topo distante. Era a própria ideia vertiginosa que uma criança teria do que era uma montanha.

Bayaz varreu com seus olhos verdes endurecidos os alicerces arruinados.

– Havia uma grande fortaleza aqui. Ela marcava o limite ocidental do Império, antes que os pioneiros atravessassem o desfiladeiro e se estabelecessem nos vales do outro lado.

Agora o lugar não passava do lar de espinheiros e ervas que pinicavam. O mago desceu da carroça e se agachou, esticando as costas e mexendo as pernas, a testa franzida o tempo todo. Ainda parecia velho e doente, mas boa parte da carne e da cor havia retornado ao rosto desde que tinham deixado Aulcus.

– Aqui termina meu descanso – suspirou ele. – Essa carroça foi muito útil e

os animais também, mas o desfiladeiro é íngreme demais para os cavalos.

Agora Jezal via a trilha sinuosa que subia a montanha – uma linha fraca por entre os montes de capim selvagem e as rochas íngremes, que se perdia numa crista lá em cima.

– Parece um longo caminho.

Bayaz resfolegou.

– Mas faremos hoje a primeira subida de muitas, e haverá diversas outras depois. Passaremos pelo menos uma semana nas montanhas, meu rapaz, se tudo correr bem.

Jezal mal ousava perguntar o que poderia acontecer se as coisas corressem mal.

– Precisamos levar pouca bagagem. Temos uma estrada longa e íngreme. Vamos levar a água e toda a comida que resta. Roupas quentes, porque vai fazer um frio enorme nos picos.

– O início da primavera talvez não seja a melhor ocasião para atravessar uma cordilheira – observou Pé Comprido, baixinho.

Bayaz olhou de esguelha rapidamente.

– Alguns diriam que a melhor ocasião para se atravessar um obstáculo é quando se está do lado errado dele! Ou você sugere que esperemos o verão?

Sensatamente, na opinião de Jezal, o navegador escolheu não responder.

– O desfiladeiro oferece bom abrigo em grande parte, o clima não deve ser nossa preocupação mais premente. Mas vamos precisar de cordas. A estrada era boa no Tempo Antigo, ainda que estreita, mas isso foi há muito tempo. Ela pode ter sumido em alguns lugares, ou despencado nos vales profundos, quem sabe? Talvez tenhamos algumas escaladas difíceis.

– Mal posso esperar – balbuciou Jezal.

– Então aí está.

O mago abriu um dos sacos de forragem quase vazio e tirou o feno com as mãos ossudas. A caixa que haviam trazido da Casa do Artífice estava no fundo, um bloco de escuridão no meio do capim pálido e seco.

– E quem terá o júbilo de carregar essa porcaria? – perguntou Logen, lançando um olhar provocador de sob as sobrancelhas. – Que tal tirarmos a sorte? Não?

Ninguém disse nada. O nórdico grunhiu e enfiou as mãos embaixo dela,

fazendo a caixa raspar na madeira da carroça ao puxá-la na sua direção.

– Acho que sou eu, então – disse, com as veias grossas projetando-se do pescoço enquanto colocava aquela coisa pesada em cima de um cobertor.

Jezal não gostou de olhar para aquilo. Fazia-o lembrar-se demais dos corredores sufocantes da Casa do Artífice. Das histórias sinistras de Bayaz sobre magia, demônios e o Outro Lado. Do fato de que havia nesta viagem um propósito que ele não entendia, mas do qual definitivamente não gostava. Ficou satisfeito quando Logen finalmente a enrolou em cobertores e enfiou numa mochila. Estava fora das vistas, pelo menos, mas não estava fora da mente.

Todos tinham muito o que carregar. Jezal levou suas espadas, claro, embainhadas no cinto. As roupas que usava: as menos manchadas, rasgadas e fedidas que possuía, tendo por cima o casaco rasgado e puído com apenas uma das mangas. Tinha uma camisa reserva na mochila, com um rolo de corda em cima, e metade do estoque de comida do grupo no topo de tudo. Quase desejou que fosse mais pesado: tudo o que tinham era a última caixa de biscoitos, meio saco de aveia e um pacote de peixe salgado que enojava todo mundo, menos Quai. Enrolou dois cobertores e os prendeu com um cinto sobre a mochila, pendurou um cantil cheio na cintura e ficou pronto para ir. Pelo menos o mais pronto possível.

Quai desatrelou os cavalos da carroça enquanto Jezal tirava as selas e arreios dos outros dois. Não parecia justo deixá-los no meio de lugar nenhum depois de eles os terem carregado desde Calcis. Para Jezal, parecia fazer anos. Ele era um homem diferente do que havia partido daquela cidade do outro lado da planície. Quase se encolheu ao lembrar-se de sua arrogância, de sua ignorância e de seu egoísmo então.

– Iá! – gritou.

Seu cavalo o encarou com tristeza, sem se mover, depois baixou a cabeça e começou a mordiscar o capim perto das patas. Jezal coçou as costas dele, com carinho.

– Bom. Imagino que eles vão achar seu caminho, com o tempo.

– Ou não – grunhiu Ferro, desembainhando a espada.

– O que você vai...

A lâmina curva cortou o pescoço do cavalo de Jezal até a metade, espalhando gotas quentes e úmidas em seu rosto chocado. As patas da frente do animal se

dobraram e ele deslizou para o chão e tombou de lado, com sangue jorrando no capim.

Ferro segurou um dos cascos, puxou-o com uma das mãos e começou a separar a perna da carcaça com golpes curtos e eficientes diante de um Jezal boquiaberto. Ela fez uma carranca de desprezo para ele.

– Não vou deixar toda essa carne para os pássaros. Ela não vai durar muito, mas vamos comer bastante bem esta noite, pelo menos. Pegue aquele saco.

Logen jogou para ela um dos sacos de forragem vazios e deu de ombros.

– Você não pode se apegar às coisas, Jezal – falou ele. – Não aqui, no meio do nada.

Ninguém dizia uma palavra quando começaram a subida. Todos estavam curvados e concentrados na trilha meio desmoronada sob os pés que se arrastavam. O caminho subia e virava, subia e virava repetidamente, e logo as pernas de Jezal estavam doendo, os ombros machucados, o rosto úmido de suor. Um passo de cada vez. Era o que West costumava lhe dizer, quando fazia as longas corridas pelo Agriont. Um passo de cada vez, e ele estivera certo. Pé esquerdo, pé direito, e iam subindo.

Depois de um tempo nesse esforço repetitivo, ele parou e olhou para baixo. Era incrível quanto haviam subido em um período tão curto. Dava para ver os alicerces da fortaleza arruinada, silhuetas acinzentadas no terreno verde ao pé do desfiladeiro. Para além, a trilha esburacada passava pelos morros baixos na direção de Aulcus. Jezal teve um tremor súbito e se virou de volta para as montanhas. Melhor deixar tudo aquilo para trás.

Logen subia pesadamente o caminho íngreme, as botas gastas raspando e fazendo barulho no cascalho e na terra, a caixa de metal em sua mochila forçando seus ombros para baixo e parecendo ficar mais pesada a cada passo. Cravava-se em sua carne como um saco de pregos, mesmo enrolada em cobertores. Mas Logen não estava muito incomodado com isso. Estava ocupado demais olhando a bunda de Ferro à frente, músculos esguios comprimindo-se a cada passo sob o tecido manchado da calça.

Era estranho. Antes de terem trepado não pensava nela desse jeito. Estivera concentrado demais em tentar impedir que ela fugisse, ou que atirasse nele, ou que esfaqueasse um dos outros. Estava tão ocupado em vigiar sua carranca que não tinha visto seu rosto. Tão ocupado em vigiar as mãos que não havia notado o resto. Agora não conseguia pensar em mais nada.

Cada movimento dela era fascinante. Ele se pegava olhando-a o tempo todo. Quando estavam andando. Quando estavam sentados. Quando ela comia, ou bebia, ou falava, ou cuspia. Quando calçava as botas de manhã ou as tirava à noite. Para piorar as coisas, seu pau ficava meio duro o tempo todo, só de espiá-la com o canto do olho, imaginando-a nua. Aquilo estava ficando muito embaraçoso.

– Está olhando o quê?

Logen parou e olhou para o céu. Ferro franzia a testa para ele. Ele se levantou e pôs a mochila nas costas, esfregou os ombros doloridos e enxugou uma camada de suor da testa. Poderia ter facilmente inventado uma mentira. Que estivera olhando os picos magníficos. Estivera olhando onde pisava. Estivera verificando se a mochila dela estava bem posicionada. Mas de que adiantaria? Os dois sabiam muito bem o que ele estivera olhando, e os outros estavam longe o bastante para não os ouvir.

– Estou olhando sua bunda – respondeu encolhendo os ombros. – Desculpe, mas é uma bunda boa. Olhar não faz mal, faz?

Ferro abriu a boca com raiva, mas ele baixou a cabeça e passou por ela, com os polegares enfiados nas alças da mochila, antes que ela tivesse chance de falar. Quando tinha dado uns dez passos, olhou por cima do ombro. Ela continuava parada, as mãos no quadril, franzindo a testa para ele. Logen sorriu para ela e perguntou:

– Está olhando o quê?

Pararam para beber água na manhã fresca, numa saliência rochosa acima de um vale profundo. Através das árvores espalhadas, pesadas de frutinhas vermelhas, que cresciam de lado na rocha nua, Jezal podia ver a água clara

correndo no fundo estreito. Penhascos estonteantes se erguiam do lado oposto, chapas de pedra cinza praticamente verticais que terminavam pontiagudas lá em cima, onde pássaros escuros batiam asas e grasnavam uns para os outros, enquanto redemoinhos de nuvens brancas giravam no céu pálido mais além. Um cenário espetacular, ainda que um tanto inquietante.

– Lindo – murmurou Jezal, tomando cuidado, porém, para não chegar perto demais da borda.

Logen assentiu.

– Me faz lembrar de onde eu nasci. Quando eu era garoto passava semanas nos Lugares Altos, me testando contra as montanhas. – Ele tomou um gole de água do cantil e depois o entregou a Jezal, olhando os picos escuros por entre os olhos estreitados. – Mas elas sempre vencem. Este Império veio e foi, e elas ainda estão aqui, olhando para tudo. Ainda vão estar aqui, muito depois de todos nós termos voltado para a lama. Elas olhavam para a minha casa, lá embaixo. – Ele deu uma fungada longa, depois cuspiu catarro na borda do vale. – Agora olham para nada.

Jezal tomou um gole d'água.

– Você vai voltar para o Norte depois disso aqui?

– Talvez. Tenho algumas contas a acertar. Algumas contas bem sérias. – O nórdico deu de ombros. – Mas se eu deixar para lá, acho que ninguém se incomodaria. Acho que todos acham que estou morto e estão aliviados com isso.

– Não tem nada esperando lá?

Logen encolheu os ombros.

– Só mais sangue. Minha família está morta e apodrecida há muito tempo e os amigos que não traí e matei com minhas mãos eu matei com meu orgulho e minha idiotice. Para ver como foram meus feitos. Mas você ainda tem tempo, hein, Jezal? Uma boa chance de uma vida bela e pacífica. O que vai fazer?

– Bom... andei pensando... – Ele pigarreou, subitamente nervoso, como se verbalizar seus planos os tornasse mais próximos da realidade. – Há uma garota lá... bom, uma mulher, acho. Na verdade é irmã de um amigo... o nome dela é Ardee. Acho que, talvez, eu a ame...

Era estranho discutir seus sentimentos mais íntimos com esse homem que ele havia considerado selvagem. Com esse homem que não entendia nada das regras delicadas da vida na União, do sacrifício que Jezal estava considerando. Mas de

algum modo era fácil dizer.

– Estive pensando... bom... se ela me aceitar, talvez... a gente se case.

– Parece um bom plano. – Logen riu e assentiu. – Case com ela e plante umas sementes.

Jezal levantou as sobrancelhas.

– Não sei muita coisa sobre plantação.

O nórdico soltou uma gargalhada.

– Não esse tipo de sementes, garoto! – Deu-lhe um tapa no braço. – Mas um conselho, se você aceita conselhos de alguém como eu, encontre alguma coisa para fazer da vida que não tenha a ver com matar. – Ele se abaixou e pegou a mochila, enfiou os braços pelas alças. – Deixe a luta para os que têm menos sentimento. – Em seguida se virou e foi subindo a trilha.

Jezal assentiu em silêncio. Pôs a mão na cicatriz do queixo, com a língua encontrando o espaço entre os dentes. Logen estava certo. Lutar não era a vida para ele. Já tinha mais cicatrizes do que precisava.

O dia estava claro. Era a primeira vez em muito tempo que Ferro sentia calor, e era bom sentir o sol, quente e raivoso, no rosto, nos antebraços nus, nas costas das mãos. As sombras de pedras e galhos eram nítidas no chão pedregoso, os borrifos da água que corria ao lado da trilha antiga cintilavam caindo pelo ar.

Os outros tinham ficado para trás. Pé Comprido, demorando-se, sorrindo para tudo e todos, falando sem parar sobre a majestade da paisagem. Quai encolhido e com cara de poucos amigos sob o peso de sua mochila. Bayaz franzindo o rosto e suando, bufando como se fosse cair morto a qualquer minuto. Luthar reclamando das suas bolhas para quem quisesse ouvir, ou seja, ninguém. De modo que eram apenas ela e Nove Dedos, andando à frente num silêncio sepulcral.

Exatamente como ela gostava.

Passou por uma borda de pedras meio caídas e chegou a um poço escuro que ondulava suave num crescente de pedras chatas, a água sibilando e caindo nele por cima de uma pilha de pedras barbudas de musgo. Duas árvores tortas abriam

os galhos acima dele, com folhas finas e recém-brotadas reluzindo e farfalhando na brisa. O sol brilhava e insetos deslizavam e zumbiam preguiçosamente na água ondulante.

Era um lugar lindo, provavelmente, se você pensasse desse modo.

Ferro não pensava.

– Tem peixe aí – murmurou, lambendo os lábios.

Um peixe seria ótimo, enfiado num graveto em cima do fogo. Os pedaços de carne de cavalo que eles tinham trazido haviam acabado, e ela estava faminta. Olhou as formas vagas se sacudirem rápidas embaixo da água cristalina ao se agachar para encher o cantil. Um monte de peixes. Nove Dedos largou a mochila pesada e sentou na pedra ao lado dela para tirar as botas. Enrolou a calça até acima dos joelhos.

– O que está fazendo, rosado?

Ele riu.

– Vou pegar uns peixes nesse poço.

– Com as mãos? Você tem dedos ágeis o bastante?

– Acho que você deve saber.

Ela franziu a testa, mas ele apenas abriu ainda mais o sorriso, a pele repuxando-se nos cantos dos olhos.

– Observe e aprenda, mulher. – E ele entrou no poço, curvado, os lábios comprimidos em concentração, tateando suavemente na água.

– O que ele está fazendo? – perguntou Luthar, largando sua mochila ao lado da de Ferro e enxugando a testa reluzente com as costas da mão.

– O idiota acha que vai conseguir pegar um peixe.

– O quê? Com as mãos?

– Observe e aprenda, garoto – murmurou Nove Dedos. – Aaaah... – Seu rosto se abriu num sorriso. – E aí está. – Os músculos de seu antebraço se moveram enquanto ele trabalhava com os dedos embaixo d’água. – Peguei!

E ele levantou a mão rapidamente, numa chuva de gotas. Algo relampejou ao sol claro e Logen o jogou para a margem ao lado deles, deixando uma trilha de manchas molhadas nas pedras secas. Um peixe se sacudia e pulava.

– Rá, rá! – gritou Pé Comprido, chegando perto. – Tirando peixe do lago, é? Uma habilidade extremamente impressionante e notável. Conheci um homem das Mil Ilhas que era considerado o maior pescador do Círculo do Mundo.

Declaro que ele sentava-se na margem e cantava, e os peixes pulavam em seu colo. Pulavam mesmo!

Pé Comprido franziu a testa ao não encontrar ninguém deliciado com sua história, mas agora Bayaz estava se arrastando por cima da borda de pedra, quase de quatro. Seu aprendiz apareceu atrás dele, com o rosto impassível.

O Primeiro dos Magos cambaleou, apoiando-se pesadamente no cajado, e se deixou cair contra uma pedra.

– Talvez... devêssemos acampar aqui. – E ofegou, com o suor escorrendo pelo rosto magro. – Vocês jamais imaginariam que eu já cruzei este desfiladeiro correndo. Fiz o percurso em dois dias. – Ele abriu os dedos trêmulos e deixou cair o cajado, que rolou ruidosamente até a madeira seca junto à beira do lago. – Há muito tempo...

– Estive pensando... – murmurou Luthar.

Os olhos cansados de Bayaz se viraram de lado, como se até mesmo virar a cabeça fosse um esforço grande demais.

– Pensando *e* andando? Reze para não se exaurir, capitão Luthar.

– Por que a borda do Mundo?

O mago franziu a testa.

– Não é por causa do exercício, garanto. O que nós buscamos está lá.

– É, mas por que está lá?

– Uh – grunhiu Ferro, concordando. Boa pergunta.

Bayaz respirou longamente e estufou as bochechas.

– Nunca há descanso, não é? Depois da destruição de Aulcus, da queda de Glustrod, os três filhos de Euz que restavam se encontraram. Juvens, Bedesh e Kanedias. Discutiram o que deveria ser feito... com a Semente.

– Olhem isso! – gritou Nove Dedos, tirando outro peixe da água e jogando-o nas pedras ao lado do primeiro.

Bayaz olhou, sem se impressionar, o peixe se retorcer e pular, a boca e as guelras engolindo desesperadamente o ar sufocante.

– Kanedias desejava estudá-la. Dizia que poderia usá-la com objetivos justos. Juvens temia a pedra, mas não conhecia nenhum modo de destruí-la, por isso a deixou sob a guarda do irmão. Mas, com o passar dos longos anos, como as feridas do Império não se curavam, ele passou a lamentar a decisão. Tinha medo de que Kanedias, por sede de poder, pudesse violar a Primeira Lei, como

Glustrod fizera. Exigiu que se proibisse o uso da pedra. A princípio o Artífice recusou, e a confiança entre os irmãos foi diminuindo. Sei disso porque era eu que levava as mensagens entre eles. Mesmo nessa época, como fiquei sabendo depois, eles já preparavam as armas que um dia usariam um contra o outro. Juvens pediu, depois implorou, depois ameaçou, e por fim Kanedias cedeu. Assim, os três filhos de Euz viajaram para Shabulyan.

– Não há lugar mais remoto em todo o Círculo do Mundo – murmurou Pé Comprido.

– Por isso foi escolhido. Eles entregaram a Semente ao espírito da ilha, para mantê-la em segurança até o fim dos tempos.

– Ordenaram que o espírito jamais a liberasse – murmurou Quai.

– Meu aprendiz mostra de novo sua ignorância – retrucou Bayaz, olhando irritado por baixo das sobrancelhas fartas. – Não *jamais*, mestre Quai. Juvens foi suficientemente sábio para compreender que não poderia prever o futuro. Percebeu que poderia chegar um tempo desesperado, em alguma era, quando o poder de... dessa coisa pudesse ser necessário. Assim, Bedesh ordenou que o espírito só a liberasse para o homem que carregasse o cajado de Juvens.

Pé Comprido franziu a testa.

– E onde o cajado está?

Bayaz apontou para o pedaço de madeira que usava como bengala, caído no chão, rústico e sem adornos.

– É isso? – murmurou Luthar, parecendo bastante desapontado.

– O que você esperava, capitão? – Bayaz deu um sorriso de lado para ele. – Três metros de ouro polido, incrustado com runas de cristal, encimado por um diamante do tamanho da sua cabeça? – O mago resfolegou. – Nem eu já vi uma pedra preciosa *tão* grande. Um cajado simples bastava para o meu mestre. Ele não precisava de mais nada. Um pedaço de madeira, em si, não torna um homem sábio, nobre ou poderoso, assim como um pedaço de aço não o faz. O poder vem da carne, meu rapaz, do coração, e da cabeça. Principalmente da cabeça.

– Estou adorando este poço! – gargalhou Nove Dedos, jogando outro peixe nas pedras.

– Juvens e seus irmãos – murmurou Pé Comprido baixinho –, mais poderosos do que podemos imaginar, algo entre homens e deuses. Até eles temiam essa coisa. Esforçaram-se demais para impedir seu uso. Não deveríamos temê-la,

como eles temiam?

Bayaz encarou Ferro, com os olhos brilhando, e ela o encarou de volta. Gotas de suor se destacavam na pele enrugada dele, escureciam os fios da barba, mas seu rosto estava inexpressivo como uma porta fechada.

– As armas são perigosas para quem não as entende. Com o arco de Ferro Maljinn eu poderia atirar no meu próprio pé, se não soubesse usá-lo. Com a espada do capitão Luthar, posso cortar meu aliado, se não tiver a habilidade. Quanto maior a arma, maior o perigo. Eu tenho o respeito adequado por essa coisa, acredite, mas para lutar contra nossos inimigos precisamos de uma arma realmente poderosa.

Ferro franziu a testa. Ainda não estava convencida de que seus inimigos e os dele fossem os mesmos, mas deixaria isso de lado por enquanto. Tinha vindo longe demais, e chegado perto demais, para não ir até o fim desse negócio. Olhou para Nove Dedos e o pegou encarando-a. Os olhos dele se desviaram rapidamente, de volta à água. Ela franziu a carranca mais ainda. Ultimamente ele vivia olhando-a. Encarando, rindo e fazendo piadas ruins. E agora ela se pegava olhando-o com mais frequência do que o necessário. Padrões de luz fluíam no rosto dele, refletidos da água ondulante. Ele levantou a cabeça de novo e os olhos dos dois se encontraram, e ele riu para ela, só por um segundo.

A carranca de Ferro ficou ainda mais séria. Ela sacou sua faca, pegou um peixe e cortou a cabeça, abriu-o e jogou fora as tripas escorregadias, atirando-as na água perto da perna de Nove Dedos. Tinha sido um erro trepar com ele, claro, mas as coisas não haviam acabado tão mal, afinal de contas.

– Rá! – Nove Dedos levantou outro jorro de água, depois tropeçou, agarrando o ar. – Ah!

O peixe saltou de suas mãos, uma risca de brilho sacudindo-se, e o nórdico caiu de cara na água. Levantou-se cuspindo e sacudindo a cabeça, o cabelo grudado no crânio.

– Desgraçado!

– Todo homem, em algum lugar do mundo, tem um adversário mais esperto do que ele. – Bayaz estendeu as pernas diante do corpo. – Será, mestre Nove Dedos, que você finalmente encontrou o seu?

Jezal acordou com um susto. Era o meio da noite. Demorou um momento para se lembrar de onde estava, porque estivera sonhando com o Agriont, com dias ensolarados e tardes amenas. Com Ardee, ou alguém como ela, sorrindo para ele em sua aconchegante sala de estar. Agora as estrelas se espalhavam brilhantes e nítidas no céu preto e o ar frio e cortante dos Lugares Altos mordiscava os lábios de Jezal, as narinas e as pontas das orelhas.

Ele estava de volta às montanhas Partidas, a meio mundo de distância de Adua, e sentiu uma pontada de saudade. Pelo menos seu estômago estava cheio. Peixe e biscoito, a primeira refeição decente desde o fim da carne de cavalo. Ainda havia calor do fogo na lateral de seu rosto e ele se virou para a fogueira, rindo para as brasas reluzentes e puxando o cobertor para baixo do queixo. A felicidade era nada mais do que peixe fresco e uma fogueira ainda acesa.

Franziu a testa. Os cobertores ao seu lado, onde Logen estivera dormindo, estavam se movendo. A princípio ele achou que o nórdico estivesse se revirando no sono, mas eles continuaram se mexendo, e não pararam. Um movimento lento, regular, acompanhado por um grunhido baixo, percebia Jezal agora. A princípio ele havia achado que eram os roncos de Bayaz, mas agora via que não. Forçando a vista no escuro identificou o ombro pálido e o braço de Nove Dedos, os músculos grossos fazendo força. Embaixo do braço dele, apertando com força a lateral de seu corpo, havia uma mão escura.

O queixo de Jezal caiu. Logen e Ferro, e pelo som não poderia haver dúvida de que estavam copulando! E a menos de um passo de distância de sua cabeça! Olhou, vendo os cobertores subirem e se mexerem à luz fraca da fogueira. Quando é que eles... Por que eles... Como é que eles... Isso, sim, era não se importar com os outros! Sua antiga aversão pelos dois jorrou de volta num instante e seu lábio cortado se repuxou. Um par de selvagens fornicando em plena vista! Chegou a pensar em se levantar e chutá-los, como alguém faria com um par de cães que, para embaraço generalizado, começassem a cruzar no meio de uma festa ao ar livre.

– Merda – sussurrou uma voz.

Jezal se imobilizou, imaginando se um deles o tinha visto.

– Espere aí.

Houve uma pausa breve.

– Ah... assim.

O movimento repetitivo recomeçou, os cobertores balançando para trás e para a frente, a princípio devagar, depois mais depressa. Como poderiam querer que ele dormisse com aquilo? Fechou a cara e rolou para o outro lado, puxando as cobertas sobre a cabeça, e ficou parado no escuro, ouvido os grunhidos guturais de Nove Dedos e os sibilos urgentes de Ferro ficando cada vez mais altos. Fechou os olhos com força e sentiu uma ardência de lágrimas por baixo das pálpebras.

Desgraça, como ele estava solitário!

Chegando

A ESTRADA SE curvava para o oeste, descendo ao vale branco e desnudo entre duas longas cristas de montanhas, tudo coberto de pinheiros escuros. Encontrava o rio Torrente Branca em seu vau, onde ele trazia água do derretimento do gelo e passava rápido sobre as pedras, causando respingos e espuma – realmente digno do nome.

– Então é isso – murmurou Tul, deitado de bruços e espiando entre os arbustos.

– Acho que sim – disse Cachorrão. – A não ser que haja outra fortaleza gigante em algum lugar do rio.

Dali de cima, na crista do morro, Cachorrão podia ver os contornos com clareza: grandes muralhas altas, de pedras escuras e verticais, seis lados perfeitos, no mínimo doze passos de altura, uma enorme torre redonda em cada canto, os telhados de ardósia cinza das construções em volta de um pátio central. Do lado de fora havia uma muralha menor, também de seis lados, com metade da altura da outra, mas ainda assim bem alta, cravejada com uma dúzia de torres menores. Um lado dava para o rio, os outros cinco tinham um fosso largo escavado ao redor, de modo que a coisa toda virava uma ilha feita de pedras afiadas. Uma ponte levava até lá, e só uma, que ia até uma guarita do tamanho de uma colina.

– Que merda! – disse Barca Negra. – Já viu muralhas assim? Como, diabos, Bethod entrou ali?

Cachorrão balançou a cabeça.

– Não importa. Ele não vai conseguir enfiar o exército inteiro ali.

– E não vai querer – disse Três Árvores. – Não Bethod. Não é o estilo dele. Ele prefere ficar do lado de fora, onde pode se movimentar, esperando a chance de pegar os outros desprevenidos.

– Uh – grunhiu Sinistro, assentindo.

– Porra de União! – xingou Barca Negra. – Nunca estão alertas! Todo aquele tempo a gente seguiu Bethod vindo do sul e eles o deixaram passar sem luta! Agora ele está cheio de muros aí, perto de água e comida e bem feliz, esperando a gente!

Três Árvores estalou a língua.

– Agora não adianta chorar, não é? Bethod já deu a volta em vocês uma ou duas vezes, pelo que lembro.

– Hã. O desgraçado tem uma tremenda capacidade de aparecer onde não se espera.

Cachorrão olhou para a fortaleza e o rio atrás dela, o vale comprido e o terreno elevado do lado oposto, coberto de árvores.

– Ele deve ter homens no morro do lado de lá, e ali embaixo nas árvores, em volta do fosso, também. Eu não me espantaria com isso.

– Bom, você pensou em tudo, não foi? – disse Barca Negra, olhando de lado. – Só há uma coisa que a gente ainda precisa saber. Ela já chupou seu pau?

– O quê? – perguntou Cachorrão, sem saber o que dizer.

Tul soltou uma gargalhada. Três Árvores começou a rir baixinho. Até Sinistro emitiu uma espécie de ruído – algo parecido com respiração, porém mais alto.

– É uma pergunta simples, não é? – perguntou Barca Negra. – Ela é do tipo que chupa ou não?

Cachorrão franziu a testa e encolheu os ombros.

– Vai cagar!

Tul tentava conter a gargalhada.

– Ela fez o quê? Cagou nele? Você estava certo, Barca Negra, lá na União eles não fazem a coisa do mesmo jeito!

Agora todos estavam rindo – afora Cachorrão, claro.

– Vão à merda todos vocês – grunhiu ele. – Talvez vocês devessem se chupar uns aos outros. Pelo menos iriam calar a boca.

Barca Negra lhe deu um tapa no ombro.

– Acho que não. Você sabe como Tul vive falando de boca cheia!

Tul levou a mão ao rosto e limpou o ranho que descia pelo nariz, de tanto que ria. Cachorrão o encarou irritado, mas seu olhar teria o mesmo efeito se tentasse parar no ar uma pedra que caísse. Não adiantou.

– Certo, agora é melhor ficarem quietos – murmurou Três Árvores, ainda rindo. – É melhor um de nós olhar mais de perto. Para ver se descobrimos onde estão os rapazes de Bethod antes que a União venha fazendo barulho pela estrada como um bando de idiotas.

Cachorrão sentiu o coração apertar.

– Um de nós? Qual de vocês vai ser, então?

Barca Negra riu e lhe deu um tapa no ombro.

– Acho que quem enfiou o graveto no fogo ontem à noite deve ser o que vai enfrentar o frio hoje, hein, pessoal?

Cachorrão se esgueirou entre as árvores. Levava o arco numa das mãos, com uma flecha preparada mas sem puxar a corda, por medo de disparar por acidente e acertar a própria perna, ou alguma idiotice assim. Tinha visto isso acontecer e não queria voltar mancando ao acampamento, tentando explicar aos outros como havia cravado uma das próprias flechas no pé. As zombarias jamais teriam fim.

Ajoelhou-se e espiou entre as árvores, olhou o chão – terra marrom nua e trechos de neve branca, pilhas de agulhas de pinheiro e... parou de respirar. Havia uma pegada perto dele. Metade na lama e metade na neve. A neve vinha derretendo e caindo, derretendo e caindo sem parar. Uma pegada hoje não duraria muito. Isso significava que era recente. Cachorrão farejou o ar. Não havia muito o que cheirar, mas era mais difícil sentir o cheiro de alguma coisa no frio, com nariz todo rosado, entorpecido e cheio de ranho. Esgueirou-se na direção para onde a pegada apontava, olhando ao redor. Viu outra, e mais outra. Alguém passara naquela direção, sem dúvida, e não fazia muito tempo.

– Você é o Cachorrão, não é?

Imobilizou-se, o coração martelando de repente como botas grandes um andar acima da sua cabeça. Girou para olhar de onde tinha vindo a voz. Havia um homem sentado numa árvore caída, a dez passos de distância, recostado num galho grosso, as mãos cruzadas atrás da cabeça, esticado como se estivesse quase dormindo. Tinha cabelo preto e comprido, caindo na cara, mas um olho espiava Cachorrão, atento. Ele se inclinou para a frente devagar.

– Bom, vou deixar isso aqui – disse, apontando para um machado pesado, semienterrado no tronco podre, e um escudo redondo encostado nele. – Para que você saiba que estou querendo conversar, e vou até aí. O que acha disso?

Cachorrão levantou o arco e puxou a corda.

– Venha se for preciso, mas se tentar algo mais do que falar, eu cravo uma flecha no seu pescoço.

– É justo.

O cabeludo jogou o peso do corpo para a frente e desceu do tronco, deixando as armas atrás, e foi seguindo por entre as árvores. Andava de cabeça abaixada, mantendo as mãos no ar, as palmas para fora, mas era um sacana alto. Sem dúvida parecia pacífico, mas Cachorrão não iria se arriscar. Parecer pacífico e ser pacífico são coisas diferentes. O homem se aproximou.

– Devo dizer, para criar alguma confiança entre nós, que você nem me viu. Se eu tivesse uma arma poderia ter atirado em você.

Era um argumento justo, mas mesmo assim Cachorrão não gostou.

– Você tem um arco?

– Não, não tenho, por sinal.

– Então o erro é seu – disse Cachorrão rispidamente. – Pode parar aí.

– Acho que vou parar – respondeu ele, ficando a poucos passos de distância.

– Então eu sou o Cachorrão e você sabe. E quem é você?

– Você se lembra de Pescoço Duro, não lembra?

– Claro, mas você não é ele.

– Não. Sou filho dele.

Cachorrão franziu a testa e retesou a corda do arco mais um pouquinho.

– É melhor que sua próxima resposta seja muito boa. Nove Dedos matou o filho de Pescoço Duro.

– Verdade. Sou o outro filho dele.

– Mas ele não passava de um garoto... – Cachorrão parou, contando os invernos na cabeça. – Merda. Faz tanto tempo assim?

– Faz.

– Você cresceu um bocado.

– É o que os garotos fazem.

– Você tem nome agora?

– Me chamam de Tremedeira.

– Por quê?

Ele riu.

– Porque meus inimigos tremem de medo quando me enfrentam.

– É mesmo?

– Nem tanto. – Ele suspirou. – É melhor saber agora. Na primeira vez que saí para um ataque, fiquei bêbado e caí no rio enquanto mijava. A corrente arrancou minha calça e me largou quase um quilômetro rio abaixo. Voltei ao acampamento tremendo pior do que qualquer um que você já viu, os bagos sugados para dentro da barriga e coisa e tal. – Ele coçou o rosto. – Muito embaraçoso. Mas compensei isso na luta.

– Verdade?

– Fiquei com um pouco de sangue nos dedos, no correr dos anos. Devo dizer que nada comparado com você, mas o bastante para homens me seguirem.

– É mesmo? Quantos?

– Duas vintenas de Carls, ou por aí. Não estão longe, mas não fique nervoso. Alguns são gente do meu pai, de antigamente, e alguns são mais novos. Todos bons.

– Bom, é ótimo para você, ter uma turminha. Andou lutando pelo Bethod, é?

– A gente precisa trabalhar. O que não quer dizer que a gente não aceite coisa melhor. Já posso baixar as mãos?

– Não. Gosto delas aí. O que está fazendo aqui, sozinho, na mata?

Tremedeira franziu os lábios, pensativo.

– Não pense que sou maluco, mas ouvi um boato de que vocês estão com Rudd Três Árvores por aí.

– É fato.

– É mesmo?

– E Tul Duru Cabeça de Trovão e Harding Sinistro e Barca Negra e tal.

Tremedeira levantou a sobrancelha, encostou-se numa árvore, as mãos ainda levantadas, enquanto Cachorrão vigiava atentamente.

– Bom, é uma companhia de peso, a sua. Em vocês cinco tem o dobro de sangue das minhas duas vintenas. São tremendos nomes, sem dúvida. O tipo de nomes que os homens podem sentir vontade de seguir.

– Está procurando alguém para seguir?

– Pode ser que sim.

– E seus Carls também?

– Eles também.

Cachorrão precisava admitir que era tentador. Duas vintenas de Carls, e eles sabiam onde Bethod estava, talvez soubessem de algo do que ele havia planejado. Iriam lhe economizar o tempo de revirar as florestas geladas, e ele estava ficando muito cansado de árvores úmidas. Mas ainda faltava muito para confiar naquele sacana alto. Iria levá-lo de volta ao acampamento e Três Árvores poderia pensar no que fazer.

– Certo – disse. – Veremos. Por que não sobe o morro, ali, e eu sigo alguns passos atrás?

– Certo – respondeu Tremedeira, virando-se e subindo pela encosta, as mãos ainda no ar. – Mas veja o que você faz com essa flecha, hein? Não quero ser acertado porque você não olhou onde estava pisando.

– Não se preocupe comigo, garotão, o Cachorrão não erra... arg!

Seu pé se prendeu numa raiz, ele deu um passo em falso e soltou a corda. A flecha passou junto à cabeça de Tremedeira e se cravou, balançando, numa árvore logo depois. Cachorrão foi parar de joelhos na terra, olhando o outro no alto e segurando um arco vazio na mão.

– Merda – murmurou.

Se o sujeito quisesse, Cachorrão não tinha dúvida de que ele poderia ter usado um daqueles punhos enormes e arrancado sua cabeça.

– Sorte você ter errado o tiro – disse Tremedeira. – Posso baixar as mãos agora?

Barca Negra ficou de pé num salto assim que eles entraram no acampamento, claro.

– Quem, diabos, é esse desgraçado? – rosnou, indo direto até Tremedeira e encarando-o, eriçando-se diante dele com o machado na mão.

Poderia parecer um tanto cômico, já que Barca Negra era meia cabeça mais baixo, mas Tremedeira não pareceu achar muito divertido. Nem deveria.

– Ele é... – começou Cachorrão, mas não continuou.

– É um sacana alto, hein? Não vou falar de baixo para cima com um sujeito como ele! Sente-se, garotão! – E ele estendeu o braço e empurrou Tremedeira de bunda na terra.

Cachorrão achou que Tremedeira recebeu a coisa bem, afinal de contas. Ele grunhiu ao bater no chão, claro, depois piscou, em seguida se apoiou nos cotovelos, rindo para eles.

– Acho que vou ficar aqui embaixo. Mas não pensem mal de mim por causa disso, hein? Eu não escolhi ser alto, assim como você não escolheu ser um escroto.

Cachorrão se encolheu, esperando que Tremedeira levasse um chute no saco, mas em vez disso Barca Negra começou a rir.

– Não escolhi ser escroto, gostei disso. Gostei dele. Quem é esse aí?

– O nome dele é Tremedeira – respondeu Cachorrão. – É filho de Pescoço Duro.

Barca Negra franziu a testa.

– Mas o Nove Dedos não...

– É o outro filho.

– Mas ele era só um...

– Faça as contas.

Barca Negra franziu a testa, depois balançou a cabeça.

– Merda. Faz tanto tempo assim?

– Ele se parece com o Pescoço Duro – disse a voz de Tul, com a sombra caindo sobre eles.

– Com os demônios! – reagiu Tremedeira. – Achei que vocês não gostavam de gente alta. Isso aí são dois, um em cima do outro, não são?

– Só um. – Tul baixou a mão e o puxou pelo braço como se ele fosse uma criança caída. – Desculpe essa recepção, amigo. A gente costuma acabar matando as visitas.

– Espero ser a exceção – disse Tremedeira, ainda boquiaberto diante do Cabeça de Trovão. – E esse deve ser Harding Sinistro.

– Uh – disse Sinistro, praticamente não levantando o olhar das flechas que conferia.

– E você é Três Árvores?

– Sou eu – disse o velho, com as mãos no quadril.

– Bom – murmurou Tremedeira, coçando a nuca. – Agora estou encrencado, sem dúvida. Muito encrencado. Tul Duru, Barca Negra e... nossa, você é Três Árvores mesmo, não é?

– Sou.

– Pois bem. Nossa. Meu pai sempre dizia que você era o melhor homem que restava no Norte. Que se escolhesse um homem para seguir, seria você. Até você perder para o Nove Sangrento, claro, mas algumas coisas não podem ser evitadas. Rudd Três Árvores, bem na minha frente agora...

– Por que veio aqui, garoto?

Tremedeira parecia estar sem palavras, por isso Cachorrão falou por ele.

– Ele diz que tem duas vintenas de Carls e que todos querem vir para o nosso lado.

Três Árvores encarou Tremedeira por um tempo.

– É verdade?

Tremedeira assentiu.

– Você conheceu meu pai. Ele pensava como você, e eu sou feito da mesma fibra que ele. Servir Bethod me incomoda.

– Acho que o homem deve escolher seu chefe e ficar com ele.

– Sempre achei isso – disse Tremedeira. – Mas isso deveria valer para os dois lados envolvidos, não? O chefe deve cuidar do seu povo, não é?

Cachorrão assentiu. Para ele esse era um bom argumento.

– Bethod não liga mais para nenhum de nós, se é que já ligou. Não ouve mais ninguém, a não ser aquela bruxa dele.

– Bruxa? – perguntou Tul.

– É, uma feiticeira, uma tal Caurib, ou sei lá o quê. A bruxa. A que faz a névoa. Bethod está misturado com um pessoal estranho. E essa guerra não tem sentido. Angland? Quem quer Angland, afinal? Nós temos muita terra. Ele vai levar todos nós de volta para a lama. Como não havia mais ninguém para seguir, nós ficamos com ele, mas então ouvimos dizer que Rudd Três Árvores ainda podia estar vivo e com a União, bem...

– Você decidiu dar uma conferida, não é?

– Nós já estamos fartos. Bethod tem um pessoal esquisito. Aqueles sujeitos do leste, de além de Crinna, homens que usam ossos e peles, você sabe, quase nem são homens. Não têm código, nem misericórdia, praticamente não falam a

nossa língua. Umas porras de selvagens, todos eles. Bethod tem alguns lá embaixo na fortaleza da União, e eles puseram todos os cadáveres pendurados na muralha, todos cortados com cruz sangrenta, as tripas penduradas para fora, apodrecendo. Não está certo. E tem o Calder e o Scale dando ordens como se soubessem diferenciar bosta de mingau, como se tivessem nomes, a não ser o do pai.

– Calder escroto – rosnou Tul, balançando a cabeça.

– Scale escroto – sibilou Barca Negra, cuspindo no chão.

– Os dois maiores idiotas de todo o Norte – disse Tremedeira. – E agora ouvi dizer que Bethod fez um acordo.

– Que tipo de acordo? – perguntou Três Árvores.

Tremedeira se virou e cuspiu por cima do ombro.

– Um acordo com a porra dos shankas, é isso.

Cachorrão ficou encarando-o. Todos ficaram. Esse era um boato realmente maligno.

– Com os cabeças-achatadas? Como?

– Quem sabe? Pode ser que a tal bruxa tenha achado um modo de falar com eles. Os tempos estão mudando depressa, e isso não está certo, nada disso. Um monte de rapazes por lá não está satisfeito. Isso sem falar no tal Temível.

Barca Negra franziu a testa.

– Temível? Nunca ouvi falar nele.

– Onde vocês andaram? Embaixo do gelo?

Todos se entreolharam.

– Praticamente isso – respondeu Cachorrão. – Praticamente isso.

Uma barganha

– O SENHOR tem visita – murmurou Barnam. Seu rosto, por algum motivo, estava pálido como a morte.

– Sem dúvida – reagiu Glokta rispidamente. – É quem bateu à porta, presumo. – Ele largou a colher na tigela de sopa quase intacta e lambeu as gengivas irritado. *Um arremedo de refeição particularmente abominável, esta noite. Sinto falta da comida de Shickel, ainda que não de suas tentativas de me matar.* – Bom, quem é, homem?

– É... bem... é...

O arquileitor Sult se abaixou para passar pela porta de modo a não bagunçar seu cabelo branco impecável no portal. *Ah, sei.* Varreu o cômodo apertado com um esgar de nojo, o lábio franzido como se tivesse tropeçado num esgoto aberto.

– Não precisa se levantar – rosnou para Glokta.

Eu não estava pensando em me levantar.

Barnam engoliu em seco.

– Posso servir a Sua Eminência alguma...

– Saia! – interrompeu Sult, e o velho serviçal quase caiu, na pressa de chegar à porta.

O arquileitor o olhou sair com profundo desdém. *O bom humor de nosso encontro anterior parece um sonho lembrado vagamente.*

– Camponeses desgraçados – sibilou enquanto deslizava para trás da estreita mesa de jantar de Glokta. – Houve outro levante perto de Keln, e o desgraçado do Tanner estava de novo envolvido. Uma remoção impopular que virou um conflito sangrento. Lorde Finster avaliou totalmente errado a situação, teve três guardas mortos e ficou sitiado em sua propriedade por uma turba furiosa, o imbecil. Felizmente eles não conseguiram entrar, por isso se satisfizeram queimando metade do povoado. – Ele fungou. – Seu próprio povoado! É isso

que um idiota faz quando está com raiva. Destrói o que estiver perto, mesmo que seja sua própria casa! O Conselho Aberto está clamando por sangue, claro. Sangue camponês, e muito. Agora temos de mandar a Inquisição para lá, arrancar alguns líderes, ou alguns idiotas que possam parecer líderes. Deveríamos enforcar o próprio Finster, o paspalho, mas esta não é uma opção.

Glokta pigarreou.

– Vou fazer as malas e ir para Keln imediatamente. – *Fazer cócegas nos camponeses. Não é a tarefa que eu escolheria, mas...*

– Não. Preciso de você para outra coisa. Dagoska foi ocupada.

Glokta levantou uma sobrancelha. *Mas não é grande surpresa. Nem de longe algo que motivasse Sua Eminência a se espremer em meus aposentos.*

– Parece que os gurkenses entraram devido a um acordo prévio. Traição, claro, mas num tempo assim... não é de surpreender. As forças da União foram massacradas, as poucas que havia, mas muitos mercenários foram meramente escravizados, e os nativos foram em grande parte poupados.

Misericórdia gurkense, quem poderia imaginar? Então milagres acontecem.

Sult deu um peteleco, irritado, num grão de poeira numa de suas luvas imaculadas.

– Ouvi dizer que, quando os gurkenses invadiram a Cidadela, o general Vissbruck se matou para não ser capturado.

Ora, eu não imaginaria. Não achava que ele tivesse coragem.

– Ele ordenou que seu corpo fosse queimado, para não dar nenhum resto para o inimigo violar, depois cortou a própria garganta. Um homem corajoso. Uma declaração corajosa. Ele será homenageado amanhã no Conselho Fechado.

Que maravilhoso para ele! Uma morte horrível com honra é preferível, de longe, a uma vida na obscuridade, claro.

– Claro – disse Glokta baixinho. – Um homem corajoso.

– Não é só isso. Chegou um enviado logo depois dessa notícia. Um enviado do imperador de Gurkhul.

– Um enviado?

– É. Aparentemente buscando... a paz. – O arquileitor disse a palavra com um risinho de desprezo.

– Paz?

– Esta sala parece pequena demais para dar eco.

– Claro, Eminência, mas...

– Por que não? Eles têm o que querem. Conseguiram Dagoska e não têm mais aonde ir.

– Não mesmo, arquileitor. – *A não ser, talvez, para o outro lado do mar...*

– Paz. É um incômodo e tanto entregar qualquer coisa, mas Dagoska nunca valeu muito para nós. Custava mais do que ganhávamos com ela, no mínimo. Não passava de um troféu para o rei. Ouso dizer que estamos melhor sem ela, aquela rocha sem valor.

Glokta baixou a cabeça.

– Sem dúvida, Eminência. – *Se bem que isso faz a gente pensar em por que nos incomodamos em lutar por ela.*

– Infelizmente, com a perda daquele lugar, você não tem de que ser superior. – O arquileitor pareceu quase satisfeito. *Então voltamos ao velho e simples cargo de inquisidor, hein? Acho que não vou ser mais bem-vindo nas melhores reuniões sociais.* – Mas decidi deixar que você mantivesse o título. Como superior de Adua.

Glokta não se moveu. *Uma promoção considerável, exceto por...*

– Certamente, Eminência, este é o cargo do superior Goyle.

– É. E continuará a ser.

– Então...

– Você vai dividir as responsabilidades. Goyle é mais experiente, por isso estará acima, e continuará comandando o departamento. Para você encontrarei algumas tarefas adequadas aos seus talentos específicos. Espero que um pouco de competição saudável instigue o melhor nos dois.

Mais provavelmente vai terminar com um de nós morto, e todos podemos adivinhar quem é o favorito. Sult deu um sorriso fino, como se soubesse exatamente o que Glokta estava pensando.

– Ou talvez simplesmente demonstre que um de vocês é *superior* ao outro.

Ele soltou uma gargalhada sem alegria diante da própria piada, e Glokta deu um riso diminuto, banguela.

– Enquanto isso, quero que lide com esse tal enviado. Parece que você tem jeito para cuidar desses kanticenses, se bem que talvez seja bom não decapitar esse, pelo menos por ora. – O arquileitor se permitiu outro sorriso minúsculo. – Se ele estiver atrás de algo mais do que paz, quero que você fareje. Se pudermos

conseguir dele algo mais do que paz, claro, fareje isso também. Não seria mal se evitássemos parecer que levamos uma surra.

Sult se levantou desajeitadamente e se preparou para sair de trás da mesa, o tempo todo franzindo a testa como se o tamanho reduzido do cômodo fosse uma afronta intencional à sua dignidade.

– E, por favor, Glokta, arranje aposentos melhores. Um superior de Adua vivendo assim? É embaraçoso!

Glokta baixou a cabeça humildemente, provocando uma pontada desagradável que desceu até o cóccix.

– Claro, Eminência.



O enviado do imperador era um homem atarracado, com barba densa e preta, gorro branco e manto da mesma cor enfeitado com fios de ouro. Ele se levantou e fez uma reverência humilde quando Glokta entrou mancando. *Simples e humilde, um contraste com a empáfia e arrogância do último emissário com quem lidei. Um homem diferente, acho, com um objetivo diferente.*

– Ah. Superior Glokta, eu deveria ter imaginado. – Sua voz era profunda e intensa, o domínio da língua comum era previsivelmente excelente. – Muitas pessoas no nosso lado do mar ficaram bastante desapontadas por seu cadáver não estar entre os que foram encontrados na Cidadela de Dagoska.

– Espero que o senhor transmita a elas minhas sinceras desculpas.

– Farei isso. Meu nome é Tulkis e sou conselheiro de Uthman-ul-Dosht, imperador de Gurkhul. – O enviado riu, um crescente de dentes fortes e brancos na barba preta. – Espero me sair melhor em suas mãos do que o último emissário que meu povo mandou.

Glokta o avaliou. *Senso de humor? Algo bastante inesperado.*

– Acho que isso dependerá do tom que o senhor assumir.

– Claro. Shabbed al Islik Burai sempre foi... dado a confrontos. E suas lealdades eram... mistas. – O riso de Tulkis se alargou. – Era um crente extremado. Um homem muito religioso. Talvez mais próximo da igreja do que do estado. Eu honro Deus, claro. – E ele tocou a testa com as pontas dos dedos. –

Honro o grande e santo Profeta Khalul. – E tocou a cabeça de novo. – Mas sirvo... – E seu olhar foi até os olhos de Glokta. – Sirvo apenas ao imperador.

Interessante.

– Eu acreditava que, na sua nação, igreja e estado falavam a uma só voz.

– Por muito tempo foi assim, mas há entre nós quem acredite que os sacerdotes devam se preocupar com orações e deixar o governo nas mãos do imperador e de seus conselheiros.

– Compreendo. E qual seria o assunto do imperador conosco?

– A dificuldade de capturar Dagoska chocou as pessoas. Os sacerdotes as haviam convencido de que a campanha seria fácil, já que Deus estava conosco, nossa causa era justa, e assim por diante. Deus é grande, claro – e ele olhou para o teto –, mas não é substituto para um bom planejamento. O imperador deseja a paz.

Glokta ficou sentado em silêncio por um momento.

– O grande Uthman-ul-Dosht? O poderoso? O implacável? Deseja a paz?

O enviado não se ofendeu.

– Tenho certeza de que o senhor sabe que a reputação de implacável pode ser útil. Um grande governante, sobretudo de um país vasto e diversificado como Gurkhul, deve primeiro ser temido. Ele desejaria ser amado também, mas isso é um luxo. O medo é essencial. Independentemente do que o senhor tenha ouvido, Uthman não é um homem de paz nem de guerra. É um homem de... qual seria a palavra na sua língua? Necessidade. É um homem da ferramenta certa na hora certa.

– Muito prudente – murmurou Glokta.

– De paz, agora. Misericórdia. Aceitação. Há muitas ferramentas que servem aos propósitos dele, mesmo que não sirvam aos propósitos de... outros. – E ele tocou a testa com os dedos. – Assim, ele me mandou, para descobrir se elas servem também a vocês.

– Ora, ora, ora. O poderoso Uthman-ul-Dosht vem com misericórdia e oferece paz. Vivemos tempos estranhos, hein, Tulkis? Os gurkenses aprenderam a amar os inimigos? Ou simplesmente a temê-los?

– Não precisamos amar o inimigo, nem mesmo temê-lo, para desejar a paz. Só precisamos amar a nós mesmos.

– É?

– É. Perdi dois filhos nas guerras entre nossos povos. Um em Ulrioch, na guerra passada. Era um sacerdote e queimou no templo de lá. O outro morreu não faz muito tempo, no cerco de Dagoska. Ele comandou o ataque quando foi feita a primeira brecha.

Glokta franziu a testa e esticou o pescoço. *Uma chuva de setas de bestas. Figuras minúsculas caindo no entulho.*

– Foi um ataque corajoso.

– A guerra é mais dura para os corajosos.

– Verdade. Lamento suas perdas. – *Mas não sinto pena, em particular*.

– Agradeço as condolências sinceras. Deus achou adequado me abençoar com mais três filhos, mas os espaços deixados pelos dois que se foram jamais serão preenchidos. É quase como perder a própria carne. É por isso que acho que entendo um pouco do que o senhor perdeu nessas mesmas guerras. Também lamento essas perdas.

– É muita gentileza.

– Nós somos líderes. A guerra é o que acontece quando falhamos. Ou somos levados ao fracasso pelos imprudentes e tolos. A vitória é melhor do que a derrota, mas... não muito. Portanto o imperador oferece paz, na esperança de que seja um fim permanente das hostilidades entre nossas grandes nações. Não temos interesse em atravessar os mares para fazer guerra, e vocês não têm interesse em pôr os pés no continente de Kanta. Por isso oferecemos paz.

– E é só isso que oferecem?

– Só?

– O que nosso povo vai achar, se abrirmos mão de Dagoska, que compramos a um preço tão alto na última guerra?

– Sejamos realistas. Suas dificuldades no Norte os colocam em desvantagem considerável. Dagoska está perdida, eu a tiraria da mente. – Tulkis pareceu considerar a questão por um momento. – No entanto, poderia providenciar a entrega de uma dúzia de baús, como reparação do meu imperador ao seu rei. Baús de perfumada madeira de ébano, trabalhada com folha de ouro, carregados por escravos fazendo reverências, precedidos por humildes autoridades do governo do imperador.

– E qual seria o conteúdo desses baús?

– Nada. – Os dois se encararam. – A não ser orgulho. Vocês podem dizer que

eles continham o que quiserem. Uma fortuna em ouro gurkense, em joias kanticenses, em incenso do outro lado do deserto. Mais do que o valor da própria Dagoska. Talvez isso acalme seu povo.

Glokta inspirou com força e soltou o ar.

– Paz. E caixas vazias. – Sua perna esquerda tinha ficado entorpecida sob a mesa e ele contorceu o rosto e sibilou por entre as gengivas ao movê-la, obrigando-se a ficar de pé. – Vou repassar sua oferta aos meus superiores.

Ele estava se virando quando Tulkis estendeu a mão. Glokta a olhou por um instante. *Bom, que mal pode fazer?* Estendeu a sua e aceitou o cumprimento.

– Espero que seja capaz de convencê-los – disse o enviado gurkense.

Eu também.

Para a borda do Mundo

NA MANHÃ DO nono dia nas montanhas, Logen viu o mar. Arrastou-se até o topo de mais uma subida dolorosa e lá estava: a trilha descia de forma íngreme até um trecho de terreno plano e para além ficava a linha brilhante no horizonte. Quase podia sentir o cheiro dele e um gosto salgado no ar a cada respiração. Teria rido se isso não o fizesse lembrar-se tanto de casa.

– O mar – sussurrou.

– O oceano – disse Bayaz.

– Atravessamos o continente ocidental de um litoral ao outro – disse Pé Comprido, com um sorriso de orelha a orelha. – Agora estamos perto.

À tarde estavam mais perto ainda. A trilha havia se alargado até virar uma estrada lamacenta entre campos divididos por cercas vivas irregulares. Eram principalmente quadrados marrons de terra revirada, mas alguns estavam verdes de capim novo ou brotos de vegetais, alguns acenando do alto com uma colheita de inverno acinzentada de algo que parecia sem gosto. Logen nunca soubera muito sobre agricultura, mas estava bem claro que alguém estivera trabalhando recentemente naquele terreno.

– Que tipo de gente vive aqui, tão longe? – murmurou Luthar, olhando com suspeitas por cima dos campos malcuidados.

– Descendentes dos antigos pioneiros. Quando o Império ruiu, eles foram deixados sozinhos aqui. E sozinhos prosperaram, de certo modo.

– Ouviram isso? – sibilou Ferro, os olhos estreitados, as mãos já pescando uma flecha na aljava.

Logen ergueu a cabeça, prestando atenção. Um som de pancada ecoou a distância, depois uma voz débil chegou pelo vento. Ele pôs a mão no cabo da espada e se agachou. Esgueirou-se até um pedaço de cerca viva sem poda e espiou por cima dela, com Ferro ao lado.

Dois homens cortavam um toco de árvore no meio de um campo arado, um deles usando o machado, o outro olhando com as mãos no quadril. Logen engoliu a saliva, inquieto. Aqueles dois não pareciam muito ameaçadores, mas a aparência podia enganar. Fazia muito tempo que eles não encontravam um ser vivo que não tentasse matá-los.

– Calma, agora – murmurou Bayaz. – Aqui não há perigo.

Ferro franziu a testa para ele.

– Você já disse isso antes.

– Não mate ninguém, a não ser que eu mande! – ordenou o mago, depois gritou algo numa língua que Logen não conhecia, acenando com um braço acima da cabeça num cumprimento.

Os dois homens deram um salto e viraram na direção deles, boquiabertos. Bayaz gritou de novo. Os agricultores se entreolharam, depois pousaram as ferramentas e se aproximaram devagar.

Pararam a alguns passos de distância. Era um par feio, até para os olhos de Logen – baixos, atarracados, com feições brutas e roupas de trabalho desbotadas, remendadas e manchadas. Olharam com nervosismo para os seis estranhos – e em particular para suas armas –, como se nunca tivessem visto gente assim ou coisa assim.

Bayaz falou calorosamente com eles, sorrindo e balançando os braços, apontando para o oceano. Um deles assentiu, respondeu, deu de ombros e apontou para a trilha. Passou por uma abertura na cerca, saindo do campo para a estrada. Ou pelo menos da lama mole para a lama dura. Sinalizou para que o seguissem. Seu companheiro ficou observando com desconfiança, do outro lado dos arbustos.

– Ele vai nos levar a Cawneil – explicou Bayaz.

– A quem? – balbuciou Logen, mas o mago não respondeu.

Bayaz já estava indo para o oeste, atrás do agricultor.

Crepúsculo pesado sob um céu implacável. Eles se arrastavam por uma cidade vazia, atrás do guia carrancudo. Um sujeito singularmente mal-

apessoado, pensou Jezal, mas na sua experiência raramente os camponeses eram bonitos, e ele supôs que fosse assim em todo o mundo. As ruas eram empoeiradas e estavam desertas, com mato crescendo e entulho espalhado. Muitas casas estavam em ruínas, cobertas de musgo e trepadeiras emboladas. As poucas que mostravam sinais de ocupação se encontravam, no geral, em péssimas condições.

– Parece que a glória do passado desbotou aqui também – ressaltou Pé Comprido com algum desapontamento. – Se é que já houve alguma.

Bayaz assentiu.

– Hoje em dia a glória anda escassa.

Uma praça ampla se abria depois das casas abandonadas. Plantas ornamentais tinham sido dispostas no entorno por algum jardineiro esquecido: os gramados estavam nus, os canteiros de flores, transformados em trechos de mato baixo e as árvores não passavam de garras ressequidas. Acima dessa decadência lenta se erguia uma construção enorme e espantosa, ou, mais adequadamente, um amontoado de construções de várias formas e estilos confusos. Três torres compridas, redondas e afiladas, brotavam do meio, unidas na base, porém afastadas no alto. Uma estava quebrada antes do topo, o teto caído havia muito tempo deixando expostos os caibros.

– Uma biblioteca... – sussurrou Logen baixinho.

Para Jezal, não parecia.

– É?

– A Grande Biblioteca Ocidental – explicou Bayaz, ao atravessarem a praça dilapidada à sombra comprida daquelas três torres semidesmoronadas. – Aqui dei meus primeiros passos hesitantes no caminho da Arte. Aqui meu mestre me ensinou a Primeira Lei. Ensinou repetidamente até que eu pudesse recitá-la de forma impecável em todas as línguas conhecidas. Este era um local de aprendizado, de admiração e de grande beleza.

Pé Comprido sugou o ar entre os dentes.

– O tempo não foi clemente com este lugar.

– O tempo nunca é.

O guia disse algumas palavras curtas e indicou uma porta alta, com a pintura verde descascada. Depois se afastou arrastando os pés e olhando todos eles com grande suspeita.

– Como é difícil conseguir alguém que ajude – observou o Primeiro dos Magos à medida que o agricultor se afastava às pressas.

Depois levantou o cajado e deu três boas batidas na porta. Houve um longo silêncio.

– Biblioteca? – Jezal ouviu Ferro perguntar.

Evidentemente não conhecia aquela palavra.

– Para livros – disse a voz de Logen.

– Livros – bufou ela. – Desperdício da porra do tempo.

Ruídos vagos ecoaram do outro lado do portão: sons de alguém aproximando-se no lado de dentro, acompanhados por murmúrios irritados. Fechaduras estalaram e rangeram e a porta antiga se abriu guinchando. Um homem de idade avançada muito encurvado olhou para eles com espanto, tendo um palavrão ininteligível congelado nos lábios, uma vela acesa lançando um brilho suave sobre um dos lados de seu rosto enrugado.

– Sou Bayaz, o Primeiro dos Magos, e tenho negócios a tratar com Cawneil.

O serviçal continuou boquiaberto. Jezal ficou à espera de que um fio de baba escapasse da boca sem dentes que ele mantinha tão escancarada. Sem dúvida eles não recebiam muitas visitas.

A vela tremeluzente era de uma inadequação digna de pena para iluminar o salão alto. Mesas pesadas sofriam sob gigantescas pilhas de livros. Prateleiras iam até o alto em todas as paredes, perdendo-se na escuridão bolorenta acima. Sombras se moviam sobre lombadas de couro de todo tamanho e cor, sobre pergaminhos soltos ou empilhados descuidadamente em rolos, formando pirâmides instáveis. A luz rebrilhava e faiscava em laminações de prata e ornamentações de ouro, em joias opacas engastadas em tomos de tamanho assombroso. Uma escadaria longa – com o corrimão muito polido pela passagem de inúmeras mãos e os degraus gastos pelos passos de inúmeros pés – se curvava graciosamente no meio desse acúmulo de conhecimento antigo. A poeira era densa em todas as superfícies. Uma teia de aranha particularmente monstruosa se emaranhou no cabelo de Jezal quando ele passou pela porta, e ele deu tapas e lutou com ela, o rosto franzido de nojo.

– A senhora da casa já foi para a cama – chiou o porteiro num sotaque estranho.

– Então acorde-a – contrapôs Bayaz rispidamente. – O dia está escurecendo e

estou com pressa. Não temos tempo para...

– Ora, ora, ora – disse uma mulher na escada. – O dia está mesmo escurecendo e antigos amantes batem à minha porta.

Era uma voz profunda, doce como mel. A mulher desceu a escada com exagerada lentidão, as unhas compridas riscando o corrimão curvo. Parecia ser de meia-idade: alta, magra, graciosa, com uma cortina de cabelos pretos e compridos caindo sobre metade do rosto.

– Irmã. Temos assuntos urgentes a discutir.

– Ah, temos, é? – O único olho que Jezal podia ver era grande, escuro e com pálpebras pesadas, cercado levemente por um tom rosado de ferida, lacrimoso. Lânguida e preguiçosamente, quase sonolento, ele passou pelo grupo. – Que coisa atroz e cansativa!

– Estou cansado, Cawneil, não preciso dos seus jogos.

– Todos estamos cansados, Bayaz. Todos estamos terrivelmente cansados. – Ela deu um suspiro longo e teatral à medida que finalmente deslizava até o pé da escada e atravessava o piso irregular até eles. – Houve um tempo em que você se dispunha a participar dos meus jogos por dias a fio, pelo que recordo.

– Isso foi há muito tempo. As coisas mudam.

O rosto dela se contorceu com uma raiva súbita e inquietante.

– Quer dizer, as coisas apodrecem! Mas mesmo assim – e sua voz se suavizou de novo até um suspiro profundo – nós, os últimos remanescentes da Grande Ordem dos Magos, deveríamos pelo menos tentar ser civilizados. Venha, meu irmão, meu amigo, meu doce, não há necessidade de pressa indevida. O dia está terminando e há tempo para todos vocês lavarem a sujeira da estrada, descartar esses trapos fétidos e se vestirem para o jantar. Então poderemos conversar enquanto comemos, como fazem as pessoas civilizadas. Raramente tenho convidados.

Ela passou por Logen, olhando-o com admiração de cima a baixo.

– E você me trouxe alguns visitantes rudes.

Ela se demorou examinando Ferro.

– Visitantes exóticos.

Levantou a mão e passou um dedo longo pelo rosto de Jezal.

– Visitantes tão atraentes!

Jezal ficou rígido de vergonha, totalmente sem saber como reagir àquela

liberdade. De perto, o cabelo preto dela era grisalho nas raízes, sem dúvida muito pintado. A pele suave se revelava enrugada e um pouco amarela, sem dúvida com muito pó. O vestido branco estava sujo em volta da bainha, tinha uma mancha perceptível na manga. Ela parecia tão velha quanto Bayaz, ou talvez mais ainda.

Ela espiou o canto onde Quai estava parado e franziu a testa.

– Que tipo de visitante é esse não tenho certeza... mas todos vocês são bem-vindos à Grande Biblioteca Ocidental. Bem-vindos, todos...

Jezal piscou para o espelho, com a navalha pendendo na mão, sem coragem.

Apenas alguns instantes atrás, ele estivera refletindo sobre a jornada – agora que ela finalmente se aproximava do fim – e se parabenizando pelo quanto havia aprendido. Tolerância e compreensão, coragem e sacrifício. Como havia crescido como homem. Quanto havia mudado. Agora os parabéns já não pareciam adequados. O espelho podia ser antigo, seu reflexo nele podia estar opaco e distorcido, mas não poderia haver dúvida de que estava desfigurado.

Os traços harmoniosos tinham desaparecido para sempre. O maxilar perfeito estava desalinhado fortemente para a esquerda, mais pesado de um lado do que do outro, o queixo nobre num ângulo torto. A cicatriz começava no lábio superior como apenas uma linha fraca, mas se partia em duas e penetrava brutalmente no inferior, puxando-o para baixo e dando-lhe uma expressão maliciosa permanente e feia.

Nenhum esforço de sua parte ajudava. Sorrir tornava aquilo pior ainda, expondo os espaços enormes entre os dentes, mais adequados a um lutador de rua do que a um oficial do Próprio do Rei. O único conforto era saber que ele provavelmente morreria na viagem de volta e nenhum dos seus velhos conhecidos jamais o veria tão horrivelmente deformado. Era um consolo muito pequeno, mesmo.

Uma única lágrima pingou na bacia sob seu rosto.

Então ele engoliu em seco, respirou trêmulo e enxugou a face com as costas do antebraço. Firmou o queixo, em sua estranha nova configuração, e segurou a

navalha com força. O dano estava feito e não havia como voltar atrás. Talvez ele fosse um homem mais feio, mas também era um homem melhor, e pelo menos, como diria Logen, ainda estava vivo. Fez um floreio com a navalha e raspou os pelos falhados nas bochechas, na frente das orelhas, na garganta. Deixou como estava no lábio, no queixo e em volta da boca. A barba lhe caía bem, pensou, enquanto secava a navalha. Ou pelo menos servia para tentar esconder a deformidade.

Vestiu as roupas que tinham sido deixadas para ele. Uma camisa que fedia a mofo e calças antigas e absurdamente fora de moda. Quase riu de seu reflexo disforme quando finalmente estava pronto para o jantar. Os despreocupados moradores do Agriont dificilmente o reconheceriam. Ele próprio mal se reconhecia.

O repasto noturno não era o que Jezal poderia esperar à mesa de uma importante figura histórica. Os talheres estavam extremamente azinhavrados; o prato, gasto e trincado; a mesa, inclinada a ponto de Jezal ter a constante impressão de que a comida deslizaria por ela e cairia no chão sujo. Os pratos eram servidos pelo porteiro trôpego, num ritmo não mais rápido do que quando ele abrira o portão, cada prato chegando mais frio e coagulado que o anterior. Primeiro veio uma sopa pegajosa e impressionantemente sem gosto. Na sequência, um pedaço de peixe tão cozido que mal passava de cinzas, depois um naco de carne tão cru que o bicho estava praticamente vivo.

Bayaz e Cawneil comiam num silêncio sepulcral, encarando-se por cima de toda a extensão da mesa de um modo que parecia calculado para deixar os demais desconfortáveis. Quai não fazia mais do que remexer a comida, com os olhos escuros saltando atentamente entre os dois magos idosos. Pé Comprido partia para cada prato com prazer, sorrindo para todos como se estivessem se divertindo. Logen segurava o garfo no punho, franzindo a testa e golpeando de forma desajeitada o prato como se ele fosse um shanka, com as mangas fofas do gibão passando ocasionalmente na comida. Jezal não duvidava de que Ferro poderia usar os talheres com destreza se quisesse, mas em vez disso ela optava por comer com as mãos, olhando agressivamente para qualquer um que a encarasse, como se desafiasse os outros a censurá-la. Estava com as mesmas roupas manchadas de viagem que usara na semana anterior, e Jezal se perguntou por um momento se teriam lhe oferecido um vestido para usar. Quase engasgou

com a comida, só de pensar nisso.

Nem a refeição, nem a companhia, nem o ambiente eram o que Jezal teria escolhido, mas o fato era que eles haviam ficado praticamente sem comida alguns dias antes. Nesse período, tinham comido coisas como um punhado de raízes farinhentas cavadas por Logen na encosta, seis ovos minúsculos roubados por Ferro num ninho alto e algumas frutinhas de azedume indescritível que Pé Comprido arrancara de uma árvore, aparentemente ao acaso. Jezal comeria até o prato, alegremente. Franziu a testa enquanto golpeava a carne cartilaginosa, imaginando se o prato seria de fato uma opção mais saborosa.

– O navio ainda está em condições? – resmungou Bayaz.

Todo mundo levantou os olhos. Eram as primeiras palavras ditas em um bocado de tempo.

Os olhos escuros de Cawneil o espiaram com frieza.

– Quer dizer, o navio em que Juvens e seus irmãos viajaram para Shabulyan?

– Que outro haveria?

– Então, não. Não está em condições. Apodreceu até virar uma palha esverdeada no velho cais. Mas não tema. Outro foi construído e, quando esse também apodreceu, foi construído outro. O último está balançando na maré, amarrado ao litoral, bem coberto de algas e cracas, mas é sempre mantido com tripulação e suprimentos. Não esqueci minha promessa ao nosso mestre. Cumpri bem minhas obrigações.

As sobrancelhas de Bayaz se franziram com raiva.

– Quer dizer que eu não cumpri?

– Não falei isso. Se ouviu uma censura, foi sua culpa que o instigou, não uma acusação minha. Eu não tomo partido, você sabe. Nunca tomei.

– Você fala como se a indolência fosse a maior das virtudes – murmurou o Primeiro dos Magos.

– Às vezes é, se agir significa o mesmo que participar de suas intrigas. Você esquece, Bayaz, que já vi tudo isso, mais de uma vez, e me parece um padrão cansativo. A história se repete. Irmão luta contra irmão. Assim como Juvens lutou contra Glustrod, como Kanedias lutou contra Juvens, Bayaz luta contra Khalul. Homens menores num mundo maior, mas não com menos ódio e não com mais piedade. Será que essa rivalidade sórdida vai terminar ao menos tão bem quanto as outras? Ou será pior?

Bayaz bufou.

– Não vamos fingir que você se importa ou que se arrastaria dez passos do seu sofá, caso se importasse.

– Não me importo. Admito espontaneamente. Nunca fui como você ou Khalul, ou mesmo como Zacharus ou Yulwei. Não tenho ambição interminável nem arrogância sem fim.

– Não mesmo, você, não. – Bayaz sugou enojado o ar entre as gengivas e jogou o garfo no prato com estardalhaço. – Só vaidade interminável e preguiça sem fim.

– Meus vícios e virtudes são pequenos. Ver o mundo refeito segundo meus grandes desígnios pessoais jamais me interessou. Sempre me contentei com o mundo como ele é, portanto sou uma anã em meio a gigantes.

Seus olhos de pálpebras pesadas se voltaram lentamente para os visitantes, um por um.

– No entanto, anões não esmagam ninguém sob seus pés.

Jezal tossiu quando o olhar penetrante dela pousou sobre ele. Desviou toda a sua atenção para a carne borrachuda.

– Longa é a lista dos que você pisoteou em nome de suas ambições, não é, meu amor?

O desprazer de Bayaz começou a pesar em Jezal como uma pedra enorme.

– Não precisa falar por meio de charadas, irmã – rosnou o velho. – Entendo o que quer dizer.

– Ah, eu esqueci. Você é daqueles que falam direto e não admitem nenhum tipo de ardil. Você me disse isso, depois de afirmar que nunca me deixaria e logo antes de me deixar para ir atrás de outra.

– A escolha não foi minha. Está sendo injusta comigo, Cawneil.

– *Eu*, sendo injusta com *você*? – sibilou ela, e agora sua raiva pressionava Jezal com força, do outro lado. – Como, irmão? Você não foi embora? Não encontrou outra? Não roubou do Artífice, primeiro os segredos, depois a filha?

Jezal se remexeu e encolheu os ombros, sentindo-se espremido como uma noz num torno.

– Tolomei, lembra-se dela?

A expressão de Bayaz ficou ainda mais fria.

– Eu cometi meus erros e ainda pago por eles. Não se passa um dia sem que

eu pense nela.

– Que nobreza ultrajante de sua parte! – zombou Cawneil. – Sem dúvida ela desmaiaria de gratidão, se pudesse ouvi-lo agora! Eu também penso naquele dia, de vez em quando. O dia em que o Tempo Antigo acabou. Como nos reunimos diante da Casa do Artífice, sedentos de vingança. Como usamos toda a nossa arte e nossa raiva e não conseguimos sequer arranhar os portões. Como você sussurrou para Tolomei à noite, implorando que o deixasse entrar. – Cawneil apertou as mãos contra o peito. – Que palavras ternas você usou! Palavras que nunca sonhei que existissem em você. Até eu, uma velha cética, fiquei comovida. Como uma pessoa inocente como Tolomei poderia recusar algo a você, fossem os portões do pai ou as pernas que ela estivesse abrindo? E que recompensa ela recebeu, irmão, pelos sacrifícios? Por ajudar você, confiar em você, amar você? A cena deve ter sido bastante dramática! Vocês três, lá no telhado. Uma jovem tola, o pai ciumento e o amante secreto. – Ela bufou dando uma gargalhada amarga. – Essa fórmula nunca foi feliz, mas raramente acabaria tão mal. Tanto o pai quanto a filha. A longa queda até a ponte!

– Kanedias não tinha misericórdia – rosnou Bayaz. – Nem da própria filha. Ele jogou a filha do telhado diante dos meus olhos. Nós lutamos e eu o lancei de lá, em chamas. Assim nosso mestre foi vingado.

– Ah, parabéns! – Cawneil bateu palmas num deleite fingido. – Todo mundo adora um final feliz! Diga mais uma coisa: o que fez você chorar tanto tempo por Tolomei, quando eu nunca o fiz verter uma lágrima? Você decidiu gostar de mulheres puras, é, irmão? – E ela bateu os cílios num gesto irônico, estranhamente inquietante naquele rosto enrugado. – Inocência? A virtude mais fugaz e sem valor. Que eu jamais pude dizer que possuía.

– Talvez então, irmã, essa tenha sido a única coisa que você jamais deu.

– Ah, muito bem, meu antigo amor, que ótimo! O que sempre me agradou, acima de tudo, foi sagacidade. Khalul era o amante mais hábil, claro, mas nunca teve a sua paixão, nem sua ousadia. – Ela cravou malignamente um pedaço de carne com o garfo. – Viajar até a borda do Mundo, na sua idade? Para roubar a coisa que nosso mestre proibiu? Isso é que é coragem.

Bayaz jogou seu desprezo na mesa:

– O que você saberia sobre coragem? Você, que em todos esses anos não amou ninguém além de si mesma? Que nunca arriscou nada, que não deu nada e

não fez nada? Você, que deixou apodrecer todos os dons que nosso mestre lhe concedeu! Mantenha suas histórias na poeira, irmã. Ninguém se importa com elas, e eu menos ainda.

Os dois magos se encararam num silêncio gélido, e a atmosfera ficou pesada com sua fúria. Os pés da cadeira de Nove Dedos guincharam suavemente quando ele a afastou com cuidado da mesa. Ferro estava do outro lado da mesa, o rosto franzido numa expressão de profunda suspeita. Malacus Quai estava com os dentes à mostra, os olhos ferozes fixos em seu mestre. Jezal só conseguia ficar sentado com o fôlego preso, torcendo para que a discussão incompreensível não terminasse com alguém pegando fogo. Principalmente ele.

– Bom – arriscou-se o irmão Pé Comprido –, de minha parte eu gostaria de agradecer à nossa anfitriã por esta refeição excelente...

Os dois velhos magos o encararam simultaneamente com seus olhares implacáveis.

– Agora que estamos perto... de nosso destino... final... é... – E o navegador engoliu em seco e olhou para o prato. – Deixem para lá.

Ferro estava sentada nua, com uma das pernas puxada contra o peito, tirando uma casca de ferida do joelho e franzindo a testa, carrancuda.

Franzia a testa para as paredes altas do quarto, imaginando o enorme peso de pedra antiga à sua volta. Lembrava-se de quando franzia a testa para as paredes de sua cela no palácio de Uthman, de se içar pra conseguir olhar pela janela minúscula, sentindo o sol no rosto e sonhando em ser livre. Lembrava-se da algema que machucava o tornozelo, da corrente comprida e fina, muito mais resistente do que parecia. Lembrava-se de lutar com ela, mastigá-la, forçar o pé até o sangue escorrer da pele arrancada. Odiava paredes. Para ela, sempre haviam sido mandíbulas de uma armadilha.

Franzia a testa para a cama. Odiava camas, sofás e almofadas. Coisas moles deixam a pessoa mole, e Ferro não precisava disso. Lembrava-se de ter se deitado na escuridão, numa cama macia, quando foi escravizada. Quando ainda era criança, pequena e fraca. Deitada no escuro e chorando por estar sozinha.

Ferro escavou selvagemente a casca de ferida e sentiu o sangue escorrer. Odiava aquela criança fraca, idiota, que havia se permitido cair numa armadilha. Desprezava a lembrança dela.

Franzia a testa acima de tudo para Nove Dedos, deitado de costas com os cobertores embolados e amarotados em volta do corpo, a cabeça inclinada para trás e a boca aberta, olhos fechados, a respiração saindo suave pelo nariz, um braço pálido aberto num ângulo que parecia desconfortável. Dormindo feito uma criança. Por que havia trepado com ele? E por que continuava trepando? Nunca deveria tê-lo tocado. Nunca deveria ter falado com ele. Não precisava daquele rosado grande, idiota e feio.

Não precisava de ninguém.

Disse a si mesma que odiava todas essas coisas e que seu ódio jamais perderia a força. Mas, por mais que repuxasse o lábio, franzisse a testa e arrancasse cascas de ferida, era difícil continuar sentindo a mesma coisa. Olhou para a cama: a madeira escura brilhava na claridade das brasas da lareira, as sombras se moviam no lençol amarrotado. Que grande diferença faria para qualquer pessoa se ela se deitasse nela, em vez de no colchão frio e grande do próprio quarto? A cama não era sua inimiga. Por isso se levantou da cadeira, foi andando e se enfiou de novo nela, de costas para Nove Dedos, tendo cuidado para não acordá-lo. Não por causa dele, claro.

Mas não tinha vontade de se explicar.

Remexeu os ombros, movendo-se para trás na direção dele, onde estava mais quente. Ouviu-o grunhir no sono, sentiu-o rolar. Retesou-se e prendeu o fôlego, pronta para pular da cama. O braço dele deslizou sobre seu corpo e ele murmurou alguma coisa em seu ouvido, sons sem sentido, no sono, a respiração quente em seu pescoço.

O corpo grande e quente contra suas costas já não a fazia sentir-se tão presa. O peso da mão pálida pousando gentilmente em suas costelas, o braço pesado em volta dela, isso era quase... bom – o que a fez franzir a testa.

Nada que é bom dura muito.

Por isso, deslizou a mão por cima da dele e sentiu seus dedos, e o cotoco do que faltava, se encaixarem entre os dela. Fingiu que estava em segurança e completa. Que mal fazia? Agarrou-se à mão com força e a apertou contra o peito.

Porque sabia que não seria por muito tempo.

Antes da tempestade

– Bem-vindos, senhores. General Poulder, general Kroy. Bethod recuou até o Torrente Branca e não parece provável que encontre um terreno mais favorável para nos enfrentar. – Burr respirou fundo, olhando todos com expressão séria. – Acho muito provável que haja uma batalha amanhã.

– Que ótimo! – gritou Poulder, batendo na coxa com grande pose.

– Meus homens estão prontos – murmurou Kroy, erguendo o queixo dois centímetros, para ajustar a postura.

Os dois generais e os muitos membros de seus respectivos estados-maiores se entreolharam raivosos através do amplo espaço da tenda de Burr, cada homem tentando superar o de posto equivalente em seu infinito entusiasmo pelo combate. West sentiu uma expressão de desdém surgir em seu rosto ao olhá-los. Dificilmente dois grupos de crianças num pátio de escola se comportariam com menos maturidade.

Burr levantou as sobrancelhas e se virou para os mapas.

– Por sorte nossa, os arquitetos que projetaram a fortaleza de Dunbrec também examinaram o terreno ao redor com algum detalhe. Fomos abençoados com mapas bastante precisos. Além disso, um grupo de nórdicos passou recentemente para o nosso lado, trazendo informações detalhadas sobre as forças de Bethod, sua posição e suas intenções.

– Por que deveríamos acreditar nas palavras de um bando de cães nórdicos que não têm lealdade nem ao próprio rei – zombou o general Kroy?

– Se o príncipe Ladisla tivesse mais disposição para ouvi-los, senhor – entoou West –, ainda poderia estar conosco. Assim como sua divisão.

O general Poulder deu um risinho empolgado e seu estado-maior o acompanhou. Kroy, previsivelmente, achou menos engraçado. Lançou um olhar mortífero de seu lugar na tenda, ao qual West respondeu com uma

inexpressividade gélida.

Burr pigarreou e foi em frente.

– Bethod controla a fortaleza de Dunbrec. – A ponta de sua bengala bateu no hexágono preto. – Ela foi posicionada para cobrir a única estrada importante que sai de Angland, no ponto em que ela passa por um vau do rio Torrente Branca, nossa fronteira com o Norte. A estrada se aproxima da fortaleza pelo oeste, cortando para o leste através de um vale amplo entre dois morros cobertos de árvores. O grosso das forças de Bethod está acampado perto da fortaleza, mas ele pretende montar um ataque, indo para oeste pela estrada, assim que dermos a cara. – E a bengala de Burr acompanhou a linha escura, raspando o papel grosso. – O vale por onde a estrada passa é de capim nu, aberto, com um pouco de tojo e afloramentos rochosos, e vai lhe dar amplo espaço de manobra. – Ele se virou de novo para os oficiais reunidos, a bengala segura com força, e pôs os punhos firmemente na mesa. – Pretendo cair nessa armadilha. Ou pelo menos... parecer que caí. General Kroy?

Kroy finalmente interrompeu o olhar irado para West e respondeu num tom carrancudo:

– Sim, lorde marechal?

– Sua divisão vai se posicionar nos dois lados da estrada e seguir num ritmo constante para leste na direção da fortaleza, encorajando Bethod a iniciar seu ataque. Devagar e sempre, sem heroísmos. Enquanto isso, a divisão do general Poulder terá passado entre as árvores sobre a crista norte, aqui – e sua bengala bateu nos blocos verdes do terreno alto e coberto de árvores –, um pouco adiante da posição do general Kroy.

– Um pouco *adiante* da posição do general Kroy – riu Poulder, como se estivesse recebendo um favor especial.

Kroy torceu o nariz, enojado.

– *Um pouco* adiante, sim – continuou Burr. – Quando as forças de Bethod estiverem totalmente ocupadas no vale, será nossa tarefa atacá-las de cima e acertá-las pelo flanco. É importante que esperem até que os nórdicos estejam totalmente envolvidos, general Poulder, de modo que possamos cercá-los e dominá-los, e esperamos acabar com a maior parte deles num único ataque. Se eles conseguirem recuar para os vaus, a fortaleza vai cobrir a retirada e não poderemos persegui-los. Reconquistar Dunbrec poderia nos exigir meses.

– Claro, lorde marechal – garantiu Poulder. – Minha divisão vai esperar até o último momento, pode contar com isso!

Kroy bufou num tom de zombaria.

– Isso não deve ser difícil. Chegar tarde é especialidade sua, pelo que sei. Não haveria necessidade de batalha se você tivesse interceptado os nórdicos na semana passada, em vez de permitir que eles passassem ao seu redor!

Poulder se eriçou.

– Para você, que estava sentado na ala direita sem fazer nada, é fácil falar! É uma sorte eles não terem passado à noite! Você poderia ter confundido a retirada deles com um ataque e fugido com toda a sua divisão!

– Senhores, por favor! – rugiu Burr, batendo na mesa com a bengala. – Haverá luta suficiente para cada homem no exército, isso eu prometo, e se cada homem fizer sua parte, haverá glória suficiente, também! Devemos trabalhar juntos para esse plano dar frutos!

O lorde marechal arrotou, fez uma careta e lambeu os lábios com azedume, enquanto os dois generais e seus estados-maiores exibiam carrancas uns para os outros. West quase teria rido, se não houvesse vidas de homens em jogo, inclusive a dele.

– General Kroy – disse Burr, no tom de um pai falando com uma criança malcriada. – Gostaria de me certificar de que o senhor compreendeu suas ordens.

– Arrumar minha divisão em linha nos dois lados da estrada – sibilou Kroy – e avançar lentamente e em boa ordem para o leste, descendo o vale na direção de Dunbrec, atraindo Bethod e seus selvagens para uma batalha.

– Certo. General Poulder?

– Mover minha divisão fora das vistas por entre as árvores, *um pouco adiante* dos regimentos do general Kroy, de modo que no último instante possa atacar a escória nórdica e pegá-la pelo flanco.

Burr conseguiu dar um sorriso.

– Correto.

– Plano excelente, lorde marechal, se é que posso dizer! – Poulder repuxou o bigode, animado. – Pode ter certeza de que meus cavalos vão cortá-lo em pedacinhos. Em pedacinhos!

– Infelizmente o senhor não terá cavalaria, general – disse West, num tom uniforme e sem emoção. – A floresta é densa e os cavalos serão inúteis lá. Eles

podem até alertar os nórdicos de sua presença. É um risco que não podemos correr.

– Mas... minha cavalaria – murmurou Poulder, dominado pelo espanto. – Meus melhores regimentos!

– Ela será mantida aqui, senhor – entoou West –, perto do quartel-general do marechal Burr e sob o controle direto dele, como reserva. Será usada se for necessária.

Agora era a fúria de Poulder que ele enfrentava com olhar impassível, enquanto o rosto de Kroy e os de seu estado-maior se abriam em sorrisos largos, caprichados, absolutamente sem júbilo.

– Não creio que... – começou Poulder.

Burr o interrompeu.

– Esta é a minha decisão. Há um último ponto que todos vocês devem ter em mente. Há alguns relatos de que Bethod conseguiu reforços. Alguns homens selvagens, vindos do outro lado das montanhas ao norte. Mantenham os olhos abertos e os flancos bem guardados. Vocês receberão notícias minhas amanhã, quando for hora de nos movermos, provavelmente antes das primeiras luzes. Isso é tudo, senhores.

– Podemos mesmo contar com que eles façam o que foi ordenado? – murmurou West ao observar os dois grupos carrancudos saírem da tenda.

– Que opção temos? – O marechal se jogou numa cadeira com uma careta e pôs as mãos na barriga, franzindo a testa para o grande mapa. – Eu não me preocuparia. Kroy não tem opção além de seguir pelo vale e lutar.

– E Poulder? Eu não o consideraria incapaz de achar alguma desculpa e ficar parado na floresta.

O lorde marechal riu e balançou a cabeça.

– E deixar toda a luta para Kroy? E se ele derrotasse os nórdicos sozinho e ficasse com toda a glória? Não. Poulder jamais se arriscaria a isso. O plano não lhes deixa opção, a não ser trabalhar juntos. – Ele parou, encarando West. – Talvez fosse bom você tratar os dois com um pouquinho mais de respeito.

– O senhor acha que eles merecem?

– Claro que não. Mas se, por exemplo, perdermos amanhã, um deles provavelmente ficará com meu cargo. E aí em que pé você estaria?

West riu.

– Estaria acabado, senhor. Mas ser educado agora não mudaria isso. Eles me odeiam pelo que sou, não pelo que digo. É melhor eu dizer o que quero enquanto posso.

– Acho que sim. Aqueles dois são um imenso incômodo, mas a tolice deles é previsível. É Bethod que me preocupa. Será que ele fará o que imaginamos? – Burr arrotou, engoliu a saliva e arrotou de novo. – maldita indigestão!

Três Árvores e Cachorrão estavam esparramados num banco do lado de fora da tenda, um par estranho no meio dos oficiais e guardas engomados.

– Estou sentindo cheiro de batalha – disse Três Árvores quando West se aproximou.

– E é mesmo. – West apontou para o estado-maior de Kroy, com seus uniformes pretos. – Metade do exército vai seguir pelo vale amanhã de manhã, na tentativa de atrair Bethod para a luta. – Ele apontou para o séquito de Poulder. – A outra metade vai por entre as árvores e espera surpreendê-lo antes que ele possa recuar.

Três Árvores assentiu lentamente.

– Parece um bom plano.

– Bom e simples – disse Cachorrão.

West estremeceu. Não suportava olhar para aquele sujeito.

– Não teríamos nenhum plano se vocês não tivessem trazido essas informações – conseguiu dizer entre os dentes trincados. – Têm certeza que podemos confiar nelas?

– O máximo possível – respondeu Três Árvores.

Cachorrão riu.

– Tremedeira é um sujeito decente. E, pelo reconhecimento que fizemos, acho que é verdade. Sem garantias, claro.

– Claro que não. Vocês merecem um descanso.

– Não vamos recusar.

– Arranjei uma posição para vocês na extrema esquerda da linha, no fim da divisão do general Poulder, no meio das árvores, no terreno elevado. Lá vocês devem ficar razoavelmente fora da ação. É o lugar mais seguro em todo o exército amanhã, eu não duvidaria. Fiquem entrincheirados e preparem uma fogueira e, se as coisas correrem bem, vamos nos falar de novo junto ao cadáver de Bethod – disse West, e estendeu a mão.

Três Árvores deu um sorriso e a apertou.

– Estamos falando a mesma língua, Furioso. Agora cuide-se.

Ele e Cachorrão foram subindo a encosta em direção às árvores.

– Coronel West?

Ele sabia quem era, mesmo antes de se virar. No acampamento não existiam muitas mulheres que teriam algo a lhe dizer. Cathil, de pé na lama misturada com neve, usando um casaco emprestado. Parecia um tanto fugidia, um tanto envergonhada, mas vê-la lhe trouxe um súbito jorro de raiva e de vergonha.

Era injusto, ele sabia. Não tinha direitos sobre ela. Era injusto, mas isso só piorava as coisas. Só conseguia pensar na lateral do rosto de Cachorrão e ela gemendo, uh... uh... uh. Tão horrivelmente surpreendente. Horrivelmente frustrante.

– É melhor você ir com eles – disse West com formalidade gélida, quase nem conseguindo falar. – É o lugar mais seguro.

Ele se virou para sair, mas ela o fez parar.

– Era o senhor, não era, do lado de fora da barraca... na outra noite?

– É, infelizmente era. Fui ver se você precisava de alguma coisa – mentiu ele. – Realmente não fazia ideia... de com quem você estaria.

– Certamente eu nunca pretendi que o senhor...

– Cachorrão? – murmurou ele, o rosto subitamente se franzindo de incompreensão. – Ele? Quero dizer... por quê?

Por que ele e não eu, era o que queria dizer, mas conseguiu evitar.

– Eu sei... sei que o senhor deve estar pensando...

– Não precisa se explicar! – sibilou ele, mas sabia que tinha acabado de pedir que ela explicasse. – Quem se importa com o que eu penso?

West disse isso com muito mais veneno do que pretendera, mas sua perda de controle só o deixou com mais raiva, e ele perdeu mais ainda.

– Não me importa quem você escolhe para foder!

Ela se encolheu e fixou os olhos no chão entre os próprios pés.

– Eu não pretendia... bem... Eu devo um bocado ao senhor, e sei. É só que... o senhor é raivoso demais para mim. Só isso.

West ficou olhando enquanto ela subia o morro atrás dos nórdicos, praticamente incapaz de acreditar nos próprios ouvidos. Ela ficava feliz em ir para a cama com aquele selvagem fedorento, mas *ele* era raivoso demais? Aquilo

era tão injusto que ele quase engasgou com a própria fúria.

Perguntas

O CORONEL GLOKTA entrou em sua sala de jantar apressado, lutando bravamente com a fivela do cinto em que levava a espada.

– Maldição! – fumegou ele. Estava completamente desajeitado. Não conseguia fechar aquela coisa. – Maldição, maldição!

– O senhor precisa de ajuda? – perguntou Shickel, sentada atrás da mesa, com queimaduras pretas nos ombros, cortes abertos, secos como carne no açougue.

– Não, não preciso de ajuda porcaria nenhuma! – berrou ele, jogando o cinto no chão. – O que preciso é que alguém explique que diabos está acontecendo aqui! É uma desgraça! Não admitirei membros do meu regimento sentados nus por aí! Principalmente com ferimentos tão feios! Onde está seu uniforme, garota?

– Achei que o senhor estivesse mais preocupado com o Profeta.

– Dane-se ele! – disse Glokta rispidamente, enfiando-se no banco diante dela. – E Bayaz? O que foi feito do Primeiro dos Magos? Quem é ele? O que ele quer de verdade, aquele velho desgraçado?

Shickel deu um sorriso suave.

– Ah, isso. Achei que todo mundo soubesse. A resposta é...

– Sim...? – murmurou o coronel, com a boca seca, ansioso feito um adolescente. – A resposta é...?

Ela gargalhou e deu um tapa no banco ao lado.

Pou, pou, pou.

– A resposta é...

A resposta é...

Pou, pou, pou. Os olhos de Glokta se abriram bruscamente. Ainda estava meio escuro lá fora. Só uma claridade leve atravessava as cortinas. *Quem vem fazer barulho a essa hora? As boas notícias chegam durante o dia.*

Pou, pou, pou.

– Já vou, já vou! – berrou ele. – Sou aleijado, não surdo! Estou ouvindo!

– Então abra a porcaria da porta!

A voz chegava abafada do corredor, mas o sotaque estiriano não deixava dúvidas. *Aquela vaca da Vitari. Exatamente o que eu necessito no meio da noite.* Glokta se esforçava para conter os gemidos à medida que desemaranhava com cuidado os membros entorpecidos do cobertor suado, girando a cabeça suavemente de um lado para o outro, tentando sem sucesso alongar um pouco o pescoço.

Pou, pou. *Quando terá sido a última vez que uma mulher bateu à porta do meu quarto?* Pegou a bengala encostada no colchão, depois apertou um dos poucos dentes com força contra o lábio, grunhindo baixinho enquanto girava o corpo para fora da cama e deixava uma das pernas cair nas tábuas. Jogou seu peso para a frente, os olhos fechados com força por causa da dor lancinante nas costas, e por fim conseguiu sentar-se, ofegando como se tivesse corrido quilômetros. *Tenham medo de mim, todos devem ter medo de mim! Isto é, se ao menos eu conseguir sair da cama.*

Pou.

– Estou indo, maldição!

Ele firmou a bengala no piso e se balançou, levantando-se. *Cuidado, cuidado.* Os músculos na perna esquerda mutilada tremiam violentamente, fazendo o pé sem dedos estremecer e se sacudir como um peixe agonizante. *Membro hediondo destraçado! Pareceria de outra pessoa, se não doesse tanto. Mas calma, calma, precisamos ir devagar.*

– Shh – fez ele, como um pai tentando acalmar uma criança que chora, instigando baixinho a carne arruinada e tentando respirar lentamente. – Shh.

As convulsões se acalmaram aos poucos até virarem um tremor mais administrável. *Mais ou menos o melhor que posso esperar, eu acho.* Conseguiu baixar a camisola e arrastar os pés até a porta, virar a chave com raiva na fechadura e abri-la. Vitari estava no corredor, encostada na parede, uma silhueta mais escura nas sombras.

– Você – grunhiu ele, saltitando com dificuldade até a cadeira. – Você simplesmente não consegue ficar longe, não é? Qual é o seu fascínio pelo meu quarto?

Ela passou pela porta, espiando o cômodo miserável com escárnio.

– Talvez eu só goste de ver você sentindo dor.

Glokta resfolegou, esfregando com cuidado o joelho que ardia.

– Então deve estar molhadinha agora.

– Surpreendentemente, não. Você está a cara da morte.

– Quando é que não estou? Veio zombar da minha aparência ou temos algum negócio a tratar?

Vitari cruzou seus braços compridos e se encostou na parede.

– Precisa se vestir.

– Mais desculpas para me ver nu?

– Sult quer falar com você.

– Agora?

Ela revirou os olhos.

– Ah, não, podemos demorar. Você sabe como ele é.



– Aonde vamos?

– Vai ver quando chegarmos.

E ela acelerou o passo, fazendo-o ofegar e se encolher de dor, fungando pelas escuras passagens em arco, seguindo pelos becos sombreados e os pátios cinzentos do Agriont, descoloridos à luz fraca da madrugada.

As botas pesadas dele faziam barulho no cascalho do parque. A grama estava pesada com o orvalho frio, o ar denso com a névoa opaca. Árvores espreitavam, garras pretas e sem folhas na penumbra, depois vinha um muro altíssimo e inclinado. Vitari o levou até um portão alto flanqueado por dois guardas. As pesadas armaduras eram trabalhadas em ouro, as alabardas grandes eram cravejadas de ouro, o sol dourado da União era bordado nas túnicas. *Cavaleiros do Grupo. A guarda pessoal do rei.*

– O palácio? – murmurou Glokta.

– Não, a favela, gênio.

– Alto! – Um dos cavaleiros levantou a mão com luva de ferro, a voz ecoando ligeiramente na grade do elmo. – Declarem seus nomes e o que vieram fazer.

– Superior Glokta. – Ele mancou até a parede e se encostou nas pedras úmidas, pressionando a língua contra as gengivas vazias por causa da dor na perna. – Quanto ao que viemos fazer, pergunte a ela. A ideia não foi minha. Isso posso garantir.

– Prática Vitari. E o arquileitor está nos esperando. Você já sabe disso, idiota, eu falei quando saí.

Se fosse possível um homem com armadura completa parecer magoado, aquele pareceu.

– É uma questão de protocolo eu perguntar a todos...

– Só abra! – rosnou Glokta, apertando o punho contra a coxa trêmula. – Enquanto eu ainda consigo andar sozinho!

O homem bateu com raiva no portão e uma porta pequena se abriu ao lado. Vitari passou e Glokta foi mancando atrás, por um caminho de pedras cuidadosamente cortadas através de um jardim sombreado. Gotas de água se grudavam nos galhos cheios de brotos, pingavam das estátuas altas. O grasnido de um corvo em algum lugar fora das vistas pareceu ridiculamente alto no silêncio da madrugada. O palácio se erguia à frente deles, uma confusão de telhados, torres, esculturas, trabalhos em pedra delineados contra a primeira claridade pálida da manhã.

– O que estamos fazendo aqui? – sibilou Glokta.

– Você vai descobrir.

Ele subiu mancando um degrau entre colunas altíssimas e mais dois cavaleiros do Grupo, imóveis e silenciosos a ponto de parecerem armaduras vazias. Sua bengala estalava no chão de mármore polido no corredor cheio de ecos, semi-iluminado por velas tremeluzentes, com as paredes altas totalmente cobertas por frisos na penumbra. Cenas de vitórias e feitos esquecidos, rei após rei apontando, brandindo armas, lendo proclamações, parado com o peito estufado de orgulho. Ele lutou para subir um lance de escada, vendo tetos e paredes esculpidos num padrão de flores douradas que faiscavam e brilhavam à luz das velas. Vitari o esperava impaciente no topo. *O fato de terem valor*

inestimável não torna esses degraus mais fáceis de subir, maldição.

– Ali adiante – murmurou ela.

Um grupo de aparência preocupada estava reunido em volta de uma porta, a vinte passos de distância. Um cavaleiro do Grupo estava sentado, com as costas curvas, numa cadeira, o elmo no chão ao lado, a cabeça nas mãos, os dedos enfiados nos cabelos encaracolados. Três outros homens estavam de pé, encolhidos e juntos, com seus sussurros ansiosos ricocheteando nas paredes e ecoando no corredor.

– Você não vem?

Vitari balançou a cabeça.

– Ele não me pediu.

Os três homens observaram Glokta mancar na sua direção. *E que grupo para ser encontrado murmurando num corredor do palácio antes do dia nascer!* O lorde camarista Hoff usava um roupão jogado às pressas sobre o corpo, o rosto rechonchudo com uma expressão de espanto, como se ele houvesse tido um pesadelo. O lorde marechal Varuz estava com um dos lados do colarinho da camisa amarrotada empinado e o outro virado para baixo, o cabelo grisalho espetado em todos os ângulos. As bochechas do juiz supremo Marovia estavam encovadas, os olhos com bordas vermelhas, e havia um ligeiro tremor em sua mão pálida quando ele se levantou apontando para a porta.

– Ali dentro – sussurrou ele. – Uma coisa terrível. Terrível. O que vamos fazer?

Glokta franziu a testa, passou pelo guarda que soluçava e cruzou mancando o limiar da porta.

Era um quarto. *E magnífico. Isto é um palácio, afinal de contas.* As paredes eram forradas de seda vívida, cheias de telas escuras em antigas molduras douradas. Uma lareira enorme fora esculpida em pedra marrom e vermelha para parecer uma miniatura de templo kanticense. A cama era uma monstruosa criação de dossel cujas cortinas provavelmente cobriam uma área maior do que o quarto de Glokta. As cobertas estavam puxadas para trás e amarrotadas, mas não havia sinal de quem as ocupara. Uma janela alta estava escancarada e a brisa gélida vinha do mundo cinza lá fora, fazendo as chamas das velas e oscilarem.

O arquileitor Sult estava parado perto do centro do quarto, franzindo a testa, pensativo, para o chão do outro lado da cama. Se Glokta esperava que ele

estivesse em desalinho, como os três colegas do lado de fora da porta, ficou desapontado. O manto branco era impecável, o cabelo branco fora bem escovado, as mãos com luvas brancas estavam cruzadas cuidadosamente diante do corpo.

– Eminência... – foi dizendo Glokta à medida que se aproximava arrastando os pés. Então notou algo no chão. Um líquido escuro, brilhando à luz das velas. *Sangue. Que coisa pouco surpreendente!*

Mancou um pouco mais. O cadáver estava caído de costas do lado oposto da cama. O sangue estava espirrado nos lençóis brancos, manchava as tábuas do piso e escorria até a parede atrás, encharcando a bainha da cortina opulenta junto à janela. A camisola em farrapos estava ensopada. Uma das mãos estava fechada, a outra fora rasgada, dilacerada, logo abaixo do polegar. Havia um ferimento enorme num braço, onde faltava um naco de carne. *Como se tivesse sido mordido.* Uma perna estava quebrada e dobrada para trás, com um pedaço de osso projetando-se da carne rasgada. A garganta fora tão mutilada que a cabeça mal se prendia, mas não havia como não reconhecer o rosto, que parecia rir para o belo trabalho de estuque do teto, com os dentes à mostra e os olhos arregalados.

– O príncipe herdeiro Raynault foi assassinado – murmurou Glokta.

O arquileitor levantou as mãos enluvadas lentamente, sem fazer muito barulho, bateu com duas pontas dos dedos contra a palma da mão, aplaudindo.

– Ah, muito bem. Foi por causa desse seu brilhantismo que mandei chamá-lo. É, o príncipe Raynault foi assassinado. Uma tragédia. Um ultraje. Um crime terrível que golpeia o próprio coração de nossa nação e cada membro de seu povo. Mas isso nem de longe é o pior. – O arquileitor respirou fundo. – O rei não tem irmãos, Glokta, entende? Agora ele não tem herdeiros. Quando o rei morrer, de onde você supõe que virá nosso próximo ilustre governante?

Glokta engoliu em seco. *Compreendo. Que gigantesca inconveniência!*

– Do Conselho Aberto.

– Uma eleição – zombou Sult. – O Conselho Aberto votando para escolher nosso próximo rei. Algumas centenas de imbecis egoístas em quem não se pode confiar para escolher o próprio almoço sem ajuda.

Glokta engoliu em seco. *Eu quase ficaria feliz com o desconforto de Sua Eminência, se meu pescoço não estivesse no bloco do carrasco, ao lado do dele.*

– Nós não somos populares no Conselho Aberto.

– Somos detestados por eles. Poucas pessoas são mais execradas. Nossas ações contra os mercadores de tecidos, os de especiarias, contra o lorde governador Vurms e mais ainda. Nenhum nobre confia em nós.

Então se o rei morrer...

– Como está a saúde do rei?

– Não. Está. Boa. – Sult franziu a testa e encarou os restos sangrentos do herdeiro do trono. – Todo o nosso trabalho pode ser desfeito com esse único golpe. A não ser que possamos fazer amigos no Conselho Aberto, Glokta, enquanto o rei ainda viver. A não ser que possamos distribuir favores suficientes para escolher o sucessor, ou pelo menos influenciar a escolha. – Ele encarou Glokta, os olhos azuis brilhando à luz das velas. – Os membros do Conselho precisam ser comprados, chantageados, instigados e ameaçados. E pode ter certeza de que aqueles três velhos desgraçados lá fora estão pensando a mesma coisa. Como vou permanecer no poder? Com que candidato devo me alinhar? Que votos posso controlar? Quando anunciarmos o assassinato, devemos garantir ao Conselho Aberto que o assassino já está nas nossas mãos. Então precisamos fazer justiça rápida, brutal e altamente visível. Se a eleição não for favorável a nós, quem sabe como vamos terminar? Com Brock no trono, ou Isher, ou Heugen? – Sult tremeu de horror. – Estaremos sem emprego, na melhor das hipóteses. Na pior...

Vários corpos encontrados flutuando no cais...

– É por isso que preciso que você encontre o assassino do príncipe. Agora.

Glokta olhou para o corpo. *Ou o que resta dele.* Cutucou o ferimento no braço de Raynault com a ponta da bengala. *Vimos ferimentos como esse antes, naquele cadáver no parque, há meses. Um comedor fez isso, ou pelo menos querem que pensemos assim.* A janela bateu levemente na moldura, levada por um súbito vento frio. *Um comedor que subiu pela janela? Não é do feitio de um dos agentes do Profeta deixar essas pistas. Por que não fazê-lo desaparecer simplesmente, como Davoust? Devemos supor que houve uma súbita perda de apetite?*

– O senhor falou com o guarda?

Sult balançou a mão, sem dar importância.

– Ele diz que ficou a noite inteira do lado de fora da porta, como sempre.

Ouviu um barulho, entrou no quarto e encontrou o príncipe como você está vendo, ainda sangrando, e a janela aberta. Mandou chamar Hoff imediatamente. Hoff mandou me chamar, e eu chamei você.

– Mesmo assim, o guarda deveria ser interrogado adequadamente...

Glokta olhou para a mão fechada de Raynault. Havia algo nela. Curvou-se com um esforço, a bengala balançando sob seu peso, e pegou a coisa com dois dedos. *Interessante.* Um pedaço de pano. Pano branco, parecia, ainda que agora estivesse quase totalmente manchado de vermelho-escuro. Alisou-o e o levantou. O fio dourado brilhou levemente à luz fraca da vela. *Já vi um pano assim antes.*

– O que é isso? – perguntou Sult rispidamente. – Achou alguma coisa?

Glokta ficou em silêncio. *Talvez, mas foi muito fácil. Quase fácil demais.*

Glokta assentiu para Frost, o albino estendeu a mão e tirou o saco que cobria a cabeça do enviado do imperador. Tulkis piscou sob a luz cruel, respirou fundo e franziu os olhos para o cômodo ao redor. Era uma caixa branca e suja, iluminada demais. Viu Frost, alto, junto ao seu ombro. Viu Glokta, sentado do lado oposto. Viu as cadeiras em mau estado, a mesa manchada e a caixa polida sobre ela. Não pareceu notar o pequeno buraco escuro no canto do lado oposto, atrás da cabeça de Glokta. Não era mesmo para notar. Era por onde o arquileitor assistia aos procedimentos. *Através do qual ele ouve cada palavra dita.*

Glokta observou o enviado atentamente. *É nesses momentos que o homem costuma revelar a culpa. Quais serão suas primeiras palavras? Um inocente perguntaria de que crime está sendo acusado...*

– De que crime estou sendo acusado? – perguntou Tulkis.

Glokta sentiu a pálpebra estremecer. *Claro, um culpado inteligente poderia facilmente fazer a mesma pergunta.*

– Do assassinato do príncipe herdeiro Raynault.

O enviado piscou e afundou na cadeira.

– Meus pêsames mais profundos à família real e a todo o povo da União neste dia de tristeza. Mas isto é necessário? – Ele indicou com a cabeça os metros de correntes pesadas em volta de seu corpo nu.

– É. Se você for o que suspeitamos que seja.

– Sei. Posso perguntar se fará alguma diferença o fato de eu ser inocente de qualquer feito ligado a esse crime hediondo?

Duvido que faça. Mesmo que seja. Glokta jogou o fragmento manchado de pano branco sobre a mesa.

– Isso foi encontrado na mão do príncipe.

Tulkis franziu a testa para o pano, perplexo. *Como se nunca o tivesse visto.*

– Combina exatamente com um rasgo numa roupa que encontrei em seus aposentos. Uma roupa que, além disso, está bastante manchada de sangue.

Tulkis encarou Glokta, os olhos arregalados.

Como se não fizesse ideia de como ela foi parar lá.

– Como você explicaria isso?

O enviado se inclinou para a frente na mesa, o máximo que pôde com as mãos acorrentadas atrás do corpo, e falou depressa e baixo:

– Por favor, ouça, superior. Se os agentes do Profeta descobriram minha missão, e eles descobrem tudo cedo ou tarde, nada os impedirá de fazê-la fracassar. O senhor sabe do que eles são capazes. Se vocês me castigarem por esse crime, será um insulto ao imperador. Vocês estarão dando um tapa na mão que lhes foi estendida em amizade, um tapa no rosto dele. Ele jurará vingança e, quando Uthman-ul-Dosht jura... minha vida não significa nada, mas minha missão não pode fracassar. As consequências... para nossas duas nações... Por favor, superior, eu imploro... sei que o senhor é um homem de mente aberta...

– Uma mente aberta é como uma ferida aberta – rosnou Glokta. – É vulnerável ao veneno. Pode infeccionar. Só pode causar dor ao dono.

Ele assentiu para Frost. O albino pôs o papel da confissão com cuidado no tampo da mesa e o empurrou para Tulkis com as pontas brancas dos dedos. Posicionou o tinteiro ao lado e abriu a tampa de latão. Colocou a pena junto. *Tudo bem arrumado e perfeito, como desejaria um instrutor militar.*

– Esta é a sua confissão. – Glokta balançou a mão, indicando o papel. – Para o caso de estar se perguntando.

– Não sou culpado – murmurou Tulkis, a voz mal passando de um sussurro.

Glokta franziu o rosto com irritação.

– Já foi torturado?

– Não.

– Já viu uma tortura acontecer?

O enviado engoliu em seco.

– Já.

– Então tem alguma ideia do que esperar.

Frost levantou a tampa da caixa de Glokta. Como uma borboleta enorme e espetacular desdobrando as asas pela primeira vez, as bandejas dentro da caixa subiram e se abriram em leque, expondo os instrumentos de Glokta em toda a sua reluzente, hipnótica e horrível beleza.

Ele viu os olhos de Tulkis se encherem de medo e fascínio.

– Sou o melhor que existe nisso. – Glokta deu um suspiro longo e cruzou as mãos à frente do corpo. – Não é uma questão de orgulho. É apenas fato. Você não estaria comigo agora se não fosse verdade. Digo para que não tenha dúvida. Para que possa responder à próxima pergunta sem ilusões. Olhe para mim.

Ele esperou que os olhos escuros de Tulkis o encarassem.

– Vai confessar?

Houve uma pausa.

– Sou inocente – sussurrou o embaixador.

– Não foi essa a pergunta. Vou repetir. Você vai confessar?

– Não posso.

Os dois se entreolharam por longo tempo e Glokta não teve dúvida. *Ele é inocente. Se podia pular por cima do muro do palácio e entrar pela janela do príncipe sem ser notado, certamente poderia sair do Agriont e estar longe antes que percebêssemos, não? Por que ficar e dormir, deixando a roupa ensanguentada num cabide no armário, esperando que descobríssemos? Uma trilha de pistas tão escancarada que um cego seria capaz de seguir. Estamos sendo enganados, e não de modo muito sutil. Castigar o homem errado é uma coisa. Mas deixar que me façam de idiota é outra.*

– Um momento – murmurou Glokta.

Em seguida lutou para se levantar da cadeira e saiu pela porta. Fechou-a com cuidado, foi mancando pelos degraus até a próxima sala e entrou.

– Que diabos você está aprontando lá? – rosnou o arquileitor.

Glokta manteve a cabeça baixa numa posição de profundo respeito.

– Estou tentando estabelecer a verdade, Eminência...

– Está tentando estabelecer *o quê*? O Conselho Fechado espera uma

confissão, e você está falando *de quê*?

Glokta encarou o rosto irado do arquileitor.

– E se ele não estiver mentindo? E se o imperador desejar mesmo a paz? E se ele for inocente?

Sult o encarou também, os olhos azuis e frios arregalados de incredulidade.

– Foram os dentes que você perdeu em Gurkhul ou foi a porra da cabeça? Quem liga a mínima para a inocência? O que nos interessa agora é o que deve ser feito! O que interessa é o que é necessário! O que interessa agora é a tinta no papel, seu... seu... – Ele fechava e abria os punhos, quase espumando de tanta raiva –… seu farrapo aleijado! Faça-o assinar, então poderemos acabar com isso e começar a lamber os rabos do Conselho Aberto!

Glokta baixou a cabeça mais ainda.

– Claro, Eminência.

– E sua obsessão irracional pela *verdade* vai me causar mais algum problema esta noite? Eu preferiria usar uma agulha a uma pá, mas de um modo ou de outro vou arrancar uma confissão desse desgraçado! Preciso chamar Goyle?

– Claro que não, Eminência.

– Então entre lá, seu desgraçado, e faça... o sujeito... assinar!

Glokta saiu de sua sala arrastando os pés, resmungando, esticando o pescoço para os lados, esfregando as palmas das mãos doloridas, girando os ombros e ouvindo as juntas estalarem. *Um interrogatório difícil.* Severard estava sentado de pernas cruzadas no piso do lado oposto, e cabeça encostada na parede suja.

– Ele assinou?

– Claro.

– Que beleza. Mais um mistério resolvido, hein, chefe?

– Duvido. Ele não é um comedor. Pelo menos não como Shickel. Ele sente dor, acredite.

Severard deu de ombros.

– Ela disse que os talentos de cada um deles eram diferentes.

– Disse. Disse. – *Mas mesmo assim.* Glokta enxugou o olho que escorria.

Alguém assassinou o príncipe. Alguém sairia ganhando com a morte dele. Gostaria de saber quem foi, mesmo que mais ninguém se importe. – Há algumas perguntas que ainda preciso fazer. O guarda que estava junto ao quarto do príncipe ontem à noite. Quero falar com ele.

O prático levantou as sobrancelhas.

– Por quê? Temos o papel, não temos?

– Só o traga.

Severard descruzou as pernas e se pôs de pé.

– Certo, então. O senhor é quem manda. – Ele se afastou da parede suja e foi, bamboleante, pelo corredor. – Saindo um cavaleiro do Grupo, para já.

Sustentando a linha

– O SENHOR dormiu? – perguntou Pike, coçando o lado menos queimado do rosto.

– Não. E você?

O prisioneiro feito sargento balançou a cabeça, negando.

– Não durmo há dias – comentou Jalenhorm, pensativo. Protegeu os olhos com uma das mãos e tentou enxergar na direção do morro ao norte, uma silhueta irregular de árvores sob o céu cinza-escuro. – A divisão de Poulder já partiu pela floresta?

– Antes das primeiras luzes – confirmou West. – Logo devemos ser avisados que ele se posicionou. E agora parece que Kroy está pronto para ir. Pelo menos a pontualidade dele é digna de respeito.

No vale abaixo do posto de comando de Burr, a divisão do general Kroy entrava em formação de batalha. Três regimentos de infantaria do Próprio do Rei ficavam ao centro, com tropas temporárias no terreno mais alto dos dois lados e a cavalaria logo atrás. Era um espetáculo totalmente diferente da arrumação do exército improvisado de Ladisla. Os batalhões fluíam facilmente em colunas compactas e organizadas: pisoteando a lama, o capim alto, os trechos de neve nas partes mais baixas. Pararam nas posições designadas e começaram a se espalhar pelas laterais em linhas cuidadosamente desenhadas, uma rede de homens sendo estendida através do vale. O ar gélido ecoava com as pisadas distantes, as batidas dos tambores, os gritos tensos dos comandantes. Tudo limpo, nítido e de acordo com os procedimentos.

O lorde marechal Burr empurrou para o lado a porta de sua tenda e saiu ao ar livre, respondendo com acenos rápidos às saudações dos vários guardas e oficiais espalhados à frente.

– Coronel – rosnou ele, franzindo a testa para o céu. – Ainda seco, hein?

O sol era uma mancha pálida no horizonte, num céu branco denso, com riscas de cinza pesado e manchas mais escuras pairando na crista norte.

– Por enquanto, senhor – respondeu West.

– Ainda não temos notícias do Poulder?

– Não, senhor. Mas pode ser difícil movimentar-se, a mata impõe limitações. – Não tantas quanto Poulder já tem, pensou West, mas essa não parecia a coisa mais profissional a dizer.

– Você já comeu?

– Sim, senhor, obrigado.

West não comia desde a noite anterior e, mesmo assim, não tinha sido muito. Ficava nauseado só de pensar em comida.

– Bom, pelo menos um de nós comeu. – Burr pôs a mão no estômago, mal-humorado. – Indigestão maldita, não consigo tocar em nada. – Ele se encolheu e soltou um arroto longo. – Desculpe. E lá vão eles.

O general Kroy finalmente devia ter se declarado satisfeito com o posicionamento preciso de cada homem de sua divisão, uma vez que os soldados no vale tinham começado a avançar. Uma brisa gélida soprou, agitando os estandartes do regimento, as bandeiras dos batalhões e as flâmulas das companhias. O sol fraco brilhava em lâminas afiadas e em armaduras polidas, se refletia em tranças de ouro e madeira polida, reluzia em fivelas e arreios. Tudo isso avançava junto, com precisão, a demonstração de poder militar mais orgulhosa que já poderia ter sido vista. Para além deles, a leste no vale, uma grande torre preta se erguia atrás das árvores. A torre mais próxima da fortaleza de Dunbrec.

– Um exibição e tanto – murmurou Burr. – Quinze mil soldados, talvez, no total, e um número quase equivalente no topo do morro. – Ele assentiu em direção à reserva: dois regimentos de cavalaria apeados e inquietos abaixo do posto de comando. – Mais dois mil ali, aguardando ordens.

Olhou de novo para o vasto acampamento: uma cidade de lona, carroças, caixas empilhadas e barris, espalhada pelo vale coberto de neve, com silhuetas negras em movimento.

– E isso sem contar todos os milhares que estão lá: cozinheiros e cavalariços, ferreiros e cocheiros, serviçais e oficiais médicos. – Ele balançou a cabeça. – Uma responsabilidade e tanto, hein? Você não iria querer ser o idiota que tivesse

de cuidar de tudo isso.

West deu um leve sorriso.

– Não, senhor.

– Parece que... – murmurou Jalenhorm, abrigando os olhos e forçando a vista para o vale, ao sol. – Aqueles são...?

– Luneta! – solicitou Burr rispidamente, e um oficial ali perto ofereceu uma, com um floreio. O marechal a abriu. – Ora, ora. Quem são esses aí?

Pergunta retórica, sem dúvida. Não poderia ser mais ninguém.

– Os nórdicos de Bethod – disse Jalenhorm, sempre disposto a declarar o óbvio.

Através da abertura redonda de sua luneta, West os viu correr pelo terreno aberto. Jorraram das árvores na outra extremidade do vale, perto do rio, espalhando-se como a mancha escura que escorresse de um pulso cortado. Massas de um cinza e marrom sujo se formaram nas laterais. Eram servos, com armas leves. No centro, fileiras mais bem organizadas tomaram forma, brilho de metal fosco, cotas de malha e lâminas. Os Carls de Bethod.

– Nenhum sinal de cavalo.

Isso deixou West ainda mais nervoso. Ele já tivera um encontro quase fatal com a cavalaria de Bethod e não desejava outro contato com eles.

– Parece bom ver finalmente o inimigo – disse Burr, verbalizando exatamente o oposto dos sentimentos de West. – Eles se movem com bastante habilidade, isso é certo. – Sua boca se curvou num raro sorriso. – Mas estão se movendo exatamente para onde queremos. A armadilha está posta e pronta para ser acionada, hein, capitão?

O lorde marechal entregou a luneta a Jalenhorm, que olhou através dela e sorriu também.

– Bem onde queremos – ecoou ele.

West estava muito menos confiante. Podia se lembrar com clareza da tênue linha de nórdicos na crista do morro, exatamente onde Ladisla havia pensado que os queria.

Os homens de Kroy tinham parado e as unidades arrastaram os pés, ficando de novo em posição perfeita, calmas como se estivessem numa enorme revista de tropas: linhas de quatro fileiras, companhias de reserva logo atrás, uma estreita fileira de besteiros na frente. West pôde ouvir de longe as ordens gritadas

para disparar, viu a primeira saraivada voar da linha de Kroy, chover no meio do inimigo. Sentiu as unhas se cravarem dolorosamente na palma da mão enquanto observava, os punhos cerrados com força, desejando que os nórdicos morressem. Em vez disso, eles lançaram de volta uma saraivada bem organizada e então começaram a avançar.

O grito de batalha chegou aos oficiais do lado de fora da tenda, aquele berro fantasmagórico que ia longe no ar frio. West mordeu o lábio, lembrando-se da última vez que tinha ouvido aquilo ecoar na névoa. Era difícil imaginar que haviam se passado apenas algumas semanas. De novo sentia um contentamento culpado por estar longe do combate, mas um tremor nas costas o lembrou de que isso havia adiantado pouco na primeira ocasião.

– Com os demônios! – disse Jalenhorm.

Ninguém mais falou. West ficou imóvel, os dentes trincados, o coração martelando, tentando desesperadamente manter a luneta firme enquanto os nórdicos atacavam a toda a velocidade pelo vale. As bestas de Kroy lançaram mais uma saraivada, depois recuaram pelas aberturas cuidadosamente preparadas nas fileiras cuidadosamente organizadas, formando-se de novo atrás das linhas. Lanças foram abaixadas, escudos foram erguidos e, praticamente em silêncio, pelo menos parecia, a linha da União se preparou para enfrentar os nórdicos que uivavam.

– Contato – rosnou o lorde marechal Burr.

As fileiras da União pareceram oscilar e balançar um pouco, a luz fraca do sol parecia relampejar mais rapidamente na massa de homens e um vago som de chocalho pairava no ar. Nenhuma palavra foi dita no posto de comando. Cada homem forçava a vista através de sua luneta ou olhava para o sol, esforçando-se para enxergar o que acontecia no vale, quase não ousando respirar.

Depois do que pareceu um tempo horrivelmente longo, Burr baixou sua luneta.

– Bom. Eles estão aguentando. Parece que seus nórdicos estavam certos, West, estamos em vantagem numérica, mesmo sem Poulder. Quando ele chegar, deverá ser uma deband...

– Ali em cima – murmurou West –, na crista sul.

Algo brilhou na linha das árvores, e de novo. Metal.

– Cavalaria, senhor, aposto minha vida nisso. Parece que Bethod teve a

mesma ideia que nós, mas vindo pelo outro lado.

– Desgraça! – sibilou Burr. – Mande avisar ao general Kroy que o inimigo tem cavalos na crista sul! Diga para repelir aquele flanco e se preparar para ser atacado pela direita!

Um dos oficiais saltou agilmente na sela e galopou na direção do quartel-general de Kroy, fazendo lama voar dos cascos do cavalo.

– Mais truques, e esse pode não ser o último – disse Burr ao fechar a luneta e batê-la na palma da mão. – Isso não pode dar errado, coronel West. Nada pode ficar no nosso caminho. Nem a arrogância de Poulder, nem o orgulho de Kroy, nem a esperteza do inimigo, nada. Precisamos da vitória hoje. Isso *não pode* dar errado!

– Não, senhor.

Mas West não tinha a menor ideia do que fazer a respeito.

Os soldados da União estavam tentando permanecer em silêncio, o que significava que faziam tanto estardalhaço quanto um rebanho grande de ovelhas sendo empurrado para dentro do curral, para a tosa. Gemidos e grunhidos, pés chapinhando no chão molhado, armaduras chacoalhando, armas batendo nos galhos baixos. Cachorrão balançou a cabeça, observando tudo.

– Por sorte não tem ninguém aqui, ou teriam nos ouvido há muito tempo – sibilou Barca Negra. – Esses idiotas não conseguiriam chegar perto de um cadáver sem serem ouvidos.

– Você também não precisa fazer barulho – sibilou Três Árvores, adiante, depois chamou todos para avançar.

Era uma sensação estranha, marchar de novo com um número tão grande de homens. Havia duas vintenas dos Carls de Tremedeira com eles, e era uma mistura e tanto. Homens altos e baixos, novos e velhos, com todo tipo de armas e armaduras, mas todos experientes, pelo que Cachorrão podia ver.

– Alto!

Os soldados da União chacoalharam e resmungaram ao parar. Começaram a se organizar numa linha, espalhados no ponto mais alto da encosta. Uma linha

comprida, admitiu Cachorrão, a julgar pelo número de homens que tinha visto entrar na floresta, e eles estavam bem na extremidade. Espiou as árvores vazias à esquerda e franziu a testa. O fim da linha era um lugar solitário.

– Mas é o mais seguro – murmurou para si mesmo.

– O quê? – perguntou Cathil, sentando-se num grande tronco caído.

– Aqui é seguro – disse ele na língua da União, conseguindo rir.

Ainda não fazia a menor ideia de como se comportar perto dela. Havia uma distância infernal entre os dois à luz do dia, uma distância feita de origem, idade e idioma, que ele não sabia se um dia poderia ser transposta. Era estranho como a distância se reduzia a nada à noite. Eles se entendiam bastante bem no escuro. Talvez resolvessem isso com o tempo, ou talvez não, e tudo bem. Mesmo assim, ele se sentia bem por ela estar ali. Cathil o fazia sentir-se um ser humano de verdade outra vez, não apenas um animal que se esgueirava no mato, tentando abrir caminho de uma confusão para outra.

Viu um oficial da União se separar de seus homens e ir na direção deles, aproximar-se de Três Árvores, com uma espécie de vara polida enfiada embaixo do braço.

– O general Poulder pede que vocês permaneçam aqui, na ala esquerda, para garantir o flanco extremo. – Ele falava devagar e muito alto, como se isso o fizesse ser entendido, caso eles não falassem sua língua.

– Certo – respondeu Três Árvores.

– A divisão vai se formar ao longo do terreno elevado à sua direita! – E ele balançou a vara na direção das árvores onde seus homens se preparavam devagar e ruidosamente. – Vamos esperar até que as forças de Bethod estejam em luta com a divisão do general Kroy, depois atacaremos e vamos expulsá-las do campo.

Três Árvores assentiu.

– Precisam de nossa ajuda com alguma dessas coisas?

– Francamente, duvido, mas mandaremos notícia se a situação mudar.

E ele foi emproado juntar-se aos seus homens. A alguns passos dali, escorregou e quase caindo de bunda na lama.

– Ele está confiante – disse Cachorrão.

– Um pouco demais, se você quer saber, mas se isso significa que eles vão nos deixar de fora, acho que posso aceitar. Certo, então! – gritou ele, virando-se

para seus Carls. – Peguem aquele tronco e arrastem aqui para a beirada!

– Por quê? – perguntou um de ar carrancudo que estava sentado e esfregava o joelho.

– Para você ter algum lugar para se esconder caso Bethod apareça – rosnou Barca Negra. – Ande logo, idiota!

Os Carls largaram as armas e começaram a trabalhar, mas resmungando. Parecia que terem se juntado ao lendário Rudd Três Árvores era menos divertido do que esperavam. Cachorrão teve de rir. Eles deveriam saber. Os líderes não se tornam lendários dando serviço fácil. O próprio Rudd estava de pé, franzindo a testa para as árvores, quando Cachorrão chegou ao lado dele.

– Preocupado, chefe?

– Este é um bom lugar para esconder alguns homens. Um bom lugar para esperar até que a batalha esteja acontecendo e depois descer atacando.

– É mesmo – riu Cachorrão. – É por isso que estamos aqui.

– E daí? Bethod não terá pensado a mesma coisa?

O sorriso de Cachorrão começou a desbotar.

– Se ele tem homens de sobra, pode pensar que seriam bem úteis aqui em cima, esperando o momento certo, como nós fizemos. Pode mandá-los por essas árvores aqui, subindo o morro até onde estamos sentados. O que você acha que iria acontecer, então?

– Acho que a gente começaria a matar uns aos outros, mas Bethod não tem homens de sobra, segundo Tremedeira e o pessoal dele. Está em menor número, menos de dois para um.

– Talvez, mas ele gosta de preparar surpresas.

– Certo – disse Cachorrão, olhando os Carls que giravam a árvore caída para bloquear o topo da encosta. – Certo. Então arrastamos uma árvore para cá e torcemos pelo melhor.

– Torcemos pelo melhor? – grunhiu Três Árvores. – E quando isso já funcionou?

Ele foi murmurar algo para Sinistro, e Cachorrão deu de ombros. Se algumas centenas de Carls aparecessem de repente, eles estariam encrencados, mas agora não havia muito o que fazer a respeito. Por isso se ajoelhou ao lado de sua mochila, pegou a pederneira e alguns gravetos secos, empilhou tudo e começou a provocar fagulhas.

Tremedeira se ajoelhou ao lado dele, as palmas pousadas no cabo do machado.

– O que você está fazendo?

– O que parece? – Cachorrão soprou os gravetos, olhou a chama se espalhar. – Uma fogueira.

– Não estamos esperando uma batalha começar?

Cachorrão se recostou, empurrou alguns gravetos secos mais para perto e os viu acender.

– É, estamos esperando, e acho que esse é o melhor momento para uma fogueira. A guerra é principalmente espera, garoto. Semanas de sua vida, talvez, se estiver na nossa linha de trabalho. Você pode passar esse tempo com frio ou pode tentar ficar confortável.

Ele tirou a panela da mochila e a pôs no fogo. Panela nova e boa; tinha conseguido com os sulistas. Desembrulhou o pacote que estava dentro. Cinco ovos, ainda inteiros. Ovos bons, marrons, pintalgados. Rindo o tempo todo, quebrou um na borda da panela, derramou dentro, ouviu-o estalar. As coisas estavam melhorando, sem dúvida. Fazia um bom tempo que não comia ovos. Foi quando quebrava o último que sentiu o cheiro de alguma coisa, no momento em que a brisa mudou. Algo mais do que ovos cozinhando. Levantou a cabeça bruscamente, franzindo a testa.

– O que foi? – perguntou Cathil.

– Provavelmente nada. – Mas era melhor não se arriscar. – Espere aí um momento e vigie isso, está bem?

– Certo.

Cachorrão passou por cima do tronco caído, foi até a árvore mais próxima e se encostou nela, agachado sobre os calcanhares, espiando encosta abaixo. Nenhum cheiro, pelo menos nenhum que tivesse notado. Nada para ver nas árvores, também – só a terra molhada com retalhos de neve, os galhos de pinheiro pingando e as sombras imóveis. Nada. Três Árvores o havia deixado nervoso com aquela conversa sobre surpresas.

Estava se virando quando captou de novo um cheiro fraco. Levantou-se, deu alguns passos morro abaixo, para longe da fogueira e da árvore caída, olhando a floresta. Três Árvores veio atrás dele, com o escudo no braço e a espada apertada no punho enorme.

– O que foi, Cachorrão? Sentiu cheiro de alguma coisa?

– Pode ser. – Ele farejou de novo, longa e lentamente, puxando o ar pelo nariz, avaliando-o. – Provavelmente não é nada.

– Não venha com essa história de nada, Cachorrão, seu nariz já tirou a gente de um bocado de apertos. Sentiu cheiro de quê?

A brisa mudou, e desta vez ele captou tudo. Não sentia esse cheiro havia algum tempo, mas não havia como se enganar.

– Merda – ofegou. – Shankas.

– Ei!

E Cachorrão girou a cabeça, boquiaberto. Cathil estava passando por cima da árvore caída, segurando a panela.

– Os ovos estão prontos – disse ela, sorrindo para os dois.

Três árvores balançou o braço para ela e berrou a plenos pulmões:

– Todos para trás da...

Uma corda de arco soou no mato baixo. Cachorrão ouviu a flecha, sentiu-a passando no ar. Os cabeças-achatadas não eram grandes arqueiros, no geral, e a flecha o errou por um ou dois passos. Foi simplesmente um tremendo azar ter encontrado outro alvo.

– Ah – fez Cathil, piscando para a flecha cravada na lateral do corpo. – Ah...

E caiu, assim, largando a panela na neve. Então Cachorrão estava correndo morro acima, na direção dela, a respiração raspando fria na garganta. Em seguida estava tentando agarrar os braços dela, e viu Três Árvores segurá-la pelos joelhos. Era uma sorte ela não ser pesada. Nem um pouco pesada. Uma ou duas flechas passaram por eles. Uma delas acertou o tronco da árvore, e eles passaram Cathil por cima e se protegeram do outro lado.

– Há shankas lá embaixo! – estava gritando Três Árvores. – Acertaram a garota!

– É o lugar mais seguro da batalha? – resmungou Barca Negra, agachando-se atrás da árvore, girando o machado repetidamente na mão. – Desgraçados!

– Shankas? Tão ao sul assim? – estava dizendo alguém.

Cachorrão segurou Cathil por baixo dos braços e a arrastou para a parte baixa do acampamento, junto à fogueira. Ela gemia e seus calcanhares quicavam na lama.

– Atiraram em mim – murmurou ela, olhando a flecha, o sangue se

espalhando para a camisa. Em seguida tossiu e olhou assustada para Cachorrão.

– Eles estão vindo! – gritou Tremedeira. – A postos, pessoal!

Homens desembainharam armas, apertaram cintos e tiras de escudos, trincaram os dentes e deram tapas nas costas uns dos outros, preparando-se para a luta. Sinistro estava atrás de uma árvore, disparando flechas morro abaixo, absolutamente calmo.

– Preciso ir – disse Cachorrão, apertando a mão de Cathil –, mas vou voltar, está bem? Fique firme, ouviu? Eu volto.

– O quê? Não!

Ele teve de arrancar os dedos dela dos seus. Não gostou de fazer isso, mas que opção havia?

– Não – grasnou ela para suas costas enquanto ele corria até a árvore onde a fina linha de Carls estava agachada, com uns dois homens erguendo-se sobre os joelhos para disparar flechas. Uma lança tosca veio por cima do tronco e se cravou na terra ao seu lado. Cachorrão olhou para ela, depois passou agachado e se pôs de joelhos, não muito longe de Sinistro, para ver a parte baixa da encosta.

– Puta que o pariu!

As árvores estavam apinhadas de cabeças-achatadas. As árvores abaixo, as árvores à esquerda, as árvores à direita. Silhuetas escuras movendo-se, sombras agitadas, subindo o morro num enxame. Centenas, ao que parecia. À direita os soldados da União estavam gritando e fazendo barulho, confusos, as armaduras chacoalhando enquanto eles levantavam as lanças. Flechas sibilavam furiosas para fora das árvores, caindo sobre eles.

– Puta que o pariu!

– Que tal começar a atirar? – falou Sinistro, que disparou uma flecha e tirou outra da aljava.

Cachorrão pegou uma também, mas havia tantos alvos que ele mal conseguia escolher um, e disparou alto demais, xingando o tempo todo. Agora eles estavam chegando perto, o suficiente para os rostos – se é que podiam ser chamados de rostos – serem vistos. Mandíbulas abertas balançando, rosnando e cheias de dentes, olhos pequenos e rudes, tomados de ódio. Armas desajeitadas – porretes com pregos, machados de pedra lascada, espadas enferrujadas roubadas dos mortos. E subiam, rápidos como lobos entre as árvores.

Cachorrão acertou um no peito, viu-o cair para trás. Acertou outro na perna,

mas os demais não diminuíam a velocidade.

– Preparar! – ouviu Três Árvores rugir, e sentiu homens se levantarem ao redor, erguendo as espadas, as lanças, os escudos, para receber a carga. Imaginou como alguém deveria se preparar para aquilo.

Um cabeça-achatada saltou pelo ar por cima da árvore, a boca escancarada e rosnando. Cachorrão o viu, preto no ar, ouviu um grande rugido, e então a espada de Tul se cravou nele e o lançou para trás, com o sangue jorrando como água saindo de uma garrafa quebrada.

Outro veio por cima e Três Árvores decepou seu braço com a espada e o empurrou de volta pela encosta com o escudo. Mais vinham chegando agora, e mais ainda, passando num enxame por cima do tronco caído. Cachorrão acertou um na cara a não mais um passo de distância, sacou a faca e a cravou na barriga da criatura, gritando o mais alto que podia, com o sangue escorrendo quente na mão. Arrancou o porrete da garra de uma criatura que caía e o girou contra outra, errou e recuou. Homens gritavam, estocavam e cortavam para todo lado.

Viu Tremedeira usar a bota para espremer a cabeça de um shanka contra uma árvore, levantar o escudo bem alto e baixar a borda de metal com força na cara dele. Derrubou mais de um com o machado, espirrando sangue nos olhos do Cachorrão, depois pegou nos braços um terceiro que saltou de uma árvore e os dois rolaram juntos no chão molhado, girando e girando. O shanka terminou por cima e Cachorrão o acertou nas costas com o porrete, uma, duas, três vezes, até que Tremedeira conseguiu afastá-lo e se pôs de pé, para então pisoteá-lo na nuca. Partiu para outro ataque, decapitando um cabeça-achatada no instante em que a criatura atravessava com uma lança o corpo de um Carl que urrava.

Cachorrão piscou, tentando limpar o sangue dos olhos com a manga da camisa. Viu Sinistro levantar a faca e cravá-la no crânio de um cabeça-achatada, a lâmina saindo pela boca e pregando-o num tronco de árvore. Viu Tul acertar o punho enorme na cara de um shanka, de novo e de novo, até que o crânio dele não passasse de uma polpa vermelha. Um cabeça-achatada saltou para a árvore acima dele, com a lança erguida, mas antes que a criatura pudesse acertá-lo Barca Negra pulou e cortou as pernas dela. Ela girou no ar com um guincho de dor.

Cachorrão viu um shanka em cima de um Carl, arrancando um grande pedaço do pescoço dele com uma dentada. Puxou uma lança do chão atrás de si e a

atirou contra as costas do cabeça-achatada. Ele caiu, balbuciando e passando as garras por cima dos ombros, numa tentativa de arrancá-la, mas ela estava bem cravada.

Outro Carl se sacudia, rugindo, com os dentes de um shanka enfiados no braço, dando socos nele com a outra mão. Cachorrão deu um passo para ajudá-lo, mas antes de chegar lá um cabeça-achatada partiu para cima dele com uma lança. Percebeu a tempo de se desviar e acertá-lo nos olhos com a faca enquanto ele passava, depois meteu o porrete em sua nuca, fazendo-a estalar como um ovo quebrando. Virou-se para enfrentar outro. Um grandão. A coisa abriu as mandíbulas com baba escorrendo dos dentes e rosnou para eles segurando um grande machado nas garras.

– Venha! – gritou Cachorrão, levantando o porrete e a faca.

Antes que o cabeça-achatada chegasse, Três Árvores havia surgido por trás e o abrira desde o ombro até o peito. O sangue espirrou e a criatura se retorceu na lama. Conseguiu se levantar de algum modo, mas tudo o que fez foi colocar a cara num lugar melhor para que Cachorrão cravasse sua faca.

Agora os shankas estavam recuando e os Carls gritavam e os golpeavam à medida que eles davam meia-volta. O último guinchou e foi para a árvore, tentando pular por cima. Ele soltou uma algaravia quando a espada de Barca Negra abriu um talho em suas costas, revelando carne vermelha e lascas de osso branco. A criatura caiu embolada em cima de um galho, estremeceu e ficou imóvel, as pernas penduradas.

– Estão acabados! – rugiu Tremedeira, com o rosto manchado de sangue embaixo do cabelo comprido. – Nós acabamos com eles!

Os Carls gritaram, comemorando, e sacudiram as armas. Pelo menos a maioria fez isso. Havia uns dois imóveis no chão e outros deitados, feridos, gemendo ou gorgolejando entre os dentes trincados. Cachorrão supôs que eles não teriam muita vontade de comemorar. Três Árvores também não.

– Calem a boca, idiotas! Eles foram embora por enquanto, mas deve haver mais. Esse é o problema com os cabeças-achatadas, sempre há mais! Tirem os corpos do caminho! Recuperem todas as flechas que puderem! Vamos precisar delas antes que o dia acabe!

Cachorrão já estava mancando de volta para a fogueira em brasa. Cathil continuava onde ele a havia deixado. Sua respiração estava rápida e curta e, com

uma das mãos, ela apertava as costelas em volta da flecha. Ela o viu chegar, com olhos grandes e úmidos, e não falou uma palavra. Ele também não disse nada. O que poderia dizer? Pegou a faca e cortou a camisa dela, ensanguentada desde a flecha até a bainha, a afastou do corpo até ver a flecha. Estava cravada entre duas costelas do lado direito, logo abaixo do seio. Não era um bom lugar para entrar, se é que isso existia.

– Tudo bem? – murmurou ela, os dentes chacoalhando. Seu rosto estava branco feito neve, os olhos com um brilho febril. – Tudo bem?

– Tudo – disse ele, limpando a terra da bochecha molhada de Cathil com o polegar. – Agora não se agite, está bem? Vamos dar um jeito nisso.

E o tempo todo ele estava pensando: Cachorrão, seu mentiroso, seu covarde. Ela está com uma flecha nas costelas.

Três Árvores se agachou ao lado deles.

– A flecha vai ter de sair – disse ele, franzindo a testa com intensidade. – Eu a seguro e você puxa.

– O quê?

– O que ele está dizendo? – sibilou Cathil, com sangue nos dentes. – O que...

Cachorrão segurou a flecha com as duas mãos enquanto Três Árvores segurava o pulso dela.

– O que você...

Cachorrão puxou. A flecha não quis sair. Puxou, e o sangue jorrou do ferimento em volta da flecha e escorreu pela pele clara em duas linhas escuras. Ele puxou, o corpo dela se sacudiu e as pernas chutaram, e ela gritou como se ele a estivesse matando. Ele puxou, a flecha não saía, não se mexia nem um dedo.

– Puxe! – ordenou Três Árvores.

– Não quer sair, porra! – rosnou Cachorrão na cara dele.

– Tudo bem! Tudo bem!

Cachorrão soltou a flecha e Cathil tossiu e gorgolejou, estremecendo e sacudindo-se, ofegando para sugar o ar e soltando cuspe rosa.

Três Árvores coçou o queixo, deixando uma mancha de sangue no rosto.

– Se não dá para puxar, você vai ter de empurrar até o outro lado.

– O quê?

– O que ele está... dizendo? – gorgolejou Cathil, batendo queixo.

Cachorrão engoliu em seco.

– Vamos ter de empurrar até o outro lado.

– Não – murmurou ela, arregalando os olhos. – Não.

– Temos de fazer isso.

Ela resfolegou quando ele partiu o cabo da flecha e pôs as mãos em concha em cima da extremidade quebrada.

– Não – gemeu ela.

– Fique firme, garota – murmurou Três Árvores na língua comum, segurando de novo os braços dela. – Fique firme, agora. Anda, Cachorrão.

– Não...

Cachorrão trincou os dentes e empurrou com força a flecha quebrada. Cathil teve um espasmo e soltou uma espécie de soluço, depois seus olhos se reviraram e ela desmaiou. Cachorrão rolou seu corpo de lado, frouxo como um trapo; viu a ponta da flecha projetando-se nas costas.

– Certo – murmurou. – Certo, atravessou.

Em seguida segurou a flecha logo abaixo da ponta e a puxou com um giro suave. Saiu sangue junto, mas não muito.

– Isso é bom – disse Três Árvores. – Acho que não pegou um pulmão.

Cachorrão mordeu o lábio.

– Isso é bom.

Pegou um rolo de bandagem, encostou no buraco das costas onde o sangue escorria, começou a enrolar em volta do peito dela, com Três Árvores segurando-a enquanto ele passava o rolo por baixo.

– Isso é bom, isso é bom.

Ficou repetindo isso, enrolando a bandagem o mais rápido que podia com os dedos frios, até estar bem apertada, do melhor modo que ele sabia fazer. Suas mãos estavam ensanguentadas, a bandagem estava ensanguentada, a barriga e as costas dela estavam cobertas com as marcas rosadas de seus dedos, com riscos de terra e sangue escuro. Ele puxou a camisa de volta sobre ela, colocou-a gentilmente de costas. Tocou seu rosto – quente, olhos fechados, o peito movendo-se de forma suave, a respiração virando vapor em volta da boca.

– Preciso pegar um cobertor.

Levantou-se, remexeu na mochila, pegou seu cobertor, espalhando as coisas em volta da fogueira. Puxou-o, sacudiu-o e pôs em cima dela.

– Vai manter você quente, não é? Bem quentinha. – Ajeitou-o em volta dela,

para manter o frio longe. Puxou-o por cima dos pés. – Bem quentinha.

– Cachorrão.

Três Árvores estava curvado, com a orelha perto do nariz de Cathil. Ele se levantou e balançou a cabeça lentamente.

– Ela morreu.

– O quê?

Pontos brancos desciam lentos ao redor deles. Estava começando a nevar outra vez.



– Onde, diabos, está Poulder? – rosnou o marechal Burr, olhando ao longo do vale, fechando e abrindo os punhos de tanta frustração. – Eu disse para esperar até estarmos lutando, não até sermos derrotados!

West não conseguia pensar numa resposta. Onde estava Poulder, afinal? Agora a neve ia se adensando, descendo suave em redemoinhos e camadas, deixando cair uma cortina cinza sobre o campo de batalha, dando a tudo um ar de irrealidade. Os sons pareciam vir de uma distância impossível, abafados e ecoantes. Mensageiros cavalgavam de um lado para outro atrás das linhas, pontos pretos movendo-se rapidamente no terreno branco com pedidos urgentes de reforço. Os feridos aumentavam em número, eram arrastados gemendo em macas, iam ofegando em carroças ou seguiam andando com dificuldade, silenciosos e sangrando, pela estrada abaixo do quartel-general.

Mesmo através da neve, ficava claro que os homens de Kroy estavam sendo muito pressionados. As linhas cuidadosamente desenhadas estavam engrossadas de modo alarmante no centro, unidades haviam se dissolvido numa massa única e lutavam fundidas umas às outras no caos e na confusão do combate. West havia perdido a conta do número dos oficiais que o general Kroy tinha enviado ao posto de comando exigindo apoio ou permissão para recuar, todos mandados de volta com a mesma mensagem. Sustentar-se e esperar. Enquanto isso, de Poulder não vinha nada a não ser um silêncio agourento e inesperado.

– Onde, diabos, ele está? – Burr voltou pisando forte até sua tenda, deixando pegadas escuras na crosta de branco recente. – Você! – gritou para um oficial,

chamando-o com impaciência.

West o acompanhou a uma distância respeitosa e entrou atrás dele na tenda, com Jalenhorm logo em seguida.

O marechal Burr se inclinou em cima da mesa e pegou uma pena num tinteiro, espirrando gotas pretas na madeira.

– Vá para aquela floresta e encontre o general Poulder! Descubra que diabos ele está fazendo e volte para cá imediatamente!

– Sim, senhor! – guinchou o oficial, ficando em rígida posição de sentido.

A pena de Burr rabiscou ordens no papel.

– Informe a ele que estou ordenando que ataque *imediatamente*! – Em seguida assinou o nome com um movimento irado do pulso e estendeu bruscamente o papel para o oficial.

– Claro, senhor! – O jovem saiu rapidamente da tenda.

Burr se virou de novo para os mapas, encolhendo-se enquanto olhava para baixo, uma das mãos repuxando a barba, a outra apertando a barriga.

– Onde, diabos, está Poulder?

– Talvez ele tenha sido atacado, senhor...

Burr arrotou e fez uma careta, arrotou de novo e deu um soco na mesa, fazendo o tinteiro chacoalhar.

– Porra de indigestão maldita! – Seu dedo grosso bateu no mapa com força. – Se Poulder não chegar logo, teremos de usar a reserva, West, ouviu? Usar a cavalaria.

– Sim, senhor, claro.

– Isso não pode dar errado. – O marechal franziu a testa, engoliu em seco.

West teve a impressão de que ele havia ficado subitamente muito pálido.

– Isso não pode... não pode... – Ele oscilou ligeiramente, piscando.

– Senhor, o que...

– Buaaaarrr! – E o marechal Burr se sacudiu para a frente e soltou um jorro de vômito preto em cima da mesa. A sujeira espirrou nos mapas e transformou os papéis num vermelho vivo.

West ficou imóvel, o queixo caindo aos poucos. Burr gorgolejou, os punhos fechados com força sobre a mesa, o corpo se sacudindo, depois se curvou e jorrou vômito de novo.

– Guuuuurrg! – E, num espasmo, ele se afastou da mesa, com baba vermelha

pingando do lábio, e os olhos saltando no rosto branco. Deu um gemido sufocado e tombou para trás, arrastando um mapa ensanguentado consigo.

West finalmente entendeu o que estava acontecendo, bem a tempo de mergulhar e apoiar o corpo frouxo do lorde marechal antes que ele batesse no chão. Cambaleou pela tenda, lutando para mantê-lo de pé.

– Que merda! – ofegou Jalenhorm.

– Ajude aqui, porra! – rosnou West.

O grandalhão deu um salto e segurou o outro braço de Burr e, juntos, meio levantaram, meio arrastaram o marechal para a cama. West abriu o botão de cima do uniforme dele, afrouxou o colarinho.

– Alguma doença do estômago – murmurou com os dentes trincados. – Ele vem reclamando disso há semanas...

– Vou chamar o oficial médico! – guinchou Jalenhorm.

Começou a se levantar, mas West o deteve pelo braço.

– Não.

O grandalhão o encarou.

– O quê?

– Se souberem que ele está doente, haverá pânico. Poulder e Kroy farão o que quiserem. O exército pode se desfazer. Ninguém pode saber, até depois da batalha.

– Mas...

West se levantou e pôs a mão no ombro de Jalenhorm, olhando-o direto nos olhos. Já sabia o que tinha de ser feito. Não seria espectador de outro desastre.

– Escute. Nós devemos seguir com o plano. Devemos.

– Devemos, quem? – Jalenhorm olhou desnorteado a tenda ao redor. – Você e eu, sozinhos?

– Se for necessário.

– Mas é a vida de um homem!

– É a vida de milhares de homens – sibilou West. – Isso não pode dar errado, você ouviu o que ele disse.

Jalenhorm havia ficado tão pálido quanto Burr.

– Não sei se ele quis dizer que...

– Não se esqueça de que você me deve uma. – West chegou mais perto ainda. – Se não fosse por mim, você estaria numa pilha de cadáveres apodrecendo ao

norte do Cumnur. – Ele não gostou de fazer aquilo, mas tinha de ser feito, e não havia tempo para gentilezas. – Estamos entendidos, capitão?

Jalenhorm engoliu em seco.

– Sim, senhor, acho que sim.

– Bom. Vigie o marechal Burr, eu cuido das coisas lá fora. – West se levantou e foi para a entrada da tenda.

– E se ele...

– Improvise! – disse rispidamente por cima do ombro.

Agora havia coisas mais importantes com que se preocupar do que apenas um homem. Saiu para o ar frio. Pelo menos vinte oficiais e guardas estavam espalhados em volta do posto de comando diante da tenda, apontando para o vale branco, espiando com lunetas e murmurando uns para os outros.

– Sargento Pike! – West fez um sinal para o condenado, que foi andando na direção dele através da neve que caía. – Preciso que monte guarda aqui, entendeu?

– Claro, senhor.

– Preciso que monte guarda aqui e não deixe entrar ninguém, a não ser eu e o capitão Jalenhorm. Ninguém. – Ele baixou a voz. – Em nenhuma circunstância.

Pike assentiu, os olhos brilhando na massa rosada do rosto.

– Entendido. – Em seguida se posicionou na entrada da tenda e ficou ao lado dela, quase descuidadamente, com os polegares enfiados no cinto da espada.

Um instante depois um cavalo desceu a encosta a toda a velocidade e entrou no quartel-general, exalando vapor pelas narinas. O cavaleiro deslizou da sela, tropeçou alguns passos antes que West conseguisse se pôr em seu caminho.

– Mensagem urgente do general Poulder para o marechal Burr! – disse o homem num jorro. Ele tentou dar um passo na direção da tenda, mas West não se moveu.

– O marechal Burr está ocupado. Pode me entregar a mensagem.

– Recebi ordens explícitas de...

– Entregue-me, capitão!

O homem piscou.

– A divisão do general Poulder está lutando, senhor, na floresta.

– Lutando?

– Lutando intensamente. Houve vários ataques violentos contra a ala

esquerda e estamos com dificuldade para nos sustentarmos. O general Poulder pede permissão para recuar e reorganizar tropas, senhor, estamos fora de posicionamento!

West engoliu em seco. O plano já estava se desfazendo e corria o risco iminente de desmoronar por completo.

– Recuar? Não! Impossível. Se ele recuar, a divisão de Kroy ficará exposta. Diga ao general Poulder para permanecer firme e continuar com o ataque, se for possível. Diga que ele não deve recuar sob nenhuma circunstância! Cada homem deve fazer sua parte!

– Mas, senhor, eu deveria...

– Vá! – gritou West. – Imediatamente!

O homem prestou continência e montou de novo no cavalo. Ao mesmo tempo que subia a encosta, esporeando, outro visitante descia da montaria não longe da tenda. West xingou baixinho. Era o coronel Felnigg, chefe do estado-maior de Kroy. Não seria dispensado tão facilmente.

– Coronel West – disse ele de forma ríspida ao descer da sela. – Nossa divisão está lutando ferozmente por toda a linha e agora surgiu uma cavalaria na nossa ala direita! Um ataque de cavalaria contra um regimento de tropas temporárias! – Ele já estava indo para a tenda, descalçando as luvas. – Sem apoio, não vão se sustentar muito tempo e, se cederem, nosso flanco irá pelos ares. Pode ser o fim! Onde, diabos, está Poulder?

West tentou sem sucesso conter Felnigg.

– O general Poulder também foi atacado. Mas vou ordenar que as reservas sejam liberadas imediatamente e...

– Não basta – rosnou Felnigg, passando por ele e se aproximando da tenda. – Preciso falar com o marechal Burr a...

Pike entrou na frente dele, uma das mãos no punho da espada.

– O marechal... está ocupado – sussurrou.

Seus olhos saltavam do rosto queimado de um modo tão horrivelmente ameaçador que até West ficou um pouco nervoso. Houve um instante de silêncio e tensão enquanto o oficial e o ex-prisioneiro sem rosto se encaravam.

Então Felnigg deu um passo atrás, hesitante. Piscou, lambeu os lábios nervosamente.

– Está ocupado. Compreendo. Bem. – E deu outro passo para se afastar. – As

reservas serão mandadas, você disse?

– Imediatamente.

– Bom, então. Bom, então... Direi ao general Kroy para esperar reforços. – Felnigg enfiou a ponta do pé no estribo. – Mas isso é muito irregular. – Ele franziu a testa e olhou para a tenda, para Pike, para West. – Muito irregular. – Em seguida esporeou o cavalo e partiu de volta para o vale.

Enquanto West o observava afastar-se, ficou pensando que Felnigg não fazia ideia de quanto aquilo era irregular. Virou-se para um oficial.

– O marechal Burr ordenou que a reserva entre em ação na ala direita. Eles devem atacar a cavalaria de Bethod e repeli-la. Se aquele flanco enfraquecer, será um desastre. Entendeu?

– Eu deveria ter ordens escritas do marechal...

– Não há tempo para ordens escritas! – rugiu West. – Vá lá e cumpra com o seu dever, homem!

O oficial desceu a encosta correndo na direção dos dois regimentos de reserva que esperavam pacientemente na neve. West remexia os dedos, nervoso, à medida que ele se afastava. Os homens começaram a montar e a trotar, posicionando-se para atacarem. West estava mordendo os lábios ao se virar e descobrir que todos os oficiais e guardas do estado-maior de Burr e olhavam com expressões que iam de leve curiosidade a suspeita absoluta.

West assentiu para dois deles enquanto caminhava de volta, tentando dar a impressão de que era tudo rotina. Imaginou quanto tempo levaria até que simplesmente se recusasse a aceitar sua palavra, forçasse a entrada na tenda e alguém descobrisse que o lorde marechal Burr estava a meio caminho da terra dos mortos – e que estivera assim havia algum tempo. Imaginou se isso aconteceria antes que as linhas se rompessem no vale e o posto de comando fosse dominado pelos nórdicos. Se fosse depois, não importaria, pensou.

Pike o observava com uma expressão que poderia lembrar um sorriso. West gostaria de sorrir em resposta, mas não tinha condições para isso.

Cachorrão sentou e respirou fundo. Estava encostado na árvore caída, o arco

frouxo na mão. A espada que usara estava ao seu lado, cravada na terra. Ele a pegara de um Carl morto e acreditava que ainda teria mais trabalho para ela até o fim do dia. Estava sujo de sangue – nas mãos, nas roupas, no corpo todo. De Cathil, dos cabeças-achatadas, dele próprio. O esforço de se limpar não parecia valer a pena: logo haveria muito mais.

Por três vezes os shankas haviam subido o morro e por três vezes eles os tinham repelido, cada luta mais difícil do que a anterior. Cachorrão imaginou se conseguiriam repeli-los na próxima vez que atacassem. Não duvidava de que viriam. Nem por um minuto. Só não tinha certeza de quando viriam e quantos seriam.

Através das árvores, escutava os feridos da União berrando e gemendo. Um monte de feridos. Um dos Carls tinha perdido a mão no último confronto. Perdido era a palavra errada, talvez, já que ela fora cortada com um machado. Logo depois ele havia berrado alto, mas agora estava quieto, a respiração fraca e chiada. Tinham amarrado o cotoco restante com um trapo e um cinto, e agora ele estava olhando para aquilo com uma expressão que os feridos tinham às vezes. Branco e de olhos arregalados, encarando o pulso decepado como se não entendesse o que via. Como se fosse uma surpresa constante.

Cachorrão se levantou devagar, espiando por cima do tronco caído. Podia ver os cabeças-achatadas na floresta embaixo. Sentados nas sombras. Esperando. Não gostava de vê-los à espreita ali. Os shankas ou iam para cima de você até acabarem ou fugiam.

– O que eles estão esperando? – sussurrou. – Quando foi que a porcaria dos cabeças-achatadas aprenderam a esperar?

– Quando eles aprenderam a lutar por Bethod? – resmungou Tul, limpando a espada. – Tem muita coisa mudando, e nada para melhor.

– Quando foi que alguma coisa mudou para melhor? – rosnou Barca Negra, mais adiante na linha.

Cachorrão franziu a testa. Sentiu um cheiro novo em seu nariz, cheiro de umidade. Havia algo de cor clara lá embaixo nas árvores, ficando mais claro à medida que ele espiava.

– O que é aquilo? Aquela névoa?

– Névoa? Aqui em cima? – Barca Negra deu uma risada áspera como um corvo grasnando. – A essa hora do dia? Rá! Mas espere aí...

Agora todos podiam ver: um rastro branco grudando-se à encosta molhada. Cachorrão engoliu em seco. Sua boca estava seca. Sentiu-se inquieto de repente, e não só por causa dos shankas à espera lá embaixo. Era outra coisa. A névoa se esgueirava entre as árvores, enrolando-se nos troncos, subindo enquanto eles olhavam. Os cabeças-achatadas começaram a se movimentar, formas pouco nítidas se mexendo na penumbra.

– Não estou gostando disso – ouviu Barca Negra dizer. – Não é natural.

– Firmes aí, rapazes! – Era a voz profunda de Três Árvores. – Firmes, agora!

Cachorrão se animou com isso, mas a empolgação não durou muito. Balançou-se para trás e para a frente, nauseado.

– Não, não – sussurrou Tremedeira, o olhar deslizando ao redor como se estivesse procurando uma saída.

Cachorrão sentiu os pelos dos braços subindo, a pele arrepiando-se, a garganta fechando-se. Foi tomado por um medo inominável, que fluiu pelo morro junto com a névoa – esgueirando-se pela floresta, redemoinhando em volta das árvores, deslizando por baixo do tronco que eles usavam como proteção.

– É ele – sussurrou Tremedeira, os olhos arregalados, agachando-se como se tivesse medo de ser ouvido. – É ele!

– Quem? – grasnou Cachorrão.

Tremedeira apenas balançou a cabeça e se grudou à terra fria. Cachorrão sentiu uma necessidade fortíssima de fazer o mesmo, mas se obrigou a levantar, se obrigou a olhar por cima da árvore. Um Homem Nomeado, apavorado como uma criança no escuro e sem nem saber por quê? Era melhor encarar, pensou. Grande erro.

Havia uma sombra na névoa, alta e ereta demais para ser um shanka. Um homem grande, gigantesco, enorme como Tul. Maior ainda. Um gigante. Cachorrão esfregou os olhos doloridos, pensando que deveria ser algum truque da luz na névoa, mas não era. Aquilo chegou mais perto, aquela sombra, e foi tomando forma, mais e mais e, quanto mais nítido ele ficava, mais crescia o medo em Cachorrão.

Cachorrão estivera em muitos lugares distantes, por todo o Norte, mas nunca tinha visto uma coisa tão estranha e fora do normal quanto aquele gigante. Metade dele era coberta por grandes placas de armadura preta – metal rebitado e

parafusado, batido e apontado, espetado, martelado e torcido. A outra metade era praticamente nua, exceto pelas tiras, pelos cintos e fivelas que sustentavam a armadura. Pé descalço, braço nu, peito nu, tudo avolumando-se com feios blocos e tiras de músculos. Havia uma máscara no rosto, uma máscara de ferro preto cheia de marcas.

O gigante chegou mais perto e saiu da névoa, e Cachorrão viu que a pele dele era pintada. Marcada em azul com letras. Riscada por escritos, cada centímetro dela. Não usava arma, porém não era menos terrível por isso. No mínimo, era mais terrível ainda. Abria mão de usar armas, mesmo no campo de batalha.

– Pela porra dos mortos – rosnou Três Árvores. – Firmes. – A voz do velho era a única coisa que impedia Cachorrão de fugir a toda a velocidade e nunca mais voltar.

– É ele! – guinchou um dos Carls, a voz aguda como de uma menina. – É o Temível!

– Feche a porra da matraca! – disse a voz de Tremedeira. – Nós sabemos o que é!

– Flechas! – gritou Três Árvores.

As mãos de Cachorrão tremiam quando ele mirou no gigante. De algum modo, era uma tarefa difícil, mesmo àquela distância. Precisou obrigar a mão a soltar a corda, e depois a flecha ricocheteou na armadura e sumiu nas árvores, inofensiva. O disparo de Sinistro foi melhor. Sua flecha se cravou na lateral do corpo do gigante, se enterrou fundo na carne pintada. Ele nem pareceu notar. Os arcos dos Carls dispararam mais flechas. Uma o acertou no ombro, outra atravessou o tornozelo enorme. O gigante não fez nenhum som. Seguiu aproximando-se, continuamente, como o capim crescendo... e a névoa, os cabeças-achatadas e o medo chegavam junto com ele.

– Porra – murmurou Sinistro.

– É um demônio! – guinchou um dos Carls. – Um demônio do inferno!

Cachorrão começava a pensar a mesma coisa. Sentiu o medo crescer a toda a volta, sentiu os homens começarem a hesitar. Sentiu-se esgueirando-se para trás, quase sem pensar.

– Certo, agora! – berrou Três Árvores, a voz profunda e firme como se não sentisse nenhum medo. – Vou contar até três! No três nós atacamos!

Cachorrão o encarou como se o velho tivesse perdido o tino. Pelo menos eles

tinham uma árvore atrás da qual se esconder. Ouviu dois Carls murmurando, sem dúvida pensando a mesma coisa. Não gostavam muito desse plano, atacar morro abaixo contra uma grande turba de shankas tendo no meio um gigante que era uma aberração.

– Tem certeza? – sussurrou Cachorrão.

Três Árvores nem olhou para ele.

– A melhor coisa para o homem fazer quando está com medo é atacar! Agitar o sangue e transformar o medo em fúria. O terreno está a nosso favor e não vamos esperar por eles!

– Tem certeza?

– Vamos lá – ordenou Três Árvores, virando-se.

– Vamos lá – rosnou Barca Negra, olhando furioso para os Carls ao redor, desafiando-os a recuar.

– No três! – ribombou o Cabeça de Trovão.

– Uh – concordou Sinistro.

Cachorrão engoliu em seco, ainda sem saber se os acompanharia ou não. Três Árvores espiou por cima do tronco, a boca numa linha dura e reta, olhando as figuras na névoa e aquele grandalhão no meio deles. Mantinha a mão aberta atrás do corpo, indicando para aguardarem. À espera da distância certa. Da hora certa.

– Eu vou no três? – sussurrou Tremedeira. – Ou depois do três?

Cachorrão balançou a cabeça.

– Não importa, desde que vá. – Mas seus pés pareciam duas pedras enormes.

– Um!

Um, já? Cachorrão olhou por cima do ombro, viu o corpo de Cathil estendido embaixo do seu cobertor, perto da fogueira apagada. Aquilo deveria deixá-lo com raiva, talvez, mas só o deixou mais apavorado. O fato era que não queria terminar como ela. Engoliu em seco e se virou. Apertou com força o cabo da faca, o cabo da espada que pegara do morto. O ferro não sentia medo. Armas boas, prontas para o trabalho sangrento. Desejou estar pelo menos um pouco pronto, também, mas já fizera isso antes, e sabia que ninguém jamais estava preparado de verdade. Não é preciso estar. Só é preciso ir.

– Dois!

Era quase hora. Sentiu os olhos se arregalarem, o nariz sugar o ar frio, a pele pinicar, gelada. Sentia cheiro de homens e pinheiros afiados, de shankas e névoa

úmida. Ouvia respirações rápidas atrás de si, passos lentos abaixo, gritos ao longo da linha; seu sangue martelava nas veias. Via cada pedacinho de tudo, devagar como mel pingando. Homens se moviam ao redor, homens endurecidos com rostos impassíveis ajeitando o peso do corpo, indo contra o medo e a névoa, preparando-se. Eles iriam, Cachorrão não tinha dúvida. Todos iriam. Sentiu os músculos da perna começarem a se contrair, instigando-o.

– Três!

Três Árvores foi o primeiro a pular o tronco – e Cachorrão estava logo atrás, com homens a toda a volta atacando, o ar tomado pelos gritos, da fúria e do medo, e ele estava correndo, gritando, os pés batendo com força e sacudindo os ossos, a respiração e o vento arfando, árvores pretas e céu branco estalando, chocando-se e oscilando, névoa voando para ele e formas escuras dentro da névoa, esperando.

Girou sua espada para uma delas enquanto passava rugindo e a lâmina cortou fundo e a jogou para trás, fazendo Cachorrão dar um meio giro. E continuou girando, caindo, gritando. A lâmina talhou fundo a perna de um shanka e o derrubou, e Cachorrão continuou se derramando encosta abaixo, deslizando na lama com neve, tentando se ajeitar. Os sons de luta estavam a toda volta, abafados e estranhos. Homens berrando palavrões, shankas rosnando e o chacoalhar e as pancadas de metal contra metal e metal contra carne.

Deu um giro, escorregando entre as árvores, sem saber de onde viria o próximo cabeça-achatada, sem saber se tomaria uma lança nas costa a qualquer minuto. Viu uma silhueta no nevoeiro e saltou na direção dela, gritando o máximo que podia. A névoa pareceu se dissipar na frente dele e Cachorrão parou derrapando, horrorizado, quase caindo para trás na pressa de se afastar, o som falhando na garganta.

O Temível estava a menos de cinco passos dele, maior e mais tenebroso do que nunca, com flechas quebradas projetando-se de toda a carne tatuada. Não ajudava em nada o fato de, com o braço estendido, ele estar segurando pelo pescoço um Carl, que chutava e se debatia. Os músculos de seu antebraço pintado se retorciam e se contraíam, a boca se abriu e nenhum som brotou. Houve um som de esmagamento e o gigante jogou o cadáver longe, que foi rolando e rolando na neve e na lama feito um trapo, a cabeça frouxa, até ficar imóvel.

O Temível se manteve parado, com a névoa fluindo ao redor, encarando Cachorrão de cima, por trás da máscara preta, e Cachorrão olhou para ele quase se mijando.

Mas certas coisas precisavam ser feitas. Era melhor fazer do que viver com medo delas. Era o que Logen diria. Assim, Cachorrão abriu a boca e gritou o mais alto que pôde, e atacou, girando a espada emprestada por cima da cabeça.

O gigante levantou seu grande braço com placas de ferro e aparou a lâmina. Metal retiniu em metal e fez chacoalhar os dentes de Cachorrão, a espada saiu voando de sua mão. Mas ele golpeou com a faca no mesmo momento e a enfiou por baixo do braço do gigante, cravando-a até o punho no lado tatuado.

– Rá! – gritou Cachorrão. Porém não teve muito tempo para comemorar.

O braço enorme do Temível relampejou pela névoa, acertou-o no peito com as costas da mão e o jogou gorgolejando pelo ar. A floresta girou e uma árvore surgiu de lugar nenhum, chocando-se em suas costas e lançando-o esparramado na lama. Cachorrão tentou respirar e não conseguiu. Tentou rolar e não conseguiu. A dor esmagava suas costelas, como uma pedra enorme comprimindo o peito.

Olhou para cima, as mãos agarrando a lama, praticamente sem fôlego até mesmo para gemer. O Temível andava em sua direção, sem pressa. Ele baixou a mão e arrancou a faca da lateral do corpo. Parecia um brinquedo entre seu polegar e o indicador enormes. Como um palito de dentes. Jogou-a nas árvores, com um fio comprido de sangue indo junto. Levantou seu grande pé com armadura, pronto para pisar na cabeça de Cachorrão e esmagar seu crânio como uma noz numa bigorna, e Cachorrão só podia ficar ali, deitado, impotente de dor e medo enquanto a grande sombra caía sobre seu rosto.

– Seu desgraçado! – E Três Árvores saiu voando das árvores, chocou-se com o escudo contra o quadril blindado do gigante e o derrubou de lado.

A enorme sola de metal chapinhou no chão junto ao rosto de Cachorrão, espirrando lama nele. O velho continuou, golpeando o lado nu do Temível enquanto ele estava desequilibrado, rosnando e xingando-o. Cachorrão ofegava e se retorcia, tentando se levantar e só conseguindo sentar-se com as costas na árvore.

O gigante lançou seu punho coberto pela armadura com força suficiente para derrubar uma casa, mas Três Árvores se desviou e o afastou com o escudo,

levantou a espada e fez uma terrível mossa na máscara do Temível, impelindo sua cabeçorra bruscamente para trás e fazendo-o cambalear, com sangue escorrendo do buraco da boca.

O velho continuou depressa e deu um golpe forte por cima das placas do peito do gigante, a lâmina provocando fagulhas no ferro preto e abrindo um talho enorme na pele nua azul ao lado. Um golpe mortal, sem dúvida, mas apenas algumas gotas de sangue voaram da lâmina que girava, sem deixar qualquer ferimento.

Então o gigante conseguiu se equilibrar e deu um berro que deixou Cachorrão tremendo de medo. O Temível pôs o pé enorme atrás, levantou o braço gigantesco e golpeou. O braço se chocou contra o escudo de Três Árvores e arrancou um naco da borda, lascou a madeira e continuou atravessando, acertou o ombro do velho e o derrubou de costas, gemendo. O Temível foi para cima dele erguendo bem alto o grande punho azul. Três Árvores rosnou e cravou sua espada até o cabo na coxa tatuada. Cachorrão viu a ponta sair ensanguentada na parte de trás da perna, mas isso nem diminuiu a velocidade do gigante. Aquela mão enorme baixou e se chocou contra as costelas de Três Árvores com um som parecido com gravetos secos se partindo.

Cachorrão gemeu, gadanhando o chão, mas seu peito estava pegando fogo e ele não conseguia se levantar, não conseguia fazer nada a não ser olhar. O Temível levantou o outro punho, coberto de ferro preto. Levantou-o devagar e com cuidado, esperou no alto, depois o baixou com rapidez suficiente para fazer o vento assoviar. Acertou o outro lado de Três Árvores, fazendo-o perder o ar ao ser esmagado contra a terra. O grande braço subiu de novo, com sangue vermelho nos dedos azuis.

E uma linha preta saiu da névoa e se cravou na axila do Temível, jogando-o de lado. Era Tremedeira, com uma lança, estocando o gigante e gritando, empurrando-o pela encosta. O Temível rolou e se pôs de pé, ágil, fingiu que dava um passo atrás e levantou a mão rápido como uma cobra enorme, dando um tapa em Tremedeira como se acertasse uma mosca. Tremedeira voou, guinchando e debatendo-se no meio da névoa.

Antes que o gigante pudesse segui-lo, houve um rugido como o de trovão e a espada de Tul se chocou contra o ombro coberto de armadura, pondo o Temível no chão sobre um dos joelhos. Então Barca Negra surgiu do nevoeiro e arrancou

um grande naco de sua perna por trás. Tremedeira estava lá outra vez, rosnando e golpeando com a lança, e os três pareciam ter encurralado o gigante.

Ele deveria estar morto, não importava seu tamanho. Com os ferimentos que Três Árvores, Tremedeira e Barca Negra haviam lhe causado, deveria ter virado lama. Em vez disso, levantou-se de novo, com seis flechas e a espada de Três Árvores cravadas na carne, e soltou um rugido por trás da máscara que fez Cachorrão tremer até os dedos dos pés. Tremedeira caiu de bunda, branco feito leite. Tul piscou, hesitou e deixou a espada cair. Até Barca Negra deu um passo atrás.

O Temível abaixou a mão e pegou o punho da espada de Três Árvores. Arrancou-a da perna e a largou, ensanguentada, na terra aos seus pés. Ela não deixou nenhum ferimento. Absolutamente nenhum. Então ele se virou e saltou para a bruma, que se fechou atrás dele. Cachorrão ouviu os sons que ele causava ao atravessar as árvores, e jamais havia ficado tão feliz ao ver as costas de alguma coisa.

– Volte aqui! – gritou Barca Negra, preparando-se para descer correndo a encosta atrás dele, mas Tul entrou em seu caminho, levantando a mão grande.

– Você não vai a lugar nenhum. Não sabemos quantos shankas estão lá embaixo. Podemos matar aquela coisa outro dia.

– Saia da minha frente, garotão!

– Não.

Cachorrão rolou para a frente, encolhendo-se por causa da dor no peito, e começou a se arrastar encosta acima. A névoa já estava recuando, deixando para trás um ar frio e límpido. Sinistro vinha descendo na direção oposta, o arco retesado com uma flecha na corda. Havia um monte de cadáveres na lama e na neve. Principalmente shankas, mas alguns Carls.

Cachorrão pareceu levar uma eternidade para se arrastar até Três Árvores. O velho estava caído de costas na lama, com o escudo quebrado ainda preso no braço. O ar saía de maneira rápida e entrecortada pelo nariz, fazendo o sangue borbulhar pela boca. Seus olhos giraram na direção do Cachorrão, que se arrastou até perto dele. Três Árvores estendeu a mão e segurou a camisa do outro. Puxou-o para baixo, para sussurrar em seu ouvido com os dentes trincados e sangrentos.

– Escute, Cachorrão! Escute!

– O que, chefe? – grasnou Cachorrão, praticamente incapaz de falar, devido à dor no peito.

Esperou, prestou atenção, e nada veio. Os olhos de Três Árvores estavam arregalados, olhando os galhos. Uma gota d'água pingou em seu rosto, escorreu até a barba ensanguentada. Nada mais.

– De volta à lama – disse Sinistro, o rosto frouxo como teias de aranha velhas.



West roía as unhas observando o general Kroy e seu estado-maior cavalgar pela estrada, um grupo de homens vestidos de preto montando cavalos pretos, solenes como uma procissão de coveiros. A neve havia parado por enquanto, mas o céu era de um negrume furioso, a luz tão parca que parecia fim de tarde, e um vento gelado soprava pelo posto de comando, fazendo o tecido da tenda estalar e farfalhar. O tempo de West estava quase no fim.

Sentiu um impulso súbito, quase avassalador, de se virar e correr. Um impulso tão ridículo que foi acompanhado imediatamente por outro, igualmente impróprio, de explodir numa gargalhada. Por sorte, conseguiu se controlar e não fez nada disso. Teve sorte pelo menos de não gargalhar. O assunto não era nem um pouco risível. À medida que o som dos cascos se aproximava, ficou imaginando se a ideia de fugir seria tão idiota, afinal de contas.

Kroy parou seu cavalo preto violentamente e apeou, alisou o uniforme, ajeitou o cinto da espada, virou-se rapidamente e seguiu em direção à tenda. West o interceptou, na esperança de dar a primeira palavra e ganhar mais alguns instantes.

– General Kroy, parabéns, senhor, sua divisão lutou com grande tenacidade!

– Claro que lutou, *coronel West*. – Kroy disse o nome com desprezo, como se estivesse pronunciando um insulto mortal, enquanto seu estado-maior se reunia num círculo ameaçador à sua volta.

– E posso perguntar qual é nossa situação?

– Nossa *situação*? – rosnou o general. – Nossa situação é que os nórdicos foram repelidos, mas não debandados. Nós lhes demos uma surra, no fim, mas

minhas unidades ficaram exauridas, cada soldado. Os homens estão cansados demais para sair numa perseguição. O inimigo conseguiu se retirar para o outro lado dos vaus, graças à covardia de Poulder! Pretendo vê-lo rebaixado à desgraça! Pretendo vê-lo enforcado por traição! Garantirei isso, por minha honra!

Ele olhou furioso o quartel-general e seus homens murmuravam uns com os outros, raivosos.

– Onde está o lorde marechal Burr? Exijo ver o lorde marechal!

– Claro, senhor, se puder me dar...

As palavras de West foram abafadas pelo ruído crescente de mais cascos, e um segundo grupo de cavaleiros se formou ao lado da tenda do marechal. Quem mais, senão o general Poulder, acompanhado por seu enorme estado-maior? Uma carroça chegou com eles ao quartel-general, apinhando o espaço estreito com animais e homens. Poulder desceu de sua sela e saiu andando rapidamente. Seu cabelo estava em desalinho; o queixo, rígido; o rosto com um arranhão comprido. Seu séquito vestido de carmesim vinha atrás: espadas chacoalhando, tranças de ouro balançando, rostos ruborizados.

– Poulder! – sibilou Kroy. – É uma tremenda coragem mostrar a cara na minha frente! Uma tremenda coragem! A única que demonstrou o dia todo!

– Como você ousa? – guinchou Poulder. – Exijo um pedido de desculpas! Desculpe-se imediatamente!

– Desculpar? Eu, me desculpar? Rá! Você é que vai pedir desculpas, eu garantirei isso! O plano era você chegar pela ala esquerda! Estivemos em combate durante mais de duas horas!

– Quase três, senhor – trinou um oficial de Kroy, atrapalhando ainda mais.

– Três horas, desgraça! Se isso não é covardia, não consigo encontrar uma definição!

– *Covardia*?! – berrou Poulder.

Dois de seus oficiais chegaram a levar as mãos às espadas.

– Você vai me pedir desculpas imediatamente! Minha divisão sofreu um ataque brutal e contínuo em nosso flanco! Fui obrigado a comandar um ataque pessoalmente! A pé! – E ele se virou, indicando com um dedo enluvado o arranhão na bochecha. – *Eu* é que estive em toda a luta! Fomos *nós* que obtivemos a vitória aqui hoje!

– Poulder, desgraçado, você não fez nada! A vitória pertence somente aos *meus* homens! Um ataque? Um ataque de quê? De animais da floresta?

– Arrá! Exatamente! Mostrem a ele!

Um dos homens de Poulder arrancou a lona impermeável de cima da carroça, mostrando o que a princípio parecia um monte de trapos sangrentos. Ele franziu o nariz e empurrou a coisa. Ela caiu frouxa no chão, rolou de costas e encarou o céu com olhos pretos salientes. Uma mandíbula enorme, torta, pendia aberta, com dentes compridos e afiados projetando-se em todas as direções. A pele era de um marrom acinzentado, áspera e calejada, o nariz era um cotoco malformado. O crânio era achatado e sem pelos, com uma sobrancelha pesada e proeminente e a testa pequena e recuada. Um dos braços era curto e musculoso, o outro muito mais comprido e ligeiramente dobrado, os dois terminando em mãos parecidas com garras. A criatura inteira parecia disforme, torta, primitiva. West olhou para ela boquiaberto.

Obviamente não era humana.

– Aí está! – guinchou Poulder em triunfo. – Agora diga que minha divisão não lutou! Havia centenas desses... dessas criaturas lá! Milhares! E lutam como loucos! Só pudemos sustentar nossa posição, e é uma baita sorte sua que tenhamos conseguido. Eu exijo! – Ele espumou. – Eu exijo! – arengou. – *Exijo* – berrou, o rosto ficando roxo – um pedido de desculpas!

Os olhos de Kroy estremeceram de incompreensão, raiva, frustração. Seus lábios se retorceram, o queixo se remexeu, os punhos se cerraram. Sem dúvida não havia nada no manual sobre uma situação daquelas. Partiu para cima de West.

– Exijo ver o marechal Burr! – rosnou.

– Eu também! – guinchou Poulder em voz esganiçada, para não ser suplantado.

– O lorde marechal está... – Os lábios de West se moveram em silêncio. Não tinha mais ideias. Nem estratégias, nem ardis, nem planos. – Ele está... – Para ele não haveria fuga atravessando o vau. Era o fim. Mais do que provavelmente, terminaria numa colônia penal. – Ele está...

– Estou aqui.

E, para profundo espanto de West, Burr surgiu na entrada da tenda. Mesmo à meia-luz, era óbvio que se encontrava terrivelmente doente. O rosto era de uma

palidez quase cinza, com uma camada de suor na testa. Os olhos estavam fundos e com bolsas escuras. Seu lábio tremia, as pernas estavam bambas. Ele agarrou o mastro da tenda em busca de apoio. West viu a mancha escura na frente do uniforme, muito parecida com sangue.

– Infelizmente estive... um tanto mal durante a batalha – grasnou ele. – Foi alguma coisa que comi, talvez.

Sua mão tremeu no mastro e Jalenhorm surgiu perto de seu ombro, pronto para apoiá-lo se ele caísse, mas, com um esforço sobre-humano, o lorde marechal permaneceu de pé. West olhou nervoso os grupos irados, imaginando o que achariam daquele cadáver ambulante. Mas os dois generais estavam presos demais na própria rixa para prestarem atenção a isso.

– Lorde marechal, devo protestar com relação ao general Poulder...

– Senhor, exijo que o general Kroy peça desculpas...

Para West, a melhor forma de defesa pareceu ser um ataque imediato.

– Se acordo com a tradição – interrompeu ele a plenos pulmões – primeiro devemos dar os parabéns ao nosso oficial comandante pela vitória!

Começou a bater palmas, lenta e deliberadamente. Pike e Jalenhorm se juntaram sem demora. Poulder e Kroy trocaram um olhar gelado, depois também levantaram as mãos.

– Gostaria de ser o primeiro...

– O *primeiríssimo* a lhe dar os parabéns, lorde marechal!

Os oficiais os acompanharam e logo aplausos calorosos soavam.

– Viva o lorde marechal Burr!

– Viva o lorde marechal!

– Vitória!

O próprio Burr tremia e se contorcia, com uma das mãos apertando a barriga, o rosto uma máscara de angústia. West recuou, afastando-se do foco de atenção, afastando-se da glória. Não tinha o menor interesse por ela. Tinha sido por pouco, sabia, por muito pouco. Suas mãos chacoalhavam, a boca estava amarga e os olhos, embaçados. Ainda podia ouvir Poulder e Kroy, já discutindo de novo, como um par de patos furiosos grasnando.

– Temos de atacar Dunbrec imediatamente, um ataque rápido enquanto eles estão desprevenidos e...

– Ora! Tolice! As defesas são fortes demais. Devemos cercar a muralha e

preparar um longo...

– Absurdo! Minha divisão poderia ocupar o lugar amanhã!

– Besteira! Temos de ficar firmes! Cerco é minha especialidade!

E a coisa continuou e continuou. West esfregou as pontas dos dedos nos ouvidos, tentando bloquear as vozes à medida que cambaleava pela lama revirada. Alguns passos adiante, contornou uma pedra grande, deixou-se apoiar as costas nela e deslizou lentamente para baixo. Escorregou até estar agachado na neve, abraçando os joelhos, como costumava fazer quando era criança e seu pai se enfurecia.

Lá embaixo, no vale, na penumbra que ia chegando, podia ver homens movendo-se no campo de batalha. Já começando a cavar as sepulturas.

Um castigo adequado

CHOVERA NÃO FAZIA muito tempo, mas havia parado. O pavimento da praça dos Marechais começava a secar, as pedras ficando claras nas bordas, ainda escuras de umidade no centro. Um frágil raio de sol finalmente rompera as nuvens e se refletia no metal das correntes penduradas na estrutura, nas lâminas, nos ganchos e pinças dos instrumentos na mesa. *O tempo está bom para isso, acho. Deveria ser um grande acontecimento. A não ser que seu nome fosse Tulkis, claro, nesse caso você preferiria não comparecer.*

A multidão certamente previa algo empolgante. A praça enorme estava tomada por um burburinho, uma mistura inebriante de animação e raiva, felicidade e ódio. Pessoas se apinhavam ombro a ombro na área pública e a praça continuava se enchendo; mas ali, na área reservada do governo, o espaço era bastante confortável e protegido, na frente do cadafalso. *Os grandes e bons devem ter a melhor visão, afinal de contas.* Por cima dos ombros da fileira da frente, ele podia avistar as cadeiras onde se sentavam os membros do Conselho Fechado. Se ficasse na ponta dos pés, um movimento que não ousava tentar com frequência, podia entrever os cabelos brancos do arquileitor agitados graciosamente pela brisa.

Olhou de esguelha para Ardee. Ela franzia a testa, séria, na direção do cadafalso, mordendo lentamente o lábio inferior. *E pensar que houve um tempo em que eu levava as jovens aos melhores estabelecimentos da cidade, para os jardins agradáveis na colina, aos concertos na Sala dos Sussurros ou direto para os meus aposentos, claro, se achasse que conseguiria. Agora as levo a execuções.* Sentiu o sorriso minúsculo nos cantos da boca. *Ah, bem, as coisas mudam.*

– Como vai ser feito? – perguntou ela.

– Ele vai ser pendurado e esvaziado.

– O quê?

– Vai ser levantado por correntes em volta dos pulsos e do pescoço, não suficientemente apertadas para matá-lo por estrangulamento. Então será aberto com uma lâmina e estripado gradualmente. As entranhas serão mostradas à multidão.

Ela engoliu em seco.

– Ele vai estar vivo?

– Possivelmente. É difícil dizer. Depende de os carrascos fazerem bem o serviço. De qualquer modo, não vai viver muito. – *Não sem as tripas.*

– Parece... extremo.

– O objetivo é ser. Foi o castigo mais violento que nossos antepassados selvagens puderam imaginar. Reservados para quem tenta algo contra um membro da família real. Pelo que sei, não acontece há cerca de oitenta anos.

– Daí a multidão.

Glokta deu de ombros.

– Só a título de curiosidade, o público sempre é grande em execuções. As pessoas adoram ver a morte. Faz com que se lembrem de que, por mais mesquinhas que sejam, por mais vis que sejam, por mais horrível que seja sua vida, pelo menos elas têm uma.

Glokta sentiu um tapa no ombro, olhou em volta, com alguma dor, e viu a máscara de Severard pairando logo atrás dele.

– Cuidei daquela coisa. A coisa da Vitari.

– Hã. E?

Os olhos de Severard deslizaram de lado com desconfiança, na direção de Ardee, em seguida ele se inclinou para sussurrar no ouvido de Glokta.

– Acompanhei-a até uma casa, logo abaixo do campo Galt, perto do mercado de lá.

– Sei onde é. E?

– Espiei por uma janela.

Glokta levantou uma sobrancelha.

– Você está gostando disso, não é? Quem estava lá?

– Crianças.

– Crianças? – murmurou Glokta.

– Três criancinhas. Duas meninas e um menino. E de que cor o senhor acha

que era o cabelo delas?

Não diga.

– Por acaso era de um ruivo flamejante?

– Igual ao da mãe.

– Então ela tem filhos? – Glokta lambeu as gengivas, pensativo. – Quem poderia imaginar?

– É. Eu achava que aquela vaca tinha um bloco de gelo no lugar da boceta.

Isso explica por que ela estava tão ansiosa para voltar do Sul. Todo esse tempo havia três pequeninos esperando. O instinto materno. Que terrivelmente tocante! Ele enxugou uma umidade embaixo do olho esquerdo que ardia.

– Muito bem, Severard, isso pode ser útil. E a outra coisa? O guarda do príncipe?

Severard levantou a máscara um momento e coçou embaixo, os olhos virando-se nervosamente para olhar ao redor.

– Isso é estranho. Eu tentei, mas... ele sumiu.

– Sumiu?

– Falei com a família dele. Não o veem desde a véspera da morte do príncipe.

Glokta franziu a testa.

– Desde a véspera? – *Mas ele estava lá... eu o vi.* – Chame Frost, e Vitari também. Me dê uma lista de quem estava no palácio naquela noite. Cada lorde, cada serviçal, cada soldado. Vou chegar à verdade disto. – *De um modo ou de outro.*

– Sult mandou o senhor fazer isso?

Glokta olhou para ele com rispidez.

– Ele não disse para não fazer. Só faça o que eu digo.

Severard murmurou alguma coisa, mas suas palavras se perderam quando o barulho da multidão cresceu de repente numa onda de zombarias furiosas. Tulkis estava sendo levado para o cadafalso. Ele arrastava os pés, com correntes chacoalhando nos tornozelos. Não chorava nem gemia, nem gritava em desafio. Simplesmente parecia exaurido, triste e com alguma dor. Havia hematomas claros no rosto, rastros de manchas vermelhas furiosas nos braços e nas pernas e cruzando o peito. *É impossível usar agulhas quentes sem deixar algumas marcas, mas ele parece bem, considerando tudo.* A não ser por um pano amarrado na cintura, estava nu. *Para poupar as sensibilidades delicadas das*

damas presentes. Olhar as entranhas de um homem derramando-se é uma diversão excelente, mas ver seu pau, bom... seria obsceno.

Um funcionário do governo foi até a frente do cadafalso e começou a ler o nome do prisioneiro, a natureza da acusação, os termos de sua punição e seu castigo, mas mesmo a curta distância ele mal podia ser ouvido, por causa dos murmúrios carrancudos da multidão, pontuados por gritos de fúria ocasionais. Glokta contraiu os músculos do rosto ao mexer a perna lentamente, para a frente e para trás, tentando aliviar as cãibras.

Os carrascos mascarados avançaram e seguraram o prisioneiro, movendo-se com cuidadosa habilidade. Puseram um saco preto na cabeça do enviado e prenderam algemas em volta do pescoço, dos pulsos e dos tornozelos. Glokta podia ver a lona movendo-se para fora e para dentro diante da boca do sujeito. *As últimas respirações desesperadas. Será que ele reza, agora? Será que xinga em fúria? Quem sabe, e que diferença pode fazer?*

Içaram-no na estrutura, com os braços e as pernas arreganhados. A maior parte do peso estava nos braços. O suficiente no colar em volta do pescoço para esganá-lo, mas não para matá-lo. Ele lutou um pouco, claro. *É natural. Um instinto animal de se debater, subir, se soltar e respirar em liberdade. Um instinto ao qual é impossível resistir.* Um dos carrascos foi até a mesa, pegou uma lâmina pesada, fez um floreio para exibi-la à multidão com o sol fraco refletindo-se brevemente no gume. Deu as costas para a plateia e começou a cortar.

A multidão ficou muda. Fez-se um silêncio absoluto, a não ser por um ou outro sussurro. Era um castigo que não instigava gritos. Um castigo que exigia um silêncio pasmo. Um castigo para o qual não poderia haver reação a não ser um olhar horrorizado, fascinado. *Essa é a ideia.* Portanto havia apenas silêncio, e talvez o gorgolejo úmido da respiração do prisioneiro. *Já que o colar tornava impossível gritar.*

– Um castigo adequado para o assassino do príncipe herdeiro, imagino – sussurrou Ardee, olhando a tripa sangrenta do enviado deslizar para fora do corpo.

Glokta baixou a cabeça para sussurrar no ouvido dela.

– Tenho quase certeza de que ele não matou ninguém. Suspeito que não seja culpado de nada mais do que ser um homem corajoso, que veio falar a verdade e

fazer uma oferta de paz.

Os olhos dela se arregalaram.

– Então por que executá-lo?

– Porque o príncipe herdeiro foi assassinado. Alguém tem de ser punido.

– Mas... quem matou de verdade o príncipe Raynault?

– Alguém que não quer a paz entre Gurkhul e a União. Alguém que deseja que a guerra entre nós cresça, se espalhe e nunca mais termine.

– Quem desejaria isso?

Glokta não disse nada. *Quem, afinal?*



Você não precisa admirar aquele tal Fallow, mas ele certamente sabe escolher uma boa poltrona. Glokta se acomodou no estofamento macio com um suspiro, esticando os pés em direção ao fogo, estalando os tornozelos doloridos ao girá-los.

Ardee não parecia tão confortável. *Mas, afinal de contas, a diversão desta manhã não foi um espetáculo confortável.* Estava de pé, olhando pela janela com a testa franzida, pensativa, uma das mãos puxando nervosa uma mecha de cabelos.

– Preciso de uma bebida.

Ela foi até o armário e o abriu. Pegou uma garrafa e uma taça. Parou e olhou em volta.

– Não vai me dizer que é meio cedo para beber?

Glokta deu de ombros.

– Você sabe que horas são.

– Preciso tomar alguma coisa, depois daquela...

– Então tome alguma coisa. Não precisa se explicar. Não sou seu irmão.

Ela virou a cabeça bruscamente e lhe lançou um olhar rígido. Abriu a boca como se fosse falar, mas só empurrou a garrafa com raiva, depois fez o mesmo com a taça. Bateu a porta do armário.

– Está feliz?

Ele deu de ombros.

– O mais perto disso que posso, se quer saber.

Ardee se deixou cair numa poltrona diante dele, olhando amargamente para um dos sapatos.

– O que vai acontecer agora?

– Agora? Agora vamos nos deliciar um ao outro com comentários bem-humorados durante uma hora de preguiça, depois que tal um passeio pela cidade? – Ele se encolheu. – Devagar, claro. Um almoço tardio, talvez. Eu estava pensando em...

– Estou falando da sucessão.

– Ah – murmurou Glokta. – Isso.

Ele estendeu a mão e puxou uma almofada para se posicionar melhor, depois se esticou mais um pouco, com um grunhido de satisfação. *Sentado nesta sala quente e confortável, na companhia de uma mulher tão agradável e bonita, quase seria possível fingir que ainda tenho algum tipo de vida.* Tinha uma sugestão de sorriso no rosto quando continuou:

– Haverá uma eleição no Conselho Aberto. O que significa, sem dúvida, que antes haverá uma orgia de chantagens, suborno, corrupção e traição. Um carnaval de acordos, rompimentos de alianças, intriga e assassinato. Uma alegre dança feita de conluios, tramas, ameaças e promessas. Vai continuar assim até que o rei morra. *Então* haverá uma eleição no Conselho Aberto.

Ardee deu seu sorriso torto.

– Até as filhas dos plebeus estão dizendo que o rei não pode viver por muito tempo.

– Ora, ora – e Glokta levantou as sobrancelhas. – Quando as filhas dos plebeus começam a dizer uma coisa dessas, a gente sabe que deve ser verdade.

– Quem são os favoritos?

– Por que você não diz quem são os favoritos?

– Certo, então vou dizer. – Ela se recostou, com a ponta de um dos dedos coçando pensativamente o queixo. – Brock, claro.

– Claro.

– E Barezin, acho, Heugen e Isher.

Glokta assentiu. *Ela não é boba.*

– São os quatro grandes. Quem mais, você acha?

– Creio que Meed perdeu a chance quando foi derrotado pelos nórdicos. E

Skald, o lorde governador de Starikland?

– Muito bem. A chance dele pode ser remota, mas ele estaria no jogo...

– E se os candidatos da Terra do Meio dividirem os votos o suficiente...

– Quem sabe o que pode acontecer?

Eles trocaram um sorriso por um momento.

– Nesse ponto realmente poderia ser qualquer um – disse Glokta. – E qualquer filho ilegítimo do rei também poderia ser considerado.

– Bastardos? Existe algum?

Glokta levantou uma sobrancelha.

– Acho que eu poderia apontar alguns.

Ela gargalhou e ele se parabenizou por isso.

– Existem boatos, claro, como sempre. Carmee dan Roth, já ouviu falar dela? Uma dama da corte, e supostamente de beleza excepcional. Foi a favorita do rei num determinado momento, há anos. Desapareceu de repente e mais tarde disseram que havia morrido, talvez no parto, mas quem sabe? As pessoas adoram fofocar, e mulheres lindas e jovens de vez em quando morrem sem jamais parir um bastardo real.

– Ah, é verdade, é verdade! – Ardee balançou as pálpebras e fingiu desmaiar. – Sem dúvida somos bem doentinhas.

– São, minha cara, são mesmo. A beleza é uma maldição. Agradeço aos meus astros todo dia por ter sido curado disso. – E ele deu seu riso banguela. – Os membros do Conselho Aberto estão inundando a cidade aos montes, e ouso dizer que muitos passaram a vida inteira sem pôr os pés na rotunda dos Lordes. Sentem cheiro de poder e querem fazer parte disso. Querem ganhar alguma coisa com isso, enquanto ainda há algo a ganhar. Pode ser a única vez, em dez gerações, que os nobres tomam uma decisão de verdade.

– Mas que decisão! – murmurou Ardee, balançando a cabeça.

– É mesmo. A corrida pode ser longa e a competição será selvagem perto do fim. – *Para não dizer mortal.* – Eu não desconsideraria a possibilidade de alguém de fora surgir no último instante. Alguém sem inimigos. Um candidato de conciliação.

– E o Conselho Fechado?

– Eles são proibidos de se candidatar, claro, para garantir a imparcialidade. – Glokta resfolegou. – Imparcialidade! O que eles desejam ardentemente é impor

alguma criatura insignificante à nação. Alguém que eles possam dominar e manipular, para continuarem suas rixas particulares sem serem interrompidos.

– Existe um candidato assim?

– Qualquer um que tenha um voto é uma possibilidade, de modo que em teoria existem centenas deles, mas, claro, os membros do Conselho Fechado não conseguem entrar em acordo com relação a um nome, por isso vão passando por cima dos candidatos mais fortes sem que eles saibam, de forma bastante indigna, mudando de lealdade dia a dia, tentando garantir seu futuro e permanecer no cargo. O poder passou tão rapidamente deles para os nobres que eles estão zonzos. E algumas cabeças vão rolar de um lado ou outro, pode contar com isso.

– Você acha que a sua vai? – perguntou Ardee, olhando-o por baixo das sobrancelhas escuras.

Glokta lambeu lentamente as gengivas.

– Se a de Sult rolar, pode ser que a minha vá atrás.

– Espero que não. Você foi gentil comigo. Mais gentil do que qualquer pessoa. Mais do que eu mereço.

Era um artifício de franqueza absoluta que ele a vira usar antes, mas mesmo assim o deixava estranhamente desarmado.

– Bobagem – murmurou Glokta, remexendo os ombros na poltrona, subitamente desajeitado. *Gentileza, honestidade, salas confortáveis... O coronel Glokta saberia o que dizer, mas aqui eu sou um estranho.* Ainda estava procurando uma resposta quando ecoou uma batida forte no corredor. – Está esperando alguém?

– Quem eu estaria esperando? Meu único conhecido está aqui, nesta sala.

Glokta se esforçou para ouvir enquanto a porta da frente se abria, mas não conseguiu escutar mais do que vagos murmúrios. A maçaneta girou e a criada enfiou a cabeça na sala.

– Desculpem, mas há uma visita para o superior.

– Quem? – perguntou Glokta rispidamente. *Severard, com notícias sobre o guarda do príncipe Raynault? Vitari, com alguma mensagem urgente do arquileitor? Algum problema novo que exija solução? Mais perguntas para fazer?*

– Ele disse que se chama Mauthis.

Glokta sentiu todo o lado esquerdo do rosto se repuxar. *Mauthis?* Fazia

algum tempo que não pensava nele, mas uma imagem do banqueiro magro saltou de imediato em sua mente, estendendo o recibo, com um gesto preciso, para Glokta assinar. *Um recibo de um presente de 1 milhão de marcos. Pode ser que no futuro um representante da casa bancária de Valint e Balk venha ao senhor requisitando... favores.*

Ardee estava franzindo a testa para ele.

– Alguma coisa errada?

– Não, nada – grasnou ele, esforçando-se para que a voz não soasse sufocada. – Uma antiga relação profissional. Pode me ceder a sala por um momento? Preciso conversar com esse senhor.

– Claro.

Ela se levantou e foi andando para a porta, o vestido farfalhando no tapete. Parou na metade do caminho, olhou por cima do ombro mordendo o lábio. Foi até o armário, abriu, pegou a garrafa e a taça. Encolheu os ombros.

– Preciso de alguma coisa.

– Todos precisamos, não é? – sussurrou Glokta para as costas de Ardee, vendo-a sair.

Mauthis passou pela porta um instante depois. Os mesmos ossos nítidos no rosto, os mesmos olhos frios em órbitas fundas. Mas algo havia mudado em sua postura. *Um certo nervosismo. Uma certa ansiedade, talvez?*

– Ora, mestre Mauthis, que honra inenarrável é...

– Pode dispensar as amenidades, superior. – Sua voz estava aguda e rouca como dobradiças enferrujadas. – Não tenho ego para ser massageado. Prefiro falar às claras.

– Muito bem, o que eu posso...

– Meus patrões, a casa bancária de Valink e Balk, não estão satisfeitos com sua linha de investigação.

A mente de Glokta disparou.

– Minha linha de investigação de quê?

– Do assassinato do príncipe herdeiro Raynault.

– Essa investigação está concluída. Garanto que não tenho...

– Falando às claras, superior: eles sabem. Seria mais fácil o senhor presumir que eles sabem tudo. Geralmente sabem. O assassinato foi solucionado, com velocidade e competência impressionantes, devo dizer. Meus empregadores

adoraram o resultado. O culpado foi levado à justiça. Ninguém vai se beneficiar se o senhor mergulhar mais fundo nesse assunto infeliz.

Isso é que é falar às claras. Mas por que Valint e Balk se incomodariam com minhas perguntas? Eles me deram dinheiro para frustrar os gurkenses, agora parecem questionar minha investigação de uma trama gurkense? Não faz sentido... a não ser que o assassino não tenha vindo do Sul. A não ser que os assassinos do príncipe Raynault estejam muito mais perto de casa...

– Existem algumas pontas soltas que precisam ser amarradas – conseguiu murmurar Glokta. – Seus patrões não precisam ficar com raiva...

Mauthis deu um passo adiante. Sua testa brilhava de suor, apesar de a sala não estar quente.

– Eles não estão com raiva, superior. O senhor não tinha como saber que eles ficariam insatisfeitos. Agora sabe. Se continuar com essa linha de investigação, estando ciente da insatisfação deles... aí eles ficariam com raiva. – Ele se inclinou para Glokta e quase sussurrou: – Por favor, permita-me dizer, superior, de uma peça do tabuleiro para outra: não queremos que eles fiquem com raiva. – Havia uma nota estranha em sua voz. *Ele não está me ameaçando. Está implorando.*

– O senhor está sugerindo – murmurou Glokta, praticamente sem mexer os lábios – que eles informariam ao arquileitor Sult sobre seu pequeno presente para a defesa de Dagoska?

– Isso é o mínimo que fariam.

A expressão de Mauthis era inconfundível. *Medo*. Medo naquele rosto que era uma máscara de impassividade. Algo naquilo deixava uma amargura na língua de Glokta, lançava um frio espinha abaixo, dava um nó na garganta. Era uma sensação que ele recordava, de muito tempo atrás. Era o mais perto que chegava de sentir medo em muito tempo. *Eles me têm nas mãos. Completa e absolutamente. Eu sabia quando assinei. Sabia que havia um preço, e não teria opção além de pagar.*

Glokta engoliu em seco.

– Pode dizer a seus empregadores que não haverá mais investigações.

Mauthis fechou os olhos um momento e soltou o ar com alívio evidente.

– Sinto-me deliciado em levar essa mensagem de volta. Bom dia.

Em seguida se virou e deixou Glokta sozinho na sala de Ardee, olhando para

a porta e se perguntando o que havia acabado de acontecer.

A moradia de pedras

A PROA DO bote raspou com força na praia rochosa e pedras gemeram e arranharam a parte de baixo do casco. Dois remadores desceram meio desajeitados da embarcação e a arrastaram mais alguns passos. Assim que o bote ficou bem escorado, eles voltaram correndo para dentro dele, como se a água causasse intensa dor. Jezal não os culpava de todo: Shabulyan, a ilha na borda do Mundo que era o destino final daquela viagem, tinha de fato uma aparência ameaçadora.

Um vasto monte rochoso rude e estéril, com ondas frias que se agarravam nos promontórios afiados e gadanhavam as praias nuas. No alto se erguiam penhascos serrilhados e encostas de seixos traiçoeiros, apoiados na montanha que subia negra, íngreme e ameaçadora contra o céu escuro.

– Não vão desembarcar? – perguntou Bayaz aos marinheiros.

Os quatro remadores não demonstraram qualquer sinal de que iam se mexer, e o capitão balançou a cabeça lentamente.

– Ouvimos coisas ruins sobre esta ilha – grunhiu ele na língua comum, com um sotaque tão forte que era quase ininteligível. – Dizem que é amaldiçoada. Vamos esperar vocês aqui.

– Podemos demorar algum tempo.

– Vamos esperar.

– Esperem, então. – Bayaz deu de ombros. Em seguida saiu do bote e caminhou pelas ondas, que chegavam à altura dos joelhos. Lentamente e um tanto relutante, o resto do grupo o seguiu pelo mar gélido, em direção à praia.

Era um lugar sombrio e fustigado pelo vento, um lugar que servia apenas para as pedras e a água fria. As ondas espumavam cobiçosas subindo a praia e voltavam pelo cascalho sugando tudo com cobiça. Um vento implacável cortava a ilha desolada e atravessava a calça molhada de Jezal, jogando seu cabelo nos

olhos e fazendo-o gelar até os ossos. Arrancava qualquer traço de empolgação que poderia ter sentido por chegar ao fim da jornada. Encontrava fendas e buracos nas pedras e as fazia cantar, suspirar e gemer num coro lamentoso.

Havia pouquíssima vegetação. Um pouco de capim sem cor, doente por causa do sal, alguns arbustos espinhentos, mais mortos do que vivos. Umas árvores mirradas, mais acima, longe do mar, se agarravam desesperadamente às pedras implacáveis, curvadas e dobradas na direção do vento, como se pudessem ser arrancadas a qualquer instante. Jezal sentia a dor delas.

– Que lugar encantador! – gritou, as palavras voando no vendaval assim que saíam dos lábios. – Se você for entusiasta de pedras!

– Onde um sábio esconderia uma pedra? – gritou Bayaz para ele. – No meio de mil pedras! No meio de um milhão!

Certamente não havia escassez de pedras ali. Pedregulhos, rochas, pedrinhas e cascalho também eram abundantes. Era a profunda falta de qualquer outra coisa que tornava o lugar tão singularmente desagradável. Jezal olhou de volta por cima do ombro ao sentir uma súbita pontada de pânico pensando na possibilidade de os quatro remadores empurrarem o bote de volta para o mar e abandoná-los.

Mas eles continuavam no mesmo lugar, o barco balançando suavemente perto da praia. Para além deles, no oceano agitado, estava ancorado o navio precário de Cawneil, com as velas recolhidas e o mastro formando uma linha preta contra o céu de tormentas, movendo-se devagar para trás e para a frente nas ondas inquietas.



– Precisamos achar algum local abrigado do vento! – gritou Logen.

– E existe algo assim neste lugar desgraçado? – gritou Jezal em resposta.

– Vai ter que existir! Precisamos de uma fogueira!

Pé Comprido apontou na direção dos penhascos.

– Talvez lá em cima possamos achar uma caverna ou um espaço coberto. Eu guio vocês!

Subiram pela praia, primeiro escorregando no cascalho, depois pulando de

uma pedra bamba para outra. A borda do Mundo não parecia valer todo esse esforço, em termos de destino final. Eles poderiam ter encontrado pedras frias e água fria em quantidade suficiente sem sequer deixar o Norte. Logen tinha uma sensação ruim com relação a esse lugar estéril, mas não havia sentido em dizer isso. Passara os últimos dez anos com uma sensação ruim. Convocar o tal espírito, achar a tal Semente e ir embora depressa. Mas e depois? Voltar para o Norte? Voltar para Bethod e seus filhos, para rixas sem conta e rios de sangue ruim? Estremeceu. Nada disso o empolgava. É melhor fazer uma coisa do que viver com medo dela, diria seu pai, mas seu pai dizia todo tipo de coisas, e muitas delas não tinham muita utilidade.

Olhou para Ferro e ela para ele. Não franziu a testa, não sorriu. Ele nunca fora bom em entender as mulheres, claro, ou qualquer outra pessoa, mas Ferro era um mistério diferente . De dia continuava gélida e raivosa como sempre, mas, agora, na maioria das noites achava o caminho para debaixo do cobertor dele. Ele não entendia e não ousava perguntar. O lado triste disso era que ela era praticamente a melhor coisa que lhe acontecera em muito tempo. Estufou as bochechas e coçou a cabeça. Não que houvesse muitas coisas boas em sua vida, pensando bem.

Encontraram uma espécie de caverna na base dos penhascos. Na verdade, estava mais para um buraco abrigado por dois enormes pedregulhos, onde o vento não soprava com tanta força. Não era exatamente um bom lugar para conversar, mas a ilha era de uma aridez completa e Logen via poucas chances de encontrar um ponto melhor. Era preciso ser realista, afinal.

Ferro foi com a espada até uma árvore raquítica ali perto, e logo eles tinham gravetos suficientes para tentar fazer fogo. Logen se agachou e pegou a caixa da pederneira com os dedos entorpecidos. As correntes de ar entravam rodeando as pedras e a madeira estava úmida, mas depois de muito xingar e usar desajeitadamente a pederneira, ele conseguiu acender uma fogueira satisfatória. Todos se amontoaram ao redor dela.

– Traga a caixa – disse Bayaz, e Logen tirou aquela coisa pesada de dentro da mochila e, com um grunhido, colocou-a ao lado de Ferro.

Bayaz tateou na borda com as pontas dos dedos, encontrou alguma tranca escondida e a tampa se levantou em silêncio. Havia uma série de espirais de metal dentro dela, saindo de todos os lados e deixando livre um espaço do

tamanho do punho de Logen.

– Para que serve isso? – perguntou ele.

– Para manter o que estiver dentro imóvel e bem acolchoado.

– Ela precisa ficar num acolchoado?

– Kanedias achava que sim.

A resposta não fez Logen sentir-se melhor.

– Coloque dentro assim que puder – disse o mago, virando-se para Ferro. – Não queremos ficar expostos a ela por mais tempo do que o necessário. É melhor todos vocês permanecerem longe. – E ele sinalizou para que os outros recuassem.

Na ânsia de se afastar, Luthar e Pé Comprido quase se derrubaram, mas os olhos de Quai permaneceram fixos nos preparativos e ele praticamente não se mexeu.

Logen sentou com as pernas cruzadas diante da fogueira tremeluzente, sentindo o peso da preocupação aumentar cada vez mais no estômago. Estava começando a se arrepender de ter se envolvido com esse negócio, mas era meio tarde para incertezas.

– Ajuda ter alguma coisa para oferecer a eles – disse, olhando em volta, e encontrou Bayaz já lhe estendendo um frasco de metal.

Logen desatarraxou a tampa e cheirou. O odor forte de álcool encontrou suas narinas como uma amante que provocava enorme saudade.

– Você tinha isso o tempo todo?

Bayaz assentiu.

– Exatamente com esse objetivo.

– Quem me dera eu soubesse. Poderia ter feito bom uso mais de uma vez.

– Pode fazer bom uso agora.

– Não é a mesma coisa.

Logen virou o frasco e tomou um gole, resistiu à forte vontade de engolir, estufou as bochechas e soprou a bebida numa névoa sobre a fogueira, provocando um jorro de chamas.

– E agora? – perguntou Bayaz.

– Agora esperamos. Esperamos até...

– Estou aqui, Nove Dedos. – Era uma voz que parecia o vento passando entre as rochas, ou pedras caindo de penhascos, ou o mar recuando pelo cascalho. O

espírito pairou acima deles, na caverna rasa em meio às pedras, uma pilha móvel de rocha cinzenta da altura de dois homens e que não lançava sombra.

Logen levantou as sobrancelhas. Os espíritos jamais respondiam imediatamente, isso quando se davam o trabalho de responder.

– Isso foi rápido.

– Eu estava esperando.

– Muito tempo, imagino.

O espírito assentiu.

– Bom, é, nós viemos para...

– Para pegar a coisa que os filhos de Euz me confiaram. Devem estar acontecendo situações desesperadas no mundo dos homens, para que vocês a procurem.

Logen engoliu em seco.

– Quando não está?

– Você está vendo alguma coisa? – sussurrou Jezal atrás dele.

– Nada – respondeu Pé Comprido. – É de fato algo extremamente notável...

– Calem a boca! – rosnou Bayaz por cima do ombro.

O espírito baixou para perto dele.

– Este é o Primeiro dos Magos?

– É – respondeu Logen, mantendo a objetividade da conversa.

– É mais baixo do que Juvens. Não gosto da aparência dele.

– O que ele está dizendo? – perguntou Bayaz, ríspido e impaciente, olhando para o ar à esquerda do espírito.

Logen coçou o rosto.

– Que Juvens era alto.

– Alto? E daí? Pegue o que viemos pegar e vamos embora!

– Ele está impaciente – trovejou o espírito.

– Nós fizemos uma viagem longa. Ele tem o cajado de Juvens.

O espírito assentiu.

– O galho morto me é familiar. Fico feliz. Segurei essa coisa durante longos invernos, e foi um peso grande para carregar. Agora vou dormir.

– Boa ideia. Se você pudesse...

– Vou entregar à mulher.

O espírito enfiou a mão na própria barriga de pedra e Logen recuou,

cauteloso. O punho emergiu e havia algo dentro dele, e Nove Dedos se sentiu tremer ao ver aquilo.

– Estenda a mão – murmurou para Ferro.

Jezal ofegou involuntariamente e se afastou depressa quando a coisa caiu nas palmas de Ferro, que a esperavam. Ele levantou um braço para proteger o rosto, a boca aberta de horror. Bayaz ficou observando com os olhos arregalados. Quai se inclinou para a frente, ansioso. Logen fez uma careta e se balançou para trás. Pé Comprido seguiu aos tropeços até quase a saída do buraco. Por um longo momento, todos os seis olharam o objeto escuro nas mãos de Ferro – ninguém se movia, ninguém falava, nenhum som surgia além do vento. Ali estava, diante deles. A coisa pela qual tinham viajado tanto e corrido tantos perigos. A coisa que Glustrod tirou do fundo da terra tantos anos antes. A coisa que tornara a maior cidade do mundo uma ruína devastada.

A Semente. A encarnação do Outro Lado. A própria substância da magia.

Então Ferro começou a franzir a testa lentamente.

– É isso? – perguntou ela, desconfiada. – Essa é a coisa que vai transformar Shaffa em poeira?

Na verdade, agora que Jezal estava superando o choque do surgimento súbito, a coisa parecia apenas uma pedra. Um pedaço de rocha cinza, comum, do tamanho de um punho grande. Nada que causasse uma sensação de perigo sobrenatural. Nada que evidenciasse um poder mortal. Nada que disparasse relâmpagos ofuscantes nem raios ameaçadores. Na verdade, não parecia mais que uma pedra.

Bayaz piscou. Arrastou-se mais para perto, de quatro. Olhou o objeto nas mãos de Ferro. Lambeu os lábios e foi erguendo a mão devagar enquanto Jezal espiava com o coração martelando nos ouvidos. Bayaz tocou a pedra com o dedo mínimo e o puxou de volta instantaneamente. Não murchou nem expirou de repente. Sondou de novo com o dedo. Não houve detonação trovejante. Apertou a palma da mão contra a pedra. Fechou os dedos grossos em volta dela. Levantou-a. E ela continuava não parecendo nada mais do que uma pedra.

O Primeiro dos Magos avaliou a coisa em sua mão, os olhos cada vez mais arregalados.

– Não é isso – sussurrou com o lábio trêmulo. – Isso é só uma pedra!

Houve um silêncio atônito. Jezal olhou para Logen e o nórdico o encarou com o rosto cheio de cicatrizes frouxo de confusão. Jezal olhou para Pé Comprido e o navegador só pôde encolher os ombros ossudos. Jezal olhou para Ferro e viu a testa dela se franzir cada vez mais.

– Só uma pedra? – murmurou ela.

– Não é isso? – sibilou Quai.

– Então... – O significado das palavras de Bayaz só estava começando a penetrar na mente de Jezal. – Então toda essa viagem... foi por nada?

Um vento súbito soprou, apagando a chama miserável e jogando areia em seu rosto.

– Talvez tenha havido algum erro – supôs Pé Comprido. – Talvez exista outro espírito, talvez haja outro...

– Não houve erro – disse Logen, balançando a cabeça com firmeza.

– Mas... – Os olhos de Quai estavam saltando de seu rosto pálido. – Mas... como?

Bayaz o ignorou, os músculos se mexendo na lateral da cabeça.

– Kanedias. Tem a mão dele nisso. Ele encontrou um modo de enganar os irmãos e colocar esse pedaço de coisa nenhuma no lugar da Semente, que ele guardou para si. Mesmo na morte, o Artífice me desconsidera!

– É só uma pedra? – rosnou Ferro.

– Eu abri mão da chance de lutar por meu país – murmurou Jezal, com a indignação começando a se acender no peito – e me arrastei centenas de quilômetros por uma terra inóspita, fui espancado, quebrado, fiquei com cicatrizes... em troca de nada?

– A Semente. – Os lábios sem cor de Quai estavam se repuxando e revelando os dentes e sua respiração saía rápido pelo nariz. – Onde está? Onde?

– Se eu soubesse – rosnou seu mestre –, você acha que estaríamos sentados aqui, nesta ilha abandonada, negociando com espíritos em troca de um pedaço de pedra sem valor? – E ele levantou o braço e jogou a pedra com força no chão.

Ela se rachou e se partiu em fragmentos que quicaram, rolaram e se misturaram a uma centena de outros, milhares de outros, um milhão de outros

iguais.

– Não está aqui. – Logen balançou a cabeça com tristeza. – Se uma coisa pode ser dita sobre...

– É só uma pedra? – rosnou Ferro, o olhar afastando-se dos pedaços caídos para o rosto de Bayaz. – Sua porra de velho mentiroso! – Ela se pôs de pé num salto, os punhos cerrados ao longo do corpo. – Você me prometeu vingança!

Bayaz se virou para ela, o rosto transfigurado de raiva.

– Você acha que eu não tenho preocupações maiores do que sua *vingança*? – rugiu ele, com gotas de cuspe voando da boca e se espalhando no vendaval. – Ou seu *desapontamento*? – gritou ele no rosto de Quai, com as veias avolumando-se no pescoço. – Ou a porra da sua *aparência*?

Jezal engoliu em seco e se recolheu para o fundo do buraco, tentando parecer o menor que podia, sua raiva aplacada pela fúria gigantesca de Bayaz tão rapidamente quanto o fogo precário fora apagado pelo vento forte.

– Fui enganado! – rosnou o Primeiro dos Magos, desnorteado, abrindo e fechando as mãos com fúria. – Agora com o quê vou lutar contra Khalul?

Jezal se encolheu e se curvou, certo de que a qualquer momento alguém do grupo seria rasgado ao meio ou explodiria em chamas brilhantes, possivelmente ele. O irmão Pé Comprido escolheu um momento ruim para tentar acalmar a situação.

– Não deveríamos desanimar, companheiros! A jornada é sua própria recompensa...

– Diga isso mais uma vez, seu careca imbecil! – sibilou Bayaz. – Só mais uma vez, e eu vou transformá-lo em cinzas!

O navegador se encolheu, tremendo, e se afastou. O mago pegou seu cajado e foi saindo do buraco em direção à praia, a capa adejando ao redor do corpo, no vento forte. Sua fúria fora tão terrível que, por um breve momento, a ideia de permanecer na ilha pareceu preferível a entrar de volta num barco com ele.

Era com essa explosão de mau humor, supôs Jezal, que a busca era definida como um fracasso completo.

– Bom, então – murmurou Logen, depois de todos ficarem sentados ao vento por mais um tempo. – Acho que é isso. – Ele fechou a tampa da caixa do Artífice. – Não adianta chorar. É preciso ser...

– Cala a porra da boca, idiota! – rosnou Ferro para ele. – Não diga o que eu

preciso ser! – E ela saiu do buraco, e foi descendo em direção ao barulho do mar.

Logen se encolheu, enfiou a caixa de volta na mochila, suspirou e a colocou no ombro.

– Realista – murmurou, depois partiu atrás dela.

Pé Comprido e Quai foram em seguida, com raiva e carrancudos, mudos de desapontamento. Jezal foi o último, pisando de pedra em pedra, os olhos quase fechados por causa do vento, revirando aquilo tudo na mente. Os ânimos podiam estar mortalmente sombrios, mas, para sua surpresa, quando ia na direção do bote, descobriu que era quase incapaz de tirar o sorriso do rosto. Afinal de contas, o sucesso ou o fracasso nessa aventura louca nunca significaram nada de verdade para ele. Só importava saber que ia para casa.

A água batia na proa, levantando borrifos brancos e frios. A vela estufava e estalava, as traves rangiam e as cordas assobiavam. O vento chicoteava o rosto de Ferro, mas ela só estreitava os olhos e o ignorava. Bayaz havia descido sob o convés, furioso, e um a um os outros o acompanharam, saindo do frio. Só ela e Nove Dedos ficaram ali, olhando o mar.

– O que você vai fazer agora? – perguntou ele.

– Vou aonde puder para matar os gurkenses – disse ela bruscamente, sem pensar. – Vou encontrar outras armas e lutar contra eles onde puder.

Ela nem sabia se era verdade. Era difícil sentir o ódio como antes. Não parecia mais tão importante se os gurkenses cuidassem dos próprios assuntos e ela, dos dela, mas suas dúvidas e seu desapontamento só a fizeram rosnar com mais ferocidade:

– Nada mudou. Ainda preciso de vingança.

Silêncio.

Ela olhou de esguelha e viu Nove Dedos franzindo a testa para a espuma clara na água escura, como se a resposta não tivesse sido a que ele esperava. Teria sido fácil mudá-la. “Vou aonde você for”, ela poderia ter dito, e quem se prejudicaria com isso? Ninguém. Certamente não ela. Mas Ferro não podia se colocar sob o poder dele, desse jeito. Agora ficava claro que havia uma parede

invisível entre os dois. Uma parede impossível de atravessar.

Sempre houvera.

Tudo que ela conseguiu dizer foi:

– E você?

Ele pareceu pensar por um tempo, mordendo o lábio, talvez com raiva.

– Eu deveria voltar para o Norte. – Disse isso com tristeza, sem ao menos olhá-la. – Lá está o trabalho que eu nunca deveria ter deixado. Trabalho sombrio, que precisa ser feito. Acho que é para lá que eu vou. De volta ao Norte, e acertar algumas contas.

Ela franziu a testa. Contas? E quem mesmo lhe dissera que era preciso ter mais do que vingança? Agora tudo que ele queria era acertar contas? Desgraçado mentiroso.

– Acertar contas – sibilou ela. – Que bom.

E as palavras eram areia azeda em sua língua.

Ele a olhou nos olhos por um momento. Abriu a boca como se fosse falar, e ficou ali, com os lábios formando uma palavra e uma das mãos a meio caminho dela.

Então pareceu se afrouxar de repente e firmou o maxilar. Virou o ombro para ela e se apoiou de novo na amurada.

– Bom.

E assim, facilmente, estava tudo acabado entre eles.

Ferro fechou a cara e se virou. Cerrou os punhos e sentiu as unhas se cravarem nas palmas das mãos, com dureza furiosa. Xingou-se, amarga. Por que não podia ter dito palavras diferentes? Um pouco de ar, um movimento diferente da boca e tudo estaria mudado. Teria sido fácil.

Só que Ferro não conseguia, e sabia que jamais conseguiria. Os gurkenses haviam matado essa parte sua, lá longe e muito tempo antes, e a haviam deixado morta por dentro. Ela fora uma idiota em ter esperança, e bem no fundo soubera disso o tempo todo.

Esperança é coisa para fracos.

De volta à lama

Cachorrão e Barca Negra, Tul e Sinistro, West e Pike. Seis deles. Estavam num círculo olhando duas pilhas de terra fria. Lá embaixo, no vale, os homens da União se ocupavam enterrando os mortos, Cachorrão tinha visto. Centenas deles, em buracos de uma dúzia cada. Era um dia ruim para os homens, no geral, e um bom dia para o chão. Era sempre assim depois de uma batalha. Só o chão vencia.

Tremedeira e seus Carls estavam perto, entre as árvores, enterrando os seus. Doze na terra, já, outros três tão feridos que provavelmente iriam acompanhá-los antes que a semana terminasse, e mais um que havia perdido a mão – poderia viver, poderia não viver, dependendo da sorte. A sorte não vinha sendo boa. Quase metade, mortos em um dia de trabalho. Era corajoso da parte deles permanecer depois disso. Cachorrão podia ouvir as palavras que diziam. Palavras tristes e de orgulho pelos que caíram. Que tinham sido bons homens, que haviam lutado bem, que sua falta seria imensamente sentida e todo o resto. Era sempre assim depois de uma batalha. Palavras para os mortos.

Cachorrão engoliu em seco e olhou para a terra recém-revirada aos seus pés. Trabalho pesado, cavar no frio o chão congelado e duro. Mesmo assim era melhor cavar do que ser enterrado, diria Logen, e Cachorrão achou que estava certo. Tinha acabado de enterrar duas pessoas, e duas partes dele próprio junto com elas. Cathil estava no fundo da terra empilhada, estendida, branca e fria, e jamais ficaria quente de novo. Três Árvores não fora posto longe dela, com o escudo quebrado sobre os joelhos e a espada na mão. Duas esperanças que Cachorrão havia deixado na lama – algumas esperanças para o futuro e algumas esperanças do passado. Tudo acabado, agora, e jamais dariam em nada, e deixavam um buraco dolorido dentro dele. Era sempre assim depois de uma batalha. Esperanças na lama.

– Enterrados onde morreram – disse Tul baixinho. – É justo. É bom.

– Bom? – rosnou Barca Negra, olhando irritado para West. – Bom, é? O lugar mais seguro de toda a batalha? O lugar mais seguro, foi o que você disse a eles?

West engoliu em seco e olhou para baixo, parecendo sentir-se culpado.

– Certo, Barca Negra – disse Tul. – Você sabe que não pode culpá-lo disso, nem ninguém. É uma batalha. Pessoas morrem. Três Árvores sabia disso, ninguém sabia melhor que ele.

– A gente poderia estar em outro lugar – rosnou Barca Negra.

– Poderia – disse Cachorrão. – Mas não estava, e pronto. Não tem como mudar isso, tem? Três Árvores está morto, a garota está morta, e isso é bem difícil para todo mundo. Não precisa piorar a situação.

Os punhos de Barca Negra se fecharam e ele respirou fundo como se fosse gritar alguma coisa. Depois soltou o ar, seus ombros se afrouxaram e sua cabeça pendeu.

– Está certo. Agora não se pode fazer nada.

Cachorrão tocou o braço de Pike.

– Quer dizer alguma coisa por ela?

O homem queimado olhou para ele, depois balançou a cabeça. Não era muito de falar, pensou Cachorrão, e não o culpava. Também parecia que West não iria falar nada, por isso Cachorrão pigarreou, encolhendo-se por causa da dor nas costelas, e tentou. Alguém precisava fazer isso.

– A garota que nós enterramos aqui... seu nome era Cathil. Não posso dizer que a conhecia há muito tempo, nem nada, mas o que eu conheci dela eu gostei... se é que isso vale de alguma coisa. Não muito, acho. Não muito. Mas essa garota tinha tutano. Acho que todos vimos isso no caminho para o norte. Enfrentou o frio, a fome e todo o resto e nunca reclamou. Queria tê-la conhecido melhor. Esperava isso, mas, bem, nem sempre as coisas são como a gente espera. Ela não era uma de nós, na verdade, mas morreu conosco, por isso acho que temos orgulho por ela estar neste chão junto com um dos nossos.

– É – disse Barca Negra. – Temos orgulho dela.

– Isso mesmo – concordou Tul. – O chão recebe todo mundo do mesmo modo.

Cachorrão assentiu, inspirou o ar longamente, com um tremor, e o expirou.

– Alguém quer falar por Três Árvores?

Barca Negra se encolheu e olhou para as botas, remexendo-as no chão. Tul piscou para o céu, como se os olhos estivessem úmidos. O próprio Cachorrão estava a um passo de chorar. Se tivesse de falar mais uma palavra, sabia que iria berrar feito uma criança. Três Árvores saberia o que dizer, mas aí é que estava o problema: ele havia morrido. Parecia que ninguém tinha palavras. Então Sinistro deu um passo adiante.

– Rudd Três Árvores – disse, olhando um a um ao redor. – Rocha de Uffrith, era como o chamavam. Não havia nome mais grandioso em todo o Norte. Grande lutador. Grande líder. Grande amigo. Uma vida de batalhas. Ficou cara a cara com o Nove Sangrento, depois ficou ombro a ombro com ele. Nunca pegava um caminho fácil, se achasse que era o errado. Nunca evitava uma luta se achasse que ela precisava ser travada. Eu estive com ele, andei com ele, lutei com ele, dez anos, por todo o Norte. – Seu rosto se abriu num sorriso. – Não tenho o que reclamar.

– Boas palavras, Sinistro – disse Barca Negra, encarando a terra fria. – Boas palavras.

– Não haverá outro como Três Árvores – murmurou Tul, enxugando o olho como se tivesse alguma coisa nele.

– É – disse Cachorrão. Foi só isso que conseguiu.

West se virou e foi andando entre as árvores, sem dizer uma palavra, os ombros caídos. Cachorrão podia ver os músculos se contraindo na lateral da cabeça dele. Culpando-se, provavelmente. Pela experiência do Cachorrão, alguns homens gostavam um bocado de fazer isso quando as pessoas morriam, e West parecia desse tipo. Pike o acompanhou e os dois passaram por Tremedeira, que vinha do outro lado.

Ele parou junto às sepulturas, franzindo a testa para elas, o cabelo pendendo em volta do rosto, depois olhou para os outros.

– Não pretendo faltar com o respeito. Nem um pouco. Mas precisamos de outro chefe.

– A terra acabou de ser jogada em cima dele – sibilou Barca Negra, olhando-o com irritação.

Tremedeira levantou as mãos.

– Então essa é a melhor hora para discutir isso. De modo que não haja confusão. Meus rapazes estão nervosos, para ser honesto. Perderam amigos,

perderam Três Árvores e precisam de alguém para se mirar, isso é fato. Quem vai ser?

Cachorrão coçou o rosto. Ainda nem havia pensado nisso, e agora não sabia o que pensar. Tul Duru Cabeça de Trovão e Barca Negra eram dois nomes conhecidos e de peso, ambos haviam comandado homens – e bem. Cachorrão olhou para eles, ali parados, franzindo a testa um para o outro.

– Não me importa qual de vocês seja – disse. – Eu sigo qualquer um dos dois. Mas está claro que tem de ser um de vocês.

Tul olhou sério para Barca Negra, e Barca Negra olhou de volta para ele.

– Não posso segui-lo – trovejou Tul. – E ele não vai me seguir.

– Isso é fato – sibilou Barca Negra. – Nós já falamos disso. Nunca vai dar certo.

Tul balançou a cabeça.

– É por isso que não pode ser nenhum de nós dois.

– Não – disse Barca Negra. – Não pode ser nenhum de nós. – Ele sugou o ar entre os dentes, juntou um pouco de catarro e cuspiu no chão. – É por isso que tem de ser você, Cachorrão.

– Por isso eu o quê? – reagiu Cachorrão, os olhos arregalados, olhando fixamente.

Tul assentiu.

– Você é o chefe. Todos nós concordamos.

– Uh – concordou Sinistro, sem ao menos levantar os olhos.

– Nove Dedos se foi – disse Barca Negra. – E Três Árvores se foi. Assim, resta você.

Cachorrão se encolheu. Estava esperando que Tremedeira dissesse: “O quê? Ele? O chefe?” Estava esperando que todos começassem a gargalhar e dizer que aquilo era uma piada. Barca Negra, Tul Duru Cabeça de Trovão e Harding Sinistro, para não falar de duas dúzias de Carls, todos seguindo o que ele dissesse. Era a ideia mais idiota que já ouvira. Mas Tremedeira não riu.

– Acho uma boa escolha. Falando pelos meus rapazes, era o que eu iria sugerir. Vou avisar a eles. – Em seguida se virou e foi andando entre as árvores, deixando Cachorrão boquiaberto.

– Mas e os outros? – sussurrou ele, encolhendo-se com uma pontada de dor nas costelas, quando Tremedeira estava longe o bastante para não ouvi-lo. – São

vinte porras de Carls lá embaixo, e nervosos! Eles precisam de um nome para seguir!

– Você tem nome – disse Tul. – Você atravessou as montanhas com Nove Dedos, lutou todos aqueles anos com Bethod. Não resta nenhum nome maior do que você. Você viu mais batalhas do que todos nós.

– Vi, talvez...

– É você – disse Barca Negra –, e pronto. Você não é o maior matador desde Skarling, e daí? Suas mãos têm sangue suficiente para eu seguir, e não existe um batedor melhor. Você sabe comandar. Já viu os melhores comandantes. Nove Dedos, Bethod e Três Árvores, viu todos eles, o mais perto possível.

– Mas eu não posso... quero dizer... eu não conseguiria fazer ninguém atacar, pelo menos como Três Árvores fazia...

– Ninguém conseguiria – disse Tul, assentindo para o chão. – Mas Três Árvores já não é uma opção, lamento dizer. Agora você é o chefe e vamos segui-lo. Qualquer um que não queira fazer o que você mandar pode vir falar com a gente.

– E vai ser uma conversa bem curta – rosnou Barca Negra.

– Você é o chefe. – Tul se virou e foi andando entre as árvores.

– Está decidido – emendou Barca Negra, indo atrás dele.

– Uh – disse Sinistro, dando de ombros e seguindo os outros dois.

– Mas... – murmurou Cachorrão. – Esperem aí...

Eles tinham ido embora. Assim, ele achava que isso o tornava o chefe.

Ficou parado um momento, piscando, sem saber o que pensar. Nunca havia sido líder. Não se sentia diferente, não tivera ideias súbitas. Nem tinha a menor noção do que mandar os homens fazerem. Sentia-se idiota. Mais ainda do que de costume.

Ajoelhou-se entre as sepulturas, enfiou a mão no solo e o sentiu frio e úmido em volta dos dedos.

– Desculpe, garota – murmurou. – Você não merecia isso. – Segurou o chão com força e o apertou na palma da mão. – Adeus, Três Árvores. Vou tentar fazer o que você faria. De volta à lama, velho.

Em seguida se levantou, enxugou a mão na camisa e foi andando de volta para os vivos. E deixou os dois para trás, na terra.

Agradecimentos

Quatro pessoas sem as quais...

Bren Abercrombie, cujos olhos estão doloridos de tanto ler

Nick Abercrombie, cujos ouvidos estão doloridos de tanto ouvir falar

Rob Abercrombie, cujos dedos estão doloridos de tanto virar as páginas

Lou Abercrombie, cujos braços estão doloridos de tanto me apoiar

E também...

Jon Weir, por espalhar a notícia

Simon Spanton, por não cortar o barato

E quem poderia esquecer...

Gillian Redfearn, que não só fez acontecer como deixou melhor

Conheça o próximo livro da trilogia *A Primeira Lei*

O duelo dos reis

O superior Glokta parou no corredor e esperou. Esticou o pescoço torto para um lado e depois para o outro, ouvindo os estalos costumeiros, sentindo as pontadas familiares de dor se estenderem pelos músculos embolados entre as escápulas. *Por que faço isso, se sempre dói? Por que devemos testar a dor? Passar a língua no inchaço, esfregar a bolha, arrancar a casca?*

– E então? – perguntou rispidamente.

O busto de mármore ao pé da escada ofereceu como resposta apenas seu desprezo silencioso. *E já recebo mais do que o suficiente disso*. Glokta se afastou arrastando o pé inútil pelos ladrilhos, com as batidas da bengala ecoando nos relevos do teto distante.

Em comparação com os grandes nobres do Conselho Aberto, lorde Ingelstad, o dono deste salão enorme, era de fato um homem pequeno. Era o chefe de uma família cuja fortuna havia declinado com o correr dos anos, cuja riqueza e influência haviam se encolhido até se tornarem praticamente nada. *E quanto mais ínfimo o homem, mais inflada é a sua pretensão. Por que eles nunca percebem que as coisas parecem ainda menores em espaços grandes?*

Em algum lugar nas sombras, um relógio vomitou alguns dobres vagarosos. *Já é bem tarde. Quanto mais ínfimo o homem, mais precisamos esperar ao seu dispor. Mas sei ser paciente quando preciso. Afinal de contas, não tenho banquetes ofuscantes, nem multidões em êxtase, nem mulheres lindas esperando ansiosas minha chegada. Não mais. Os gurkenses asseguraram isso, na escuridão embaixo das prisões do imperador.* Ele encostou a língua nas gengivas vazias enquanto mexia a perna, e as pontadas subiram delas até as costas, fazendo suas pálpebras estremecerem. *Posso ser paciente. É a única coisa boa quando cada passo é um sacrifício. A gente aprende logo a pisar com cuidado.*

A porta ao lado se abriu de súbito e Glokta girou a cabeça rapidamente. Teve

de se esforçar ao máximo para esconder a dor quando os ossos do pescoço rangeram. Lorde Ingelstad estava no limiar da porta: um homem grande, de jeito paternal e pele avermelhada. Ofereceu um sorriso amigável ao chamá-lo para dentro da sala. *Como se isso fosse uma visita social e, além do mais, bem-vinda.*

– Devo desculpas por fazê-lo esperar, superior. Tive tantas visitas desde que cheguei a Adua que minha cabeça está rodando! – *Esperemos que ela não rode para longe.* – Tantos visitantes! – *Visitantes com ofertas, sem dúvida. Ofertas em troca de seu voto. Ofertas em troca de sua ajuda para escolher nosso próximo rei. Mas acho que o senhor achará doloroso recusar minha oferta.* – Aceita vinho, superior?

– Não, senhor, obrigado. – Glokta entrou mancando. – Não ficarei muito tempo. Também tenho muitas coisas para cuidar. – *Como sabe, as eleições não se organizam sozinhas.*

– Claro, claro. Por favor, sente-se.

Ingelstad deixou-se cair, todo feliz, numa de suas poltronas e indicou a outra. Glokta demorou um momento para se acomodar, baixando-se com cuidado, depois mexendo o quadril até descobrir uma posição em que suas costas não lhe causassem dor constante.

– E o que o senhor deseja discutir comigo?

– Vim em nome do arquileitor Sult. Espero que não se ofenda se eu for direto, mas Sua Eminência quer o seu voto.

As feições pesadas do nobre se retorceram numa perplexidade fingida. *Muito mal fingida, por sinal.*

– Não sei se entendi. Meu voto em que questão?

Glokta enxugou um pouco de umidade embaixo do olho que lacrimejava. *Será que precisamos fazer essa dança indigna? Você não tem corpo para isso e eu não tenho pernas.*

– Na questão de quem será o próximo ocupante do trono, lorde Ingelstad.

– Ah. Isso. – *É, isso, idiota.* – Superior Glokta, espero não despontá-lo nem desapontar Sua Eminência, um homem por quem não tenho nada menos do que o mais alto respeito – e ele baixou a cabeça com uma demonstração exagerada de humildade – quando digo que não poderia, em sã consciência, me permitir ser influenciado em qualquer direção. Sinto que eu e todos os membros do Conselho Aberto recebemos uma confiança sagrada. Tenho o dever de votar no homem

que pareça ser o melhor candidato, dentre os muitos homens excelentes disponíveis. – E ele abriu um sorriso de enorme satisfação consigo mesmo.

Belo discurso. Um camponês idiota até poderia acreditar. Quantas vezes ouvi isso, ou coisa parecida, nas últimas semanas? Tradicionalmente a barganha viria em seguida. A discussão sobre quanto, exatamente, vale uma confiança sagrada. Quanta prata é capaz de suplantar uma consciência limpa. Até que ponto o ouro corta os laços do dever. Mas hoje não estou com humor para barganhas.

Glokta levantou bem as sobrancelhas.

– Devo lhe dar os parabéns pela postura nobre, lorde Ingelstad. Se todo mundo tivesse o seu caráter estaríamos vivendo num mundo melhor. Uma postura realmente nobre... sobretudo quando o senhor tem tanto a perder. Nada menos do que tudo, imagino. – Ele se encolheu quando pegou a bengala com uma das mãos e jogou o peso do corpo dolorosamente adiante, na direção da beirada da poltrona. – Mas vejo que o senhor não será convencido, por isso vou andando...

– A que o senhor pode estar se referindo, superior?

A inquietação do nobre estava escrita dolorosamente em seu rosto gorducho.

– Ora, lorde Ingelstad, aos seus negócios corruptos.

As bochechas vermelhas haviam perdido boa parte do brilho.

– Deve haver algum engano.

– Ah, não, garanto. – Glokta tirou os papéis de confissão do bolso interno de sua capa. – O senhor é mencionado com bastante frequência nas confissões de importantes membros da Guilda dos Mercadores de Tecidos, sabia? Bastante frequência.

Ele estendeu as páginas que estalavam, para que os dois pudessem vê-las.

– Aqui o senhor é chamado de, e as palavras não são minhas, veja bem, “cúmplice”. Aqui é chamado de “principal beneficiário” de uma operação de contrabando bastante desagradável. E, aqui, o senhor notará, e quase fico ruborizado ao dizer, o seu nome e a palavra “traição” aparecem muito próximos.

Ingelstad se deixou afrouxar na poltrona e pousou a taça com ruído na mesa ao lado, fazendo uma quantidade de vinho cair na madeira polida. *Ah, realmente deveríamos enxugar isso. Pode deixar uma mancha medonha, e algumas manchas são impossíveis de se tirar.*

– Sua Eminência – continuou Glokta –, contando com o senhor como amigo, pôde manter seu nome fora dos inquéritos iniciais, pelo bem de todo mundo. Ele entende que o senhor estava apenas tentando reverter a sorte negativa de sua família, e não deixa de ter simpatia com essa questão. Mas se o senhor o desapontasse em relação aos votos, a simpatia dele iria se exaurir rapidamente. Está entendendo? – *Acho que deixei totalmente claro.*

– Estou – grasnou Ingelstad.

– E os laços do dever? Parecem mais frouxos agora?

O nobre engoliu em seco, com o rosto praticamente sem cor.

– Estou ansioso para ajudar Sua Eminência de qualquer modo possível, claro, mas... o problema é... – *O que vem agora? Uma oferta desesperada? Um suborno perplexo? Ou talvez um apelo à minha consciência?* – Um representante do juiz supremo Marovia veio me ver ontem. Um homem chamado Harlen Morrow. Ele fez uma representação muito semelhante... e ameaças não muito dissemelhantes.

Glokta franziu a testa. *Foi mesmo? Marovia e seu vermezinho. Sempre um passo adiante, ou só um passo atrás. Mas nunca longe.* Uma nota esganiçada se esgueirou na voz de Ingelstad.

– O que posso fazer? Não tenho como apoiar os dois! Partirei de Adua, superior, para nunca mais retornar! Irei... irei me abster da votação...

– Você não fará isso porra nenhuma! – rosnou Glokta. – Vai votar como eu mandei e Marovia que se dane! – *Mais aguilhoadas? É desagradável, mas que seja. Já nem são minhas mãos que estão sujas, estou imundo até os cotovelos, não? Remexer em mais um ou dois esgotos não fará diferença.* Deixou a voz ficar suave, até um ronronar oleoso. – Ontem observei suas filhas no parque.

O rosto do nobre perdeu o que restava de cor.

– Três jovens inocentes prestes a se tornarem mulheres, vestidas no auge da moda, e cada qual mais linda do que a outra. A mais jovem teria... 15 anos?

– Treze – grasnou Ingelstad.

– Ah. – E Glokta deixou seus lábios se repuxarem para mostrar o sorriso banguela. – Ela floresce cedo. Elas jamais haviam visitado Adua, não é?

– É – quase sussurrou ele.

– Foi o que pensei. A empolgação e o deleite enquanto percorriam os jardins do Agriont eram perfeitamente encantadores. Juro, elas devem ter atraído o olhar

de cada pretendente da capital. – Ele permitiu que o sorriso desaparecesse devagar. – Eu ficaria de coração partido, lorde Ingelstad, se visse três criaturas tão delicadas serem levadas subitamente para uma das instituições penais mais duras de Angland. Lugares onde a beleza, a boa criação e um temperamento gentil atraem um tipo de atenção totalmente diferente e muito menos agradável. – Glokta encolheu os ombros num gesto de consternação cuidadosamente orquestrado enquanto se inclinava para a frente para sussurrar: – Eu não desejaria essa vida nem para um cachorro. E tudo por causa das indiscrições de um pai que tinha à mão os meios de reparar isso.

– Mas minhas filhas não se envolveram...

– Nós estamos elegendo um novo rei! Todo mundo está envolvido! – *Isso é extremo, talvez. Mas tempos difíceis exigem medidas extremas.* Glokta lutou para se levantar, a mão balançando na bengala com o esforço. – Direi a Sua Eminência que pode contar com seu voto.

Ingelstad desmoronou, súbita e completamente. *Como um odre de vinho esfaqueado*. Seus ombros se afrouxaram, o rosto pendeu com horror e desesperança.

– Mas o juiz supremo... – sussurrou ele. – O senhor não tem pena?

Glokta só pôde dar de ombros.

– Tinha. Quando garoto, eu era molenga a ponto de ser idiota. Juro, eu chorava quando uma mosca ficava presa numa teia de aranha. – Ele fez uma careta quando se virou para a porta e um espasmo brutal tomou sua perna. – A dor constante me curou disso.

Era uma reuniãozinha íntima. *Mas a companhia não inspira nem um pouco de calor.* O superior Goyle olhava irritado para Glokta do outro lado da gigantesca mesa redonda no gigantesco escritório redondo. Os olhos pequeninos se destacavam no rosto ossudo. *E não com sentimentos ternos, imagino.*

A atenção de Sua Eminência, o arquileitor, chefe da Inquisição de Sua Majestade, estava fixa em outro ponto. Pregadas na parede curva, ocupando talvez metade de toda a câmara, havia 320 folhas de papel. *Uma para cada*

grande coração de nosso nobre Conselho Aberto. Elas estalavam suavemente à brisa que entrava pelas grandes janelas. *Papeizinhos alvoroçados para votinhos alvoroçados.* Cada um era marcado com um nome. *Lorde isso, lorde aquilo, lorde alguém de algum lugar. Homens grandes e pequenos. Homens para cujas opiniões, no geral, ninguém dava a mínima, até que o príncipe Raynault saiu da cama para a sepultura.*

Muitas páginas tinham uma mancha de cera colorida no canto. Algumas tinham duas ou mesmo três. *Alianças. Para que lado penderão? Azul para lorde Brock, vermelha para lorde Isher, preta para Marovia, branca para Sult, e assim por diante. Todas passíveis de mudança, claro, dependendo de para onde o vento as sopre.* Abaixo estavam escritas linhas com letras pequenas e compactas. Pequenas demais para Glokta ler de onde estava sentado, mas ele sabia o que diziam. *A esposa já foi prostituta. Gosta de rapazes. Bebe demais. Assassinou um serviçal num ataque de fúria. Dívidas de jogo que não pode pagar. Segredos. Boatos. Mentiras. Ferramentas desse negócio nobre. Trezentos e vinte nomes e um número igual de pequenas histórias sórdidas, cada uma para ser arrancada, escavada e jogada na nossa direção. Política. Realmente, é a obra dos justos.*

Então por que faço isso? Por quê?

O arquileitor tinha preocupações mais prementes.

– Brock ainda está na frente – murmurou num tom azedo, olhando os papéis que balançavam, as mãos cruzadas às costas. – Ele tem cerca de cinquenta votos, com mais ou menos certeza. – *Com toda a certeza que podemos ter nesses tempos de incertezas.* – Isher não está muito atrás, tem quarenta ou mais em seu nome. Skald teve alguns ganhos recentes, pelo que sabemos. É um homem inesperadamente implacável. Tem a delegação de Starikland mais ou menos nas mãos, o que lhe dá cerca de trinta votos, e Barezin tem aproximadamente a mesma. São os principais candidatos, no momento.

Mas quem sabe? Talvez o rei viva mais um ano e, quando chegar a época da eleição, todos teremos nos matado uns aos outros. Glokta precisou conter o riso ao pensar nisso. A rotunda dos Lordes atulhada de cadáveres ricamente vestidos, cada grande nobre da União e todos os doze membros do Conselho Fechado. *Cada um esfaqueado nas costas pelo homem ao lado. A feia verdade do governo...*

– Falou com Heugen? – disse Sult, ríspido.

Goyle virou bruscamente a cabeça meio careca e deu um risinho na direção de Glokta, com uma irritação latente.

– Lorde Heugen ainda se aferra à ilusão de que pode ser nosso próximo rei, apesar de não poder controlar mais de uma dúzia de cadeiras. Ele mal teve tempo de ouvir nossa oferta, tão ocupado estava, tentando conseguir mais votos. Talvez daqui a uma ou duas semanas ele enxergue a razão. Então poderá ser encorajado a pender para o nosso lado, mas eu não apostaria nisso. Mais provavelmente vai entregar seus votos a Isher. Os dois sempre foram chegados, pelo que sei.

– Bom para eles – sibilou Sult. – E Ingelstad?

Glokta se remexeu na cadeira.

– Apresentei a ele seu ultimato em termos bastante diretos, Eminência.

– Então podemos contar com o voto dele?

Como colocar isso?

– Eu não diria com certeza absoluta. O juiz supremo Marovia pode fazer ameaças quase idênticas à nossa, através do homem dele, Harlen Morrow.

– Morrow? Ele não é um lambe-botas do Hoff?

– Parece que subiu na vida. – *Ou desceu, dependendo de como se olhe.*

– Podemos cuidar dele. – Goyle tinha uma expressão tremendamente desagradável. – Com facilidade...

– Não! – disse Sult rispidamente. – Por que será, Goyle, que nem bem um problema surge e você já quer matar o sujeito? Por enquanto precisamos pisar com cautela e parecer razoáveis, abertos a negociações.

Ele foi até a janela, com o sol forte cintilando púrpura através da grande pedra de seu anel do cargo.

– Enquanto isso a administração do país está sendo ignorada. Os impostos não são recolhidos. Os crimes não são castigados. Esse desgraçado que chamam de Tanner, esse demagogo, esse traidor, fala em público em feiras de aldeias, instigando a rebelião! Dia após dia camponeses deixam suas fazendas e passam para o lado do banditismo, perpetrando roubos e danos sem conta. O caos se espalha e não temos recursos para reprimi-lo. Só restam dois regimentos do Próprio do Rei em Adua e isso não basta para manter a ordem na cidade. Quem sabe se um dos nossos nobres lordes não vai se cansar da espera e decidir tomar a coroa prematuramente? Não os considero incapazes disso.

– O exército vai retornar do Norte logo? – perguntou Goyle.

– É improvável. Aquele imbecil do marechal Burr passou três meses parado perto de Dunbrec e deu a Bethod tempo suficiente para se reorganizar do outro lado do Torrente Branca. Quem sabe quando ele vai finalmente fazer o serviço, se é que vai? – *Meses passados destruindo nossa própria fortaleza. Quase faz desejar que tivéssemos nos esforçado menos na construção dela.*

– Vinte e cinco votos – constatou arquileitor, torcendo o nariz na direção dos papéis que estalavam. – Vinte e cinco, e Marovia tem dezoito? Não estamos fazendo praticamente nenhum progresso! Para cada voto que ganhamos, perdemos um em outro lugar!

Goyle se inclinou para frente na cadeira.

– Talvez, Eminência, tenha chegado a hora de chamar de novo nosso amigo da universidade.

O arquileitor sibilou furiosamente e Goyle fechou a boca. Glokta olhou pela grande janela, fingindo não ter ouvido nada fora do comum. Os seis pináculos decadentes da universidade dominavam a paisagem. *Mas que ajuda poderíamos encontrar lá? No meio da decadência, da poeira, daqueles velhos idiotas, os Adeptos?*

Sult não lhe deu muito tempo para pensar nisso.

– Eu mesmo falarei com Heugen. – E cutucou um dos papéis com o dedo. – Goyle, escreva ao lorde governador Meed e tente conseguir o apoio dele. Glokta, consiga uma reunião com lorde Wetterlant. Ele ainda não se declarou para lado nenhum. Saiam daqui, vocês dois. – Sult virou as costas para seus papéis cheios de segredos e fixou os olhos azuis e duros em Glokta. – Saia daqui... e me consiga... votos!

Sobre o autor

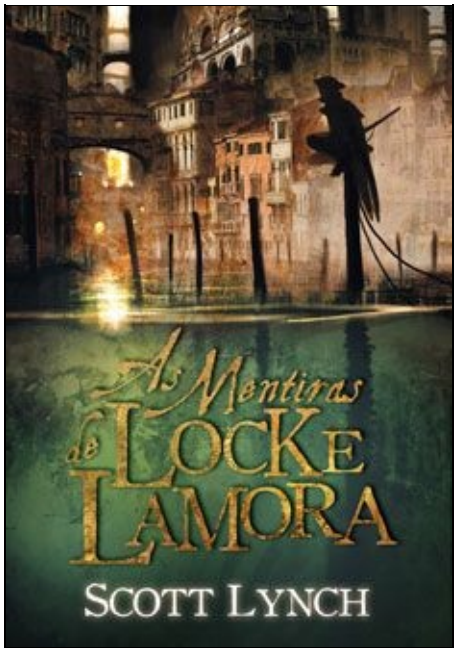
© Lou Abercrombie



JOE ABERCROMBIE nasceu em Lancaster, na Inglaterra, no último dia de 1974, e atualmente mora em Bath com a esposa e as filhas Grace e Eve. Ainda edita alguns shows e festivais de música para a tevê, mas se dedica principalmente a seus livros. A trilogia *A Primeira Lei* se tornou sucesso entre os leitores de George R. R. Martin. *Antes da forca* foi eleito livro favorito de 2007 pelo site Science Fiction and Fantasy World e o melhor entre os leitores do SF Site. Em 2008, Joe foi finalista do prêmio John W. Campbell na categoria autor revelação.

www.joeabercrombie.com

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO



As mentiras de Locke Lamora

Scott Lynch

O Espinho é uma figura lendária: um espadachim imbatível, um especialista em roubos vultosos, um fantasma que atravessa paredes. Metade da excêntrica cidade de Camorr acredita que ele seja um defensor dos pobres, enquanto o restante o considera apenas uma invencionice ridícula.

Franzino, azarado no amor e sem nenhuma habilidade com a espada, Locke Lamora é o homem por trás do fabuloso Espinho, cujas façanhas alcançaram uma fama indesejada. Ele de fato rouba dos ricos (de quem mais valeria a pena roubar?), mas os pobres não veem nem a cor do dinheiro conquistado com os golpes, que vai todo para os bolsos de Locke e de seus comparsas: os Nobres Vigaristas.

O único lar do astuto grupo é o submundo da antiquíssima Camorr, que começa a ser assolado por um misterioso assassino com poder de superar até

mesmo o Espinho. Matando líderes de gangues, ele instaura uma guerra clandestina e ameaça mergulhar a cidade em um banho de sangue. Preso em uma armadilha sinistra, Locke e seus amigos terão sua lealdade e inteligência testadas ao máximo e precisarão lutar para sobreviver.



O nome do vento

Patrick Rothfuss

NINGUÉM SABE AO certo quem é o herói ou o vilão desse fascinante universo criado por Patrick Rothfuss. Na realidade, essas duas figuras se concentram em Kote, um homem enigmático que se esconde sob a identidade de proprietário da hospedaria Marco do Percurso.

Da infância numa trupe de artistas itinerantes, passando pelos anos vividos numa cidade hostil e pelo esforço para ingressar na escola de magia, *O nome do vento* acompanha a trajetória de Kote e as duas forças que movem sua vida: o desejo de aprender o mistério por trás da arte de nomear as coisas e a necessidade de reunir informações sobre o Chandriano – os lendários demônios que assassinaram sua família no passado.

Quando esses seres do mal reaparecem na cidade, um cronista suspeita de que o misterioso Kote seja o personagem principal de diversas histórias que rondam a região e decide aproximar-se dele para descobrir a verdade.

Pouco a pouco, a história de Kote vai sendo revelada, assim como sua

multifacetada personalidade – notório mago, esmerado ladrão, amante viril, herói salvador, músico magistral, assassino infame.

Nesta provocante narrativa, o leitor é transportado para um mundo fantástico, repleto de mitos e seres fabulosos, heróis e vilões, ladrões e trovadores, amor e ódio, paixão e vingança.

Mais do que a trama bem construída e os personagens cativantes, o que torna *O nome do vento* uma obra tão especial – que levou Patrick Rothfuss ao topo da lista de mais vendidos do *The New York Times* – é sua capacidade de encantar leitores de todas as idades.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS
DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes e *Inverno do mundo*, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada e *Fique comigo*, de Harlan Coben

A cabana e *A travessia*, de William P. Young

A farsa, A vingança e *A traição*, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e *Fortaleza digital*, de Dan Brown

Uma Longa Jornada, O melhor de mim, O guardião, Uma curva na estrada, O casamento e *À primeira vista*, de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e *Praticamente inofensiva*, de Douglas Adams

O nome do vento e *O temor do sábio*, de Patrick Rothfuss

A passagem e *Os doze*, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

 www.editoraarqueiro.com.br

 facebook.com/editora.arqueiro

 twitter.com/editoraarqueiro

 instagram.com/editoraarqueiro

 skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos

A Primeira Lei – Livro Dois

- Primeira Parte
  - A Grande Niveladora
  - Os melhores planos
  - Perguntas
  - As feridas do passado
  - A condição das defesas
  - A questão da confiança
  - Aliados
  - Política de acampamento
  - Pequenos crimes
  - Chuva
  - Um pessoal maligno
  - Sombras compridas
  - E agora... o meu ouro
  - Medo
  - Cem Palavras
  - O cego guiando os cegos
  - O plano do príncipe Ladisla
  - Até o pôr do sol
  - Chance remota
  - A estrada para a vitória

Maldades necessárias
No meio das pedras
Os frutos da ousadia
Um para o jantar
Um deles
Segunda Parte
Indo para o norte
Pouca misericórdia
Então dor é isso
Um passo de cada vez
O resto é conversa fiada
Questão de tempo
Cicatrizes
Furioso
Até o último homem
A joia das cidades
Sorte
Sob as ruínas
Não prestam um para o outro
A recepção do herói
Consolo frio
Os Lugares Altos
Chegando
Uma barganha
Para a borda do Mundo
Antes da tempestade
Perguntas

Sustentando a linha
Um castigo adequado
A moradia de pedras
De volta à lama

Agradecimentos

Conheça o próximo livro da trilogia *A Primeira Lei*

Sobre o autor

Conheça outros títulos da Editora Arqueiro

Conheça os clássicos da Editora Arqueiro

Informações sobre a Arqueiro